UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
Linha: Filosofia e História da Educação

Helena de Araujo Neves

O ENSINO PRIVADO EM PELOTAS-RS NA PROPAGANDA IMPRESSA: SÉCULOS XIX, XX, XXI



Pelotas, 2012

Helena de Araujo Neves

O ENSINO PRIVADO EM PELOTAS-RS NA PROPAGANDA IMPRESSA: SÉCULOS XIX, XX, XXI

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador:
Prof. Dr. Elomar Antonio Callegaro Tambara

Co-orientadora:
Profª. Drª. Giana Lange do Amaral

Pelotas, 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881

N972e Neves, Helena de Araujo
O Ensino privado em Pelotas-RS na propaganda impressa: séculos XIX, XX, XXI/ Helena de Araujo Neves; Orientador: Elomar Antonio Callegaro Tambara. – Pelotas, 2012.
410f.

Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas.

1. Ensino Privado. 2. Ensino Confessional. 3. Propaganda Impressa. 4. Imprensa. 5. Marketing Educacional. I. Tambara, Elomar Antonio Callegaro, orient. II. Título.

CDD 370

Dedico a concretização da minha formação na Pós-Graduação à memória de minha mãe, Neila Mara de Araujo Neves, por ter me ensinado a importância de se investir na educação.
Um exemplo de mulher e de educadora que sempre seguirei.

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores, professor Elomar Tambara e professora Giana Amaral, registro aqui minha gratidão pelo acolhimento como sua orientanda. A aproximação da academia proporcionou minha formação como pesquisadora e educadora. Os seis anos vivenciados na Pós-Graduação alteraram minha formação, tornando possível que, ao concluir esta caminhada, eu possa de fato devolver à sociedade os ensinamentos aprendidos.

Aos diferentes colegas que, ao longo de sete anos, compuseram o grupo de pesquisa CEIHE – Centro de Estudos e Investigações em História da Educação, do qual faço parte, agradeço pela oportunidade de acompanhar as abordagens de suas pesquisas, pela convivência salutar, que sem dúvida fizeram parte da minha constituição como pesquisadora. Sou grata, em especial, às colegas Patrícia Weiduschadt e Valesca Costa pela amizade e companheirismo.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação, da Faculdade de Educação-UFPel, pelas infinitas oportunidades de aprendizagem que me proporcionaram.

Aos professores que acolheram o meu convite e compuseram as bancas de qualificação e defesa desta tese registro aqui toda a minha gratidão. Os diferentes olhares sem dúvida qualificaram esta pesquisa. Um agradecimento especial à ex-colega Renata Gonçalves, uma amiga com quem pude contar ao longo dos seis anos no PPGE, inclusive no momento da qualificação e agora na defesa desta pesquisa.

À Bibliotheca Pública Pelotense pela oportunidade de pesquisar em seu acervo. Agradeço em especial à "Dona Sônia", ex-funcionária da instituição, pelo interesse em minha pesquisa e por ter me acompanhado na Bibliotheca nos dias de inverno congelantes, assim como nos calorões do verão.

À Mariana Couto Gonçalves e à Vivian Zamboni, atuais estagiárias do CEDOV (Centro de Documentação e Obras Valiosas) da Bibliotheca Pública Pelotense, cumprimento e agradeço pelo cuidado que demonstraram ter pelo acervo e pelo respeito e atenção dispensados aos pesquisadores.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter me concedido dois anos de bolsa no período desta investigação. Esse financiamento, além de manter os encargos típicos de uma pesquisa documental, também possibilitou o compartilhamento e a qualificação desta

investigação nos eventos nacionais e internacionais dos quais participei, propiciando-me, ainda, conhecer lugares e pessoas.

Aos meus primeiros orientandos de graduação e de especialização da Faculdade Senac de Pelotas, período 2007-2009, agradeço pela confiança em meu trabalho e, principalmente, pelas oportunidades de aprendizagem e reflexão. Hoje sei que escolhi a profissão certa e que tenho muito ainda por aprender.

Aos amigos que nesses quatro anos estiveram ao meu lado, escutando pacientemente minhas preocupações com os encaminhamentos desta tese.

À Ilaini Brandt, minha ex-babá e atual "assessora para assuntos domésticos", agradeço pelo ombro amigo no qual me apoiei ao longo dessa caminhada.

À minha família: meus irmãos Rita e Lúcio, meu Pai e às Dindas Neusa e Gladys, com quem pude compartilhar todas as experiências aqui relatadas. Um agradecimento especial à minha irmã Rita, que vislumbrou a possibilidade da minha inserção na Pós-Graduação. Sou grata e abençoada pela amizade e presença constante. Agradeço também ao meu irmão Lúcio, pela amizade e por ter me escutado e trocado ideias durante as pausas em nossas pesquisas – quando ainda morávamos juntos. Essa foi uma presença que me fez falta no último ano da tese.

Por fim, aos que porventura deixei de mencionar, e que de alguma maneira auxiliaram-me nesta caminhada, fica aqui o meu sincero agradecimento.

Tive um chão (mas já faz tempo)
Todo feito de certezas tão duras como lajetos.
Agora (o tempo que fez) tenho um caminho de barro umedecido de dúvidas.
Mas nele (devagar vou) me cresce funda a certeza de que vale a pena o amor ...
O que passou não conta? Indagação as bocas desprovidas.
Não deixa de valer nunca.
O que passou ensina com sua garra e seu mel.
Por isso é que agora vou assim no meu caminho.
Não, não tenho caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar.
Aprendi (o que o caminho me ensinou) a caminhar cantando como convém a mim e aos que vão comigo. Pois já não vou mais sozinho.
(Thiago de Mello).

RESUMO

Esta tese situa-se no âmbito da História da Educação, vinculada à linha de Filosofia e História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Seu objetivo foi pesquisar a trajetória do ensino privado em Pelotas, município localizado ao sul do Rio Grande do Sul, no período compreendido entre o final do século XIX e o princípio do século XXI. Para isso, utilizou como principal fonte documental propagandas impressas das escolas privadas de ensino primário e secundário, fundamental e médio, divulgadas na imprensa. O intuito desta tese é o de comprovar que o ensino privado de Pelotas foi, até então, constituído por três ciclos. O primeiro iniciou na segunda metade do século XIX, caracterizando-se pela educação ofertada por um proprietário ou por um grupo de docentes que organizaram a educação em um processo mais sofisticado do que as aulas avulsas existentes na cidade. Foi uma fase eminentemente privada, caracterizada por um sistema claramente capitalista mercantil. Já o segundo ciclo, destacou-se pela hegemonia do ensino confessional que extinguiu o processo anterior. Nessa fase, existiu uma organização mais efetiva, com quadros dispostos e treinados para atuar no magistério como vocação. Além disso, foram criadas instituições com uma estrutura sólida de gestão, especificidade que os "empresários" do primeiro ciclo não tiveram. No terceiro ciclo, por sua vez, verificou-se a volta dos empresários da educação, agora baseados em um capitalismo empresarial, que colocou à prova a proposta de uma educação nos moldes ofertados pela confessionalidade – o que exigiu desta uma postura capitalista. Verificou-se, então, que algumas organizações religiosas não tiveram condições de acompanhar essa concorrência de mercado, resultando no fechamento de uma importante escola confessional de Pelotas e na venda de outra para empresários da educação. Com base no exposto, verificou-se, ainda, que as instituições confessionais instauram-se em Pelotas tendo no ensino secundário o diferencial que corroborou com a sua hegemonia durante quase todo o século XX. Passados cem anos, o ensino médio também foi o foco preponderante das ações das escolas geridas pelos empresários da educação. Esse nível de ensino, que prepara o aluno para o acesso ao ensino superior, fez, portanto, com que as escolas geridas pelos empresários do ensino consolidassem a sua participação no cenário educacional identificado no terceiro ciclo. Já com relação à atuação das instituições, constatou-se que, enquanto as escolas administradas pelos empresários da educação ofereceram modernidade e preocupação constante com os resultados de seus alunos, a gestão confessional ofertou tradição. Identificou-se, ainda, que as instituições privadas encontradas ao longo de toda a periodização se auto-regulavam por meio do uso das propagandas, ditando e constituindo, assim, o padrão de qualidade do ensino privado local. Dessa forma, percebeu-se que a propaganda impressa escolar privada se impôs como uma prática cultural do século XIX tornando-se parte das estratégias de *Marketing Educacional* dos séculos XX e XXI. Essa foi, portanto, uma fonte potencial para se obter dados sobre a trajetória do ensino privado em Pelotas sendo, assim, testemunha da constituição e da legitimação dessa esfera de ensino na cidade.

Palavras-chave: Ensino Privado. Ensino Confessional. Propaganda Impressa. Imprensa. *Marketing* Educacional.

ABSTRACT

This thesis lies in the scope of History of Education it is linked to the line of Philosophy and History of Education of the Post-Graduation on Education Program of Universidade Federal de Pelotas. Its objective is to research the trajectory of private education in the municipality of Pelotas, southern Rio Grande do Sul State, during the period between late Nineteenth Century and the beginning of Twenty-first Century. The main documentary sources used are printed advertising of private schools for primary and secondary education, elementary and high school reported in the press. The aim of this thesis is to prove that the private education in the municipality of Pelotas was, so far consisting of three cycles. The first started in the second half of the Nineteenth Century, and is characterized by the education offered by an owner, or by a teaching staff who organized education in a more sophisticated process than the loose classes existing in the municipality. It was a phase essentially private, characterized by a clear capitalist market system. The second cycle stood out for hegemony in confessional teaching that extinguish the previous process. In this phase, existed more effective organization, with staff willing and trained to act in teaching as a vocation. In addition, institutions with a solid management structure were created. The 'entrepreneurs' of the first cycle did not have that specificity. In the first cycle, it was possible to verify the return of the entrepreneurs of education, but based on an entrepreneurial capitalism that put to test a proposal for an education along the lines offered by confessionality – that required a capitalist attitude. Some religious organizations could not follow that market competition, resulting in the closure of an important confessional school in the municipality of Pelotas, and the sale of another one for education entrepreneurs. The confessional institutions settled in the municipality of Pelotas differentiated by their secondary education which corroborated with their hegemony for almost the entire Twentieth Century. After one hundred years, high school was the predominant focus of the schools managed by entrepreneurs of education. This level of education that prepares students for the access to higher education consolidated the participation of the schools, managed by the entrepreneurs, in the educational scenery identified in the third cycle. With respect to the performance of the institutions, it was found that while the schools managed by the entrepreneurs of education offered modernity and constant concern with the results of their students, the confessional management offered tradition. It was also identified that private institutions were self-regulating by the use of advertising, dictating and constituting the standard quality of local private education. Thus, it was realized that private education printed advertising established itself as a cultural practice in the Nineteenth Century, becoming part of the strategies of the educational marketing of the Twentieth and Twenty-First Centuries. Therefore, it was a potential source to obtain data on the trajectory of private education in the municipality of Pelotas, and thus, witness the constitution and legitimization of this sphere of education in the municipality of Pelotas.

Key words: Private Education. Confessional Education. Printed Advertising. Press. Educational Marketing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Registro de um momento de pesquisa na BPP, 2006 32
Figura 2 Registro de um momento de coleta de dados na BPP, 2011 32
Figura 3 Estantes do CEDOV contendo parte da coleção do Jornal Diário Popular, 2011 33
Figura 4 Estantes do CEDOV contendo parte da coleção do Jornal Diário Popular, 2011 33
Figura 5 Estantes do CEDOV contendo parte da coleção do Jornal Diário Popular 34
Figura 6 Fotografia dos Jornais liberados para pesquisa, 2006 49
Figura 7 Fotografia dos Jornais lacrados para pesquisa, 2010 50
Figura 8 Fotografia dos Jornais lacrados e dos liberados, 2008..... 50
Figura 9 Fotografia dos Jornais parcialmente liberados, 2011 51
Figura 10 Capa da edição alusiva ao aniversário do DP, 27/08/1927 55
Figura 11 Página interna do Jornal Diário Popular, 27/01/1915 60
Figura 12 Página interna do Jornal Diário Popular, 17/03/1929 61
Figura 13 Página interna do Jornal Diário Popular, 08/03/1937 62
Figura 14 Página interna do Jornal Diário Popular, 15/02/1942 63
Figura 15 Página interna do Jornal Diário Popular, 25/02/1958 64
Figura 16 Página interna do Jornal Diário Popular, 28/01/1967 65
Figura 17 Página interna do Jornal Diário Popular, 27/02/1983 66
Figura 18 Página interna do Jornal Diário Popular, 09/02/1992 67
Figura 19 Página interna do Jornal Diário Popular, 10/10/2010 68
Figura 20 Anúncio do professor J. Napoleão Arruda, 28/01/1876 72
Figura 21 Página do Jornal Correio Mercantil, 04/01/1876..... 73
Figura 22 Anúncio do Collegio São José, 28/01/1876 75
Figura 23 Anúncio Collegio Reis, 03/01/1876..... 77
Figura 24 Anúncio Escola Mario Quintana, 20/11/2005..... 78
Figura 25 Anúncio Escola Mario Quintana, 27/11/2005..... 79
Figura 26 Anúncio Escola Mario Quintana, 11/12/2005..... 81
Figura 27 Anúncio Escola Moderna, 12/01/1902 82

Figura 28 Anúncio Colégio São José, 27/08/2011 84
Figura 29 Anúncio Colégio Gonzaga, 26/12/2009 85
Figura 30 Anúncio Collegio Evolução, 01/01/1888 87
Figura 31 Anúncio Escola Mario Quintana, 24/05/2009 89
Figura 32 Anúncio Colégio Gonzaga, 01/12/2004 91
Figura 33 Anúncio Escola Mario Quintana, 26/10/2010 93
Figura 34 Quadro 1 Informações apresentadas, pelas Instituições de Ensino, nas propagandas impressas 96
Figura 35 Anúncio Colégio Gonzaga, 31/10/2010 98
Figura 36 Anúncio Colégio Santa Margarida, 24/02/1957 99
Figura 37 Anúncio Escola Mario Quintana, 05/01/1995 101
Figura 38 Anúncio Colégio São José, 14/12/2008 103
Figura 39 Anúncio Colégio Gonzaga, 10/10/2010 106
Figura 40 Anúncio Colégio Gonzaga, 17/11/2011 107
Figura 41 Anúncio Escola Santa Mônica, 24/05/2009 109
Figura 42 Anúncio Escola Santa Mônica, 10/05/2008 111
Figura 43 Anúncio Escola Santa Mônica, 02/02/2008 112
Figura 44 Quadro 2 Instituições privadas atuantes no primeiro ciclo 146
Figura 45 Anúncio da professora Eugenie Lamaignere, 06/04/1878 156
Figura 46 Anúncio Collegio Francez, 07/01/1876 157
Figura 47 Anúncio do professor J. Napoleão Arruda, 28/01/1876 160
Figura 48 Anúncio do professor Eduardo Borges, 01/11/1900 161
Figura 49 Anúncio Collegio Eduardo Borges, 23/03/1901 162
Figura 50 Anúncio Curso Particular, 02/11/1889 164
Figura 51 Anúncio Collegio Arnizaut Furtado, 01/01/1876 167
Figura 52 Anúncio Collegio Perseverança, 07/01/1891 169
Figura 53 Anúncio Collegio Evolução, 01/04/1886 171
Figura 54 Anúncio Collegio São Francisco de Paula, 07/01/1902 172
Figura 55 Anúncio Escola Moderna, 12/01/1902 172
Figura 56 Anúncio Gymnasio Brasileiro, 27/02/1920 174
Figura 57 Anúncio Escola Moderna, 03/03/1898 174
Figura 58 Anúncio Lyceu Municipal, 08/01/1878 179
Figura 59 Anúncio Collegio Sul-Americano, 08/01/1884 180
Figura 60 Anúncio Gymnasio, 09/01/1895 181

Figura 61 Anúncio Curso Particular, 10/01/1890 183
Figura 62 Anúncio Collegio Evolução, 01/04/1886 184
Figura 63 Anúncio Collegio São Francisco de Paula, 16/01/1894 186
Figura 64 Anúncio Collegio Commercial, 10/01/1895 191
Figura 65 Anúncio Curso Secundário, 05/01/1893 193
Figura 66 Quadro 3 Instituições atuantes no segundo ciclo 199
Figura 67 Anúncio Colégio Gonzaga, 07/01/1959 218
Figura 68 Fotografia prédio Colégio São José, 1915 220
Figura 69 Anúncio Colégio Santa Margarida, 02/03/1957 224
Figura 70 Anúncio Colégio Santa Margarida, 24/02/1957 233
Figura 71 Notícia sobre aumento das anuidades, 01/03/1962 234
Figura 72 Notícia volta às aulas, 27/02/1983 236
Figura 73 Anúncio Escola Mario Quintana, 05/01/1995 239
Figura 74 Anúncio Escola São Francisco de Assis, 20/12/2004 243
Figura 75 Anúncio Escola Mario Quintana, 07/12/2003 247
Figura 76 Anúncio Escola Mario Quintana, 07/12/2003 248
Figura 77 Anúncio Escola Mario Quintana, 12/10/2009 249
Figura 78 Anúncio Colégio São José, 24/12/2002 251
Figura 79 Anúncio Escola Mario Quintana, 16/01/2007 252
Figura 80 Anúncio Escola Mario Quintana, 18/01/2007 253
Figura 81 Anúncio Colégio La Salle Gonzaga, 27/01/2002 255
Figura 82 Anúncio Escola Mario Quintana, 01/02/2002 257
Figura 83 Anúncio Colégio La Salle Gonzaga, 25/02/2002 258
Figura 84 Anúncio Escola Mario Quintana, 02/12/2002 259
Figura 85 Anúncio Colégio La Salle Gonzaga, 05/12/2002 260
Figura 86 Anúncio Colégio São José, 19/12/2002 262
Figura 87 Anúncio Colégio Gonzaga, 06/12/2002 263
Figura 88 Anúncio Colégio Santa Margarida, 18/12/2004 264
Figura 89 Anúncio Escola Mario Quintana, 14/11/2010 266
Figura 90 Anúncio Escola Mario Quintana, 23/11/2010 266
Figura 91 Anúncio Escola Mario Quintana, 30/11/2010 267
Figura 92 Anúncio Escola Mario Quintana, 15/11/2010 267
Figura 93 Anúncio Escola Mario Quintana, 24/11/2010 268

Figura 94 Anúncio Escola Mario Quintana, 24/11/2010 268
Figura 95 Anúncio Escola Mario Quintana, 24/11/2010 269
Figura 96 Anúncio Colégio Gonzaga, 20/03/2011 271
Figura 97 Anúncio Colégio Gonzaga, 20/03/2011 271
Figura 98 Anúncio Escola Érico Veríssimo e Castelinho, 25/12/2008 273
Figura 99 Anúncio Escola Érico Veríssimo e Castelinho, 13/12/2009 273
Figura 100 Anúncio Colégio Albert Einstein, 17/12/2008 274
Figura 101 Anúncio Colégio Gonzaga, 23/08/2009 275
Figura 102 Anúncio Escola Mario Quintana, 01/08/2010 276
Figura 103 Anúncio Escola Mario Quintana, 16/01/2007 277
Figura 104 Anúncio Colégio Gonzaga, 16/01/2007 278
Figura 105 Anúncio Escola Mario Quintana, 17/01/2010 279
Figura 106 Anúncio Escola Mario Quintana, 02/12/2010 280
Figura 107 Anúncio Escola Mario Quintana, 19/02/2009 281
Figura 108 Anúncio Escola Santa Mônica, 11/08/2009 282
Figura 109 Anúncio Colégio Gonzaga, 01/08/2010 283
Figura 110 Anúncio Escola Mario Quintana, 23/10/2011 284
Figura 111 Anúncio Escola Mario Quintana, 05/12/2003 286
Figura 112 Anúncio Escola Mario Quintana, 21/06/2011 288
Figura 113 Anúncio Escola Mario Quintana, 10/04/2011 289
Figura 114 Anúncio Escola Mario Quintana, 07/08/2011 289
Figura 115 Anúncio Escola Mario Quintana, 09/11/2010 291
Figura 116 Anúncio Escola Mario Quintana, 24/02/2008 294
Figura 117 Anúncio Escola Mario Quintana, 24/02/2008 295
Figura 118 Matéria possível fechamento do Colégio Gonzaga, 15/10/2003 . 302
Figura 119 Capa DP adiamento fechamento Colégio Gonzaga, 15/10/2003 303
Figura 120 Capa DP redução salarial professores Gonzaga, 14/10/2003 303
Figura 121 Anúncio Sinpro/RS, 19/10/2003 304
Figura 122 Matéria possível fechamento do Colégio Gonzaga, 21/10/2003 . 305
Figura 123 Matéria oferta de compra do Colégio Gonzaga, 22/10/2003 307
Figura 124 Matéria nova administração do Colégio Gonzaga, 24/10/2003 ... 307
Figura 125 Matéria sobre a compra do Colégio Gonzaga, 24/10/2003 308
Figura 126 Anúncio Colégio Gonzaga, 28/10/2003 314

Figura 127 Notícia novos rumos para o Colégio Gonzaga 317
Figura 128 Anúncio Colégio São José, 02/11/2003 319
Figura 129 Anúncio Escola Mario Quintana, 10/01/2008 321
Figura 130 Anúncio Escola Mario Quintana, 21/12/2008 322
Figura 131 Anúncio Colégio Gonzaga e capa do Jornal DP, 01/01/2004 322
Figura 132 Anúncio Colégio Gonzaga, 09/02/2004 323
Figura 133 Anúncio Colégio Gonzaga e capa do Jornal DP, 15/02/2004 325
Figura 134 Anúncio Colégio Gonzaga, 17/11/2010 326
Figura 135 Anúncio Colégio Gonzaga, 27/07/2007 328
Figura 136 Anúncio Colégio Gonzaga, 07/12/2003 329
Figura 137 Anúncio Colégio Gonzaga, 23/11/2005 330
Figura 138 Anúncio Colégio Gonzaga, 27/11/2005 331
Figura 139 Anúncio Colégio Gonzaga, 27/11/2005 331
Figura 140 Anúncio Colégio Gonzaga, 20/11/2005 333
Figura 141 Capa do Jornal DP e Anúncio do Colégio Gonzaga, 24/2/2008 .. 335
Figura 142 Anúncio Colégio Gonzaga, 15/01/2008 336
Figura 143 Anúncio Colégio Gonzaga, 10/01/2008 337
Figura 144 Anúncio Colégio Gonzaga, 07/11/2010 339
Figura 145 Anúncio Colégio Gonzaga, 14/11/2010 340
Figura 146 Anúncio Colégio Gonzaga, 15/12/2010 341
Figura 147 Anúncio Colégio Gonzaga, 24/11/2010 342
Figura 148 Anúncio Colégio Gonzaga, 22/12/2010 342
Figura 149 Anúncio Colégio Gonzaga, 31/01/2010 344
Figura 150 Anúncio Colégio Gonzaga, 04/08/2010 345
Figura 151 Anúncio Colégio São José, 24/01/2010 352
Figura 152 Anúncio Colégio São José, 24/01/2010 354
Figura 153 Livreto Colégio São José, Março de 2010 355
Figura 154 Livreto Colégio São José, Dezembro de 2010 355
Figura 155 Anúncio Colégio São José, 15/01/2012 357
Figura 156 Anúncio Colégio São José, 15/01/2012 358
Figura 157 Anúncio Colégio São José, 15/01/2012 359
Figura 158 Quadro 4 Instituições privadas atuantes no terceiro ciclo 364

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Matrícula Rede Particular Pelotas-2010 362

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 15
2 DO “RECLAME” À EDUCAÇÃO: PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS 23
3 A PROPAGANDA IMPRESSA COMO UMA PRÁTICA CULTURAL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO PRIVADAS DE PELOTAS 35
3.1 Situando o conceito de Cultura 35
3.2 A Imprensa em Pelotas 44
3.3 O Jornal Diário Popular 54
3.3.1 Reclame, Propaganda e *Marketing* Educacional 70
4 GESTÃO DO ENSINO PRIVADO: CONFESSIONALIDADE, LAICIDADE E OS EMPRESÁRIOS DA EDUCAÇÃO 115
4.1 A confessionalidade 116
4.2 A laicidade 130
4.3 Os empresários da educação 138
5 OS CICLOS DO ENSINO PRIVADO EM PELOTAS IDENTIFICADOS NA PROPAGANDA IMPRESSA: SÉCULOS XIX, XX E XXI 143
5.1 O primeiro ciclo (1832-1895): o ensino privado leigo e o início do ciclo da confessionalidade 144
5.2 O segundo ciclo (1895-1995): a hegemonia do ensino privado confessional 198
5.3 O terceiro ciclo (1995-2011): a ascensão do ensino empresarial e a retração do ensino confessional 238
6 CONCLUSÕES 375
REFERÊNCIAS 384

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Questionar-se sobre a História da Educação no Brasil implica em problematizar inúmeras instâncias de um caminho já percorrido. Com vistas nisso, proponho nesta tese investigar a constituição do ensino privado em Pelotas privilegiando como fonte propagandas impressas de instituições de ensino. Entendo como constituição a maneira como o ensino privado se instaura em Pelotas e de que forma estabelece a sua atuação ao longo dos séculos propostos para a investigação. Já como ensino privado, mesmo que no século XIX possa ser considerado como a prática entre o professor tutor e um aluno, nesta tese ele é entendido como o que é mantido por instituições privadas, incluindo as ordens confessionais.

Assim, pretendo demonstrar como, desde a sua instalação, ocorre a atuação do ensino privado na cidade, indicando também qual é o papel desempenhado pelas propagandas impressas das instituições de ensino privadas nos séculos XIX, XX e XXI e o que elas revelam sobre a educação em diferentes momentos históricos.

O interesse por essa temática advém da minha dissertação de mestrado (NEVES, 2007) intitulada: "*A `Alma do negócio´: Aspectos da Educação em Pelotas-RS na Propaganda Institucional (1875-1910)*". Naquele momento, o uso dos anúncios impressos pelas escolas chamou-me atenção – principalmente ao se problematizar a então fonte privilegiada: as propagandas de instituições de ensino. Uma ferramenta de comunicação que, já naquele tempo sócio-histórico, servia de aparato para a divulgação de atributos de um serviço/produto, bem como um instrumento de inculcação das concepções a serem difundidas.

Perseguir e problematizar os sinais deixados pelos anúncios feitos pela iniciativa privada do ensino no século XIX e princípio do XX era o objetivo central da referida investigação, justificado pelo expressivo número de escolas que, naquele

tempo, aumentava a cada ano, com a mesma intensidade com que crescia o valor e a importância atribuídos à instrução.

Outro fator determinante ocorreu no ano de 2007, o mesmo do término da pesquisa mencionada. Nesse momento, era possível encontrar em Pelotas instituições de ensino privadas, confessionais e não confessionais, concorrendo pela atenção da população por meio de anúncios impressos. Seus discursos naquele ano se pautavam em grande parte pelos resultados dos alunos. Tais disputas ocorriam normalmente entre escolas privadas de ensino fundamental e médio, demonstrando, ao que tudo indica, um retorno aos jornais como um importante meio de divulgação de uma instituição escolar. O que chamou a atenção é que nessa época os anúncios voltaram a destacar o quanto as escolas privadas preparavam, continuamente, os alunos, trazendo consigo um discurso de excelência por elas propiciadas.

Diante desse cenário, constatei como é possível, por meio da História da Educação, verificar o quanto aspectos da educação podem se tornar cíclicos, vindo a repetir, em outro tempo e contexto histórico, características institucionais expostas à comunidade como sendo as melhores práticas em um determinado momento educacional. Além disso, interessou-me investigar e problematizar as diferentes concepções de educação durante a virada do século XX para o XXI, que ficaram registradas na disputa que ocorre entre as escolas confessionais com os ditos empresários da educação.

Determinante ainda, como motivo impulsionador desta investigação e, em especial, da fonte selecionada para a pesquisa, é o fato de eu ser desenhista industrial e publicitária como formação de base e por ter como clientes, no passado, algumas escolas privadas de Pelotas. Dessa forma, criei campanhas e anúncios avulsos para algumas dessas instituições – entendendo os objetivos de tais escolas e ciente das demandas do mercado. Refletir sobre essa trajetória e ter como elementos informações acerca de como se dava a relação dessas instituições com o mercado consumidor, sem dúvida alguma, estará imbricado no olhar dado às fontes. Isso sem deixar, evidentemente, de utilizar um referencial teórico-metogológico que dê sustentação a essas análises. Esse referencial, por sua vez, reflete a minha trajetória acadêmica desenvolvida até o momento da realização deste estudo.

Sendo assim, acredito, portanto, que esta investigação contribuirá também com o campo da comunicação e do *design*, uma vez que se utiliza de uma técnica de comunicação que se reconfigura aos diferentes momentos sócio-

históricos. Ao analisar a fonte propaganda impressa, este estudo fez emergir especificidades da história da imprensa, da propaganda e do *design*, setores que explicitam o momento social e cultural vivido.

É preciso ter claro que as instituições de ensino privadas atuam na lógica da prestação de serviço. Sendo assim, acredita-se que a propaganda torna-se uma poderosa ferramenta para instigar o consumo dessa esfera de ensino, tornando possível a observação de como tal recurso é utilizado pelas diferentes instituições de ensino, analisando a concorrência e a busca pela excelência na educação privada.

Diante do exposto, nasceu a investigação que agora se apresenta. Reitero, portanto, que esta se orienta de um estudo anterior, oriundo de uma pesquisa em nível de mestrado. É caracterizada como uma pesquisa qualitativa que tem uma abordagem sócio-histórica envolvendo, como procedimento técnico, a pesquisa documental – cujas principais fontes consultadas são anúncios impressos de instituições de ensino pelotenses. Estes, por sua vez, foram coletados em periódicos[1] publicados na cidade de Pelotas e que fazem parte do acervo da Bibliotheca Pública Pelotense, bem como de meu acervo de propagandas iniciado no ano de 2008.

O presente estudo iniciou-se a partir de uma etapa exploratória, que teve por objetivo desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias iniciais – tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para um estudo posterior (GIL, 2007). Ao desenvolver essa etapa, tive por propósito proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativo, do que era divulgado nos anúncios impressos publicados por instituições privadas de ensino. Após esta etapa, formulei a questão de pesquisa e a tese que orientaram esta investigação.

Assim, diante do contato com o estado da arte sobre a temática e por meio das fontes, investiguei a seguinte questão de pesquisa: **Como se dá a constituição do ensino privado em Pelotas?** Destarte, como objetivo geral, **pesquisei a trajetória do ensino privado em Pelotas do final do século XIX ao princípio do século XXI[2], utilizando como fonte propagandas impressas das escolas de ensino primário e secundário, fundamental e médio**.

---

[1] É importante destacar que propagandas de escolas também foram encontradas em outros tipos de impressos, como o Almanach de Pelotas e a Illustração Pelotense. Contudo, optou-se por manter a coleta de dados apenas nos jornais diminuindo, assim, a amplitude de diferentes materialidades e proposições de impressos.

[2] Até precisamente o mês de dezembro de 2011, período anterior à defesa desta tese.

Partindo-se do que foi exposto, defendo, nesta investigação, a seguinte tese: **o ensino privado de Pelotas foi constituído, até então, por três ciclos. O primeiro caracteriza-se pelo início do ciclo da confessionalidade, o segundo pela hegemonia confessional e o terceiro pela sua retração.**

Tenho, assim, como hipótese, **que no ensino privado de Pelotas o ensino confessional, que monopoliza o ensino secundário até as oito primeiras décadas do século XX, retrai-se em função de modelos de gestão e mediante a ação dos empresários da educação**.

Dessa forma, entendo que o cenário da educação privada em Pelotas passa por ciclos, tendo início no final do século XIX, com a presença das primeiras escolas confessionais que promovem o fechamento de muitas escolas privadas bem como de aulas avulsas de ensino laico. O ensino confessional tem presença marcante ao longo do século XX retraindo-se na virada do século XXI com a chegada das primeiras escolas geridas pelos empresários da educação. Esse fato, como será abordado a seguir, resultou no fechamento de algumas escolas confessionais, como no caso do Colégio Santa Margarida[3], ou na transferência aos empresários da educação, alterando a mantenedora, como o ocorrido com o Colégio Gonzaga[4].

Neste estudo, tem-se como premissa que o anúncio impresso impõe-se como uma prática cultural do século XIX permanecendo até a atualidade. Dessa forma, essa é uma fonte potencial para se obter dados sobre o ensino privado em Pelotas, sendo, portanto, testemunha da constituição e da legitimação do ensino privado pelotense. Com esta investigação são analisadas, também, as características do processo educacional privado, observando o que era destacado como relevante para a educação em diferentes períodos, a partir do que era proposto pelas escolas como qualidade para o ensino.

É importante destacar que tive como intenção focar a investigação no ensino fundamental e médio. Fato que por si só já é um desafio, uma vez que a grande parte das pesquisas que abordam o ensino privado no Brasil detém-se no ensino superior. Ao buscar o estado da arte sobre o ensino privado nacional, observei que os estudos concentram-se ou no ensino privado no século XIX ou no

[3] Para mais informações sobre esta instituição, acessar as pesquisas de Amaral (2007) e Bica (2006).
[4] Posteriormente essas situações serão explicitadas.

ensino privado superior dos séculos XX e XXI. Deste modo, compreendo que esta investigação acrescentará reflexões sobre a temática.

Outro desafio enfrentado é o fato de pesquisar um processo de educação que também é contemporâneo, uma vez que algumas das instituições de ensino privadas abordadas por esta tese estão atuantes na cidade, constituindo parte da História da Educação privada pelotense, que ainda está em construção.

Com base no exposto, o recorte temporal então estabelecido para a investigação compreende um longo período que vai da segunda metade do século XIX aos primeiros onze anos do século XXI. Essa determinação foi estabelecida levando-se em consideração três fatores:

- o primeiro, e provavelmente mais importante, é que a propaganda torna-se, no final do século XIX, uma das poucas fontes existentes que hoje contém informações sobre as instituições de ensino que atuaram em Pelotas – algumas com uma duração efêmera, constituídas por um único professor. Essas instituições representam um marco para se pensar a educação fora dos domicílios, como uma prática de ensino particular, para a formação das primeiras instituições de ensino de caráter privado;
- o segundo motivo está relacionado à possibilidade de acesso ao acervo de jornais existentes na Bibliotheca Pública Pelotense. São disponibilizados para consulta jornais com publicações a partir do ano de 1872, por isso a segunda metade do século XIX foi estabelecida neste estudo;
- o terceiro fator é que se percebe, na atualidade, que existe uma frequência das escolas privadas anunciando nos jornais – deixando claras as suas visões sobre a educação. Entendo que a realização deste estudo longitudinal possibilitou observar as disputas desse campo de atuação em momentos históricos distintos.

Acredito, portanto, que esta investigação é relevante para a compreensão da história do ensino privado em Pelotas, e apresenta, como diferencial, a possibilidade de investigar esta história por meio de uma fonte ainda pouco explorada por pesquisas que tratem da educação. Este estudo não tem como pretensão esgotar as múltiplas leituras que possam ser feitas sobre o ensino

privado, mas focar o olhar para o mercado da educação, contribuindo, assim, com outros estudos sobre essa temática.

Do ano de 1872 à década de 1930 pesquisei os seguintes exemplares, disponíveis na Bibliotheca Pública Pelotense, em suas totalidades de anos e semestres: Jornal do Comércio, Correio Mercantil, A Discussão, A Nação, A Tribuna Federal, Nacional, Onze de Junho, Opinião Pública, Rio-Grandense, O Nacional, Diário de Pelotas, Diário Comercial, Diário Popular e a Gazeta da Manhã.

A partir da década de 1940, optei por analisar o periódico Diário Popular[5], primeiro, porque assim diminuiu-se o volume de análise de jornais com datas e títulos esporádicos; segundo, porque ele torna-se o único jornal que é publicado durante praticamente todo o período estabelecido para esta investigação. Isso porque ele foi criado em 1890 e circula, na cidade de Pelotas, até os dias atuais. Este periódico foi então investigado em sua totalidade. Outro fator relevante para esta escolha refere-se ao fato de que a Bibliotheca Pública Pelotense possui todo o acervo desse jornal que perfaz um total de 121 anos de publicação, totalizando 44.165 dias a serem pesquisados – o que facilitou o acesso a esse jornal.

Também foram coletados dados sobre a educação e a cidade de Pelotas nos seguintes relatórios: *Relatórios da Intendência de Pelotas* dos anos de 1904, 1906, 1909, 1910 e 1912; *Relatórios da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior do Rio Grande do Sul* dos anos de 1889, 1893, 1894, 1900, 1901, 1902, 1903 e 1909; *Relatórios de entrega da administração da Província do Rio Grande do Sul* de 1849, 1868, 1881, 1882 e 1887; *Estatísticas Demográficas de Pelotas* (1814-1930), organizadas por Alberto Coelho da Costa. Os *Annuarios do Estado do Rio Grande do Sul* de 1908, 1909, 1910 e o *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul* dos anos de 1892, 1894, 1895, 1896, 1897 também foram acessados.

Nessas fontes foram encontradas 101 instituições de ensino privadas anunciando nos jornais pelotenses, além de 7.148 anúncios, entre inéditos e repedidos. Isso no período compreendido entre os anos de 1872 a 2011[6].

Para a construção teórico-metodológica da pesquisa, no que tange à história regional e local, foram consultados autores como Amaral (2003), Anjos

[5] Posteriormente o histórico e o perfil jornalístico deste periódico serão abordados.
[6] Os dados foram coletados até dezembro de 2011, uma vez que esta tese foi finalizada em fevereiro de 2012.

(2000), Arriada (2007), Loner (1998), Magalhães (1993), Osório (1998), Pesavento (1982), Reverbel (1981), Rüdiger (1993) e Tambara (2000).

Os estudos que abordam aspectos sobre a educação brasileira, gaúcha e pelotense foram investigados nas obras dos seguintes autores: Anjos (1997), Amaral (2003, 2005, 2010), Arriada (2007, 2010), Buffa (2005), Cardoso (2001), Corsetti (2000), Faria Filho (2000), Gonçalves (2010), Gondra (2004), Nagle (2001), Peres (1995), Ribeiro (1978), Saviani (2006), Tambara (1995, 2000), Vechia (2005), Vidal (2005) e Werle (1997).

As reflexões acerca das tendências teórico-metodológicas em História e Educação estão baseadas em: Amaral (2003), Cunha (2011), Faria Filho (2000), Gatti Júnior (2002), Hunt (1992), Le Goff (1996), Lopes e Galvão (2001), Luca (2010), Magalhães (1996, 2000), Pesavento (2005), Pinsky (2010), Ragazzini (2001), Saviani (2004) e Tambara (2000).

Com relação aos estudos referentes à fonte privilegiada para a realização da pesquisa – a propaganda – e à imprensa, destacam-se as pesquisas de: Aldrighi e Ribeiro (1995), Branco (1990), Barbosa (2007), Cardoso (2005, 2009), Freyre (2010), Gomes (2003), Gonçalves (2010), Kotler (1994, 2006), Luca (2010), Martins (1997), Meggs (2009), Pinho (2004), Sampaio (2003) e Vestergaard (2004), acreditando que essas possibilitem um referencial diversificado, em busca de uma análise formal das fontes selecionadas.

Sendo assim, exponho como organizei esta tese. Constituída a partir de três eixos principais, com seus respectivos desdobramentos, desenvolvo reflexões que abordam as seguintes temáticas: a propaganda impressa como uma prática cultural educacional, a educação privada no Brasil e a educação privada em Pelotas.

Dessa forma, no primeiro capítulo, apresento as justificativas e os interesses em realizar esta investigação, bem como a tese e os objetivos que orientaram a pesquisa.

Já os percursos teórico-metodológicos adotados são explicitados no capítulo dois. Nele discorro sobre a História Cultural e o uso das fontes, em especial, o jornal impresso e a propaganda.

O capítulo três, por sua vez, tem por objetivo fazer uma explanação sobre os usos da imprensa periódica em pesquisas da área de História da Educação indicando como a propaganda impressa se faz presente na imprensa brasileira desde o século XIX. Ainda nesta parte da pesquisa abordo um panorama da

imprensa em Pelotas, apresentando a trajetória da propaganda como uma técnica comercial, que na virada do século XX para o século XXI é utilizada como uma das práticas do então intitulado *Marketing* Educacional.

No capítulo quatro indico como se configura a gestão educacional privada brasileira – em que o ensino confessional, o laico e o empresarial convivem. Problematizo, ainda, as particularidades desses sistemas de educação, indicando como se constituem em Pelotas. Discorro sobre importantes informações referentes ao ensino privado no Brasil – tendo por intuito expor como esse se instaura no país e de que maneira se constitui, seja por meio da legislação ou através de suas práticas. Diante desses dados, analiso como se dá o ensino privado em Pelotas e quais são as suas características em momentos histórico-temporais distintos.

No capítulo cinco dedico-me a apresentar o ensino privado em Pelotas nos séculos XIX, XX e XXI, investigado por meio da propaganda impressa. Nele classifico a educação privada em Pelotas em três momentos distintos: o Primeiro Ciclo (1832-1895) – O ensino privado leigo e o início do ciclo da confessionalidade; o Segundo Ciclo (1895-1995) – A hegemonia do ensino privado confessional; e o Terceiro Ciclo (1995-2011) – A ascensão do ensino empresarial e a retração do ensino confessional.

Diante do exposto, reitero que esta tese foi elaborada tendo como objetivo apresentar a constituição do ensino privado em Pelotas, tendo em vista que investigações regionais auxiliam na visão de um todo nacional além de apresentar-se como um novo subsídio para se pensar a educação na atualidade.

Por fim, chamo a atenção de que em virtude da legibilidade dos anúncios, bem como dos limites de impressão desta tese, as propagandas não serão apresentadas com suas dimensões originais.

2 DO "RECLAME[7]" À EDUCAÇÃO: PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O intento deste capítulo é apresentar as opções teórico-metodológicas da investigação. Para a realização desta tese muitos caminhos foram trilhados. Objetiva-se, neste momento, demonstrar que a escolha do referencial teórico, das técnicas de análise e instrumentos de coleta de dados não foi aleatória, mas, sim, realizada com o objetivo de atingir um propósito.

De acordo com esses pressupostos, cabe refletir que o passado pelotense vem sendo estudado a partir de diferentes fontes históricas. São investigações que envolvem temas ligados a grupos sociais e étnicos e à conjuntura política, econômica, educacional e cultural. Na presente investigação, utilizou-se a imprensa para acessar a propaganda institucional, fonte privilegiada para pesquisar a constituição da educação privada em Pelotas.

Como já mencionado, a pesquisa foi realizada tendo por base, entre outros documentos, jornais pelotenses que circulavam na cidade entre os anos de 1875 a 2010. Ao utilizar esta fonte, objetivou-se investigar os anúncios impressos de escolas observando seus conteúdos, além de outros traços que pudessem fazer emergir a constituição da educação privada em Pelotas. Buscou-se, assim, perceber aspectos das classes mais favorecidas de Pelotas e a sua relação com a educação. Levou-se em consideração, ainda, que os materiais produzidos pelos sujeitos históricos são frutos das práticas e representações da construção de sentidos. Para Burke (2005, p.10),

> o terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações. Símbolos conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana, mas a abordagem do passado em termos de simbolismo é apenas uma entre outras.

[7] No início da propaganda brasileira os anúncios recebiam o nome de "reclames" e apresentavam textos longos e completos, que possuíam um caráter explicativo e persuasivo, dispensando a ilustração. Neles eram divulgadas vendas, compras ou mesmo captura de escravos, como também negócios sobre o comércio varejista, além de hotéis, produtos farmacêuticos, entre outros (CARRASCOZA, 1999).

Já sobre a materialidade da fonte, ou seja, a busca do pesquisador por indícios que o levem até o seu objeto, Ragazzini (2001. p. 14) afirma que:

> [...] a fonte é o único contato possível com o passado que permite formas de verificação. Está inscrita em uma operação teórica produzida no presente, relacionada a projetos interpretativos que visam confirmar, contestar ou aprofundar o conhecimento histórico acumulado. A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar conhecimentos acertados sobre o passado.

Esta pesquisa, portanto, insere-se nos estudos que utilizam a imprensa para investigar aspectos da História da Educação que, a cada dia, vem se fortalecendo. Isso porque o trabalho do historiador da educação tem sofrido muitas influências nos últimos anos. Contudo, a apropriação da imprensa como fonte na História da Educação é uma prática relativamente recente. Esse uso começa a ganhar força no final dos anos 80 do século XX, fortemente influenciado pelo movimento da História Nova, mais especificamente História Cultural (HUNT, 1992).

É importante destacar que antes de realizar essa investigação histórica, observou-se as críticas ou as contestações de certas posturas historiográficas presentes na ruptura dos paradigmas das últimas décadas do século XX. Segundo Pesavento (2005, p.9), essa ruptura:

> não representa uma ruptura completa com as matrizes originais. Ou seja, foi ainda dentro da vertente neomarxista inglesa e da história francesa dos Annales que veio o impulso de renovação, resultando na abertura desta nova corrente historiográfica a que chamamos de História Cultural ou mesmo de Nova História Cultural.

Para a autora, essa mudança se deu nos anos de 1970, ou mesmo antes, em 1960, quando se iniciou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade “que acabou por ocasionar secções epistemológicas profundas pondo em xeque os marcos conceituais dominantes na História” (PESAVENTO, 2005, p. 8).

Gatti Júnior (2002, p.6), ao analisar as mudanças ocorridas no campo da pesquisa histórica, indica que:

> o grande questionamento pelo qual a história passou, no século XX, foi o da natureza e da qualidade do saber que ela produzia. As idéias de produção de verdade absoluta e do saber absoluto em história foram colocadas em xeque. [...] Em nossos dias percebe-se que boa parte dos historiadores concordam em que não existe uma forma exclusiva de se compreender a realidade, nem muito menos um *“único motor”* que determine o desenvolvimento histórico [grifo do autor].

O que se observa é que no panorama da história mundial havia uma vertente interpretativa da história que vinha desde o século XIX, a qual chamava a atenção para as descontinuidades dos tempos históricos e para a necessidade de se buscar os sentidos de cada momento do passado. Assim, o positivismo, com seus pressupostos normativos científicos, estabelecia critérios de verdade absoluta defendendo o caráter da história como ciência.

Verifica-se, então, com relação às transformações ocorridas no século XX no campo dos estudos históricos, sobretudo na França, uma crise dos paradigmas, uma descrença nas formas de interpretar o real. Crise essa que se instaurou no seio das ciências humanas. Para Luca (2010, p.112):

> a face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes no território da História.

Dessa forma, observa-se que nos anos de 1990 acrescenta-se um diferenciado repertório de fontes aos estudos de História da Educação, tais como diários, cartas pessoais, memoriais, cadernos de alunos, livros, cartilhas e periódicos. A utilização de novas fontes é analisada pelos pesquisadores no intuito de contextualizá-las, buscando uma racionalidade que não está explícita no documento, mas na metodologia e no direcionamento contido na perspectiva teórica utilizada pelo investigador. Assim,

> o historiador não é um arqueólogo da documentação, mediador neutro entre a verdade da fonte e a verdade da História, mas sim aquele que é capaz de formular uma problemática e de construir uma interpretação em que reconhece o encontro de duas historicidades: a sua própria e a da documentação que utiliza (NEVES, 1985, p.34-35).

Diante disso, além da utilização das fontes já citadas, buscar-se-á abordar, para dar suporte a esta pesquisa, as noções e metodologias utilizadas e difundidas por historiadores que trabalham sob a perspectiva da História Cultural. Para Pesavento (2005), a História Cultural vem envolvendo pesquisadores com posturas diferentes, que trabalham sobre o que se considera instância cultural – ou a produção de sentidos sobre o mundo construído pelos homens do passado. Segundo a autora, a História Cultural correspondia, em 2008,

> a cerca de 87% da produção bibliográfica nacional, expressa não só nas publicações especializadas, sob a forma de livros e artigos científicos, como

> nas apresentações de trabalhos em congressos e simpósios ou ainda nas dissertações e teses, defendidas e em andamentos, nas universidades brasileiras (PESAVENTO, 2008, p. 11).

Percebe-se, desta forma, que o olhar da História vem ampliando-se, voltando-se para outras questões e problemas, não buscando mais uma verdade definitiva. Aliás, para Sochodolak e Campigoto (2008, p.11), a História Cultural pode ser considerada "como forma de produção do saber histórico decorrente da certeza de que nenhum procedimento metodológico ou teórico pode oferecer ao pesquisador uma visão objetiva ou neutra, no âmbito da cultura".

Importante ainda levar em consideração o que muitos estudiosos vêm apontando no que se refere aos estudos que contemplam os princípios constitutivos da História Cultural. Para eles, o pesquisador precisa ser capaz de saber utilizar as novas ferramentas, sem, contudo cair num "vale-tudo" científico.

Com base nesse entendimento, o jornal revela-se uma fonte ímpar, pois constrói um importante quadro para se entender como a educação era divulgada nos periódicos que circulavam nas épocas analisadas. Para Alves (2001, p.93), nas pesquisas vinculadas à história política, o jornalismo destaca-se em importância, uma vez que ao contrário de muitos documentos, "em geral lacônicos quanto às disputas políticas, nos jornais, o debate político-partidário encontra o seu meio natural de sobrevivência".

Segundo Marcondes Filho (1989), torna-se bastante difícil separar a notícia – fato que ao ser selecionado passa a ser a matéria-prima do jornalismo ¯ da sociedade que concebe o jornalismo como a indústria da comunicação, isto é, a complexidade geracional da notícia é fruto da sociedade na qual ela está inserida.

Para minimizar esta situação, torna-se imprescindível um conhecimento mínimo a respeito do periódico a ser analisado, a fim de que possíveis distorções sobre os fatos não ocorram no momento da análise dos discursos presentes no mesmo. Segundo Luca (2010, p.116), essas recomendações com relação ao uso do jornal nas pesquisas ocorreram no passado para que o historiador não realizasse uma leitura ingênua de seu conteúdo, acreditando que este se tratava de um mero receptáculo de informações.

Sobre as pesquisas utilizando periódicos, Póvoas (2005, p.12) afirma que:

> os periódicos são uma fonte preferencial para pesquisas de vários tipos, sobretudo por documentar o passado por meio de textos – literários ou não –, de publicidade ou de retratos, que evocam em seu conjunto, de imediato,

> o quadro histórico em que se pretende transitar. Contudo, o trabalho com o periodismo deve se dar a partir da efetiva inserção das folhas em seu tempo, num trabalho que não peque por ignorar as condições de vigência de jornais e revistas em sua época, sob pena de que as fontes, de luz para esclarecer pontos obscuros, se transformem em cilada documental.

Com base no exposto, acredita-se também que essa é uma das significativas contribuições da fonte privilegiada neste estudo: a capacidade de revelar características das práticas das instituições de ensino.

Assim, com a ampliação dos temas abordados pelos pesquisadores, aos poucos foram também estendidos os usos das fontes e, dessa forma, os historiadores da educação observaram que a História se faz a partir de qualquer vestígio deixado pelas sociedades passadas. Segundo Araújo e Gatti Júnior (2002, p.6),

> toda essa compreensão do desenvolvimento na pesquisa em História, levou conseqüentemente, ao avanço das investigações em História da Educação. Devido ao avanço da investigação da história educacional brasileira o conhecimento sobre as mais diferentes épocas e temáticas ampliou-se consideravelmente. Isso trouxe a possibilidade de recriação de um dos objetos da história da educação brasileira, a instituição escolar, trazendo à tona aspectos antes ignorados ou secundarizados. Passa-se a analisar a escola não só como um prédio cheio de carteiras, com alguns alunos, alguns professores, com materiais didáticos, a diretora, a faxineira e a merendeira. Começa-se a questionar o porquê deste prédio, o porquê destes alunos, o porquê destes professores. Qual era a situação política e econômica na época em que esta escola foi instalada.

As fontes são, então, a matéria básica para um pesquisador. A palavra fonte origina-se de duas outras – *source* e *fonte* – que contêm uma dimensão de origem e também de surgimento, os quais se relacionam a uma ideia de espontaneidade. Para Lopes e Galvão (2001, p.78), o significado da palavra revela um engano, já que as fontes não possuem um caráter espontâneo, pois o material usado pelo historiador é, ao mesmo tempo, disponível e indisponível:

> as fontes estão aí, disponíveis, abundantes ou parcas, eloqüentes ou silenciosas, muitas ou poucas, mas vemos, pelos trabalhos que são realizados, que elas existem. Mas estão também indisponíveis porque inicialmente é preciso que aquele que se propõe ao trabalho vá atrás delas e só faça isso se tiver um problema ou, no mínimo, um tema.

As autoras alertam que o pesquisador precisa ser capaz de problematizar a fonte, de lhe fazer perguntas e de ser capaz de discutir sobre o seu conteúdo, já que as fontes não falam por si. São vestígios, testemunhos que respondem – como podem e por um número limitado de fatos – às perguntas que lhes são feitas.

Conforme Saviani (2004, p.4), a fonte também é uma palavra que apresenta, via de regra, duas conotações:

> por um lado, significa o ponto de origem, o lugar de onde brota algo que se projeta e se desenvolve indefinidamente e inesgotavelmente. Por outro lado, indica a base, o ponto de apoio, o repositório dos elementos que definem os fenômenos cujas características se busca compreender. Além disso, a palavra fonte também pode se referir a algo que brota espontaneamente, "naturalmente", e algo que é construído artificialmente. Como ponto de origem, fonte é sinônimo de nascente que corresponde também a manancial, o qual, entretanto, no plural, já se liga a um repositório abundante de elementos que atendem a determinada necessidade [grifo do autor].

Para o estudioso (*ibidem*, p.6), as fontes são, então, "o ponto de partida, a base e o ponto de apoio da construção historiográfica que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado". Indicando ainda que na historiografia a fonte tem a particularidade da inesgotabilidade, uma vez que ao voltar o seu olhar novamente sobre ela, o historiador tenderá a observar novos significados que tinham escapado por ocasião das incursões anteriores.

As fontes permitem, então, encontrar e reconhecer. O pesquisador a encontra materialmente e busca reconhecer culturalmente a intencionalidade inerente ao seu processo de produção. "Para encontrar é necessário procurar e estar disponível ao encontro: não basta olhar, é necessário ver" (RAGAZZINI, 2001, p.14). Isso porque, segundo Vovelle (1995, p.78):

> o Historiador constrói os seus fatos e não os recebe automática e passivamente dos documentos. A realidade do passado não é fixa e definitiva. Ela seria como uma "imagem de holograma": dependendo do ângulo e da incidência da luz, a imagem do passado muda. Ângulo e "incidência da luz" significam que é o sujeito com seus problemas e orientação teórica que "faz aparecer" uma nova imagem do passado [grifo do autor].

É coerente perceber que a escolha das fontes, a sua seleção, não é realizada somente pelo pesquisador, visto que já foi feita uma seleção por parte daqueles que produziram o material, por aqueles que organizam os acervos, ou até mesmo pelo próprio tempo. Conforme Le Goff (1996, p.110):

> quer se trate de documentos consistentes ou inconscientes (traços deixados pelos homens sem a mínima intenção de legar um testemunho à posteridade, as condições de produção do documento devem ser minuciosamente estudadas. As estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais de grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória futura, o poder de

> perpetuação deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador. Nenhum documento é inocente.

Nesse sentido, retoma-se as palavras de Chartier (1990) quando enfatiza que os historiadores da cultura devem criar suas estratégias para ler os textos que estão investigando, já que estes afetam o leitor de formas variadas e individuais. Os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes, uma vez que foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias.

O uso de novas fontes não trouxe implicações somente para a seleção dos objetos a serem pesquisados, mas também mudou o tratamento dado a elas. Cada vez mais se procura desmistificar o documento tentando superar o deslumbre frente a ele. Conforme já apontado, tão importante quanto o documento são as perguntas que o pesquisador formula sobre o mesmo. O ponto de partida, desse modo, torna-se um questionamento e não o documento por si só.

É por isso, segundo Lopes e Galvão (2001), que se diz que uma fonte nunca está esgotada, já que enquanto existirem perguntas, o material não estará suficientemente explorado. As autoras salientam que o trabalho com fontes exige paciência, e que o cruzamento e o confronto entre elas poderá ajudar no controle da subjetividade – inerente a toda pesquisa. A categorização, segundo elas (2001), evita a mera descrição do documento – cabendo ao pesquisador explorar as categorias e o cruzamento dos documentos – fazendo, com isso, o maior número possível de associações e relações, interpretando e explicando aquele passado que busca aprender.

Assim, os historiadores passaram a demonstrar um interesse especial com relação à imprensa, à edição, aos museus, à escola e às exposições universais, conduzindo a análise num percurso “que vai do significante ao significado, do veículo de comunicação com a sua mensagem, e desta para os grupos sociais que a produzem ou que se apropriam dela” (NUNES e CARVALHO, 1993, p.44).

Gatti Júnior (2002, p.22) aponta que a atividade do pesquisador em “garimpar” a matéria-prima para a pesquisa, ou seja, a fonte, tem se configurado em um ganho para as pesquisas, especialmente nas últimas décadas do século XX. Segundo ele,

> percebe-se que, nas duas últimas décadas do século XX, o estudo da História da Educação Brasileira tem sido redimensionado e estará sendo melhor executado dentro de um curto espaço de tempo, principalmente em

> virtude do volume e da qualidade das pesquisas que se tem feito ultimamente, notadamente com a utilização de fontes primárias, o que poderá gerar novas sínteses, que apanhem a especificidade dos processos educacionais gestados na imensidão que é o território brasileiro.

Com base no exposto, a expansão no campo do trabalho do historiador, tanto no que diz respeito a atores quanto aos temas e objetos, é, nesta pesquisa, contemplada ao propor uma investigação sobre o ensino privado em Pelotas utilizando como fonte privilegiada para esse estudo o uso de anúncios publicitários. Entende-se que estes são um testemunho das características e visões pedagógicas de um período, que ilustravam e ilustram uma concepção moral e social sobre um grupo de profissionais. Além disso, podem ser utilizados como um caminho para se estudar a vida escolar e o pensamento pedagógico por meio dos discursos veiculados dentro e fora do universo escolar.

Sendo assim, a construção do *corpus* documental constituído pelas fontes aqui citadas tem como intento confirmar a tese e responder as questões propostas pela investigação. O acesso ao acervo em busca das fontes foi, sem dúvida alguma, de importância vital para os encaminhamentos realizados na pesquisa.

De posse das fontes, realizou-se, como procedimento metodológico para a pesquisa, a análise documental. A pesquisa documental, segundo Gil (2007, p.66), "vale-se de materiais que não receberam ainda tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa". Para o autor (*ibidem*), esses documentos podem ser de primeira mão, ou seja: "aqueles que ainda não sofreram uma problematização tais como documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, filmes, fotografias, etc".

Já as coletas de dados, foram inicialmente realizadas do ano de 2005 ao de 2007 – início e término da pesquisa de mestrado que deu origem a esta tese. Foram retomadas no segundo semestre de 2008 ocorrendo algumas pausas deste ano até o final do ano de 2011. O procedimento adotado foi o de procurar os anúncios nos jornais e realizar a leitura e transcrição (grafia original) de todos os que se referiam a instituições de ensino. Isso foi feito até o ano de 2009. Após este período, dados gerais das propagandas eram anotados, tais como ano de fundação da escola, qual o foco do texto do anúncio e a quantidade de vezes em que se repetia. Após, realizou-se a separação dos anúncios por décadas e em categorias; o registro fotográfico de parte dos anúncios; a contabilização das propagandas e das escolas; e a elaboração de quadros que pudessem auxiliar a investigação.

É importante salientar que a partir do primeiro semestre do ano de 2010 esta pesquisa começou a contar com uma bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Sendo assim, ocorreu uma dedicação integral à investigação, o que, sem dúvida, proporcionou um volume maior de coletas e de produção como um todo.

Contratou-se, em raros momentos, o trabalho de copistas para o auxílio na coleta dos dados – especialmente em função de persistir no inventário das escolas, que pressupunha contabilizar a repetição dos anúncios nos referidos periódicos. Só quando a escrita da tese tomou forma foi possível fazer um equilíbrio entre análise e coleta de dados.

Cabe ainda destacar a relevância da vivência obtida junto ao acervo da Bibliotheca Pública Pelotense e as implicações do dia a dia das coletas para o resultado final da pesquisa. O fato de tais coletas terem sido feitas praticamente sem ajudantes facilitou a realização de alguns questionamentos frente às fontes, além de permitir observar os cenários vividos pela cidade de Pelotas nas páginas dos jornais. Assim, adotou-se também, como metodologia, a realização de anotações de questionamentos concebidos durante o processo de coleta. Essas inquietações geradas pelas fontes acabaram sendo fruto de análise e contribuindo para a construção final desta investigação.

Outro aspecto relevante de ser destacado refere-se ao entendimento de que esta investigação teve como diferencial o fato de que as coletas ocorreram ao longo dos quatro anos de investigação. Isso em função do recorte temporal estabelecido para esta pesquisa. Se por um lado a escrita do documento final da tese tenha sido dividida com os momentos de coleta, por outro, esse constante olhar em relação às fontes sem dúvida alguma propiciou um aprofundamento de análise do objeto pesquisado.

Além do registro fotográfico das propagandas das escolas, em alguns momentos, no transcorrer desta pesquisa, também se registrou o *lócus* em que as coletas ocorriam. Acredita-se ser importante dividir com o leitor desta tese esse cenário, entendendo que ao compartilhar essas imagens, um pouco das características da pesquisa documental, especialmente da técnica de coleta de dados, seja retratada. Sendo assim, na primeira imagem estou ao lado da então

funcionária[8] do Centro de Documentação e Obras Valiosas (CEDOV) da Bibliotheca Pública Pelotense. Na segunda fotografia estou no CEDOV analisando uma edição do Jornal Diário Popular.

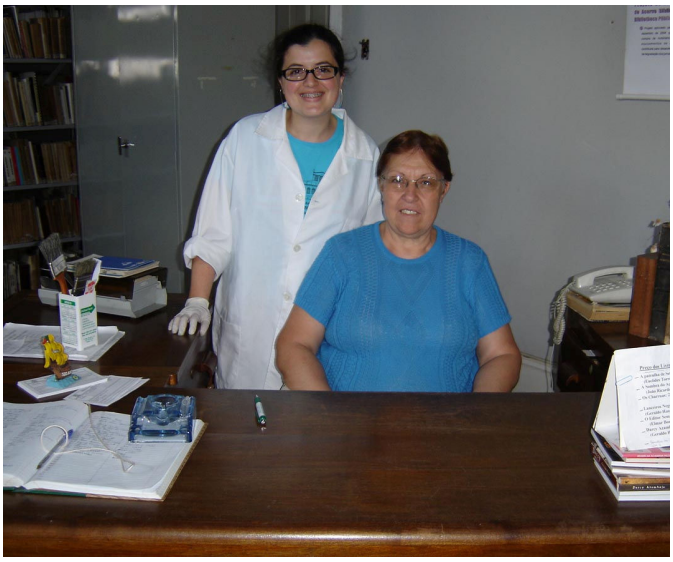


Figura 1– Registro de um momento de pesquisa na Bibliotheca Pública Pelotense com a funcionária "Dona Sônia" em Novembro de 2006.



Figura 2 – Registro de um momento de coleta de dados ocorrido na Bibliotheca Pública Pelotense em Novembro de 2011.

Nas próximas imagens é possível visualizar parte do acervo do jornal Diário Popular de Pelotas acessado na realização desta investigação. As prateleiras estão organizadas por ordem cronológica e, a partir da edição do dia 1/1/2007, a

[8] Divulgação de imagem autorizada por Sônia Tavares Garcia, ex- funcionária da Bibliotheca Pública Pelotense, em 24/02/2012. Para saber mais sobre a atuação dessa figura reconhecida por seu trabalho junto à Bibliotheca Pública Pelotense, ver Rezende (2010).

coleção está disponibilizada em outro setor da Bibliotheca. Esses anos, ainda sem encadernação, também foram consultados.



Figura 3 – Estantes do CEDOV contendo parte da coleção do Jornal Diário Popular de Pelotas.



Figura 4 – Estantes do CEDOV contendo parte da coleção do Jornal Diário Popular de Pelotas.



Figura 5 – Estantes do CEDOV contendo parte da coleção do Jornal Diário Popular de Pelotas.

Diante dessas imagens, e de todos os acontecimentos transcorridos no CEDOV, não apenas nos quatro anos dedicados a esta tese, mas somando-se os dois anos de pesquisa de mestrado e os seis meses de graduação, recorro às palavras de Bacellar (2010, p.23-24) quando afirma que:

> pesquisar em arquivos é o destino de muitos jovens profissionais que ingressam nos cursos de pós-graduação em História, ou mesmo daqueles que dão seus primeiros passos em projetos de iniciação científica [...] Embora seja evidente que a prática da pesquisa, dia após dia, é o melhor caminho para o aprendizado [...] Essa é a vida da pesquisa: dura, cansativa, longa, mas gratificante, acima de tudo.

Após a coleta, os dados eram levados para um banco de imagens e para uma planilha do programa Excel. Neste quadro constam os seguintes campos: nome da instituição; ano/data de inauguração; tipo de ensino; vagas para o sexo feminino e/ou masculino; anos em que publicou anúncio; total de anos de atuação rastreados pela pesquisa e quantidade de anúncios encontrados (ver quadro 2, p.146). Esses dados organizados e suas problematizações serão apresentados a seguir.

Estes foram, portanto, os caminhos percorridos durante a realização desta investigação. As opções teórico-metodológicas adotadas estiveram, assim, intimamente ligadas ao objeto de análise, bem como relacionadas aos meus interesses de pesquisa. Por meio de tais escolhas, mostra-se, nos próximos capítulos, a interlocução dos dados encontrados com as problematizações apresentadas diante do cenário educacional analisado.

3 A PROPAGANDA IMPRESSA COMO UMA PRÁTICA CULTURAL DAS INSTITUIÇÕES PRIVADAS DE ENSINO EM PELOTAS

Ao realizar esta investigação, observando os usos dos anúncios impressos pelas instituições de ensino, ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, foi possível verificar que a propaganda impressa se tornou uma prática cultural das escolas de ensino privado. Essa, por sua vez, teve início quando os primeiros professores particulares sentiram a necessidade de ofertar suas aulas avulsas, reconhecendo, assim, a importância de utilizar a imprensa para se aproximarem de seu público.

É possível compreender que a ocorrência de publicações de anúncios, vista como uma prática cultural, não está dissociada das condições que permitiram a sua existência, ou seja, o anúncio é fruto da sociedade que o concebeu. Como tal, carrega consigo especificidades que vão desde as condições tecnológicas da época até as relações que se estabelecem entre as pessoas quando uma mídia é criada em meio às sociedades modernas.

3.1 Situando o conceito de Cultura

Buscando dar sentido ao conceito de prática cultural, indicando como a cultura se manifesta nas condutas dos indivíduos destaca-se aqui o que Burke (2005, p.43) indica sobre o termo cultura. Para ele:

> o termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar).

As ciências sociais ao longo dos anos vêm estudando as características da cultura, descrevendo-a e denominando-a. Assim, muitas concepções sobre o significado do termo cultura foram desenvolvidas. Segundo Thompson (1995, p.167):

> derivada da palavra latina *cultura*, o conceito adquiriu uma presença significativa [...] os primeiros usos nos idiomas europeus preservaram algo do sentido original de cultura, que significava, fundamentalmente, o cultivo ou o cuidado de alguma coisa, tal como grãos ou animais.

Esse sentido, no início do século XVI, foi estendido da esfera agrícola para o processo do desenvolvimento humano “do cultivo dos grãos, para o cultivo da mente” (THOMPSON, 1995. p.167).

Para Chartier (2002, p.66), o mais grave na acepção habitual da palavra cultura não é o fato de ela geralmente respeitar apenas as produções intelectuais ou artísticas de uma elite, mas de levar a supor que o cultural só é investido num campo particular de práticas ou de produções. Para ele, pensar de outro modo a cultura, e por consequência o próprio campo da história intelectual, “exige concebê-la como um conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou nos comportamentos aparentemente menos culturais”.

Nesse mesmo sentido, Geertz (1989, p. 227) indica que:

> o conceito de cultura ao qual adiro [...] denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida.

Embora existam muitas concepções acerca do significado da palavra cultura, em uma coisa os estudiosos concordam: o estudo dos fenômenos culturais é de extrema importância para as ciências sociais. Isso porque, ao analisarmos a vida social, é possível observar que ela não é constituída simplesmente por objetos. É formada, também, por meio de práticas e expressões significativas de manifestações verbais, de símbolos, de textos, de artefatos e de sujeitos que se expressam através desses artefatos. O estudo do mundo sócio-histórico, então, analisa essas variadas expressões, buscando entender a si mesmo e aos outros.

Dos muitos usos do conceito de cultura, as principais concepções, segundo Thompson (1995), são: a concepção clássica – surgida nos séculos XVIII e XIX, no qual o termo significava um processo de desenvolvimento intelectual e espiritual, cultura estava diretamente ligada à civilização; a concepção descritiva – que se refere a um variado conjunto de valores, crenças, costumes hábitos; e a concepção simbólica – que muda o foco das análises para um interesse com simbolismo. Segundo o autor, “os fenômenos culturais, de acordo com esta concepção, são fenômenos simbólicos e o estudo da cultura está essencialmente

interessado na interpretação dos símbolos e da ação simbólica" (THOMPSON, 1995, p. 176).

Estudando as formas simbólicas[9] – por meio das suas relações com os contextos sociais, dentro das quais são produzidas e recebidas – a concepção estrutural da cultura vai oferecer uma base sobre a qual se pode analisar, por exemplo, o que está envolvido no desenvolvimento da comunicação de massa. "Isso porque, a comunicação de massa se interessa, de certo modo e em virtude de certos meios, pela produção e transmissão de formas simbólicas" (THOMPSON, 1995, p. 166). Dessa forma, o autor observa que nas sociedades modernas a produção, circulação e recepção das formas simbólicas acabavam sendo inseparáveis das atividades da indústria da mídia.

Morin (1999, p.79), ao analisar o conceito de cultura, faz a seguinte análise: "nossa sociedade é policultural: há a cultura das humanidades, a cultura nacional, que alimenta e exalta a identificação com a nação, as culturas religiosas, as culturas políticas, a cultura de massa". Observa-se, assim, a existência de uma pluralidade de culturas que convivem e se relacionam com o cotidiano da sociedade. Além dos "primitivos" tipos de cultura, Morin (1999) introduz um novo: cultura de massa.

Assim como Thompson (1995) e Morin (1999), Kellner (2001), teórico dos estudos culturais críticos, observa as transformações pelas quais a cultura vem passando – principalmente a partir do fim do século XV – "onde ela é cada vez mais concebida num processo de industrialização, que a produz e a transmite através dos meios de comunicação de massa" (MORIN, 1999, p. 79).

Segundo Kellner (2001, p.9):

> há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou ser mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente.

Desse modo, Kellner (2001) percebe que nas sociedades contemporâneas existe uma cultura veiculada, uma cultura da imagem que explora a

[9] Conforme Thompson (1995, p.181), o estudo das formas simbólicas são: "ações, objetos e expressões significativas de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados – dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas".

audição e a visão. Com base nessas análises, Thompson (1995, p.28) observa, ainda, que:

> se o desenvolvimento dos meios técnicos transformou as maneiras como as pessoas produzem e transmitem mensagens, ele também transformou as condições de vida das pessoas que recebem essas mensagens como parte rotineira de suas vidas cotidianas. Isso é verdade diante da evidência de como o desenvolvimento de um meio técnico, como a televisão, pode transformar, e até certo ponto significativo transformou, a organização espacial e temporal da vida cotidiana da maioria das pessoas nas sociedades modernas. O aparelho de televisão, muitas vezes, ocupa um lugar central dentro da casa e torna-se o ponto ao redor do qual outros espaços e atividades são organizados.

Mas nem sempre foi assim, a passagem do oral ao escrito foi muito importante, quer para a transmissão, quer para o registro das formas simbólicas. A oralidade e a escrita “coexistem em geral nas sociedades, e esta coexistência é muito importante para a história. A história, se tem como etapa decisiva a escrita, não é anulada por ela, pois não há sociedade sem história” (LE GOFF, 1996, p. 53).

A descoberta de Gutenberg transformou as formas de produção, transmissão e recepção das formas simbólicas pelos indivíduos. Com o passar dos anos, novas técnicas de comunicação desenvolviam-se, novos meios de comunicação iam nascendo.

Assim, o surgimento dos novos meios de produção e transmissão cultural despertou, em muitas escolas, o interesse em analisar e elaborar teorias sobre a comunicação. Com isso, em 1930, a Escola de Frankfurt – nome dado a um grupo de cientistas sociais alemães – surge na Alemanha trazendo a teoria crítica aos estudos em comunicação. Segundo Kellner (2001):

> A Escola de Frankfurt inaugurou o estudo crítico da comunicação nos anos de 1930 e combinou economia política dos meios de comunicação, análise cultural dos textos e estudos de recepção pelo público dos efeitos sociais e ideológicos da cultura e das comunicações de massa (KELLNER, 2001. p. 43).

Em 1947, os frankfurtianos Max Horkheimer e Theodor Adorno criam a expressão Indústria Cultural, termo que exemplificava a forma como eles viam a produção e transmissão dos bens culturais, ou seja, os bens culturais sendo produzidos e transformados em mercadorias.

Com isso, os teóricos críticos analisavam as mais diversas produções culturais no contexto da produção industrial, em que os produtos dessa indústria cultural “[...] tinham a função específica, porém, de legitimar ideologicamente as

sociedades capitalistas existentes e de integrar os indivíduos nos quadros da cultura de massa e da sociedade" (KELLNER, 2001, p.44).

Para Rüdiger (1999, p.95), os frankfurtianos "sem dúvida deram-nos um relato parcial da transformação estrutural do mercado da cultura, exagerando a extensão em que a cultura perdeu seu valor de uso ao se tornar diversão". Os estudiosos da Escola de Frankfurt chegaram a analisar que a mídia poderia ser usada "para o bem ou para o mal". A postura crítica dos frankfurtianos com relação à mercadorização da cultura constituiu um modelo útil para os estudos culturais britânicos.

Em 1964 é fundado, na Universidade de Birmingham, o Centre of Contempory Cultural Studies (CCCS), centro de estudos em nível de doutorado sobre as formas, práticas e instituições culturais e suas relações com a sociedade e a transformação social.

Uma importante contribuição dos estudos culturais está no fato da não distinção – ao contrário da Escola de Frankfurt – entre cultura superior e cultura inferior, valorizando formas culturais como cinema, televisão e música popular, que haviam sido deixadas de lado por abordagens anteriores.

Para Kellner (2001, p.11):

> a cultura, em seu sentido mais amplo, é a forma de atividade que implica alto grau de participação, na qual as pessoas criam sociedades e identidades. A cultura modela os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e capacidades de fala, ação e criatividade. A cultura da mídia participa igualmente desses processos, mas também é algo novo na aventura humana.

O autor, portanto, analisa a cultura em um contexto sócio-histórico atual, no qual os meios de comunicação de massa dominam a vida diária das pessoas, formulando e transmitindo a cultura através dos seus aparatos. Com essa análise, ele percebe as consequências que essa formulação e transmissão da cultura – através da mídia – acarretam para a sociedade, estudando de que maneira essa cultura influencia os aspectos da vida cotidiana das pessoas.

Kellner (1999) formula, então, o conceito de "cultura da mídia" como sendo não só a natureza, mas também a forma de produção da indústria cultural, ou seja, a cultura, observando seu modo de produção e distribuição. O termo designa também que as sociedades contemporâneas vivem num momento sócio-histórico em que a mídia domina o lazer e a cultura.

> Toda cultura, para se tornar um produto social, portanto "cultura", serve de mediadora da comunicação e é por esta mediada, sendo, portanto comunicacional por natureza. No entanto, a "comunicação", por sua vez, é mediada pela cultura, é um modo pelo qual a cultura é disseminada, realizada e efetivada. Não há comunicação sem cultura e não há cultura sem comunicação [...] (KELLNER, 2001, p. 53) [grifos do autor].

Assim como Kellner (2001), Thompson (1995) percebe como o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa interferiu na forma de produção e transmissão da cultura:

> [...] esse processo de midiação da cultura tornou-se difuso e irresistível. É um processo que acompanhou o surgimento das sociedades modernas, que constituiu, em parte, essas sociedades e que as definiu, até certo ponto, como modernas. E é um processo que continua a ocorrer à nossa volta e a transformar o mundo em que hoje vivemos (THOMPSON, 1995, p. 212).

Rüdiger (1999, p.20) observa as transformações pelas quais as sociedades passaram com o desenvolvimento do capitalismo e, assim, analisa:

> o capitalismo avançando colocou a cultura na dependência da economia e administração, produzindo uma cultura industrial de massas. No período anterior, a formação era mediada pelo valor de troca; agora ela se tornou um aspecto de mercadoria. A codificação das relações sociais pela lei do valor alcançou o terreno da formação da consciência. O conjunto da vida cultural se encontra dominado pelo valor de troca. Os programas de rádio servem para vender cerveja e, os filmes, no mínimo, para vender fitas de vídeo e sessões de cinema.

Os estudos culturais, portanto, aceitam a comunicação – com seus meios e discursos – como sendo um elemento formador da cultura. A partir disso, eles examinam "os efeitos dos textos da cultura da mídia, a forma como o público se apropria dela e a usa, além dos modos como imagens, figuras e discursos da mídia funcionam dentro da cultura em geral" (KELLNER, 2001, p. 77).

Para se analisar uma crítica cultural, antes é preciso formular uma crítica da sociedade, interpretando, dessa forma, os textos da cultura da mídia no contexto em que foram produzidos, procurando analisar as forças de dominação bem como as de resistência.

Conforme Kellner (2001, p.48):

> a sociedade é concebida como um conjunto hierárquico e antagonista de relações sociais caracterizadas pela opressão das classes, sexo, raças, etnias e estratos nacionais subalternos. Baseando-se no modelo gramsciano[10] de hegemonia e contra-hegemonia, os estudos culturais

[10] Segundo Kellner (2001:48) "Para Gramsci, as sociedades mantêm a estabilidade por meio de uma combinação de força e hegemonia, em que algumas instituições e grupos exercem violentamente o poder para conservar intactas as fronteiras sociais (ou seja, política, forças militares, grupos de vigilância etc.), enquanto outras instituições (como religião, escola ou a mídia) servem para introduzir

> analisam as formas sociais e culturais “hegemônicas” de dominação, e procuram forças “contra-hegemômicas” de resistência e luta.

Como teórico dos estudos culturais, Kellner (2001) vê a cultura da mídia como um terreno de disputa, que reproduz em nível cultural os conflitos da sociedade, e não como um instrumento de dominação. Analisa ainda os textos culturais dessa forma:

> Devido à proximidade que mantém com as condições sociais em que surgiram, os textos populares da mídia constituem um acesso privilegiado às realidades sociais de sua era; assim, a sua interpretação possibilita a compreensão daquilo que está de fato acontecendo em determinada sociedade em dado momento (KELLNER, 2001, p. 143).

Thompson (1995) também percebe que nas sociedades modernas existe um terreno de disputa e discorda dos estudos de Horkheimer e Adorno com relação ao declínio do indivíduo dentro da sociedade:

> Não é absolutamente claro que todos, ou mesmo a maioria dos indivíduos das sociedades industriais modernas, estejam nitidamente integrados na ordem social, que suas faculdades intelectuais estejam tão profundamente embotadas a tal ponto que eles não sejam capazes de ter pensamento crítico e independente. E mais: o pressuposto de que a recepção e o consumo de produtos culturais serve unicamente para reforçar a conformidade ao *status quo*, para liquidar com o que já é uma individualidade atrofiada, é por demais simples (THOMPSON, 1995, p. 143)

Com isso, o estudo cultural crítico não está apenas interessado em fazer “leituras inteligentes de textos culturais, mas também em tecer uma crítica das estruturas e das práticas de dominação, dando impulso às forças de resistência e de luta por uma sociedade mais democrática e igualitária” (KELLNER, 2001, p. 126).

Analisando os textos culturais sob a ótica das relações entre ideologias, movimentos sociais e contexto que os envolve, Kellner (2001) formula três categorias denominadas horizonte social, campo discursivo e ação social. O horizonte social diz respeito “[...] às experiências, às práticas e aos aspectos reais do campo social que ajudam a estruturar o universo da cultura da mídia e sua recepção” (KELLNER, 2001, p. 137). O campo discursivo envolve todos os elementos contidos no discurso midiático. Já a ação social mostra as práticas sociais de acordo com o “[...] horizonte social do público, e assim a cultura popular da mídia haure medos, esperanças, fantasias e outras inquietações da época” (KELLNER,

---

anuência à ordem dominante, estabelecendo a hegemonia, ou o domínio ideológico, de determinado tipo de ordem social (por exemplo, capitalismo liberal, fascismo, supremacia branca etc.)”.

2001, p. 138). Essas categorias dão ainda mais subsídios para um estudo crítico da cultura da mídia.

Influenciado pela teoria crítica da sociedade, Kellner (2001) propõe, então, a pedagogia crítica da mídia. Segundo ele:

> [...] esses estudos explorarão algumas das maneiras como a cultura contemporânea da mídia cria formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder, ao mesmo tempo que fornece instrumental para a construção de identidades e fortalecimento, resistência e luta. Afirmamos que a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas através de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia (KELLNER, 2001, p. 10).

Assim, esses estudos situam a cultura num determinado contexto sócio-histórico no qual ela vai promover dominação ou resistência, criticando as formas de cultura que alimentam a subordinação.

Para Kellner (2001, p.49):

> os estudos culturais podem ser distinguidos dos discursos e das teorias idealistas, textualistas e extremistas que só reconhecem as formas lingüísticas como constituintes da cultura da subjetividade. Os estudos culturais, ao contrário, são materialistas porque se atêm às origens e aos efeitos materiais da cultura e aos modos como a cultura se imbrica no processo de dominação e resistência.

O autor propõe ainda que a cultura produzida pela mídia seja investigada através de uma contextualização sócio-histórica dos fenômenos ocorridos, aliando a essas análises um estudo cultural crítico e multiperspectivo, propondo com isso que haja uma abordagem interdisciplinar, que possibilite a interpretação, a crítica e a desconstrução da produção cultural.

Thompson (1995), assim como Kellner (2001), chama atenção para a importância da contextualização sócio-histórica de determinada produção cultural. Segundo ele:

> tomar as formas simbólicas como fenômenos contextualizados é vê-las como geralmente produzidas e recebidas por pessoas situadas em contextos sócio-históricos específicos e providas de recursos e capacidades de vários tipos. As formas simbólicas podem possuir traços de suas condições sociais de produção – do mesmo modo como, por exemplo, uma fala pode estar marcada pelo acento, pelo dialeto e pelo tom de uma determinada classe social ou de uma origem regional. A contextualização social das formas simbólicas implica também que essas formas podem tornar-se objetos de processos complexos de valorização, avaliação e conflito (THOMPSON, 1995, p.22).

Geertz (1999, p.227) observa ainda que:

> é preciso compreender tanto a organização da atividade social, suas formas institucionais e os sistemas de idéias que as animam, como a natureza das relações existentes entre elas. É justamente neste sentido que se dirige a tentativa de esclarecer os conceitos de estrutura social e cultura.

Evidencia dessa forma que o emprego de várias perspectivas críticas tem maior probabilidade de possibilitar uma leitura mais consistente da cultura da mídia, mas isso não significa que seja melhor. O importante é situar adequadamente o texto no contexto sócio-histórico em que foi produzido, analisando não só a estrutura de dominação bem como as estruturas econômicas. Isso por quê:

> um texto é constituído por suas relações internas e pelas relações que mantém com sua situação social e histórica, e quanto mais relações estiverem expressas numa leitura crítica, melhor poderá ser a compreensão do texto. O método multiperspectivo deve necessariamente ser histórico e ler seus textos em termos de contexto social e histórico e pode também optar por ler a história à luz do texto (KELLNER, 2001, p. 130).

Dessa forma, um estudo cultural crítico propõe que se analise os textos culturais, evidenciando as mensagens contidas e os efeitos causados na sociedade, observando, desse modo, os fenômenos através de uma contextualização sócio-histórica com base em uma perspectiva multicultural.

A crítica diagnóstica desenvolvida por Kellner (2001, p. 153) usa, dessa maneira, “a história para ler os textos e os textos para ler a história”. Uma leitura diagnóstica possibilita compreender as múltiplas relações entre textos e contextos, entre a cultura da mídia e a história, propiciando, portanto, a compreensão de uma dada sociedade em um dado momento sócio-histórico.

Salientando ainda a importância de se contextualizar uma produção cultural, Thompson (1995, p.34) afirma que:

> [...] as formas simbólicas não subsistem num vácuo: elas são fenômenos sociais contextualizados, são produzidas, circulam e são recebidas dentro de condições sócio-históricas específicas que podem ser reconstruídas com a ajuda de métodos empíricos, observacionais e documentários.

O estudo cultural crítico utiliza-se de métodos para ler os textos culturais investigando conflitos, anseios, discursos, tendências, traços históricos etc. E, assim como a teoria crítica frankfurtiana, ele também:

> [...] desenvolve modelos teóricos de relacionamento entre a economia, o Estado, a sociedade, a cultura e a vida diária, dependendo, pois, das problemáticas da teoria social contemporânea. No entanto, também utilizam muito das teorias da cultura. [...] diferentemente da Escola de Frankfurt, [...] valorizam formas culturais como cinema, televisão e música popular [...] (KELLNER, 2001, p. 130).

A abordagem dos estudos culturais oferece uma riqueza de concepções sobre a cultura e a comunicação e, apesar de constituir-se a partir da teoria crítica, valoriza a propaganda como sendo uma forma de expressão cultural, utilizando-a como objeto de análise das relações entre cultura, comunicação e ideologia.

Sendo assim, problematiza-se agora a forma como a imprensa surge no Brasil e em Pelotas, indicando de que maneira a propaganda impressa começa a ser utilizada nos periódicos que circulavam no país no século XIX. De igual modo, busca-se mostrar de que maneira as instituições de ensino se apropriam do uso da propaganda e a utilizam como uma prática cultural ao longo dos séculos XIX, XX e XXI.

3.2 A Imprensa em Pelotas

Os primórdios da imprensa brasileira datam de 1703, quando uma tipografia, em Recife, imprimia orações e letras de câmbio, tipografia essa que foi confiscada pelo governo português no ano de 1706. Em 1746 foi aberta, na cidade do Rio de Janeiro, outra tipografia que, logo no ano seguinte, foi fechada. Somente em 1808, com a instalação da Corte Portuguesa no Brasil, foi que a imprensa, então, começou a se desenvolver, época em que o Regente D. João instituiu – através do Decreto de 13 de maio de 1808 – a Impressão Régia[11].

Em um segundo momento, o advento da tipografia permitiu a impressão de volantes que possuíam conteúdo mais atual e menos denso do que o livro. Os tipógrafos, ao perceberem que os volantes – folhas contendo notícias – eram vendidos, começaram a diversificar os assuntos, aumentando o número de notícias em cada publicação, a frequência de publicação e a quantidade dos exemplares. Segundo Costella (1993, p.82):

> quando se chega a esse ponto, conclui-se que a tipografia já tinha absorvido, quase imperceptivelmente, toda experiência jornalística das gazetas manuscritas. Em outras palavras, o tipógrafo, sem saber, começara a produzir o jornal. Não tinha ele consciência de ter criado essa coisa nova e fascinante, que hoje chamamos jornal impresso.

[11] Era uma impressão que tinha por finalidade, em um primeiro momento, imprimir exclusivamente a legislação e os papéis diplomáticos oriundos de qualquer repartição do serviço Real, sendo que pertencia ao governo a administração da tipografia.

Em 1808, existiam no Brasil dois tipos de periódicos: a Gazeta e o Correio. A primeira possuía periodicidade curta, intenção informativa mais do que doutrinária, poucas folhas e baixo custo. Já o Correio tinha em sua estrutura mais de cem páginas, uma publicação mensal com custo alto e conteúdo mais doutrinário do que informativo (SODRÉ, 1966).

No ano de 1809, surgiu a arte da gravura nos jornais brasileiros. Desenhistas, gravadores e tipógrafos começaram a ilustrar as publicações.

> A informação verbal passa então a ter esses novos e importantes aliados visuais, além de famílias tipográficas que já eram utilizadas como diferencial persuasivo, abrindo caminho para a maior exploração de imagens (CARRASCOZA, 1999, p. 74).

Para Cardoso (2005), além das novas tecnologias para impressão de texto, outro fator decisivo para a expansão do mercado para produtos gráficos foram os desenvolvimentos ocorridos no campo da reprodução de imagens. Ao uso secular da xilogravura[12], que se popularizou no final do século XVIII, veio juntar-se a litografia[13] (sobre pedra e sobre zinco), técnica aperfeiçoada do século XIX.

> Pela primeira vez na história, tornava-se possível imprimir imagens em larga escala e a baixíssimo custo, e a difusão de gravuras e outros impressos ilustrados a preços populares foi considerada por alguns contemporâneos revolucionária no seu impacto social, senão mais, do que a própria invenção da imprensa (CARDOSO, 2005, p.44).

Então, o desenvolvimento das técnicas de impressão[14] juntamente com a evolução social tornaram possível, em 1821, a publicação de trinta e nove periódicos

---

[12] Trabalho em que o desenho não é feito diretamente sobre o papel, mas sim gravado em uma prancha, denominada "matriz". Com facas, goivas e formões, o artista grava sua imagem rebaixando as áreas que devem permanecer brancas e deixando em relevo apenas aquelas que devem receber a tinta (TAVARES, 2006).

[13] Litografia é uma técnica de gravura que envolve a criação de marcas ou desenhos sobre uma matriz (pedra calcária). A base dessa técnica é o princípio da repulsão entre água e óleo. Ao contrário das outras técnicas da gravura, a Litografia é planográfica, ou seja, o desenho é feito através do acúmulo de gordura sobre a superfície da matriz, e não através de fendas e sulcos na matriz, como na xilogravura (HALLEWELL, 2005).

[14] Segundo Crato (1992, p.32) o desenvolvimento da imprensa também está ligado:
"*À evolução da técnica tipográfica*: a difusão em massa de material impresso pressupõe o invento de Gutemberg, mas tem de passar por novas etapas até atingirem as actuais possibilidades. Do prelo de madeira passou-se ao prelo metálico, do prelo manual ao mecânico, das primeiras máquinas de impressão a vapor às modernas rotativas. Também na composição do texto se evoluiu: da composição manual para a linotipia e depois para a fotocomposição. *Ao preço do material impresso*: o embaratecimento dos jornais é resultado da evolução da técnica tipográfica e também da fabricação de papel a partir da madeira (1840) e da introdução sistemática de publicidade.
À melhoria dos transportes e das comunicações postais: que possibilitou não só a mais rápida recolha de informações, como sobretudo a difusão dos jornais, em tempo útil, a todos os pontos importantes.
À constituição de um público: com o comércio e a fixação de massas urbanas formaram-se estratos interessados nas notícias do que se passa pelo país e pelo mundo. Depois, com a difusão da

no Brasil. O que se percebeu é que tal desenvolvimento acabou por influenciar o surgimento da imprensa industrial. Ressalta-se que o baixo custo das edições – devido à produção em série – foi um fator de estímulo à leitura dos jornais (CARDOSO, 2009).

Segundo Cardoso (2005), entre as mercadorias do século XIX cujo consumo mais se expandiu no Brasil destacam-se os impressos de todas as espécies, pois a difusão da alfabetização nos centros urbanos propiciou uma verdadeira proliferação do público leitor.

> O anseio de ocupar os momentos de folga deu origem a outra invenção da era moderna: o conceito do lazer popular, que desenvolveu-se em estreita aliança com a abertura de uma infra-estrutura cívica composta por museus, teatros, locais de exposição, parques e jardins [...] Coincidentemente, a crescente importância e rápida evolução dos meios impressos[15] de comunicação é outro fator que distingue o século XIX como momento inicial dessa modernidade que se estende, em muitos sentidos, até os dias de hoje. Diversos avanços de ordem tecnológica vieram juntar-se nessa época à ampliação do público leitor, possibilitando não somente a expansão de meios tradicionais como livros e jornais, mas também a criação de veículos impressos novos e pouco explorados anteriormente, como o cartaz, a embalagem, o catálogo e a revista ilustrada (CARDOSO, 2005, p.41).

Cinco anos depois da Independência do Brasil, em 1827, era criado o primeiro Jornal do Rio Grande de Sul: o Diário de Porto Alegre (SODRÉ, 1966). Já em Pelotas, segundo Magalhães (1993), no ano de 1851, mudou-se da cidade de Rio Grande para Pelotas o habilidoso tipógrafo Cândido Augusto de Mello que fundou, em 7 de novembro de 1851, o primeiro jornal denominado O Pelotense. O jornalista Alferes Tancredo de Mello publicou no jornal O Pensamento, do dia 07/11/1901**,** uma lista de jornais publicados em Pelotas no século XIX, perfazendo um total de 115 títulos.

Para Reverbel (1981, p.41), apesar do aparecimento tardio da imprensa pelotense – em relação a Porto Alegre – logo que se instalou na cidade, equiparou-se à da capital. Em Pelotas, no século XIX[16], existiam periódicos, como o Onze de Junho, o Diário de Pelotas*,* o Correio Mercantil e A Pátria, jornais que, segundo o autor, possuíam uma qualidade que pouco, ou nada, devia ao padrão porto-alegrense. Sobre os jornais O Pelotense e O Noticiador, Reverbel (1981, p.40) apresenta a seguinte informação:

---

escolaridade, diminui grandemente o número de analfabetos e forma-se uma classe média alfabetizada, interessada em conhecer e participar na vida pública.”.

[15] Para saber mais sobre as práticas de leitura em Pelotas no século XIX, ler Gonçalves (2010).

[16] Para conhecer a lista completa de periódicos que circularam em Pelotas no século XIX, ver Gonçalves (2010).

> o jornal de Cândido Augusto de Melo, lançado 24 anos após o estabelecimento do jornalismo na Província de São Pedro só é lembrado pela circunstância de ter sido o primeiro periódico de Pelotas. Bem mais significativo foi o Noticiador, segundo jornal pelotense, que circulou de 1854 a 1868, mantendo-se, assim, cerca de 14 anos, duração pouco comum, notadamente nos primórdios da imprensa gaúcha, cujos órgãos eram em geral de vida efêmera. Além de chegar aos 14 anos, o Noticiador teve o mérito de imprimir, na sua tipografia, diversas obras didáticas.

Já em junho de 1854, Cândido Augusto Mello decidiu publicar jornais que seriam distribuídos de forma gratuita para a população. Acabou por criar assim quatro jornais com esta política de distribuição, sendo destacados os jornais *O Pelotense* e *O Grátis*.

No ano de 1857, o quarto jornal a surgir em Pelotas foi o Ramalhete Rio-Grandense; logo depois, no mesmo ano, foram criados O Cometa, Araribá*,* O Brado do Sul (1858-1861) e O Grátis de Pelotas (1859). Em 1860 apareceram títulos como: Diário de Pelotas (1861); Álbum Pelotense (1861-1862), Mercantil (1862), O Mosaico (1862-1863), O Comércio (1862-1865), A Estrela (1863), Onze de Junho (1868-1889). Em 27 de agosto de 1890 foi fundado o Diário Popular – jornal em crescente circulação até os dias de hoje. Conforme Loner (1998, p.13), “o Diário Popular será o primeiro a abandonar o pequeno número de 4 páginas, insuficientes para acomodar todas as notícias e especialmente avisos, editais e outros tipos de publicações”. Osório (1998) lembra que no século XIX era frequente, em Pelotas, a fundação de jornais por donos de tipografia.

A partir de 1870, surgiu, em Pelotas, o prelo de ferro e, logo em seguida, a máquina a vapor que agilizou a editoração e a produção jornalística, viabilizando a sustentação de periódicos diários como o Diário de Pelotas (1868-1889), de Ernesto Augusto Gerngross, e o Correio Mercantil (1875-1915), de Antônio Joaquim Dias. No período de seu apogeu econômico e cultural (1860-1890), apontado por Magalhães (1993), Pelotas chegou a ter uma dezena de jornais com circulação simultânea.

Leschko (2011, p.88) faz a seguinte reflexão ao inventariar a indústria gráfica existente na cidade na década de 1920:

> foi possível, então, delimitar o parque gráfico pelotense na década de 1920 de duas formas: através de dados objetivos o qual foi possível quantificar essa indústria em número de oficinas bem como tecer comparação com outros centros importantes à época, e, através das peças gráficas deixadas e anúncios publicados foi possível, também, qualificar a atividade gráfica. Os dados obtidos nos Relatórios da Intendência permitiram verificar o número de empresas que se ocupavam da produção de impressos, que à época eram denominadas oficinas. De fato, na comparação dos números obtidos com as capitais culturais nacionais – Rio de Janeiro e São Paulo, e

> capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Pelotas dá mostras da efervescência cultural vivida que se reflete no expressivo número de oficinas gráficas.

Segundo os estudos de Loner (1998), os jornais existentes na cidade no período investigado, e que tinham uma periodicidade diária eram os seguintes: Correio Mercantil (1875), A Pátria (1886), Diário Popular (1890), Tribuna Federal (1893), A Opinião Pública (1896) e A Reforma (1906-1911). Segundo a autora, esses jornais, no princípio da República Velha, costumavam ter 2 folhas, impressas dos dois lados, com um tamanho variável entre 45 cm x 62 cm e 41 cm x 60 cm. Era comum que as duas primeiras páginas ficassem dedicadas às notícias; a terceira dividia os espaços entre anúncios e editais; e a última era constituída integralmente por propagandas. Dentre os jornais investigados nesta pesquisa, o Correio Mercantil destacou-se por ser um dos mais antigos e por envolver-se em campanhas de melhorias para a cidade. Conforme Loner (1998, p.4), seu fundador esteve presente em campanhas beneméritas, como a fundação da Bibliotheca Pública Pelotense e do Asilo de Mendigos e, em suas mãos, “o jornal foi abolicionista e depois republicano, mas sempre com posições moderadas e conservadoras, sem partidarismo explícito”.

Rüdiger (1999, p.47) informa que o Correio Mercantil foi também o introdutor do uso de maquinários a gás na imprensa da província, tornando-se um dos primeiros jornais a estabelecer serviço telegráfico regular para transmissão de notícias. Ainda, em 1881, apesar do alto custo, seu fundador, Antônio Dias, conseguiu montar uma estrutura empresarial em seu jornal. Dessa maneira, a imprensa pelotense foi deixando de ser artesanal, com publicações esporádicas e eventuais, para se tornar industrial, com a circulação de exemplares diários.

Este jornal foi acessado, no acervo da Bibliotheca Pública Pelotense, durante a realização da dissertação que originou esta tese. No entanto, hoje, lamentavelmente, parte do acervo da Bibliotheca está indisponível para os pesquisadores, como pode ser observado nas fotografias que seguem. Na primeira imagem do ano de 2006, apresentada a seguir, o acervo estava integralmente disponível para os pesquisadores. Já na segunda e terceira imagem, realizadas no ano de 2008, partes do acervo de alguns jornais começam a ficar indisponíveis para pesquisa. A prática adotada pela instituição foi a de lacrar as publicações não permitindo mais o manuseio das mesmas.

Entende-se, então, que com a exposição dos anúncios nesta tese, essa poderá se tornar, no futuro, fonte para outros pesquisadores. Isso porque, infelizmente, o acervo da Bibliotheca Pública Pelotense vem sendo desfalcado ao longo dos anos.



Figura 6 – Fotografia, do ano de 2006, dos Jornais liberados para pesquisa no Museu da BPP.



Figura 7 – Fotografia, do ano de 2008, dos Jornais lacrados para pesquisa no CEDOV da BPP
Fonte: Gonçalves (2010, p.40).



Figura 8 – Fotografia, do ano de 2008, dos Jornais Correio Mercantil, Diário de Pelotas, lacrados e dos liberados para pesquisa no CEDOV da BPP.
Fonte: Gonçalves (2010, p.40).



Figura 9 – Fotografia realizada em dezembro de 2011, dos Jornais Correio Mercantil, Diário de Pelotas e Diário Popular, parcialmente liberados para pesquisa no CEDOV da BPP.

No entanto, é importante chamar a atenção, por fim, de que em 2011 a administração da Bibliotheca Pública Pelotense, orientada por profissionais da área de História, começou a liberar parcialmente algumas das encadernações dos Jornais Diário de Pelotas e Correio Mercantil, por entender que apresentavam pequenas avarias não se justificando, portanto, a total proibição de acesso aos pesquisadores. Essas mudanças de entendimento da administração do acervo, sem dúvida, deixam o pesquisador refém. Lamenta-se essa realidade e registra-se aqui essa especificidade da investigação em acervos para que novos pesquisadores tenham conhecimento desses possíveis cenários.

Ainda sobre a trajetória do jornalismo em Pelotas, destaca-se que, no princípio do século XX, ocorreu na cidade a difusão de duas grandes complementações às técnicas até então utilizadas na impressão: o uso da fotografia nas ilustrações das publicidades e crônicas em substituição aos desenhos e a utilização do sistema de impressão *offset* (1904), que ampliaram enormemente o campo de aplicação litográfica. Esta passou a ser gradativamente utilizada em maior escala na publicidade para, posteriormente, ser empregada nas reportagens jornalísticas (VANTI, 2003, p.51).

Com relação à produção jornalística da cidade, Arriada (s.n.t)[17] afirma que o Jornal A Pátria foi fundado em 1884 por Albino Costa, um português de nascimento, que se mudou de Livramento. Lá dirigia o Correio do Sul, além de também ter sido redator de outro jornal também denominado A Pátria. Este era publicado em Montevidéu, em português, na condição de órgão da colônia brasileira no Uruguai. É importante lembrar que este era um tempo em que Montevidéu era uma referência cultural tendo muitas ligações com Pelotas. A capital uruguaia abrigava muitos rio-grandenses, fato que levava o jornal a ser escrito em português, já que existia um público leitor. O Jornal A Pátria teve duas fases. A primeira durou de sua fundação ao ano de 1888, período em que foi dirigido por Albino Costa. Na segunda, foi vendido para Ismael Simões Lopes, que parou de publicá-lo dois dias antes de seu falecimento, em junho de 1891. O acervo do *A Pátria*, incluindo seu parque gráfico, foi incorporado ao Diário Popular, criado no ano anterior (REVERBEL, 1981, p.41).

No Brasil, entre os anos de 1861 e 1890, existiam mais ou menos três mil e trezentos títulos de jornais. Esses números mostram a ebulição do jornalismo que, além de noticioso, apresentava em suas páginas temas literários, artísticos e científicos. Foi nesse período que surgiu a imprensa especializada em temas rurais, jurídicos, militares e de moda. Assim, o conteúdo apresentado pelos jornais cresceu, dando espaço à propaganda, aos acontecimentos dos outros países, às notícias locais do dia a dia (SODRÉ, 1966).

É importante salientar que a utilização da propaganda, como um grande atrativo de receita, fez-se porque existia um número expressivo de tiragem de jornais e, com isso, um vasto número de leitores, algo que se tornava realmente interessante aos comerciantes. Novais (1998, p.201) ilustra como a publicidade era presente na sociedade oitocentista brasileira. Segundo ele:

> a destacada presença da publicidade na corte aponta para um mercado consumidor bastante movimentado já na década de 1850. Trinta anos depois os anúncios, que já ultrapassavam as folhas dos jornais diários, invadiam os muros e espaços vazios da cidade. A cultura visual dos jornais, revistas e das ruas abre uma janela para o cotidiano oitocentista do Rio de Janeiro, permitindo avaliar os significados atribuídos às noções de conforto e bem viver. A maior parte da publicidade era ilustrada com desenhos ou acompanhada de uma minuciosa descrição que permitia uma visualização clara do produto a ser consumido.

[17] (ARRIADA, s.n.t). Do " O Pelotense" ao " Diário Popular" (1851-1890): 39 anos de jornalismo em Pelotas.

O elevado volume de produtos a serem anunciados nos fins do século XIX tornou inviável a relação entre os comerciantes e os responsáveis pelos periódicos; com isso, surgiram, então, os intermediários – pessoas especializadas para o cargo – bem como os escritórios ou as agências. Estes assumiram, assim, o controle dos anúncios. A penetração cada vez maior da publicidade nos jornais fez mudar radicalmente a maneira como a imprensa vinha sendo feita. Evoluindo cada vez mais, os anúncios passaram a fazer parte da estrutura básica de um jornal. Segundo Simões (2006), em meio aos produtos anunciados no princípio da propaganda brasileira, os anúncios de professores chamavam a atenção.

Já em Pelotas, no ano de 1912, quando foi lançada a Revista do 1º Centenário de Pelotas – uma publicação comemorativa do centenário de fundação da cidade – observa-se a forma como a propaganda anunciada nessa publicação foi vista por João Simões Lopes Neto[18], seu diretor-proprietário:

> os anúncios publicados devem ser tomados mais como atestados, documentos da capacidade industrial e comercial desta época da cidade, do que propriamente como reclames. O conjunto deles, no futuro, dirá o que éramos e o que valíamos; e, mesmo atualmente, provará a potencialidade econômica municipal, em cotejo com outras da mesma e até de maior idade (LOPES NETO, 1948, p.22).

Para Reverbel (1981, p.77), com essa publicação, ele pretendia que as comemorações não se limitassem a atos de caráter apenas festivo. Desejava que tivessem "embasamento histórico, sentindo-se no dever de proporcionar aos interessados os elementos de que dispunha, como estudioso do passado da sua terra e da sua gente". Tornou-se bastante significativo o modo como Lopes Neto enxergava o conteúdo sócio-econômico da publicidade. Esse testemunho apontou para o fato de que os anúncios eram uma realidade para aquela sociedade que fazia uso da propaganda: um espaço em que o contexto da época ficou registrado para a história. Observa-se, tanto nos anúncios comerciais como nos das instituições de ensino deste tempo, a existência de um discurso que enaltecia o desenvolvimento da cidade. Expressões, como "a melhor", "vastíssimos", "vantajosamente conhecido", "reconhecida qualidade", foram comumente exploradas nos anúncios.

[18] Ele é considerado um grande escritor regionalista brasileiro, precursor do Modernismo. Dentre as suas obras estão: Contos Gauchescos, Lendas do Sul, Causos de Romualdo, assim como inúmeras peças de teatro, crônicas e poesias. Foi um entusiasta nas comemorações do Centenário de Pelotas, em 1912, quando fundou a Revista do Centenário (AMARAL, 2003).

Ao realizar esta investigação não foi possível identificar, nos jornais pelotenses, os valores cobrados pelos espaços destinados à propaganda. No entanto, pela oferta de jornais existentes na cidade, na virada no século XIX para o XX, e de sua consequente concorrência, e também pela diversidade de anunciantes encontrados e pela quantidade de anúncios publicados, imagina-se que os custos estavam diretamente vinculados às técnicas de impressão da época. Já na atualidade, esses valores são passados para os anunciantes ou seus representantes, como agências de comunicação. São preços relativamente altos quando se anuncia unitariamente[19]. Contudo, em razão da grande circulação e pensando no público que tem acesso ao jornal, muitas instituições o utilizam em função de uma garantia de retorno de visualização. Importante destacar que, hoje, Pelotas conta com dois jornais diários: o jornal Diário da Manhã[20] e o jornal Diário Popular.

3.3 O Jornal Diário Popular

Numa tentativa de síntese da trajetória do jornalismo em Pelotas, torna-se importante destacar o periódico Diário Popular, importante fonte para esta pesquisa. Esse diário, de 121 anos, atualmente disponibiliza em sua página na Internet[21] uma linha do tempo em que destaca os principais acontecimentos na sua história. Muitos destes são agora explicitados.

Fundado em 27 de agosto de 1890 por Teodósio de Menezes, como órgão do Partido Republicano, tinha por objetivo a defesa da República, contribuindo, na época, para a consolidação do novo regime. Segundo matéria publicada em 25 de agosto de 1990, por ocasião do seu centenário, Theodósio de Menezes “associa-se ao tipógrafo José Maria da Luz e tem apoio dos entusiastas do novo regime, entre os quais, Pedro Osório, Alberto Rosa, Cypriano Barcellos, João Py Crespo e o coronel Guilherme Echenique”. Este último, por sua vez, era

[19] O preço de produção de um anúncio para jornal é normalmente menor e mais simples do que para a Internet, televisão ou mesmo rádio. Já a sua divulgação se torna bastante elevada na atualidade.
[20] Periódico criado em Pelotas em 1979.
[21] Também disponibiliza parte do seu acervo digitalizado que vai do ano de 2001 até o ano de 2009. Contudo, infelizmente são expostas apenas as matérias e a capa do jornal (sem mostrar as suas páginas diagramadas tampouco as propagandas anunciadas).

integrante da sociedade Echenique e Cia. que administrava a Livraria Universal[22]. Sete anos após sua fundação, por questões de divergência partidária, Theodósio sai do jornal para fundar a folha “A Opinião Pública” (LONER, 2001, p.95).

Inicialmente ele era publicado no formato *standard* 90 cm x 65 cm e continha 4 páginas. Em 1923 apresenta-se com 8 páginas no formato 84 cm x 57 cm sendo publicado todo em tipografia (LESCHKO, 2011).

O jornal testemunhou períodos de efervescência política, como a fase bastante agitada de Getúlio Vargas na presidência do Brasil. De 1890 a 1938 recebeu, em muitas oportunidades, recursos financeiros do Partido Republicano e de seus líderes para continuar em circulação (DORNELLES, 2003).


DIARIO POPULAR

Orgão do Partido Republicano

MAIS UMA ETAPA

ANNIVERSARIO TRADICIONAL

Passado honroso

Figura 10 – Capa da edição alusiva ao aniversário do Jornal Diário Popular.
Fonte: Diário Popular, 27/08/1927.

No início do ano de 1938, com o advento do Estado Novo, decretado por Getúlio Vargas, que levou à extinção dos partidos políticos, o Diário Popular perdeu sua legenda política (DORNELLES, 2003). Foi neste ano que passou a pertencer à

[22] Para mais informações, ler: Gonçalves (2010) e Leschko (2011).

Gráfica Diário Popular Ltda., da família Fetter, que o mantém com recursos gerados na própria atividade até os dias atuais. Em 1949, o integrante do grupo fundador do jornal, o quotista Adolfo Fetter, assume a liderança da empresa, permanecendo em sua direção até o seu falecimento, ocorrido em 1967. Antes disso só tinha se afastado do jornal uma vez, entre os anos de 1956 a 1960, período em que foi prefeito de Pelotas[23].

No ano de 1981, a partir de um plano de reestruturação administrativa, de renovação gráfica e editorial, começa um projeto de transformação do antigo formato *standart* em tabloide, como já abordado. Dá início assim a aquisição de novos equipamentos e a qualificação de profissionais para o novo esquema operacional. Em 1984, com a compra de duas unidades da impressora rotativa Goss Community acaba por substituir o antigo sistema tipográfico pelo de impressão *offset*, além de mudar o formato do jornal para tabloide, 29,5 cm x 43 cm, iniciando um plano de modernização tecnológica que lhe permitiu acelerado crescimento.

A primeira edição após a mudança, publicada em 16 de setembro do referido ano, foi a maior da história do jornal, com um total de 186 páginas, contendo 11 cadernos (DIÁRIO POPULAR, 16/09/1984).

O seu desenvolvimento justifica-se pela vantagem de o jornal ter se instalado em uma região portuária, próxima ao porto da cidade vizinha, o município de Rio Grande. Através desta cidade as máquinas puderam chegar, viabilizando a utilização das tecnologias gráficas e também a aquisição de papéis e tintas advindos da França, Inglaterra e outros países europeus. Em tal contexto, o Diário Popular aos poucos qualifica a produção gráfica de seu periódico, por meio da aquisição de máquinas, motores e tipos móveis. O processo de impressão começa a tornar-se mais rápido, possibilitando a prestação de serviços a outros jornais e empresas da região (DIÁRIO POPULAR, 25/08/1990).

No ano de 1986 inicia-se um processo de informatização dos diversos setores da empresa e em 1990 mais duas unidades de impressora *offset* são importadas dos Estados Unidos[24], alterando o formato para 34,5 cm x 48,5 cm.

Já em 1995, o diferencial estava na aquisição de duas unidades de impressoras com dispositivos para operar em cores, seguidas de um conjunto de

[23] Fonte: http://www.diariopopular.com.br/site/content/diario-no-tempo/index.php. Acesso em: 11/11/2011.
[24] Fonte: http://www.diariopopular.com.br/site/content/diario-no-tempo/index.php. Acesso em: 11/11/2011.

pré-impressão com os dois primeiros computadores Macintosh. Na comemoração do aniversário de Pelotas é publicada a primeira edição em cores, após a aquisição desses equipamentos – na época considerados de última geração. No final do mesmo ano, o Jornal ganha seu espaço na rede mundial de computadores ao criar sua primeira página na Internet.

No ano de 2007 funda uma sucursal no município de Rio Grande e em 2009 ingressa no jornalismo *on-line* com a criação de seu novo portal na rede mundial de computadores.

Atualmente, é um dos jornais mais bem equipados do interior do Estado, com redação informatizada e editoração eletrônica, inaugurando, como anteriormente indicado, o sistema de impressão em cores. Hoje, nos dias úteis, circula com uma média de 36 a 40 páginas e, aos domingos, possui de 84 a 96 páginas. Até o ano de 1995, não circulava nas segundas-feiras. Já na atualidade, circula em 23 municípios da Zona Sul, todos os dias da semana, impresso em um conjunto de seis unidades Goss Community, com capacidade para produzir até 32 páginas em formato tabloide (38 cm x 29 cm) a uma velocidade de 14 mil exemplares por hora[25].

Realizando-se uma incursão sobre a trajetória da imprensa em Pelotas, e com o contato direto com os jornais, observou-se que a fonte privilegiada, nesta pesquisa – a propaganda –, ao que tudo indica, tem sido um dos meios de comunicação mais utilizado pelas instituições de ensino de Pelotas para se aproximar de seu mercado consumidor. Tal assertiva é verificada na virada do século XIX e princípio do XX uma vez que, naquele momento, o jornal era o meio de comunicação mais popular e difundido no Brasil. Já no século XXI esta mídia convive com outros tipos de meio de comunicação. Ainda assim o jornal, na atualidade, se comparado à televisão, ao rádio e à Internet, torna-se uma das mídias menos onerosas para os anunciantes e com significativa circulação entre os leitores.

Com esta investigação foi possível identificar também a diagramação do Jornal Diário Popular ao longo dos séculos XIX, XX, XXI identificando os espaços destinados às propagandas. Conforme a estrutura da página se alterava, os anúncios das escolas também se acomodavam a esta realidade. Essa organização

[25] Fonte: http://www.diariopopular.com.br/site/content/diario-no-tempo/index.php. Acesso em: 11/11/2011.

espacial de um impresso no campo do *Design* é chamada de Grid[26]. A grade é um sistema de planos ortogonais que secciona a informação em escala espacial, hierarquizando e ordenando a informação, dividindo a página em eixos horizontais e verticais (SAMARA, 2009). A estrutura da grade arranja o conteúdo visual dentro do espaço tipográfico, que se subdivide em partes hierarquicamente relacionadas dentro do campo com direção, ritmo e movimento para uma leitura previamente definida pelas linhas, às vezes imaginárias, outras, formadas pelas colunas e parágrafos de textos e pelas imagens (MEGGS, 2009).

Ao longo dos períodos analisados por esta pesquisa, a organização espacial do Diário Popular, portanto, deu espaço para os anúncios. O que chama a atenção é que no século XIX, por conta do tamanho das páginas do jornal no formato *standard* e da quantidade de colunas, os anúncios das escolas ficavam misturados em meio a outras propagandas, possuindo, inclusive, uma página dedicada somente às propagandas. O tamanho dos anúncios não era fixo, podendo ocupar três, quatro ou apenas uma coluna, como pode ser observado na imagem que segue. Nesse período, era muito comum encontrar anúncios grandes contendo muitos detalhes sobre as escolas. Já as páginas dos jornais da década de 1910, possuíam 8 colunas grudadas o que dificultava, em alguns momentos, dependendo do tamanho do anúncio e de sua chamada, encontrá-los na página. Apresentava também fios para dividir as sessões, utilizando-se de fonte do tipo *bold* (negrito) para apresentar a sessão dos anúncios. Essa era, portanto, uma época em que a linguagem dos jornais caracterizava-se pelo bloco compacto de texto, com colunas quase encostadas umas nas outras formando uma massa densa e indiferenciada (MELO, 2012).

Na década de 1920, como ilustra a Fig. 12, o jornal passa a ter nove colunas, além de continuar ofertando uma variada opção de fontes e de utilização de bordas que vão diferenciar um anúncio do outro. As fontes vão permitir outro importante recurso gráfico: o uso de títulos com um tamanho de fonte maior do que o corpo do texto, além de apresentar-se em *bold*. Neste momento ainda era muito comum que os anúncios ficassem concentrados em uma mesma página ou que se misturassem às notícias. Existia também um arejamento entre os anúncios que ocorria tanto pelo espaço entre eles quanto pelas linhas utilizadas para separá-los.

[26] Para mais informações, ler: Samara (2007) e Meggs (2009).

Os jornais da década de 1930 da coleção do Diário Popular pesquisados apresentavam sete colunas concentrando a mancha gráfica e dando mais espaçamento entre elas, além de aumentar a borda do jornal. Esses elementos auxiliam tanto na hierarquização das informações, quanto na legibilidade.

Na década de 1940, permanecem sete colunas, porém, com maior espaçamento entre as mesmas. Ilustrações também são ofertadas aos comerciantes, mas as instituições de ensino não as utilizam, uma vez que neste período não se encontrou ilustração nos anúncios escolares. Na década de 1950 essas características permanecem e o número de colunas aumenta para nove. A frequência de propagandas das escolas começa a diminuir, como será abordado posteriormente.

Algumas páginas representativas das décadas aqui descritas serão publicadas em ordem nas imagens que seguem:

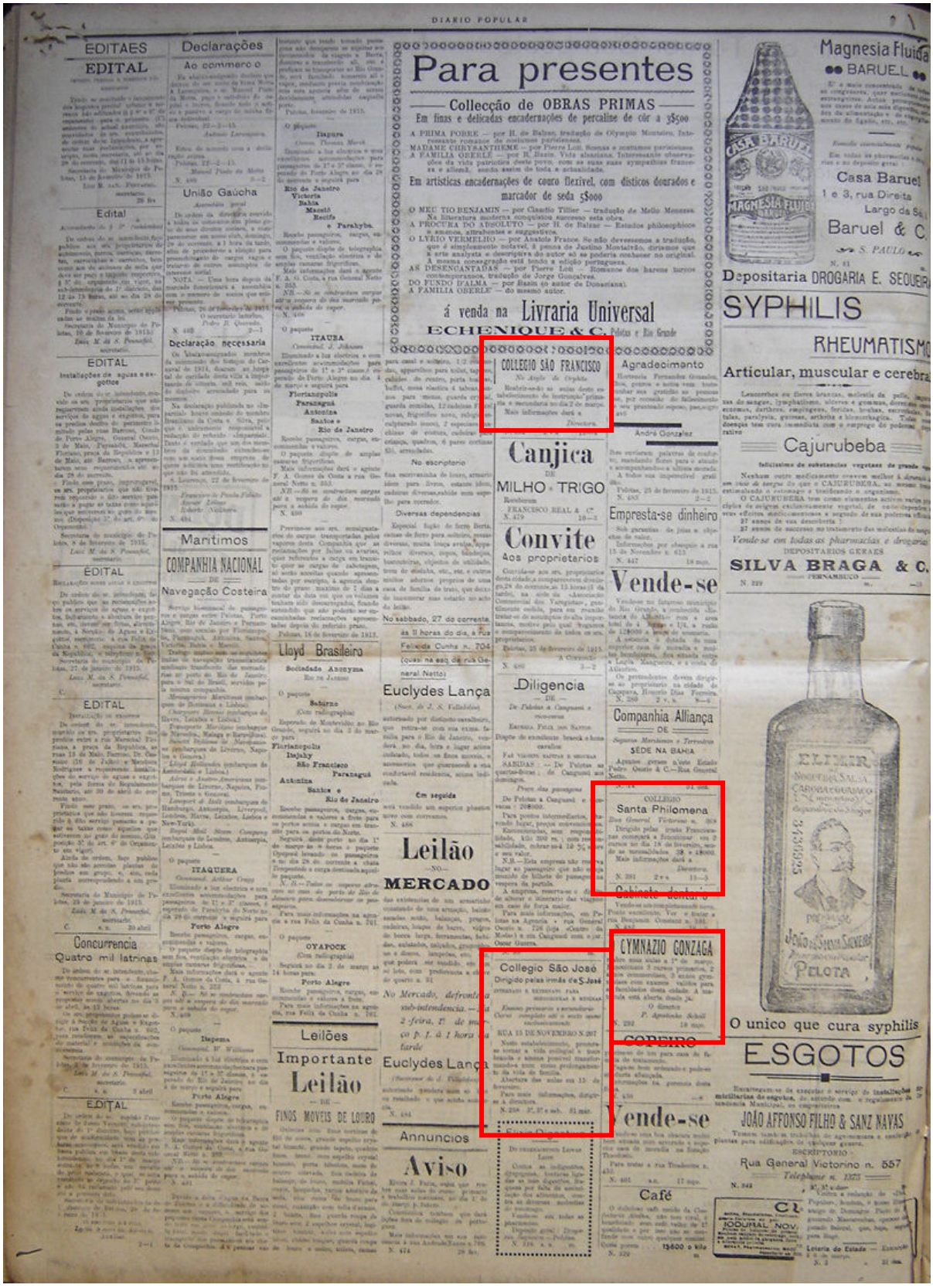


Figura 11 – Página interna do Jornal Diário Popular.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 27/01/1915.



Figura 12 – Página interna do Jornal Diário Popular.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 17/03/1929.



Figura 13 – Página interna do Jornal Diário Popular.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 08/03/1937.



Figura 14 – Página interna do Jornal Diário Popular.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 15/02/1942.



Figura 15 – Página interna do Jornal Diário Popular.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 25/02/1958.

Nas décadas de 60, 70, 80 e 90 do século XX, o jornal Diário Popular vai alterando o número de colunas bem como a quantidade de páginas das suas edições.



Figura 16 – Página interna do Jornal Diário Popular.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 28/01/1967.

Na década de 80 do século XX, o jornal cria uma coluna dedicada à educação e é nessa seção que os anúncios das escolas passaram a concentrar-se, em meio às notícias referentes ao ensino nacional e local. Na década de 1990, a

seção recebe o nome de educação e cultura e as propagandas das escolas se concentram nessa seção. O espaçamento entre colunas é maior o que permite uma melhor legibilidade das informações. Este é o último ano em que o Diário Popular é impresso no formato *standart*, alterando-se para tabloide no ano de 1984 como já relatado.



DIÁRIO POPULAR — PELOTAS, DOMINGO, 27 DE FEVEREIRO DE 1983 — PÁGINA 7

Em 83, UCPel trabalha na qualidade do ensino

VOLTA ÀS AULAS

MATERIAIS ESCOLARES SOBEM O DOBRO EM RELAÇÃO A 1982

SME fará reuniões com escolas do Município

Odonto dará atendimento geral a partir do dia 1.º

A Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas está comunicando à população em geral, especialmente àquelas que não contam com assistência previdenciária, que as clínicas da Faculdade, a partir do dia 1.º, terça-feira, estarão prestando todo tipo de tratamento buco-dentário, tanto para adultos como para crianças.

Os interessados devem dirigir-se à Faculdade de Odontologia, situada à rua Gonçalves Chaves, 457, quase esquina com Tiradentes

Setor de Informática da 5.ª DE prevê a volta de 27 mil alunos às escolas

Rede municipal receberá apenas 150 alunos a mais

Agora, 20 escolas a menos

ESTUDANTE

Contiando em ti estamos confiando no futuro de nosso País.

Desejamos que o ano letivo seja repleto de realizações.

O COLÉGIO GONZAGA recebe os seus alunos de coração aberto.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS

Secretaria Municipal de Administração

DEPARTAMENTO DE MATERIAL

Tomada de Preços n.º 06/83

MATERIAL ESCOLAR SUPER-ATACADO
ESQUINA dos BOHNS S.A.

A melhor notícia do ano que vem:
Você na faculdade!
Com o Curso Abril Vestibular você pode estudar agora por conta própria, utilizando inteligentemente seu tempo, fazendo o curso mais seguro, completo e barato do Brasil.
Curso Abril Vestibular

MATERIAL ESCOLAR SUPER-ATACADO
ESQUINA dos BOHNS S.A.

O Principal
Saúda professores e estudantes de Pelotas, desejando que 1983 seja repleto de realizações.
MAL. FLORIANO N.os 1 e 16

ESCOLA DE 1.º GRAU
"CASTELINHO DO SABER"
Matrículas abertas até 10 de março
CURSOS:
Maternal: 2 anos de idade
Jardim Infância
Pré-Fundamental – 3, 4 e 5 anos
Fundamental – 1.a à 8.a séries
Atendimento especializado,
Condução própria.
Rua 15 de Novembro, 902 – Fone: 22-3370

"CASTELINHO"
PINGO DE GENTE
Matrículas abertas até 10 de março CRECHE ESPECIALIZADA onde você poderá deixar seu filho desde 4 meses de idade até 2 anos
Atendimento: 12h. por dia
Turnos: manhã e tarde
Informações: 15 de Novembro, 908 – Fone: 22-3370

CADÊMICO
PRÉ-VESTIBULAR
O JATÃO DO VESTIBULAR
MATRÍCULAS ABERTAS
Rua Santa Cruz, 1769 esquina Lobo da Costa
Fone 22-1736

Figura 17– Página interna do Jornal Diário Popular.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 27/02/1983.

Na década de 1990 seu formato é tabloide e sua diagramação apresenta seções horizontais. Nesta página, especificamente destacada, (ver Fig. 18), os anúncios das escolas ocupam duas colunas e estão encaixados entre as notícias. Percebe-se que nas duas propagandas as escolas possuem marcas/logotipos que as destacam e as identificam e que o jornal, nesse período, oferece a possibilidade de impressão de fotografias. Essa realidade é identificada na notícia em destaque sobre a aquisição de novos sócios para a biblioteca.



Educação e Cultura

Domingo 9 de fevereiro de 1992 19 DIÁRIO POPULAR

Programa escolar incentiva o reaproveitamento do lixo

Adote uma escola. Esse é o nome do programa escolar de reaproveitamento do lixo a ser desenvolvido pelo Departamento de Processamento do Lixo do Sanep nas escolas municipais e estaduais no retorno às aulas. O programa tem como proposta básica repassar ao meio escolar noções genéricas sobre reaproveitamento do lixo, engajando-se na proposta de educação ambiental, além de propiciar à escola uma fonte de renda através da venda do material reciclável.

Durante este mês serão mantidos contatos com os professores que participarão do programa quando os técnicos do Sanep fornecerão esclarecimentos sobre o assunto através de palestras e apostilas. As noções sobre meio ambiente serão repassadas aos alunos pelos professores de ciências com auxílio dos profissionais, estando prevista visita à área experimental de compostagem do Departamento de Processamento de Lixo.

Além da conscientização sobre o meio ambiente, o programa funcionará como fonte de renda para as escolas que arrecadarão o lixo reciclável como papel, plástico, vidro e metal, junto aos alunos e comunidade ligada ao educandário. Este material será retirado pelo Sanep, com calendário estabelecido, vendido e a renda vai para a própria escola que decidirá a sua utilização.

Biblioteca tem novos sócios

Devido ao alto preço dos livros e aos salários baixos, que tornam a leitura inacessível para um grande número de pessoas, é cada vez maior a afluência de novos sócios à Biblioteca Pública Pelotense, o que é considerado extraordinário nesses meses de janeiro e fevereiro.

Enquanto em fevereiro cerca de quatro pessoas tornam-se sócias da Biblioteca, diariamente, em janeiro, o mês que registra sempre o menor índice de procura, 35 pelotenses associaram-se à casa cultural.

O presidente da Biblioteca, Joaquim Salvador Pinho, destaca que essa procura não surpreende. "Considerando-se que a taxa mensal de pagamento dos associados, de Cr$ 1.200,00 é menor que o pagamento de uma sessão de cinema, de um folheto qualquer, semelhante a locação de uma fita de vídeo, não é extraordinário que um número cada vez maior de pessoas busque as vantagens de uma biblioteca", frisa Pinho.

Com um prazo de 15 dias para restituição, os associados podem retirar dois livros de cada vez e, dependendo da rapidez da leitura, quantos livros desejarem, por mês. Agora em fevereiro, devido às férias, o prazo para restituição foi dilatado para 30 dias.

Com o grande número de doações que acontece, o acervo da casa mantém-se atualizado e as obras que registram grande procura de pedidos são adquiridas pela Biblioteca, se não constarem do acervo, o que acontece, principalmente, durante o ano escolar.

ACESSO à casa de cultura tem sido intenso

Para associar-se à entidade, basta apenas a apresentação de uma foto, documento de identidade e qualquer atestado de residência (contas de água, luz ou telefone, por exemplo), mais o pagamento da carteira de sócio e da taxa mensal.

Com mais de 14 anos já é possível associar-se. Com menos, é necessário assinatura do responsável.

Não há prazo de carência. No ato da associação já podem ser retirados livros por empréstimo.

No mês de janeiro a Biblioteca Pública marcou 492 consultas e pesquisas; 1.126 empréstimos de livros, mais 576 consultas a jornais e revistas.

Apesar da Biblioteca Infantil e o Museu Histórico serem mantidos funcionando, o índice de visitação e estudo, nesse período de férias, é bem mais baixo do que durante o ano, o que também é registrado no setor de pesquisa.

Itepa da UCPel faz pesquisa

Promovida pela Coordenadoria Pró-Desenvolvimento da Zona Sul e contando com o apoio do Sebrae/RS, o Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria (Itepa) da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) vem dando andamento à pesquisa de campo nas indústrias de vestuário da Zona Sul do Estado. O professor Osmi da Rosa - diretor da Itepa - disse que a receptividade à pesquisa está sendo das melhores possíveis e tem-se a expectativa de atingir plenamente os objetivos traçados.

Durante esta semana começou a visita à empresas em Bagé e Rio Grande, contando naquelas cidades, com o apoio da Associação Comercial e Industrial de Bagé e da Associação das Pequenas e Micro Empresas de Rio Grande. Em Pelotas já foram enviados pelo correio, questionários de identificação para 80 empresas, das quais mais de 30 já foram visitadas, posteriormente pelas pesquisadoras do Itepa.

"Nem todas as empresas serão visitadas" - acrescentou o professor Osmi - "e por isto é importante que aquelas que não forem visitadas, devolvam com brevidade possível e devidamente preenchido o formulário que recebeu pelo correio, a fim de que seus dados possam constar na publicação que será feita com os nomes e dados essenciais de todas as empresas da Zona Sul". Essa publicação será também uma importante ferramenta de marketing para todas as empresas que tiverem seus dados publicados.

Se alguma empresa não recebeu o formulário pelo correio, poderá entrar em contato com o Itepa na UCPel - telefone 25.3455 ramal 249 - a fim de que lhe seja enviado o respectivo material e instruções. O propósito do Itepa é terminar com a coleta de dados ainda este mês e apresentar o resultado final no 6º Seminário Pró-Desenvolvimento da Zona Sul, a realizar-se no início de abril, em Pelotas.

A falta de candidatos fez com que o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade de Ijuí (Unijuí) suspendesse as provas do vestibular dos cursos de Filosofia, Geografia e Pedagogia na habilitação Pré-Escolar, nos cursos de História, Filosofia e Geografia que funcionam no Campus da Unijuí, na cidade de Santa Rosa, e nos cursos de Geografia e Pedagogia do regime especial de férias, num total de mais de 360 vagas. Os 47 candidatos que fizeram a opção por algum desses cursos foram convidados a refazer a opção. A pró-reitoria de Ensino da Universidade de Ijuí (a 415 quilômetros de Porto Alegre), Antônia Busmann, garantiu, no entanto, que as vagas para estas faculdades serão novamente oferecidas no vestibular de inverno. A Universidade de Ijuí oferece um total de 23 cursos. Para o vestibular de 1992, foram 2.090 vagas, disputadas por 2.300 alunos. (Porto Alegre-AJB/DP)

Artes & fatos

Pós-graduação

Estarão abertas, a partir de amanhã, na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) as inscrições para preenchimento de vagas ao curso de Pós-Graduação em Educação.

De acordo com informações das coordenadoras do curso, professoras Maria Lúcia Dias e Maria Helena Martins, as vagas serão preenchidas conforme a ordem de chegada dos candidatos. O número de vagas para cada área é o seguinte: Educação Especial, quatro; Educação de Adultos, 20 e Metodologia do Ensino, 11 vagas.

As inscrições podem ser feitas na sala 207 do prédio da reitoria da UCPel em horário de expediente que é o seguinte: segunda-feira, das 13h às 15h e de terça a sexta-feira, das 9h às 13h. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone 25.3455 ramal 262.

Ensino regular

A 5ª Delegacia de Educação está informando que o período de inscrição para as provas de ingresso do Ensino REgular de 1º Grau, nos termos do Parecer 147/75 é de 10 a 18 deste mês, no Colégio Pedro Osório e demais escolas selecionadas no interior, no horário das 8h30min às 11h30min. As provas serão realizadas nos dias 21, 24, 26, 27 e 28 do corrente mês.

Curso em Israel

A Secretaria da Educação está selecionando um professor para participar de curso de informática na Educação, com duração de 40 dias, em Israel. Os candidatos devem ter cursos de Administração e Supervisão de Escola, um mínimo de cinco anos de exercício na função e domínio do Inglês. Os interessados devem dirigir-se à Secretaria da Educação, na rua Ramiro Barcelos, 1.274, em horário comercial, em Porto Alegre. (Impiratini/DP)

Cursos

O Centro Informativo de Ensino e Pesquisa (Ciep) da Fundação Aplub de Crédito Educativo (Fundaplub) oferece informações atualizadas sobre cursos de graduação e pós-graduação em universidades no Brasil e no Exterior. Mais informações podem ser obtidas na avenida Júlio de Castilhos, 44, 5º andar, fone (051) 226-9307, ramal 221, com Themis.

Vagas

O Colégio São José ainda possui vagas para ingresso no primeiro semestre de 1992 do pré até a 3ª série do 2º Grau.

A escola inicia o ano letivo com moderno laboratório de informática, com computadores de última geração.

ESCOLA PARTICULAR
RECANTO INFANTIL
1º GRAU INCOMPLETO
40 anos dedicados à educação
TURNO: MANHÃ E TARDE
MATERNAL — JARDIM — PRÉ
1ª a 4ª SÉRIE
PROPORCIONANDO ATIVIDADES DE: INGLÊS, VIOLÃO, KARATÊ, DANÇAS FOLCLÓRICAS, GINÁSTICA RÍTMICA.
MATRÍCULAS ABERTAS
RUA ANCHIETA, 1014 — FONE 25.5397

COLÉGIO SANTA MARGARIDA
Escola de 1.º e 2.º Graus
1934-1992
"58 ANOS A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO"
JARDIM DA INFÂNCIA, 1ª A 8ª SÉRIES
2º GRAU: P.P.T.-MAGISTÉRIO REGULAR E ESPECIAL (APROVEITAMENTO DE ESTUDOS PARA QUEM JÁ CONCLUIU O 2º GRAU)
MATRÍCULAS PARA 1992
DE 11 A 14/02/92
INFORMAÇÕES FONE: 22-4730

CENTRO DE APRENDIZAGEM
DOIS MAIS DOIS
COMUNICAMOS NOSSO NOVO ENDEREÇO
BARÃO DE SANTA TECLA, 658
MATRÍCULAS ABERTAS
Horário: 12h30min às 18 horas
Crianças de 1 a 6 anos
Fone 25.6879
OSÓRIO, 1221 - FONE 25.6879

LIVRARIA MUNDIAL
VENDE
SACOLA BÁSICA
1 pasta c/ elástico
1 lápis
1 borracha mercur 40
1 CX LÁPIS DE COR PEQ.
1 TENAZ 40
1 CADERNO 4 X 1 WIRO
2 CADERNO 48 FLS. ESPIRAL 100CHAMEQUINHO FLS.
3 CANETAS FABER
1 RÉGUA 20 CM
1 APONTADOR FABER SIMPLES
3 MATRIZES
PREÇO C/ DESCONTO
PELOTAS - RIO GRANDE
NO CALÇADÃO
BEM PERTO HARA O MEIO DIA

Figura 18 – Página interna do Jornal Diário Popular.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 09/02/1992.

Na primeira década do século XXI, as escolas aproveitam os recursos de composição e impressão ofertados pelo jornal Diário Popular e publicam anúncios em cores, utilizando fotografias e, em alguns casos, usando toda a página para divulgar a sua propaganda, como pode ser verificado na próxima imagem:



Figura 19 – Página interna do Jornal Diário Popular.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 10/10/2010.

Diante do todo o exposto, é possível verificar que ao longo da existência do jornal Diário Popular as propagandas das escolas acompanhavam a sua modificação gráfica. Os anúncios, então, se alteravam adequando-se às condições de produção e impressão da época; à capacidade técnica de sua elaboração; bem como mediante as situações sociais que modificavam a abordagem dos seus conteúdos. A prática do uso da propaganda impressa, como pode ser aferida nesta tese, perdura nas páginas do jornal Diário Popular ao longo de todo o período investigado.

3.2.1 Reclame, Propaganda e *Marketing* Educacional

Nesta seção do estudo, busca-se problematizar os conceitos de propaganda e *Marketing* Educacional com o intuito de dar sustentabilidade às análises da fonte privilegiada por esta investigação. Além disso, pretende-se obter subsídios para se analisar a relação das instituições de ensino com o mercado em que atuam. Assim, propõe-se fazer uma aproximação e uma leitura das ações comunicativas das instituições de ensino ao usarem a propaganda para se aproximarem e formarem os seus públicos. Dessa forma, acredita-se ser possível observar as ações da iniciativa privada em Pelotas sob o ponto de vista da comunicação.

Ao se problematizar a fonte propaganda, torna-se importante destacar que os conceitos de publicidade e propaganda foram discutidos durante muitos anos. Alguns estudiosos afirmam que a terminologia publicidade tem o seu significado ligado ao ato de divulgar, tornar público. Já o de propaganda, é entendido como sendo a responsabilidade por implantar uma ideia, uma crença. Durante muito tempo muitos profissionais defendiam que se tratava de assuntos diferentes. Hoje, porém, elas são usadas como sinônimos. Por acreditar nisso, assim serão compreendidos seus significados neste estudo.

Com relação à prática da propaganda é interessante observar que na Roma Antiga, por exemplo, ela fazia parte da vida do império, manifestando-se através dos muros que ficavam nas ruas de maior movimentação. Neles eram pintadas as mensagens publicitárias. Em 1622, ainda em Roma, a Igreja Católica

criou uma congregação religiosa responsável por propagar a fé – significado que dá origem à palavra propaganda[27]. Após a chegada dos portugueses no Brasil, ela foi – por mais de três séculos – expressa quase que exclusivamente de maneira oral. Mas publicações escritas e desenhadas existiram, como os anúncios afixados em locais públicos.

No início da propaganda brasileira, os anúncios eram publicados pelas "primitivas" agências de propaganda, compostas por vendedores de espaço dos jornais. Nesse período, os anúncios recebiam o nome de "reclames" e apresentavam textos longos e completos, que possuíam um caráter explicativo. Neles eram divulgadas vendas, compras, ou mesmo captura de escravos, como também negócios sobre o comércio varejista, além de hotéis, produtos farmacêuticos, entre outros (CARRASCOZA, 1999).

Nessa fase, a responsabilidade ficava toda com o redator, cargo que, em muitos casos, era exercido por poetas. No entanto, vários textos encontrados nos primeiros anúncios brasileiros possuíam rimas, não somente porque eram feitos por poetas, mas porque ajudavam a gravar a mensagem contida nos mesmos. "O público, composto por analfabetos ou semi-alfabetizados, encontrava nas rimas a indispensável ajuda mnemônica para melhor guardar temas e anúncios" (BRANCO, 1990, p. 3). Por volta de 1850, os poetas tornaram-se os primeiros *free-lancers* de redação e os anúncios de classificados foram mudando, cresciam no tamanho para dar maior espaçamento – necessário à composição de versos mais longos. E, em 1875, surgiram os primeiros colaboradores e desenhistas[28] de anúncios ilustrados, feitos, principalmente, por caricaturistas.

Luca (2010) chama a atenção para a relação da propaganda com a imprensa, uma vez que aquela, desde o princípio, mantinha os periódicos vivos, uma vez que pagava pelo espaço anunciado, tornando-se, assim, fonte de arrecadação dos periódicos até os dias atuais.

> A publicidade também se articulou às novas demandas da vida urbana do início do século XX e, no que diz respeito à imprensa periódica,

[27] Segundo Sandmann (2000, p.9), "[...] o termo *propaganda* foi extraído do nome *Congregatio de propaganda fide,* congregação criada em 1622, em Roma, que tinha como tarefa cuidar da propagação da fé. Em tradução literal teríamos `*Congregação da fé que deve ser propagada´*. *Propaganda*, como feminino ablativo do gerúndio latino *propagandus* (masculino), *propaganda* (feminino), *propagandum* (neutro), exerce na frase função adjetiva e expressa idéia de dever, de necessidade: *propagandus* = que deve ser propagado, que precisa ser propagado".

[28] Cabe ressaltar que, aqui, se refere a uma categoria de profissionais, já que a arte da gravura em livros e volantes, segundo Rizzini (1998), é datada de 1809.

> transformou-se na sua principal fonte de recursos. O anúncio trilhou, então, novos caminhos em relação à estrutura e linguagem e, ainda, no que concerne à profissionalização da atividade, com o agenciador individual cedendo lugar, no decorrer da década de 1910, às empresas especializadas (LUCA, 2010, p.123).

Freyre (2010), que em seus estudos utilizou anúncios impressos como fonte para suas pesquisas, afirma que se orgulha de, ainda muito jovem, ter valorizado os anúncios impressos em jornais como fonte de seus estudos. Segundo o autor, esse foi o início no Brasil,

> de uma anunciologia. O anúncio, desde o seu aparecimento em jornal, começou a ser história social e, até, antropologia cultural, da mais exata, da mais idônea, da mais confiável. De onde pode quase desprezar-se o que, nos primeiros jornais brasileiros, tornou-se retórica política, doutrina partidária, elogio de homens públicos, para salvar-se, desses jornais, os informes de interesse social constituídos por anúncios, através dos quais particulares, anunciavam novos tipos de veículos recebidos da Inglaterra, novos tipos de vinhos importados da França, queijos, óculos [...] (FREYRE, 2010, p.21).

Durante muito tempo, independente do tipo de produto veiculado, anúncios de perfumes, remédios, etc. eram sinônimos de ilustração e acabavam sempre representados através de desenhos. Com isso, os pequenos classificados continuavam a brotar nos periódicos, mas possuíam uma importância secundária, pois estavam perdendo destaque para os grandes anúncios, que continham ilustrações e que, a partir de 1900, começaram a se tornar uma constante nos diários (BARBOSA, 2007).

No que tange à educação, ao analisar os periódicos em Pelotas, constata-se que era comum encontrar, na virada do século XIX para o XX, anúncios do tipo classificados sendo utilizados por professores que ofereciam o ensino particular – realizado na residência do docente ou mesmo na dos discentes. Se comparado com os anúncios das escolas que começavam a ser formar em Pelotas, os anúncios das aulas avulsas apresentavam menos detalhes e, consequentemente, menor tamanho. Este é o caso do anúncio divulgado pelo professor Joaquim Napoleão Epaminondas de Arruda:

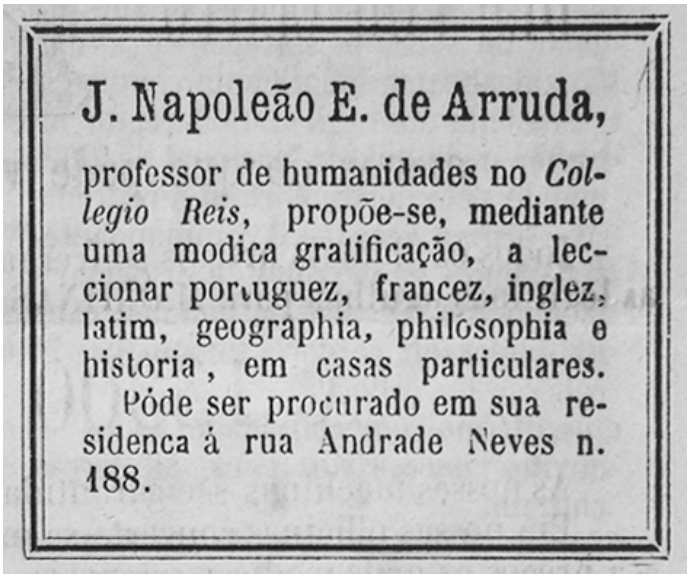


Figura 20 – Anúncio do professor J. Napoleão Arruda.
Fonte: JORNAL DO COMÉRCIO, 28/01/1876.

Importa ressaltar que o tamanho do anúncio e de seu texto poderia estar relacionado ao custo de produção do mesmo – realidade encontrada na produção gráfica até a atualidade. De qualquer maneira, é interessante observar o anúncio do tipo classificado ao lado das propagandas, uma vez que essas acabam dominando a mancha gráfica[29] do jornal. Encontrou-se, em alguns jornais do século XIX, até seis anúncios de escolas sendo divulgados em uma mesma página, como é retratado na próxima figura. Nela estão anunciadas as seguintes instituições numeradas na imagem a seguir: 1) Collegio de Mme. Jeanneret, 2) Collegio Reis, 3) Collegio Francez, 4) Collegio Reis, 5) Professor J. Napoleão Arruda, 6) Collegio S. José.

[29] Denominação técnica para a área de impressão de um determinado impresso.



Figura 21– Página do Jornal Correio Mercantil.
Fonte: JORNAL CORREIO MERCANTIL, 04/01/1876.

Ao analisar o conjunto das propagandas, concluiu-se que existiu um discurso visual muito forte e presente nos anúncios das instituições de ensino do século XIX. Esse se apresentava ao utilizar, por exemplo, bordas no estilo *art noveau*[30], uso de diferentes famílias de fontes para os títulos e textos dos anúncios e

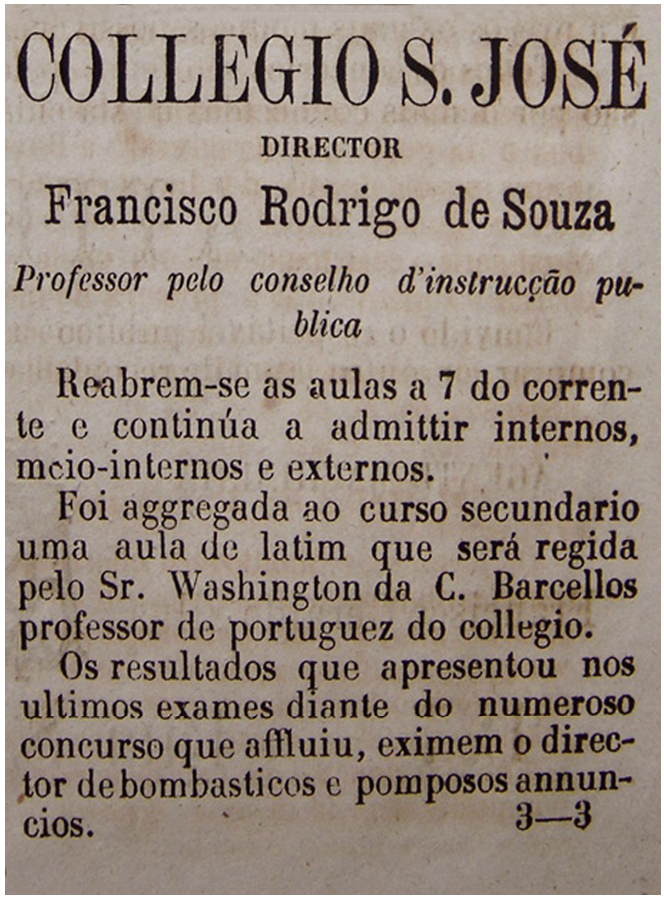
[30] Foi um estilo estético essencialmente de design e da arquitetura que também influenciou o mundo das artes plásticas. Teve grande destaque durante as últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX. Relaciona-se especialmente com a 2ª Revolução Industrial em curso na Europa com a exploração de novos materiais como o ferro e o vidro – principais elementos dos edifícios que passaram a ser construídos segundo a nova estética. Desenvolveu-se também por meio dos avanços tecnológicos na área gráfica, como a técnica da litografia colorida que teve grande influência nos cartazes. Devido à forte presença do estilo naquele período, este também recebeu a denominação de *modern style* (do inglês, estilo moderno). Caracteriza-se pelas formas orgânicas, escapismo para a Natureza, valorização do trabalho artesanal, entre outros (MEGGS, 2009). Para

diagramação organizada para os elementos contidos na propaganda, como pode ser observado na propaganda identificada na figura pelo número 2. Já ao longo de praticamente todo o século XX, a produção visual e também discursiva dos anúncios das escolas não foi tão explorada pelas instituições de ensino. Já no século XXI, essa exploração gráfica e textual retorna às propagandas. No capítulo cinco desta tese esta especificidade será melhor debatida.

Para Freyre (2010), o anúncio do século XIX é muito rico no que se refere ao detalhamento das especificidades dos serviços oferecidos, particularizando, por exemplo, o ambiente de trabalho de marceneiros, dentistas, cabeleireiros, dentre outros comerciantes que expunham seus serviços por meio de propagandas impressas. Para esse autor “são os anúncios de jornais elementos valiosíssimos, contanto que o antropólogo ou sociólogo saiba utilizá-lo como expressão de recorrências ou de regularidades: vendo neles o típico em contraste com o atípico” (FREYRE, 2010, p. 74).

Como será apresentada na imagem a seguir, a preocupação com a produção do anúncio no século XIX era tão presente que ficou registrada numa propaganda em que o diretor de um colégio se mostrava incomodado com anúncios feitos pela concorrência. No texto da propaganda do Collegio São José, seu diretor salientou que os resultados obtidos pelos alunos da instituição o eximiam de “bombásticos e pomposos” anúncios:

Cardoso (2004), o *Art Noveau* também utilizava formas geométricas e angulares, a contenção de linhas de contorno pronunciadas, a severidade de planos retos e delgados.



COLLEGIO S. JOSÉ

DIRECTOR

Francisco Rodrigo de Souza

Professor pelo conselho d'instrucção publica

Reabrem-se as aulas a 7 do corrente e continúa a admittir internos, meio-internos e externos.

Foi aggregada ao curso secundario uma aula de latim que será regida pelo Sr. Washington da C. Barcellos professor de portuguez do collegio.

Os resultados que apresentou nos ultimos exames diante do numeroso concurso que affluiu, eximem o director de bombasticos e pomposos annuncios. 3—3

Figura 22 – Anúncio Collegio São José.
Fonte: JORNAL DO COMÉRCIO, 28/01/1876.

Assim, o diretor deixa claro que para a sua instituição os resultados obtidos por seus alunos nos exames eram mais importantes do que a utilização de anúncios atrativos. Com base no que foi expresso nesse anúncio, e pela observação realizada ao longo da pesquisa, foi constatado que muitas instituições investiam no discurso sedutor sobre o seu produto, a educação, e na qualidade gráfica de suas propagandas. No século XIX os anúncios das escolas chamam a atenção pelo tamanho, contendo muitas informações. Contudo, se comparadas com as propagandas de outros ramos de atividade, até a década de 1990, as propagandas das escolas apresentavam, não raramente, um discurso visual mais simples, diferentemente do que ocorreu no final do século XX e princípio do XXI. Nesse período verificou-se que as escolas passaram a investir na produção dos anúncios, chamando muito a atenção em meio às páginas dos jornais.

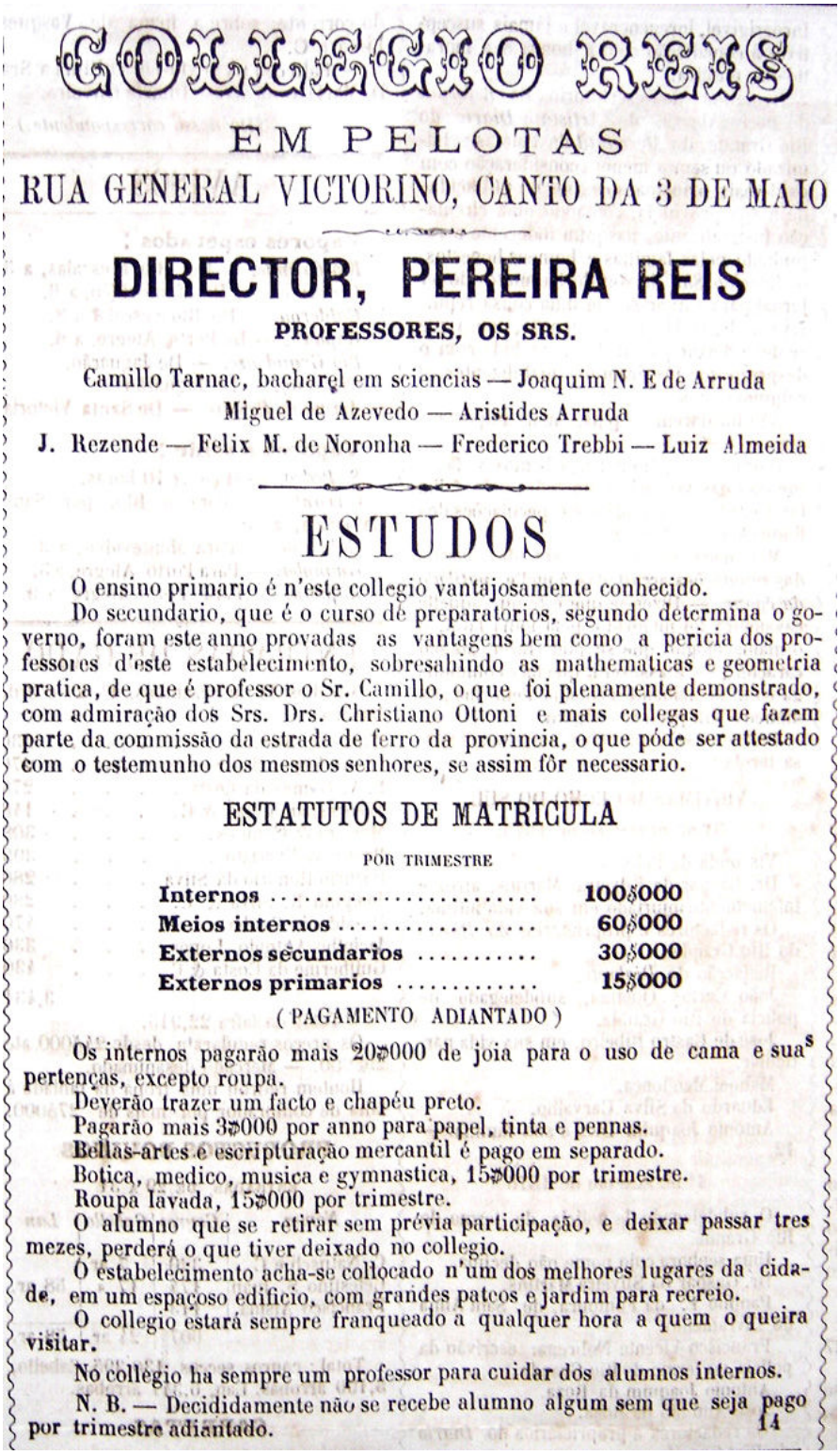
Sobre a materialidade dos impressos, bem como as possibilidades de produção e impressão dos anúncios ao longo dos anos investigados, destaca-se uma afirmação realizada pela pesquisadora Luca (2010, p.132):

> Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. É óbvio que as máquinas velozes que rodavam os grandes jornais diários do início do século XX não eram as mesmas utilizadas pela militância operária, o que conduz a outro aspecto do problema: as funções sociais desses impressos.

Tendo a clareza de que este estudo investigou períodos muito distintos, chama a atenção o fato de que as instituições de ensino nos diferentes momentos históricos se utilizaram da produção gráfica e das técnicas de comunicação então existentes para divulgar suas especificidades. No capítulo cinco desta investigação esse fato será melhor explicitado. No entanto, cabe salientar que hoje existe uma discussão mundial sobre o fim do jornal impresso em decorrência da Internet e dos novos suportes advindos da tecnologia da informação. Sobre essa situação, Chartier (2002, p.9) fez a seguinte análise:

> a tarefa do historiador não é profetizar a história. Enganaram-se eles com tanta freqüência ao aventurar-se a tal exercício que acabaram se tornando prudentes. O olhar voltado para trás tem outra função: ajudar a compreender quais são os significados e os efeitos das rupturas que implicam os usos, ainda minoritários e desiguais, mas a cada dia mais vencedores, de novas modalidades de composição, de difusão e de apropriação do escrito. Entre lamentações nostálgicas e os entusiasmos ingênuos suscitados pelas novas tecnologias, a perspectiva histórica pode traçar um caminho mais sensato, por ser mais bem informado.

Ao investigar o princípio da propaganda brasileira, verificou-se que também era comum encontrar nos anúncios algumas técnicas de comunicação que, em alguns casos, persistem até os dias de hoje, como o apelo à autoridade. As propagandas recorriam a essa técnica ao utilizar uma figura importante da sociedade para atestar o produto ou o serviço anunciado. Nos anúncios das escolas privadas de Pelotas encontrou-se esta técnica tanto no século XIX quanto no XXI. A propaganda do Colégio Reis, apresentada a seguir, ao afirmar que a área de matemática e geometria da escola eram desenvolvidas com qualidade, recorre aos engenheiros da estrada de ferro para atestar a afirmação, como pode ser averiguado:



COLLEGIO REIS

EM PELOTAS

RUA GENERAL VICTORINO, CANTO DA 3 DE MAIO

DIRECTOR, PEREIRA REIS

PROFESSORES, OS SRS.

Camillo Tarnac, bacharel em sciencias — Joaquim N. E de Arruda
Miguel de Azevedo — Aristides Arruda
J. Rezende — Felix M. de Noronha — Frederico Trebbi — Luiz Almeida

ESTUDOS

O ensino primario é n'este collegio vantajosamente conhecido.

Do secundario, que é o curso de preparatorios, segundo determina o governo, foram este anno provadas as vantagens bem como a pericia dos professores d'este estabelecimento, sobresahindo as mathematicas e geometria pratica, de que é professor o Sr. Camillo, o que foi plenamente demonstrado, com admiração dos Srs. Drs. Christiano Ottoni e mais collegas que fazem parte da commissão da estrada de ferro da provincia, o que póde ser attestado com o testemunho dos mesmos senhores, se assim fôr necessario.

ESTATUTOS DE MATRICULA

POR TRIMESTRE

Internos	**100$000**
Meios internos	**60$000**
Externos secundarios	**30$000**
Externos primarios	**15$000**

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Os internos pagarão mais 20$000 de joia para o uso de cama e suas pertenças, excepto roupa.

Deverão trazer um facto e chapéu preto.

Pagarão mais 3$000 por anno para papel, tinta e pennas.

Bellas-artes e escripturação mercantil é pago em separado.

Botica, medico, musica e gymnastica, 15$000 por trimestre.

Roupa lavada, 15$000 por trimestre.

O alumno que se retirar sem prévia participação, e deixar passar tres mezes, perderá o que tiver deixado no collegio.

O estabelecimento acha-se collocado n'um dos melhores lugares da cidade, em um espaçoso edificio, com grandes patcos e jardim para recreio.

O collegio estará sempre franqueado a qualquer hora a quem o queira visitar.

No collegio ha sempre um professor para cuidar dos alumnos internos.

N. B. — Decididamente não se recebe alumno algum sem que seja pago por trimestre adiantado.

14

Figura 23 – Anúncio Collegio Reis.
Jornal Correio Mercantil de 03/01/1876.

No ano de 2005 a Escola Mário Quintana[31] publicou uma série de anúncios testemunhais utilizando figuras conhecidas na cidade, explorando, dentre outras profissões, a de médicos, advogados, radialistas e professores. Em cada anúncio os depoimentos dos pais dos alunos abordavam uma especificidade da escola, como pode ser observado.

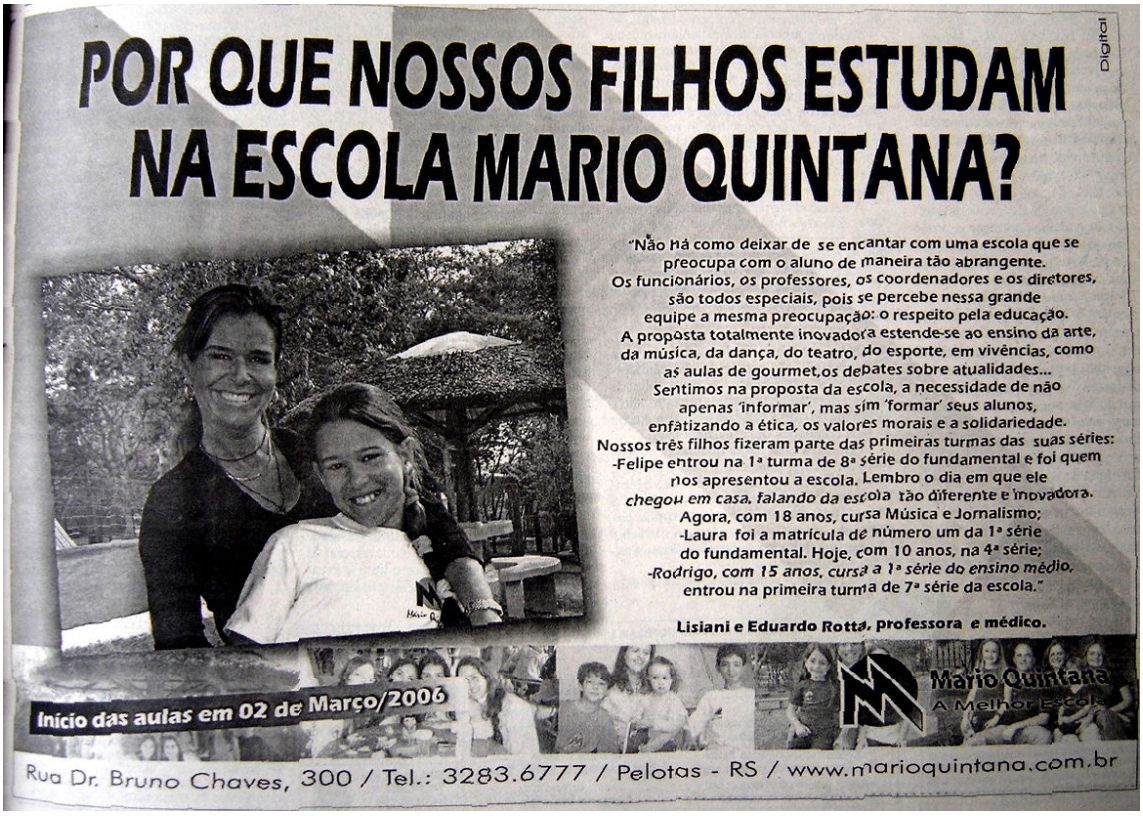


Figura 24 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 20/11/2005.

[31] Escola fundada em Pelotas no ano de 1995, dirigida por um empresário da educação. Posteriormente serão abordadas mais informações sobre esta instituição.

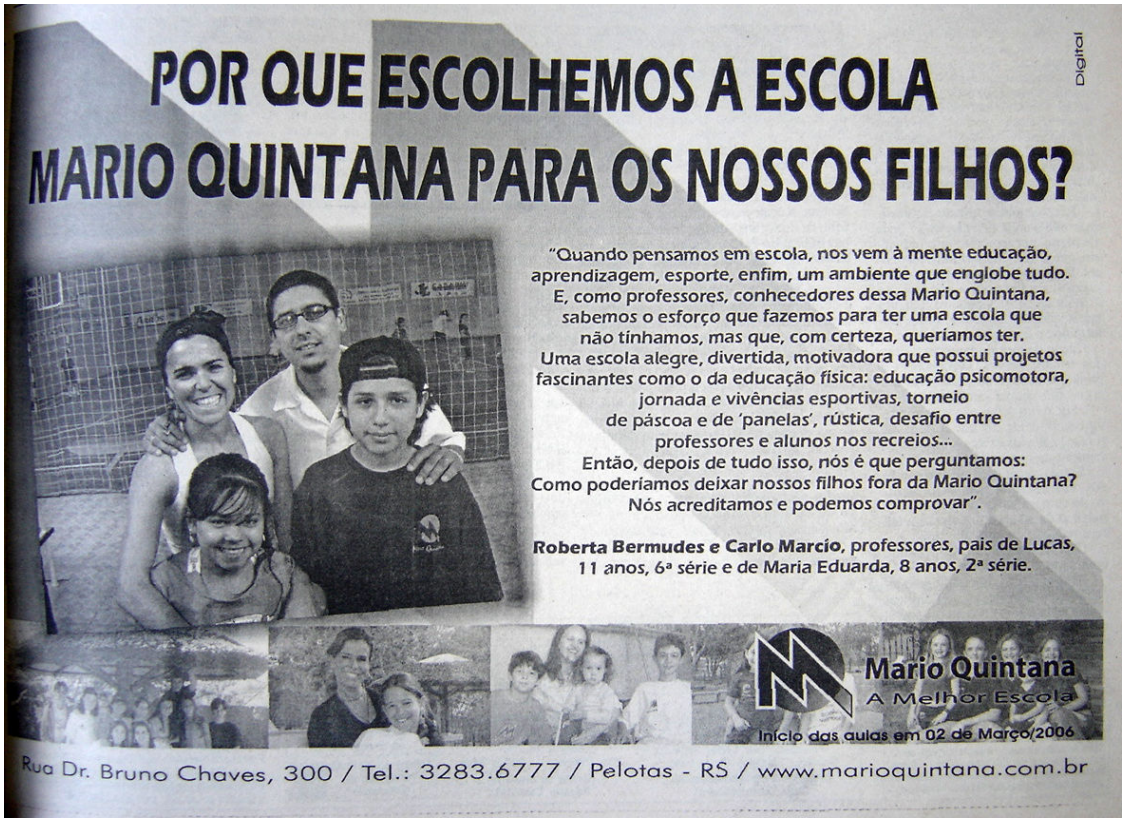


Figura 25 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 27/11/2005.

Nessas duas propagandas aparece o foco nos diferenciais da escola, ao mesmo tempo em que indicam a preocupação com os valores e a ética dos alunos. Tratam a escola como um projeto muito diferenciado das existentes em Pelotas até então. Esse posicionamento, por sua vez, é ininterrupto desde o início de suas atividades. Nas diversas campanhas criadas pela escola, esse discurso de um projeto inovador e, por vezes, a afirmação de sua consolidação na cidade, aparece nas propagandas. Keller e Machado (2006, p.70) indicam porque é importante que uma organização defina o seu posicionamento:

> um bom posicionamento de marca ajuda a orientar a estratégia de *Marketing*, esclarecendo o significado da marca, como ela é excluída ou similar às marcas concorrentes e por que os consumidores devem preferi-la.

Torna-se importante destacar que as escolas, especialmente as destinadas as ensino secundário, anunciavam ser diferentes, como anteriormente mencionado. Porém, é sabido que o processo educacional inovador vai além de uma estrutura física e pedagógica sedutora às elites e que se limite a preparar os jovens para o ensino superior dando assim continuidade à sua proposta de ensino propedêutico: o “bom” ensino secundário é o que prepara para a próxima etapa de

ensino. Assim, o ensino secundário continua a ser um espaço de passagem e de preparo para uma etapa fundamental na vida do futuro profissional brasileiro: o ensino superior. E reside aí sua importância para os que recorrem ao ensino privado: uma boa escola secundária e um investimento no futuro próximo do egresso.

Depois de divulgarem onze anúncios contendo os diferentes depoimentos dos pais, a escola Mário Quintana organizou um anúncio de página inteira com o resumo da campanha em agradecimento aos pais e alunos que cederam a sua imagem e depoimentos à escola. Neste momento a Mario Quintana se utiliza do *slogan "A melhor escola"*. Nessa campanha, observa-se uma estratégia ativa com relação à concorrência, pois além de divulgar muitos serviços ofertados pela instituição, utilizava-se da imagem de pessoas conhecidas na cidade e fazia uma afirmação constante de que era a melhor escola.

Chama-se a atenção de que não é por acaso que a escola divulgou este tipo de campanha dez anos depois de sua criação, usando a frase *"Obrigado aos pais que representaram a família Quintana"*. O discurso de um núcleo familiar consolidado e o uso de figuras conhecidas na cidade mostra o quanto poderia existir na cidade pessoas que davam importância ao pretenso elitismo pelotense. Ao ter contato com essa campanha, a intenção da instituição, ao que tudo indica, era a de que as pessoas agissem numa tentativa de pertencimento ao que essa instituição e grupo de pessoas que lá frequentavam poderiam exercer na vida do aluno.

Sendo assim, chega-se a uma reflexão: embora a economia de Pelotas tenha sofrido alterações do século XIX para o XXI a cidade continua a cultuar as elites. Essa é uma realidade que aflora na cidade em diferentes instâncias – e não deixa de ser evidenciada também no setor educacional. Os pais que participam das propagandas são, normalmente, conhecidos médicos, advogados, empresários, que emprestam a sua imagem para a instituição e a fazem uma vez que se reconhecem e que reforçam o seu grupo de pertença.

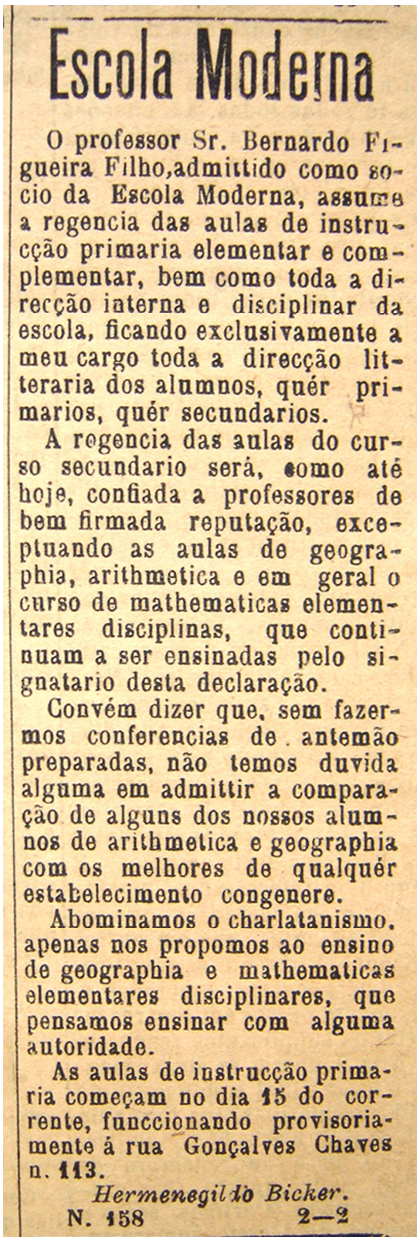


Figura 26 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 11/12/2005.

Diante dos dados apresentados até aqui é importante refletir sobre o fato de que é através da propaganda que o sujeito toma conhecimento dos produtos e

serviços que estão à disposição no mercado. Entre outros tipos de propaganda, pode-se destacar a propaganda comercial e/ou promocional e a institucional. Propaganda comercial, para Pinho (2004, p.136), “se concentra em promessas concretas e imediatas para estimular a venda de produtos e serviços”.

Do montante de anúncios estudados, grande parte se concentra no tipo de propaganda comercial. Tais anúncios demonstram os atributos das escolas, chamam para o início das aulas ou mesmo tornam a escola conhecida – quando surgem no mercado ou quando fazem críticas à concorrência. Tal fato pode ser verificado no próximo anúncio:



Escola Moderna

O professor Sr. Bernardo Figueira Filho, admittido como socio da Escola Moderna, assume a regencia das aulas de instrucção primaria elementar e complementar, bem como toda a direcção interna e disciplinar da escola, ficando exclusivamente a meu cargo toda a direcção litteraria dos alumnos, quér primarios, quér secundarios.

A regencia das aulas do curso secundario será, como até hoje, confiada a professores de bem firmada reputação, exceptuando as aulas de geographia, arithmetica e em geral o curso de mathematicas elementares disciplinas, que continuam a ser ensinadas pelo signatario desta declaração.

Convém dizer que, sem fazermos conferencias de antemão preparadas, não temos duvida alguma em admittir a comparação de alguns dos nossos alumnos de arithmetica e geographia com os melhores de qualquér estabelecimento congenere.

Abominamos o charlatanismo, apenas nos propomos ao ensino de geographia e mathematicas elementares disciplinares, que pensamos ensinar com alguma autoridade.

As aulas de instrucção primaria começam no dia 15 do corrente, funccionando provisoriamente á rua Gonçalves Chaves n. 113.

Hermenegildo Bicker.

N. 158 2—2

Figura 27– Anúncio Escola Moderna.
Fonte: JORNAL OPINIÃO PÚBLICA, 12/01/1902.

Já a propaganda institucional "opera em um nível mais conceitual, com idéias e conceitos intangíveis, ou seja, subjetivos, na busca de obter o amplo endosso de segmentos da opinião pública" (PINHO, 2004, p.136).

O colégio confessional São José[32], criado pelas Irmãs da Ordem de São José de Chambéry, é uma instituição que se utiliza muito de propagandas institucionais. Acredita-se que isso ocorria em função de ser, em um primeiro momento, uma tentativa de não comercialização explícita do ensino. Sendo assim, divulga a escola e os seus atributos em datas festivas – em anúncios do tipo institucionais. Essa constatação decorre de uma série de propagandas encontradas especialmente no século XX. Já as do século XXI, apesar de algumas vezes apresentarem-se como institucionais, em sua maioria disputam amplamente os potenciais alunos.

Na propaganda apresentada a seguir, o Colégio São José aproveita o aniversário do jornal Diário Popular para cumprimentá-lo, ao mesmo tempo, divulga os diferenciais do colégio. Como pode ser visto, há no entorno da mensagem que felicita o jornal uma série de fotografias com as seguintes legendas: Ampliação e modernização no espaço dos pequenos; Theatro Grarany lotado nas apresentações culturais da escola; colégio investe em tecnologia: lousas digitais em todas as salas de aula, sinal de internet em toda a escola; alunos do São José realizam intercâmbio internacional; Colégio São José conquista ótimos resultados no PAVE[33] – ENEM – UCPEL– UFRGS – FURG; projeto de comunicação da escola ganha três prêmios estaduais; congressos jovens do colégio batem recorde de participação; Rádio CSJ anima a estação Diário Popular; alunos da escola têm várias aulas práticas na escola e no sítio.

Percebe-se, portanto, que além de passar sua mensagem ao aniversariante, o jornal Diário Popular, o colégio aproveita o espaço para divulgar uma série de conquistas da comunidade escolar.

---

[32] Esse colégio católico "desde 1912 atendia as filhas das famílias cujos filhos, via de regra, freqüentavam o Colégio Gonzaga" (AMARAL, 2003, p.23). Essa instituição de ensino existe até hoje, continua a ser uma conceituada instituição de ensino em Pelotas. Para mais, ler: Santos; Ferrari (2009) e Arriada; Santos (2010).

[33] O PAVE foi lançado no ano de 2004, tornou-se, segundo o Governo Federal, uma modalidade alternativa de seleção para os cursos de graduação, constituindo-se em um processo gradual e sistemático, que acontece ao longo do Ensino Médio, alicerçado na integração entre a educação básica e a superior, visando à melhoria da qualidade do ensino. O PAVE permite o acompanhamento das aprendizagens construídas pelo aluno durante o Ensino Médio, motivando-o a buscar um melhor desempenho durante o processo. As notas obtidas pelo aluno no PAVE são levadas em consideração ao ingresso no ensino superior.



Figura 28 – Anúncio Colégio São José.
Fonte: Jornal Diário Popular, 27/08/2011.

Importa salientar novamente, que a propaganda institucional é uma especificidade da propaganda, cujo objetivo é o de promover a imagem favorável de uma determinada instituição, marca, empresa, órgão público ou privado. Ela exerce noções vitais ligadas ao posicionamento e à imagem da instituição. Conforme Gracioso (2006), seu objetivo principal é o de reforçar ou corrigir a imagem pública de uma instituição e o de associar essa imagem a atributos específicos que sejam considerados valiosos pela comunidade, tais como seriedade, respeito ao cliente, etc.

Com o inventário de anúncios constituído na presente investigação, foi possível observar que a propaganda institucional é utilizada pelas escolas já no século XIX, como pode ser verificado no Quadro 1 (ver p. 96). Por meio do uso dessa técnica de comunicação, as instituições se aproximam da comunidade pelotense e, ao mesmo tempo em que divulgam a instituição, também exploram as suas visões de mundo – abordando assuntos que fazem parte do cotidiano da comunidade. É uma maneira de impor a personalidade da escola, ao mesmo tempo

em que vem a público parabenizar o jornal Diário Popular por seu aniversário, ou mesmo desejar felicitações pela passagem do Natal – como fez o Colégio Gonzaga na propaganda que segue. É curioso observar que o Colégio Gonzaga mesmo não estando mais atrelado à gestão católica, continua mantendo em seus anúncios um discurso religioso. Essa particularidade será melhor abordada no capítulo cinco desta tese.

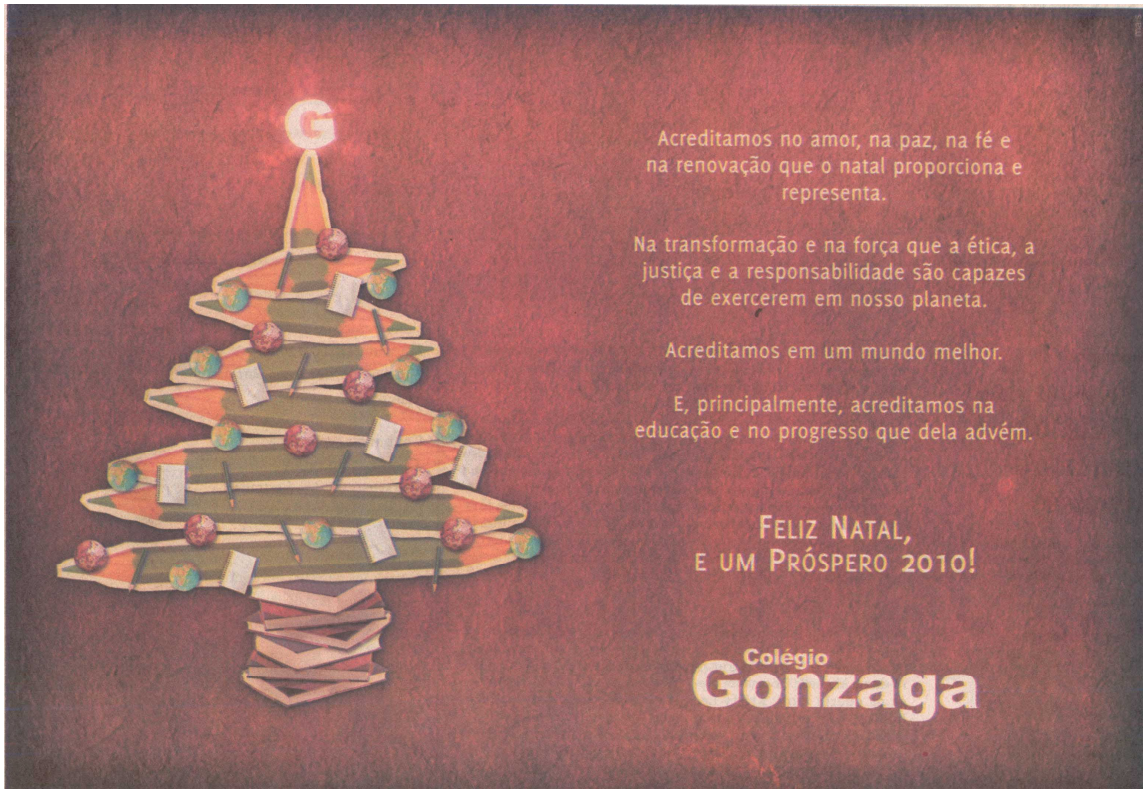


Figura 29 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: Jornal Diário Popular, 26/12/2009.

Ressalta-se que os objetivos da propaganda podem informar, fazendo conhecer, persuadir e lembrar. Informar “normalmente se apresenta como o estágio inicial do ciclo de vida do produto/serviço [...] informar o consumidor sobre o tipo de necessidade que o produto estará suprindo e eliminar qualquer possibilidade de rejeição” (ZENONE, 2005, p.48). Já convencer pode “assumir um importante papel nas atividades de persuadir o consumidor a uma ação [...] também pode ser o de lembrar ou reforçar algum aspecto positivo do produto ou da empresa” (*ibidem*, p.49).

No Brasil, em meados dos anos de 1920, alguns anúncios começaram a apresentar linguagem coloquial em suas redações. Já na década de 1930, a principal novidade encontrada estava ligada ao tamanho dos textos, “ainda

superadjetivados, apresentam, todavia, junto às informações, argumentos subjetivos de venda" (CARRASCOZA, 1999, p. 90). Salienta-se ainda que, no início dessa, o jornal era o veículo de comunicação predominante. Nas ilustrações dos anúncios, predominava o desenho a traço, única arte capaz de assegurar um mínimo de qualidade de impressão. A precariedade dos recursos técnicos e a falta da qualidade de impressão atrasaram a introdução da fotografia publicitária no Brasil. Somente na década de 1940, com a melhoria das técnicas de impressão, foi que a fotografia começou a conquistar um espaço mais definitivo nos anúncios, o que perdura até hoje na cena publicitária brasileira (BARBOSA, 2007).

Para Cardoso (2004), diante das mudanças nos meios de comunicação impostas por novas mídias, como o rádio e o cinema, a imprensa e a indústria gráfica passaram a dar uma atenção redobrada à configuração visual dos impressos.

> No Brasil, como em todo o mundo, o período entre as décadas de 1920 e 1940 testemunhou uma enorme multiplicação da interrelação de texto e imagem nos jornais, revistas, livros e cartazes (CARDOSO, 2004, p. 126).

Pinho (2004) complementa essa afirmação explicando que, inicialmente, anunciar era simplesmente divulgar uma oferta. Os anúncios tinham caráter informativo, dando a conhecer aos interessados a existência do produto e os locais onde poderia ser comprado. Mais tarde, a concorrência entre os fabricantes contribuiu para que os anúncios passassem da pura informação para a utilização de complexos mecanismos de persuasão, agindo sobre o consumidor tanto de forma lógica e racional como subjetiva e emocional. Hoje, como lembra Sampaio (2003, p. 24), a propaganda "é uma atividade bastante complexa, que conta com alta tecnologia, muita experiência acumulada e requer talentos específicos para manipulá-la da forma mais convincente".

Ao observar como as instituições de ensino se utilizaram das técnicas de impressão e de comunicação existentes ao longo de mais de um século, foi possível analisar que com o uso da fotografia essas divulgaram especialmente o seu espaço físico. No século XIX e princípio do XX, a estrutura física das escolas era muito explorada. Contudo, ressalta-se que somente foram encontrados nos anúncios do início do período, imagens de duas fachadas dentre as tantas escolas que funcionaram em Pelotas no século XIX. Sabe-se, no entanto, de publicações festivas como almanaques do século XX de Pelotas em que as técnicas de impressão permitiam a divulgação da imagem dos prédios das escolas.

Em uma propaganda do Collegio Evolução, do século XIX, além da ilustração, aparece a descrição do prédio. O texto chama a atenção para o fato de que esse ocupava duas casas, possuindo três grandes pátios que possibilitavam separar os alunos por idade, como pode ser visto a seguir:



COLLEGIO EVOLUÇÃO

(Fundado na cidade de Pelotas em Janeiro de 1886)

Este estabelecimento de instrucção primaria e secundaria reabre suas aulas a 9 de Janeiro p. f.

Funcciona, á praça da Igreja, em dous espaçosos edificios, que dispõem de tres grandes pateos para jogos e recreios dos alumnos separados segundo as idades.

Admitte alumnos internos, semi-internos, sendo as contribuições pagas por trimestres adiantados nas condições seguintes:

Internos secundarios	150$
Idem primarios	120$
Semi-internos secundarios	90$
Idem primarios	75$
Externos secundarios	50$
Idem primarios (1° grão)	15$
Idem primarios (2° grão)	24$

Todo o alumno pagará a joia annual de 6$000 para o fornecimento de papel, penuas, tinta, etc, e o interno a de 40$000, por uma só vez, correspondente ao uso da mobilia do dormitorio durante sua permanencia no collegio.

N.B. — Não se fará desconto algum por férias ou ausencia de alumnos.

Distribuição dos trabalhos

CURSO PRIMARIO (1° grão)— Leitura pelo methodo João de Deus, lingua materna praticamente, calculo, arithmetico mental, calligraphia, desenho linear, lições de cousas;

2° grão. — Leitura de prosa e verso, grammatica portugueza, arithmetica pratica, calligraphia, geographia e historia do Brazil, e, com especialidade, da provincia, noções de cosmographia, desenho linear e de geometria, rudimentos de sciencias natuares, principios de latim e francez.

O CURSO SECUNDARIO abrange todas as materias para a matricula em qualquer academia do imperio.

Corpo docente

Carlos A. Laquintinie, Dr. Alexandre C. do Nascimento, Antonio Lorenzini, Luiz Oscar Bédu, Antonio A. Duarte, Frederico Trebbi, Affonso E. Massot e Luiz Carlos Massot.

Não fazendo cabedal exclusive da educação intellectual, o — Collegio Evolução cuidará igualmente da educação moral e physica, por todos os meios aconselhados pela hygiene da alma e do corpo.

Terá tambem classes de desenho, pintura e musica, fornecendo para o estudo da ultima os instrumentos de banda e o piano.

O CURSO PRIMARIO, a cargo dos dous directores, será especialmente cuidado e dirigido como até aqui tem sido, por um systema de todo novo entre nós.

Na direcção interna os directores serão auxiliados por sua mãi, cuja longa pratica constitue uma garantia da confiança dos Srs. chefes de familia.

— Para mais informações recommendamos a leitura de nossos estatutos.

Os DIRECTORES: — *Affonso Massot — Luiz Carlos Massot.*

N.°952

Figura 30 – Anúncio do Collegio Evolução.
Fonte: JORNAL DIÁRIO DE PELOTAS, 01/01/1888.

Convém destacar que nesse período as mudanças de endereço eram frequentes e que não existiam prédios construídos especificamente para o funcionamento de instituições de ensino. Os textos dos anúncios revelam, então, que muitas delas alugavam espaços para desenvolver as atividades da educação, não possuindo, portanto, o seu próprio prédio. Com isso, as aulas particulares e os colégios representam, segundo Faria Filho e Vidal (2000, p.22), uma "multiplicidade de modelos de escolarização realizados nas escolas do século XIX", em que "todos eles, com exceção dos colégios, utilizavam espaços improvisados nas casas das famílias ou dos professores e de prédios públicos ou comerciais". Para Buffa (2008, p.69),

> na verdade, o projeto e a construção de espaços especificamente destinados a escolas é historicamente recente. Isso aconteceu a partir do momento em que a escola passou a ser a que conhecemos hoje, com seu início nos colégios do século XVI (ensino secundário humanista), que lhe deram estrutura e organização: seriação, salas de aula, programas, currículos, horários, exames, recursos pedagógicos etc. Hoje, nossas escolas ainda que com grandes diferenças, constituem, no fundamental, uma continuidade dos colégios jesuítas, protestantes e mesmo leigos criados no alvorecer dos tempos modernos. Ou, em outras palavras, os colégios do século XVI constituíram a matriz pedagógico-espacial de nossas escolas.

Por outro lado, cabe salientar que aquelas escolas que divulgavam sua estrutura física apresentavam um discurso sobre qualidade, tradição, além de reforçar a identidade pretendida por elas. Esse discurso auxiliava na construção de um sentimento de pertencimento, pois além de um nome e de professores competentes, a instituição possuía um marco que a identificava dentro do espaço urbano pelotense.

Já no século XXI, com o advento da fotografia e de novos maquinários de impressão, os anúncios ganham em discursos visuais que se traduzem ao utilizar cores, fotografias, formas e texto. Agora, a estrutura física, especialmente da escola gerida pelos empresários da educação – em que a arquitetura foge dos tradicionais prédios confessionais, também é bastante explorada. Esse é o caso do anúncio da Escola Mario Quintana, exposto a seguir, que faz parte de uma campanha contendo quatro outras propagandas que exploram diferentes aspectos da escola.

Neste anúncio, a escola usa uma montagem de imagens contendo um conjunto de fotografias que mostram os alunos utilizando a estrutura física da escola.



Figura 31– Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/05/2009.

É importante salientar que, além da fotografia, ao longo dos anos, a estrutura dos anúncios nos jornais brasileiros foi mudando, como observado anteriormente. Conforme Vestergaard (2004, p.50), os simples classificados "foram ganhando mais espaço e mais texto, depois ilustrações, até serem formados por cinco partes contendo título, texto, ilustração, *slogan* e assinatura".

Já o tema, segundo Pinho (2004, p. 222), “depende das características do produto, dos motivos e atitudes do público-alvo e do objetivo que se tem para a campanha publicitária”.

Definido o tema que será abordado na propaganda, o próximo passo é a expressão gráfica e visual do anúncio, determinada pelo título, o texto e a ilustração, elementos indissociáveis. O anúncio bem elaborado é o resultado da composição de suas partes: título, texto, ilustração, assinatura do anunciante e *slogan*. Para que essas partes constituam um todo agradável e eficiente é fundamental que sejam organizadas de modo a formar arranjos de harmonias e contrastes. Os conceitos de título e de *slogan* são muito similares, podendo, em muitos casos, possuírem a mesma significação. O termo *slogan*, explica Martins (1997), vem do gaélico – língua do povo céltico – e significa “grito de guerra”. Trata-se de uma frase curta, concisa, marcante. É a expressão concentrada que sugere uma ideia. O *slogan* tem como características ser positivo, breve, compreensível e preciso, fazer uso do vocativo, ser incisivo, rítmico e simpático. Tudo isso para atingir a sua finalidade, que é a de chamar a atenção para a leitura do texto e recordar marcas ou imagens da instituição. Segundo Martins (1997, p. 132), o *slogan* “é de fácil percepção e memorização e cristaliza a idéia central da mensagem”.

Observou-se com os dados da pesquisa que, em Pelotas, a utilização do *slogan* como um recurso estratégico começa na década de 1990. A partir desse momento as escolas privadas atuantes em Pelotas utilizam essa ferramenta para posicionar-se no mercado educacional. O *slogan* acaba sendo carregado de sentidos e começa a ser utilizado especialmente pelas instituições não-confessionais. Contudo, aos poucos os colégios confessionais também se utilizam dessa ferramenta de comunicação – capaz de expor a visão de uma instituição com relação à educação. Sendo assim, trata-se de uma ferramenta importantíssima para se identificar o perfil da gestão de cada instituição. Isso porque *o slogan*, como será visto posteriormente, foi usado ora de uma forma agressiva ora para enaltecer o trabalho desenvolvido pela escola, destacando, assim, as instituições de ensino das restantes presentes na cidade.

No próximo anúncio apresentado, o Colégio Gonzaga lançava um novo *slogan* – que seria utilizado ao longo do ano de 2005. Interessante foi observar que tal *slogan* surge, em um primeiro momento, como a chamada do anúncio. Além disso, durante o ano, a escola acabou destacando, em suas propagandas, a

educação desenvolvida com os alunos para além dos conhecimentos formais, como pode ser verificado:



Figura 32– Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: Jornal Diário Popular, 01/12/2004.

Para Martins (1997), o título caracteriza-se por estar destacado do resto do texto, pelo tamanho, tipo e formas de letras. Sua função é a de conter palavras e expressões-chave altamente informativas; mostrar algum benefício do produto que possa fazer desejá-lo; apresentar a marca de identificação da empresa e conduzir a alguma decisão por meio de argumentação lógica. Segundo ele, o título possui ainda – dentre outras funções – as de atrair e prender a atenção, causar impacto emocional ao leitor, personalizar a mensagem e provocar interesse pelo conteúdo do texto. O texto é a parte do anúncio onde se desenvolve a argumentação e a explanação sobre o produto ou o serviço a que se destina. Seu conteúdo é formado por elementos que se referem às características objetivas e reais do produto; a seus valores racionais e concretos, assim como aos valores emotivos dirigidos às faculdades psíquicas dos receptores. Além disso, fazem parte do conteúdo os processos argumentativos e os juízos que acionam, como instrumentos, os campos da significação e da expressão de ideias.

Ainda sobre o texto, encontrou-se, em Martins (1997), os tipos de argumentos que podem conter os textos publicitários:

- Argumentos lógico-racionais ou referenciais – destinados a demonstrar a utilidade prática do produto ou a explorar seus atributos ou características para poder evidenciar sua objetividade e persuadir o leitor;

- Argumentos lógico-emocionais – que exploram o componente emocional das pessoas, os sentimentos naturais e até os aspectos inconscientes. É uma argumentação mais profunda que exige mais conhecimentos psicológicos da parte do redator;

- Textos mistos – que são utilizados na maioria dos anúncios, isto é, com argumentos racionais e argumentos emocionais como fórmula mais aceita de poder persuadir o consumidor (MARTINS, 1997, p.129).

Entende-se que, em síntese, a tarefa do criador de um anúncio tem os propósitos de chamar a atenção, despertar o interesse, estimular o desejo, criar convicção e induzir à ação. Destarte, a propaganda, além de chamar a atenção e despertar o interesse, precisa estimular o desejo de consumo e inspirar à ação, criando a convicção sobre a qualidade do produto ou serviço.

Na próxima imagem exposta, é possível observar algumas qualidades esperadas em um anúncio. Além de apresentar uma produção visual da imagem que está em primeiro plano, ou seja, uma fotografia produzida para tal fim, o anúncio exibe expressões fortes e um texto curto que está apoiado nas imagens da estrutura física da escola. Apesar de conter muitas informações, a propaganda é organizada de maneira a levar o leitor a observar todas as informações. Estas, por sua vez, estão agrupadas por temáticas, criando uma barra na base do anúncio em que destacava as vagas limitadas e as informações institucionais da escola.



Figura 33– Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: Jornal Diário Popular Dezembro, 26/10/2010.

De um modo geral, o anunciante quer dar ao seu produto, ou serviço, uma imagem destinada a funcionar como vantagem competitiva. Assim, é preciso diferenciá-lo dos produtos e serviços concorrentes. O problema, afirma Vestergaard (2004, p. 237), “consiste em conseguir que o leitor-consumidor associe o produto com a desejada imagem ou qualidade”. As teorias sobre criação afirmam, então, que o anúncio publicitário precisa: atingir, convencer e levar à ação uma audiência até então desinteressada, de maneira que carece de um apelo forte ou benefício exclusivo para tornar a mensagem atrativa e persuasiva. Tal benefício remete ao tema do anúncio, cuja determinação envolve então a coleta da informação básica sobre o produto ou serviço e a formulação da plataforma de texto.

As principais tarefas da propaganda, como instrumento de promoção de vendas e negócios, segundo Sampaio (2003, p.28), são:

- Divulgação da marca (de produto ou serviço ou empresa) para torná-la mais íntima dos consumidores que já a conhecem ou fazê-la conhecida pelos que não a conheçam.

- Promoção da marca ou empresa para seus consumidores, visando a aumentar sua presença entre eles ou ressaltando seus aspectos mais

competitivos em relação ao que existe no mercado e que é oferecido pela concorrência.

- Criação do mercado para a marca ou empresa através da conquista de consumidores.
- Expansão do mercado através da conquista de mais consumidores.
- Correção do mercado, quando a imagem da marca ou empresa não estiver sendo percebida de maneira adequada pelos consumidores ou quando estes não estiverem corretamente informados sobre as características e vantagens do produto ou serviço do anunciante.
- Educação do mercado, quando o consumo depender da formação de uma atitude ou hábito do consumidor.
- Consolidação do mercado, quando o importante for solidificar uma posição conquistada, através da reafirmação das qualidades da marca ou empresa.
- Manutenção do mercado, através da constante reafirmação das características e vantagens da marca ou empresa, e da ação de resposta aos ataques e esforços da concorrência.

Percebe-se, com o exposto, que muitos são os modelos teóricos utilizados para explicar como a publicidade funciona. Por mais exageradas que essas correntes possam ser – com relação ao poder de influência da propaganda – é necessário perceber que a mensagem publicitária é recebida e reorganizada aos olhos do consumidor, por isso, mesmo que ela tenha sido planejada, o resultado está sujeito ao comportamento do receptor.

Cabe ressaltar ainda que além de fazer um levantamento da quantidade de escolas, também se classificou o que essas propagandas apresentam em seu conteúdo. Ou seja: quais eram os discursos, bem como atributos dos colégios que foram divulgados pelas instituições por meio das propagandas.

O quadro 1, exposto a seguir, foi organizado com base nos dados apresentados nos anúncios. As categorias destacadas foram selecionadas de acordo com as informações que aparecem nas propagandas – entre os anos de 1872 até o ano de 2011. O que se observou é que este conteúdo mudava em função, normalmente, da legislação; do contexto sócio-educacional; do momento histórico vivido pela cidade de Pelotas; da disputa entre as instituições dirigidas pelos ditos empresários da educação e pelas ordens religiosas; além do próprio desenvolvimento da propaganda como uma técnica comercial. Acredita-se, portanto, que ocorre uma profissionalização das agências de comunicação em Pelotas que também vai se refletir na elaboração e uso da propaganda como fonte de persuasão por parte das escolas (SIMÕES, 2006).

O intuito da construção deste quadro também foi o de possibilitar a visualização dos elementos destacados pelas gestões educacionais privadas existentes ao longo dos séculos XIX, XX, XXI. Como foi um volume significativo de anúncios não seria possível apresentar a totalidade de textos e imagens retratados por estes.

Por acreditar que o enfoque dado à educação em diferentes períodos ajuda a compreender a constituição do ensino privado em Pelotas é que se expõem os dados exibidos pelas instituições de ensino privadas. Estes, por sua vez, serão problematizados ao longo dessa investigação.

	Século XIX			Século XX										Século XXI	
	1872	1880	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2011
Nome da Escola como título	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
Marca/Logotipo										x	x	x	x	X	x
Preços cobrados	x	x	x	x	x	x	x								
Disciplinas Ofertadas	x	x	x	x	x	x	x						x	X	x
Estrutura física como diferencial	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X	x
Recursos pedagógicos como diferencial	x	x	x	x	x								x	X	x
Nome dos professores	x	x	x	x	x	x	x						x	X	x
Nome dos diretores/proprietários	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	X	x
Imagem dos alunos													x	X	x
Resultados das avaliações dos alunos	x	x	x	x	x								x	X	x
Nome dos pais dos alunos														X	x
Ilustração	x	x	x	x	x	x	x						x	X	x
Fotografia									x	x	x	x	x	X	x
Slogan													x	X	x
Anúncio Institucional													x	X	x
Anúncio Promocional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X	x
Anúncio assinado por empresa de comunicação													x	X	x

Figura 34 – Quadro 1 Informações apresentadas, pelas Instituições de Ensino, nas propagandas impressas.

.

Como pode ser verificado, os dados mais recorrentes apresentados nos anúncios do período investigado foram: nome da escola como título; nome da escola como assinatura; preços cobrados; disciplinas ofertadas; estrutura física como diferencial; nome dos professores; nome dos diretores/proprietários; nome/imagem dos alunos; avaliação dos alunos; nome dos pais dos alunos; ilustração; *slogan;* assinatura de anúncio por profissional de propaganda.

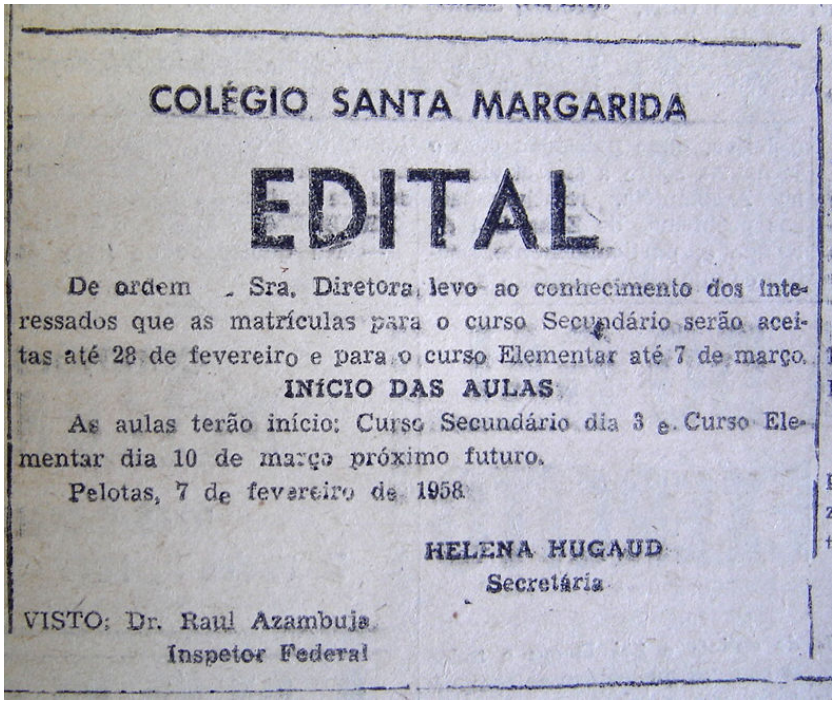
Entende-se que esses elementos constitutivos e presentes nas propagandas ilustram a excelência buscada e ofertada pelas escolas privadas de Pelotas ao longo dos séculos. Eficiência essa que, cada vez mais, afasta o ensino privado do ensino público, não tendo este como seu concorrente.

Em 2010, o Colégio Gonzaga, como pode ser observado no anúncio que segue, destaca o uso de uma lousa eletrônica em suas salas de aula. Nesse ano, a escola já tinha divulgado propagandas comunicando a comunidade de que as salas agora estariam equipadas com esta ferramenta pedagógica típica do século XXI. No anúncio ainda é possível observar a utilização da figura do aluno, inserido no espaço escolar, do professor que acompanha a atividade, além de apresentar uma chamada *"você vive o conhecimento"*, *"Há quinze anos"* e um texto de apoio *"no colégio Gonzaga, os alunos vivem grandes descobertas, em um ambiente vasto de experiências únicas e enriquecedoras. Aqui a educação é a essência de tudo".* Abaixo da imagem aparecem as seguintes informações: *lousas interativas - simulados preparatórios - educação para vencer*.



Figura 35 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 31/10/2010.

Diante dos dados do quadro e com o contato com outras fontes, verificou-se, ainda, que até a década de 30 do século XX existia uma quantidade significativa de informações nos anúncios e um texto que apresentava uma disputa entre as instituições. Após esse período encontrou-se uma variedade de formatos de anúncios que não exploram mais os diferentes elementos institucionais, como pode ser observado na propaganda do Colégio Santa Margarida a seguir:



COLÉGIO SANTA MARGARIDA

EDITAL

De ordem a Sra. Diretora, levo ao conhecimento dos interessados que as matrículas para o curso Secundário serão aceitas até 28 de fevereiro e para o curso Elementar até 7 de março.

INÍCIO DAS AULAS

As aulas terão início: Curso Secundário dia 3 e Curso Elementar dia 10 de março próximo futuro.

Pelotas, 7 de fevereiro de 1958

HELENA HUGAUD
Secretária

VISTO: Dr. Raul Azambuja
Inspetor Federal

Figura 36 – Anúncio Colégio Santa Margarida.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/02/1957.

Além disso, verificou-se que com a diminuição da quantidade de escolas (ver quadro 3, p.199), também existiu uma redução da disputa entre as instituições existentes – ao menos no que se refere ao uso de propagandas divulgadas na imprensa escrita. A partir da década de 1940 os textos dos anúncios acabam resumindo-se ao chamamento dos alunos para o início do ano letivo. Não é mais possível, portanto, identificar textos explorando as qualidades da escola como no período anterior, o que voltará a ocorrer nas décadas de 1980 e 1990 bem como na primeira década do século XXI. A falta de um texto comercial ocorria porque nesse momento as escolas existentes já estavam consolidadas, com os seus públicos específicos – especialmente as confessionais. Aconteceu também em função da nacionalização da educação e do desenvolvimento do ensino público, que não era seu concorrente. Essas mesmas instituições, na virada do século XIX para o início do XX, exploraram muito em seus anúncios as suas particularidades frente à concorrência que se apresentava em quantidade significativa (ver quadro 2, p.146).

Sendo assim, essa concorrência acirrada retorna aos jornais especialmente no início dos anos 1990 com a criação de uma instituição gerida por um empresário da educação. Apesar de entender que não existem rupturas demarcadas, neste caso, verifica-se essa diferenciação com a criação, mais precisamente no ano de 1995, da escola, com o foco no ensino médio, intitulada

Mario Quintana (ver quadro 3, p.199). Esta instituição foi criada por empresários da educação, conhecidos professores e proprietários de cursos pré-vestibulares de Pelotas. O primeiro anúncio é publicado em dezembro de 1994 e do ano de 1995, momento de sua abertura, é divulgado mais uma vez em página inteira e contendo um pouco mais de informações do que o anúncio de 1994. Verifica-se que esse anúncio contempla algumas das funções da propaganda explicitadas anteriormente, quando pretende apresentar um novo serviço, criar mercado para ele, ou seja, focar o ensino de uma escola no nível secundário, bem como fazendo promoção da marca, ao divulgar o nome da nova escola. Até os dias de hoje os anúncios da escola Mario Quintana são frequentes nas edições do jornal Diário Popular. Mais dados sobre a sua atuação serão ainda problematizados por esta investigação no capítulo cinco.



Figura 37– Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 05/01/1995.

Como já indicado, os dados do quadro 1 (p.96), anteriormente apresentado, serão analisados ao longo deste estudo, em períodos específicos. Contudo, a primeira análise a ser feita é a de que foi possível identificar o momento em que a propaganda foi utilizada pelas instituições de ensino como uma tática comercial isolada, passando a fazer parte das estratégias de gestão de uma instituição.

Entende-se que a organização da comunicação de uma instituição de ensino está diretamente relacionada à sua gestão. Quando as escolas passam a se

preocupar com ações internas, como fez o Colégio São José no anúncio em que cumprimentava o jornal Diário Popular (ver Fig. 28), e divulga essas ações para a comunidade, está fazendo mais do que propaganda, está operando na perspectiva do *Marketing* Educacional. Identificou-se, além disso, que os empresários da educação vão se utilizar de estratégias de *Marketing* para se aproximar da comunidade. Em meio a essas competições, as escolas confessionais na primeira década do século XXI começam também a apresentar propagandas mais argumentativas e a expor suas especificidades. No entanto nota-se, por meio do *slogan* utilizado na propaganda apresentada a seguir, que a instituição se preocupa em mostrar a abnegação pelo ofício de educar ao afirmar que *"A gente ama o que faz"*. Assim o discurso confessional, até esse momento, estava preso a uma visão da educação voltada para o humano, um ofício exercido pela escola. Essa postura, contudo, começa a se alterar com o passar dos anos. No próximo anúncio já é possível identificar o uso da propaganda com uma abordagem mais vendedora. Ele é dividido ao meio e na parte inferior dedicava-se a expor o investimento da escola na área de tecnologia que, segundo ela, manteria a escola atualizada e a diferenciaria pela excelência na educação. Explicitava que dispunha de lousas eletrônicas e de *"poderosos softwares educacionais"* que potencializavam a capacidade de aprendizagem dos alunos. O foco no aluno é discurso presente nesse anúncio além de uma preocupação em modernização – provocada pela concorrência que anualmente se destaca por essa característica. Antes desse período não é possível identificar uma preocupação da escola em mostrar ao público que também oferecia tecnologia e modernidade em suas instalações. Acredita-se que a concorrência pela quantidade cada vez mais reduzida[34] de alunos da esfera privada, a presença constante dos concorrentes na mídia e os fechamentos de escolas privadas em Pelotas, acabou por instigar nessa instituição confessional o uso de recursos de comunicação para cativar o seu público potencial. Como pode ser identificado nesta propaganda:

[34] Conforme dados estatísticos apresentados pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (ver Tab. 1, p. 362).

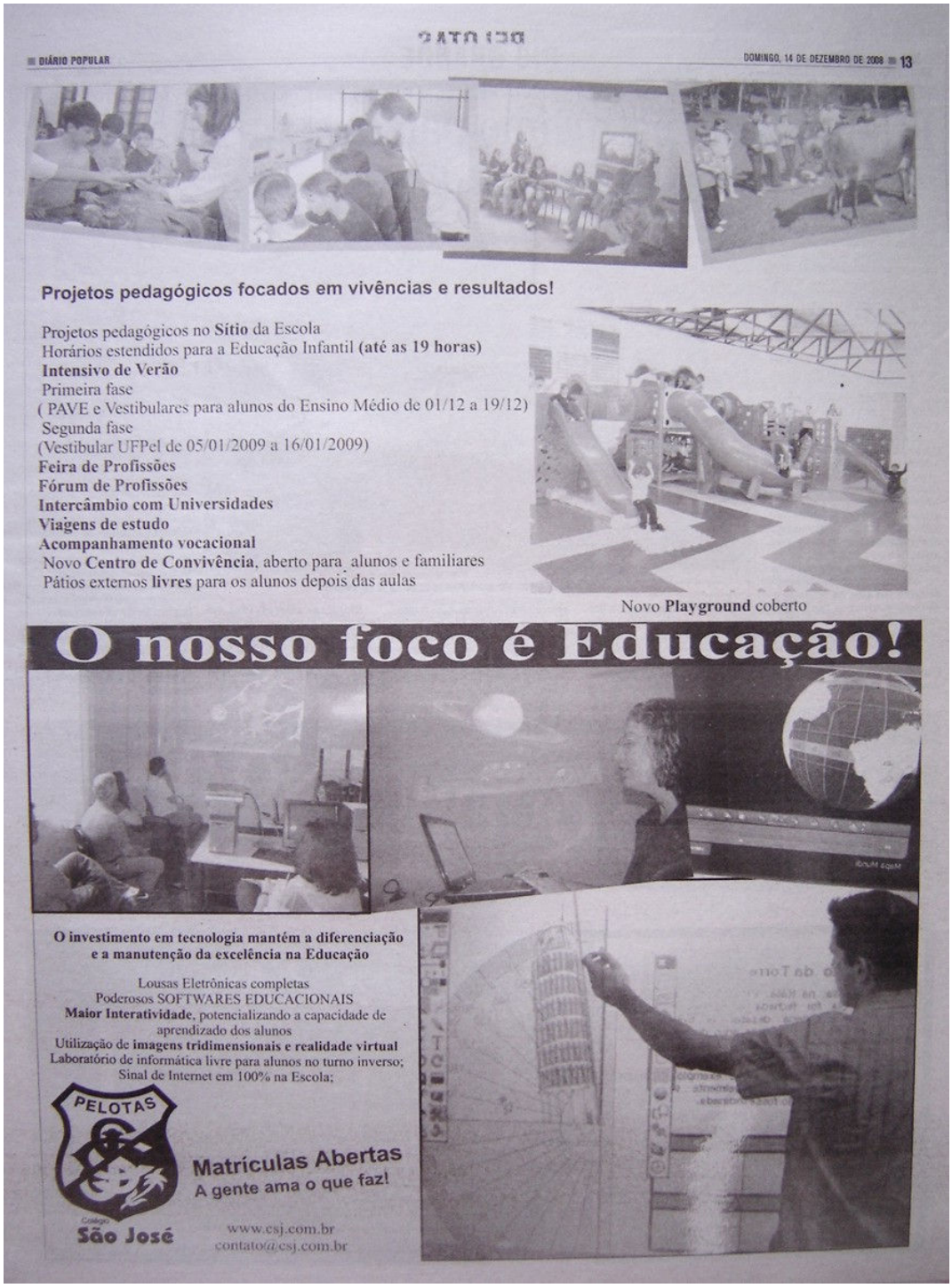


Figura 38 – Anúncio Colégio São José.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 14/12/2008.

O contato com as fontes utilizadas nesta pesquisa permitiu analisar, portanto, que os anúncios das instituições de ensino em Pelotas, nos distintos períodos analisados, tornam-se um meio para divulgação do ensino e das próprias instituições. Para Kotler (1994), os estabelecimentos de ensino a partir do instante que são considerados como uma organização que mantém contatos com um

determinado mercado, se comprometem também com a aplicação do *Marketing* para atingir os seus objetivos. Estes, nada mais são do que satisfazer de forma rápida e eficiente seu cliente e, consequentemente, obter sucesso – seja ele material ou através da consolidação de metas.

Conforme Kotler (1994, p. 358), alguns educadores consideram a ideia de utilizar a propaganda uma novidade, todavia, segundo ele, a educação já usava propaganda há 2.000 anos atrás. Os sofistas gregos, como médicos ou profissionais nômades, por exemplo, faziam publicamente grandes demonstrações das suas realizações, através de exibições e da utilização de argumentos para mostrar o valor dos seus feitos.

Já o surgimento do *Marketing* é apresentado de diversas maneiras por pesquisadores da área. Carvalho (2006) afirma ter nascido da necessidade dos industriais de administrar a nova realidade oriunda da Revolução Industrial. Kotler e Armstrong (2003) também creditam o seu começo ao início do século XX. Desde então, vem sendo utilizado em diversos segmentos, tanto por instituições de pequeno quanto de grande porte, com fins lucrativos, como também por organizações que não têm esse fim.

Assim, identifica-se que um dos principais objetivos do *Marketing* é, cada vez mais, desenvolver relacionamentos profundos e duradouros com todas as pessoas ou organizações que podem, direta ou indiretamente, afetar o sucesso das atividades de *Marketing* de uma instituição. Isso ocorre, uma vez que:

> o *Marketing* é uma função organizacional e um conjunto de processos que envolvem a criação, a comunicação e a entrega de valor para os clientes, bem como a administração do relacionamento com eles, de modo que beneficie a organização e seu público interessado (KOTLER; KELLER, 2006, p. 4).

Kotler (2000, p. 30), complementa esta ideia afirmando que o *Marketing* é também,

> um processo social por meio do qual pessoas e grupos de pessoas obtém aquilo que necessitam e o que desejam com a criação, a oferta e livre negociação de produtos e serviços de valor com os outros.

Em contraponto à visão tradicional de *Marketing*, Vaz (2003, p. 16) destaca que:

> o contexto de atuação das empresas não econômicas, dentro de suas características próprias, não prescinde de um sistema de trocas. A diferença é que, enquanto as empresas realizam trocas materiais (bens

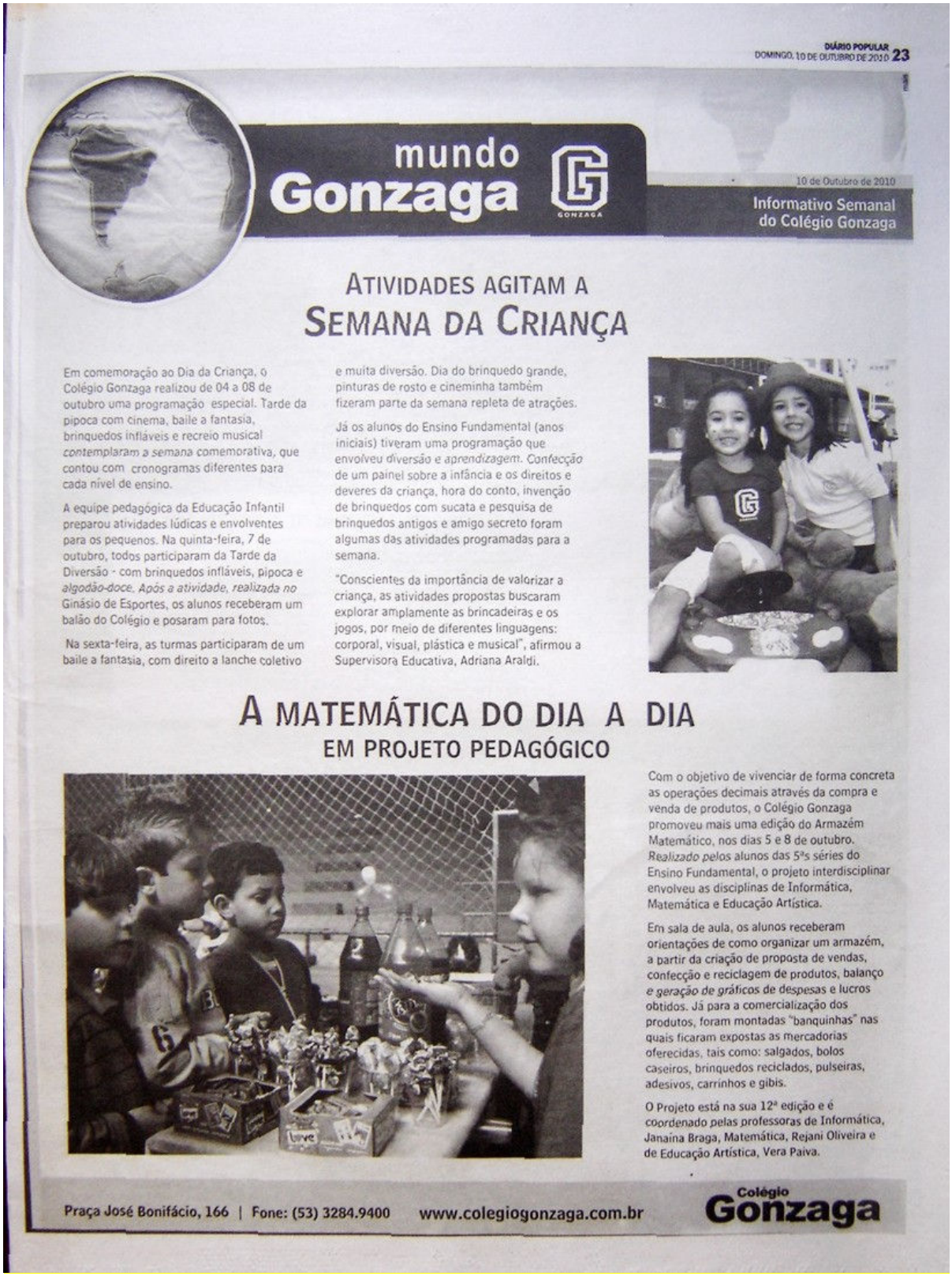
> economicamente mensuráveis), as demais instituições realizam trocas de bens intelectuais (idéias).

Compreende-se, portanto, que o *Marketing* não é apenas uma ação isolada de propaganda ou de venda, como muitos acreditam ser. Isso ocorre, geralmente, porque a sociedade é alvo de diversos comerciais de televisão, anúncios de jornais, ofertas na Internet, entre outras ações promocionais, que fazem parte de ações de *Marketing*, mas que não podem simplificar a sua atuação. A propaganda e a venda constituem apenas duas ferramentas de *Marketing*, cujo objetivo é estreitar o relacionamento com o cliente; buscar a fidelização; e desenvolver a percepção ou a necessidade por um produto ou serviço, com a finalidade de estabelecer comércio com lucro para o vendedor e satisfação para o consumidor (KOTLER e ARMSTRONG, 2003).

Com base no exposto, foi interessante constatar a existência de um informativo semanal, que posteriormente tornou-se mensal e atualmente é quinzenal. O referido informativo foi criado em 2007 pela escola Gonzaga para ser publicado nas edições do jornal Diário Popular. Neste ano, em todas as semanas, a escola expunha, à comunidade externa, as ações internas desenvolvidas. São anúncios de página inteira, que chamam a atenção do leitor, além de conseguir explorar em detalhes o projeto pedagógico e a estrutura física da escola. Em um anúncio simples, seria muito difícil abordar tantos elementos. Esse informativo, que é divulgado até hoje quinzenalmente, também é utilizado para incentivar a participação de pais e da comunidade das atividades realizadas pela escola. Assim, percebe-se que este recurso vai além de propaganda, mostra estrategicamente o envolvimento da escola com os seus alunos, bem como a sua visão sobre a educação.

No informativo apresentado a seguir, a escola divulga as atividades alusivas à Semana da Criança desenvolvidas pela instituição, além de apresentar um projeto na área da matemática.

Percebe-se que, no século XXI, o ambiente particular de uma instituição privada torna-se público mediante a divulgação massiva sobre o mesmo. O que difere do século XIX é que agora além de texto é possível visualizar estes espaços, estas ações, por meio das fotografias. Além disso, acredita-se que nesse momento exista, de fato, uma estratégia ao divulgar esse tipo de material para a comunidade.



DIÁRIO POPULAR
DOMINGO, 10 DE OUTUBRO DE 2010 23

mundo Gonzaga

10 de Outubro de 2010
Informativo Semanal do Colégio Gonzaga

ATIVIDADES AGITAM A SEMANA DA CRIANÇA

Em comemoração ao Dia da Criança, o Colégio Gonzaga realizou de 04 a 08 de outubro uma programação especial. Tarde da pipoca com cinema, baile a fantasia, brinquedos infláveis e recreio musical contemplaram a semana comemorativa, que contou com cronogramas diferentes para cada nível de ensino.

A equipe pedagógica da Educação Infantil preparou atividades lúdicas e envolventes para os pequenos. Na quinta-feira, 7 de outubro, todos participaram da Tarde da Diversão - com brinquedos infláveis, pipoca e algodão-doce. Após a atividade, realizada no Ginásio de Esportes, os alunos receberam um balão do Colégio e posaram para fotos.

Na sexta-feira, as turmas participaram de um baile a fantasia, com direito a lanche coletivo e muita diversão. Dia do brinquedo grande, pinturas de rosto e cineminha também fizeram parte da semana repleta de atrações.

Já os alunos do Ensino Fundamental (anos iniciais) tiveram uma programação que envolveu diversão e aprendizagem. Confecção de um painel sobre a infância e os direitos e deveres da criança, hora do conto, invenção de brinquedos com sucata e pesquisa de brinquedos antigos e amigo secreto foram algumas das atividades programadas para a semana.

"Conscientes da importância de valorizar a criança, as atividades propostas buscaram explorar amplamente as brincadeiras e os jogos, por meio de diferentes linguagens: corporal, visual, plástica e musical", afirmou a Supervisora Educativa, Adriana Araldi.

A MATEMÁTICA DO DIA A DIA EM PROJETO PEDAGÓGICO

Com o objetivo de vivenciar de forma concreta as operações decimais através da compra e venda de produtos, o Colégio Gonzaga promoveu mais uma edição do Armazém Matemático, nos dias 5 e 8 de outubro. Realizado pelos alunos das 5ªs séries do Ensino Fundamental, o projeto interdisciplinar envolveu as disciplinas de Informática, Matemática e Educação Artística.

Em sala de aula, os alunos receberam orientações de como organizar um armazém, a partir da criação de proposta de vendas, confecção e reciclagem de produtos, balanço e geração de gráficos de despesas e lucros obtidos. Já para a comercialização dos produtos, foram montadas "banquinhas" nas quais ficaram expostas as mercadorias oferecidas, tais como: salgados, bolos caseiros, brinquedos reciclados, pulseiras, adesivos, carrinhos e gibis.

O Projeto está na sua 12ª edição e é coordenado pelas professoras de Informática, Janaina Braga, Matemática, Rejani Oliveira e de Educação Artística, Vera Paiva.

Praça José Bonifácio, 166 | Fone: (53) 3284.9400 www.colegiogonzaga.com.br Colégio Gonzaga

Figura 39 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 10/10/2010.



Figura 40 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 17/11/2011.

Diversos são os elementos que estão imbricados quando uma organização começa a pensar o *Marketing* estrategicamente. As necessidades humanas, por exemplo, fazem parte dos conceitos mais básicos de *Marketing*. Dentre elas estão as necessidades físicas básicas de alimentação, vestuário, abrigo e segurança, bem como as sociais: necessidades individuais de conhecimento.

No segmento educacional, caracterizado pela prestação de serviço, o *Marketing* tem sido visto como uma matéria de interesse crescente. Acredita-se que

a percepção da necessidade do *Marketing* nessas organizações deve-se principalmente ao aumento da concorrência e à constante procura pela qualidade por parte dos alunos e seus respectivos representantes. Com esta investigação constata-se que o ensino privado apropria-se dessas ferramentas de gestão e de comunicação e as introduz em suas ações deixando claro o distanciamento que o ensino privado vai obtendo, ao longo dos anos, do ensino público.

A amplitude do *Marketing*, então, tem proporcionado ramificações nos mais variados segmentos, e o *Marketing* Educacional é um desses. Sua utilização tem por escopo aplicar um instrumento de gestão que tem o objetivo de obter um posicionamento de mercado, valorizando os princípios de uma instituição de ensino.

Com relação ao posicionamento de mercado, a Escola Santa Mônica, antigo Centro Educacional Corujinha, fundada em Pelotas no ano de 1985 (ver quadro 4, p.364), ao longo de seus anos de existência, divulgou as suas especificidades por meio dos anúncios. No dia em que a escola comemorava 17 anos, mostrou em um anúncio como se deu a sua constituição, atribuindo suas conquistas à comunidade interna da escola, bem como aos pais que confiaram seus filhos às propostas pedagógicas oferecidas. O que se observa é que esta instituição, dirigida por empresários da educação, vem a público expor que possui uma trajetória na cidade, utilizando uma linguagem coloquial para se aproximar da comunidade. Acredita-se que essa linguagem, por sua vez, também vai operar para a construção dessa imagem: de uma instituição que tem história, mas que não é formal e, por isso, a sua linguagem acompanha sua característica. Aproveita o anúncio para divulgar que obteve o primeiro lugar da Zona Sul no Exame Nacional de Ensino Médio (Enem)[35] utilizando-o como um atestado de qualidade.

Mesmo diante de tanta informalidade, chama a atenção o fato de que em seu discurso atribui suas conquistas a Deus. Assim, mesmo não sendo uma instituição confessional, deixa vestígios de um comportamento religioso, em um esforço em transmitir essa imagem. Com essa propaganda, ao que tudo indica, procurava um nicho de mercado, ou seja, um segmento de pais ou responsáveis que

[35] Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar do exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. O Enem é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni). Além disso, muitas instituições de ensino superior têm utilizado o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso do aluno, seja complementando ou substituindo o vestibular.

acreditassem no ensino privado não confessional, mas em uma escola que fosse religiosa e que desenvolvesse esses valores junto aos alunos.



Figura 41– Anúncio Colégio Santa Mônica.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/05/2009.

Assim, observa-se que as instituições de ensino, hoje, adequadas ao mercado, se comportam como as demais organizações: oferecem um produto/serviço e os alunos passam a ser vistos como “clientes”. Essa visão de cliente, que muitos acreditam ser fruto do século XX e XXI aparece fortemente já na segunda metade do século XIX em Pelotas – ao menos no discurso da propaganda impressa. Nos anúncios do século XIX, as escolas se mostram suscetíveis à opinião pública, colocando-se sempre à disposição do crivo dos pais de seus alunos. Com

frequência afirmavam que a escola estava aberta aos pais e que se esses não concordassem com suas propostas estariam disponíveis para negociações.

Dessa forma, compreende-se o motivo pelo qual o *Marketing* acaba por despertar maior interesse por parte das instituições educacionais, também preocupadas, na atualidade, com as necessidades do consumidor. Kotler e Fox (1994) indicam que somente quando os mercados passaram a sofrer mudanças, quando estudantes, fundos ou outros recursos passaram a ser escassos, é que as instituições começaram a valorizar realmente o *Marketing*, o qual deixou, então, de ser considerado um elemento secundário no setor da educação, e passou a se tornar preocupação essencial para os gestores.

Cobra e Braga (2006, p. 62) destacam também que, entre as principais estratégias de uma instituição, encontra-se o posicionamento: “uma escola, para se tornar diferenciada no mercado, precisa conquistar um posicionamento claro, ou seja, ser vista como única em alguns atributos”.

Foi o que fez a Escola Santa Mônica ao publicar uma propaganda explicativa sobre a nova forma de acesso ao ensino superior. No anúncio apresentava que o seu diferencial era estar bem informada e adaptada à nova realidade educacional. Flexibilização e atualização eram elementos utilizados pela escola para se posicionar no mercado oferecendo à comunidade vantagem competitiva, uma vez que ao estudar nessa escola o aluno estaria preparado para um novo desafio chamado ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio).

Em seus textos, ainda se distancia da concorrente, a escola Mario Quintana, ao afirmar que na escola Santa Mônica a preparação começava desde cedo, no ensino fundamental, não deixando essa preocupação apenas para o ensino médio. Entende-se que este texto é uma referência direta à Escola Mario Quintana – uma vez que essa se posicionou em Pelotas como a escola que melhor preparava os alunos do ensino médio.

O posicionamento, além de ser divulgado nas propagandas, precisa também ser conquistado. É por isso que a Escola Santa Mônica destacou no canto superior esquerdo de seu anúncio a seguinte frase: *“1º Lugar da Zona Sul Enem”*.



Figura 42 – Anúncio Escola Santa Mônica.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 10/05/2008.

No próximo anúncio, publicado na contracapa do jornal, um espaço privilegiado por sua visibilidade, e que, por isso mesmo, custa mais caro do que outras seções do jornal, a escola Santa Mônica continuava a posicionar-se como a instituição que preparava o aluno desde cedo para o acesso ao ensino superior. Foi utilizado no anúncio o testemunho de uma aluna que começou a estudar na escola com cinco anos de idade e aos dezessete anos passou no vestibular *"sem cursinho"*.

São muitos os elementos apresentados nesta propaganda que vão operar em função do posicionamento dessa instituição e que explicitarão esse momento do

ensino privado. O testemunho e o agradecimento da aluna aos seus pais por terem investido nesta escola especificamente, a disponibilidade dos professores, a aproximação com a direção e a alegria estampada no rosto da aluna, somam-se à comprovação de que a escola preparava bem os seus alunos.



Figura 43 – Anúncio Escola Santa Mônica.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 02/02/2008.

Além dessas informações, é destacada a aprovação de 80% de seus discentes no vestibular, em diferentes instituições de ensino superior. E a afirmação de que a aluna havia passado no vestibular sem cursinho é uma crítica direta ao fato de que em outras escolas o ensino não seria suficiente para alunos, havendo a necessidade de se inscreverem em cursos preparatórios para o vestibular.

Sendo assim, tal afirmação não estava no anúncio sem uma razão. Esse foi um momento em que as escolas primárias começavam a se enfrentar afirmando que determinado aluno passou no vestibular não porque estudou em uma específica escola, mas porque fez cursinho. Isso na tentativa de desqualificar a escola concorrente que estava usando a imagem de um aluno para fazer propaganda da instituição.

Ao analisar o papel da comunicação para as instituições de ensino de Pelotas dos séculos XIX, XX, XXI, em especial o uso da propaganda impressa, verifica-se que o anúncio impresso escolar vai se impor como uma prática cultural no

século XIX e que se adaptará e se configurará mediante as inovações tecnológicas de cada período até a chegada do século XXI e que, mesmo convivendo com novas mídias, continua a ter relevância nas estratégias de *Marketing* das instituições atuais de Pelotas.

4 GESTÃO DO ENSINO PRIVADO: CONFESSIONALIDADE, LAICIDADE E OS EMPRESÁRIOS DA EDUCAÇÃO

A constituição do ensino privado nacional perpassa diferentes momentos educacionais que sofreram influências internacionais, nacionais e locais. Ao realizar esta investigação, buscando analisar os percursos percorridos pelo ensino privado de nível fundamental e médio[36], na cidade de Pelotas, recorreu-se primeiramente aos acontecimentos sócio-históricos que influenciaram a criação e atuação dessa esfera de ensino no Brasil.

Quanto ao ensino privado em Pelotas, foi possível identificar que as instituições de ensino, desde os fins do século XIX, diferenciavam-se, grande parte, por sua estrutura administrativa. Sendo assim, neste capítulo, busca-se tipificar as especificidades de três esferas administrativas identificadas na constituição do ensino privado Pelotense, quais sejam: a confessionalidade, a laicidade e a gestão empresarial. Estas, por sua vez, serão agora apresentadas de forma sucinta, tendo em vista que serão abordadas e co-relacionadas em profundidade durante a análise do *corpus* documental desta investigação, no capítulo cinco.

É importante mencionar que isso não significa realizar rupturas absolutas ou desconsiderar as complexas relações que precedem os fatos aqui destacados. Tendo presente, também, que as teorias e as práticas de uma época específica resultam de acontecimentos precedentes que, muitas vezes, não podem deixar de ser indicados. Sendo assim, não é intenção aqui fazer uma narrativa de fatos que estejam absolutamente organizados em função de uma cronologia, mas, sim, relacioná-los no tempo e no espaço com o objeto em investigação.

[36] Lembrando que na virada do século XIX para o século XX denominavam-se ensino primário e secundário, respectivamente.

Assim, antes de aprofundar os estudos do ensino privado em Pelotas, apresenta-se aqui um breve panorama sobre a atuação dessa esfera de ensino no Brasil, buscando compreender os aspectos envolvidos no sistema privado educacional nacional. Entende-se que, para isso, antes é importante que se apresente os conceitos de público e de privado adotados neste estudo. Objetiva-se, assim, tornar claro o que essas duas esferas representam para a educação.

O caráter público e privado da educação nacional é um tema que gera muita discussão e produção no campo da História da Educação do Brasil. Em diferentes momentos essas duas esferas ganham realce e se tornam foco de pesquisas. Nesta investigação, considera-se que público é o ensino mantido com recursos governamentais, e privado, o ensino dirigido por particulares, como a Igreja, as ordens religiosas ou os proprietários leigos. Para Buffa (2004, p.61), as transformações ocorridas na sociedade e na escola brasileira exigiram uma melhor conceituação sobre o que vem a ser o público, ou seja, o que é "destinado ao conjunto da população, estatal, o que é mantido pelo estado, e o privado, como sendo aquele regido pela lógica do lucro, além do privado confessional, filantrópico, comunitário".

Ainda que se saiba das discussões em torno das categorias público e privado[37], interessa nesta pesquisa indicar como a esfera do ensino privado se configura no país, em especial na cidade de Pelotas.

---

[37] Para mais, ver: BUFFA, Ester. O público e o privado na educação Brasileira do século XX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Petrópoles: Vozes, 2004.
CURY, Carlos Roberto Jamil. O Público e o Privado na História da Educação Brasileira – Concepções e Práticas Educativas. In: LOMBARDI, José; JACOMELI, Mara Regina M.; SILVA Mara T. da. (orgs) **O Público e o Privado na História da Educação Brasileira: concepções e práticas educativas**. Campinas: Autores Associados, 2005.
DREHER, Martin N. **Breve história do ensino privado gaúcho**. São Leopoldo: Oikos, 2008.
LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura Nascimento (orgs.). **A Escola Pública no Brasil – História e Historiografia**. Campinas: Autores Associados**;** HISTEDBR, 2005.
SAVIANI, Demerval. **Ensino Público e algumas falas sobre Universidade**. 5ª ed, São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.
SAVIANI, Demerval. História da Escola Pública no Brasil. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura Nascimento (orgs.). **A Escola Pública no Brasil – História e Historiografia**. Campinas: Autores Associados**;** HISTEDBR, 2005.
SAVIANI, Dermeval. Instituições Escolares no Brasil conceito e reconstrução histórica. In: NASCIMENTO, Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs). **Instituições Escolares no Brasil – conceito e reconstrução histórica.** Campinas, Sorocaba, Ponta Grossa: Autores Associados; HISTEDBR; UNISO; UEPG, 2007.
SEVERINO, Antônio Joaquim. O público e o privado como categoria de análise em Educação. in: LOMBARDI, José Claudinei; JACOMELI, Maria Regina M.; SILVA, Tânia Mara T. da. (orgs.). **O**

Dessa forma, recorre-se a seguir aos acontecimentos sócio-históricos que influenciaram a criação e a gestão da esfera do ensino privado nacional.

4.1 A Confessionalidade

Abordar a atuação do ensino privado na educação brasileira passa, necessariamente, pela escola confessional, sobretudo a católica, em função dos laços constituídos histórica e culturalmente. É importante destacar que essa ação, no entanto, mesmo quando subvencionada parcialmente pelo poder público, não se sujeitou a princípios estatizantes. “Ao contrário, sempre salvaguardou os mesmos princípios da livre iniciativa que seguem a nortear a ação da totalidade do ensino privado” (ALVES, 2009, p.71). Durante a maior parte do período colonial, as tarefas do ensino no Brasil ficaram sob a responsabilidade de Ordens Religiosas, sobretudo dos Franciscanos e dos Jesuítas, “mas também dos Oratorianos, dos Dominicanos, dos Beneditinos, dos Carmelitas e dos Capuchinhos”. Como religiosos, eles tinham suas estruturas próprias, “desenvolvidas, eficazes e autônomas, constituindo-se em regime de caráter privado, ainda que, por vezes, contasse com o apoio financeiro do Estado” (ALVES, 2009, p.72).

Depois de ter criado, em 1532, as Capitanias Hereditárias, com a intenção de ocupar, defender e povoar as terras descobertas pouco antes, entre as preocupações do Rei de Portugal estava a de promover a instrução. Confiou, então, esta tarefa à Igreja. Em 1533, os Franciscanos fundaram na Bahia o primeiro estabelecimento de ensino no Brasil. A atuação da iniciativa privada na educação brasileira, levando-se em consideração a variedade de formatos que assumiu ao longo dos últimos séculos, deu-se de forma ininterrupta na história do país (ALVES, 2009).

Público e o Privado na História da Educação Brasileira – concepções e práticas educativas. Campinas: Autores Associados**;** HISTEDBR; Unisal, 2005.
Revista Brasileira de História da Educação. **Dossiê o público e o privado na Educação Brasileira**. Editora Autores Associados, Campinas: São Paulo, nº.5, jan./jun. 2003.

O cuidado com a aprendizagem profissional e agrícola revela, nestes princípios da colonização, a preocupação em se dar uma educação adaptada ao contexto local e às necessidades da Colônia. Em 1586, os jesuítas estabeleceram as suas diretrizes educacionais e, em 1599, a Companhia de Jesus aprovou a *Ratio Studiorum*[38], a ser seguida no mundo inteiro e em função da qual reestruturou as suas instituições no Brasil, transformando-as em colégios para o ensino das letras e artes liberais.

Já sob o aspecto de organização, em 1759, pelo decreto de 28 de junho, criava-se a Direção Geral, que iria encarregar-se de toda a estrutura educacional no Brasil. "A intenção era modernizar a educação da elite colonial para que ela pudesse servir melhor aos interesses e projetos de exploração da Metrópole Portuguesa" (ALVES, 2009, p.72).

Essa, por sua vez, ficou responsável por todo o ensino público, levando mais de dez anos para criar as estruturas básicas que permitiram o andamento do sistema escolar. Segundo Alves (2009), em quase meio século (1759-1808), o ensino público no Brasil teve sua trajetória marcada frequentemente por antagonismos em relação ao ensino privado e ao confessional. A instalação do governo português no Brasil, em 1808, introduziu no país o que era necessário para o progresso da vida administrativa, cultural e educativa. Na esfera educacional, a iniciativa mais relevante foi a instalação, por decretos reais, das instituições de ensino superior. Foi dada ênfase à formação superior para alguns ofícios técnicos, necessários para desenvolver a infraestrutura de uma cidade que passa a ser sede do Reino.

Em 30 de junho de 1821, a Regência do Reino Português, por meio da figura de D. João VI e de um decreto assinado em 28 de junho, permite a qualquer cidadão o ensino e a abertura de escolas de primeiras letras.

> As Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes da Nação Portuguesa, considerando todos os lugares deste Reino por conta da Fazenda Pública, e querendo assegurar a liberdade que todo o cidadão tem de fazer o devido uso de seus talentos, não seguindo daí prejuízos públicos, decretam que da publicação deste em diante seja livre a qualquer cidadão o ensino e a abertura de Escolas de primeiras letras, em qualquer parte deste Reino, quer seja gratuitamente, quer por ajuste dos

[38] A Ratio Studiorum surgiu com a necessidade de unificar o procedimento pedagógico dos jesuítas diante da expansão do número de colégios confiados à Companhia de Jesus, como base de uma expansão missionária.

> interessados, sem dependência de exame ou de alguma licença (CURY, 2005, p.4).

Em 07 de abril de 1831, Dom Pedro I abdica o trono em favor de seu filho. Durante a Regência decretou-se um Ato Adicional à Constituição de 1834, que influencia de maneira significativa a Educação no Brasil. A nova legislação descentralizou a direção da educação. O ensino primário, assim como o secundário, estava, até aquele momento, sob a exclusiva responsabilidade do governo de cada Província. Ao governo central cabia a responsabilidade de todo ensino superior existente ou a ser criado.

Essa descentralização, então, desarticula os dois sistemas (o primário e o secundário). O ensino secundário, em grande parte, fica condicionado ao ensino superior, tornando-se um preparatório a este. Nesse momento, o Colégio Dom Pedro II[39], da cidade do Rio de Janeiro, foi concebido pelo poder público como o estabelecimento modelo para a educação nacional, capaz de habilitar os estudantes para os exames superiores.

Com o Ato Adicional de 1834, as escolas primárias e secundárias ficaram sob a responsabilidade das províncias, abdicando, então, a um projeto de escola pública nacional. Já no Rio Grande do Sul, conforme Tambara (1995), somente em 1846 medidas práticas foram tomadas com a construção do Lyceu Dom Affonso.

> A instrução pública secundária por muito tempo restringiu-se ao Lyceu Dom Affonso que, embora com dificuldades, atendia a demanda. Os maiores problemas decorriam da falta de professores, mormente devido à baixa remuneração [...] Em verdade pode-se verificar uma luta de quase 30 anos para que efetivamente se estabelecesse um padrão de ensino público no Estado: o Lyceu Dom Affonso, cuja pedra fundamental foi colocada em 1846, somente foi inaugurado em 1869, sendo mais tarde, em 1872, transformado em Escola Normal (TAMBARA, 1995, p.276).

Assim, ao longo do século XIX, o poder público foi normatizando, pela via legal, os mecanismos de criação, organização e funcionamento de escolas que, nesse aspecto, adquiriam o caráter de instrução pública. Nesse momento as

[39] "Em 1837, o Ministro da Justiça do Império propôs a fundação de uma escola secundária no Município da Corte que viesse a servir de modelo a todas as instituições de ensino público e particulares do Império. Pelo Decreto de 02/12/1837, a Assembléia Legislativa aprovou o projeto do Ministro Bernardo de Vasconcellos, criando o Imperial Collegio de Pedro II, que representou a primeira iniciativa do Governo Imperial de estabelecer o ensino secundário público, no Município da Corte, bem como de adotar um plano de estudos integral, estruturado em níveis ou séries" (VECHIA, 2005, p.33).

escolas continuavam funcionando em espaços privados, como as próprias casas dos professores (SAVIANI, 2005).

Para Alves (2009), o Ato Adicional à Constituição de 1834 implicou também em uma consequência importante para a educação no Brasil, sobretudo para o desenvolvimento do ensino privado. A ausência de recursos das províncias para organizar seu próprio ensino, público e gratuito, especialmente em nível secundário, abriu espaço para que a iniciativa privada assumisse tal tarefa. Neste contexto, ela pode, pouco a pouco, conforme as circunstâncias em cada Província, ampliar o seu espaço. “Consolida-se o ensino privado financiado diretamente pelos pais dos alunos, nos moldes como subsiste até hoje” (ALVES, 2009, p.74).

No Rio Grande do Sul a liberdade de ensino refletiu-se no desinteresse do Estado em atuar junto ao ensino secundário e superior, garantindo espaço para a iniciativa privada. No entanto, no que se refere ao ensino primário, Corsetti (1998, p. 60) lembra que,

> especialmente nas regiões coloniais, o Estado estabeleceu um processo de disputa com a Igreja Católica, no que concerne ao ensino primário. Essas regiões eram fundamentais para o projeto de desenvolvimento dos dirigentes republicanos, que não hesitaram em avançar num terreno em que a Igreja considerava sua absoluta prerrogativa. As desavenças tornaram-se mais acirradas quanto mais se expandia o ensino público. A disputa com a Igreja, no campo do ensino primário sinalizou que o Estado não abria mão de ser o educador por excelência do trabalhador que o capitalismo necessitava para sua consolidação e pleno desenvolvimento. Não foi por outra razão que o Estado investiu de forma expressiva no ensino primário e foi nesse nível que [...] se concretizou sua preponderância

Contudo, será em 1854 que o Imperador aprovará a Lei de Liberdade de Ensino, complementando o Ato Adicional de 1834, que por sua vez regulamentava a Constituição de 1824. Para Alves (2009, p.74),

> consolida-se, assim, a livre iniciativa na educação por meio de uma escola privada autônoma em relação ao Estado, acentuando a sua expansão, mormente a da escola confessional naquele momento. Na esteira da nova legislação educacional, ainda em 1854, tomaram-se, entre outras, as seguintes medidas: a criação, no Rio de Janeiro, da Inspetoria Geral da Instrução encarregada de controlar o ensino primário e secundário, público e privado; a fixação de normas e mecanismos para regulamentar a atuação privada no ensino; e o estabelecimento de um sistema de formação dos professores primários no país.

Dessa forma, verificou-se que pela lei o Estado assumiu o papel de educador, mas impotente, “não conseguiu universalizar o indispensável estudo das primeiras letras, repassando, parcialmente, essa responsabilidade para a iniciativa privada” (CURY, 2005, p.4). Foi também em 1854, com o Regulamento da Instrução Primária e Secundária no Município da Corte que o público-alvo do ensino primário e secundário foi delimitado. O acesso às escolas criadas pelo Ministério do Império era franqueado à população livre e vacinada, não portadora de moléstias contagiosas (MARTINEZ, 1997). A partir deste momento começa a expandir-se a rede de escolas da Igreja, sobretudo as de nível secundário, devido às limitações do Estado em atender tal segmento (ALVES, 2004).

Ao se problematizar o ensino privado, torna-se importante ressaltar o que a constituição de 1824, em seu art. 179, XXXII, apresentava. Esta estabelecia que “a instrução primária é gratuita a todos os cidadãos”. Entretanto, Tambara e Arriada (2005, p.7), indicam que “não era citado de onde viriam as verbas para garantir a gratuidade”.

Já com relação à criação de instituições de ensino, a lei de 15 de novembro de 1827, decretada por D. Pedro I, considerando a necessidade de facilitar a instrução no que se referia ao estudo das primeiras letras e entendendo que não era possível estabelecer escolas em todos os lugares do Reino por conta da Fazenda Pública, permitiu a qualquer cidadão o ensino e abertura de escolas de primeiras letras.

Durante o Período Imperial havia, nas Províncias, intensas discussões acerca da necessidade da escolarização da população, sobremaneira das camadas inferiores da sociedade. Todavia, a presença do estado no tocante à educação, neste período, como observado, pode ser considerada pequena e pulverizada. No Rio Grande do Sul, segundo Tambara (2000, p.102):

> a idéia da liberdade de ensino constitui a pedra angular da estrutura escolar que se vai instalando na província. Apesar de em meados do século os secretários se preocuparem com o controle dos estabelecimentos particulares de ensino. Esta é uma atitude que paulatinamente vai cedendo terreno para a implantação de um sistema genuinamente positivista seguindo o lema: ensina quem quer onde quiser e como puder. Por uma série de circunstâncias o ensino privado procurava na liberdade de ensino uma forma de escapar do controle provincial sobre suas atividades.

Ainda para o autor, durante o período Castilhista, a política educacional proposta era de supervisionar a atuação dos diferentes agentes da área da educação. Essa supervisão, por sua vez, tinha como principal escopo a subvenção à atuação da municipalidade e de particulares em áreas prioritárias do governo (TAMBARA, 1995).

Nesse mesmo sentido, Cury (2005, p.11) afirma que, no Brasil, se o princípio da educação pública tinha sua matriz no princípio da igualdade, a da educação escolar, sob instituições privadas, se aninhava no princípio da liberdade de ensinar, inclusive algo de diferente, “desde que garantidos os elementos comuns e desde que esse diferencial seja conseqüente com os princípios de uma sociedade democrática”.

> Escola particular e escola oficial sempre apresentaram, no Rio Grande do Sul, um relacionamento complementar; mesmo assim, a vigilância do poder público precisava estar atenta à ação da iniciativa privada. Em 1856 o diretor geral da instrução pública, José Maria de Andrade, defendeu a idéia de que a educação é um dever do estado, cabendo-lhe controlar a exploração “mercantilista” eventualmente efetuada pelo setor privado (TAMBARA, 1995, p. 279).

Para Gondra & Tavares (2004), submeter o aparelho privado a um controle do Estado se justificou levando-se em consideração que o projeto político oitocentista associava a busca por graus mais elevados de progresso, a uma rede de escolarização mais homogênea. Neste sentido, a Reforma Couto Ferraz expõe seus dispositivos de controle procurando fazer da escola um eficiente mecanismo. Com base nisso, Arriada (2007, p.21) apresenta um entendimento que contribui com as informações anteriormente expostas. Para ele:

> as medidas decretadas por Couto Ferraz não foram ditadas pelo desejo de alijar a contribuição privada do campo da educação. Inspiram-se, ao contrário, na crença de que, garantida a qualidade da participação dos particulares, dever-se-lhes-ia confiar papel de grande relevo no desenvolvimento do ensino médio e elementar em todo o Império.

Segundo Alves (2009), a atuação da iniciativa privada na educação brasileira, levando-se em consideração a multiplicidade de formatos que essa assumiu, acaba dando-se de ininterrupta na história brasileira – trazendo uma contribuição importante à formação e ao desenvolvimento da educação nacional. Em seus estudos, Castanho (2007, p.40) aborda essa diversidade de modalidades e de espaços escolares constituídos no Brasil:

> o processo de institucionalização escolar dá-se no decorrer do Império brasileiro, observadas as especificidades dos níveis e modalidades educacionais. Há, com efeito, a par de uma profunda arritmia social nesse processo, de jeito que diferentes camadas da sociedade praticam formas diversas de educação, também ritmos diferentes, marcando a institucionalização escolar nos diversos níveis e modalidades em que se realiza.

Ao se refletir sobre a atuação do ensino privado na educação nacional é importante considerar que essa passa "necessariamente pela escola confessional, mormente a católica, por força dos laços construídos histórica e culturalmente" (ALVES, 2009, p.71).

Já no Rio Grande do Sul, sob a égide do Partido Republicano Rio-Grandense, se preconizava a liberdade de ensino como anteriormente mencionado. Existia uma atmosfera de reorganização da Instrução Primária refletida pelo Decreto nº. 89, de 1897, assinado por Júlio de Castilhos, então presidente do Rio Grande do Sul. O ensino, sob a influência positivista, não inibia a iniciativa privada, mas dava liberdade aos empreendimentos particulares, tanto na zona urbana como na zona rural. Assim, o ensino no Rio Grande do Sul passava por um processo de exclusão de significativos contingentes da população no que se referia à instrução elementar e, principalmente, à oportunização do ensino secundário. Este aspecto decorria principalmente porque na Província, assim como no resto do Brasil, o ensino era uma reserva de mercado da iniciativa privada; "assim somente aqueles segmentos da população que podiam arcar com o ônus do ensino pago é que prosseguiam nos estudos" (TAMBARA, 2000, p.66).

A exclusão, para Ribeiro (1978b), não ocorria gradativamente de um nível de ensino para o outro, mas, sim, marcadamente, no início da escolarização – já que a grande maioria não tinha condições e, boa parte, diante do regime de vida a que estava submetida, não tinha interesse em ingressar e permanecer na escola. A reduzida camada da classe média é que, aos poucos, nas últimas décadas do império, ampliou-se e pressionou a abertura de escolas.

Nesse cenário de constituição e organização da educação no Brasil é possível identificar, pelos estudos de Tambara (2004), que a Igreja Católica Romana exerceu a hegemonia na Educação Brasileira desde o seu descobrimento e mesmo após seus posteriores desdobramentos políticos, utilizando-se dela como forma de inculcação ideológica. O pesquisador investigou

o processo de romanização da Igreja, momento em que o educar propiciou à Igreja Católica Romana terreno fértil para sua expansão. Ela percebeu que apenas com uma rede de ensino confessional católico poderia sedimentar a expansão da Igreja Católica Romana no mundo, sob a égide da Infalibilidade Papal e do poder universal (católico) da Igreja Romana (TAMBARA, 2004).

> Diante das novas circunstâncias, a Igreja Católica, ao longo do século XIX, buscou se reorganizar com o objetivo de retomar o espaço perdido numa sociedade cujas transformações de ordem econômica, social e política foram demolidoras do "status quo" que privilegiara a instituição. A sua saída foi a reorganização interna, marcada pela centralização e reforço do poder de Roma. Esse processo de romanização da Igreja implicou um enorme fortalecimento do poder do papa sobre os bispos e destes sobre o clero (CORSETTI, 1998, p.116).

Até a Proclamação da República (1889) no Brasil, houve, portanto, uma forte relação entre a Igreja Católica Romana e o Estado. Com o advento da República, ocorreu a separação entre a Igreja Católica Romana e o Estado brasileiro, eliminando-se a Religião dos currículos escolares. Mas a Igreja Católica Romana, por meio das Ordens Religiosas que surgiam no Brasil, apresentou um clero apto e bem preparado para assumir a educação, tanto através de obras assistenciais para os *desfavorecidos da sorte*, como de escolas para atender os filhos das elites brasileiras (TAMBARA, 2004) [Grifos do autor].

> Tanto o estado quanto a Igreja reconheciam a importância da educação na formação de uma consciência social adequada a seus projetos sociais. Dessa forma, é na tentativa de ocupar espaço no sistema de ensino que ocorreram os maiores desentendimentos entre as duas instituições. A hierarquia católica dentro do processo de romanização da Igreja, procurou enfatizar a participação da Igreja na criação de escolas para a educação de seus fiéis, ao mesmo tempo que procurava introduzir e monopolizar o ensino religioso nas escolas públicas (TAMBARA, 1995, p.418).

Corsetti (1998), em suas investigações, também chama a atenção para as ações da Igreja no final do século XIX que ao perceber que estava perdendo espaço voltou-se para a educação através das congregações religiosas, lançando-se na busca de novos fiéis. “No Brasil, esta relação se deu numa complicada relação com o positivismo político e com as estruturas sociais conservadoras que estavam no poder” (CORSETTI, 1998, p.117). A Igreja Católica brasileira, e especialmente a instalada no Rio Grande do Sul, pede ajuda às instituições europeias para que fossem enviados missionários comprometidos

com a evangelização. O resultado dessa ação, para Corsetti (1998, p.119), foi expressivo:

> ao virar o século, mais de 520 padres, religiosos e religiosas europeus estavam atuando no Estado e, em meados do século XX, subiram a 64 o número de ordens e congregações diferentes existentes no Rio Grande do Sul, quase todas de origem européia.

Ao longo desse período, as Irmandades cresceram, surgindo os Colégios Diocesanos e/ou Paroquiais. Além da Catequese, era necessário mostrar à sociedade brasileira que a Igreja Católica Romana não era "representante do obscurantismo e, de certa forma, constituir-se em baluarte na luta contra a universalização do ensino propagada pelo liberalismo" (TAMBARA, 2004 p. 4).

> A Igreja empreendeu seus maiores esforços para demonstrar que a educação não era atribuição do Estado, mas da família e das instituições às quais a família delegasse essa função. A luta pelo ensino privado e pelo ensino religioso nas escolas oficiais passaria a ser, portanto, a bandeira principal da Igreja Católica durante a Primeira República. Em termos de Brasil, de modo geral, o laicismo se manteve forte e a Igreja não avançou muito; no Rio Grande do Sul, entretanto, onde o positivismo era mais forte, puro e radical, verificou-se um fenômeno inverso (GIOLO, 2009a, p.8).

Houve, por parte de todas as congregações, um forte investimento no campo educacional. A partir desse momento, a Igreja adotou três tipos de ação como estratégia para angariar novos adeptos às suas propostas:

> a ação evangelizadora da Igreja Católica assentou-se em três pilares: imprensa, associativismo e escola. As três frentes eram conduzidas a um tempo e de forma interdependente. A escola, alfabetizando a população, favorecia a expansão da imprensa e incentivava o associativismo; a organização das populações facilitava a implantação de escolas e o consumo de materiais impressos; os materiais impressos esclareciam a opinião pública a respeito da importância da associação e da escola. Escola, imprensa e associação orientavam-se, por sua vez, no sentido de favorecer a solidificação da doutrina cristã e da instituição eclesiástica. Toda a ocasião era propícia para combater outras manifestações de pensamento, para cercear a expansão de outras instituições religiosas e para tutelar a liberdade das pessoas (GIOLO, 1997, p.375).

Para Tambara (1995), as ideias liberais e a liberdade espiritual propugnada pelo castilhismo, por sua vez, propiciaram que diversas concepções de mundo organizassem mecanismos para a expansão de seus quadros. Em suas pesquisas, o autor enfoca algumas agências de difusão ideológica que utilizaram o aparelho escolar para desenvolver as suas causas, tais como: o

protestantismo no Rio Grande do Sul, o Luteranismo, os Batistas, os Metodistas, a Igreja Episcopal e a Maçonaria.

Segundo Alves (2005, p.2),

> foi com o advento da República que o seu crescimento mostrou-se extraordinário. Nesse momento, a Educação Católica passa a ser elemento de destaque na estratégia do Episcopado para acelerar o processo de romanização da Igreja no Brasil, e para fazer face à rede de escolas protestantes que começam a surgir, um pouco por toda a parte, no território nacional. É justamente neste período, final do século XIX, e nas primeiras décadas deste século, que são fundados no Brasil, ou aqui vêm se instalar, muitas Congregações Religiosas, especialmente os dedicados à educação escolar da juventude, tanto masculina, quanto feminina.

Torna-se importante rememorar que em 1824 o Brasil tinha promulgado sua primeira Constituição. Reconhecida como religião oficial do Brasil, o catolicismo permanece no regime do “Padroado”, sem restabelecer relações diretas com Roma, restringindo sua ação no campo educacional. Quanto à educação, a nova Constituição pensou, pela primeira vez na criação de um Sistema Nacional de Educação, propondo escolas primárias para todas as cidades, colégios e liceus em cada capital e ensino superior nas grandes cidades.

No entanto, as dificuldades econômicas, causadas pelo aumento do consumo e, em consequência da importação, pela economia essencialmente agrária, pelo endividamento do país (começaram os empréstimos exteriores) e pelo nascimento do aparelho burocrático do Estado, reduziram os recursos necessários para organizar a educação pública, mesmo no nível primário.

Foi nesse contexto que se deu a chegada dos Irmãos Lassalistas ao Rio Grande do Sul, em 1907, com a tarefa de criação das escolas. Legalmente, isto estava de acordo com o disposto na Constituição de 14/7/1891, § 7º do artigo 71: “Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum”. Os Irmãos constituíram, então, entidade jurídica para sua obra educacional. O ensino Lassalista procurava estar de acordo com os programas vigentes. Entre 1897 e 1906, havia sido reorganizada e regulamentada a instrução pública no Estado, sendo estes parâmetros indicados, também, para as escolas da iniciativa privada (GRAEBIN, 2006).

Em seus estudos, Amaral (2003, p.99) indica qual era a concentração de escolas católicas em Pelotas no princípio do século XX:

> no ano de 1925 só na paróquia da Catedral funcionavam seis colégios católicos, com 1.006 alunos matriculados. Eram eles: Ginásio Gonzaga, com 450 alunos; Colégio São Francisco de Assis, com 164 alunos; Escola São Pedro do Parque, com 160 alunos; Colégio Santa Ignez, 110 alunos; Escola São Francisco de Paula, 74 alunos; Colégio Santa Terezinha, 50 alunos. Já em 1934, 5.650 alunos eram atendidos por 29 estabelecimentos católicos de ensino existentes na diocese.

O que se observa é que em Pelotas as congregações religiosas consolidam a sua institucionalização com os colégios administrados pelos Jesuítas, pelas Irmãs de São José e pelos Irmãos Lassalistas (TAMBARA, 1995). Esse processo de estruturação do sistema de ensino privado tendo por base a administração confessional vem provocar uma ruptura com o cenário privado educacional existente até então na cidade, ou seja, de escolas criadas e geridas por proprietários leigos.

A criação das primeiras instituições dirigidas por ordens religiosas (ver quadro 2, p.146), vai alterar significativamente o cenário educacional privado – realidade essa que será debatida no capítulo cinco desta tese.

Diante do que foi exposto, observa-se que existia na sociedade oitocentista uma importância atribuída à iniciativa particular, que estava inscrita no movimento de afirmação e de expansão do processo de escolarização. Com a reforma Couto Ferraz, o equipamento privado de ensino, cuja expansão foi significativa em Pelotas e no restante do país, teve suas práticas, profissionais, métodos e modelos de ensino, enquadrados nos termos e normas desta regulamentação ao lado do sistema público de ensino. Sobre a atuação do ensino público, Tambara (1995, p.286) afirma que:

> no início da década de 30, a rede particular de ensino deu mostras de que, em relação ao ensino primário, não possuía condições de acompanhar a expansão da rede municipal e estadual de ensino. Ao contrário, começou um processo de desaceleração da participação da rede particular neste nível de ensino. [...] Entretanto, em termos de ensino secundário, pode-se perceber a sólida posição do ensino privado no Estado.

Isso porque, foi com a República que a escola pública se fez presente na história da educação brasileira. Com efeito, é a partir daí que o poder público assume a tarefa de organizar e manter integralmente escolas tendo como objetivo

a difusão do ensino a toda a população. Outro fator importante para o desenvolvimento da educação pública foi a criação dos Grupos Escolares, os quais, para Saviani (2006), constituíram um fenômeno urbano, já que no meio rural ainda predominou por muito tempo as escolas isoladas. Criados a partir de 1890 no Estado de São Paulo, os Grupos Escolares eram um símbolo do Estado Republicano que se organizava. Fazia parte de um projeto mais amplo que considerava a universalização do ensino como uma das características da República; representavam, ainda, a ideia de "modernidade" através da mudança na concepção e organização da escola (FARIA FILHO, 2000). Acabaram por se tornar um modelo escolar implementado por diferentes estados do país. Essa nova modalidade escolar passou a apresentar um ensino seriado em que os alunos eram distribuídos homogeneamente sob a orientação de um único professor.

> No bojo desse processo, a escola primária foi "(re)inventada": novas finalidades, uma outra concepção educacional e uma outra organização do ensino. O método individual cedeu lugar ao ensino simultâneo; a escola unitária foi, paulatinamente, substituída pela escola de várias classes e vários professores, o método tradicional cedeu lugar ao método intuitivo, a mulher encontrou no magistério primário uma profissão, os professores e professoras tornaram-se profissionais da educação (SOUZA, 2006, p. 35) [Grifos do autor].

Para Tambara (1995), em função de uma incorporação tardia do ensino público no Brasil, o Rio Grande do Sul teve uma defasagem na estruturação do sistema – especialmente no que se refere ao que ocorria em nível federal.

> Somente na segunda metade do século XVIII é que se iniciou a instalação de aulas públicas no Estado. [...] Até então a educação era dada de forma particular e, no interior, não passava de noções dadas por estancieiros que sabiam ler os clericos que transmitiam de forma empírica as noções básicas de leitura e escrita (TAMBARA, 1995, p.267-268).

Foi então por volta de 1920, que alguns setores começam a reivindicar o seu espaço na instituição pública escolar, despertando a preocupação com a organização do sistema – que dependia da preparação da massa para o mercado de trabalho. Saviani (2006), ao investigar a história da escola pública no Brasil, dividiu-a em duas etapas. A primeira foi definida em três períodos: o primeiro, de 1549 a 1759, refere-se à escola pública religiosa, cujos principais_expoentes foram os jesuítas; o segundo, de 1759 a 1827, refere-se à época em que se

instituíram as aulas régias, decorrentes da reforma pombalina. O terceiro, de 1827 a 1890, é representando pelas tentativas de se organizar a educação sob a tutela do Estado, neste momento, o governo imperial e o das províncias.

A segunda etapa indicada pelo pesquisador teve início em 1890, com a implantação dos grupos escolares, mencionados anteriormente. Essa, para ele, correspondia à gênese histórica da escola pública propriamente dita. A referida etapa, por sua vez, dividiu-se em três períodos: o primeiro, que vai de 1890 a 1931, corresponde à implantação progressiva das escolas primárias graduadas nos estados, juntamente com a formação de professores pelas escolas normais; o segundo período, de 1931 a 1961, é representado pela regulamentação em âmbito nacional das escolas superiores, secundárias e primárias, incorporando o ideário pedagógico renovador através da reforma Francisco Campos – posteriormente aprofundada pela reforma Capanema que culminaria na promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Já com o Regime Militar, instaura-se uma dimensão nova no estatal. “A dimensão pública se reduzira à expressão meramente tecnoburocrática do estatal, ela acaba deslizando-se para uma mera identificação do civil ao mercadológico” (SEVERINO, 2005, p.33). Para o pesquisador, a sociedade civil transforma-se de uma comunidade formada por cidadãos a uma comunidade de produtores e de consumidores em relação ao mercado. “Toda a vida social passa a ser medida e marcada pelo compasso das transações comerciais, do que não escapa nenhum setor da cultura, nem mesmo a educação” (*ibidem*, p.33).

Nesse contexto de avanços e recuos entre a iniciativa pública e privada a ação confessional se fez presente. Para Alves (2005), há quatro períodos bem distintos na trajetória da Escola Católica nas últimas décadas no Brasil. O primeiro período ocorre entre os anos de 1945 a 1962, momento em que se prolonga a polêmica das décadas anteriores, qual seja: a disputa entre Católicos e Liberais, e a luta da Escola Pública *versus* Escola Privada.

> Na Constituinte de 1946, a Escola Católica, sustentada por parcela significativa da Igreja e de seu episcopado, defende a liberdade de ensino e o inalienável direito da família em optar pela educação dos filhos, custeada, se necessário fosse, pelo poder público. Fortifica-se a consciência de se assumir com ardor a tarefa de melhoria das escolas católicas para preparar elites cristãs capazes de influenciar a Sociedade. A maioria das escolas católicas persevera no modelo tradicional, academicista e de matriz humanista, enquanto alguns, sob influência da

> Escola Nova, propugnam o método montessoriano [...] (ALVES, 2005, p.3).

O segundo período, segundo ele, vai de 1962 a 1979. Neste período inicia-se a proliferação da escola privada. É um momento de renovação dos educandários católicos, “propondo uma escola com espírito de família e em estado de missão. Inicia-se a preocupação com a formação extramuros de religiosos e leigos educadores, por meio de cursos e congressos” (ALVES, 2005, p.3). Fortalecem-se as associações de pais e o apoio ao movimento estudantil. É também neste período que começam a ocorrer as primeiras greves de professores.

A partir dos anos 1960, e de forma mais acentuada na década de 1970, assiste-se ao processo de retração da Igreja no campo da educação. Muitos Colégios Católicos fecham as suas portas. “No vácuo quantitativo criado pela Igreja, e no vácuo qualitativo criado pelo poder público, ocorre o rápido crescimento da iniciativa privada no campo da educação no Brasil” (ALVES, 2005, p.4).

Na década de 1980 começam as discussões sobre a dimensão transformadora da Escola Católica com suas possibilidades, seus limites e suas contradições (ALVES, 2005).

> No bojo desse movimento, o setor privado fortalece a sua posição na educação, assumindo hegemonicamente o seu controle por meio dos Sindicatos Patronais. Parcela das Escolas Católicas adere a tais Sindicatos por vezes de modo acrítico, enquanto outra apenas se sujeita a eles. Acentua-se o conflito entre Escola Católica particular, paga e de acesso exclusivo às classes abastadas e uma Igreja que faz declarada opção preferencial pelos pobres (ALVES, 2005, p.5).

Campeão (2006), que em sua pesquisa, buscava compreender os motivos dos fechamentos das escolas confessionais entre as décadas de 1970 e 1990, apresenta o seguinte registro de ata do Colégio São José da cidade de Montenegro:

> a manutenção do estabelecimento na forma atual só é possível mediante o crescente preço das mensalidades. Em conseqüência disso, a educação cada dia mais se elitiza. E o Colégio São José toma cada vez mais consciência desta contradição: enquanto promove uma reflexão em que privilegia a justiça, a solidariedade e a igualdade fundamental da pessoa humana, na prática, no que diz respeito à clientela que tem condições de participar dessa Escola seleciona, discrimina, em última analise, por razões de ordem econômica (CAMPEÃO, 2006, p.2).

Para Alves (2005), esse é o retrato do quarto e último período da educação católica. Nele a Igreja retoma, por outros caminhos, a reflexão sobre a pertinência pastoral de sua presença no campo escolar, mais especificamente na manutenção de instituições de educação formal, assumindo as limitações conjunturais de ordem social e econômica que lhe são inerentes. Já não se abandonam as escolas, por opção, com tanta facilidade. Se elas, hoje, encerram suas atividades, o fazem por outras razões, como, por exemplo: falta de recursos, problemas de gestão e impossibilidade de equilíbrio no mercado. “Recentemente, os religiosos começam a partilhar responsabilidades com os leigos, ainda que gradativamente, atingindo inclusive cargos de direção” (ALVES, 2005, p.5).

No século XXI o que se observa é que se aprofundam os desafios para o ensino confessional, tendo por escopo recentes discussões que vão levar em conta, por exemplo, a relação entre educação e assistência social; a obtenção de verbas públicas; a política para as mensalidades escolares; o envelhecimento e o deslocamento dos efetivos religiosos; o decréscimo do número de alunos; a agressiva lógica do mercado educacional; o fechamento de escolas; a crescente e irreversível entrada dos leigos para cargos diretivos nas instituições (ALVES, 2005; CAMPEÃO, 2006).

A partir desse breve panorama do ensino confessional privado e de sua caracterização, os dados sobre as escolas privadas de Pelotas serão analisados.

4.2 A Laicidade

Para abordar a origem do Ensino Laico no Brasil será necessário retomar alguns fatos importantes. Muitos deles, anteriormente abordados, serão retomados para compreender quais eram as relações estabelecidas entre o estado brasileiro no século XIX com o catolicismo, bem como as consequências advindas da Proclamação da República. Em 30 de junho de 1821, o decreto assinado por D. João VI acaba por permitir a qualquer cidadão o ensino e a abertura de escolas de primeiras letras.

Durante o período regencial, decretou-se, como anteriormente exposto, um Ato Adicional à Constituição de 1834. A nova legislação descentralizou a

direção da educação e o ensino primário, assim como o secundário, ficaram sob a exclusiva responsabilidade do governo de cada Província, enquanto ao governo central cabia a responsabilidade de todo ensino superior existente ou a ser criado.

Além dessas transformações ocorridas no século XIX, a grande mudança no âmbito educacional, advinda da Proclamação da República em 1889 foi, sem dúvida, a laicização do ensino público, fruto da separação entre a Igreja e o Estado, decretada em 1891. Ao determinar que o ensino ministrado nos estabelecimentos de ensino público seria laico, a constituição republicana desencadeou, até meados do século XX, fortes disputas no que se refere ao ensino religioso.

> Após 1889, a separação oficial proclamada na lei maior reduz a Igreja Católica ao domínio constituído do particular e do privado. A república proclama que "todo poder emana do povo e em seu nome será exercido" e por isso a lei será igual para todos, indistintamente. [...] ela reforçará sua presença junto à sociedade civil. O campo privilegiado deste reforço será a socialização das novas gerações no terreno educacional. Atuando, pela presença congregacionista junto a colégios e escolas nas cidades, junto a internatos ou semi-internatos que atendessem às elites agrárias desprovidas de estabelecimentos próximos, a igreja conseguiu manter-se como instituição forte, dando especial atenção ao público feminino sabidamente majoritário nas escolas normais (CURY, 1991, p.98)

A Proclamação da República também se tornou um cenário fértil para as ideias liberais. Para Nagle (2001, p.82), "com a República, triunfaram as idéias liberais. Do ponto de vista da história do catolicismo no Brasil, termina a fase regalista e inicia a da independência entre a sociedade religiosa e a sociedade civil".

Complementando esse entendimento, Guedes (2010, p.46) afirma que,

> definida a separação entre o Estado e a Igreja pela Constituição, esta determina o ensino leigo ministrado nos estabelecimentos públicos. As várias interpretações sobre a lei levam ao aparecimento de duas correntes: uma contrária à inclusão do ensino religioso na escola com ônus para os cofres públicos; outra, que o defende como direito do cidadão que freqüenta a escola pública (aberta a todos, sem distinção de raça ou credo religioso). Estes fatos geraram a criação do Comitê Pró-Liberdade de Consciência e a campanha Pró-Ensino Laico.

Nos estudos de Huch e Tambara (2005) é possível observar que em Pelotas, com o início do período republicano, há um crescimento na quantidade de escolas e de matrículas bastante significativo.

> Sem dúvidas foi realizado um grande investimento. E é ainda neste período que se dá o início do processo de municipalização do ensino primário em Pelotas. Obviamente, esta expansão está associada a diversos fatores, entre os quais destaca-se o "espírito republicano" que privilegiava o aparelho escolar como um instrumento de difusão ideológica (HUCH e TAMBARA, 2005, p.3) [grifo dos autores].

Diante do todo exposto, laicismo é então compreendido, conforme a definição de Zanone (1995, p.670), como "cultura leiga" e "Estado leigo". Por cultura leiga entende-se aquela que se desenvolveu desde a Renascença, tendo como principal referência a ideia de separação entre o pensamento político e os problemas religiosos. Estado leigo, por sua vez, é aquele que se contrapõe ao Estado Confessional, ou seja, que se contrapõe ao Estado que assume como sua uma determinada religião e privilegia seus fiéis em relação aos crentes de outras religiões e aos não crentes (AMARAL, 2003).

Para Amaral (2003, p.80), o termo laicismo “prende-se ao conceito de secularização, que é o processo de perda progressiva dos valores cristãos, gerados pela expansão do capitalismo”, que provocou inúmeras mudanças no campo social e cultural.

É nesse contexto que iniciam as reivindicações por uma escola nova brasileira, tendo como documento base o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, representado por nomes como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. O objetivo principal do manifesto foi realizar a reconstrução social pela reconstrução educacional – que tinha por princípio a laicidade, a gratuidade, a obrigatoriedade, a co-educação e a unidade da escola. Isso porque, segundo Cury (CURY, NOGUEIRA, 1989), neste momento, o público estava “travestido” de leigo e o particular de católico religioso [Grifos autores].

Para Saviani (2006), essa vertente pedagógica parte do pressuposto de que a educação é função do Estado e se dirige a todos os graus ou estágios de ensino. Segundo o estudioso, o manifesto representou mais do que um ideal de defesa da escola nova, uma vez que contribuiu com as reflexões para defesa de uma escola pública, tornando-se, assim, um grande legado do século XX que, apesar dos esforços dos educadores, não teve concretização no país.

> O Manifesto apresenta-se, pois, como um instrumento político, como é o próprio, aliás, desse “gênero literário”. Expressa a posição do grupo de educadores que se aglutinou na década de 1920 e que vislumbrou na Revolução de 1930 a oportunidade de vir a exercer o controle da educação no país [...]. Pode, pois, ser considerado um importante legado

> que nos é deixado pelo século XX. É um marco de referência que inspirou as gerações seguintes, tendo influenciado, a partir de seu lançamento, a teoria da educação, a política educacional, assim como a prática pedagógica em todo o país (SAVIANI, 2006, p.34-35) [grifo do autor].

Alguns estudiosos compreendem que é neste momento que o estado vai priorizar as atividades ligadas ao desenvolvimento do capital, abrindo espaço, uma vez que tende a se desobrigar da educação, para as ditas empresas de ensino que vão ocupando essas lacunas (CURY, NOGUEIRA, 1989).

> Será no decorrer dos anos 20 e início dos anos 30 que a questão público *versus* privado surgirá mais fortemente. Sob a necessidade de se garantir a dominação urbana, no fogo cruzado de atores coletivos fortemente motivados, a possibilidade de participar ativamente no jogo político, e em especial na condução do capítulo sobre "Educação e Cultura" da Constituição de 1934, fez que os grupos interessados se posicionassem (*ibidem*, p.66).

Em Pelotas, a virada do século XIX para o século XX foi de intensa diversificação de atividades econômicas voltadas para o comércio e para os serviços. Acredita-se, então, que, a educação que era basicamente destinada às classes privilegiadas da sociedade, começa a se tornar fundamental para o desenvolvimento dessas atividades e, consequentemente, para a cidade. Tal fato acabou gerando, gradativamente, a criação de instituições de ensino voltadas para um público que exercesse tais funções.

Ao se analisar o Relatório do Inspetor Geral da Instrucção Pública do ano de 1901, sobre o ensino público em Pelotas no ano de 1900, verificou-se um total de 27 escolas – sendo 16 do sexo masculino, 9 do sexo feminino e 12 mistas – que abrigavam uma população escolar de 1.833 alunos. Já no Relatório do Inspetor Geral da Instrucção de 1903, esse número cresce em 1902: Pelotas passa a ter 37 escolas.

No Relatório da Intendência de Pelotas do ano de 1902 há um mapa – demonstrativo das aulas públicas e particulares no período compreendido entre os anos de 1834 a 1850 – que registra uma aula pública de ensino noturno com 96 meninos e uma aula pública para meninas frequentada por 22 alunas. No entanto, convém lembrar que, "todas elas – as aulas públicas e as particulares – foram fechadas durante a Revolução Farroupilha, sendo reaberta a escola pública apenas em 1845" (MAGALHÃES,1993, p.226).

No Relatório da Intendência de Pelotas do ano de 1868, analisou-se um quadro estatístico e geográfico da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul referente aos dados do ano de 1866. Pelotas aparece contendo 3 escolas para o sexo masculino com uma população de 339 alunos e 2 escolas para o sexo feminino, com 141 alunas. No mesmo ano, na cidade de Rio Grande, verificou-se que esses números diminuem: são 2 escolas masculinas com 128 alunos e 2 destinadas ao sexo feminino, com 135 meninas. Já em Porto Alegre, a capital da Província, os números crescem: são 4 escolas masculinas com 513 alunos e 6 femininas com 381 alunas. No quadro demonstrativo do movimento das escolas públicas do estado no ano de 1900, encontrado no Relatório do Inspetor Geral da Instrucção Pública de 1901, os números da população escolar são os seguintes: 1.833 alunos(as) em Pelotas, 1.149 em Rio Grande, e 6.359 em Porto Alegre.

Sobre o cenário e as discussões em torno da educação pública, encontrou-se, em um jornal da cidade, no ano de 1889, uma denúncia sobre as condições em que as crianças estavam submetidas naquele espaço escolar:

> **INSTRUCÇÃO PÚBLICA**
>
> Há tempos reclamamos da illustrissima câmara municipal, moveis para a aula publica que funcciona a rua Santa Bárbara n.98 e dirigida com muito critério pelo distincto professor Sr. Pedro Gama. Dessa infeliz reclamação nada resultou em favor dos pobres meninos que freqüentam aquela escola, que como dissemos, alguns ficam de pé durante o tempo de estudo, e outros, os menores, acentados no chão ou sobre o estrado da mesa do professor. Naquela época da aclamação um mez mais ou menos a freqüência do collegio era de 46, hoje eleva-se a 61 matriculados!!
>
> Não se pode dizer que a illustrissima câmara não tenha recebido reclamações tanto da imprensa como do Sr. Inspetor Escolar, não se pode dizer também que ella não tenha verba para suprir os moveis, porquanto a sua atribuição é levar ao conhecimento da presidência da província para esta providenciar segundo o regulamento. Ora sendo apenas uma intermediária, tem representado mal o seu papel. De curar tão afoitamente das escolas é retrogradar aos olhos de todos que prezam o ensino entre nós, é mais – é ter desídia pela palpitante necessidade de um povo. Ao critério do Sr. Arthur Maciel presidente da câmara submettemos esta pequena lembrança (JORNAL A PÁTRIA de 16/2/1889, p.2).

Essa notícia revela a relação de cobrança da sociedade para com os poderes públicos. Além disso, evidencia a realidade do espaço de um estabelecimento público de ensino da época em que “os pobres meninos que freqüentam aquela escola, alguns ficam de pé durante o tempo de estudo, e

outros, os menores, acentados no chão ou sobre o estrado da mesa do professor".

Já no ano de 1910, é registrada, no Relatório da Intendência de Pelotas, uma estatística escolar em que aparecem 3 aulas noturnas municipais com 132 alunos homens e 44 aulas estaduais com um total de 828 meninos e 1007 meninas. O que se verificou foi que, com uma diferença de oito anos, duas aulas são criadas, ocasionando o aumento da quantidade para 36 alunos. Outro fator relevante observado foi a oferta de ensino estadual, em que as crianças se encontravam em maior número. Nesse relatório ainda foi possível encontrar tal registro com relação ao ensino público no município:

> procurando cooperar com o estado na disseminação do ensino, alem das aulas que o município já mantem na cidade, estabeleceu outras no distrito ruraes, localisando-as nos pontos julgados mais convenientes, de forma que seus benefícios alcancem o maior número de creanças [...] (RELATÓRIO INTENDENCIAL de 1910, p.16).

O ensino privado continuou a existir, mas, a partir de 1910, pode-se perceber, nos relatórios e nas notícias dos jornais, um aumento no número de escolas públicas municipais e estaduais. Além disso, foi possível constatar que, em torno do ano de 1905, o número de instituições privadas criadas diminuiu se comparado ao de períodos anteriores (ver quadro 3, p.199). Também houve uma gradual e consequente diminuição na divulgação de anúncios por parte das instituições existentes. Isso deve ter ocorrido porque muitas delas poderiam ter encerrado as suas atividades em função do investimento do setor público na educação.

Em meio a esse cenário da constituição de um sistema de ensino em Pelotas, identificou-se no Jornal Correio Mercantil de que forma esse veículo de comunicação evidenciava em suas páginas sua posição contra uma educação atrelada à igreja católica. Era divulgado constantemente aos seus leitores que a educação deveria ser leiga, assim como o estado. Deixava claro, também, que não era a favor de uma religião oficial. Com frequência apresentava matérias que se opunham à Igreja Católica e que defendiam uma emancipação do estado do predomínio da igreja.

Pesquisando as páginas deste periódico é possível inquirir que muitos fatos davam subsídios para a defesa dos ideais maçônicos, posicionando-se

contra a política vigente. Este cenário observado foi investigado por Amaral (2003, p.82), que faz a seguinte afirmação:

> é inegável que a Igreja e a Maçonaria exerceram influência decisiva em muitos acontecimentos políticos e sociais de nosso país. Essas duas instituições entraram o século XX num clima de conflito político-ideológico desencadeado tanto por questões oriundas das determinações do Vaticano, que acentuaram o processo de *romanização* da Igreja e de perseguição desta aos maçons – já mencionada - como por questões internas que diziam respeito à nossa política nacional, como o processo da implantação do sistema republicano laico.

Essa disputa entre Igreja Católica e Maçonaria ficou registrada, portanto, em muitas edições dos jornais. Para Amaral (2003, p.83),

> a Igreja Católica combatia a laicização e a secularização e por extensão todos os movimentos político-sociais e culturais que defendessem esses idéias. Ela os considerava como seus "inimigos mortais" pois, em sua ótica, pregavam o ateísmo, uma vez que propunham formas de pensar a realidade que não estavam sujeitas ao seu controle doutrinário. Sua principal arma contra a modernidade foi a política ultramontana, que compreendia a centralização institucional em Roma. Nesse sentido a educação tornou-se um elemento extremamente importante para a Igreja que, entre outras determinações, passou a obrigar seus seguidores a freqüentar somente escolas católicas. Essa seria uma forma de reforçar os preceitos do catolicismo junto às famílias, aumentando o controle doutrinário da Igreja.

Assim, as escolas confessionais católicas vão reproduzir os valores, ideologia e crença católicas. Neste contexto, torna-se necessário abrir-se outro espaço para outras orientações. A luta pelo ensino laico proporcionaria, então, esta oportunidade.

A Igreja Católica, separada do Estado na instauração do regime republicano, teve de se adaptar à nova realidade, reorganizando-se e procurando atingir o maior número possível de indivíduos. Para tanto, convocou agentes e fundou instituições onde seu ideário fosse difundido. As congregações e as ordens confessionais foram os agentes e os meios foram a educação e a escola.

Nesse contexto de disputas no campo educacional, via-se, com relação à organização das instituições privadas no Rio Grande do Sul, até a proclamação da República, que se baseavam fundamentalmente na figura da pessoa física como entidade mantenedora e prestadora de serviço na educação (TAMBARA, 1995). Ou seja, em Pelotas, ao analisar as propagandas e os dados do quadro 2 (ver p.146) observa-se um modelo mestre-escola em que os docentes ofertavam o ensino conforme a sua especialidade. Consta-se, então, que essas instituições

não eram confessionais. Até a segunda metade do século XIX, mais especificamente nos seus últimos anos, é que Pelotas recebe as primeiras escolas confessionais. Com base nos anúncios encontrados, observa-se que foram muitas as iniciativas de ensino privado em Pelotas no século XIX que, como consequência, proporcionaram um amplo campo de atuação para os professores leigos. Nas propagandas, identificou-se que existia um destaque especial para o corpo docente. Nelas, era exaltada a importância de a escola possuir em seus quadros profissionais altamente capacitados e reconhecidos.

Além do discurso atribuído ao papel do professor, também se verificou a imagem do diretor das escolas, que além de dar aulas, administrava uma instituição de ensino. Em sua maioria, eram responsáveis por congregar os melhores docentes; testemunhar a qualidade dos mesmos; assumir a cadeira ministrada por eles, caso algum imprevisto ocorresse; planejar o currículo, criando novos cursos e disciplinas. No *corpus* organizado, constatou-se que da segunda metade do século XIX à primeira metade do século XX 79 professores[40] encontrados exerceram a função de diretor, não raras vezes em mais de uma instituição, mas em momentos diferentes (NEVES, 2007). Destaca-se ainda o fato de que algumas instituições recebiam o nome de seu fundador, exaltando a sua figura e, ao mesmo tempo, firmando o compromisso que tinham com a qualidade de ensino (NEVES; AMARAL; TAMBARA, 2011).

Assim, observa-se que em Pelotas, com a defesa de uma educação leiga, vai ocorrer na virada do século XIX para o século XX, a abertura de instituições de ensino com uma orientação diferente da católica. É neste contexto educacional que será criado na cidade, pela Maçonaria, o Gymnasio Pelotense[41], que passa a ser importante referência para se pensar a educação separada da tradição católica. Anos depois, na década de 1930, é criado em Pelotas o Colégio Anglicano Santa Margarida, uma alternativa de ensino confessional anglicano ao ensino laico das escolas públicas e também ao ensino confessional das escolas católicas romanas existentes em Pelotas.

A separação da Igreja do Estado será terreno fértil para as alterações na oferta de ensino em nível nacional. As imbricações dessa secção serão

[40] Apresento todos os nomes dos(as) professores(as) encontrados(as) nas propagandas das escolas de Pelotas do final do século XIX e princípio do século XXI em (NEVES, 2007).
[41] Ver Amaral (2005).

sentidas em Pelotas, momento em que a Igreja Católica defenderá a existência de uma gestão privada para o ensino, como será visto a seguir.

4.3 Os Empresários da Educação

Como anteriormente foi abordado, a separação do estado e da igreja vai propiciar um novo cenário para a educação. É importante destacar um impulso que ocorreu com o fim do Estado Novo e com as diretrizes da Constituição de 1937. A nova Constituição determinava o ensino primário obrigatório e outorgava à União o direito de legislar sobre as diretrizes e bases da educação nacional. O fato mais marcante, contudo, teve início em 1948 quando foi encaminhado à Câmara Federal um projeto de reforma geral da educação nacional organizado em três diretrizes: ensino primário, ensino médio e ensino superior. Esse, por sua vez, criou um amplo debate sobre a responsabilidade do Estado e a participação das instituições privadas na educação.

> Depois de treze anos de acirradas discussões, foi promulgada a Lei n. 4.024, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 20 de dezembro de 1961, que atendia às reivindicações da Igreja Católica e dos donos de estabelecimentos particulares de ensino no seu debate com os que defendiam o monopólio do Estado na oferta da educação (VILLAS BÔAS, 2008, p.29).

Neste momento, a Igreja Católica defendeu um modelo privado de gestão educacional. Será, então, um contexto em que o Brasil vai vivenciar a elaboração da lei de diretrizes e bases da educação (LDB), que acaba trazendo um conflito marcadamente público *versus* privado. As propostas da lei iam desde a estatização até a privatização subsidiada pelo Estado. Embora dirigidos pela Igreja Católica, os empresários do ensino já se faziam sentir com mais ênfase (BUFFA, 1985; SAVIANI, 1978).

Para Severino (2005), um conflito que fica marcadamente expresso ao longo da discussão da LDB é a resistência e a oposição da igreja católica quanto à consolidação do Estado brasileiro – que a partir da revolução de 1930 implementa o sistema público de ensino.

> Esse conflito fica explícito ao longo da discussão do Projeto da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1946 a 1961, documento que registrou, de forma nítida, o compromisso que se firmou, no âmbito da política educacional, entre católicos e liberais. Esse conflito acaba levando a Igreja a posicionar-se favoravelmente a um modelo privado de gestão educacional [...] um compromisso frágil do qual saíram vencidos tanto os católicos como os liberais, com a entrada em cena de um terceiro grupo de atores sociais, aqueles dos empresários da educação, grupo que se tornará hegemônico a partir da década de 1970, graças às conseqüências do Regime Militar implantado no país em 1964 (SEVERINO, 2005, p.33).

Como já exposto, Cury e Nogueira (1989) acreditam que é nesse momento que o estado vai priorizar as atividades ligadas ao desenvolvimento do capital, abrindo espaço para as "empresas de ensino" que ocuparão essas lacunas.

A trajetória do ensino privado no Brasil é marcada, portanto, por disputas e por gradativos distanciamentos dessa esfera diante do ensino público. É nesse cenário, na segunda metade do século XX, que as instituições privadas começam a ser criadas e mantidas por um grupo social que será denominado de empresários da educação ou de empresários do ensino. Os empresários leigos do ensino começam a ter presença marcante no panorama político-educacional brasileiro a partir dos anos de 1960, mais especificamente a partir do Golpe Militar de 1964, com a consolidação do capitalismo em nível nacional (CÊA; DORNELLAS SOBRINHO, 2000). Os militares no poder optaram por uma política privatista no campo social e isso incluía a educação. "Desde então o empresariado leigo do ensino passou, crescentemente a dividir com a igreja católica a escolarização da classe dominante e de amplos segmentos das camadas médias urbanas" (CÊA; DORNELLAS SOBRINHO, 2000, p.133).

Para Alves (2009), além desse fator, os anos 1950 e 1960 vão desencadear uma alteração no cenário do ensino privado brasileiro. Segundo o estudioso isso também ocorre:

> em função do crescimento demográfico da classe média do Brasil e da incapacidade da escola confessional em acompanhar o crescimento da demanda, os estabelecimentos escolares mantidos por educadores e empresários da educação se vêem em vertiginoso crescimento a partir dos anos de 1970. O desenvolvimento econômico do país, a precária qualidade do ensino público e a crescente qualidade do serviço educacional prestado pela escola particular propiciam o crescimento do setor privado tendo à frente empresários e dirigentes extremamente competentes e organizados na gestão educacional. É o *boom* do ensino

> privado, em um primeiro momento na educação básica, e, a partir dos anos 1990, também no ensino superior (ALVES, 2009, p.75).

Com o Regime Militar, instaura-se uma dimensão nova no Estatal. “A dimensão pública se reduzirá à expressão meramente tecnoburocrática do estatal, ela acaba deslizando-se para uma mera identificação do civil ao mercadológico” (SEVERINO, 2005, p.33). Como mencionado anteriormente, para o pesquisador a sociedade civil transforma-se de uma comunidade formada por cidadãos, a uma comunidade de produtores e de consumidores em relação ao mercado. Neste cenário, toda a vida social passa a ser medida e marcada pelas transações comerciais, do que não escapa nenhum setor da cultura, nem mesmo a educação (*ibidem*).

> Durante duas décadas de ditadura (1964/85), as afinidades políticas dos empresários do ensino com os governos militares abriram caminho para mais e mais representantes de escolas, faculdades e universidades privadas nos conselhos de educação. Tornando-se maioria, eles passaram a legislar em causa própria. Os resultados foram expressos em cifras estatísticas e financeiras. Impulsionados pela demanda de vagas, pelo freio na velocidade de expansão das redes públicas de ensino e, especialmente, pelas normas facilitadoras, as instituições privadas de ensino multiplicaram-se em número e cresceram em tamanho. Em qualquer capital de estado e até mesmo nas cidades médias do interior, pequenos ginásios e cursinhos pré-vestibular acumularam capital, alunos pagantes e níveis de ensino. Alguns viraram universidades. Mais recentemente, as instituições privadas de ensino ingressaram no lucrativo serviço de franquias (CUNHA, 2003, p.46).

Conforme Cêa e Dornellas Sobrinho (2000), no final do período ditatorial, os empresários leigos do ensino já se sobressaíam em volume de matrículas efetuadas em sua rede de escolas, porém não haviam alcançado o mesmo poderio da Igreja Católica na aparelhagem estatal, pelo menos até o final dos anos de 1980.

> Com o fim da ditadura, temos uma cisão no interior do ensino privado. A Igreja apresenta um discurso e uma prática voltados mais para a "questão social", a chamada "opção pelos pobres", o que demanda uma participação pontual na educação básica e maior investimento na educação superior. Em contrapartida, as escolas laicas começam a assumir uma identidade empresarial mais definida, dominando a participação política nos fóruns internos da representação sindical – que se faz aparecer para opinião pública e para os trabalhadores. No entanto, as duas vertentes se apóiam num mesmo princípio de unidade: o pluralismo democrático, que dá lugar à escola particular como contraponto ao suposto "monopólio estatal" pretensamente defendido pelos defensores do ensino público (OLIVEIRA, 2002, p.2) [grifos do autor].

Na elaboração da Constituição de 1988, a Igreja e os empresários expõem diferentes discursos: de um lado, a igreja solicita o apoio do Estado para com as escolas confessionais e comunitárias; de outro, os empresários pedem mais liberdade de ação. O resultado é que o texto constitucional vai permitir a destinação de recursos públicos para a iniciativa privada dita filantrópica, na forma de isenções fiscais – o que é considerado uma derrota para os defensores do ensino público – e ainda permitir, pela primeira vez na história, o lucro na atividade educacional (OLIVEIRA, 2002).

A Igreja Católica consegue assegurar privilégios significativos no corpo da Constituição de 1988, despontando como principal sujeito político do setor privatista educacional. Este fato fez com que os demais sujeitos políticos do campo educacional privado buscassem reunir forças, objetivando ampliar seus espaços de atuação no cenário educacional brasileiro (CÊA; DORNELLAS SOBRINHO, 2000).

Esse espaço é, para Cêa e Dornellas Sobrinho (2000), efetivado com a implementação no país de postulados neoliberais – propiciada pela vitória de Fernando Collor de Mello para a presidência da República, no final de 1989. Esse momento terá continuidade, pela sua substituição, em outubro de 1992, após um processo de *impeachment,* fazendo ascender à Presidência da República seu vice, Itamar Franco. Após a eleição do então presidente Fernando Henrique Cardoso, os empresários leigos atuam como os principais atores coadjuvantes na execução da política educacional governamental, especialmente no que tange à escolarização de nível superior.

A gestão de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) vai propiciar uma expansão do ensino superior gerido por grupos privados educacionais — "potencializando, assim, o tradicional dualismo classista que marca a história das oportunidades educacionais no Brasil" (NEVES; OLIVEIRA, 2004, p.2).

Esse será um momento para a educação privada em que haverá divergência de interesses entre os empresários que atuam na educação básica e os que exercem o ensino superior em função da implementação das políticas de reforma administrativa e do Estado durante o governo Fernando Henrique Cardoso.

> Além disso, com o agravamento da crise econômica que atinge a classe média, a divisão institucional entre as escolas-empresa e as filantrópicas favorece ainda mais estas últimas na concorrência pela educação das elites, já que contam com benefícios fiscais para a configuração dos custos de reprodução do capital investido (NEVES; OLIVEIRA, 2004, p.3).

Já entre os problemas enfrentados pelos pequenos e médios empresários da educação básica, está a medida provisória conhecida como a "oficialização do calote", instituída em 1994, que acaba por impedir ações de cobrança mais rígidas com relação aos inadimplentes das escolas.

Será então no princípio do século XXI que o setor privado vai atuar mais fortemente no ensino superior e no bojo das discussões sobre o ensino privado do século XXI os debates sobre a educação como mercadoria ganham espaço. A atuação e os distanciamentos que o ensino privado vai ganhando do ensino público começam a ser fruto de reflexões das pesquisas sobre este ensino para o país. De um lado estudiosos indicam a qualificação e a contribuição dessa esfera de ensino para o Brasil. Em outra direção, especialmente àqueles que investigam o ensino superior, vêm abordando em suas investigações a desenfreada abertura de instituições superiores de ensino privadas – que vêm deixando a qualidade de ensino de lado. O que se pode observar, com o presente estudo, é que esta instância educacional é repleta de contradições.

Com base nos diferentes sistemas de gestão do ensino privado apresentados neste capítulo, reflete-se sobre essas formas de administração da educação privada de nível fundamental e médio em Pelotas. Ao levar em consideração os passos da educação privada em nível nacional, por ora apresentados brevemente, será analisada agora como essa instância educacional se constitui em Pelotas ao longo dos séculos XIX, XX e XXI.

5 OS CICLOS DO ENSINO PRIVADO EM PELOTAS IDENTIFICADOS NA PROPAGANDA IMPRESSA: SÉCULOS XIX, XX E XXI

Ao realizar esta investigação buscando analisar a constituição do ensino privado em Pelotas, questionou-se se ele manteve características semelhantes ao longo dos séculos e como se instaurou e se consolidou na cidade.

A primeira constatação a ser feita é que as instituições dos séculos XX e XXI vêm repetindo ações que já eram desempenhadas no século XIX pela iniciativa privada. Contudo, há diferenças percebidas entre o ensino privado no século XIX e nos séculos XX e XXI. Essas se referem às formas de gestão das instituições, uma vez que algumas eram administradas pelas ordens confessionais e outras pela ação dos ditos empresários da educação.

Além disso, diante de todos os dados investigados, identificou-se que o cenário da atuação do ensino privado de Pelotas, como anteriormente exposto, foi constituído por três ciclos. No primeiro ciclo a educação era ofertada ao mercado por um proprietário ou por um grupo de docentes, que ofereciam a educação em um processo mais sofisticado do que as aulas avulsas existentes na cidade. Nos colégios, diferentemente das aulas avulsas, os professores dividiam as disciplinas com outros docentes ficando responsáveis por áreas do conhecimento. É uma fase eminentemente privada, caracterizada por um sistema claramente capitalista mercantil.

Já o segundo ciclo vai se caracterizar pela hegemonia confessional, que irá extinguir o processo anteriormente vivido pelo ensino privado. Nessa fase existirá uma organização mais efetiva, com quadros dispostos e treinados para atuar no magistério como vocação. Além disso, serão criadas instituições com uma estrutura sólida de gestão, especificidade que os “empresários” do primeiro ciclo não tiveram.

No terceiro ciclo, por sua vez, verifica-se a volta dos empresários da educação, agora baseados em um capitalismo empresarial, que colocará em xeque a proposta de uma educação nos moldes ofertados pela confessionalidade, o que exigirá desta uma postura capitalista. Verificou-se, então, que algumas organizações religiosas não tiveram condições de acompanhar essa concorrência de mercado. Esses contrapontos, portanto, serão abordados ao longo deste capítulo.

Cabe ainda chamar a atenção que a partir das propagandas organizou-se um inventário das instituições privadas anunciantes nos periódicos dos séculos XIX, XX, e XXI. O intento foi o de fazer um mapeamento das escolas privadas existentes em Pelotas que anunciavam nos jornais, bem como observar os períodos em que abrem e fecham instituições de ensino na cidade. Desta forma, é possível analisar os percursos percorridos pelo ensino privado pelotense.

5.1 O Primeiro Ciclo (1832[42]-1895): o ensino privado laico e o início do ciclo da confessionalidade

Ao manusear os periódicos de Pelotas do século XIX, observou-se que inúmeras escolas foram sendo criadas, assim como os seus anúncios iam sendo publicados nas páginas dos jornais. A cada nova instituição criada na cidade, a comunidade era avisada por meio de propagandas. Diante de uma quantidade significativa de instituições, optou-se, como já informado, por organizar um inventário de todas as escolas que anunciavam nos jornais. Para tal, destacam-se as seguintes informações sobre as instituições de ensino: nome da instituição; ano de inauguração; nível de ensino ofertado; vagas para o sexo feminino ou masculino; anos em que publicou anúncios; total de anos de atuação rastreados pelos anúncios; quantidade de anúncios encontrada. A totalidade de escolas

[42] Apesar de a periodização desta tese começar no ano de 1872, creditou-se ao ano de 1832 o princípio do primeiro ciclo. Isso em função de que há dados informando que neste momento começavam a funcionar em Pelotas as primeiras instituições privadas de renome, como será abordado posteriormente.

atuantes na periodização definida por esta pesquisa, ou seja, os séculos XIX, XX e XXI, é apresentada no quadro 4 (ver p.364) desta tese.

Optou-se, assim, por seccioná-lo representando cada ciclo do ensino privado estipulado. A primeira parte do quadro organizado apresentará o primeiro ciclo da educação privada identificado. Do século XX até o século XXI optou-se por apresentá-lo separadamente, analisando, assim, os ciclos de maneira isolada. O quadro expõe as escolas em uma ordem cronológica, apresentando as instituições privadas rastreadas. Ao observar os dados é possível visualizar numericamente o que cada período representou para o ensino privados, seja através de aberturas de escolas e de sua permanência na cidade de Pelotas ou por seu término de atuação. Ressalta-se, mais uma vez, que somente foram destacadas as escolas que anunciavam nos jornais.

Não é apresentado o ano de fundação de algumas escolas porque não foi possível encontrá-lo no anúncio ou em notícias do jornal. No entanto, acredita-se que o ano de inauguração de alguns colégios possa coincidir com a primeira propaganda publicada. Chama-se a atenção de que as linhas cinzas no quadro demarcam a criação das primeiras instituições de ensino confessionais de Pelotas.

Com base no que foi elencado, pela pesquisa realizada anteriormente (NEVES, 2007), observa-se a existência de uma significativa quantidade de instituições de ensino privadas nos finais do século XIX e princípio do XX em Pelotas. Algumas dessas escolas, como pode ser verificado no quadro 2, tiveram uma longa existência na cidade. Dentre elas, destaca-se o Collegio de Mme. Jeanneret (25 anos), o Collégio Alemão (44 anos)[43] e o Collegio Perseverança (22 anos)[44].

[43] É importante chamar a atenção de que, segundo Fonseca (2007), apesar de ter sido um colégio com uma excelente qualidade de ensino, a instituição fechou por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Voltando suas atividades, no ano de 1938, com um novo nome: Colégio Carlos Ritter.
[44] Em Neves (2007), apresento as especificidades de muitas das escolas apresentadas no quadro.

Figura 44 Quadro 2 – Instituições privadas atuantes no primeiro ciclo da educação privada de Pelotas

NOME DA INSTITUIÇÃO	ANO/DATA DE INAUGURAÇÃO	TIPO DE ENSINO PRIMÁRIO(P) SECUNDÁRIO (S), GINASIAL (G) FUNDAMENTAL (F), MÉDIO (M) JARDIM DE INFÂNCIA (J)	VAGAS PARA O SEXO FEMININO (F) MASCULINO (M)	ANOS EM QUE PUBLICOU PROPAGANDAS	TOTAL DE ANOS DE ATUAÇÃO RASTREADOS PELAS PROPAGANDAS	QUANT. DE PROPAGANDAS PUBLICADAS
Collegio S. Francisco de Paula – Carlos André Laquentinie	1864	P/S	M	1875-1876-1877	3	25
Collegio Acácia	1872	P/S	F	1877-1878-1879-1880-1881-1882-1883-1884-1885-1886-1887-1889-1892	15	235
Collegio de Mme. Jeanneret Collegio de Meninas Collegio Jeanneret Instituto Jeanneret	1872	P/S	F	1875-1876-1877-1878-1879-1880-1881-1882-1883-1884-1885-1886-1887-1889-1892-1894-1900	25	171
Collegio Santa Cecília	1872	P/S	F	1878-1879-1880-1881-1882-1885-1887-1890-1891-1895-1899-1900-1901-1902-1903-1905-1906	28	210
Aula de Francez Mme. Audisson		P	F	1875-1876	1	15
Collegio Arnizaut Furtado & Guidony		P	M	1875		3
Collegio Mme Audissou		P	F	1875-1876	1	15
Collegio Reis		P/S	M	1875-1876	1	25

Collegio Santa Rosa		P/S	F	1875-1876-1877-1878-1879-1880-1881-1882	7	46
Collegio Francez – Charles Bachelery	01/1876	S	M	1876		21
Collegio Franco Rio-Grandense	1º/2/1876	P/S	M	1875-1876-1877	2	42
Aula Particular Curso Primário Collegio Fróes – Alberto Fróes	1/1/1875	P	M	1875-1878-1886-1887-1988-1889-1893-1896	21	29
Collegio S. José Francisco Rodrigo de Souza		S	M	1876-1877-1878-1892	16	32
Atheneu São João		P/S	M	1876-1877	1	40
Collegio Arnizaut Furtado (antigo Collégio Reis)		P	F/M	1876-1877-1878-1879-1881-1885-1888-1900	24	85
Collegio Francez – Aristides Guidony		S	F/M	1876-1878-1880	4	77
Curso Noturno – Bibliotheca Pública Pelotense	1/2/1877	P	M	1877-1878-1881-1891-1893-1904-1907-1910	33	37
Escola Nocturna Pelotense	01/1877	P/S	M	1877		4
Collegio Redempção		P/S	M	1877-1878-1879-1884-1887-1900	23	47
Collegio Franco Brazileiro – Mme Lameignare		P	F	1878-1879	1	21
Collegio Curso Racional	7/1/1878			1878-1880-1881-1882-1883-1884-1887-1889	11	379
Collegio de Instrucção Elementar Dir. D. Amália P. Furtado	1878	P	F	1878		1
Collegio Pelotense		P	M	1877-1878-1879-1880	3	49
Curso Nocturno de Preparatórios Curso de Preparatórios em Pelotas		S	M	1878-1883-1892	14	21

Curso Normal de Instrucção		P/S	F	1878-1879-1884-1900	22	14
Lyceu Municipal/Rio-Grandense (antigo Collegio Franco Rio-Grandense) – Carlos Bachelery	1/1/1878	P/S	M	1878-1877-1879-1885	7	117
Collegio Commercial – Eduardo Wilhelmy	1879	P/S	M	1879-1885-1886-1889-1892-1893-1895-1896-1903-1904	25	76
Aula Nocturna	01/1879	P/S	M	1879		5
Collegio de Instrucção Elementar – Fernando Pimentel e Washington Barcellos	1879	P/S	M	1879-1880-1882-1888-1890-1896-1900	21	26
Collegio Francez Mary Milne		P	F	1880		10
Collegio Sul-Americano	3/2/1881	P/S	M	1881-1882-1883-1884-1885-1886-1887-1888	7	78
Collegio Ozório/Collegio Commercial		P/S	M	1881-1882-1883-1884-1885	4	28
Collegio Amarante E. Bibiano		P/S	M	1881		1
Collegio Silveira		P/S	M	1881-1882	1	60
Collegio Victoria		P	F	1881-1883-1884-1885-1886-1889-1890-1894	13	87
Curso Secundário – Arthur Toscano	01/1882	S	M	1892-1893	1	8
Collegio Minerva		P/S	F	1882-1883-1887-1890-1891-1902	20	169
Collegio S. Francisco de Paula Washington da Câmara Barcellos		P/S	M	1882-1884	2	51
Collegio Perseverança	1883	P/S	F	1883-1884-1885-1886-1887-1888-1889-1890-	22	97

				1891-1892-1893-1894-1896-1900-1902-1905		
Curso Particular (Fernando A. Pimentel)	1/2/1883	P/S	M	1883-1885-1886-1888-1889-1890-1891	8	78
Atheneu Pelotense	07/1884	P/S	F/M	1884-1886-1889-1890-1892-1893-1894-1895-1896-1897-1898-1899-1900-1901	17	270
Externato Particular – Emilia de Mendonça		P/S	F	1884-1886	2	31
Collegio N. S. da Conceição	07/1885	P/S	F	1888-1890-1898-1905-1909	21	26
Curso Primário Mixto – Andradina de Oliveira		P	F/M	1885-1886	1	8
Collegio Evolução	01/1886	P/S	M	1885-1886-1887-1888-1889-1890-1891-1893-1895	10	229
Collegio Pedro II Dir. Anna Barcello de Moura		P/S	F	1886-1887-1888	2	90
Collegio São João		P/S	F	1886-1887	1	14
Collegio Honra e Trabalho	01/1887	P/S	F	1887-1888-1889-1891	4	90
Curso de Estudos Preparatórios – Bernardo Taveira Junior e Alfredo Ferreira Rodrigues	01/1887	S	M	1887		9
Collegio Esperança	02/1887	P/S	F/M	1875-1878-1887-1889	14	89
Collegio Mme. Messeder		P/S	F	1887-1888	1	11
Curso Completo de Musica	07/1888	P/S	M	1888-1889	1	24
Collegio Sant´Anna		P	F	1889-1892	3	31
Escóla Allemã/Deutsche Schule	1889	P	F/M	1889-1899-1902-1904-1905-1906	17	28
Collegio São Francisco de Assis Escola São Francisco de Assis	6/2/1889	P/J/F	F M (a partir de 1903)	1889-1891-1895-1896-1897-1898-1902-1909-1910-1912-1913-1916-	122	240

				1915-1917-1918-1919-1922-1926-1929-1931-1932-1937-1938-1956-1964-1966-1968-1972-1973-2004-2008-2010		
Externato Nacional – Antonina Rochefort e Josephina Laquintinie Queiroz	1º/2/1890	P/S	F	1889-1890	1	48
Lyceu Rio-Grandense de Agronomia e Veterinária Escola de Agronomia e Veterinária – Eduardo Wilhelmy	1890	S	M	1889-1890-1892-1891-1893-1898-1900-1901-1905-1907	18	39
Collegio Particular	1/1/1894	P	F	1893-1894	1	9
Gymnasio – José Henrique Lara Ulrich		P/S	M	1894-1895-1896-1897-1901	7	135
Gymnasio Gonzaga Collegio Gonzaga Colégio La Salle Gonzaga	4/2/1895	P/S	M F (a partir de 1971)	1895-1896-1897-1898-1899-1900-1901-1902-1903-1905-1906-1907-1908-1909-1910-1911-1912-1913-1915-1916-1917-1918-1919-1920-1921-1922-1923-1924-1925-1926-1927-1928-1929-1930-1931-1932-1934-1935-1936-1937-1938-1939-1940-1941-1942-1943-1944-1945-1946-1947-1948-1949-1950-1951-1952-1953-1954-1955-1956-1957-1958-1959-1960-1961-	117	864

				1962-1963-1964-1965-1971-1972-1977-1983-1986-1997-2001-2002-2003-2004-2005-2006-2007-2008-2009-2010-2011		

Conforme já abordado por esta investigação, a organização das instituições privadas no Rio Grande do Sul, até a Proclamação da República, baseava-se fundamentalmente na figura de uma pessoa física, como mantenedora e prestadora de serviço na educação. Era, portanto, muito comum que os colégios recebessem o nome do fundador da escola, como explicitado no quadro 2. Assim, exaltava-se a sua figura e, ao mesmo tempo, firmava-se o compromisso que tinham com a qualidade de ensino. Já outras instituições eram criadas por um professor ou por um grupo de professores leigos. No final do século XIX, observa-se a criação das primeiras instituições confessionais em Pelotas.

Com base nos dados encontrados, explicitados no quadro 2, parte-se agora para apresentar esse momento educacional, que nesta tese foi classificado como o Primeiro Ciclo (1832-1895): o ensino privado leigo e o início do ciclo da confessionalidade. A partir desse momento, problematizam-se os acontecimentos que irão constituir e caracterizar esse ciclo educacional em Pelotas.

A primeira consideração necessária a ser feita é que, em Pelotas, o ensino privado teve uma ação significativa no século XIX. Tal característica educacional é indicada por inúmeras pesquisas sobre a educação no período Imperial e no princípio da República Velha no Brasil[45].

Nas três primeiras décadas do século XIX, Pelotas transformou-se de incipiente povoação em próspera cidade, assumindo uma posição de centro econômico da região. Nesse período sua economia estava centrada nas estâncias e nas charqueadas. Conforme Arriada (1994, p.64), as charqueadas não trouxeram apenas riqueza “mas o adensamento populacional, pois cada grande estabelecimento contava, pelo menos, com mais de cem pessoas”. Para o

[45] Para mais, ler: Saviani; Almeida; Souza (2006).

pesquisador, as charqueadas possibilitaram um crescimento populacional, seja através da natalidade, seja por meio da imigração que acabou dando condições para o nascimento da freguesia.

Nesse cenário em Pelotas, assim como no Brasil, a população recorria às aulas particulares, ou à generosidade alheia, para suprir a ausência do Estado na educação. Conforme Cardoso (2005, p.183):

> não havia disputa entre a escola pública e a particular nesse contexto, o que não deixa de ser um paradoxo, porque a Coroa portuguesa teve um grande empenho em elaborar uma legislação bastante restritiva, minuciosa, comprometida com uma idéia de progresso e de civilização, voltada tanto para a implantação da escola pública quanto para o funcionamento da particular, sem no entanto promover condições reais de aplicabilidade da mesma.

Segundo ele, mesmo durante o Período Imperial brasileiro, não se observa uma disputa entre o ensino público e o privado, uma vez que a escola pública não preencheu as necessidades da população. Por isso a escola particular mantinha um espaço de atuação que era complementar e não concorrente.

Dando origem à povoação que demarcaria o início da cidade, os charqueadores que se estabeleceram em Pelotas, sob a influência da prosperidade da indústria saladeril, em pouco tempo transformaram a região na capital econômica da Província, pois o pastoreio ganhou caráter industrial, tendo utilizado a escravidão em larga escala. Em 1830, segundo Loner (2001), havia em Pelotas 22 charqueadas sendo que boa parte delas possuía de oitenta a cem escravos. As maiores propriedades podiam processar trinta mil reses por ano.

O crescimento populacional foi percebido por meio da Estatística Demográfica de Pelotas[46] entre os anos de 1814 a 1930. Nos anos de 1860 a 1890, a cidade expandiu-se de modo considerável, sem paralelo nos decênios anteriores, nem nos 30 anos seguintes. O índice populacional, pelas estatísticas oficiais, praticamente quintuplicou no período urbano. Em 1858 havia 9.055 moradores, em 1872, 21.756, em 1890, 41.591, em 1920, 82.294 habitantes.

Além do crescimento do número de habitantes, percebe-se que a partir da atividade econômica do charque, formou-se uma elite que não tardou em criar

[46] Estatística organizada por Alberto Coelho da Cunha existente no acervo da Bibliotheca Pública de Pelotas.

outras indústrias. A título de exemplo, cita-se a fabricação de velas e sabão que aproveitava a gordura animal restante do processo de salga da carne bovina importando maquinário europeu para implantação de um sólido setor secundário. Este, por sua vez, ia tornando-se poderoso, tanto quantitativamente como qualitativamente (MAGALHÃES, 1993).

É interessante também observar a inserção do ensino privado pela ótica do poder público. Pelo discurso do Intendente Municipal José Barbosa Gonçalves verifica-se a importância dessa esfera de ensino na virada do século XIX para o XX:

> Em vez do ensino oficial, que já fez sua época de estreiteza dogmática, com suas pragmáticas e peãs, com concursos de aparato e a efetividade que, muitas vezes, só permeia um esforço de ocasião ou uma felicidade do acaso, e pode matar, na sua dissecante atmosfera, o gérmen do estímulo, que deve ser, na livre concorrência, guia de ação constante, estabeleça-se a plena liberdade, que leva o espírito desimpedido a agir, autônomo, em busca de maior desenvolvimento para firmeza de uma situação em que a sua utilidade se defina (RELATÓRIO INTENDENCIAL, 1910, p.16).

A vida cultural da cidade era intensa, os contatos que mantinha com o centro do país e com a Europa conferiam à elite pelotense um destacado padrão literário e artístico. Neste cenário houve o desenvolvimento de instituições de ensino, clubes e associações.

> É desse período o aformoseamento de ruas e praças, a iluminação pública a gás, a rede de esgotos, o sistema de transporte público, o fornecimento de água aos domicílios e chafarizes públicos, a fundação da Biblioteca Pública e a presença de grandes jornais como o Correio Mercantil, A Pátria, o Diário de Pelotas, o Jornal do Comércio, o Onze de Junho e A Discussão. Nesse período, a cidade é cosmopolita, resultado de intenso intercâmbio cultural proporcionado pela atuação de representantes de diversas etnias que em Pelotas se fixaram (ANJOS, 2000, p.161).

A riqueza que circulava na cidade proporcionou uma vida social e cultural agitada, cujos costumes, comportamentos, lazer, artes e atividades intelectuais – de um modo geral – foram inspirados principalmente no município da Corte (Rio de Janeiro) e nos países da Europa. Além disso, no final do século XIX e início do XX, a cidade estava desenvolvendo uma moderna estrutura urbana, enquanto as estruturas sociais locais viviam ainda timidamente a transição de uma sociedade escravista rumo às relações sociais tipicamente capitalistas (AMARAL, 2005).

A localização da cidade também facilitava o contato com a cultura do considerado “mundo civilizado”. Sua hidrografia, sendo dominada pelo canal São Gonçalo, possibilitava a comunicação com as lagoas Mirim – que dava acesso a Jaguarão, na fronteira com o Uruguai – e dos Patos, onde, através dos vapores, se viajava para Porto Alegre e Rio Grande, uma importante cidade gaúcha, cujo porto possibilitava o acesso direto ao mar (AMARAL, 2005, p.105).

Com relação aos primórdios da escolarização em Pelotas, sabe-se do funcionamento, “em 1832, de cinco aulas particulares, freqüentadas por 244 alunos, sendo 35 do sexo feminino” (MAGALHÃES, 1993, p.225). O nome de Pelotas como importante centro educacional da Província, conforme Reverbel (1981, p.35), “vinha desde 1832, quando foram fundados os primeiros colégios particulares de projeção que começaram a ser freqüentados por estudantes oriundos de quase todos os rincões gaúchos”.

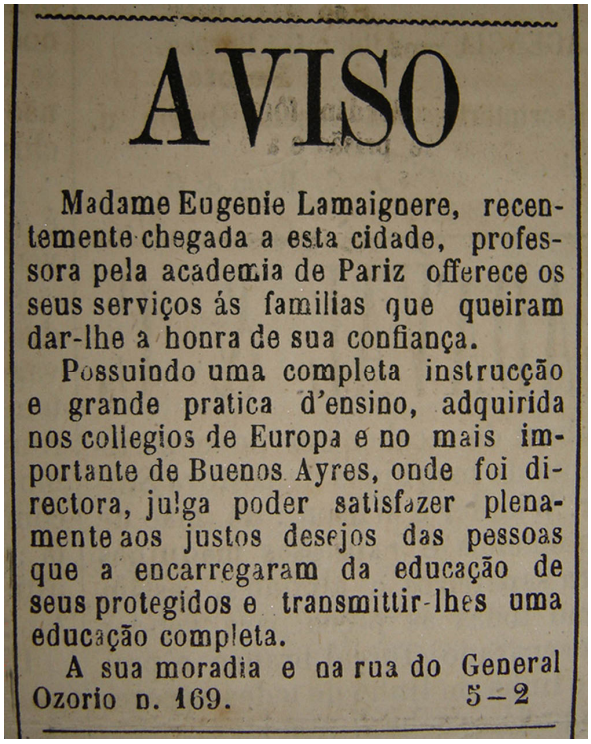
Dentre estes, se encontram conceituadas escolas particulares de ensino primário e mesmo de humanidades que, segundo Reverbel (1981, p.35), nada ficavam a dever às da capital rio-grandense na mesma época: “ali professoravam mestres do quilate de Carlos Von Koseritz, Carlos André Laquintinie, Bibiano de Almeida, Bernardo Taveira Junior, Luís Carlos e Afonso Emílio Massot[47]”.

Com base nos dados apresentados por Magalhães (1993) sobre a escolarização entre 1847 e 1891, constata-se que houve um aumento da oferta de instrução – o crescimento quadriplicou. Em 1847 havia 11 escolas públicas e particulares em Pelotas, em 1861 passam a existir 14 escolas. No ano de 1873 esse número cresce para 28 escolas, já em 1891 ela contava com o total de 46 escolas. Durante esses trinta anos as escolas particulares que possuíam em seus quadros professores estrangeiros (especialmente franceses, de origem portuguesa ou descendentes de portugueses, proliferavam-se no cenário educacional pelotense).

Ao observar-se os nomes dos professores apresentados nas propagandas, é possível constatar que muitos dos docentes que lecionavam em Pelotas não eram brasileiros. Isso acontecia muito em função de o

[47] Para saber em quais instituições esses professores deram aula, e sobre a sua atuação em Pelotas, ler Neves (2007).

desenvolvimento econômico e cultural de Pelotas ter atraído vários estrangeiros que se estabeleceram na cidade, atuando em profissões que contribuíram para o desenvolvendo de uma infraestrutura considerável de serviços e comércio. Em 1891 habitavam na zona urbana 4.160 estrangeiros, totalizando 18,1% das pessoas presentes na cidade (LONER, 2001). A autora relata que os portugueses se dedicavam especialmente ao comércio, mas também trabalhavam em indústrias e oficinas. Os alemães preponderavam no alto comércio e na indústria, constituindo-se num grupo de peso na cidade. Já os italianos e os de outras nacionalidades, como poloneses e espanhóis, trabalhavam como operários nas grandes fábricas e nas oficinas. Os franceses eram contratados principalmente como artesãos, e trabalhavam com profissões vinculadas ao luxo e à moda, além da educação (LONER, 2001, p.59). Segundo Anjos (1996, p.37), ao se observarem os jornais da época, verifica-se que existia uma valorização do que se originava do estrangeiro, tanto dos produtos, quanto das pessoas. Esse sentimento refletia-se também com relação aos professores oriundos de outros países – fossem eles de piano, canto, primeiras letras ou de ensino secundário – que surgiam no cenário educacional pelotense com um diferencial que lhes dava vantagem na disputa por alunos. Observou-se, então, por meio das propagandas, que as titulações dos professores e sua origem tornavam-se, muitas vezes, fundamentais para exaltar ainda mais as aulas oferecidas. Tal fato pode ser observado na figura a seguir:



AVISO

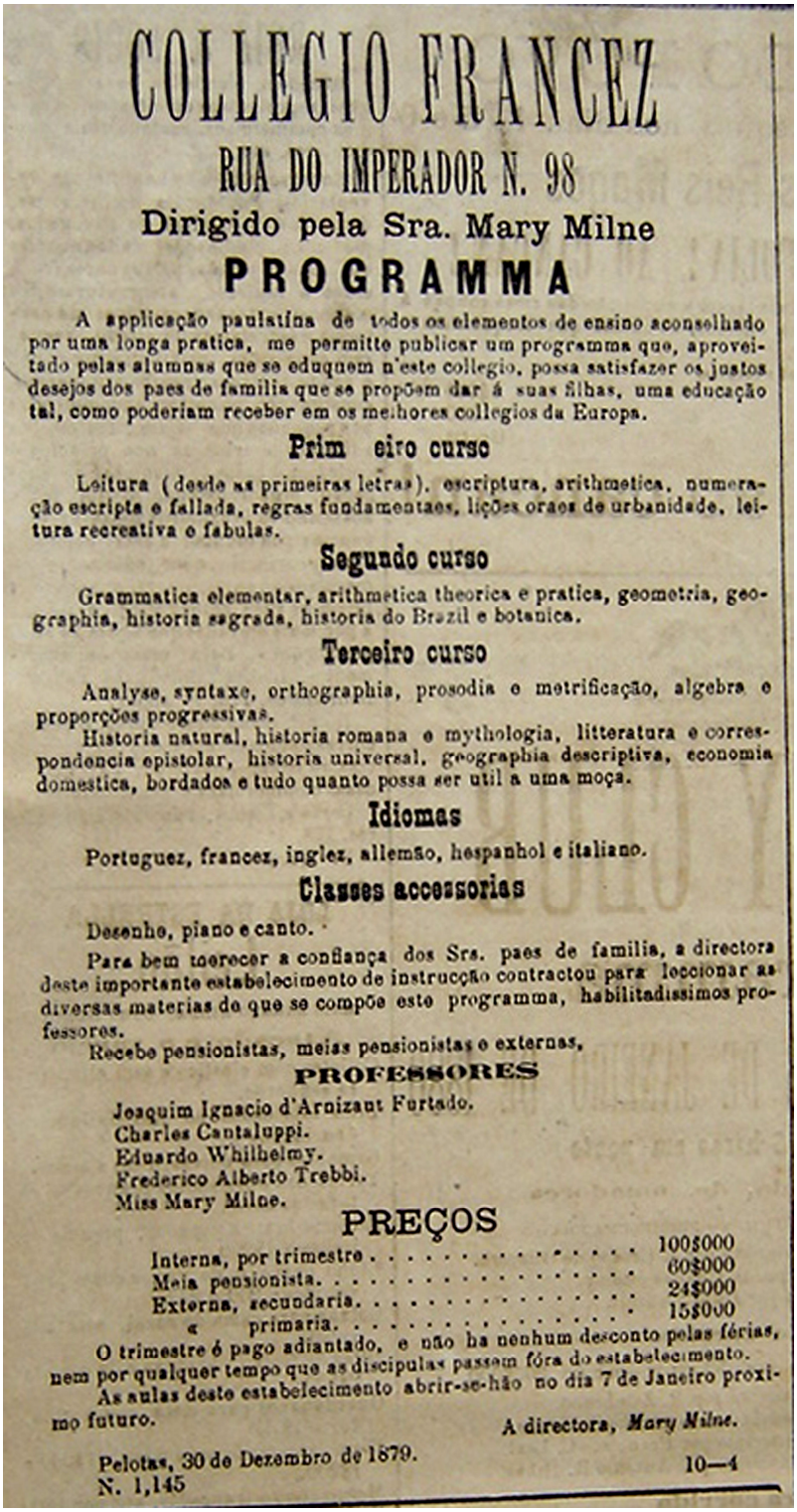
Madame Eugenie Lamaignere, recentemente chegada a esta cidade, professora pela academia de Pariz offerece os seus serviços ás familias que queiram dar-lhe a honra de sua confiança.

Possuindo uma completa instrucção e grande pratica d'ensino, adquirida nos collegios de Europa e no mais importante de Buenos Ayres, onde foi directora, julga poder satisfazer plenamente aos justos desejos das pessoas que a encarregaram da educação de seus protegidos e transmittir-lhes uma educação completa.

A sua moradia e na rua do General Ozorio n. 169. 5—2

Figura 45 – Anúncio da professora Eugenie Lamaignere.
Fonte: JORNAL CORREIO MERCANTIL, 06/04/1878.

Conforme foi afirmado, Pelotas era extremamente influenciada pelos padrões europeus e abrigou, na segunda metade do século XIX, um expressivo número de escolas particulares, que usavam como tática de cooptação da clientela a origem europeia de seus professores. Segundo Cerqueira e Cézar (1994, p.37), as famílias urbanas pelotenses de classe média e alta contratavam os professores de origem estrangeira – seja como tutores ou professores de língua estrangeira – para que ficasse garantida a seus filhos uma "formação europeia", que iria diferenciá-los daqueles do meio rústico e rural que os circundavam. Essa realidade se reflete no argumento apresentado pelo colégio apresentado a seguir:



COLLEGIO FRANCEZ

RUA DO IMPERADOR N. 98

Dirigido pela Sra. Mary Milne

PROGRAMMA

A applicação paulatina de todos os elementos de ensino aconselhado por uma longa pratica, me permitte publicar um programma que, aproveitado pelas alumnas que se eduquem n'este collegio, possa satisfazer os justos desejos dos paes de familia que se propõem dar á suas filhas, uma educação tal, como poderiam receber em os melhores collegios da Europa.

Primeiro curso

Leitura (desde as primeiras letras), escriptura, arithmetica, numeração escripta e fallada, regras fundamentaes, lições oraes de urbanidade, leitura recreativa e fabulas.

Segundo curso

Grammatica elementar, arithmetica theorica e pratica, geometria, geographia, historia sagrada, historia do Brazil e botanica.

Terceiro curso

Analyse, syntaxe, orthographia, prosodia e metrificação, algebra e proporções progressivas.

Historia natural, historia romana e mythologia, litteratura e correspondencia epistolar, historia universal, geographia descriptiva, economia domestica, bordados e tudo quanto possa ser util a uma moça.

Idiomas

Portuguez, francez, inglez, allemão, hespanhol e italiano.

Classes accessorias

Desenho, piano e canto.

Para bem merecer a confiança dos Srs. paes de familia, a directora deste importante estabelecimento de instrucção contractou para leccionar as diversas materias do que se compõe este programma, habilitadissimos professores.

Recebe pensionistas, meias pensionistas e externas,

PROFESSORES

Joaquim Ignacio d'Arnizaut Furtado.
Charles Cantaluppi.
Eduardo Whilhelmy.
Frederico Alberto Trebbi.
Miss Mary Milne.

PREÇOS

Interna, por trimestre	100$000
Meia pensionista	60$000
Externa, secundaria	24$000
« primaria	15$000

O trimestre é pago adiantado, e não ha nenhum desconto pelas férias, nem por qualquer tempo que as discipulas passem fóra do estabelecimento.

As aulas deste estabelecimento abrir-se-hão no dia 7 de Janeiro proximo futuro.

A directora, *Mary Milne.*

Pelotas, 30 de Dezembro de 1879.

N. 1,145

10—4

Figura 46 – Anúncio Collegio Francez.
Fonte: JORNAL CORREIO MERCANTIL, 07/01/1876.

Além de oferecer a oportunidade de uma educação igual à que as alunas teriam na França, este colégio tem como nome o país de origem de seu fundador e propõe aplicar em Pelotas os conhecimentos adquiridos pela

professora em sua pátria, diferentes dos que eram ofertados em outros espaços de ensino. Ao observar-se os anúncios, identificou-se o nome de alguns professores de origem francesa que deram aula em Pelotas, como: Mme. Audissou, Charles Bachelery, Mme. Lamignére, Aristides Guidony, Eduardo Wilhelmy, Affonso Emilio Massot Missimy, Luis Carlos Massot, Camilo Tarnac, Carlos André Laquintinie, Henriqueta Gareaux Pereira Gama, Mme. Marguerite Gastal e Mme. Berta Jeanneret. Muitos deles, como anteriormente inferido, usavam nos discursos dos anúncios a sua formação e a sua nacionalidade como uma forma de atrair novos alunos[48].

No Relatório de entrega da administração da Província, de 13/4/1868, organizado por Francisco I. Marcondes Homem de Mello, analisou-se um quadro contendo dados sobre as escolas primárias privadas da cidade de Pelotas. Nele consta que no ano de 1866 Pelotas tinha 3 escolas masculinas com 230 alunos e 6 escolas femininas contendo 187 meninas. Já no ano de 1891, de 22.919 habitantes urbanos existentes em Pelotas, 11.164 sabiam ler, efetivando 48% do total. Esse percentual se manteve até 1911 “apenas discriminando-se que do restante, 33,5% eram analfabetos e 18,4% crianças sem idade escolar” (LONER, 2001, p.60). O ensino privado, como já mencionado, era livre no Rio Grande do Sul. Segundo Schneider (1993, p.283), essa liberdade de ensino acabava trazendo efeitos negativos em relação à oferta do ensino público. Aliás, como observado anteriormente, no Brasil, em geral, havia o incentivo do Estado para a proliferação do ensino particular, tanto no período colonial como durante o Império. É importante perceber, portanto, que, no período estudado, o ensino público não tinha o status, a credibilidade e o incentivo do estado.

As escolas de caráter privado, tanto para o sexo feminino quanto para o masculino, elencadas nesta pesquisa, deixaram registrados em seus anúncios as disciplinas que eram oferecidas, a localização da instituição, o seu programa, bem como seu corpo docente, sendo que deveriam manter os pais de seus alunos informados caso houvesse alguma modificação no contrato firmado.

Essa realidade ficou evidenciada no Art.107º, parágrafo 2º, do Decreto Nº 1331, de 17 de fevereiro de 1854, no Capítulo Único “do Ensino particular primário e secundário”, quando foi vetado aos diretores: “mudar, sem previa

[48] Em Neves (2007) apresento mais informações sobre esses professores e suas escolas.

declaração e licença, o caracter de seu estabelecimento, quer estendendo o programma, quer deixando de observar e de cumprir os empenhos tomados com as famílias nos prospectos ou annuncios" (TAMBARA e ARRIADA, 2005, p.64).

Existiu em Pelotas nesse período um conjunto de motivos que viabilizaram a instalação de instituições de ensino privadas, como a riqueza advinda da indústria do charque e a presença de uma elite e de seu consequente interesse pela educação. Além disso, esse foi um momento em que no Brasil:

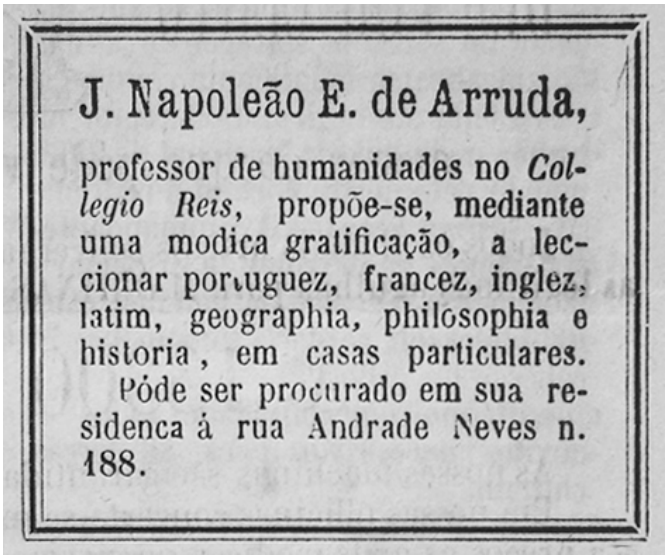
> assistíamos ao progresso gradual da organização da educação das crianças passando do ensino individual mútuo, para o ensino simultâneo e finalmente para o ensino intuitivo [...] o século XIX também nos legou a idéia de liberdade de ensino associada ao favorecimento da iniciativa privada. Instituições particulares de diferentes tipos floresceram no período imperial [...] (SAVIANI, 2006, p.28-29).

No século XIX, em Pelotas, como pode ser constatado, foram muitas as iniciativas de ensino privado, entre escolas femininas, masculinas e algumas mistas (ver quadro 2, p.146). Além das escolas privadas, também se encontrou anúncios referentes a aulas avulsas, ou seja, aulas que ocorriam nos domicílios dos professores ou dos alunos e que conviveram com as instituições que iam se formando.

Um fato que caracteriza a educação privada no século XIX em Pelotas, identificado com base nas propagandas, é o de que os professores que ministravam aulas avulsas também eram docentes de instituições de ensino. Nas horas em que não lecionavam nas escolas, preenchiam seus horários com aulas particulares.

Ao observar a grade curricular das escolas, foi possível perceber que ofereciam mais ou menos de 4 a 5 horas/aula, 2 pela manhã e duas à tarde – quando não se tratava do ensino noturno. Isso pode levar à seguinte hipótese: quando um professor não dava aula em diferentes escolas, o seu tempo semanal era maior, por isso oferecia o tempo restante. Fazia isso, provavelmente, para complementar os seus salários[49], como o professor Joaquim Napoleão Epaminondas de Arruda, que lecionava no Collegio Reis e oferecia suas horas vagas neste anúncio:

[49] Este tema será discutido posteriormente.


J. Napoleão E. de Arruda,

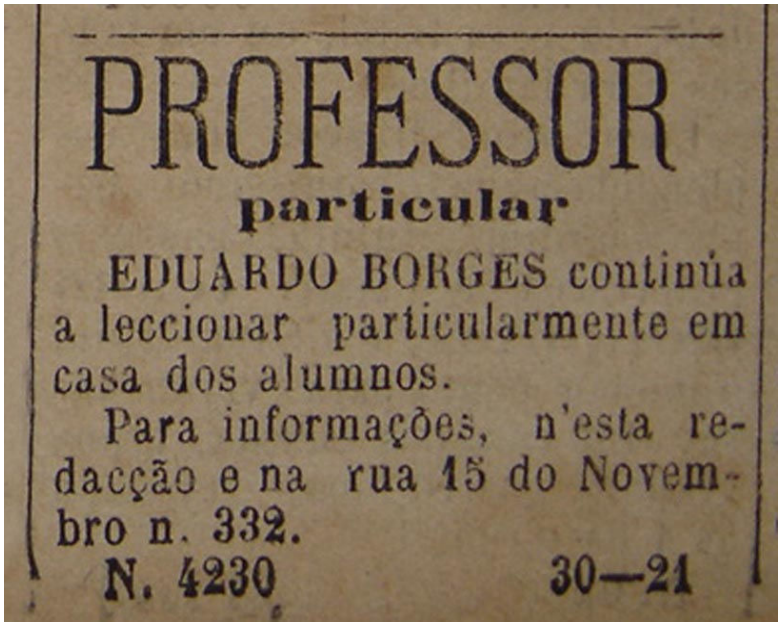
professor de humanidades no *Collegio Reis*, propõe-se, mediante uma modica gratificação, a leccionar portuguez, francez, inglez, latim, geographia, philosophia e historia, em casas particulares.

Póde ser procurado em sua residenca á rua Andrade Neves n. 188.

Figura 47 – Anúncio do professor J. Napoleão Arruda.
Fonte: JORNAL DO COMÉRCIO, 28/01/1876.

Além disso, nos anúncios das aulas a domicílio, verificou-se, também, como os professores estrangeiros iniciavam suas práticas educativas. Primeiramente ofereciam seus serviços como professores particulares e, depois de um tempo, normalmente, eram absorvidos pelos colégios já existentes, ou abriam suas próprias escolas – possivelmente porque já haviam conquistado o seu público, sendo mais proveitoso concentrar seus alunos em um único espaço de aprendizagem.

Um fato que se constatou foi a vinda para Pelotas do professor, normalista pela escola de Lisboa, Sr. Eduardo Borges, que em 1898 chegava à cidade já contratado para lecionar na Escola Moderna (ver Fig.57). Foi possível encontrar nos jornais anúncios dele, já fixado em Pelotas, oferecendo suas horas vagas para lecionar em casas particulares – uma prática que também era exercida por outros docentes, como abordado anteriormente.


PROFESSOR

particular

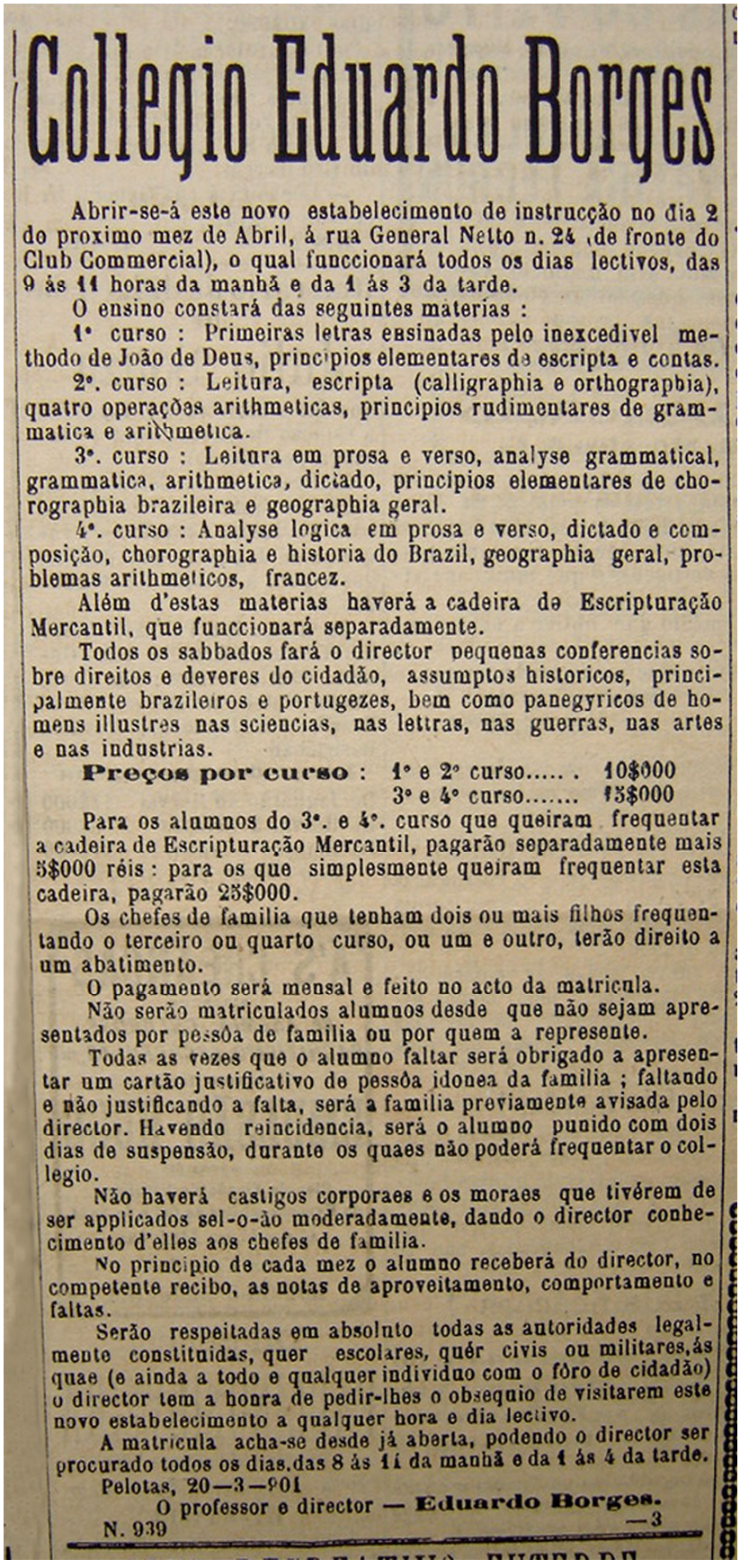
EDUARDO BORGES continúa a leccionar particularmente em casa dos alumnos.

Para informações, n'esta redacção e na rua 15 do Novembro n. 332.

N. 4230 30—21

Figura 48 – Anúncio do professor Eduardo Borges.
Fonte: JORNAL A OPINIÃO PÚBLICA, 01/11/1900.

Este anúncio se repete até o ano de 1901, quando então o professor abre o seu próprio colégio, como pode ser observado na próxima ilustração:



Collegio Eduardo Borges

Abrir-se-á este novo estabelecimento de instrucção no dia 2 do proximo mez de Abril, á rua General Netto n. 24 (de fronte do Club Commercial), o qual funccionará todos os dias lectivos, das 9 ás 11 horas da manhã e da 1 ás 3 da tarde.

O ensino constará das seguintes materias :

1° curso : Primeiras letras ensinadas pelo inexcedivel methodo de João de Deus, principios elementares de escripta e contas.

2°. curso : Leitura, escripta (calligraphia e orthographia), quatro operações arithmeticas, principios rudimentares de grammatica e arithmetica.

3°. curso : Leitura em prosa e verso, analyse grammatical, grammatica, arithmetica, dictado, principios elementares de chorographia brazileira e geographia geral.

4°. curso : Analyse logica em prosa e verso, dictado e composição, chorographia e historia do Brazil, geographia geral, problemas arithmeticos, francez.

Além d'estas materias haverá a cadeira de Escripturação Mercantil, que funccionará separadamente.

Todos os sabbados fará o director pequenas conferencias sobre direitos e deveres do cidadão, assumptos historicos, principalmente brazileiros e portugezes, bem como panegyricos de homens illustres nas sciencias, nas lettras, nas guerras, nas artes e nas industrias.

Preços por curso : 1° e 2° curso..... 10$000
3° e 4° curso..... 15$000

Para os alumnos do 3°. e 4°. curso que queiram frequentar a cadeira de Escripturação Mercantil, pagarão separadamente mais 5$000 réis : para os que simplesmente queiram frequentar esta cadeira, pagarão 25$000.

Os chefes de familia que tenham dois ou mais filhos frequentando o terceiro ou quarto curso, ou um e outro, terão direito a um abatimento.

O pagamento será mensal e feito no acto da matricula.

Não serão matriculados alumnos desde que não sejam apresentados por pessôa de familia ou por quem a represente.

Todas as vezes que o alumno faltar será obrigado a apresentar um cartão justificativo de pessôa idonea da familia ; faltando e não justificando a falta, será a familia previamente avisada pelo director. Havendo reincidencia, será o alumno punido com dois dias de suspensão, durante os quaes não poderá frequentar o collegio.

Não haverá castigos corporaes e os moraes que tivérem de ser applicados sel-o-ão moderadamente, dando o director conhecimento d'elles aos chefes de familia.

No principio de cada mez o alumno receberá do director, no competente recibo, as notas de aproveitamento, comportamento e faltas.

Serão respeitadas em absoluto todas as autoridades legalmente constituidas, quer escolares, quér civis ou militares, ás quaes (e ainda a todo e qualquer individuo com o fôro de cidadão) o director tem a honra de pedir-lhes o obsequio de visitarem este novo estabelecimento a qualquer hora e dia lectivo.

A matricula acha-se desde já aberta, podendo o director ser procurado todos os dias, das 8 ás 11 da manhã e da 1 ás 4 da tarde.

Pelotas, 20—3—901

O professor e director — **Eduardo Borges.**

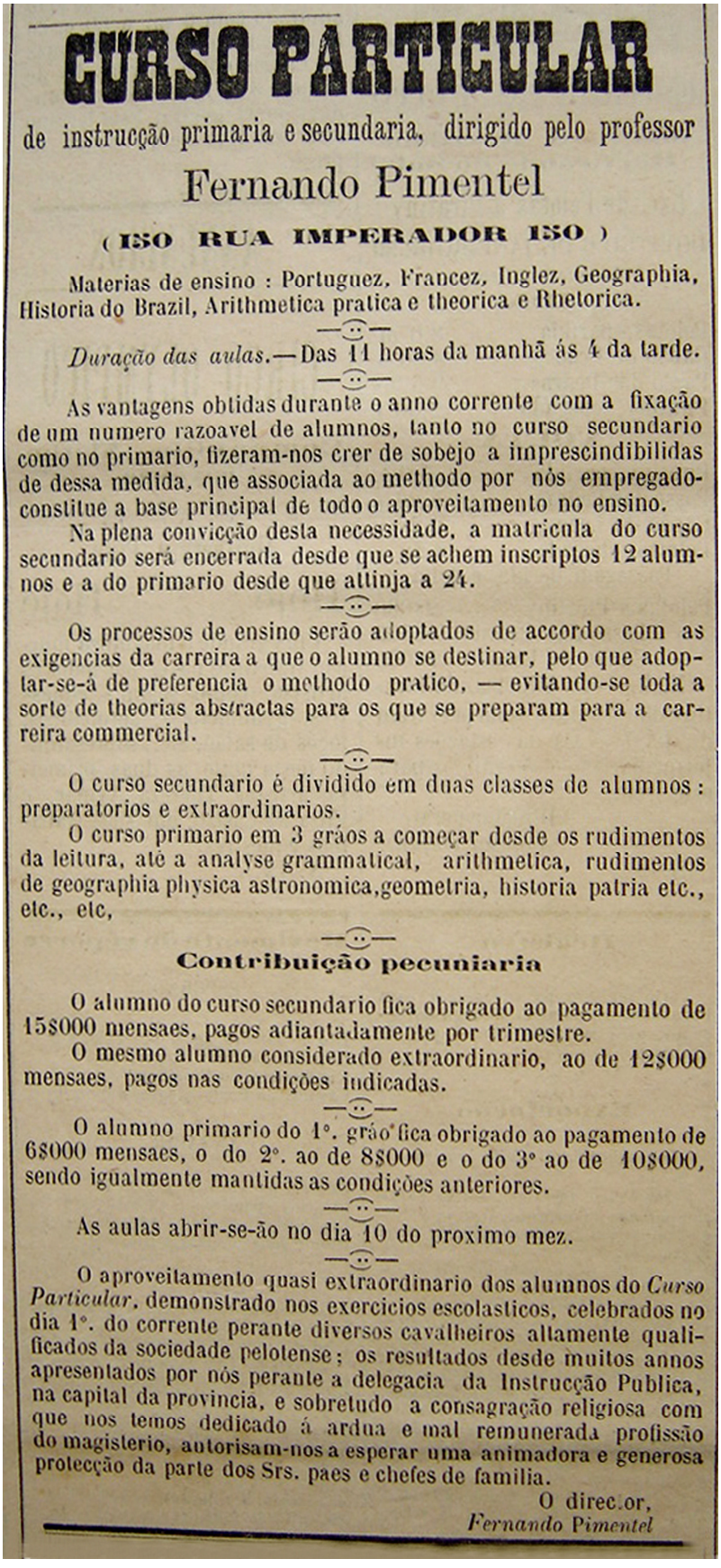
N. 939 —3

Figura 49 – Anúncio Collegio Eduardo Borges.
Fonte: JORNAL A OPINIÃO PÚBLICA, 23/03/1901.

A abertura de escolas pelos professores estrangeiros – homens e mulheres – revela que tinham alcançado, durante o tempo que lecionaram, legitimidade e credibilidade perante a população pelotense.

É possível analisar que essa quantidade de iniciativas de ensino privado no século XIX proporcionou, como consequência, um amplo campo de trabalho para os professores, fato identificável nas propagandas das instituições de ensino, uma vez que davam destaque especial ao corpo docente. Contudo, verificou-se que esses profissionais não tinham o reconhecimento diretamente proporcional aos ganhos com a educação. Observa-se que a carreira do magistério neste período era considera árdua por um dos professores que publicou anúncios na imprensa. De todos os anúncios de escolas e textos escritos por professores, constatou-se, na pesquisa, que o professor Pimentel foi o único que, em um anúncio, divulgou abertamente a sua insatisfação com a remuneração destinada aos professores, como será visto a seguir. Cabe salientar que muitos dos docentes davam aula em mais de uma instituição, isso, provavelmente, em função dos baixos salários (NEVES, 2007). Além disso, alguns destinavam as horas vagas para lecionar em sua própria residência ou na casa de seus alunos, como já apontado. Tais práticas levam ao entendimento de que suas horas livres deveriam ser preenchidas não com o lazer, mas com trabalho, já que as remunerações, ao que tudo indica, eram baixas. Tambara (1998, p.39), em seu estudo sobre a profissão docente na esfera pública do Rio Grande do Sul no século XIX, afirma que apesar da profissão docente possuir um prestígio social relativamente elevado, não tinha um reconhecimento financeiro.

Isso acontecia não só na esfera pública, mas, também, na privada. Fernando Pimentel, por exemplo, além de lecionar em distintas instituições ao mesmo tempo, ainda tinha o seu próprio curso. Na propaganda a seguir, divulgava que esperava merecer a confiança dos pais de família para com a sua instituição de ensino, pois, além de destacar os ótimos resultados obtidos por seus alunos, recorria à “consagração religiosa” com que vinha desempenhando a “árdua e mal remunerada profissão do magistério”.



CURSO PARTICULAR

de instrucção primaria e secundaria, dirigido pelo professor

Fernando Pimentel

(150 RUA IMPERADOR 150)

Materias de ensino : Portuguez, Francez, Inglez, Geographia, Historia do Brazil, Arithmetica pratica e theorica e Rhetorica.

Duração das aulas.—Das 11 horas da manhã ás 4 da tarde.

As vantagens obtidas durante o anno corrente com a fixação de um numero razoavel de alumnos, tanto no curso secundario como no primario, fizeram-nos crer de sobejo a imprescindibilidas de dessa medida, que associada ao methodo por nós empregado constitue a base principal de todo o aproveitamento no ensino.

Na plena convicção desta necessidade, a matricula do curso secundario será encerrada desde que se achem inscriptos 12 alumnos e a do primario desde que attinja a 24.

Os processos de ensino serão adoptados de accordo com as exigencias da carreira a que o alumno se destinar, pelo que adoptar-se-á de preferencia o methodo pratico, — evitando-se toda a sorte de theorias abstractas para os que se preparam para a carreira commercial.

O curso secundario é dividido em duas classes de alumnos : preparatorios e extraordinarios.

O curso primario em 3 gráos a começar desde os rudimentos da leitura, até a analyse grammatical, arithmetica, rudimentos de geographia physica astronomica,geometria, historia patria etc., etc., etc,

Contribuição pecuniaria

O alumno do curso secundario fica obrigado ao pagamento de 15$000 mensaes, pagos adiantadamente por trimestre.

O mesmo alumno considerado extraordinario, ao de 12$000 mensaes, pagos nas condições indicadas.

O alumno primario do 1°. gráo fica obrigado ao pagamento de 6$000 mensaes, o do 2°. ao de 8$000 e o do 3° ao de 10$000, sendo igualmente mantidas as condições anteriores.

As aulas abrir-se-ão no dia 10 do proximo mez.

O aproveitamento quasi extraordinario dos alumnos do *Curso Particular*, demonstrado nos exercicios escolasticos, celebrados no dia 1°. do corrente perante diversos cavalheiros altamente qualificados da sociedade pelotense; os resultados desde muitos annos apresentados por nós perante a delegacia da Instrucção Publica, na capital da provincia, e sobretudo a consagração religiosa com que nos temos dedicado á ardua e mal remunerada profissão do magisterio, autorisam-nos a esperar uma animadora e generosa protecção da parte dos Srs. paes e chefes de familia.

O director,
Fernando Pimentel

Figura 50 – Anúncio Curso Particular.
Fonte: JORNAL ONZE DE JUNHO, 02/11/1889.

A análise das disciplinas ministradas em Pelotas nos anos finais do século XIX e princípio do XX, não foi o objetivo primeiro desta pesquisa. No entanto, foi importante saber o que apresentava o Art.4º do decreto nº 7247, de 19 de abril de 1879, a respeito do que deveria constar nas disciplinas das escolas primárias de 1º grau dos municípios da Corte:

> instrucção moral, instrucção religiosa, leitura, escripta, noções de cousas, noções essenciais de grammatica, princípios elementares de arthmética, syxtema legal de pesos e medidas, noções de historia e geographia do Brazil, elementos de desenho linear, rudimentos de musica, com exercícios de solfejo e canto, gymnastica, costura simples (para meninas) (TAMBARA e ARRIADA, 2005, p.77).

Já as de 2º grau, do ensino primário, constavam da continuação e desenvolvimento das disciplinas ensinadas nas de 1º grau e mais das seguintes:

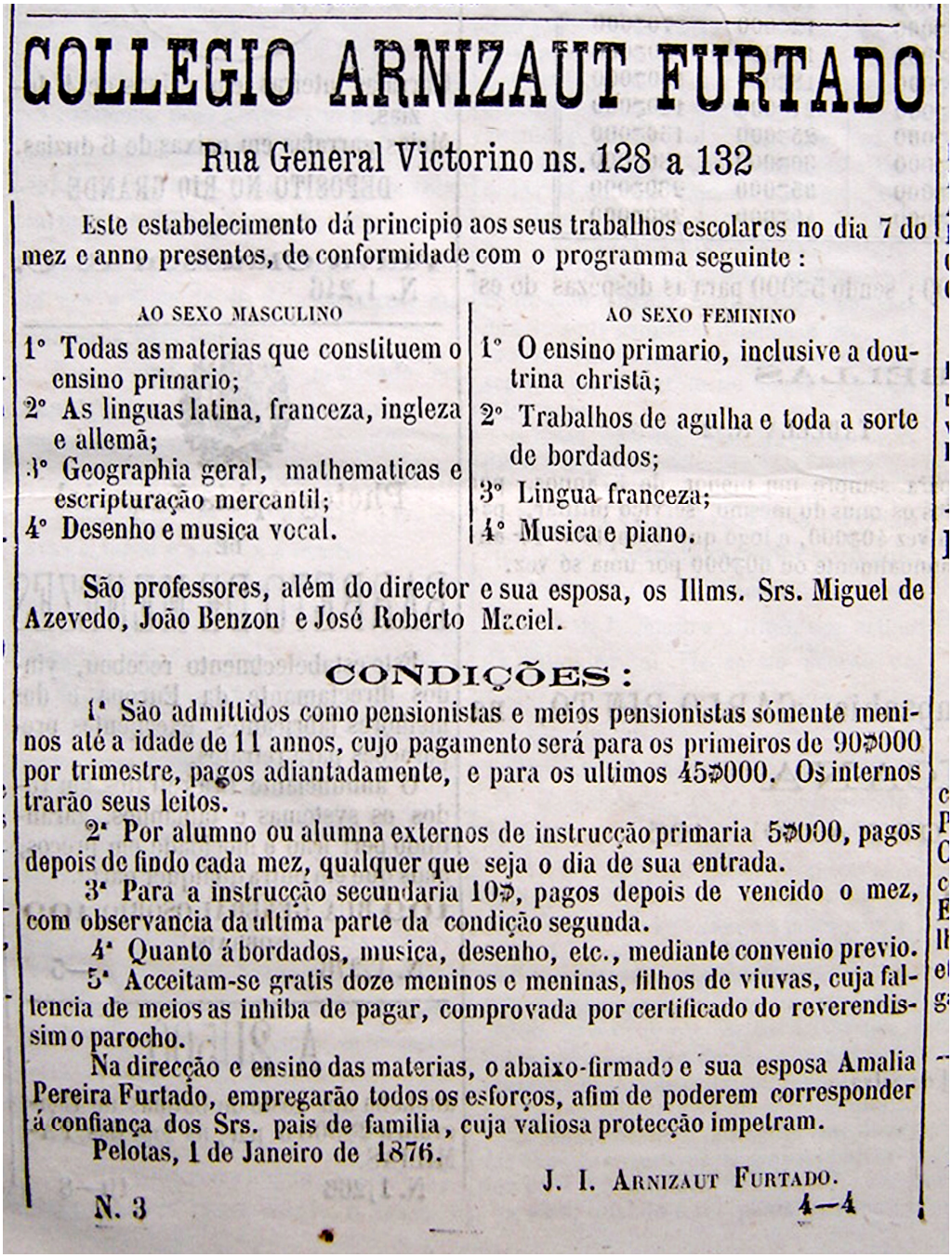
> princípios elementares de álgebra e geometria, noções de physica, chimica natural, com explicação de suas principaes applicações á industria e aos usos da vida, noções geraes dos deveres do homem e do cidadão, com explicação succinta da organização política do Império, noções de lavoura e horticultura, noções de economia social (para os meninos), noções de economia domestica (para as meninas), pratica manual de officios (para meninos), trabalhos de agulha (para meninas). (TAMBARA e ARRIADA, 2005, p.77).

Pelos conteúdos dos anúncios, verificou-se, com o passar do tempo, a ampliação do currículo das escolas[50], em especial as voltadas para o ensino feminino, que aos poucos foram tendo o acréscimo de conhecimento geral. Para Anjos (1996, p.99), "enquanto o saber corriqueiro aponta para o fato de que o sexo feminino recebia um aprendizado restrito" ele destaca que, em 1876, o programa do Colégio, para meninas, Mme. Audissou compreendia o ensino de francês, história da pátria e universal, antiga e moderna, geografia, contabilidade, escrita e noções científicas sobre os diferentes ramos dos conhecimentos humanos. Entretanto, verificou-se, no Regulamento de Instrução Primária e Secundária da Corte de 1854 (Reforma Couto Ferraz), que o currículo relativo às aulas primárias de meninas estabelecia limites no ensino de álgebra, geometria, gramática, história e geografia pátrias, matérias que constavam regularmente na grade das escolas dos meninos. Para as alunas, a doutrina cristã, a leitura, a escrita e o cálculo elementar acrescidos das aulas de agulha, bordados e costura,

[50] Para saber quais eram os planos de estudo de cada instituição condicionados ao nível de ensino oferecido, ler: Neves (2007) ou Maciel (2007).

eram considerados ensinamentos básicos. À primeira vista, conforme o estabelecido pela legislação, a formação das meninas visava à vida doméstica, em detrimento da vida pública, reservada aos futuros homens. Segundo Louro (1992), houve no século XIX um discurso, segundo o qual, para os indivíduos do sexo feminino, era suficiente uma educação moral sólida, visando à formação de esposas e mães, em detrimento da instrução escolar propriamente dita, a qual poderia ser superficial e meramente ilustrativa.

Não se pretende aqui discutir o papel social dos homens e das mulheres em Pelotas, mas sim destacar o que vinha ao encontro da legislação vigente no período que se investigou e o que se detectou de diferente do que era proposto na educação nacional. Dentre as propagandas analisadas, apresenta-se, a seguir, o Collegio Arnizaut Furtado, uma instituição de ensino que deixou visualmente claro – na forma como diagramou a sua propaganda – as diferenças existentes nos programas do ensino primário feminino e masculino, definidos pela legislação.



COLLEGIO ARNIZAUT FURTADO

Rua General Victorino ns. 128 a 132

Este estabelecimento dá principio aos seus trabalhos escolares no dia 7 do mez e anno presentes, de conformidade com o programma seguinte :

AO SEXO MASCULINO

1° Todas as materias que constituem o ensino primario;
2° As linguas latina, franceza, ingleza e allemã;
3° Geographia geral, mathematicas e escripturação mercantil;
4° Desenho e musica vocal.

AO SEXO FEMININO

1° O ensino primario, inclusive a doutrina christã;
2° Trabalhos de agulha e toda a sorte de bordados;
3° Lingua franceza;
4° Musica e piano.

São professores, além do director e sua esposa, os Illms. Srs. Miguel de Azevedo, João Benzon e José Roberto Maciel.

CONDIÇÕES :

1ª São admittidos como pensionistas e meios pensionistas sómente meninos até a idade de 11 annos, cujo pagamento será para os primeiros de 90$000 por trimestre, pagos adiantadamente, e para os ultimos 45$000. Os internos trarão seus leitos.

2ª Por alumno ou alumna externos de instrucção primaria 5$000, pagos depois de findo cada mez, qualquer que seja o dia de sua entrada.

3ª Para a instrucção secundaria 10$, pagos depois de vencido o mez, com observancia da ultima parte da condição segunda.

4ª Quanto á bordados, musica, desenho, etc., mediante convenio previo.

5ª Acceitam-se gratis doze meninos e meninas, filhos de viuvas, cuja fallencia de meios as inhiba de pagar, comprovada por certificado do reverendissimo parocho.

Na direcção e ensino das materias, o abaixo-firmado e sua esposa Amalia Pereira Furtado, empregarão todos os esforços, afim de poderem corresponder á confiança dos Srs. pais de familia, cuja valiosa protecção impetram.

Pelotas, 1 de Janeiro de 1876.

J. I. ARNIZAUT FURTADO.

N. 3 4—4

Figura 51 – Anúncio Collegio Arnizaut Furtado.
Fonte: JORNAL CORREIO MERCANTIL, 01/01/1876.

Constata-se, nesse momento histórico, uma restrição às disciplinas que envolvessem cálculos no currículo do ensino feminino. De fato, essas eram disciplinas que não foram encontradas na totalidade dos estabelecimentos de ensino feminino pelotenses, mas, verificou-se sua oferta em instituições como o Collégio de Meninas de Berta Jeanneret, o Collegio Pedro II e o Collégio Acácia. As matemáticas não tinham então um peso significativo na grade do ensino feminino, que era mais recheado pelas disciplinas das “áreas humanísticas”. Já

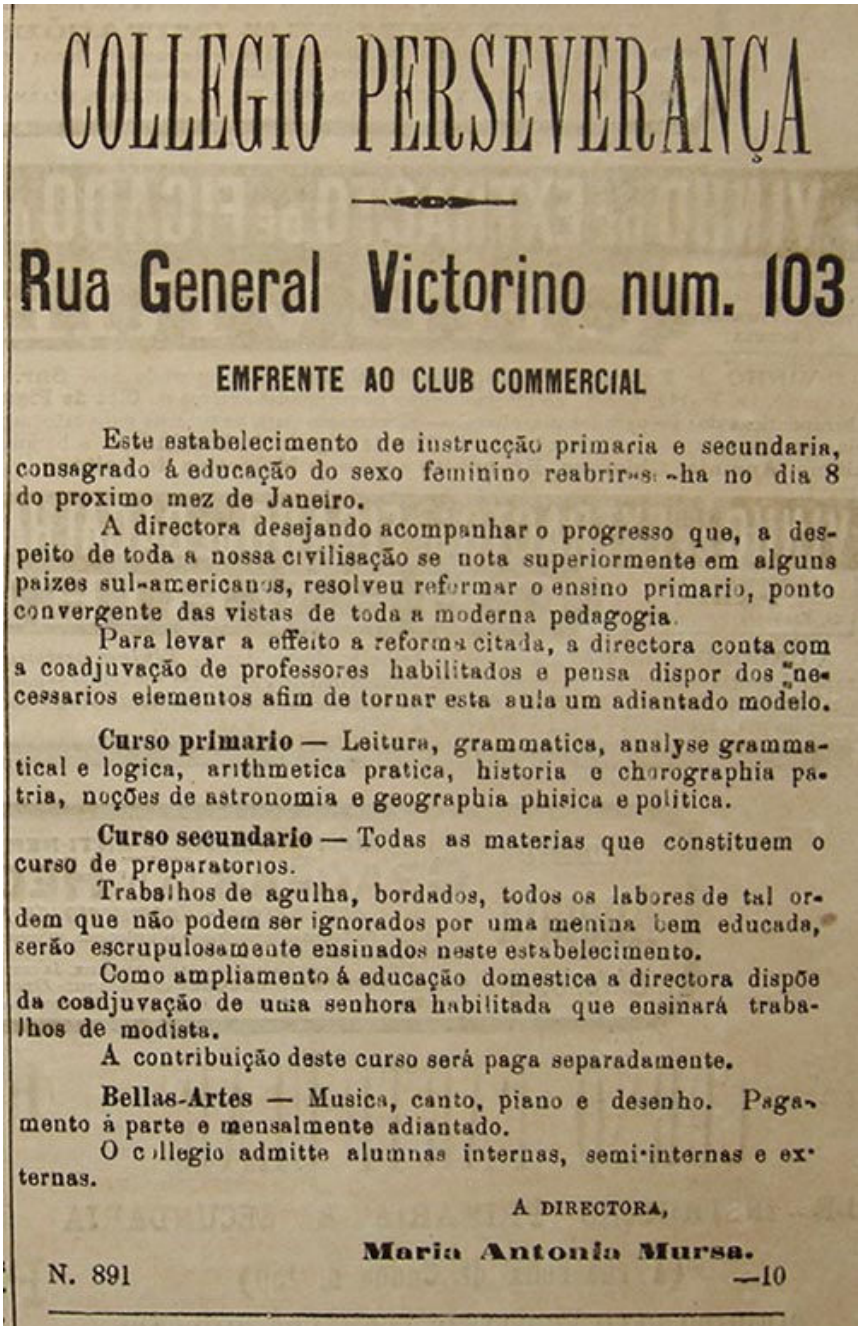
no ensino masculino predominava as áreas ditas “científicas”. Esse fato também foi constatado em uma pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro, que também utilizou a propaganda como fonte. No que se refere ao ensino feminino, Limeira (2006, p.5) afirma que:

> [...] o mais recorrente é que qualquer complemento curricular estabeleça restrições às matemáticas (álgebra, aritmética, geometria) e fique condicionado à oferta de “*prendas que aperfeiçoam a educação de uma menina*”, como destaca o Colégio Nacional [...] ou o Colégio Augusto, onde somente pela vontade dos pais poderá ser aplicada a Aritmética (grifo do autor).

Assim como em Pelotas, no Rio de Janeiro também foram encontradas instituições que ofereciam um repertório de disciplinas mais amplo do que se esperava para o ensino feminino, como aponta a pesquisadora:

> não podemos deixar de salientar, evidentemente, as marcas que descaracterizam uma imagem generalizante lançada a estas questões. Identificamos algumas instituições marcadas por tencionar estas tradições, como o Colégio de Meninas, dirigido por M.me. Lacombe, onde o destaque é para os estudos de algumas sciencias como aritmética, geometria e princípios da física (LIMEIRA, 2006, p.6).

Outrossim, o que era esperado com relação ao “belo sexo” não ficava em segundo plano nos programas dos colégios femininos em Pelotas. O Collegio Perseverança apresentava em seu anúncio a preocupação de acompanhar a moderna pedagogia, oferecendo as disciplinas exigidas nos preparatórios, mas sem deixar de lado os bordados e todos os ensinamentos “que não poderiam ser ignorados por uma menina bem-educada”:



COLLEGIO PERSEVERANÇA

Rua General Victorino num. 103

EMFRENTE AO CLUB COMMERCIAL

Este estabelecimento de instrucção primaria e secundaria, consagrado á educação do sexo feminino reabrir-se-ha no dia 8 do proximo mez de Janeiro.

A directora desejando acompanhar o progresso que, a despeito de toda a nossa civilisação se nota superiormente em alguns paizes sul-americanos, resolveu reformar o ensino primario, ponto convergente das vistas de toda a moderna pedagogia.

Para levar a effeito a reforma citada, a directora conta com a coadjuvação de professores habilitados e pensa dispor dos necessarios elementos afim de tornar esta aula um adiantado modelo.

Curso primario — Leitura, grammatica, analyse grammatical e logica, arithmetica pratica, historia e chorographia patria, noções de astronomia e geographia phisica e politica.

Curso secundario — Todas as materias que constituem o curso de preparatorios.

Trabalhos de agulha, bordados, todos os labores de tal ordem que não podem ser ignorados por uma menina bem educada, serão escrupulosamente ensinados neste estabelecimento.

Como ampliamento á educação domestica a directora dispõe da coadjuvação de uma senhora habilitada que ensinará trabalhos de modista.

A contribuição deste curso será paga separadamente.

Bellas-Artes — Musica, canto, piano e desenho. Pagamento á parte e mensalmente adiantado.

O collegio admitte alumnas internas, semi-internas e externas.

A DIRECTORA,

Maria Antonia Mursa.

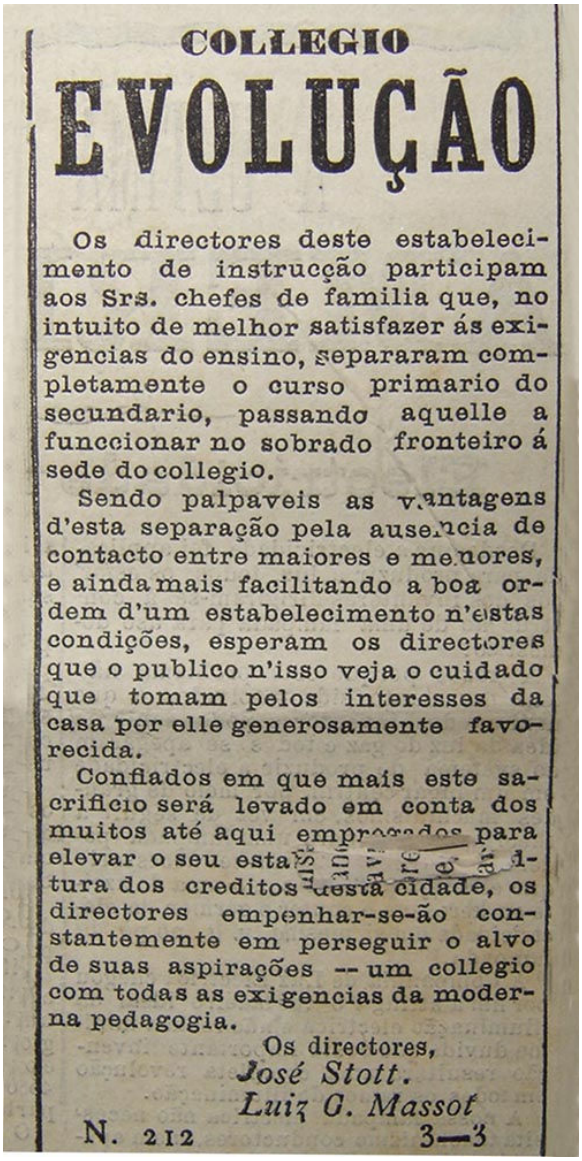
N. 891 —10

Figura 52 – Anúncio Collegio Perseverança.
Fonte: JORNAL A PÁTRIA, 07/01/1891.

Com relação às classes economicamente privilegiadas, torna-se relevante recordar que o Ato Adicional de 1834 propiciou ao governo central concentrar seus esforços no suprimento de cursos superiores, enquanto as províncias ficariam encarregadas da instalação e manutenção dos cursos elementares e secundários. Quando as províncias assumiram a incumbência da criação das Escolas de Primeiras Letras, o ensino elementar público praticamente inexistia na maior parte delas. Cabe ressaltar que, desde o Período Colonial, o

ensino elementar era uma instrução predominantemente familiar, reforçada nos colégios jesuíticos. Muitos políticos defendiam que cabia às províncias investir em recursos na escola elementar, deixando de vez a instrução secundária a cargo da administração particular, já que a escola secundária atraía a elite como clientela, por se tratar de uma passagem preparatória para o topo da escolaridade e por não ter uma manutenção onerosa como a escola superior.

A estrutura física das instituições foi outro aspecto bastante divulgado no primeiro ciclo do ensino privado de Pelotas. Um ponto interessante observado acerca do espaço escolar foi a ocorrência de instituições utilizando prédios distintos para o ensino secundário e primário, fato que ilustrou uma realidade encontrada no primeiro ciclo, uma vez que em algumas escolas os alunos ficavam misturados, independentemente do nível de ensino a que estariam submetidos. O Collegio Evolução, por exemplo, cumpria, segundo ele próprio anunciava, com "*as exigências da moderna pedagogia*", ao separar os alunos do primário e do secundário, como apresentado na propaganda a seguir:



COLLEGIO

EVOLUÇÃO

Os directores deste estabelecimento de instrucção participam aos Srs. chefes de familia que, no intuito de melhor satisfazer ás exigencias do ensino, separaram completamente o curso primario do secundario, passando aquelle a funccionar no sobrado fronteiro á sede do collegio.

Sendo palpaveis as vantagens d'esta separação pela ausencia de contacto entre maiores e menores, e ainda mais facilitando a boa ordem d'um estabelecimento n'estas condições, esperam os directores que o publico n'isso veja o cuidado que tomam pelos interesses da casa por elle generosamente favorecida.

Confiados em que mais este sacrificio será levado em conta dos muitos até aqui empregados para elevar o seu estabelecimento á altura dos creditos desta cidade, os directores empenhar-se-ão constantemente em perseguir o alvo de suas aspirações -- um collegio com todas as exigencias da moderna pedagogia.

Os directores,
José Stott.
Luiz G. Massot

N. 212 3—3

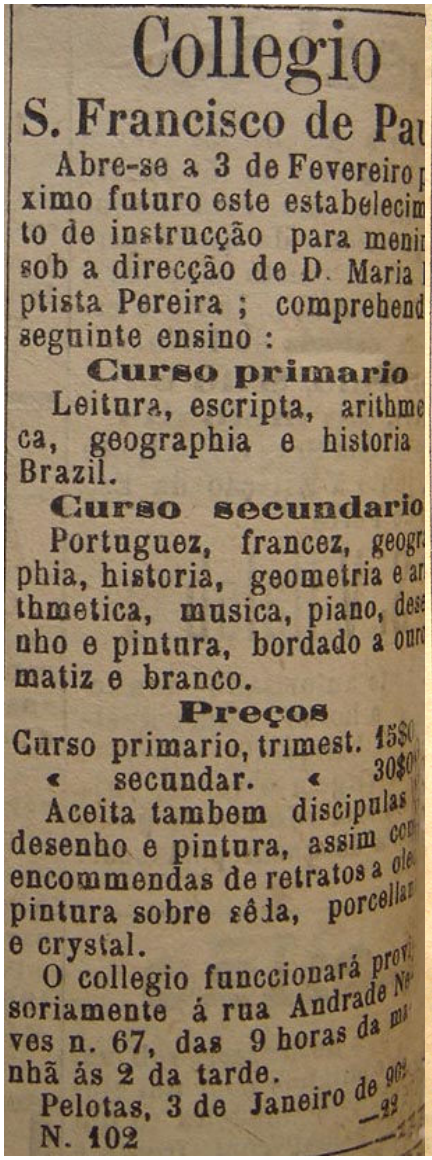
Figura 53 – Anúncio Collegio Evolução.
Fonte: JORNAL A DISCUSSÃO, 01/04/1886.

Convém destacar que também foi possível perceber que muitas instituições mudaram seu endereço[51] ao longo dos anos. Um exemplo disso é a Escóla Allemã/Deutsche Schule[52] que em 1902 localizava-se na Rua General Osório, em 1904 tinha como endereço a Rua Felix da Cunha e no ano de 1906 mudou-se para a General Netto. Os textos dos anúncios revelam, então, que muitas delas alugavam espaços para desenvolver as atividades da educação, não possuindo, portanto, o seu próprio prédio.

Os dados evidenciaram, desse modo, que nesse momento essas

[51] Organizei e localizei todos os endereços das instituições privadas de ensino de Pelotas no período que vai de 1875 a 1910. Para saber mais, ler Neves (2007).
[52] Para saber mais sobre essa instituição, ler Fonseca (2007).

instituições de ensino não tinham um espaço físico próprio, como o caso da Escola Moderna e do Collegio S. Francisco de Paula, apresentados nos anúncios a seguir. Essa realidade enfrentada pelo ensino privado poderia ocorrer em função da deficiente oferta de espaços adequados para aluguéis. Conforme foi apontado por Werle (2005, p.87), com relação ao ensino público no Rio Grande do Sul, “em lugares mais populosos a disputa por espaços residenciais era maior o que tornava mais altos os aluguéis das casas em que funcionavam as escolas”.



Collegio

S. Francisco de Pa

Abre-se a 3 de Fevereiro p
ximo futuro este estabelecim
to de instrucção para meni
sob a direcção de D. Maria
ptista Pereira ; comprehend
seguinte ensino :

Curso primario

Leitura, escripta, arithme
ca, geographia e historia
Brazil.

Curso secundario

Portuguez, francez, geogr
phia, historia, geometria e ar
thmetica, musica, piano, des
nho e pintura, bordado a ou
matiz e branco.

Preços

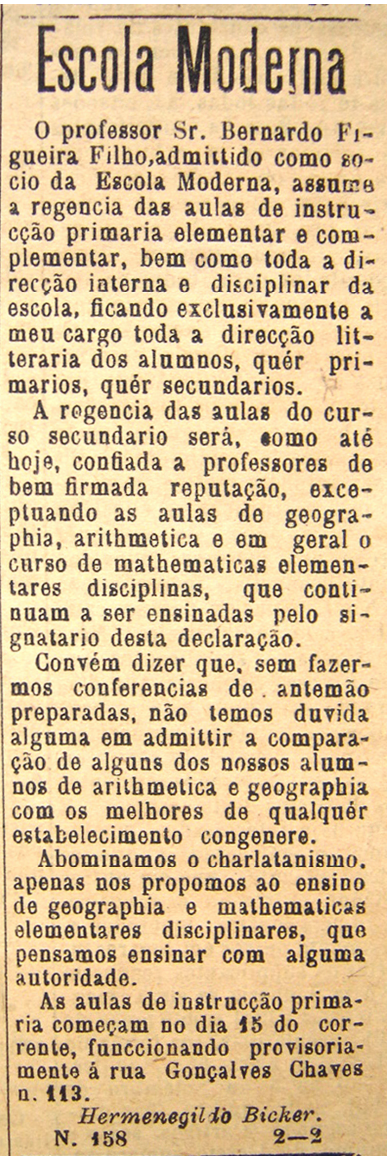
Curso primario, trimest. 15$0
« secundar. « 30$0

Aceita tambem discipulas
desenho e pintura, assim co
encommendas de retratos a ole
pintura sobre sêda, porcellan
e crystal.

O collegio funccionará prov
soriamente á rua Andrade Ne
ves n. 67, das 9 horas da ma
nhã ás 2 da tarde.

Pelotas, 3 de Janeiro de 90
—99

N. 102



Escola Moderna

O professor Sr. Bernardo Figueira Filho, admittido como socio da Escola Moderna, assume a regencia das aulas de instrucção primaria elementar e complementar, bem como toda a direcção interna e disciplinar da escola, ficando exclusivamente a meu cargo toda a direcção litteraria dos alumnos, quér primarios, quér secundarios.

A regencia das aulas do curso secundario será, como até hoje, confiada a professores de bem firmada reputação, exceptuando as aulas de geographia, arithmetica e em geral o curso de mathematicas elementares disciplinas, que continuam a ser ensinadas pelo signatario desta declaração.

Convém dizer que, sem fazermos conferencias de antemão preparadas, não temos duvida alguma em admittir a comparação de alguns dos nossos alumnos de arithmetica e geographia com os melhores de qualquér estabelecimento congenere.

Abominamos o charlatanismo, apenas nos propomos ao ensino de geographia e mathematicas elementares disciplinares, que pensamos ensinar com alguma autoridade.

As aulas de instrucção primaria começam no dia 15 do corrente, funccionando provisoriamente á rua Gonçalves Chaves n. 113.

Hermenegildo Bicker.

N. 158 2—2

Figura 54 – Anúncio Collegio São Francisco de Paula.
Fonte: JORNAL A OPINIÃO PÚBLICA, 7/1/1902.
Figura 55 – Anúncio Escola Moderna.
Fonte: JORNAL A OPINIÃO PÚBLICA, 12/01/1902.

É importante lembrar que as instituições de ensino privadas estavam submetidas à legislação e ao julgamento da comunidade e foram se constituindo com o passar dos anos, buscando melhorar seu quadro de professores, assim como a sua estrutura física e pedagógica. Conforme Faria Filho (2000, p.136):

> os defensores da escola e de sua importância no processo de civilização do povo tiveram de, lentamente, apropriar, remodelar, ou recusar tempos, espaços, conhecimentos, sensibilidades e valores próprios de tradicionais instituições de educação. Mas não apenas isso: a escola teve também de inventar, de produzir o seu lugar próprio, e o fez, também, em íntimo diálogo com outras esferas e instituições da vida social.

As aulas particulares e os colégios representam então, segundo Faria Filho e Vidal (2000, p.22), uma "multiplicidade de modelos de escolarização realizados nas escolas do século XIX", em que "todos eles, com exceção dos colégios, utilizavam espaços improvisados nas casas das famílias ou dos professores e de prédios públicos ou comerciais".

Por outro lado, aquelas escolas que divulgavam sua estrutura física apresentavam um discurso sobre qualidade, tradição, além de reforçar a identidade pretendida por elas. Esse discurso auxiliava na construção de um sentimento de pertencimento, pois mais do que de um nome e de professores competentes, a instituição possuía um marco que a identificava dentro do espaço urbano pelotense.

Além dos ajustes no espaço escolar e de todo o processo de escolarização apontado até aqui, observou-se também um comprometimento das instituições e de seus dirigentes em manter o nome da cidade de Pelotas como um centro de educação e cultura no estado – um sentimento que era frequentemente divulgado.

Com relação à localização das instituições, conforme destacado nos anúncios, em sua maioria estavam na zona central, nas principais ruas da cidade, que aos poucos melhoravam suas condições de saneamento e urbanização. A preocupação com "exigências higiênicas" que atendessem às expectativas das famílias dos alunos era constantemente apontada nos anúncios, como apresentado a seguir:



GYMNASIO BRASILEIRO

Internato, meio-internato e externato

— FUNDADO EM 1917 —

Director professor : **João C. de Freitas**

Magnificamente installado sob a mais rigorosa exigencia da hygiene escolar, no vasto sobrado á rua Marechal Floriano n. 158 — Caixa Postal n. 186 — Pelotas.

Curso elementar com programma racional, sob observancia dos mais modernos preceitos de systematica pedagogica.

Curso secundario de accordo com o decreto n. 11.530 de 18 de março de 1915. Escolas annexas de commercio, cultura domestica e musica.

Acceitam-se alumnos de ambos os sexos

Tratamento familiar e assistencia medica e dentaria aos internos a cargo dos drs. Victor Russomanno e Alvavo Appel.

CORPO DOCENTE IDONEO

Reabertura das aulas a 1°. de março

Prospectos na secretaria do Gymnasio

u 412 7—7

Figura 56 – Anúncio Gymnasio Brasileiro.
Fonte: JORNAL OPINIÃO PÚBLICA, 27/02/1920.



ESCOLA
MODERNA

Previno ás familias de meus alumnos e demais pessoas interessadas que, obedecendo a rigorosas exigencias hygienicas, mudei minha residencia para a rua Dr. Miguel Barcellos n. 5, onde as aulas começarão a funccionar segunda-feira, 7 do corrente.

Hermenegildo Bicker.

N. 3670 10—2

Figura 57 – Anúncio Escola Moderna.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 03/03/1898.

Em Pelotas, o pensamento higienista foi difundido no contexto das discussões sobre o saneamento da cidade, debate que ganhou força em nível nacional justamente na transição do final do século XIX para o início do século XX. Como em outras cidades do Brasil, o progresso e o crescimento urbano

acelerado resultaram em obras de saneamento. Como afirma Soares (2001, p.3), “o triunfo dos postulados positivistas de ordem e progresso com a proclamação da república foi o sinal da abertura definitiva do caminho para a penetração social das idéias higienistas”. Conforme Faria Filho (2000, p.147):

> o desenvolvimento dos saberes científicos, notadamente da medicina e, dentro dessa, da higiene, e sua aproximação do fazer pedagógico, vão influir decisivamente na elaboração da necessidade de um espaço próprio para a escola. Ao mesmo tempo em que elaboravam uma contundente crítica às péssimas condições das moradias e dos demais prédios para a saúde da população em geral, os higienistas acentuaram sobremaneira o mal causado às crianças pelas péssimas instalações escolares. Além disso, expunham o quanto a falta de espaços e materiais ***higienicamente concebidos*** era prejudicial à saúde e à aprendizagem dos alunos [Grifo do autor].

Ao analisar os anúncios, foi possível identificar a localização de parte das instituições de ensino. Algumas apresentavam o endereço como um elemento meramente informativo. Outras exploravam a localização da escola como mais um diferencial de qualidade e de preocupação com a comunidade, além de respeito às exigências de higiene da época.

Investigando-se os anúncios, com todos os endereços encontrados, pode-se inferir que a Rua General Victorino e a Rua do Imperador (hoje Anchieta e Félix da Cunha, respectivamente) tiveram, ao longo do século XIX e princípio do XX, uma concentração maior de instituições. Aparecia, nos discursos das escolas aí instaladas, que essas se localizavam em ruas com *“melhores condições higiênicas”*.

No relatório apresentado ao Conselho Municipal, em 2 de setembro de 1904, pelo Intendente José Barbosa Gonçalves, há um quadro demonstrativo dos calçamentos e recalçamentos efetuados durante o ano de 1903, em Pelotas. Das ruas contempladas com o serviço de construção de novos calçamentos, a General Victorino, entre General Telles e Tiradentes, obteve investimento neste setor pela então intendência na ordem de 619,60 m^2 e pela iniciativa particular num total de 937,29 m^2. Foi a rua em que mais se investiu no ano de 1903.

Ainda com relação à Rua do Imperador, em 1869, o português Augusto de Pinho, em uma viagem realizada ao sul do Brasil, destacou, no seu diário de viagem, o que percebera sobre os aspectos urbanos de Pelotas. Entre seus escritos foi possível encontrar o seguinte:

> o arruamento de Pelotas é talvez o mais bem traçado que possue o Imperio do Brazil, e bem poucas cidades da Europa o terão tão perfeito e regular. Dezoito ruas de boa largura e quatro praças muito bem alinhadas, são o que por enquanto pode-se chamar – cidade. [...] A rua do Imperador conta entre os seus melhores prédios, o da residência do Sr. commendador Ribas [...] A cidade que já conta com um bom número de prédios, virá em pouco a tornar-se mais bella, pois que o gosto pelas boas construcções começa ali a desenvolver-se rapidamente (PINHO, 1872, p.48-50).

No Relatório da Intendência de 1906, analisou-se um quadro comparativo das edificações e reedificações que ocorreram em Pelotas de junho de 1895 a junho de 1906. As ruas que tinham um maior número de edificações no primeiro ciclo foram: a antiga Manduca Rodrigues[53] – atual Professor Araújo – (58 edificações), Quinze de Novembro (51), Marechal Deodoro (50), Paysandú – atual Barão da Santa Tecla – (47), General Osório (35), General Victorino (34). Essas ruas foram escolhidas por muitos dirigentes de instituições de ensino que ali fixaram os seus colégios.

Mesmo entendendo que esse foi um momento em que não era comum a construção de prédios escolares, foi importante perceber que, para este fim, eram alugadas construções de pessoas reconhecidas pela comunidade pelotense, em espaços urbanos também privilegiados, como muitas vezes divulgado nas propagandas encontradas. Segundo Faria Filho (1998), esta:

> é uma cultura escolar que dialoga com a cultura urbana, criando e/ou se apropriando de representações sobre o conjunto do social a partir do seu lugar específico na cidade. É a cultura de uma escola que se localiza, literal e simbolicamente, no centro, visando a influenciar os "poderes constituídos" e, neste movimento, constituir-se como um poder de influência sobre os "outros", sobre aqueles que se localizam na periferia [Grifos do autor].

Salienta-se que este foi um momento em que as escolas buscavam melhores condições higiênicas para desenvolverem o seu trabalho e respeitar a legislação, mas também usavam o espaço urbano como um diferencial, ajudando, portanto, a formar as representações de um espaço público que estava em construção: a cidade de Pelotas.

Sobre o espaço urbano pelotense, é curioso perceber que com o desenvolvimento da cidade é possível observar nas propagandas do final do século XX e princípio do XXI, como será analisado posteriormente, que as

[53] Chama-se a atenção de que hoje existe outra rua denominada Manduca Rodrigues, mas em outra região da cidade.

escolas usarão como diferencial o fato de estarem afastadas do espaço urbano central. Este fato ocorre uma vez que em tal espaço não há mais locais adequados para as escolas, tampouco para o trânsito de veículos ocasionado pelos pais ou responsáveis quando deixam e buscam seus filhos. A vida corrida, o trânsito e o crescimento populacional de Pelotas terão reflexo na educação do século XXI.

No primeiro ciclo deparou-se também com o fato de que, em diferentes anos, escolas distintas ocuparam o mesmo prédio – provavelmente porque este apresentava condições para o desenvolvimento das atividades relacionadas à educação. Ao analisar os dados verificou-se que o Collegio Pelotense[54], em 1876, localizava-se na Rua do Imperador, n°38, assim como veio a ocupar o mesmo endereço, no ano de 1887, o Atheneu S. João, nos números 36, 38 e 40. O mesmo ocorreu com o Lyceu Municipal que, em 1889, tinha como endereço a Rua do Imperador, n°165, que veio a ser ocupada em 1893 pelo Collegio Comercial e, no ano de 1904, pela Escóla Allemã/Deutsche Schule – na então Rua Félix da Cunha, n°165.

Houve, também, a ocorrência de instituições que utilizavam prédios vizinhos. Exemplo disso é o Collegio Comercial que, em 1904, tinha como endereço a Rua Félix da Cunha, n°163, dividindo o espaço urbano com a Escóla Allemã/Deutsche Schule – na Rua Félix da Cunha, n°165. O Collegio Comercial também chamou atenção pela quantidade de vezes em que se mudou, sempre se localizando na mesma rua: Félix da Cunha, nos números 129 (1886), 165 (1893), 249 (1895), 184 (1903), 163 (1904). Os motivos das mudanças muitas vezes não apareciam nos anúncios, mas acredita-se que poderiam estar ligados à quantidade de alunos – que crescia ou diminuía, tornando necessário, assim, um espaço maior ou menor (ver anúncio Colégio Secundário, Fig. 65); à relação de gastos com o aluguel; e à própria necessidade de se adequar às condições de higiene. Ao se observar os dados entendeu-se que essa era uma característica do primeiro ciclo, ou seja, as constantes mudanças das escolas no espaço urbano.

Isso foi verificado em muitas propagandas que divulgavam que o endereço de determinadas instituições seria provisório – possivelmente porque

[54] Este colégio não é o Gymnásio Pelotense, que décadas mais tarde passou a se denominar Colégio Pelotense.

necessitavam saber o número de alunos matriculados para, então, definir o tamanho do prédio a ser ocupado e o que gastariam de aluguel com o mesmo. Esse fato deixa evidenciado que, naquele momento, essas instituições de ensino não tinham um espaço físico próprio. Essa realidade enfrentada pelo ensino privado poderia ocorrer em função da deficiente oferta de espaços adequados para aluguéis. Conforme foi apontado por Werle (2005, p.87), com relação ao ensino público no Rio Grande do Sul, "em lugares mais populosos a disputa por espaços residenciais era maior o que tornava mais altos os aluguéis das casas em que funcionavam as escolas". Castanho (2007, p.40) complementa essas afirmações indicando que na virada do século XIX para o século XX existia uma diversidade de modalidades e de espaços escolares constituídos no Brasil:

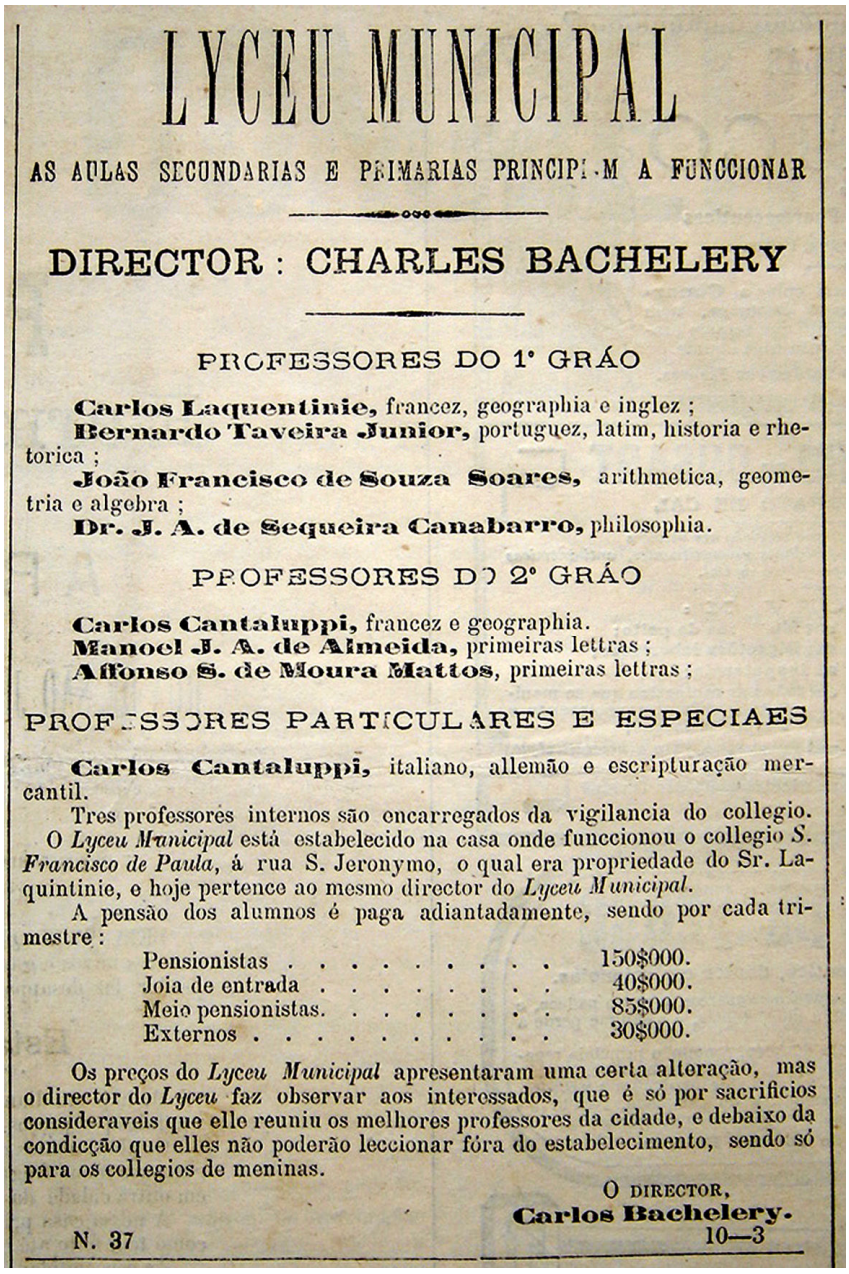
> o processo de institucionalização escolar dá-se no decorrer do Império brasileiro, observadas as especificidades dos níveis e modalidades educacionais. Há, com efeito, a par de uma profunda arritmia social nesse processo, de jeito que diferentes camadas da sociedade praticam formas diversas de educação, também ritmos diferentes, marcando a institucionalização escolar nos diversos níveis e modalidades em que se realiza.

Já com relação ao que as escolas cobravam dos alunos neste período, com base nos dados aqui apresentados, e no restante verificado no conjunto de fontes, percebeu-se que, algumas vezes, se equiparavam. Provavelmente porque ofereciam a mesma quantidade de disciplinas, professores, condições higiênicas, ou mesmo pela concorrência que era travada entre as instituições.

Na propaganda do Lyceu Municipal, apresentada a seguir, foi destacado que, naquele ano, os valores sofreriam uma pequena alteração, justificando que isso ocorrera porque o diretor havia contratado um número maior de professores. Estes, por sua vez, eram tidos como os mais renomados da cidade, sendo provavelmente melhor remunerados. Dessa forma, pode-se inferir que existiam salários diferenciados entre os docentes, e que tal fato se dava, provavelmente, levando em conta seu *status* profissional perante a comunidade pelotense.

No próximo anúncio, anteriormente já apresentado, também aparece a disputa entre as escolas. O texto também chama a atenção porque avisava que os professores seriam de total exclusividade da instituição, abrindo, contudo, uma exceção para o caso de optarem por lecionar, também, nas escolas de meninas –

instituições que não eram suas concorrentes porque atingiam um público diferenciado do seu. A existência da exclusividade docente foi bastante explorada nos anúncios do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX, já que muitos dos professores lecionavam em mais de uma instituição (NEVES, 2007), além de serem profissionais de renome, que atrairiam, para os espaços educativos, o público desejado, como se vê nesta propaganda:



LYCEU MUNICIPAL

AS AULAS SECUNDARIAS E PRIMARIAS PRINCIPIAM A FUNCCIONAR

DIRECTOR: CHARLES BACHELERY

PROFESSORES DO 1° GRÁO

Carlos Laquentinie, francez, geographia e inglez ;
Bernardo Taveira Junior, portuguez, latim, historia e rhetorica ;
João Francisco de Souza Soares, arithmetica, geometria e algebra ;
Dr. J. A. de Sequeira Canabarro, philosophia.

PROFESSORES DO 2° GRÁO

Carlos Cantaluppi, francez e geographia.
Manoel J. A. de Almeida, primeiras lettras ;
Affonso S. de Moura Mattos, primeiras lettras ;

PROFESSORES PARTICULARES E ESPECIAES

Carlos Cantaluppi, italiano, allemão e escripturação mercantil.

Tres professores internos são encarregados da vigilancia do collegio.

O *Lyceu Municipal* está estabelecido na casa onde funccionou o collegio *S. Francisco de Paula*, á rua S. Jeronymo, o qual era propriedade do Sr. Laquintinie, e hoje pertence ao mesmo director do *Lyceu Municipal*.

A pensão dos alumnos é paga adiantadamente, sendo por cada trimestre :

Pensionistas	150$000.
Joia de entrada	40$000.
Meio pensionistas.	85$000.
Externos	30$000.

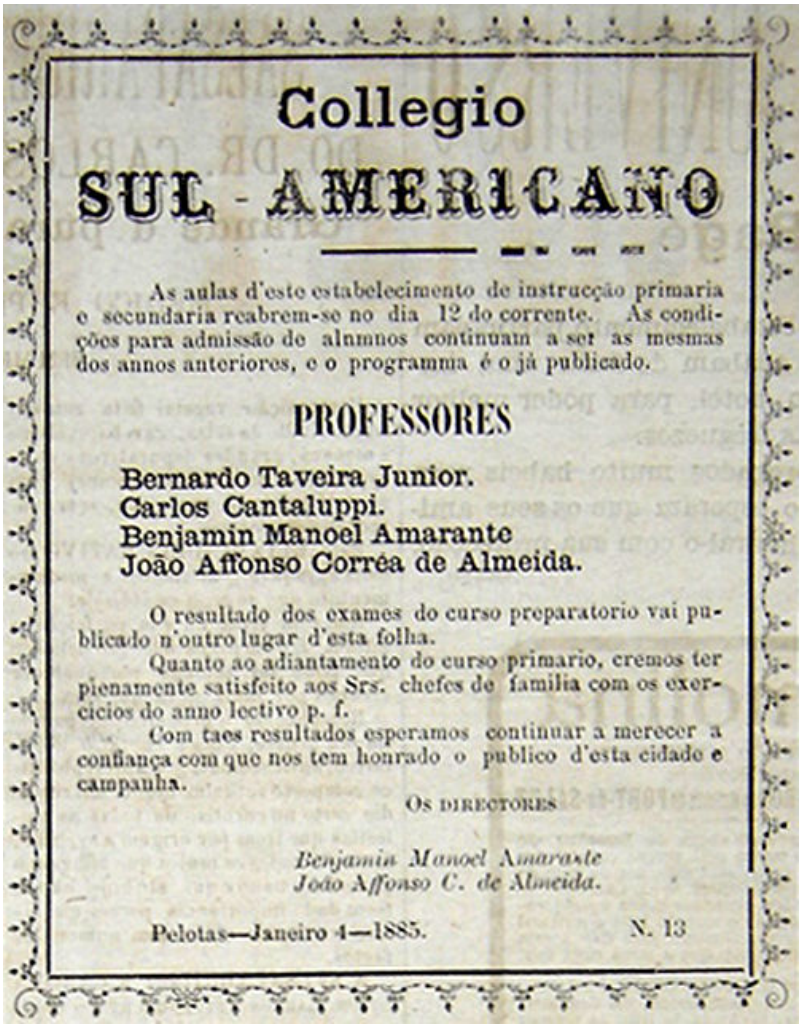
Os preços do *Lyceu Municipal* apresentaram uma certa alteração, mas o director do *Lyceu* faz observar aos interessados, que é só por sacrificios consideraveis que elle reuniu os melhores professores da cidade, e debaixo da condicção que elles não poderão leccionar fóra do estabelecimento, sendo só para os collegios de meninas.

O DIRECTOR,
Carlos Bachelery.

N. 37 10—3

Figura 58 – Anúncio Lyceu Municipal.
Fonte: JORNAL DO COMÉRCIO, 08/01/1878.

Já na próxima propaganda, o colégio anunciava que os valores seriam os mesmos do ano anterior. Isso ocorria possivelmente porque não tinha se alterado o programa, o número de professores nem a localização da instituição. Esses elementos, ao que tudo indica nos anúncios, eram os principais responsáveis pela variação dos valores cobrados pelo ensino.



Collegio

SUL - AMERICANO

As aulas d'este estabelecimento de instrucção primaria e secundaria reabrem-se no dia 12 do corrente. As condições para admissão de alumnos continuam a ser as mesmas dos annos anteriores, e o programma é o já publicado.

PROFESSORES

Bernardo Taveira Junior.
Carlos Cantaluppi.
Benjamin Manoel Amarante
João Affonso Corrêa de Almeida.

O resultado dos exames do curso preparatorio vai publicado n'outro lugar d'esta folha.

Quanto ao adiantamento do curso primario, cremos ter plenamente satisfeito aos Srs. chefes de familia com os exercicios do anno lectivo p. f.

Com taes resultados esperamos continuar a merecer a confiança com que nos tem honrado o publico d'esta cidade e campanha.

Os DIRECTORES

Benjamin Manoel Amarante
João Affonso C. de Almeida.

Pelotas—Janeiro 4—1885. N. 13

Figura 59 – Anúncio Collegio Sul-Americano.
Fonte: JORNAL ONZE DE JUNHO, 08/1/1884.

Algumas instituições de ensino pelotenses também chamavam atenção para o fato do quanto seus valores se equiparavam as das de mesma categoria no estado, como foi trazido no anúncio do Gymnasio, dirigido por José Henrique de Lara Ulrich, apresentado a seguir. Nessa propaganda ficou evidenciado que essa escola, que oferecia o mesmo nível de ensino de outras localidades do estado, segundo o diretor, tinha, também, valores equivalentes. Essa informação leva a crer que a escola divulgava que os seus valores eram compatíveis com a

concorrência para que os alunos de Pelotas não saíssem da cidade para estudar em outras localidades e para que alunos de outras cidades se deslocassem para estudar em Pelotas – já que a escola ofereceria um estudo tão bom, ou melhor, do que o de seus concorrentes, com valores compatíveis para tal. Isso significa que os estabelecimentos de ensino disputavam alunos não somente com as instituições da própria cidade, como também nas demais do estado, e do Brasil. Isso porque essa era uma prática comum: as crianças eram mandadas para estudar em colégios internos, não raras vezes em outras localidades do país e do exterior.



Gymnasio

Collegio de instrucção primaria e secundaria

Rua Felix da [illegible] n. 216 (Sobrado

DIRECTOR:

JOSÉ HENRIQUE DE LARA ULRICH

Reabrem-se as aulas desse estabelecimento no dia 8 de Janeiro p. futuro.

—

Aceita internos, meios internos e externos aos preços dos collegios de primeira ordem do Estado, jámais descontando os mezes de Dezembro e Janeiro.

—

Continuam funccionando as aulas de *escripturação mercantil* e *contabilidade commercial*, para adultos, das 7 ás 9 horas da noute.

RUA FELIX DA CUNHA N. 216

Sobrado

N. 2521 (31 Jan.)

[...] Aceita-se internos, meio-internos, externos aos preços dos collegios de igual categoria do estado, não fazendo desconto por férias. [...]

Figura 60[55] – Anúncio do Gymnasio.
Fonte: JORNAL CORREIO MERCANTIL, 09/01/1895.

A constatação de que os valores cobrados pelos estabelecimentos de ensino no Brasil se equiparavam, quando estes tinham um mesmo porte, levou à conclusão de que existiu, provavelmente, uma auto-regulação dos preços que

[55] Infelizmente esta imagem não pode ser refeita uma vez que esta edição do jornal, em função de seu estado precário de conservação, não está mais disponível para pesquisa.

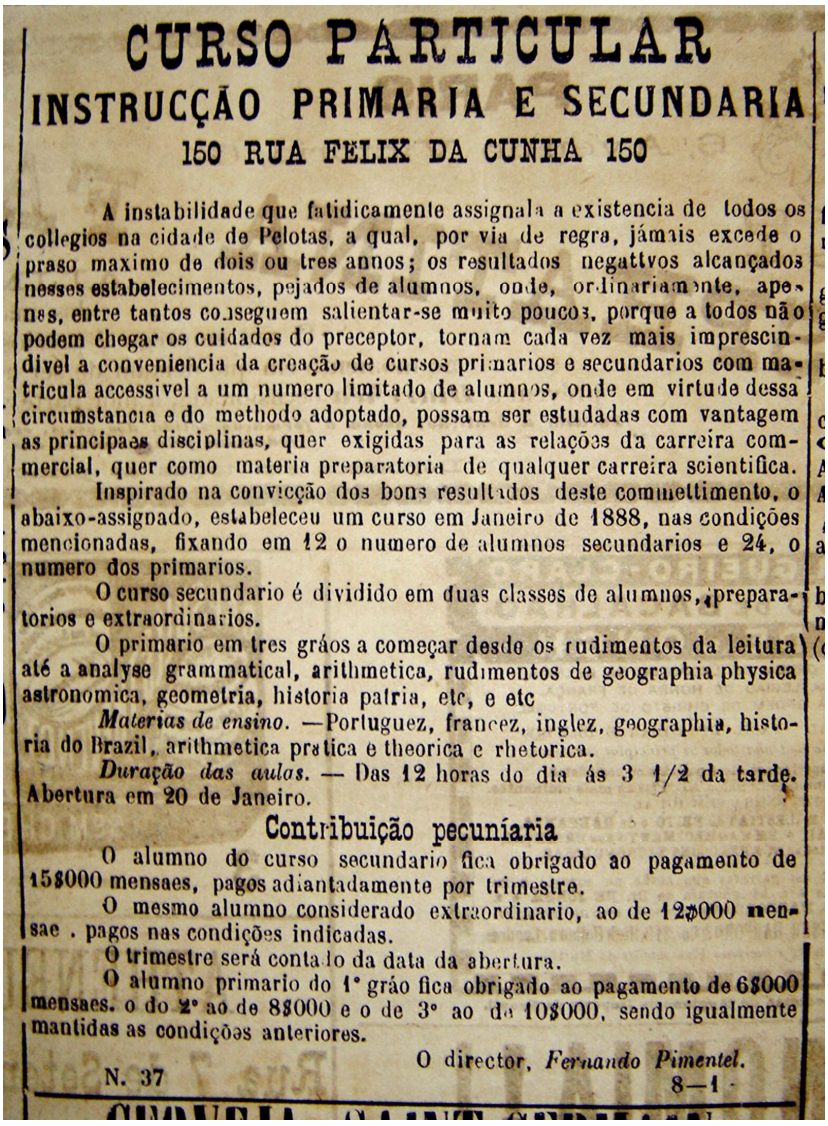
podia se dar em termos de país e de região (NEVES, 2007). Identificou-se que o valor cobrado pelo ensino de Pelotas não era inferior nem superior ao oferecido pelas instituições de outras cidades do estado do Rio Grande de Sul e da capital do país. O que fazia diferença nos valores cobrados era, normalmente, o porte da instituição e o que ela oferecia em termos de disciplinas e professorado. No entanto, a oferta de saberes e de professores era, muitas vezes, equivalente, possivelmente porque seguiam a legislação.

É relevante destacar que a prática de divulgar nos anúncios os valores cobrados pelas instituições de ensino era típica desse período e praticamente não se mantém até o fim da República Velha, desaparecendo totalmente no final do século XX. Além disso, constatou-se que nesse momento o ensino foi um dos únicos serviços que divulgou nos jornais o seu valor. Isso acabou dificultando a realização de uma comparação com outros tipos de serviços existentes na cidade na mesma época[56].

O fato de as instituições tornarem público os valores cobrados permitiu que se fizesse a relação de custo do ensino no período, além de possibilitar a análise das diferenças de preços entre elas. Ao observar os vestígios que os anúncios forneceram acerca dos valores do ensino, foi possível averiguar que os gastos para as famílias manterem seus filhos em um dos estabelecimentos encontrados variava. Poderiam optar por serem pensionistas – com uma permanência integral na instituição, cujo retorno para a casa se daria nas férias. Nessa modalidade, o aluno recebia, além da instrução, alimentação e, em alguns casos, cuidados médicos. Já os meio-pensionistas passavam o dia na escola, recebiam alimentação e retornavam diariamente a suas casas. Esta era uma situação possível em função de que as aulas começavam no turno da manhã e terminavam à tarde. Os alunos externos vinham à instituição diariamente para receber a instrução, sem receber alimentação. Além dos valores cobrados pelo trimestre, também foi possível encontrar a exigência de outras taxas. Estas se referiam a alguns materiais utilizados pelos alunos, mas também à cobrança por disciplinas extras como, por exemplo, desenho, canto e ginástica.

[56] Já os preços de produtos eram mais comumentemente publicados. Sendo assim, por mais que se tenha pretendido fazer uma relação entre os produtos e os serviços da educação, na tentativa de compreender o que esses números e cifras significavam para aquele momento histórico, não se chegou a uma conclusão plausível.

Sobre o fechamento prematuro de algumas instituições, foi possível encontrar um texto em uma propaganda divulgada pelo professor Francisco A. Pimentel, em que ele discutia e criticava uma prática que era comum na cidade, como pode ser verificado no texto da propaganda que segue:



CURSO PARTICULAR

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

150 RUA FELIX DA CUNHA 150

A instabilidade que fatidicamente assignala a existencia de todos os collegios na cidade de Pelotas, a qual, por via de regra, jámais excede o praso maximo de dois ou tres annos; os resultados negativos alcançados nesses estabelecimentos, pejados de alumnos, onde, ordinariamente, apenas, entre tantos conseguem salientar-se muito poucos, porque a todos não podem chegar os cuidados do preceptor, tornam cada vez mais imprescindivel a conveniencia da creação de cursos primarios e secundarios com matricula accessivel a um numero limitado de alumnos, onde em virtude dessa circumstancia e do methodo adoptado, possam ser estudadas com vantagem as principaes disciplinas, quer exigidas para as relações da carreira commercial, quer como materia preparatoria de qualquer carreira scientifica.

Inspirado na convicção dos bons resultados deste commettimento, o abaixo-assignado, estabeleceu um curso em Janeiro de 1888, nas condições mencionadas, fixando em 12 o numero de alumnos secundarios e 24, o numero dos primarios.

O curso secundario é dividido em duas classes de alumnos, preparatorios e extraordinarios.

O primario em tres gráos a começar desde os rudimentos da leitura até a analyse grammatical, arithmetica, rudimentos de geographia physica astronomica, geometria, historia patria, etc, e etc

Materias de ensino. —Portuguez, francez, inglez, geographia, historia do Brazil, arithmetica pratica e theorica e rhetorica.

Duração das aulas. — Das 12 horas do dia ás 3 1/2 da tarde. Abertura em 20 de Janeiro.

Contribuição pecuniaria

O alumno do curso secundario fica obrigado ao pagamento de 15$000 mensaes, pagos adiantadamente por trimestre.

O mesmo alumno considerado extraordinario, ao de 12$000 mensaes, pagos nas condições indicadas.

O trimestre será contado da data da abertura.

O alumno primario do 1° gráo fica obrigado ao pagamento de 6$000 mensaes. o do 2° ao de 8$000 e o de 3° ao de 10$000, sendo igualmente mantidas as condições anteriores.

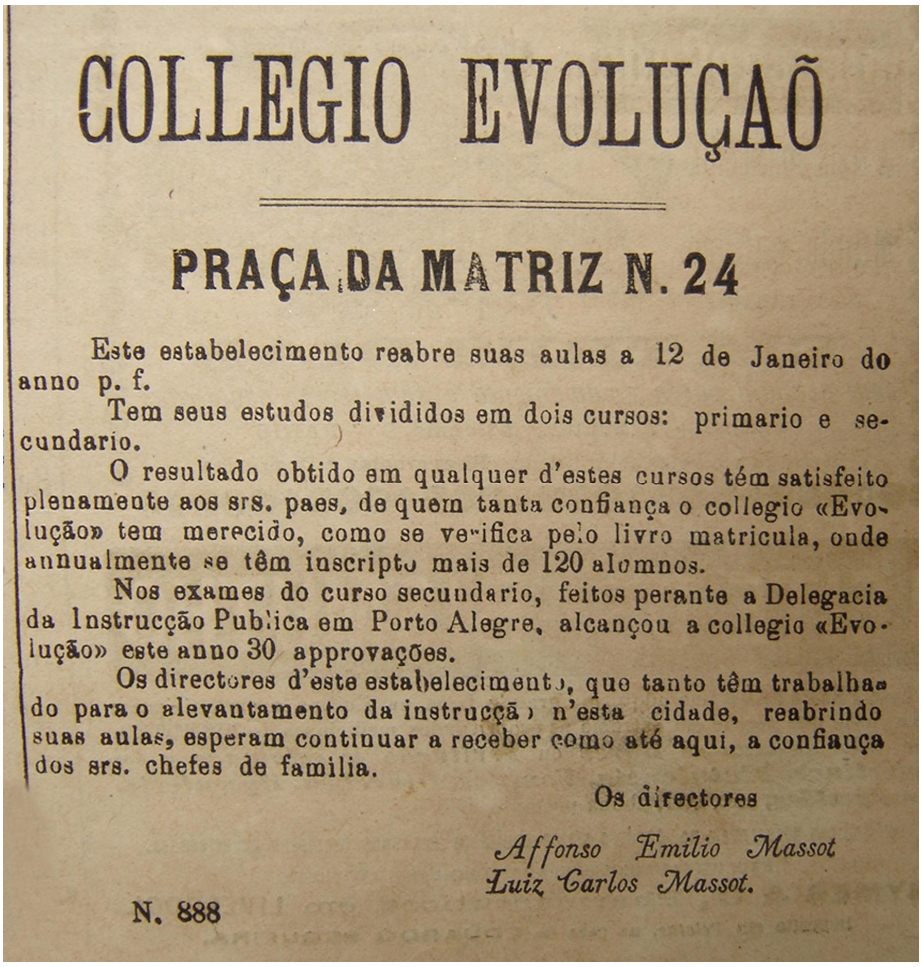
O director, *Fernando Pimentel.*

N. 37 8—1

Figura 61 – Anúncio Curso Particular.
Fonte: JORNAL A PÁTRIA, 10/01/1890.

Analisando as críticas deste anúncio, percebe-se dois pontos: o primeiro refere-se à condenação da ocorrência de ampla abertura de instituições que acabaram não ultrapassando dois anos de existência em Pelotas. O segundo ponto foca-se na defesa do professor para manter poucos alunos por classe, já que, segundo ele, os docentes não eram capazes de atender mais de uma dúzia de alunos ao mesmo tempo. Essa crítica era dirigida, certamente, às instituições que nas propagandas indicavam que as suas capacidades físicas comportavam

um número maior de alunos. Sobre a quantidade de alunos que cada instituição abrigava, algumas propagandas indicavam a quantidade máxima de discentes permitida para a matrícula; outras não davam pistas da capacidade da escola. O que se percebeu foi que provavelmente algumas instituições de ensino divulgavam o número total de alunos ao somar a quantidade de matriculados em cada disciplina oferecida. Com isso, a quantidade seria bem maior do que o número real de alunos frequentando a escola. O Collegio Evolução, por exemplo, afirmou, no anúncio apresentado a seguir, que o número anual de alunos chegou a 120. Isso significa que, ao longo de quatro trimestres, 120 matrículas foram efetuadas no colégio, não necessariamente por 120 alunos. Isso porque poderiam referir-se, por exemplo, a 30 alunos que se matricularam durante 4 trimestres.



COLLEGIO EVOLUÇAÕ

PRAÇA DA MATRIZ N. 24

Este estabelecimento reabre suas aulas a 12 de Janeiro do anno p. f.

Tem seus estudos divididos em dois cursos: primario e secundario.

O resultado obtido em qualquer d'estes cursos tém satisfeito plenamente aos srs. paes, de quem tanta confiança o collegio «Evolução» tem merecido, como se verifica pelo livro matricula, onde annualmente se têm inscripto mais de 120 alumnos.

Nos exames do curso secundario, feitos perante a Delegacia da Instrucção Publica em Porto Alegre, alcançou a collegio «Evolução» este anno 30 approvações.

Os directores d'este estabelecimento, que tanto têm trabalhado para o alevantamento da instrucção n'esta cidade, reabrindo suas aulas, esperam continuar a receber como até aqui, a confiança dos srs. chefes de familia.

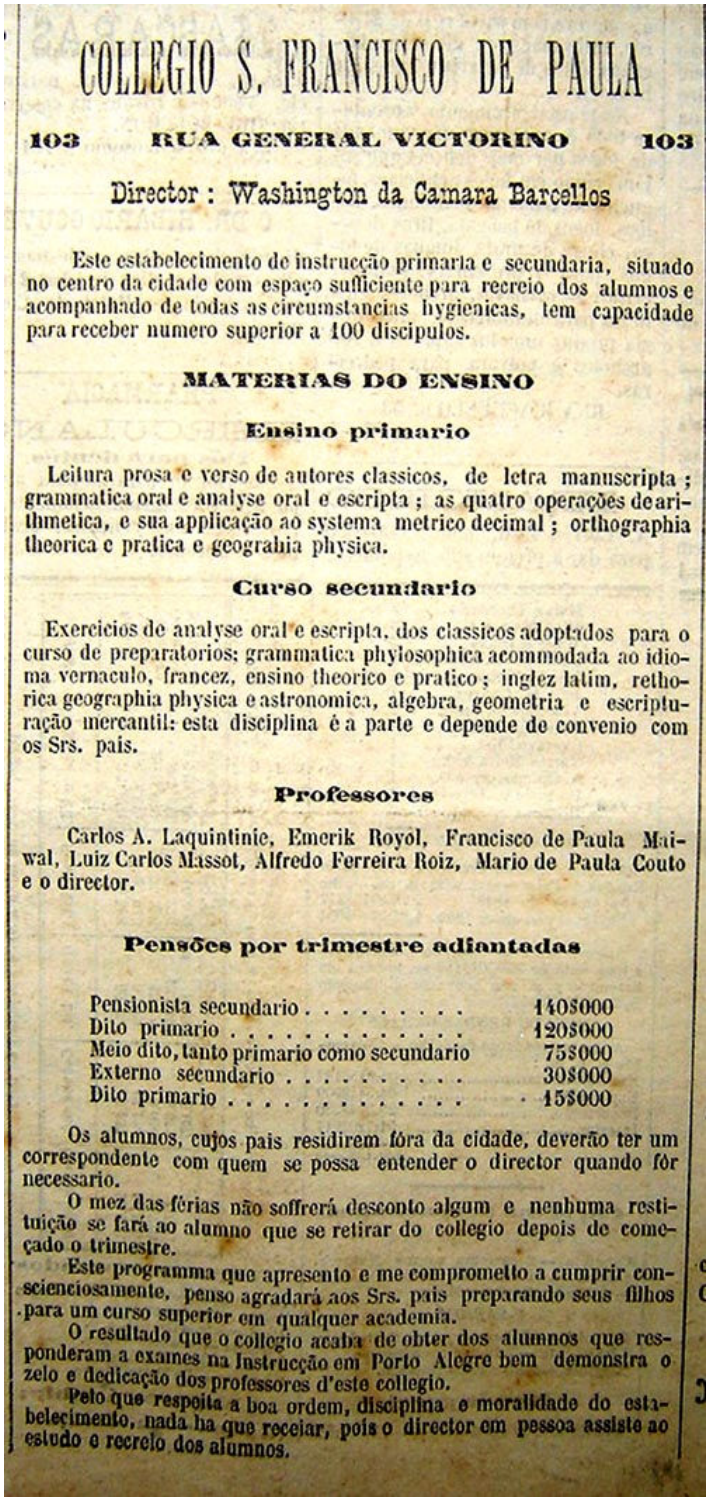
Os directores

Affonso Emilio Massot
Luiz Carlos Massot.

N. 888

Figura 62 – Anúncio Collegio Evolução.
Fonte: JORNAL A DISCUSSÃO, 01/04/1886.

Já outras instituições davam a entender que o número de alunos divulgado era de fato absorvido pela instituição trimestralmente. Esse é um elemento que dá pistas do tamanho da instituição, já que algumas publicavam que 60 seria a quantidade máxima de matrículas. Esse número seria dividido em duas turmas do ensino primário, acrescido de dez matrículas para o nível secundário, como foi descrito no anúncio da Escola Moderna encontrado no Jornal Diário Popular de 9/1/1898. Um caso em que a quantidade de alunos divulgada era significativa, se comparada com a de outras instituições, é o do Collegio São Francisco de Paula, que se dispunha a receber um número superior a 100 alunos, como pode ser observado no anúncio a seguir:



COLLEGIO S. FRANCISCO DE PAULA

103 RUA GENERAL VICTORINO 103

Director : Washington da Camara Barcellos

Este estabelecimento de instrucção primaria e secundaria, situado no centro da cidade com espaço sufficiente para recreio dos alumnos e acompanhado de todas as circumstancias hygienicas, tem capacidade para receber numero superior a 100 discipulos.

MATERIAS DO ENSINO

Ensino primario

Leitura prosa e verso de autores classicos, de letra manuscripta ; grammatica oral e analyse oral e escripta ; as quatro operações de arithmetica, e sua applicação ao systema metrico decimal ; orthographia theorica e pratica e geographia physica.

Curso secundario

Exercicios de analyse oral e escripta, dos classicos adoptados para o curso de preparatorios: grammatica philosophica acommodada ao idioma vernaculo, francez, ensino theorico e pratico ; inglez latim, rethorica geographia physica e astronomica, algebra, geometria e escripturação mercantil: esta disciplina é a parte e depende de convenio com os Srs. pais.

Professores

Carlos A. Laquintinie, Emerik Royol, Francisco de Paula Maiwal, Luiz Carlos Massot, Alfredo Ferreira Roiz, Mario de Paula Couto e o director.

Pensões por trimestre adiantadas

Pensionista secundario	140$000
Dito primario	120$000
Meio dito, tanto primario como secundario	75$000
Externo secundario	30$000
Dito primario	15$000

Os alumnos, cujos pais residirem fóra da cidade, deverão ter um correspondente com quem se possa entender o director quando fôr necessario.

O mez das férias não soffrerá desconto algum e nenhuma restituição se fará ao alumno que se retirar do collegio depois de começado o trimestre.

Este programma que apresento e me comprometto a cumprir conscienciosamente, penso agradará aos Srs. pais preparando seus filhos para um curso superior em qualquer academia.

O resultado que o collegio acaba de obter dos alumnos que responderam a exames na Instrucção em Porto Alegre bem demonstra o zelo e dedicação dos professores d'este collegio.

Pelo que respeita a boa ordem, disciplina e moralidade do estabelecimento, nada ha que receiar, pois o director em pessoa assiste ao estudo e recreio dos alumnos.

Figura 63 – Anúncio Collegio São Francisco de Paula.
Fonte: JORNAL A NAÇÃO, 16/01/1894.

Mesmo que o colégio não tenha deixado claro se era anual a capacidade de recebimento de alunos, o fato de tornar público que poderia abrigar uma população superior a 100 alunos e que possuía espaçosos pátios e condições higiênicas favoráveis para receber os discentes, permite constatar

aspectos sobre a estrutura física da escola. Além disso, dá sinais sobre o que era ofertado aos alunos em relação ao tipo de ambiente escolar existente na cidade de Pelotas no período estudado.

Retomando-se o texto do anúncio do Curso Particular, verificou-se que com o aumento do tamanho das instituições, o diretor do Curso Particular mostrava ao público que se diferenciava pela oferta da exclusividade de atenção dos professores que, segundo ele, em turmas maiores não seria possível. Na propaganda do Curso Particular (ver Fig. 61), anteriormente exposta, o professor também menciona método de ensino, mas não destaca qual seria utilizado. Imagina-se que se tratava do método individual de ensino. Tal procedimento, segundo Faria Filho (2000, p.140), "consistia em que o professor, mesmo quando tinha vários alunos, acabava por ensinar a cada um deles individualmente".

Ainda com base nas críticas apresentadas pela propaganda do curso particular é de fundamental importância entender quais eram as características dos níveis de ensino ofertado por essas instituições, ou seja: ensino primário e ensino secundário. As escolas de caráter privado do século XIX, tanto para o sexo feminino quanto para o masculino, elencadas neste estudo, evidenciavam as disciplinas ofertadas aos alunos. Os saberes ministrados no século XIX serão então divulgados no intuito de apresentar o tipo de ensino oferecido aos pelotenses, além de contextualizar qual era o papel desempenhado pelo ensino primário e pelo ensino secundário no Brasil, nesse contexto educacional.

De posse dessa intenção foi importante saber o que apresentava o Art.4º do decreto nº 7247, de 19 de abril de 1879, sobre o que deveria constar nas disciplinas das escolas primárias de 1º grau dos municípios da Corte:

> instrucção moral, instrucção religiosa, leitura, escripta, noções de cousas, noções essenciais de grammatica, princípios elementares de arthmética, syxtema legal de pesos e medidas, noções de historia e geographia do Brazil, elementos de desenho linear, rudimentos de musica, com exercícios de solfejo e canto, gymnastica, costura simples (para meninas) (TAMBARA e ARRIADA, 2005, p.77).

Já as de 2º grau, do ensino primário, constavam da continuação e desenvolvimento das disciplinas ensinadas nas de 1º grau e mais das seguintes:

> princípios elementares de álgebra e geometria, noções de physica, chimica natural, com explicação de suas principaes applicações á industria e aos usos da vida, noções geraes dos deveres do homem e do cidadão, com explicação succinta da organização política do Império,

> noções de lavoura e horticultura, noções de economia social (para os meninos), noções de economia domestica (para as meninas), pratica manual de officios (para meninos), trabalhos de agulha (para meninas). (TAMBARA e ARRIADA, 2005, p.77).

No que tange à instrução secundária, assistiu-se no Brasil a proliferação de aulas avulsas e particulares, que consistiam no ensino do Latim, da Retórica, da Filosofia, da Geometria, do Francês e do Comércio. Essas aulas foram diminuindo porque não incluíam todas as matérias necessárias para os exames preparatórios, pela necessidade de os alunos terem de se deslocar até as residências dos professores e, também, pelos encargos enfrentados pelos professores para manter o espaço onde ministravam as aulas. Esses cursos acabaram sendo procurados pelos alunos que queriam continuar a se desenvolver culturalmente e que não tinham intenção de ingressar no colégio ou ensino superior. Conforme Ribeiro (1978, p.14) “mesmo em se tratando de uma sociedade aristocrática, o atendimento, em número, era muito limitado em tais circunstâncias. Estas, como é evidente, comprometem também a qualidade”.

Verificou-se que, nas primeiras décadas de século XIX, a situação do ensino secundário no Brasil era semelhante à da segunda metade do século XVIII, em termos de aulas-régias ofertadas. A mentalidade do ensino jesuítico continuou permeando os estudos secundários, “já que a maioria dos professores havia estudado nos colégios jesuítas existentes no Brasil, ou no Colégio de Artes e na Universidade de Coimbra – todos administrados por jesuítas” (VECHIA, 2005, p.79). Aos poucos foi se rompendo a concepção do ensino clássico-humanístico dos jesuítas, com a introdução de novas disciplinas em diversos pontos do Brasil, como Retórica, Hebraico, Matemática, Filosofia, Teologia, Línguas Modernas, Ciências Experimentais, Grego, Comércio e Música. Ao final do período, o aluno poderia prosseguir no próprio colégio e obter o diploma de Bacharel em Letras, ou requerer um certificado para ingressar em institutos de formação técnica. Ou ainda seguir nos chamados estudos da Segunda Classe, que lhe propiciavam aprimorar os conhecimentos humanísticos e literários – que eram pré-requisitos para ingressar nos cursos superiores. Para Souza (2000, p.3),

> no ensino secundário o debate girou em torno da cultura humanística ou clássico-literária e a cultura moderna, cujas referências ancoravam-se no progresso científico e no caráter nacional (língua e literatura do país, história e geografia). Mesmo os ardorosos defensores da introdução das ciências nos programas não abriram mão do caráter distintivo de classe

> predominante no ensino secundário. Dessa forma, a redefinição dos currículos objetivou atualizar e ampliar a cultura geral das elites mediante o aprofundamento dos estudos em ciências e letras, colocando os jovens em contato com os novos temas culturais de seu tempo.

Já para Arriada (2007, p.34),

> no Império, o papel atribuído ao ensino secundário; cursos preparatórios de acesso aos cursos superiores; acabou decretando a falência de um ensino seriado, longo e metódico, com uma grade curricular que contemplasse várias áreas do saber. Em que pese constarem várias disciplinas nos programas do Liceu, acabavam sendo ministradas quase que inclusivamente aquelas requeridas para os exames preparatórios. Para que longos e penosos estudos? Estudam-se tão somente aquelas matérias exigidas.

Com relação ao ensino secundário em Pelotas, assim como no resto do país, era normalmente caracterizado por aulas avulsas, que preparavam os alunos para prestar os exames de acesso ao ensino superior. Esse nível de ensino estava concentrado nas mãos da iniciativa privada e possuía, fundamentalmente, como diretriz principal, o currículo, as matérias e os conteúdos do Colégio Dom Pedro II[57]. Como em Pelotas no final do século XIX ainda não havia instituições equiparadas, os exames preparatórios para ingresso no ensino superior só podiam ser realizados na capital da Província. Esses exames eram frequentemente divulgados[58] na imprensa pelotense, em especial pelas instituições de ensino que conseguiam aprovar o maior número de alunos nas provas realizadas na cidade de Porto Alegre.

No que tange aos saberes femininos, o ensino secundário era basicamente um complemento ao ensino primário. Além disso, tinha como público-alvo alunas com condições econômicas favoráveis que buscavam ampliar seus conhecimentos culturais, aprofundando o que foi visto no ensino primário e dando continuidade às lições domésticas e às destinadas aos traquejos sociais, como pode ser observado em alguns anúncios. Já o foco do ensino secundário masculino, por sua vez, como mencionado anteriormente, estava, geralmente, na

[57] No Brasil, no ano de 1837, fundou-se uma escola secundária no Município da Corte que serviu de modelo para todas as instituições de ensino do Império entre públicas e privadas. Com a criação do então Collegio Pedro II, ainda que indiretamente, teve-se início a certa uniformização do ensino secundário no Brasil. Com a fundação desse estabelecimento de ensino instaurou-se um processo chamado equiparação, que permitia ao aluno o mesmo direito de acesso ao ensino superior do que os alunos do D. Pedro II.

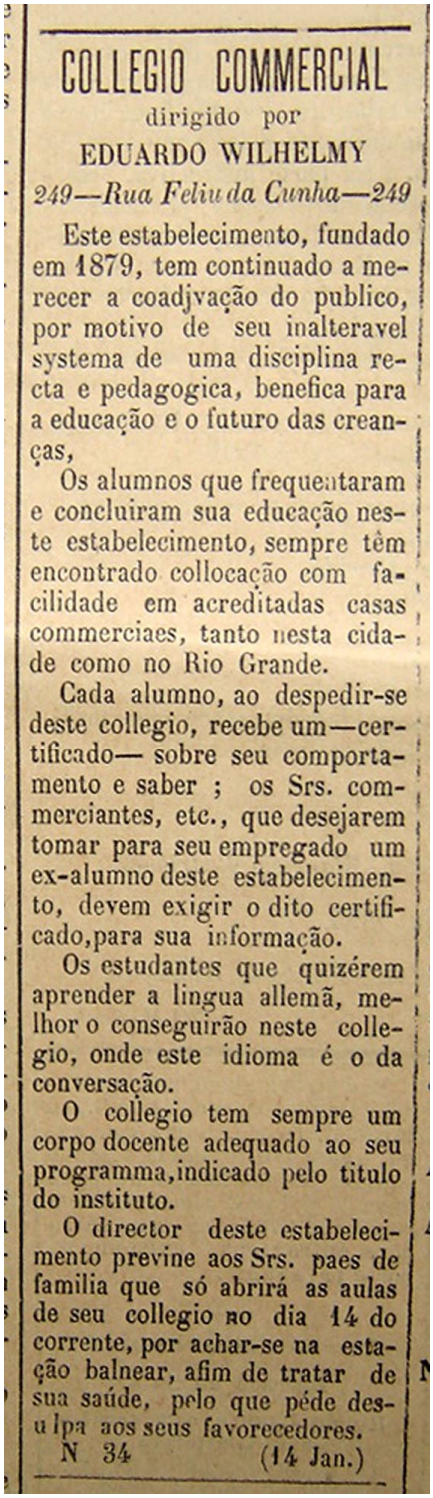
[58] Os exames e os resultados dos alunos são apresentados em Neves (2007).

preparação dos alunos para o acesso ao ensino superior (NEVES, TAMBARA, AMARAL, 2011)[59].

Com base nas propagandas das instituições que ofereciam o ensino secundário, verificou-se que os seus discursos, em Pelotas, estavam pautados, geralmente, nos resultados obtidos por seus alunos nos exames para o ingresso no ensino superior, e que os seus calendários escolares ficavam condicionados às datas dos exames.

Além de instituições de ensino com o foco voltado para os exames, encontrou-se também uma oferta de cursos que preparavam os alunos para o comércio. O Curso Commercial, fundado em 1879, dirigido por Eduardo Wilhelmy (ver quadro 2, p.146), que deixava claro no nome da instituição o tipo de ensino a que se dedicava, é um exemplo. Em sua propaganda, o diretor garantia a colocação de seus alunos no mercado de trabalho, além de um histórico para que a comunidade tivesse acesso à vida escolar de determinado aluno ao longo do curso. Percebeu-se, com isso, que essa era uma forma encontrada pela instituição de atestar a sua eficiência. Diferentemente dos preparatórios que possuíam uma maneira de "testar a qualidade" do ensino oferecido por meio dos exames, as instituições que preparavam para as atividades do comércio utilizavam, para isso, os cargos alcançados por seus alunos, como se pode observar no anúncio que segue:

[59] Este assunto é desenvolvido no artigo intitulado "A oferta do Ensino Primário e Secundário investigada por meio da Propaganda Impressa (1875-1910)" aceito para publicação na Revista Diálogo Educacional em outubro de 2011. No entanto, este ainda não foi publicado.



COLLEGIO COMMERCIAL

dirigido por

EDUARDO WILHELMY

249—Rua Felix da Cunha—249

Este estabelecimento, fundado em 1879, tem continuado a merecer a coadjvação do publico, por motivo de seu inalteravel systema de uma disciplina recta e pedagogica, benefica para a educação e o futuro das creanças,

Os alumnos que frequentaram e concluiram sua educação neste estabelecimento, sempre têm encontrado collocação com facilidade em acreditadas casas commerciaes, tanto nesta cidade como no Rio Grande.

Cada alumno, ao despedir-se deste collegio, recebe um—certificado— sobre seu comportamento e saber ; os Srs. commerciantes, etc., que desejarem tomar para seu empregado um ex-alumno deste estabelecimento, devem exigir o dito certificado,para sua informação.

Os estudantes que quizérem aprender a lingua allemã, melhor o conseguirão neste collegio, onde este idioma é o da conversação.

O collegio tem sempre um corpo docente adequado ao seu programma,indicado pelo titulo do instituto.

O director deste estabelecimento previne aos Srs. paes de familia que só abrirá as aulas de seu collegio no dia 14 do corrente, por achar-se na estação balnear, afim de tratar de sua saúde, pelo que péde desculpa aos seus favorecedores.

N 34 (14 Jan.)

Figura 64 – Anúncio Collegio Commercial.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 10/01/1895.

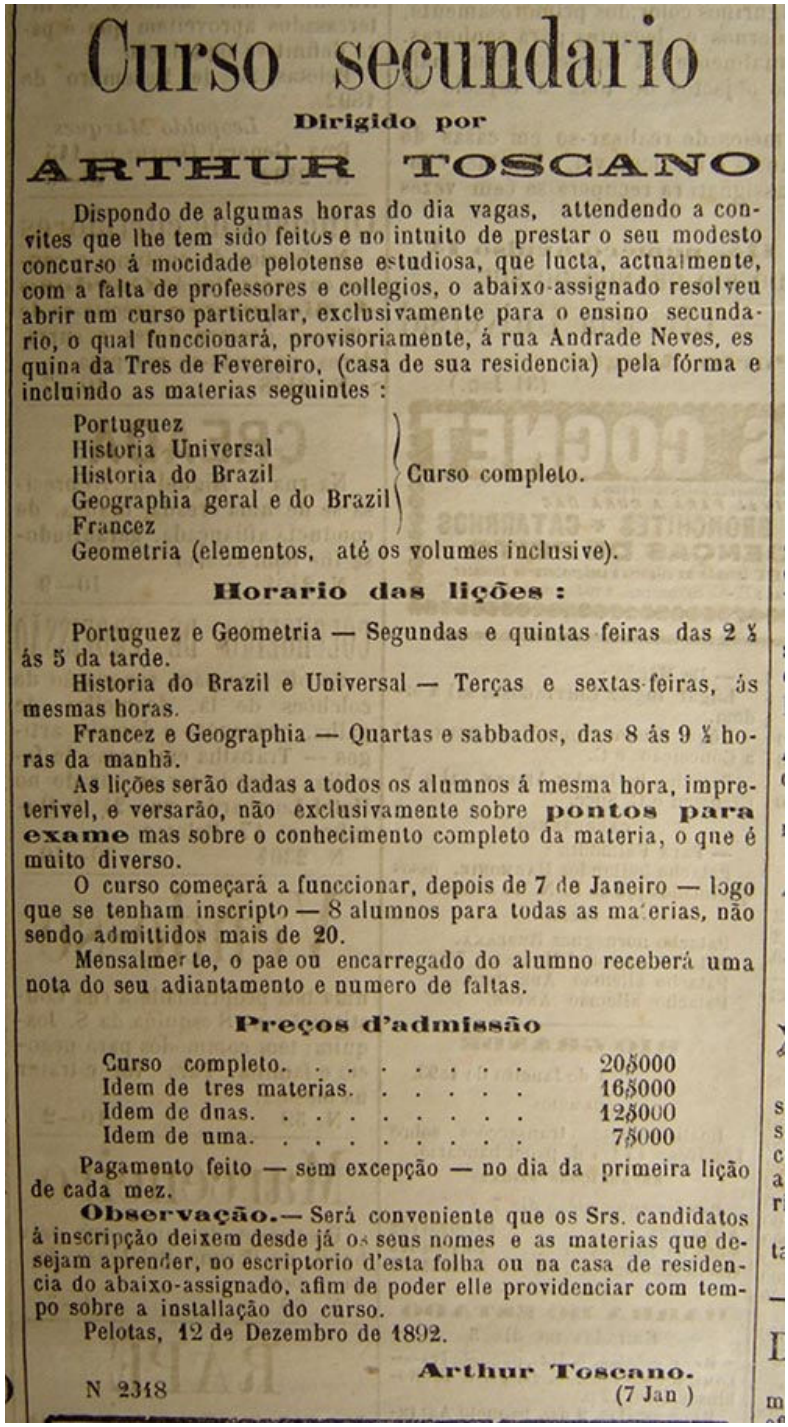
Foi possível também constatar que os colégios, diferentemente dos preparatórios, além das disciplinas exigidas nos exames, ofereciam também aulas extras, normalmente pagas separadamente. Isso poderia significar que as disciplinas que não constavam nos exames não eram procuradas pela totalidade

de seus alunos, caso contrário, fariam parte das cobranças trimestrais efetuadas pelas instituições. A lista de disciplinas dos colégios apresentava-se, muitas vezes, mais ampla do que a grade dos preparatórios. De qualquer forma, a conclusão de um curso secundário regular em escolas não equiparadas ao "Pedro II" não dava direito ao ingresso nos cursos superiores. Este seria obtido somente através dos exames. Segundo Arriada (2007, p.327) será,

> nessa brecha, que os diversos colégios particulares "se povoam de alunos e florescem" dando anualmente um número expressivo de alunos aptos aos exames preparatórios. Diversos jovens acabavam optando pelos cursos ministrados pelos colégios. Com bons professores, contando com internatos, e oferecendo apenas as disciplinas exigidas pelos exames, para que cursar longos cursos seriados, regulares e de longa duração? [Grifos do Autor].

Existiram também instituições com propostas diferenciadas para o ensino secundário. O Curso Secundário dirigido por Arthur Toscano indicava o aprofundamento das disciplinas cobradas nos exames, não se focando apenas nos pontos cobrados nas provas, tendo, portanto, uma grade curricular mais ampla do que muitas instituições de ensino secundárias. Ao analisar o quadro 2 (p.146) é possível constatar que esse curso atuou em Pelotas por um ano – ao menos não se encontrou mais nenhuma notícia sobre o seu funcionamento. O que leva a crer, segundo as investigações de Arriada (2007), e por meio dos textos dos anúncios, que o interesse dos alunos era, de fato, cursar exatamente os pontos cobrados nos exames. Leva-se em consideração também que ao fazer uma comparação por ano, as instituições que se destacaram por oferecer o ensino com o menor custo foram aquelas ofertadas nas casas dos professores e ministradas, normalmente, por um único professor. Este é o caso do Curso Particular, dirigido por Fernando Pimentel[60], que em 6/2/1893 anunciava no Jornal Correio Mercantil que o trimestre para o ensino primário seria de 20$000 e que o trimestre para o secundário teria como custo 30$000. Além disso, destaca que a aprendizagem ocorreria com um método de ensino moderno, em um progresso rápido e garantido. No mesmo ano, o Curso Secundário dirigido por Arthur Toscano cobrava três vezes mais do que era solicitado pelo Curso Particular, como pode ser verificado na propaganda que segue.

[60] Para saber mais sobre essa figura ler: Neves (2007) e Neves; Tambara; Amaral (2010).



Curso secundario

Dirigido por

ARTHUR TOSCANO

Dispondo de algumas horas do dia vagas, attendendo a convites que lhe tem sido feitos e no intuito de prestar o seu modesto concurso á mocidade pelotense estudiosa, que lucta, actualmente, com a falta de professores e collegios, o abaixo-assignado resolveu abrir um curso particular, exclusivamente para o ensino secundario, o qual funccionará, provisoriamente, á rua Andrade Neves, esquina da Tres de Fevereiro, (casa de sua residencia) pela fórma e incluindo as materias seguintes :

Portuguez
Historia Universal
Historia do Brazil
Geographia geral e do Brazil
Francez
} Curso completo.

Geometria (elementos, até os volumes inclusive).

Horario das lições :

Portuguez e Geometria — Segundas e quintas feiras das 2 ½ ás 5 da tarde.

Historia do Brazil e Universal — Terças e sextas-feiras, ás mesmas horas.

Francez e Geographia — Quartas e sabbados, das 8 ás 9 ½ horas da manhã.

As lições serão dadas a todos os alumnos á mesma hora, impreterivel, e versarão, não exclusivamente sobre **pontos para exame** mas sobre o conhecimento completo da materia, o que é muito diverso.

O curso começará a funccionar, depois de 7 de Janeiro — logo que se tenham inscripto — 8 alumnos para todas as materias, não sendo admittidos mais de 20.

Mensalmente, o pae ou encarregado do alumno receberá uma nota do seu adiantamento e numero de faltas.

Preços d'admissão

Curso completo.	20$000
Idem de tres materias.	16$000
Idem de duas.	12$000
Idem de uma.	7$000

Pagamento feito — sem excepção — no dia da primeira lição de cada mez.

Observação.— Será conveniente que os Srs. candidatos á inscripção deixem desde já os seus nomes e as materias que desejam aprender, no escriptorio d'esta folha ou na casa de residencia do abaixo-assignado, afim de poder elle providenciar com tempo sobre a installação do curso.

Pelotas, 12 de Dezembro de 1892.

Arthur Toscano.

N 2318 (7 Jan)

Figura 65 – Anúncio Curso Secundário.
Fonte: JORNAL CORREIO MERCANTIL, 05/01/1893.

Os discursos dos anúncios sobre o ensino primário e o ensino secundário, portanto, eram diferentes uma vez que esses níveis de ensino propunham-se a objetivos distintos. Enquanto o primeiro focava, além das primeiras letras, a preparação para a vida social, o segundo tinha em vista, principalmente, o acesso ao ensino superior. Além disso, ressalta-se que tanto

para o secundário, como para o primário, a publicação dos resultados dos alunos[61], divulgados nas propagandas, era uma garantia da sua qualidade – já que com essas conquistas os alunos e os estabelecimentos de ensino seriam testados.

Existia, então, na sociedade oitocentista, uma importância atribuída à iniciativa particular – que estava inscrita no movimento de afirmação e de expansão do processo de escolarização. Com a reforma Couto Ferraz o equipamento privado de ensino, cuja expansão foi significativa em Pelotas e no restante do país, teve suas práticas, profissionais, métodos e modelos de ensino, enquadrados nos termos e normas desta regulamentação. Contudo, nas primeiras décadas do século XX, apresenta uma desaceleração (ver quadro 3, p.199) convivendo ao lado do sistema público de ensino que se desenvolvia fortemente no nível primário.

> No início da década de 30, a rede particular de ensino deu mostras de que, em relação ao ensino primário, não possuía condições de acompanhar a expansão da rede municipal e estadual de ensino. Ao contrário, começou um processo de desaceleração da participação da rede particular neste nível de ensino. [...] Entretanto, em termos de ensino secundário, pode-se perceber a sólida posição do ensino privado no Estado (TAMBARA, 1995, p.286).

Assim, o século XIX, com suas especificidades, tem sido considerado um período importante no qual a escola adquire um novo sentido político como instituição social ao se tornar objeto de uma regulamentação mais intensa e contínua a partir da força regimental do Estado.

Ao buscar identificar elementos que diferenciavam, ou não, as instituições de ensino, foi possível concluir que no século XIX até as primeiras décadas do século XX elas mantiveram uma espinha dorsal que era comum a todas as instituições. Isso ocorreu em virtude da legislação e do que era exigido com relação aos níveis de ensino e das profissões existentes na época. O fato de uma escola registrar em seus anúncios o crescimento do número de alunos de um ano para o outro foi entendido como, além de uma necessidade de instrução

[61] Percebeu-se também, com relação às instituições privadas do primeiro ciclo, que ocorriam avaliações individuais, orais e públicas, no final de cada semestre, denominadas de "*exames finais*". Era um momento em que os alunos passavam a ser avaliados, além de seus professores e as próprias instituições de ensino. No mês de novembro, os jornais pelotenses começavam a ser recheados com anúncios que convidavam a comunidade para participar dessas solenidades. A listagem dos nomes dos alunos e das notas era utilizada pelas escolas como um atestado de qualidade como pode ser visto em Neves (2007).

sustentada pelas classes mais favorecidas, a capacidade das instituições, com seus serviços e atores, de despertar na população o interesse pelo espaço educacional e pela própria educação. Essas instituições, além de preservarem a qualidade de seus serviços, sendo comparadas com outras de igual nível na cidade, também eram submetidas ao crivo do público-consumidor com relação a outras instituições de ensino existentes no país.

Ressalta-se que no século XIX e princípio do XX existiram em Pelotas espaços institucionais com diferentes perfis, como já anteriormente exposto. Estes atendiam às exigências de grupos heterogêneos, que possuíam diferentes necessidades e expectativas com relação à educação. Por isso, as instituições com aulas avulsas, os colégios, os espaços domésticos com aulas particulares, não puderam ser comparadas quanto ao número de profissionais docentes, nem quanto ao número de disciplinas ministradas – já que possuíam diferentes estruturas e propostas de ensino.

Identificou-se então que, em Pelotas, assim como no Brasil, a população recorria às aulas particulares, ou à generosidade alheia, para suprir a ausência do Estado na educação. Conforme Cardoso (2005, p.183):

> não havia disputa entre a escola pública e a particular nesse contexto, o que não deixa de ser um paradoxo, porque a Coroa portuguesa teve um grande empenho em elaborar uma legislação bastante restritiva, minuciosa, comprometida com uma idéia de progresso e de civilização, voltada tanto para a implantação da escola pública quanto para o funcionamento da particular, sem no entanto promover condições reais de aplicabilidade da mesma.

Segundo esse estudioso, mesmo durante o Período Imperial Brasileiro, não se observa uma disputa entre o ensino público e o privado, uma vez que a escola pública não preencheu as necessidades da população. Por isso, a escola particular mantinha um espaço de atuação complementar e não concorrente.

No século XIX a iniciativa privada começa então a solidificar a oferta de ensino secundário, o que lhe dará um diferencial com relação à rede pública de ensino no século XX. Fato esse que será abordado posteriormente.

Sobre o término das atividades dessas instituições, poucas informações foram encontradas. O que se quer chamar atenção é que, ao não se encontrar avisos sobre o fechamento de instituições, parece óbvio que elas não dividiam com a comunidade os motivos de tal fechamento, porque, muito

provavelmente, alguns desses não seriam interessantes de serem divulgados abertamente[62]. Além disso, parece também que se o motivo do encerramento das atividades fosse falta de alunos ou problemas estruturais, isso dificultaria ainda mais o pagamento de um anúncio para este tipo de aviso. Diferente da abertura das escolas, que era sempre acompanhada de justificativas e da visão dessas instituições com relação à educação. Imagina-se que, dentre as motivações que levavam ao término das atividades, estivessem a falta de alunos, o custo com os aluguéis, a falta de professores reconhecidos, a associação de professores de instituições distintas na abertura de uma terceira escola, ou mesmo a morte do fundador de um colégio – como ocorreu com Marguerite Gastal. Esta, após lecionar 15 anos na cidade de Pelotas, teve seu colégio fechado em virtude de seu falecimento. Outro Colégio que chamou atenção pelos anos de sua atuação (ver quadro 2, p.146), e que deixou de funcionar em função da Segunda Guerra Mundial, foi o Colégio Alemão. Segundo Fonseca (2007, p.146),

> apesar de ser um collegio de excelente qualidade de ensino, evidenciado pela capacidade intelectual e erudita de seus professores [...] e de ter um projeto pedagógico eficiente, a instituição fechou por ocasião da Segunda Guerra Mundial.

Ainda com relação ao fechamento das escolas, verifica-se que mesmo sendo um período de conscientização social acerca da necessidade de educação, evidente pelo investimento feito pela iniciativa privada, a iniciativa, de certa forma, está associada à ineficiência do poder público em atender esta demanda (HUCH e TAMBARA, 2005). Fato esse comprovado uma vez que a partir de meados de 1910 diminui a intensidade do investimento privado devido, principalmente, à política de nacionalização do ensino e a consequente expansão da rede pública de ensino.

Outro fator preponderante defendido nesta tese, como motivador do fechamento de muitas dessas instituições criadas no século XIX, como pode ser verificado no quadro 2 (p.146), refere-se à dificuldade de manutenção da educação nesse período, que coincide com o desenvolvimento do ensino público bem como com a criação das primeiras instituições confessionais em Pelotas. Essas são geridas por ordens confessionais tais como o Colégio Gonzaga (1895)

[62] A única exceção foi o anúncio do Lyceu Municipal que divulgou o fechamento, mas não os motivos que levaram a essa ocorrência.

e o Colégio São Francisco de Assis (1889), instituições fortes que darão início a um ciclo de confessionalidade na cidade. Posteriormente, no século XX, são criados ainda o Colégio São José (1910), o Colégio Anglicano Santa Margarida (1934) e o Gymnásio Pelotense (1902), colégio laico fundado pela Maçonaria que, em 1917, passou por um processo de municipalização (AMARAL, 2005). Esses educandários serão fruto de análise no segundo e terceiro ciclo identificado.

Ainda sobre as características do primeiro ciclo da educação privada em Pelotas, não foi possível encontrar informações aprofundadas sobre as propostas pedagógicas. Não que essas não fossem apontadas nos anúncios. O que ocorreu foi que as escolas anunciavam métodos eficientes e moderna pedagogia, mas não deixavam claro o que eram estes métodos. Das poucas pistas deixadas, encontrou-se uma referência, no anúncio do Collegio Commercial, no Jornal Nacional de 10/1/1892, de que a conversação, dentro da escola, se daria somente na língua alemã, no intuito de os alunos aprenderem exercitando-a cotidianamente. Em uma propaganda do Collegio Eduardo Borges, anunciava-se que este utilizava o método João de Deus[63].

Ressalta-se, também, que durante o primeiro ciclo do ensino privado em Pelotas encontrou-se espaços institucionais com diferentes perfis e que o mercado docente esteve presente na quase totalidade dos anúncios como sendo um diferencial. Nesse momento educacional, concluiu-se, então, que em Pelotas, a imagem de uma instituição de ensino esteve quase sempre atrelada à figura de um(a) professor(a) ou de um grupo de professores(as), reconhecidos(as) pela comunidade por sua capacidade intelectual. Eles organizavam os saberes e toda a estrutura do estabelecimento de ensino para oferecê-los à comunidade. O *status* profissional era então assegurado pelo reconhecimento público, através de uma sucessiva publicação sobre o mesmo.

Diante do todo exposto, compreende-se que a educação do primeiro ciclo é caracterizada por uma ampla oferta de ensino que apresentou algumas

[63] Em 1876 foi publicada em Portugal a “Cartilha Maternal ou Arte da Leitura”, escrita pelo poeta português João de Deus. A partir do início da década de 1880, o “método João de Deus”, contido nessa cartilha, passou a ser divulgado sistemática e programaticamente principalmente nas províncias no Brasil. Diferentemente dos métodos até então habituais, o “método João de Deus” ou “método da palavração” baseava-se nos princípios da moderna linguística da época e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras (MORTATTI, disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos.pdf).

fragilidades com relação a um novo cenário que foi instaurado na cidade. O sistema educacional então vivido no século XIX e princípio do XX vai perder força e espaço para as novas instituições que em Pelotas começam a ser criadas, principalmente as advindas do crescimento do ensino público no nível primário. Já na virada do século XIX para o século XX, o ensino secundário será de importância vital para o cenário educacional privado local – uma vez que acaba se concentrando nas instituições confessionais instauradas em Pelotas – além de ser um nível de ensino que propiciará às classes mais abastadas o acesso ao ensino superior.

O ensino primário no século XIX é caracterizado então por uma bipolarização, ou seja, é ofertado pela esfera privada e pública. Com a República, o ensino público começa a ganhar força, justamente no momento em que se percebe que a iniciativa privada desacelera a quantidade de escolas criadas (ver quadro 3, p.199). É nesse cenário que o ensino secundário passará por um período de polarização, sendo ofertado quase que exclusivamente pelas instituições privadas confessionais, com exceção do Colégio Municipal Pelotense, instituição laica que neste momento atenderá parte da elite da cidade (AMARAL, 2003).

Acredita-se, então, que essa primeira fase da educação privada sofrerá um abalo, pois não terá estrutura física nem pedagógica para competir com as instituições que serão criadas em Pelotas. Estas terão prédios próprios e projetados para a educação, capacidade para um número maior de alunos, além de equiparação e educação moral e cristã. Esse novo cenário da educação privada será tratado no próximo subitem, que centrará o segundo ciclo vivenciado pelo ensino privado, momento em que o ensino confessional terá sua hegemonia na educação privada.

5.2 O Segundo Ciclo (1895-1995): a hegemonia do ensino privado confessional

Após a efervescência no cenário educacional privado em Pelotas, indicado anteriormente, foi possível constatar que aproximadamente na primeira

década do século XX muitas instituições cessam as suas atividades em Pelotas. Isso pode ser visualizado no quadro que segue. As linhas em cinza destacam as instituições que não conseguem sobreviver à virada do século XIX para o XX e do século XX para o XXI. Outras, por sua vez, são criadas nesse momento e perduram por uma média de três a quatro anos.

Figura 66 – Quadro 3 – Instituições privadas atuantes no segundo ciclo da educação privada de Pelotas

NOME DA INSTITUIÇÃO	ANO/DATA DE INAUGURAÇÃO	TIPO DE ENSINO PRIMÁRIO(P) SECUNDÁRIO (S), GINASIAL (G) FUNDAMENTAL (F), MÉDIO (M) JARDIM DE INFÂNCIA (J)	VAGAS PARA O SEXO FEMININO (F) MASCULINO (M)	ANOS EM QUE PUBLICOU PROPAGANDAS	TOTAL DE ANOS DE ATUAÇÃO RASTREADOS PELAS PROPAGANDAS	QUANT. DE PROPAGANDAS PUBLICADAS
Collegio S. Francisco de Paula – Carlos André Laquentinie	1864	P/S	M	1875-1876-1877	3	25
Collegio Acácia	1872	P/S	F	1877-1878-1879-1880-1881-1882-1883-1884-1885-1886-1887-1889-1892	15	235
Collegio de Mme. Jeanneret Collegio de Meninas Collegio Jeanneret Instituto Jeanneret	1872	P/S	F	1875-1876-1877-1878-1879-1880-1881-1882-1883-1884-1885-1886-1887-1889-1892-1894-1900	25	171
Collegio Santa Cecília	1872	P/S	F	1878-1879-1880-1881-1882-1885-1887-1890-1891-1895-1899-1900-	28	210

				1901-1902-1903-1905-1906		
Aula de Francez Mme. Audisson		P	F	1875-1876	1	15
Collegio Arnizaut Furtado & Guidony		P	M	1875		3
Collegio Mme Audissou		P	F	1875-1876	1	15
Collegio Reis		P/S	M	1875-1876	1	25
Collegio Santa Rosa		P/S	F	1875-1876-1877-1878-1879-1880-1881-1882	7	46
Collegio Francez – Charles Bachelery	01/1876	S	M	1876		21
Collegio Franco Rio-Grandense	1º/2/1876	P/S	M	1875-1876-1877	2	42
Aula Particular Curso Primário Collegio Fróes – Alberto Fróes	1/1/1875	P	M	1875-1878-1886-1887-1988-1889-1893-1896	21	29
Collegio S. José Francisco Rodrigo de Souza		S	M	1876-1877-1878-1892	16	32
Atheneu São João		P/S	M	1876-1877	1	40
Collegio Arnizaut Furtado (antigo Collégio Reis)		P	F/M	1876-1877-1878-1879-1881-1885-1888-1900	24	85
Collegio Francez – Aristides Guidony		S	F/M	1876-1878-1880	4	77
Curso Noturno – Bibliotheca Pública Pelotense	1/2/1877	P	M	1877-1878-1881-1891-1893-1904-1907-1910	33	37
Escola Nocturna Pelotense	01/1877	P/S	M	1877		4
Collegio Redempção		P/S	M	1877-1878-1879-1884-1887-1900	23	47
Collegio Franco Brazileiro – Mme Lameignare		P	F	1878-1879	1	21
Collegio Curso Racional	7/1/1878			1878-1880-1881-1882-1883-1884-1887-1889	11	379

Collegio de Instrucção Elementar Dir. D. Amália P. Furtado	1878	P	F	1878		1
Collegio Pelotense		P	M	1877-1878-1879-1880	3	49
Curso Nocturno de Preparatórios Curso de Preparatórios em Pelotas		S	M	1878-1883-1892	14	21
Curso Normal de Instrucção		P/S	F	1878-1879-1884-1900	22	14
Lyceu Municipal/Rio-Grandense (antigo Collegio Franco Rio-Grandense) – Carlos Bachelery	1/1/1878	P/S	M	1878-1877-1879-1885	7	117
Collegio Commercial – Eduardo Wilhelmy	1879	P/S	M	1879-1885-1886-1889-1892-1893-1895-1896-1903-1904	25	76
Aula Nocturna	01/1879	P/S	M	1879		5
Collegio de Instrucção Elementar – Fernando Pimentel e Washington Barcellos	1879	P/S	M	1879-1880-1882-1888-1890-1896-1900	21	26
Collegio Francez Mary Milne		P	F	1880		10
Collegio Sul-Americano	3/2/1881	P/S	M	1881-1882-1883-1884-1885-1886-1887-1888	7	78
Collegio Ozório/Collegio Commercial		P/S	M	1881-1882-1883-1884-1885	4	28
Collegio Amarante E. Bibiano		P/S	M	1881		1
Collegio Silveira		P/S	M	1881-1882	1	60
Collegio Victoria		P	F	1881-1883-1884-1885-1886-1889-1890-1894	13	87
Curso Secundário – Arthur Toscano	01/1882	S	M	1892-1893	1	8
Collegio Minerva		P/S	F	1882-1883-1887-1890-1891-1902	20	169
Collegio S. Francisco de Paula Washington da Câmara Barcellos		P/S	M	1882-1884	2	51

Collegio Perseverança	1883	P/S	F	1883-1884-1885-1886-1887-1888-1889-1890-1891-1892-1893-1894-1896-1900-1902-1905	22	97
Curso Particular (Fernando A. Pimentel)	1/2/1883	P/S	M	1883-1885-1886-1888-1889-1890-1891	8	78
Atheneu Pelotense	07/1884	P/S	F/M	1884-1886-1889-1890-1892-1893-1894-1895-1896-1897-1898-1899-1900-1901	17	270
Externato Particular – Emilia de Mendonça		P/S	F	1884-1886	2	31
Collegio N. S. da Conceição	07/1885	P/S	F	1888-1890-1898-1905-1909	21	26
Curso Primário Mixto – Andradina de Oliveira		P	F/M	1885-1886	1	8
Collegio Evolução	01/1886	P/S	M	1885-1886-1887-1888-1889-1890-1891-1893-1895	10	229
Collegio Pedro II Dir. Anna Barcello de Moura		P/S	F	1886-1887-1888	2	90
Collegio São João		P/S	F	1886-1887	1	14
Collegio Honra e Trabalho	01/1887	P/S	F	1887-1888-1889-1891	4	90
Curso de Estudos Preparatórios – Bernardo Taveira Junior e Alfredo Ferreira Rodrigues	01/1887	S	M	1887		9
Collegio Esperança	02/1887	P/S	F/M	1875-1878-1887-1889	14	89
Collegio Mme. Messeder		P/S	F	1887-1888	1	11
Curso Completo de Musica	07/1888	P/S	M	1888-1889	1	24
Collegio Sant´Anna		P	F	1889-1892	3	31
Escóla Allemã/Deutsche Schule	1889	P	F/M	1889-1899-1902-1904-1905-1906	17	28

Collegio São Francisco de Assis Escola São Francisco de Assis	6/2/1889	P/J/F	F M (a partir de 1903)	1889-1891-1895-1896-1897-1898-1902-1909-1910-1912-1913-1916-1915-1917-1918-1919-1922-1926-1929-1931-1932-1937-1938-1956-1964-1966-1968-1972-1973-2004-2008-2010	122	240
Externato Nacional – Antonina Rochefort e Josephina Laquintinie Queiroz	1º/2/1890	P/S	F	1889-1890	1	48
Lyceu Rio-Grandense de Agronomia e Veterinária Escola de Agronomia e Veterinária – Eduardo Wilhelmy	1890	S	M	1889-1890-1892-1891-1893-1898-1900-1901-1905-1907	18	39
Collegio Particular	1/1/1894	P	F	1893-1894	1	9
Gymnasio – José Henrique Lara Ulrich		P/S	M	1894-1895-1896-1897-1901	7	135
Gymnasio Gonzaga Collegio Gonzaga Colégio La Salle Gonzaga	4/2/1895	P/S/F/M	M F (a partir de 1971)	1895-1896-1897-1898-1899-1900-1901-1902-1903-1905-1906-1907-1908-1909-1910-1911-1912-1913-1915-1916-1917-1918-1919-1920-1921-1922-1923-1924-1925-1926-1927-1928-1929-1930-1931-1932-1934-1935-1936-1937-1938-1939-1940-1941-1942-1943-1944-1945-1946-1947-1948-1949-	117	864

				1950-1951-1952-1953-1954-1955-1956-1957-1958-1959-1960-1961-1962-1963-1964-1965-1971-1972-1977-1983-1986-1997-2001-2002-2003-2004-2005-2006-2007-2008-2009-2010-2011		
Externato Francez Internato e Externato Francez – Mme. Marguerite Gastal	1895	P/S	F	1895-1897-1898-1901-1902-1904-1905-1906-1909	14	34
Escola Moderna		P/S	M	1896-1897-1898-1899-1900-1901-1902-1906-1910	14	50
Aula da Luz	1897	P	F/M	1897-1898-1899-1900	3	5
Collégio Alemão Collegio Internacional Supra (até 1938 depois muda o nome para Colégio Carlos Ritter)	17/121898	P	F/M	1898-1899-1902-1909-1910-1911-1912-1913-1920-1925-1926-1927-1931-1936-1937-1938-1939-1040-1941-1942	44	209
Collegio Mario de Artagão	1898	P	M	1898-1899-1900-1901	3	51
Instituto Latino	1899	P/S	M	1900-1901-1902-1903-1904	4	45
Collegio S. Francisco de Paula (2) – D. Maria Batista Pereira		P/S	F	1900-1902-1903-1905	5	36
Collegio Eduardo Borges	2/4/1901	P	M	1901-1902-1903	2	140

Collegio União	16/6/1901	P	F	1901		28
Gymnasio Pelotense Colégio Pelotense	24/10/1902	P/S	M F (a partir de 1915)	1902-1903-1904-1905-1906-1907-1908-1909-1910-1911-1912-1913-1915-1916-1917(municipalização)-1918-1919-1920-1922-1923-1924-1925-1926-1929-1931-1932-1939-1950-1951-1952-1957-1961-1973	109	383
Collegio Commercial/Curso Prático – José Marchiaro		P/S	M	1903-1904-1905-1906	3	42
Collegio Dupont	1904	P/S	M	1904-1906-1905-1908-1910	6	18
Gymnasio Brasileiro	31/3/1905	P		1905-1908-1920-1921-1925	20	14
Sociedade União e Instrucção Espírita Collegio União Espírita	2/1/1908	P		1908-1909	1	30
Escola Progresso		P	F	1908-1909	1	31
Collegio Franco Brazileiro – João B. Giudiculli	1/2/1909	P/S	M	1909		21
Curso Particular Complexo/Instituto Brazileiro	1908	P/S	M	1908-1909-1910	2	30
Externato Pelotense Idalina Calero de Carvalho	1/9/1909	S/P	F	1909-1910-1912-1920	11	17
Luso-Brasileiro	4/3/1910	P/S	F	1910		3
Collegio São José – Irmãs da Congregação de S. J. Ginásio São José Colégio São José	19/3/1910	P/S	F M (a partir de 1872)	1910-1912-1913-1916-1917-1918-1919-1920-1921-1926-1923-1924-1925-1926-1928-1929-1930-1931-1932-1937-	101	332

				1942-1950-1953-1971-1972-(educação mista) 1973-2000-2002-2003-2004-2008-2009-2010-2011		
Colégio São Francisco de Assis	3/3/1905	P	F	1905-1907	7	10
Colegio Portuguez		P		1917-1918-1919	2	77
Externato Santa Ignez		P	F	1918-1919-1920-1921-1922-1924	6	30
Collegio Brasileiro		P/S		1918		9
Collegio do Padre Miranda		P	M	1918		1
Escola Brasileira		P		1920-1930-1940	20	14
Escola Nocturna de Commercio		S	M	1921		5
Colegio Baptista Pelotense		P/S	F/M	1923-1926-1928-1929-1926-1927-1928-1930-1931-1932-1933	10	87
Atheneu Mercantil		P	M	1931		3
Colégio Santa Margarida	1/3/1934	G/P/S/J	F/M	1934-1935-1936-1937-1938-1943-1942-1945-1950-1951-1953-1954-1957-1959-1963-1964-1965-1968-1969-1970-1971-1989-1992-2000-2002-2003-2004	71	227
Ginásio Sul-RioGrandense		G	M	1937-1938	1	18
Escola Estevão Farias		P		1939-1940	1	9
Escola de Livre Comércio Dr. Jorge Salis Goulart Cooperativa de Ensino Instituto Ginasio Salis Goulart	25/9/1947	P/S/J/F	F/M	1947-1948-1955-1957-1956-1958-1964-1965-1966-1969-1971-1993-2004-2011	64	49

Ginásio/Colégio Diocesano	1957	G	M	1957-1961-1972	15	10
Escola Particular Recanto Infantil	1955	J/F	F/M	1955-1956-1958-1959-1973-1992	19	9
Colégio Sinodal Alfredo Simon	1963	J/P/S	F/M	1964-1965-1967-1981-2006-2008-2011	46	12
Escola Elementar Castelinho do Saber e Escola de Ensino Médio Érico Veríssimo	03/1970	J/P/M	F/M	1970-1971-1979-1982-1983-1995 (passou a ter ensino médio) 2008-2009-2010-2011	41	18
Centro Educacional Corujinha/ Escola Santa Mônica	1985/1993	P	F/M	1985-1987-1993-1994-2007-2008-2009-2010-2011	26	22
Escola União Infantil		J	F/M	1992-1995-2004-2005	13	11
Escola Mario Quintana	1995	M/F/J	F/M	1994-1995-1996-1997-1996-1997-1998-1999-2000-2001-2002-2003-2004-2005-2006-2007-2008-2009-2010-2011	16	233
Colégio Albert Einstein		M	F/M	1995-1998-2000-2001-2004-2008	13	16

Como é possível verificar, muitas instituições que tiveram uma forte atuação em Pelotas no século XIX encerram suas atividades em torno do ano de 1910. O ensino privado continuou a existir, mas percebeu-se também por meio dos relatórios, das notícias dos jornais e de pesquisas já realizadas sobre a educação em Pelotas, como anteriormente exposto, que a partir da primeira década do século XX aumenta a expansão das escolas públicas municipais e estaduais. Foi possível constatar, como também já mencionado, que em torno do ano de 1905, a quantidade de instituições privadas criadas em Pelotas diminuiu. Notou-se também uma gradual e consequente diminuição na divulgação de anúncios por parte das instituições existentes – isso deve ter ocorrido porque muitas delas poderiam ter encerrado as suas atividades em função do

investimento do setor público na educação. A relevância dessa argumentação também foi abordada nos estudos de Huch e Tambara (2005, p.68), quando mostram que o investimento feito pela iniciativa privada no setor educacional estava associado à ineficiência do poder público em atender essa demanda. Esta assertiva seria comprovada pelo fato de que, a partir de meados da década de 1910, começa a diminuir a intensidade do investimento privado devido, principalmente, à política de nacionalização do ensino e a consequente expansão da rede pública de ensino. O desgaste dessas instituições começa com o período Republicano, em que existia o pensamento da utilização do aparelho escolar como um instrumento de difusão ideológica, ocorrendo assim, um grande investimento do poder público no ensino primário, dando início ao processo de municipalização desse ensino em Pelotas. É também nesse contexto que são instauradas as primeiras escolas geridas por instituições confessionais. Este é outro fator defendido neste estudo como elemento motivador do fechamento de muitas das instituições atuantes no primeiro ciclo do ensino privado de Pelotas, ou seja, há dificuldade de competição enfrentada pelas escolas geridas por professores leigos com relação às primeiras instituições confessionais que são criadas em Pelotas. Estas, por sua vez, são geridas por ordens confessionais, das quais se destaca o Colégio Gonzaga, instituição que dará início a um ciclo de confessionalidade em Pelotas no ano de 1895 (ver quadro 2, p.146).

Antes de abordar as instituições que constituirão a hegemonia confessional em Pelotas no segundo ciclo identificado, é necessário indicar, contudo, algumas situações que irão formar o cenário pelotense nesse período.

Na primeira década do século XX, um fator de desenvolvimento para Pelotas, e para a região, foi a criação, em 1906, do Banco Pelotense – fruto ainda da grande opulência financiada pela indústria saladeril, pela pecuária e pelas atividades urbanas, principalmente as do comércio. Por outro lado, é importante salientar que com a abolição da escravatura, em 1888, ocorreu o declínio da produção do charque, pois trouxe como consequência a diminuição da procura do produto por parte dos donos dos escravos – que compravam o charque para os maiores consumidores do alimento: os escravos. Além disso, o surgimento dos frigoríficos, em 1910, possibilitou também uma nova e revolucionária técnica de

conservação da carne, o que fez com que a técnica utilizada pelas charqueadas fosse ultrapassada.

Com o declínio como pólo escravista charqueador, a cidade passa a desenvolver diversificadas atividades urbanas voltadas para a produção de serviços e bens de consumo. A abolição da escravatura e o progresso técnico do charqueio liberaram a força de trabalho que vivia nas estâncias e charqueadas, que acabam sendo atraídas para o centro urbano pelas fábricas que ali se estabeleceram, como o Engenho de Arroz do Coronel Pedro Osório, a Fábrica Rheingantz (de chapéus), as cervejarias Haertel e Ritter (décadas de 1880 e 1890, respectivamente) e a fábrica Fiação e Tecidos Pelotense (construída entre 1908 e 1910) (OSÓRIO, 1998). Estas eram as principais indústrias da cidade, além das charqueadas que resistiam, os frigoríficos que começavam a ser implantados e outro grande número de empresas menores que formavam parte da estrutura de um dos mais importantes centros industriais do estado (SOARES, 2005).

> Na década de 1910, Pelotas já promovia discussões e projetos para solucionar o problema de uma economia em decadência e com um mercado restrito. Inserida no contexto de um estado de economia agropecuária e que iniciava seus primeiros ensaios rumo a outras atividades, como a criação de frigoríficos, Pelotas foi a cidade escolhida pelos pecuaristas para abrigar, em 1917, o projeto de um frigorífico nacional, financiado por capital exclusivamente gaúcho, patrocinado pelo Banco Pelotense. Em 1917, teve início, para a economia da cidade, uma nova era, com a possibilidade de industrialização da carne. Entretanto, a construção do novo frigorífico levou mais tempo do que o previsto por seus organizadores, tendo-se perdido, então, o grande *boom* da I Guerra Mundial. Além disso, o frigorífico nacional não conseguiu sobreviver à concorrência com os frigoríficos estrangeiros que se instalavam no Rio Grande do Sul (SILVA, 1999, p.145).

Ueda (1999) também argumenta que a indústria local passou a se diversificar com o declínio do charque, fazendo com que Pelotas e Rio Grande formassem no início do século XX o principal pólo industrial do Rio Grande do Sul, visando, principalmente, o mercado nacional. Assim, a fundação, em 1919, da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR), foi um exemplo de diversificação dos investimentos na tentativa de manter o desenvolvimento econômico da cidade. Os objetivos da CTMR eram melhorar os serviços telefônicos locais e também resistir a investimentos cujo capital não fosse da

cidade. A CTMR destacou-se durante vários anos pela excelência dos serviços prestados à população local.

Assim, o esforço de Pelotas em manter seu poder econômico à custa de empresas locais sofreu um grande impacto em 1931 com a liquidação do Banco Pelotense. A instituição encontrava-se em crise desde 1926 devido à retirada de fundos pelos seus depositantes. Outros motivos que ocasionaram a liquidação, segundo Pesavento (1980), foram, não só o investimento pesado do Banco em negócios imobiliários que não garantiam liquidez instantânea, como a rápida expansão, com a fundação de agências em várias cidades no Rio Grande do Sul e fora dele. Outro aspecto a ser considerado é a crise econômica de 1929 que tornou os investidores apreensivos causando grandes retiradas monetárias que prejudicaram o capital do Banco. Afirma ainda que a liquidação do Banco Pelotense trouxe estagnação econômica para várias cidades que centravam sua economia nessa instituição financeira, entre as quais, Pelotas, grandemente prejudicada.

Acredita-se, então, que neste momento, a educação – que era basicamente voltada para as classes privilegiadas da sociedade – começa a tornar-se fundamental para o alargamento das atividades econômicas gerando uma necessidade de especialização da mão-de-obra existente. Tal fato acabou gerando, gradativamente, a criação de instituições de ensino voltadas para um público que as exercesse.

Ao analisar os motivos que levaram à estagnação do processo de desenvolvimento de Pelotas, alguns fatores, como já apontados, destacam-se. Num esforço de síntese é possível identificar a falta de investimento no porto de Pelotas, que levou muitos produtos a serem transportados pelos portos de Rio Grande, Porto Alegre e Montevidéu, mais significativos em razão da competitividade; a diminuição da exportação do charque, devido à abolição da escravatura; a crise das charqueadas, diante do surgimento dos frigoríficos no início do século XX; e a quebra do Banco Pelotense (LONER, 2001).

Já a década de 1930, por sua vez, representou um período importante para o Brasil que se deparou com consideráveis mudanças. Essa transição refletiu diretamente nos pólos regionais, os quais precisaram passar de uma

economia baseada na agricultura-exportadora a outra, que conduzia à industrialização, com investimentos direcionados para o mercado interno.

Para Cunha (2008, p.70) o limiar dos anos 30 trouxe uma nova configuração para Pelotas, um novo momento,

> em que ia se configurando a sociedade brasileira, baseado no modelo internacional de desenvolvimento, novas exigências eram impostas, tais como: mudanças na economia, nos hábitos, na cultura, nas relações sociais e no espaço urbano. A educação foi entendida como um meio de modificar a mentalidade dos brasileiros. Sendo assim, o ensino tornou-se uma prioridade, não poderia mais ser privilégio dos afortunados, com condições de pagar seus estudos em instituições particulares, mas, um ensino público e gratuito deveria ser estendido àqueles que não tinham acesso historicamente à educação. Cabia à escola, além de transmitir conhecimentos, ensinando o mundo das letras, apresentar a realidade brasileira, sua condição histórica e geográfica, assim como incutir nos trabalhadores noções disciplinares, morais e higiênicas.

No início do século XX, Pelotas chegou a ser comparada à cidade cujo desenvolvimento econômico chegava próximo ao que ocorria em capitais e representou, juntamente com a cidade de Rio Grande, os dois pólos mais importantes da região Sul (LONER, 2001). Para ela,

> [...] a base econômica pelotense reservou uma estrutura mista de industrialização, pois conciliava algumas indústrias de produtos derivados da pecuária de grande porte e destinados à exportação com inúmeros pequenos estabelecimentos de caráter artesanal, que produziam uma grande variedade de bens de consumo para o mercado regional (LONER, 2001, p.44-45).

Segundo Amaral (2003), nos anos 1930 existiam muitas escolas privadas em Pelotas que ofereciam o ensino primário e secundário. No entanto, com o passar do tempo, muitas delas, principalmente as que não tinham um número elevado de matrículas, deixaram de existir. Esse fato pode ter ocorrido também, “provavelmente em função das mudanças na legislação educacional e devido à forte crise econômica que se abateu sobre Pelotas” (AMARAL, 2003, p.76). Além disso, muitas das instituições privadas da virada do século XIX para o XX tinham uma estrutura pequena formadas por poucos professores, sem a opção de internato ou mesmo sem prédio próprio.

Em suas investigações, Tambara (1996) indica uma mudança de perfil das instituições, mostrando a existência de uma intensa participação do ensino confessional em Pelotas que terá início nas primeiras décadas do século XX. Para ele (TAMBARA, 1996, p.93):

> paulatinamente a Igreja foi instalando seu sistema educacional tendo como ponta de lança a atuação da Companhia de Jesus, com a fundação do Ginásio Gonzaga, e como principal estratégia o domínio do ensino secundário. Este processo foi lento e bastante competitivo. [...] A estrutura educacional da diocese, particularmente do ensino secundário, tradicionalmente em mãos da iniciativa privada, passou ao controle de mantenedoras de cunho confessional.

Tambara (1995, p. 439) afirma, ainda, que existiram no Rio Grande do Sul, até o final do século XIX, dois sistemas de ensino, os quais, embora semelhantes, apresentavam significativas diferenças na organização do ensino ao qual estavam baseados, ou seja: o ensino oficial e o ensino particular. Após esse período, o sistema caracterizou-se pelo processo de institucionalização do ensino particular, que se consolidou na virada do século, como já abordado, e passou a ser dominado quase que exclusivamente por congregações religiosas.

> É importante notar que há uma mudança na participação das redes privadas e públicas de ensino. O grande impulso das matrículas do período de 1907-14 foi efetuado pelo setor privado que passou de 801 alunos matriculados em 1907 para 2.786 em 1914 num incremento de cerca de 240%. Este crescimento mostra-se acelerado até o início da década de 20 quando o percentual de crescimento da rede privada deixa de crescer. De outro lado a rede pública vai assumindo a liderança, ocupando cada vez mais espaço em detrimento da rede particular que tinha dificuldades financeiras crescentes e pouca competitividade com as escolas públicas gratuitas (HUCH e TAMBARA, 2005, p.6).

Os pesquisadores indicam ainda que foi no período de 1889 a 1920 que houve uma grande expansão da rede de pública de ensino. Momento em que aconteceram muitas transformações no campo educacional, como a instrução popular, o incentivo ao estudo das mulheres, o ensino leigo. Já a partir da década de 1920, ocorre um processo de desaceleração econômica e cultural que se reflete na migração do centro das decisões políticas para a região Norte do estado e que pode ser estigmatizada em função da quebra do Banco Pelotense.

Conforme Cunha (2008), para compreender as singularidades e transformações que envolveram a cidade de Pelotas na virada do século XIX para o século XX, especialmente no que se refere à expansão pública de ensino e ao nascimento de instituições confessionais, é fundamental perceber que existia na cidade um caráter assistencialista tendo como princípio as iniciativas de prosperidade. Assim, segundo Cunha (2008, p.71), era comum:

> ver atrelado a distintas famílias o engajamento em diversas áreas sociais. Por exemplo, participação em construções de escolas, abrigos, inserção na política municipal e estadual, envolvimento cultural na

> direção de jornais, movimentos intelectuais ou direção dos clubes de futebol. Também a geração dos filhos dos grandes latifundiários, devido à oportunidade de acesso à cultura e ao conhecimento, perpetuaram a causa de colaborar com as ações sociais para elevar ainda mais o nome das tradicionais famílias. Partindo do uso do capital econômico, somado ao capital cultural, reservou-se o reconhecimento dos demais habitantes a um pequeno grupo de indivíduos, detentores daquilo que Bourdieu (1999) denominou como "capital social".

De acordo com Amaral (2006), no Rio Grande do Sul são criados, a partir da década de 1890, vários estabelecimentos de ensino católicos, dentre os quais, em 1894, a então Escola São Luiz Gonzaga, que foi a primeira instituição católica de ensino primário e secundário da cidade de Pelotas, obra do pioneirismo dos padres jesuítas Anselmo de Souza e Gustavo Locher[64].

> Os jesuítas chegaram à cidade em 1888. Nos primeiros anos, desenvolveram intensa atividade pastoral não só em Pelotas, mas, também, nos municípios vizinhos, encontrando condições adversas e pouca receptividade. Foi difícil a aceitação da atuação da Companhia de Jesus, não só nessa cidade, mas em toda zona da campanha gaúcha, devido à forte presença da Maçonaria e ao espírito anti-clerical reinante. Situação bem diferente da encontrada nas regiões de colonização alemã e italiana do estado, onde havia uma maior predisposição à aceitação das concepções *ultramontanas* (AMARAL, 2006, p.2).

Para a pesquisadora, após alguns anos de árduas atividades, os jesuítas passaram a se utilizar de um meio eficaz na complementação de sua ação pastoral: a educação escolar. Segundo ela, nas primeiras décadas, de acordo com os relatórios anuais, o número de alunos matriculados no Colégio Gonzaga aumentou bastante. Eram, em 1895:

> 62 alunos; 1900, 296 alunos; 1910, 349 alunos; 1920, 395 alunos; 1925, 508 alunos; 1940, 1228 alunos. O corpo docente que inicialmente era composto por três padres, foi sendo acrescentado a cada ano que passava por outros professores, todos religiosos. Somente a partir dos anos de 1920 é que se constata a presença de professores leigos[65] (AMARAL, 2006, p.3).

Em setembro de 1902, o Gonzaga recebeu a equiparação prévia ao Ginásio Pedro II. Como anteriormente mencionado, esse era o símbolo maior da qualidade de um estabelecimento de ensino. A partir daí o colégio passou, então, a se denominar Gymnasio São Luiz Gonzaga. A equiparação efetiva ocorreu em

[64] Para saber mais sobre essa figura, ler Tambara (1995).

[65] Segundo Amaral (2010, p.2), "Em 1922 o Gonzaga possuía um curso de principiantes, que aceitava crianças a partir dos 7 anos, três cursos de ensino primário, cinco anos de ensino secundário ginasial e dois de ensino comercial (correspondentes ao 2º e 3º anos do ginasial). O corpo docente era composto de 13 lentes (Padres da Companhia de Jesus), 5 professores (Irmãos Maristas) e 4 professores leigos".

1904 (AMARAL, 2003). Nesse momento, todas as propagandas do Gonzaga apresentavam em destaque a informação *"Instituição Equiparada"*, chamando a atenção para esse diferencial da escola. Outro elemento importante de distinção dessa instituição refere-se à criação de seu prédio escolar. Em 1905 o prédio em que funcionava o colégio foi demolido dando lugar a uma estrutura nova contendo dois andares[66]. Com o passar dos anos, foram sendo adquiridos várias casas e terrenos que possibilitaram a ampliação dos prédios e demais áreas que constituíam um conjunto arquitetônico de configuração jesuítica. Ou seja, um espaço escolar retangular, com suas alas voltadas para os pátios internos de recreação, que eram divididos conforme seu público: alunos menores, alunos maiores e pensionistas (AMARAL, 2003). Essa disposição espacial, segundo Amaral (2003, p.131), "tem forte conotação, refletindo na sua materialidade um sistema de valores reguladores como ordem, disciplina, controle e vigilância, inerentes à liturgia acadêmica que aí reinava".

Neste mesmo ano formam-se os primeiros cinco bacharéis em Ciências e Letras do Gonzaga. Como discutido anteriormente, o ensino secundário na Primeira República era destinado à elite brasileira, pois para a maioria dos intelectuais e políticos da época, a disseminação do ensino primário era suficiente para estabelecer a "democracia" republicana (*ibidem*) [Grifos autora].

Nos estudos de Dallabrida (2001), identifica-se a reafirmação de que em verdade existia nesse momento um espaço quase instransponível entre os níveis de ensino primário e secundário, uma vez que o secundário tinha um caráter propedêutico, estando intimamente articulado com o ensino superior. Para Arriada (2007), o ensino secundário era, portanto, o "todo poderoso império do meio" que formava as elites e preparava os futuros bacharéis.

> Os poucos alunos que conseguiam concluir o curso secundário tinham grandes chances de ingressar nos cursos superiores, pelo fato de o exame vestibular, implantado na década de dez, não representar barreira significativa, devido à inexistência de limitação de matrícula [...] sendo sistematicamente aprovado quem se matriculasse (DALLABRIDA, 2001, p.221).

[66] Em 1940 o prédio foi ampliado mais uma vez atingindo quatro andares (AMARAL, 2003).

Em suas investigações Amaral (2010, p.154) salienta ainda que os padres jesuítas do Gonzaga, desde 1910, passaram a ser auxiliados pelos irmãos maristas. “Estes, por sua vez, se responsabilizaram pelo curso primário da escola até o ano de 1926”. A Companhia de Jesus dirigiu o Gonzaga até o ano de 1926, quando os Irmãos Lassalistas assumiram a sua direção – tarefa à qual se dedicam até o ano de 2003, como será posteriormente explicitado por esta investigação.

Importante chamar a atenção ainda de que quando a direção do Gonzaga passou para os Lassalistas, o Curso Primário continuou a existir, mas o Ginasial foi suprimido. Em seu lugar foi adotado a Escola Superior de Comércio, anexa ao Ginásio Gonzaga. Um dos motivos, segundo Amaral (2010, p.154), ligava-se à legislação da época que concedia a equiparação ao Ginásio Pedro II somente a estabelecimentos públicos de ensino, o que desoficializava os cursos preparatórios para ingresso no ensino superior existentes nos estabelecimentos educacionais particulares.

> Em função da Lei Maximiliano, de 1915, a equiparação ao Colégio D. Pedro II passou a ser concedida somente a estabelecimentos públicos estaduais de ensino secundário. É importante dizer que esse foi um período em que as elites acorreram às escolas públicas uma vez que essas, através do sistema de equiparação, representavam o caminho mais rápido e seguro para ingressarem no ensino superior. No caso de Pelotas, a equiparação foi recuperada na segunda metade dos anos 20 pelo Ginásio Municipal Pelotense, o que fez com que boa parcela de jovens lá realizassem seus estudos de nível secundário. Era bastante comum que, na década de 1930, os alunos de classe social mais abastada realizassem o curso primário no Gonzaga e o secundário no Pelotense (que desde 1925 ministrava somente o ensino secundário). E aos alunos internos do Gonzaga, em sua maioria filhos de famílias de fazendeiros da região sul, restou habilitarem-se como “Peritos Contadores”, que correspondia ao segundo ciclo do secundário (AMARAL, 2010, p. 158).

Assim, o Gonzaga passou a oferecer um curso secundário que, embora não atendesse às expectativas das elites – sua principal clientela até então –, estava voltado para as necessidades de mercado de trabalho ligado às atividades que mais cresciam na cidade, ou seja, as atividades comerciais, bancárias e de administração pública.

> O Curso Comercial do Gonzaga, diferentemente do ensino clássico propedêutico - que servia aos interesses dos que objetivavam o ensino superior - era mais prático, com conteúdos programáticos voltados para o desempenho de atividades comerciais, bancárias e da administração

> pública, preparando jovens para ingressarem de imediato no mercado de trabalho (AMARAL, 2010, p.156).

O Colégio Gonzaga também tem importante papel na criação de cursos superiores de Pelotas que, anos mais tarde, deram origem às universidades. Em 1937 foi fundada, junto ao colégio, a Faculdade de Ciências Econômicas, ministrando Cursos de Comércio de ensino superior. Nesse período, a escola publicava anúncios nos jornais chamando os alunos para as matrículas. Essa Faculdade foi, em 1955, desvinculada do Gonzaga e incorporada à Mitra Diocesana, juntamente com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e outros Cursos criados pelo bispo D. Antônio Záttera, que deram origem à Universidade Católica de Pelotas, fundada em 1960 (AMARAL, 2006).

Outra especificidade da administração dos Lassalistas, conforme Amaral (2010), era a prática do auxílio à manutenção de uma escola gratuita, quando ela geria um estabelecimento educacional pago. Dessa forma, em Pelotas, os Lassalistas assumiram a direção da Escola Sagrado Coração de Jesus[67], destinada a meninos, junto a qual também funcionava o Asilo de Meninos Desvalidos.

O Gonzaga tornou-se, então, um importante instrumento na disseminação da ideologia católica junto a meninos e rapazes de vários segmentos sociais (AMARAL, 2003). Sua ação educacional e evangelizadora se dava, inicialmente, pelos jesuítas e, posteriormente, através da atuação dos Irmãos Lassalistas, como anteriormente abordado. Em contrapartida, sua ação se desenvolvia também por meio "do trabalho dos Irmãos junto à escola gratuita que mantinham para atender alunos carentes e da atividade caritativa e evangelizadora dessas associações de leigos" (AMARAL, 2010, p.165). A escola destinada ao público ligado às classes populares, no entanto, oferecia somente o ensino primário. Já o ensino secundário, era ofertado para as elites, formando, assim, "lideranças católicas que se dirigiam aos cursos superiores e que se encaminhariam como profissionais liberais ou trabalhadores em empresas

[67] Esta escola funcionou até 1944, quando estabelecimentos de ensino público, municipais e estaduais passaram a dar conta dos alunos até então atendidos por aquela escola comunitária. Segundo Amaral (2010, p.157), "a escola fechou em função de não ter havido acerto entre os Irmãos e o bispo D. Antônio Záttera quanto à sua manutenção e reformas que se faziam necessárias. Anos mais tarde, em 1964, os Irmãos criaram uma outra escola gratuita em um bairro pobre da cidade, a Escola e Assistência Social Hipólito Leite, aproveitando uma obra de assistência que fora criada no bairro Cruzeiro pela Irmã Maria Assunta Tacca".

privadas ou órgãos públicos" (*ibidem*, p.166). Buscavam, assim, vincular o catolicismo à organização social, cultural, econômica e política da comunidade pelotense.

> Os Colégios religiosos, tanto os pagos quanto os gratuitos, visavam à formação de indivíduos letrados, católicos, patrióticos, ordeiros, dóceis e úteis, enquadrados à sua classe social. Tendo por base depoimentos de ex-alunos sobre aspectos curriculares e organizacionais, o Gonzaga poderia ser definido como "uma escola organizada onde tudo funcionava muito bem", com uma disciplina exemplar, imposta pela vigilância e autoridade dos Irmãos. Uma escola que propiciava um "meio seguro de aprendizagem e formação" num prédio com dependências amplas e modernas. Uma escola cristã destinada àqueles que podiam pagar e que se sujeitavam às suas regras bem definidas, em relação ao processo de ensino no qual se incorporava a formação religiosa e comportamental oferecida aos alunos (AMARAL, 2010, p.167).

A participação estudantil do Colégio Gonzaga também foi uma marca dessa instituição nesse período. Em sua tese, Amaral (2003) apresenta uma diversificada atuação estudantil no Gonzaga, incluindo a organização do Grêmio Estudantil, fundado em 1928, que recebia a interferência da direção da escola. Outro importante resultado da ação dos estudantes foi a criação do jornal estudantil "Ecos Gonzagueano" investigado por Amaral (2003). O esporte também foi uma atividade desempenhada pelos alunos, "pois existia um forte incentivo à prática de esportes, especialmente o futebol, provavelmente seguindo o milenar escopo *'mens sana in corpore sano'*" (AMARAL, 2003, p. 167). A pesquisadora também credita o desenvolvimento dos esportes a uma compensação da pesada jornada escolar. Além do que, os alunos estavam submetidos a um sistema de meritocracia, "competir e ganhar deveria ser realmente importante para eles" (*ibidem*, p.170).

Ao analisar o conjunto de propagandas dessa escola é possível identificar muitas das características singulares dessa instituição. Além disso, como anteriormente anunciado, essa é uma das instituições que mais publicou propagandas nos jornais (ver quadro 4, p.364). Nas décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970, quando a quantidade de propagandas nos jornais diminui, essa é uma instituição que continuará chamando os alunos para o início de cada período letivo, como pode ser identificado no próximo anúncio:



COLÉGIO GONZAGA

AVISOS ÚTEIS

1.º) Matrículas no Curso Ginasial, Científico e Comercial: até o dia 22 p.v.

2.º) Avisamos às famílias interessadas que foi aberto mais um 4.º ANO PRIMARIO. À disposição: 40 vagas.

3.º) A partir do mês de abril funcionará à noite um Curso de Admissão para o Comercial Básico.

4.º) Início do ano letivo para todos os cursos: dia 3 de março p.v.

A DIREÇÃO

Figura 67 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 07/01/1959.

Os textos argumentativos sobre as qualidades do Gonzaga encontrados até meados de 1930 cessam. Acredita-se que isso ocorreu em função de que já era uma instituição consolidada, com seu nicho de mercado definido e, portanto, sem concorrência. Essa situação será melhor debatida posteriormente.

Diante desse breve panorama sobre a criação e a trajetória do Colégio Gonzaga em Pelotas no segundo ciclo identificado, observa-se que seu ethos educacional, constituído ao longo de sua existência, sofrerá uma abrupta ruptura com a chegada do século XXI. Nesse período terá sua mantenedora alterada e iniciará um novo capítulo em sua história, como será analisado no terceiro ciclo identificado por esta investigação.

Como anteriormente afirmado, as décadas finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX podem ser caracterizadas pela consolidação da hegemonia ultramontana. Nesse período, a principal estratégia utilizada pela Igreja Católica para a consolidação desse processo será a implantação de uma rede de ensino confessional, baseada na atuação das congregações religiosas. Nesse contexto, outro grande educandário confessional é criado em Pelotas na primeira década do século XX. Trata-se do colégio feminino São José (ver quadro 3, p.199). Como já discutido, o fato de a Igreja pregar a importância de uma formação católica também se repercutirá na formação das moças de Pelotas. Até

a criação do Colégio São José, a cidade contava com 21 instituições oferecendo o ensino secundário feminino, enquanto 37 ofertavam o nível primário feminino. Essa quantidade era significativa se comparada ao número de escolas secundárias masculinas (35) e primárias masculinas (42) (NEVES, 2007). De qualquer forma, é preciso considerar que a quantidade[68] de alunos homens nas instituições era maior do que a das meninas, chegando, muitas vezes, ao dobro desta. Ainda assim é importante refletir sobre o fato de que, no que tange aos saberes femininos, o ensino secundário era, até então, basicamente um complemento ao ensino primário. Além disso, tinha como público-alvo alunas com condições econômicas favoráveis que buscavam ampliar seus conhecimentos culturais, aprofundando o que haviam visto no ensino primário e dando continuidade às lições domésticas e às destinadas aos traquejos sociais, como pode ser observado em muitos anúncios das instituições.

Nos estudos de Arriada e Santos (2010), observa-se o interesse da Igreja Católica em investir no ensino feminino pelotense quando citam a manifestação do segundo Bispo de Pelotas, Dom Joaquim Ferreira de Mello sobre a criação do São José:

> "[...] formar em círculos especiais a mocidade feminina, dando-lhe a inteligência da sua missão educadora na sociedade, e orientando-lhe a vida para as virtudes tradicionais da família brasileira [...] (MELLO, 1935, p. 205 *apud* ARRIADA e SANTOS, 2010, p.64).

Em 1859 chegaram a São Paulo as Irmãs de São José de Chamberry, ampliando sua ação em 1895, quando por influência do Bispo Dom Antônio Joaquim de Melo, estabelecem-se em Curitiba e três anos mais tarde, em 1898, instalavam-se também em terras gaúchas a convite de Dom Claúdio José Ponce de Leão, Bispo de Porto Alegre. Somente em 1910, se instalaram na cidade de Pelotas (ARRIADA, SANTOS, 2010). Iniciativa que partiu do Intendente Municipal, José Barbosa Gonçalves, conjuntamente com o Bispo de Porto Alegre, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leon. Com essa intervenção, em 1910, um grupo de Irmãs da Ordem de São José de Chamberry criou um educandário feminino em Pelotas. Sem possuir um prédio próprio para o funcionamento da

[68] Esses dados foram observados tanto pelo conteúdo de alguns anúncios – que divulgavam o número de alunos – como através dos seguintes relatórios: Relatório do Inspetor Geral da Instrucção Pública 1901, Relatório da Intendência de Pelotas de 1912 e Relatório da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior de 1899.

instituição, o então Intendente Municipal, no intuito de logo viabilizar o início do funcionamento da escola, cedeu provisoriamente um prédio de sua propriedade. Este se localizava na Rua 15 de Novembro, esquina Rua Gomes Carneiro (ARRIADA, SANTOS, 2010).

A abertura oficial do novo educandário ocorreu em 19 de março de 1910, o que foi devidamente registrado na imprensa e nos anúncios veiculados pela escola. De acordo com Arriada e Santos (2010), em curto espaço de tempo, o novo estabelecimento começava a receber alunas em prédio próprio, apresentado na próxima imagem, localizado até hoje na Rua Félix da Cunha.



Figura 68 – Fotografia de 1915 do prédio construído para o Colégio São José.
Fonte: (ARRIADA e SANTOS, 2010, p.66).

No ano de 1916, como pode ser constatado com a figura anterior, conclui-se a obra de um prédio construído com a finalidade específica de casa educacional para o São José, segundo os preceitos da pedagogia da época (*ibidem*, p.66).

> De forma impactante o novo prédio demarcava claramente uma ostentação de superioridade, perpetuando uma "áurea" de poder. O estabelecimento escolar e seu entorno físico, ou seja, áreas adjacentes, jardins e espaços verdes (praças, parques, hortas, pomares, etc.), fachadas, murros, calçadas, capelas, entre outros ornamentos, tornam-se elementos vitais como aparatos de sedução e convencimento das potencialidades de uma instituição [...] (*ibidem*, p.66).

Identificou-se também que o Colégio São José concebeu às suas alunas uma formação humanística e cristã, sendo que, entre as disciplinas, o

francês recebia destaque, como foi possível averiguar nas propagandas. As jovens eram doutrinadas na religião católica, nos costumes e na moral, além de adequadamente educadas nas ciências e nas artes (ARRIADA, SANTOS, 2010). Para além dessa formação, “os atos rotineiros também exerceram um papel essencial, qual seja, o de conformação a um determinado ícone de mulher pura, casta e de fé, que marcou para sempre a “alma pura destas jovens” (*ibidem*, p.74).

As propagandas do colégio registram o oferecimento de vagas para o internato, outro atributo da instituição. Nos anúncios foi possível identificar a oferta de três modalidades de matrícula: internato, externato e orfanato, sendo que, posteriormente, também foi oferecida a modalidade de matrícula para o semi-internato. Para Arriada e Santos (2010, p.68), no internato, a educação era disciplinadora, sem dar espaço para qualquer questionamento acerca dos princípios organizativos da Congregação. Os altos muros e a vigilância constante “não permitiam um espaço de liberdade às alunas, ao contrário, todo movimento era controlado, saídas e entradas não eram permitidas sem autorização”.

> Isoladas do mundo, muito pouco era permitido às alunas. Mesmo as saídas eram rigorosamente controladas. O detalhamento dessas regras nos permite inferir a enorme preocupação com a saída das alunas internas, pois as mesmas, caso praticassem atos condenáveis poderiam denegrir a imagem do Colégio. Regra perfeitamente clara e incisiva estabelecida no artigo 30: “Procedimento repreensível fora do Colégio, que possa prejudicar a boa reputação do mesmo, está sujeito a castigos escolares”. Eis o que consta no artigo 55: “As pensionistas que tiverem na cidade parentes ou correspondentes, poderão, a pedido dos pais, passar os domingos de saída, isto é, o 2º e 4º de cada mês. O Colégio não se responsabiliza por nada que aconteça, estando as alunas fora de sua tutela”. O artigo 56, complementava as preocupações relativas a conduta das alunas: “Em nenhum caso será permitido a uma aluna pernoitar fora do Colégio, a não ser em companhia dos pais e com prévio aviso dos mesmos (*ibidem*, p.68).

Observa-se que o objetivo mais amplo era formar jovens meigas, educadas e cultas, mas acima de tudo, cristãs e crentes que professassem os princípios do catolicismo ultramontano (ARRIADA, SANTOS, 2010). Para isso, uma prática diária de sala de aula e a vivência cotidiana nos outros espaços, balizada por um rígido e severo código de condutas, concretizavam esse ideal.

Esse modelo de escola acabou por submeter professores e alunos a uma educação altamente especializada no controle, estabelecendo regras e ritos; passa a valer-se de elementos de comando, padrões e comportamentos que

permanecerão presentes durante muito tempo nas escolas (ARRIADA, SANTOS, 2010). A preocupação básica das Irmãs de São José era formar as jovens dentro de princípios que reforçassem a ordem, as boas maneiras, o respeito e a obediência. Isso se configurava desde o ato de levantar até o de deitar, traduzido ainda num rol de obrigações, práticas de sociabilidades, rotinas e aprendizagens, objetivando formar moças educadas, cultas, obedientes, crentes em Deus e seguidoras das normas sociais da sociedade vigente.

Com o decorrer do tempo, o educandário cresceu e no ano de 1972 incluiu a educação mista, ampliou e reestruturou suas instalações físicas, acompanhou as inovações pedagógicas e passou a contar com o auxílio de leigos, mantendo sempre os propósitos e o carisma das Irmãs de São José. Sua atuação no final do século XX e princípio do século XXI, contudo, será melhor explicitada no terceiro ciclo identificado por esta investigação.

Com a chegada dos anos 30 do século XX é criado em Pelotas outro importante educandário, o Ginásio Santa Margarida, inaugurado em março do ano de 1934, funcionando nos seus dois primeiros anos em uma casa alugada situada na Rua Santa Cruz, n.º 172, oferecendo vagas ao ensino feminino (NEVES, 2007).

Antes de apresentar as especificidades dessa instituição anglicana, é necessário abordar como se deu a chegada dos primeiros anglicanos em Pelotas. O interesse em estabelecer uma missão na cidade surgiu em 1892, na primeira convocação religiosa realizada em Porto Alegre, devido aos aspectos geográficos, econômicos e religiosos da região. Com relação à escolha da missão em Pelotas, o Reverendo Oswaldo Kickhöfel (1995, p.58 *apud* BICA, 2006, p. 32), indicou os motivos que lhes traziam à cidade:

> [...] Pelotas, foi escolhida porque era a cidade mais importante do Estado depois da capital e a segunda em população, com 30 mil habitantes. Banhada pelo rio São Gonçalo, permitia acesso a todos os navios que entravam no porto de Rio Grande e era passagem obrigatória para os que se dirigiam à capital estadual. [...] possuía um sólido comércio e vários estabelecimentos bancários, [...]. A religião cristã era uma atividade quase inexistente. A Igreja Católica Romana, que para muitos atendia satisfatoriamente as necessidades espirituais da população, tinha uma congregação imaginária de 30 mil almas e dois padres. Os evangélicos alemães tinham um pastor que não tinha rebanho, [...]. Era um professor de meia idade, muito respeitado na cidade, mas não era ministro ordenado e nunca tentou pregar ou manter reuniões religiosas.

Essas características, portanto, foram de interesse dos membros da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, que observaram uma relativa ausência de religiões evangélicas e protestantes na cidade, tornando-a, assim, um fértil terreno para a missão de evangelização da Igreja Anglicana. A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil adquiriu um terreno para a construção do seu templo. A inauguração da pedra fundamental da Igreja do Redentor, no dia 21 de outubro de 1908, foi noticiada pela imprensa, que descreveu as características da arquitetura da referida construção:

> o Templo, estylo gótico, tem 28 metros por 11 metros de largura. O santuário mede 7 metros de comprimento, a torre tem 27,50 metros de altura. A não ser o sino tubular que veio da Inglaterra, tudo para a construção da Egreja foi adquirido neste Estado [...] As janelas são de cores variadas, tendo como temas símbolos e textos bíblicos (JORNAL DIÁRIO POPULAR, 18/10/1909).

Depois de uma série de situações[69], incluindo a formação de quadros para atuar nos colégios anglicanos, o primeiro corpo docente da escola Santa Margarida começa a atuar em Pelotas. Segundo Bica (2006), era um grupo pequeno, composto pelas professoras Gladys Tweedie, Cândida Rocha Leão, Maria José Lopes Custódio e uma professora auxiliar. O número total de alunas era de 44. Já o nome "*Santa Margarida*", conforme Bica (2006, p.53) era repleto de "simbolismos e intenções teológicas e doutrinárias, pois refere-se a uma mulher que, no tempo em que cristãos eram atacados pela intolerância religiosa das perseguições romanas, resistiu e continuou fiel a sua doutrina religiosa".

O lançamento do prédio criado para a escola[70], em 30 de outubro do ano de 1935, foi num momento em que existia uma exploração dos discursos cristãos aliados aos educacionais, uma vez que o prédio fora construído mediante a moderna pedagogia. No próximo anúncio, publicado dezessete anos depois da fundação do prédio, é possível visualizar que a escola utilizava a sua estrutura física como cartão de visita da instituição.

[69] Para saber mais detalhes sobre a sua atuação, ler Bica (2006) e Guedes (2010).
[70] No ano de 2010, após o fechamento do Colégio Santa Margarida, como será debatido posteriormente, a Igreja Anglicana vendeu parte do prédio para a Universidade Católica de Pelotas (DIÁRIO POPULAR, 09/01/2010).



Figura 69 – Anúncio Colégio Santa Margarida.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 02/03/1957.

Importante destacar ainda que entre a inauguração do prédio e a autorização de funcionamento da escola decorreram praticamente dois anos.

> A autorização de funcionamento do Santa Margarida pela Diretoria de Educação e Saúde Pública chegaria somente em 02 de março de 1938. O que se pôde observar é que após receber a autorização de funcionamento, o Ginásio Santa Margarida tem um segundo momento em sua história, permeado de acontecimentos que relatam importantes mudanças e atitudes dos mantenedores educacionais e da direção desta Instituição Escolar. Entre os anos de 1938 e 1940 houve, no Ginásio Santa Margarida, mudanças estruturais, tais como a troca da Direção e a renovação no quadro docente, alterações essas que tinham como objetivo legitimar e aligeirar o processo de oficialização da escola junto ao Governo Federal (BICA, 2006, p.70).

Quanto ao ensino para meninos e meninas, era dividido da seguinte forma: Jardim de Infância, que funcionava inclusive ao ar livre, com a participação de crianças de 3 a 6 anos; Curso Elementar, que correspondia a quatro anos; Curso de Admissão ao ginásio, Curso Ginasial dividido em cinco anos e Curso Normal ou Profissional, de duração de dois anos, que se destinava ao preparo de professoras, secretárias, auxiliares de comércio e enfermeiras. Nos primeiros cinco anos de funcionamento da escola, além de toda a sua estrutura curricular, também oferecia às suas alunas: coral de instrução musical de meninas para atuarem na Igreja; ensino de Línguas Modernas (Inglês, Francês, Alemão) nas

aulas do curso ginasial e a presença da ginástica corporal nos cursos extra-classe (BICA, 2006).

Para Bica (2006), a educação pensada para o Ginásio ofertada às meninas, mesclava uma dualidade de sentidos e interesses: de um lado, uma educação voltada à mulher educadora das futuras gerações, abrigo dos bons costumes, salvadora da sociedade e pilar dos valores morais; e, por outro lado, a busca da moderna imagem feminina, uma mulher que possuísse iniciativa, fosse competitiva, segura e responsável para o progresso de uma nação em desenvolvimento.

Nesse cenário de instalações das escolas privadas confessionais em Pelotas abordado até aqui, torna-se importante destacar a ação de uma instituição, também privada, que em 1917 é entregue à gestão municipal. Trata-se do Gymnasio Pelotense, projeto educacional elaborado pela Maçonaria em meio às discussões positivistas no campo educacional. Os maçons contestavam a prática pedagógica jesuítica praticada até então por considerá-la excessivamente humanística, bacharelesca, desvinculada da realidade (AMARAL, 2003). Propunham, então, o desenvolvimento de um sistema de ensino baseado no método experimental, de caráter mais técnico, onde existisse a ação da prática sobre a teoria.

> Embora fosse evidente a identificação dos maçons com o Positivismo, sendo, inclusive, vários deles membros do Partido Republicano Rio-Grandense, a divergência ficava por conta do fato de o governo estadual não expandir a rede de ensino, uma vez que preconizava o ensino livre. A crítica da Maçonaria recaía também no descaso com que vinha sendo tratada a instrução pública por parte do Governo Federal. Este, em princípio, responsabilizava-se pelos cursos secundários e superiores, destinados às classes mais abastadas da população, entregando a instrução primária aos governos estaduais e municipais. Tais governos não se comprometiam na expansão da rede de ensino às classes menos favorecidas, excluídas dos benefícios da instrução e das vantagens por eles produzidas. Em Pelotas, a Maçonaria, desde o império às primeiras três décadas do século XX, teve marcante participação política e social, exercendo inegável influência sobre a administração e a intelectualidade urbana (AMARAL, 2003, p.73).

Criado em 24 de outubro de 1902 pela Maçonaria, o Gymnasio Pelotense foi “uma alternativa de ensino laico de qualidade que se contrapôs ao ensino católico ministrado no Gonzaga, a mais renomada instituição de ensino de Pelotas” (AMARAL, 2003, p.5).

> O Ginásio Pelotense propunha-se a ministrar o ensino laico, baseado no cientificismo e racionalismo, onde era pretendido o ensino experimental voltado para a vida prática do aluno, seguindo os mais "avançados métodos da pedagogia moderna" - contrários à "pedagogia católica" - onde eram partilhados valores que tinham por base o desenvolvimento da moral, do civismo e do patriotismo [Grifos autora].

Os alunos do Pelotense, em sua maioria oriundos de famílias de maçons, pertenciam a uma classe média emergente, ou seja, profissionais liberais, comerciantes, industriais e intelectuais. Como a escola se propunha a ministrar um ensino diferenciado, desvinculado das "peias do tortuoso dogmatismo" religioso, os alunos que a ela acorriam, geralmente, não eram católicos (AMARAL, 2003) [Grifos autora]. Muitos pertenciam a famílias de maçons ligadas ao Espiritismo Kardecista que estava, nos primeiros anos do século XX, em franca ascensão[71] na cidade. Em Pelotas eram fortes as ligações entre a Maçonaria, o Espiritismo e as camadas sociais mais intelectualizadas. Em 1915, o Ginásio Pelotense passou a constituir, oficialmente, turmas mistas nos cursos primário e secundário, o que sem dúvidas correspondia aos interesses maçônicos de se contrapor à concepção católica de ensino diferenciado para meninos e meninas (*ibidem*).

Segundo Amaral (2003), desde os primeiros anos de atuação, a qualidade do ensino do Pelotense passou a ser garantida pelos professores. Escolhidos entre a elite intelectual da cidade, em sua maioria com diploma de curso superior (médicos, dentistas, advogados e engenheiros), faziam parte do grupo membros da Maçonaria. Com o tempo foram também convidados alguns professores que se "tornaram" maçons, provavelmente para que fossem melhor aceitos dentro do grupo (*ibidem*). Muitos dos professores também tinham estreitas ligações com a imprensa local. Em 1919, três dos quatros jornais que circulavam na cidade – Diário Popular, Opinião Pública e O Rebate – tinham como diretores professores ligados ao Ginásio Pelotense, o que garantia à instituição uma boa visibilidade.

Quanto à estrutura física, foi possível identificar nas propagandas que entre os anos de 1902 e 1903 o colégio foi instalado provisoriamente na antiga residência do Dr. Miguel Barcellos, à rua que hoje leva o seu nome (NEVES,

[71] Para saber mais sobre o espiritismo nesse período em Pelotas, ler Amaral (2005) e Gil (2008).

2007). Posteriormente, mudou-se para outro palacete adquirido pela Maçonaria situado à Rua Félix da Cunha esquina Tiradentes, onde permaneceu até 1961.

> A compra do prédio tornou-se necessária uma vez que para se equiparar ao Ginásio Nacional Pedro II, à época, só era concedida àqueles institutos particulares que apresentassem um patrimônio de 50 contos de réis e prédio próprio. Para tanto, O Ginásio Pelotense contraiu um empréstimo de mais de 40 contos de réis em títulos de 100 mil réis a juros de 6% ao ano, junto a cidadãos dispostos a colaborar com a causa da educação laica. Muitos foram os pelotenses que adquiriram esses títulos, chegando alguns a possuírem mais de 5 títulos de dívida. Esses em sua maioria foram pagos integralmente somente 20 anos após sua emissão (AMARAL, 2003, p.157).

Nas primeiras décadas de sua existência, a formação escolar oferecida pelo Pelotense, assim como pelos demais estabelecimentos de ensino secundário do país, se constituía em um instrumento de manutenção do status social elevado e de ascensão a este patamar. Isso devido ao seu caráter seletivo e preparatório, subordinado às exigências dos cursos superiores e às próprias cobranças impostas pelo governo federal através do mecanismo da equiparação ao Ginásio D. Pedro II. Em suas investigações, Arriada (2007, p.27-28) tece as seguintes considerações acerca do ensino secundário:

> restou desse modo a marca de ensino preparatório, propedêutico e secundário. Seu alcance ou objetivo é o de encaminhar para o ensino superior, caminho para uma elite, aqueles que se tornarão a "elite cultural". A própria noção de cultura é totalmente afastada do caráter de utilidade prática [...] As escolas secundárias, assim como as próprias universidades, além de serem bastiões da alta cultura tradicional, funcionavam também como mediadoras para a sociedade que surgia [...] Desse modo, o ensino médio, bem como em parte o ensino superior, estavam automaticamente alinhados a outras instituições (caso da Igreja) na manutenção dos valores do Antigo Regime. Não apenas eram portadores da alta cultura tradicional, como muitas vezes funcionavam como mediadores entre a antiga elite e a nova burguesia capitalista ascendente. Essa nova burguesia almejava atingir o "status" da antiga elite. Uma das formas de ascensão era colocar seus filhos nas famosas escolas da elite, colégios estes que valorizavam acima de tudo o ensino do latim.

A estrutura organizacional do Gymnasio Pelotense sofreu alterações em função da Lei Orgânica de 1911 proposta pelo ministro Rivadávia Correa, que era ligado ao Partido Republicano Rio-Grandense. Nessa legislação, a forte influência do ideal positivista de liberdade e de desoficialização do ensino estava presente. Por meio de um regime que concedia ampla autonomia aos estabelecimentos escolares, o ensino passava a ser livre, diversificado e flexível. Como indicado anteriormente, o quadro geral do ensino secundário brasileiro

estava, nas primeiras décadas do período republicano, atrelado a uma legislação federal que impunha um modelo a ser seguido através do sistema de "equiparação". As escolas públicas e privadas de nível secundário deveriam ter sua estrutura organizacional equiparada a uma instituição modelar – o Ginásio Pedro II, da cidade do Rio de Janeiro. Como já mencionado, os alunos oriundos dos estabelecimentos equiparados tinham direito de ingressar no curso superior sem prestar exames. A equiparação era, assim, um indicador da qualidade do ensino ministrado na instituição escolar. Sendo assim, uma grande modificação na estrutura dos colégios Pelotense e Gonzaga ocorreu em função da implantação da referida lei (AMARAL, 2003). Ao propor um regime que concedia ampla autonomia aos estabelecimentos escolares, o ensino passava a ser livre e flexível, permitindo, inclusive, que os estabelecimentos de ensino criassem cursos de ensino superior, deixando de existir o sistema de equiparação.

> A autonomia prevista por esta lei serviu para que no Ginásio Pelotense fossem criados três cursos de ensino superior: a Faculdade de Farmácia e Odontologia já no primeiro ano da vigência dessa lei e, no ano posterior, a Escola de Agrimensura e a Faculdade de Direito. A Maçonaria pelotense chegou a cogitar a fundação de uma Faculdade de Medicina, que com os demais cursos superiores viesse a constituir uma universidade. Já o Ginásio Gonzaga, em função da autonomia prevista pela "Rivadávia Correa", aumentou a oferta de cursos primários e secundários e adotou um novo programa escolar (AMARAL, 2008, p.8).

A situação do ensino secundário brasileiro voltou a se "normalizar" com a implantação da reforma Carlos Maximiliano, em 1915. Esta lei restabeleceu a influência do governo federal sobre o ensino secundário e superior através da re-oficialização do ensino. Houve reintegração do Ginásio D. Pedro II à sua função de estabelecimento modelo. (AMARAL, 2003).

> Mas esta legislação restringiu as equiparações somente a estabelecimentos estaduais de ensino, o que gerou um grave impasse no estado do Rio Grande do Sul, pois sua Constituição vetava a existência de estabelecimentos de ensino secundário estaduais, devendo eles ficar a cargo da iniciativa privada ou dos municípios. Alguns ginásios acabaram se municipalizando para reivindicarem sua equiparação ao Pedro II. Isto pôde ser verificado em alguns municípios como Pelotas, Rio Grande e Bagé que tinham o interesse de ostentar a honra de ter o "seu" ginásio equiparado, e entraram, dessa forma, numa verdadeira corrida pela equiparação (AMARAL, 2008, p.9).

O processo de equiparação, nesse período, envolvia uma intensa burocracia. Inicialmente tornava-se necessário conseguir, junto ao Conselho

Superior de Ensino, bancas oficiais de exames e, posteriormente, a inspeção preliminar, atividade designada pelo Conselho aos inspetores que analisariam cuidadosamente todo o trabalho desenvolvido pela instituição de ensino. Estes, por sua vez, realizavam relatórios que eram enviados ao Conselho, que decidia pela equiparação ou não do Ginásio. Em Pelotas, embora com parecer favorável à equiparação do Gymnasio Pelotense, o Conselho Superior de Ensino só a concedeu muitos anos depois.

> Como no Rio Grande do Sul não havia ginásios estaduais, o Conselho sob a alegação de ser esta uma "questão de eqüidade" decidiu conceder a equiparação ao "Lemos Júnior", de Rio Grande, e a mais nenhum outro estabelecimento de ensino secundário gaúcho. Inicia-se, então, uma grande campanha política para a equiparação do Pelotense, que alegava apresentar as mesmas condições do estabelecimento rio-grandino, e, também, ter entrado no processo reivindicatório da equiparação no mesmo período (AMARAL, 2008, p.10).

Tal fato ocorreu, segundo a autora, após uma intensa mobilização política, a qual implicou, inclusive, na municipalização do Pelotense no ano de 1916. A equiparação ocorreu, definitivamente, somente em 1928. Antes disso, em 1925, o colégio deixou de ofertar o ensino primário concentrando-se no secundário, reorganizando, assim, a sua estrutura buscando obter as vantagens oficiais da equiparação. É nesse contexto que a escola recebe a equiparação prévia – passo necessário para o recebimento da equiparação definitiva. Amaral (2003) chama a atenção de que o Ginásio Gonzaga, por ser uma instituição privada de ensino, não teria o direito à equiparação, sendo assim, chegou a suprimir o curso secundário mantendo apenas o primário e um curso comercial. Em função disso, como já mencionado, muitos alunos cursavam o primário no Gonzaga e o secundário no Pelotense.

Sobre a municipalização do Colégio Pelotense, Amaral (2003, p.187) analisa a estratégia utilizada pela Maçonaria:

> Dentro desse processo de busca da reequiparação, em 1917, o Pelotense passou à administração municipal, pois nesta época, a Maçonaria assume uma postura totalmente favorável ao ensino público, o que tornaria contraditório o fato de continuar proprietária de uma escola. Assim, ficando o Pelotense sob a administração municipal, a Maçonaria poderia continuar a exercer sua ingerência sobre ele, ao mesmo tempo em que pleiteava a sua equiparação.

No contrato firmado entre a Maçonaria e a municipalidade ficou explicitado que a exploração da escola seria assegurada ao município por

cinquenta anos podendo ser rescindindo. Como por muitos anos mantiveram-se no governo municipal “representantes do Partido Rio-Grandense, ligados à Maçonaria, os propósitos que levaram à criação do Pelotense permaneceram intactos” (AMARAL, 2003, p.189).

> Pode-se afirmar, então, que a justificativa para a municipalização do Ginásio Pelotense prende-se muito mais à manutenção de um estabelecimento de ensino destinado às classes mais privilegiadas do que realmente ao fato de ser uma escola que, por ser pública, visasse ao atendimento de toda a população. A forte ligação entre governantes municipais e a Maçonaria, justifica o empenho do Município em subsidiar esta escola de ensino secundário. Esta foi uma forma de a Maçonaria continuar atuando nesse estabelecimento de ensino. Situação que pode ser confirmada pelo fato de durante décadas a maioria de seus diretores serem maçons. Além do que, a escola, mesmos sendo pública, manteve até poucos anos atrás uma grande autonomia em relação à administração educacional do Município (*ibidem*, p.190).

A partir dos anos de 1930 até os de 1960, quando foi inaugurado o novo prédio do colégio, são muitas as recordações de seus ex-alunos que indicam a qualidade de ensino, de seus professores e da proposta educacional da instituição (AMARAL, 2003). O ensino laico e misto, segundo alguns ex-alunos do Pelotense, conferia ao Ginásio Pelotense um status de modernidade, se comparado ao Colégio Gonzaga.

> Com relação à matrícula de meninas nesse educandário é interessante observar que seu número é inferior ao de meninos. Ao mesmo tempo observa-se que as alunas egressas do Pelotense que se dirigiram para cursos de ensino superior, tornavam-se profissionais liberais - geralmente dentistas, médicas ou advogadas. Tais constatações podem ser justificadas se levarmos em conta que, nas famílias mais conservadoras - que provavelmente eram maioria - o comum era não concordar com a co-educação e considerar o magistério como a "ocupação" mais adequada para aquelas moças que pretendessem exercer alguma atividade fora do âmbito doméstico. Assim, matricular suas filhas no Colégio São José - só para meninas e com Curso Normal - ou na Escola Estadual Assis Brasil - que também possuía o Curso Normal - certamente lhes parecia o mais apropriado (*ibidem*, p.190).

Os estudantes foram outro diferencial para a constituição dessa instituição. Em 1903 seus alunos criaram a sociedade literária Grêmio dos Estudantes, que tinha por finalidade o desenvolvimento da retórica e dos conhecimentos literários (AMARAL, 2003). Durante muitos anos promoveram reuniões literárias, espetáculos de teatro, passeatas cívicas, além de desfiles em que manifestavam o apreço pelo educandário. Em 1911 reorganizaram o seu grêmio fundando o Grêmio 24 de Outubro, data do aniversário do colégio.

> Uma de suas realizações foi o desenvolvimento de um intenso trabalho pela revogação da Lei Rivadávia Correa. Essa legislação desoficializou o ensino secundário e causou sérios transtornos ao Pelotense [...] que perdeu sua equiparação ao Ginásio D. Pedro II (*ibidem*, p.208).

A partir da década de 1930, segundo Amaral (2003), o Grêmio passa a dedicar-se a eventos sociais, esportivos e culturais, promovendo bailes, festas comemorativas além da criação de um importante periódico estudantil denominado o "Estudante"[72]. Outra atuação muito significativa que marcou época na instituição refere-se aos “Festivais dos Gatos Pelados[73]”, caracterizados por shows artísticos, algumas vezes apresentados sob a forma de revista musical, onde se alternavam apresentações humorísticas, números de canto, etc. Os festivais tinham como palco os importantes teatros da cidade, o "Sete de Abril e o "Guarany", assim como o auditório da Rádio Cultura. Conforme Amaral (2003), que investigou em profundidade as escolas Gonzaga e Pelotense da década de 1930 a 1960, embora essas instituições possuíssem propostas pedagógicas diferentes, ambas proporcionavam a seus alunos o desenvolvimento de práticas culturais que não se limitavam somente ao espaço da sala de aula. Tal fato resultou “no desenvolvimento de um *habitus* diferenciado junto ao corpo discente de cada uma das instituições escolares” (*ibidem*, p.223).

Depois de perceber, em linhas gerais, a atuação do Colégio Pelotense, cabe ainda destacar que a Pelotas dos anos de 1930, contava com “uma numerosa, organizada e eficiente rede de instrução pública, aumentando a procura dos alunos pelas escolas municipais urbanas e rurais” (*ibidem*, p.74). Enfatiza-se ainda que além do Ginásio Pelotense e dos cursos de ensino superior mantidos pelo governo municipal (Direito[74], Agronomia e Odontologia e Farmácia), existiram também dois importantes estabelecimentos escolares nesse período: O Grupo Escolar Dr. Joaquim Assumpção[75] e os colégios elementares Félix da Cunha e Cassiano do Nascimento, que possuíam prédios adequados, modernos e higiênicos.

---

[72] Para conhecer em profundidade as características desse periódico, ler Amaral (2003).
[73] Gato Pelado é o apelido até hoje creditado aos alunos que frequentaram o Colégio Pelotense. Posteriormente se abordará a origem dos apelidos dos alunos do Colégio Pelotense e Colégio Gonzaga.
[74] Para saber mais, ler Costa (2009).
[75] Para mais sobre esta instituição, ler Oliveira e Amaral (2009) e Cardoso e Peres (2004).

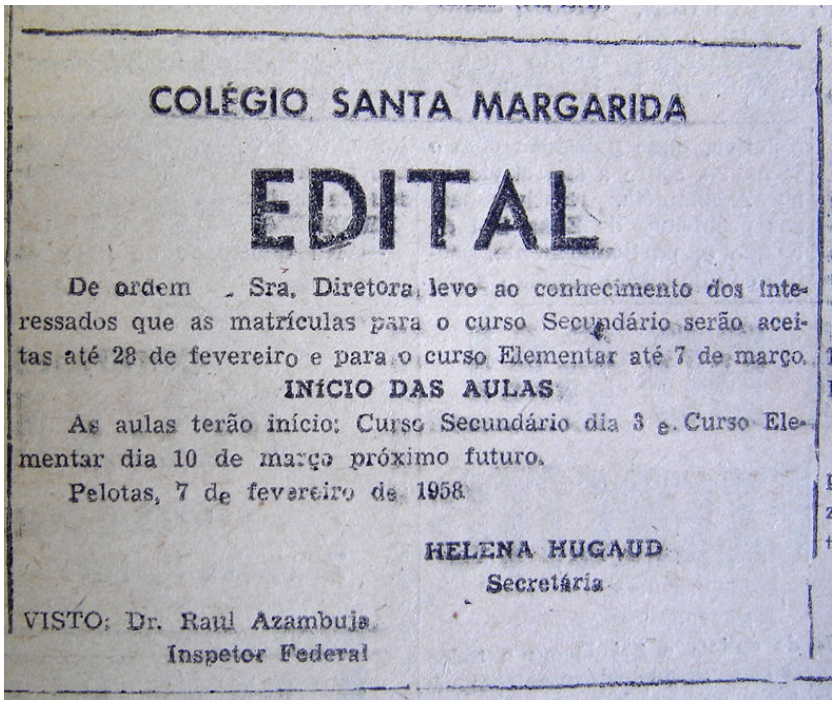
Com a crise que se abateu na cidade, particularmente a partir dos anos de 1930, a ideia de difusão da instrução escolar passa a ser considerada como uma estratégia fundamental à defesa da "civilidade" intencionada pelos pelotenses. Identificou-se, então, que as escolas de ensino primário e as instituições educacionais de ensino secundário e superior apresentavam um bom nível de qualidade. É o caso, como já indicado, do Ginásio Gonzaga (que possuía a Escola Superior de Comércio), do Ginásio Pelotense e das Faculdades de Agronomia e Veterinária, de Odontologia e Farmácia e de Direito, que surgem a partir da iniciativa privada e que após alguns anos passam suas gestões para o poder municipal. Tais instituições, segundo Amaral (2003), corroboraram para a manutenção da aura intelectual que sempre pairou sobre a cidade.

A partir dos anos de 1940, conforme Amaral (2003), a educação de nível médio e superior, voltada para a formação de profissionais liberais, encontra uma importante demanda junto a esse grupo. Isso justifica, em princípio, a existência, além de importantes escolas de ensino médio (em nível municipal, estadual e particular), de duas escolas técnicas federais (Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça[76] e Escola Técnica Federal de Pelotas[77]) e a criação, a partir da década de 1960, de duas universidades: a Universidade Católica de Pelotas e a Universidade Federal de Pelotas. As páginas do Jornal Diário Popular das décadas de 1960, 1970 e 1980 são recheadas de propagandas dessas instituições.

Mesmo que o foco desta tese se concentre no ensino privado, é importante chamar a atenção de que durante o segundo ciclo do ensino privado, as notícias sobre a educação nos periódicos giravam em torno das instituições privadas destacadas até aqui e em função do ensino público – forte e de qualidade. Nas décadas de 50, 60, 70 e 80 do século XX a divulgação de propagandas das escolas, como anteriormente abordado, diminui consideravelmente, sendo presentes nos jornais os editais com chamamento para

[76] Para mais informações, ver "O Patronato Agrícola Visconde da Graça em Pelotas/RS (1923-1934): gênese e práticas educativas" (VICENTE, 2010).
[77] Para mais informações, ver “A exclusão escolar nos cursos técnicos do CEFET-RS (1890-2006) (PORTO JÚNIOR, 2008) ou “O resgate histórico da função social da educação profissional brasileira, à luz do decreto 2.208/97: um estudo do perfil socioeconômico do aluno do CEFET-RS” (KRÜGER, 2007).

as matrículas das instituições confessionais, como no anúncio apresentado a seguir, do Colégio Santa Margarida.



COLÉGIO SANTA MARGARIDA

EDITAL

De ordem a Sra. Diretora, levo ao conhecimento dos interessados que as matrículas para o curso Secundário serão aceitas até 28 de fevereiro e para o curso Elementar até 7 de março.

INÍCIO DAS AULAS

As aulas terão início: Curso Secundário dia 3 e Curso Elementar dia 10 de março próximo futuro.

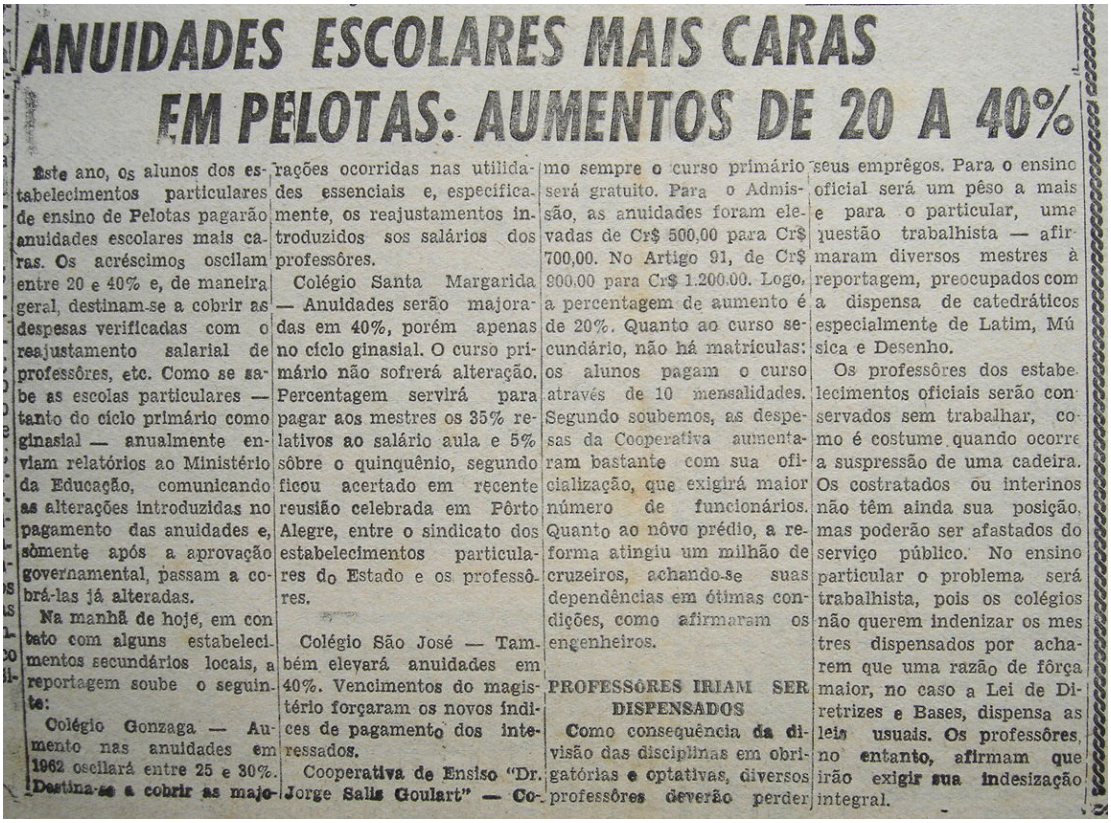
Pelotas, 7 de fevereiro de 1958

HELENA HUGAUD
Secretária

VISTO: Dr. Raul Azambuja
Inspetor Federal

Figura 70 – Anúncio Colégio Santa Margarida.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/02/1957.

Já nas décadas de 1960, 1970 e 1980 começam a ser publicadas com maior frequência as propagandas das universidades, da Escola Técnica e do Colégio Agrícola Visconde da Graça, além das notícias sobre a educação pública e privada – localizadas, normalmente, na seção “Educação e Cultura” do jornal Diário Popular. A exemplo disso, destacam-se duas matérias divulgadas no Diário Popular nas décadas de 1960 e 1980, respectivamente:



ANUIDADES ESCOLARES MAIS CARAS EM PELOTAS: AUMENTOS DE 20 A 40%

Êste ano, os alunos dos estabelecimentos particulares de ensino de Pelotas pagarão anuidades escolares mais caras. Os acréscimos oscilam entre 20 e 40% e, de maneira geral, destinam-se a cobrir as despesas verificadas com o reajustamento salarial de professôres, etc. Como se sabe as escolas particulares — tanto do ciclo primário como ginasial — anualmente enviam relatórios ao Ministério da Educação, comunicando as alterações introduzidas no pagamento das anuidades e, sòmente após a aprovação governamental, passam a cobrá-las já alteradas.

Na manhã de hoje, em contato com alguns estabelecimentos secundários locais, a reportagem soube o seguinte:

Colégio Gonzaga — Aumento nas anuidades em 1962 oscilará entre 25 e 30%. Destina-se a cobrir as majorações ocorridas nas utilidades essenciais e, especificamente, os reajustamentos introduzidos sos salários dos professôres.

Colégio Santa Margarida — Anuidades serão majoradas em 40%, porém apenas no ciclo ginasial. O curso primário não sofrerá alteração. Percentagem servirá para pagar aos mestres os 35% relativos ao salário aula e 5% sôbre o quinquênio, segundo ficou acertado em recente reusião celebrada em Pôrto Alegre, entre o sindicato dos estabelecimentos particulares do Estado e os professôres.

Colégio São José — Também elevará anuidades em 40%. Vencimentos do magistério forçaram os novos índices de pagamento dos interessados.

Cooperativa de Ensino "Dr. Jorge Salis Goulart" — Como sempre o curso primário será gratuito. Para o Admissão, as anuidades foram elevadas de Cr$ 500,00 para Cr$ 700,00. No Artigo 91, de Cr$ 900.00 para Cr$ 1.200.00. Logo, a percentagem de aumento é de 20%. Quanto ao curso secundário, não há matrículas: os alunos pagam o curso através de 10 mensalidades. Segundo soubemos, as despesas da Cooperativa aumentaram bastante com sua oficialização, que exigirá maior número de funcionários. Quanto ao nôvo prédio, a reforma atingiu um milhão de cruzeiros, achando-se suas dependências em ótimas condições, como afirmaram os engenheiros.

PROFESSÔRES IRIAM SER DISPENSADOS

Como consequência da divisão das disciplinas em obrigatórias e optativas, diversos professôres deverão perder seus emprêgos. Para o ensino oficial será um pêso a mais e para o particular, uma questão trabalhista — afirmaram diversos mestres à reportagem, preocupados com a dispensa de catedráticos especialmente de Latim, Música e Desenho.

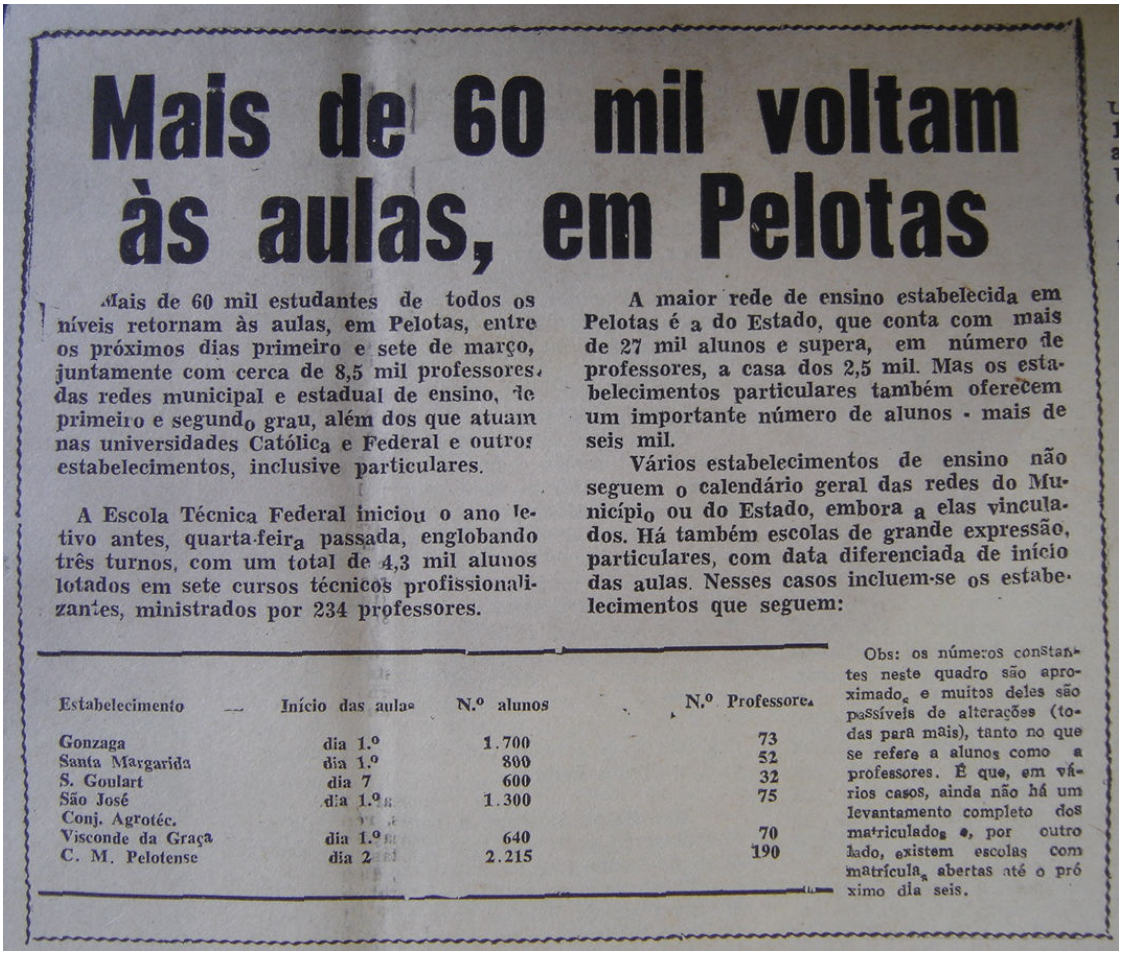
Os professôres dos estabelecimentos oficiais serão conservados sem trabalhar, como é costume quando ocorre a suspressão de uma cadeira. Os costratados ou interinos não têm ainda sua posição, mas poderão ser afastados do serviço público. No ensino particular o problema será trabalhista, pois os colégios não querem indenizar os mestres dispensados por acharem que uma razão de fôrça maior, no caso a Lei de Diretrizes e Bases, dispensa as leis usuais. Os professôres, no entanto, afirmam que irão exigir sua indesização integral.

Figura 71 – Notícia sobre aumento das anuidades da rede privada.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 01/03/1962.

A notícia anuncia os aumentos das anuidades na rede privada de ensino, indicando que as instituições, no ano de 1962, iriam praticar de 20% a 40% de aumento. Esse acréscimo era justificado em função do aumento dos salários dos professores. Os Colégios Gonzaga, Santa Margarida, São José e Salis Goulart foram procurados pelo Jornal Diário Popular confirmando tal informação. A reportagem divide ainda com a comunidade a situação dos professores da rede privada e pública, mostrando a existência de uma divisão entre disciplinas obrigatórias e optativas no nível secundário – que estaria ocasionando as demissões de professores da esfera privada. Na pública, no entanto, o ônus seria do próprio estado, uma vez que teria um grupo de professores parados. Já na rede privada os gastos ocorreriam em função das ações trabalhistas – porque as instituições não queriam pagar pelas dispensas, por entenderem que se tratava de uma razão de força maior. Não foi possível encontrar mais dados sobre o reflexo dessa mudança no ensino secundário, contudo, os valores praticados pela iniciativa privada refletem o momento

educacional vivido e repercutirão, conforme a economia, com o aumento ou diminuição de alunos matriculados na esfera privada.

Vinte e um anos depois dessa notícia, como pode ser visto na imagem a seguir, o Jornal Diário Popular anunciava a volta às aulas em Pelotas e apresentava a organização do calendário escolar pelotense. Diante das informações, cujos dados estatísticos apresentados abordavam a educação pública e privada na cidade, é possível perceber a força de atuação da Escola Técnica Federal de Pelotas. A notícia chamava a atenção de que a maior rede de ensino estabelecida em Pelotas era a do Estado, com mais de 27 mil alunos, superando, em número de professores, a casa dos 2,5 mil. Destacava ainda a força do ensino público, indicando, contudo, que o ensino privado se fazia presente ao afirmar que *"mas os estabelecimentos particulares também oferecem um importante número de alunos – mais de seis mil. Há também escolas de grande expressão particulares, com data diferenciada de início das aulas".* A notícia destacava ainda o nome de alguns educandários privados apresentando a quantidade de alunos e de professores dessas instituições.



Mais de 60 mil voltam às aulas, em Pelotas

Mais de 60 mil estudantes de todos os níveis retornam às aulas, em Pelotas, entre os próximos dias primeiro e sete de março, juntamente com cerca de 8,5 mil professores das redes municipal e estadual de ensino, de primeiro e segundo grau, além dos que atuam nas universidades Católica e Federal e outros estabelecimentos, inclusive particulares.

A Escola Técnica Federal iniciou o ano letivo antes, quarta-feira passada, englobando três turnos, com um total de 4,3 mil alunos lotados em sete cursos técnicos profissionalizantes, ministrados por 234 professores.

A maior rede de ensino estabelecida em Pelotas é a do Estado, que conta com mais de 27 mil alunos e supera, em número de professores, a casa dos 2,5 mil. Mas os estabelecimentos particulares também oferecem um importante número de alunos - mais de seis mil.

Vários estabelecimentos de ensino não seguem o calendário geral das redes do Município ou do Estado, embora a elas vinculados. Há também escolas de grande expressão, particulares, com data diferenciada de início das aulas. Nesses casos incluem-se os estabelecimentos que seguem:

Estabelecimento	Início das aulas	N.º alunos	N.º Professores
Gonzaga	dia 1.º	1.700	73
Santa Margarida	dia 1.º	800	52
S. Goulart	dia 7	600	32
São José	dia 1.º	1.300	75
Conj. Agrotéc.			
Visconde da Graça	dia 1.º	640	70
C. M. Pelotense	dia 2	2.215	190

Obs: os números constantes neste quadro são aproximados e muitos deles são passíveis de alterações (todas para mais), tanto no que se refere a alunos como a professores. É que, em vários casos, ainda não há um levantamento completo dos matriculados e, por outro lado, existem escolas com matrículas abertas até o próximo dia seis.

Figura 72 – Notícia volta às aulas.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 27/02/1983.

Os dados quantitativos da rede pública de Pelotas na década de 1980 chamam a atenção. Em nível nacional, nessa mesma década, as instituições privadas começam a perder matrículas. Segundo Cury (1989, p.68),

> a fuga da clientela das escolas particulares em direção à escola pública em razão da atual política de arrocho salarial constitui uma forma de se contrapor ante a educação escolar. Ainda que as pesquisas demonstrem que a educação é um dos últimos itens cortados no orçamento familiar.

Com base nos relatórios, nas notícias encontradas nas edições do Diário Popular e por meio de investigações já realizadas sobre o ensino púbico no Rio Grande do Sul de nível fundamental e médio foi possível constatar que em um primeiro momento a rede pública cresce e se torna forte e depois perde em qualidade. Ao analisar o segundo ciclo do ensino privado em Pelotas foi possível identificar que a esfera pública crescia em quantidade e começava a decrescer em qualidade. Nesse ciclo a esfera privada, portanto, é constituída

hegemonicamente pelas instituições confessionais. Estas, por sua vez, convivem em um primeiro momento com instituições fortes de ensino público e posteriormente se distanciam sobremaneira da esfera pública de ensino fundamental e médio.

O ensino público, que era sinônimo de qualidade, começa a dar sinais de fragilidade já na década de 1980. A década de 1990, por sua vez, é marcada pelo sucateamento e queda da qualidade do ensino público pela desvalorização do professorado e pelas consequentes greves dos docentes – iniciadas ainda na década de 1980. As famílias economicamente favorecidas de Pelotas, que ainda frequentavam o ensino público em função de sua qualidade ou crise econômica, aos poucos se deslocam em direção ao ensino privado, buscando, assim, a qualidade do ensino de nível fundamental e médio ofertadas pela iniciativa privada, que neste momento destacava-se por um grande diferencial: a ausência das greves escolares. São muitas as matérias no jornal indicando os problemas enfrentados pela esfera pública.

É nesse cenário de desgaste da ação do ensino público de nível fundamental e médio e de uma estagnação em relação à criação de instituições privadas que é fundada em Pelotas, em 1995, uma instituição privada oferecendo ensino fundamental e médio, centralizando, contudo, suas ações no ensino médio – nível que nos séculos XX e XXI dará acesso ao ensino superior. Acredita-se que essa escola irá alterar sobremaneira o cenário da educação privada até então vivido em Pelotas. Esse educandário, gerido por um empresário da educação, ao apresentar seus diferenciais frente às instituições confessionais, fará com que as escolas voltem a disputar os alunos da rede privada, registrando nas propagandas as diferentes concepções de gestão educacional privada da última década do século XX e dos onze anos iniciais do século XXI.

Sendo assim, acredita-se que as características que tornaram o ensino confessional hegemônico no segundo ciclo, serão as mesmas que o farão se retrair no terceiro ciclo. Essas particularidades foram identificadas no terceiro ciclo do ensino privado pelotense e serão abordadas a seguir.

5.3 O Terceiro Ciclo (1995-2011[78]): a ascensão do ensino empresarial e a retração do ensino confessional

Cem anos após a criação da primeira instituição de ensino confessional privada de Pelotas é criada no município a Escola Mario Quintana (ver quadro 4, p.364). Fundada e gerida por um empresário da educação, o início das suas atividades ocorreu em janeiro do ano de 1995 – como abordado anteriormente. O educandário é criado por conhecidos professores e proprietários de cursos preparatórios para o vestibular, que tiveram sua atuação iniciada no final dos anos de 1980[79]. Apesar de oferecerem o nível primário, seus fundadores focam a ação da escola, em um primeiro momento, no ensino secundário, como pode ser verificado no segundo anúncio de página inteira divulgado pela escola. Esta propaganda, ilustrada a seguir, apresentava o seguinte *slogan*: "*O 2º grau inteligente*", mostrando que a instituição se utilizaria da expertise de seus fundadores, sendo, portanto, esse o seu diferencial.

[78] Apesar de os dados desta pesquisa terem sido coletados até o ano de 2011, identificou-se que no princípio do ano de 2012 o terceiro ciclo continua em desenvolvimento, como será visto posteriormente.

[79] Os professores destacados na propaganda do Colégio Mário Quintana fundaram, em Pelotas, o curso Pré-Vestibular Michigan no dia 23 de março de 1988. Existente até hoje, o curso preparou mais de 20 mil alunos ao acesso ao ensino superior.



Figura 73 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 05/01/1995.

No texto, o uso da expressão “Qualidade Total” reflete uma concepção de gestão empresarial surgida na indústria de produção de bens que começa a ser aplicada na educação (LONGO, 1996). No anúncio, a escola não afirmava que atuaria dentro das políticas da GQT (Gestão da Qualidade Total). Contudo, chama a atenção o discurso presente nas primeiras propagandas, que indicam uma gestão educacional pelo viés empresarial, demarcando um espaço e

caracterizando a imagem institucional desse educandário. Em entrevista, o gestor comenta as ações iniciais da escola indicando a existência de uma visão administrativa: “Desde o princípio, procuramos fazer um trabalho sintonizado com as técnicas mais avançadas de administração, tendo por foco a qualidade” (VALÉRIO, 2008).

Já as duas próximas propagandas registram o crescimento físico dessa instituição ao longo dos anos. O anúncio anterior expunha, timidamente, a fotografia da fachada da instituição – antigamente instalada na Avenida Bento Gonçalves, atual prédio da Universidade Federal de Pelotas.

O segundo anúncio fazia parte de uma série de outras propagandas em que a escola Mario Quintana dividia com a comunidade o seu novo endereço. Foram divulgados pela escola vários anúncios, incluindo um em que o projeto arquitetônico foi apresentado. Observa-se, então, que assim como nos ciclos anteriores, no terceiro ciclo da educação privada a estrutura física escolar continua sendo um dos elementos mais explorados pelas instituições. Neste momento sócio-histórico, chama-se a atenção de que alguns aspectos dessa estrutura extrapolam o espaço educacional vivenciado até então nos ciclos anteriores. A Escola Mario Quintana construirá um estacionamento amplo, contendo, entre outros espaços, um restaurante em que os pais poderiam fazer as refeições com os filhos, além de uma área verde para as crianças.

Ao analisar este ambiente educacional, levando-se em consideração que hoje são muito poucos os espaços verdes em que as crianças têm oportunidades de socialização, a escola proporcionava o acesso a este ambiente criando uma nova proposta de cultura material escolar. Há, portanto, uma secção profunda no que se encontra sobre a produção em História da Educação com relação à estrutura física escolar de Pelotas. Esta, no século XXI, começa a se configurar por elementos até então não identificados, tais como câmeras de segurança, restaurantes, estacionamento interno. A escola como monumento passa a ser considerada um “clube social” – expressão utilizada pelos próprios gestores. Acredita-se, contudo, que essa instituição buscou criar um prédio adequado às exigências de seu tempo: afastado do centro da cidade, o que permitiria uma maior facilidade de acesso, além das amplas áreas verdes cercadas por muros, que garantiriam lazer e segurança aos seus alunos. Assim,

identifica-se que a produção do espaço escolar estava intimamente vinculada à produção da sociedade, das suas exigências e das suas expectativas. Isso ficou registrado na entrevista do gestor, no ano de 2008:

> em geral os pais dos nossos alunos pagam 20% mais do que nas outras escolas. Mas estão satisfeitos, como prova o número de matrículas. Hoje, os pais são os nossos principais aliados. Eles próprios nos cobram permanentemente a oferta de maior qualidade. Creio que a aprovação à escola vem da metodologia inovadora e dos investimentos constantes que fazemos, e do fato de sabermos ouvir os pais. Estamos atentos às inovações, às mensagens que recebemos. No ano passado, por exemplo, investimos R$ 2,3 milhões na escola. Ampliamos e aparelhamos ainda mais a estrutura. Construímos um novo ginásio poliesportivo e um novo prédio de três andares, dotando-os de todo o material de apoio moderno. Possuímos hoje mais de 40.000 metros de área, onde os alunos gozam de toda a infra-estrutura para seus estudos e atividades afins. Eles estudam em salas de aula equipadas com condicionadores de ar. Além disso, a Mario Quintana oferece salão de multiatividades – nesse local, usufruem de brinquedoteca, videoteca e ensino de arte. Há também uma biblioteca interativa, laboratório de informática (aberto ao meio-dia), laboratório gourmet, laboratório interdisciplinar de química, física e biologia, sala de dança e de jogos, auditório e restaurante, com almoço diário para alunos, funcionários, pais e convidados, lanhouse e mais equipamento de multimídia. Há ainda uma praça com brinquedos e imensa área verde destinada ao lazer de alunos e pais. Investimos forte também em segurança, com câmeras de vigilância nos dois estacionamentos internos, com guaritas (VALÉRIO, 2008).

Além disso, com esses diferenciais, a escola estava, quem sabe, extrapolando o que se esperava até então de uma instituição de ensino, uma vez que o padrão escolar vigente não ofertava tais especificidades. Não cabe a esta pesquisa analisar a instituição, mas instigar essas questões sobre o ensino privado – especialmente ao se contrapor esse tempo com momentos educacionais anteriormente vividos pela cidade. Além disso, entende-se que o ensino privado em Pelotas, nos diferentes ciclos, constitui-se desta maneira: sendo inovador, ofertando conforto e qualidade aos alunos e aos seus responsáveis, em uma disputa constante que se refletiu no aprimoramento da oferta educacional. E isso, como anteriormente abordado no segundo ciclo do ensino privado Pelotense, foi o que as escolas confessionais criadas realizaram em Pelotas, uma vez que se instalaram na cidade propondo ações pedagógicas diversificadas e criando estruturas físicas de acordo com a moderna pedagogia.

Ainda com relação às estruturas físicas projetadas no século XXI para as escolas, identificou-se, em dezembro de 2004, um anúncio da Escola São Francisco de Assis – uma instituição confessional centenária em Pelotas dirigida

pelas irmãs Franciscanas (ver quadro 2, p.146), vinculada ao Instituto Nossa Senhora da Conceição[80]. No ano de 1997 a escola foi desmembrada do Instituto que se dedica a meninas carentes. Isso porque, durante muito tempo, a Escola São Francisco de Assis manteve-se anexa ao Instituto Nossa Senhora da Conceição, pagando aluguel para usufruir das dependências do antigo endereço. Um documento apresentado nas pesquisas de Bezerra (2008) mostra que no mês de dezembro de 2004 a Escola São Francisco pagou para o instituto o aluguel do prédio no valor de R$ 8.558,17. Conforme Bezerra (*ibidem*), os altos custos de aluguel, a estrutura física cada vez mais deficitária do antigo espaço, segundo os padrões exigidos pelas pastorais, fizeram com que a escola criasse o seu próprio prédio. Para Bezerra (2008, p.5), esse foi um momento crucial para a escola,

> que até então passava por uma crise financeira. A mantenedora SCALIFRA – ZN (Sociedade Caritativa Literária Franciscana – ZONA NORTE), convidou a Irmã Maria Cecília Merchiori para administrar a escola, colocando em suas mãos a superação da crise e a sobrevivência da instituição ou seu fechamento.

Com a criação do prédio próprio, a escola pôde, então, investir em muitas melhorias que antes não oferecia aos seus alunos. Além disso, a mudança não foi apenas na estrutura física, mas também na administrativa, pois a escola passou a contar com a assistência de um gestor administrativo em busca de um melhor desempenho da instituição (*ibidem*).

No ano de 2004, como mencionado anteriormente, a escola publicou uma propaganda em que felicitava a comunidade pela passagem do Natal e do Ano Novo e apresentava uma fotografia da nova sede da escola, como identificado no anúncio que segue:

[80] Para mais, ler Bezerra (2008).



Figura 74 – Anúncio Escola São Francisco de Assis.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 20/12/2004.

Dois meses depois da publicação deste anúncio, o Jornal Diário Popular divulgou uma matéria em que destacava a mudança de endereço para o novo prédio considerado a primeira sede própria da Escola São Francisco. Na entrevista, a diretora, irmã Maria Cecília Merchiori, salientava os novos espaços com os quais a escola, a partir daquele momento, poderia. Chamava a atenção também para o crescimento em relação ao número de alunos matriculados e para a consequente adequação do espaço físico da escola a essa realidade.

> O movimento republicano incendiava discussões pelas ruas da Pelotas dos barões do charque, quando em fevereiro de 1889 as freiras Franciscanas Maria Vargas e Inocência fundaram no então, Asylo de Órphãos Imaculada Conceição, a Escola São Francisco de Assis. Idealizada, inicialmente, para atender os filhos dos funcionários da instituição criada pela maçonaria, o colégio criou raízes entre a comunidade, cresceu e, hoje, 116 anos depois, troca o imponente prédio da rua Gonçalves Chaves por um moderno complexo construído para ser a primeira sede própria da escola e que dará início a um novo capítulo da história das irmãs franciscanas na cidade. Os quatro andares do prédio erguido na esquina das ruas Almirante Barroso e Tiradentes, garantem espaço e ares de modernidade para a escola, que fechou 2004 com 510 alunos e se prepara para iniciar o próximo ano letivo com aproximadamente 700 estudantes distribuídos entre a Pré-Escola e a 8ª série do Ensino Fundamental. O aumento do número de alunos, no entanto, não tem sido problema para a direção uma vez que o novo prédio tem capacidade para comportar até 750 estudantes, sem que seja necessário erguer um quinto andar, como prevê o projeto de expansão. A possibilidade, contudo, parece não fazer parte dos planos da diretora irmã Maria Cecília Merchiori. "Não queremos quantidade, mas sim trabalhar a qualidade", ressaltou.
> ESPAÇO SOB MEDIDA - Mais do que aumentar em 40% a capacidade da escola, o novo prédio possibilita a realização de trabalhos, que até então eram inviabilizados pela falta de espaço físico, como oficinas de dança, teatro e artes plásticas. O auditório com capacidade para 150 pessoas, também, ajuda a expandir o leque das novidades que estão

> sendo planejadas pelos 30 professores, 12 funcionários e as cinco[81] freiras que trabalham no colégio. Ao caminhar pelos largos corredores e visitar as amplas e arejadas salas de aulas, laboratórios e departamentos tem-se a certeza de que a obra da congregação das Irmãs Penitência e Caridade Cristã - pela qual passaram 265 religiosas nas últimas 16 décadas - ainda tem pela frente uma grande história a ser escrita em Pelotas (JORNAL DIÁRIO POPULAR, 05/02/2005).

Os benefícios da modernização do prédio da escola ficaram evidentes na entrevista quando a Irmã citava a possibilidade de crescimento de matrículas em função do aumento do espaço físico, além da qualificação das ações da instituição. Na nova sede existiria a oportunidade de desenvolver projetos que não eram possíveis anteriormente, por falta de estrutura física. Chama a atenção o número reduzido de freiras trabalhando na escola, se comparado com os professores leigos, 30, e dos funcionários, 12. Essa redução nos quadros dando espaço para a contratação de profissionais formados para atuar na educação será fruto de análise posterior nesta tese. Nos estudos de Bezerra (2008) foi possível identificar o crescimento da quantidade de alunos após a instalação no prédio novo. No ano de 2002 eram 432 alunos e, em 2003, 506 discentes. No ano de 2004 a quantidade de alunos aumentou para 518, em 2005, quando a escola iniciou as suas atividades na nova sede, as matrículas chegaram a 634. Em 2006 tinham 678 inscritos e, no ano de 2007, 680 discentes (BEZERRA, 2008, p.23). Além de uma diferenciada estrutura, capaz de comportar um número maior de alunos, os preços praticados pela escola são muito competitivos. Das escolas que mais publicaram anúncios no jornal Diário Popular no final do século XX e princípio do XXI, ou seja, Colégio Gonzaga, Colégio São José, Escola Mario Quintana e Escola Santa Mônica, a Escola São Francisco é a que cobra as menores mensalidades no nível fundamental – fator que também pode estar relacionado aos acréscimos de alunos.

No mesmo ano da mudança de prédio da Escola São Francisco, o educandário Salis Goulart, considerada instituição filantrópica (ver quadro 4, p.364) também altera a sua estrutura física, mas, diferentemente do São Francisco, não constrói prédio próprio. Assim foi noticiada na imprensa a sua mudança de endereço:

[81] Posteriormente essa queda de quantidade de irmãs atuando nas instituições confessionais será discutida.

> **Um patrimônio de 170 anos está vago** – Depois de 58 anos instalado na esquina das ruas Félix da Cunha e Tiradentes, a Escola Salis Goulart irá mudar de endereço e deixar vago o prédio construído em 1835 que hospedou o Imperador Dom Pedro II, em 1865, e a Princesa Isabel em 1885. "Foi uma decisão muito difícil de tomar, pois este lugar é história pura, mas nossa opção era fechar ou lutar. Optamos por lutar e para isso precisamos de um local que possamos adequar às exigências da educação moderna", explica Helena Heloísa Manjourani Silva, 63 anos, diretora do Salis Goulart. A partir de janeiro a escola, que pertence a uma cooperativa educacional, irá funcionar na rua Andrade Neves, 2.929, entre as ruas Doutor Amarante e Padre Felício. O alto custo e as dificuldades de manutenção do sobrado - onde estudam 180 alunos da educação infantil até a 8ª série do ensino fundamental e trabalham 24 professores e funcionários - é o principal motivo da mudança de endereço da escola. As contas da direção dão conta de que a cada ano são gastos, em média, entre R$ 5 mil e R$ 6 mil para recuperar assoalhos e forros devorados por cupins, controlar infiltrações e fazer a manutenção da instalação elétrica e do madeiramento. A última grande reforma foi feita em 1975 com a ajuda da prefeitura. O futuro do imóvel, que pertence à Loja Maçônica Fraternidade nº 3 ainda não foi definido. Apenas uma coisa é certa: não será demolido. Pois pertence ao inventário dos prédios de relevância arquitetônica do município.
> ESCOLA QUER SE MODERNIZAR - Modernizar a estrutura e investir pesado na educação inclusiva é o principal desejo da direção do Salis Goulart que será facilitado com a mudança de endereço. "A escola poderá ser adaptada para cadeirantes e terá um espaço individualizado para a educação infantil", adianta a diretora. O novo prédio representa, ainda, a chance de manter vivo o sonho da mais antiga cooperativa educacional do Brasil, fundada em 1947 por iniciativa do casal de professores paulistas Celso e Gisela Sellas. A idéia agradou tanto, na época, que num primeiro momento 150 pais se associaram e formaram a cooperativa que deu origem à escola. Ainda hoje o Sallis Goulart mantém as características administrativas propostas por seus fundadores.
> PALÁCIO IMPERIAL - Construído em 1835 pelo arquiteto português João de Deus Castanheira como residência dos irmãos Domingos Rodrigues Ribas, João Rodrigues Ribas e Cecília Firmina Rodrigues Ribas Braga (que foi a condessa de Piratini, por ter sido esposa de João Francisco Braga, o conde de Piratini), o prédio ficou conhecido como o Palacete da Família Ribas. Em duas ocasiões foi elevado à condição de Palácio Imperial. A primeira em 1865 quando o imperador do Brasil, dom Pedro II e seus genros o Conde D'Eu e o Duque de Saxe se hospedaram ali por nove dias. Vinte anos depois, o palacete voltou a receber representantes da família real brasileira. Desta vez os hóspedes foram a princesa Isabel, seu marido o Conde D'Eu e seus filhos, o príncipe do Grão-Pará, dom Pedro de Alcântara e o príncipe dom Luiz de Orleans e Bragança [...] (DIÁRIO POPULAR, 07/12/2005).

As antigas instalações do colégio Salis Goulart são as mesmas que, no século XIX, abrigaram o primeiro endereço do Gymnásio Pelotense. Na entrevista concedida pela diretora do Colégio Salis Goulart ficou registrada, em seu discurso, a necessidade de uma atualização da instituição em busca da “moderna pedagogia”, além da adequação da escola ao acesso a alunos portadores de

necessidades especiais[82]. A qualidade do espaço físico é, portanto, muito divulgada no terceiro ciclo da educação privada. Os espaços em que a educação privada acontecia foram fruto de intensa divulgação por parte dos gestores.

Além da estrutura física, também se identificou a possibilidade de diversificadas formas de aprendizagem ofertadas pelo currículo das escolas. A Escola Mario Quintana, por exemplo, além de citar o espaço para aulas de culinária afirmava que existiam projetos de saúde que previam a saúde bucal de seus alunos. Assinava seus anúncios afirmando que *"Tem coisas que só a Mario Quintana tem"* como pode ser constatado nas próximas propagandas:

[82] É importante chamar a atenção de que a Constituição Federal Brasileira em seu artigo 5º estabelece que todos são iguais perante a lei. Já a Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, aprovou o Plano Nacional de Educação, cujo objetivo, entre outros, é o de promover a melhoria da qualidade de ensino, democratizá-lo e reduzir as desigualdades sociais. Para que sejam atingidos tais objetivos, há algumas metas a serem alcançadas, dentre essas se estabeleceu padrões mínimos de infraestrutura incluindo a possibilidade de acesso escolar às crianças portadoras de necessidades especiais.

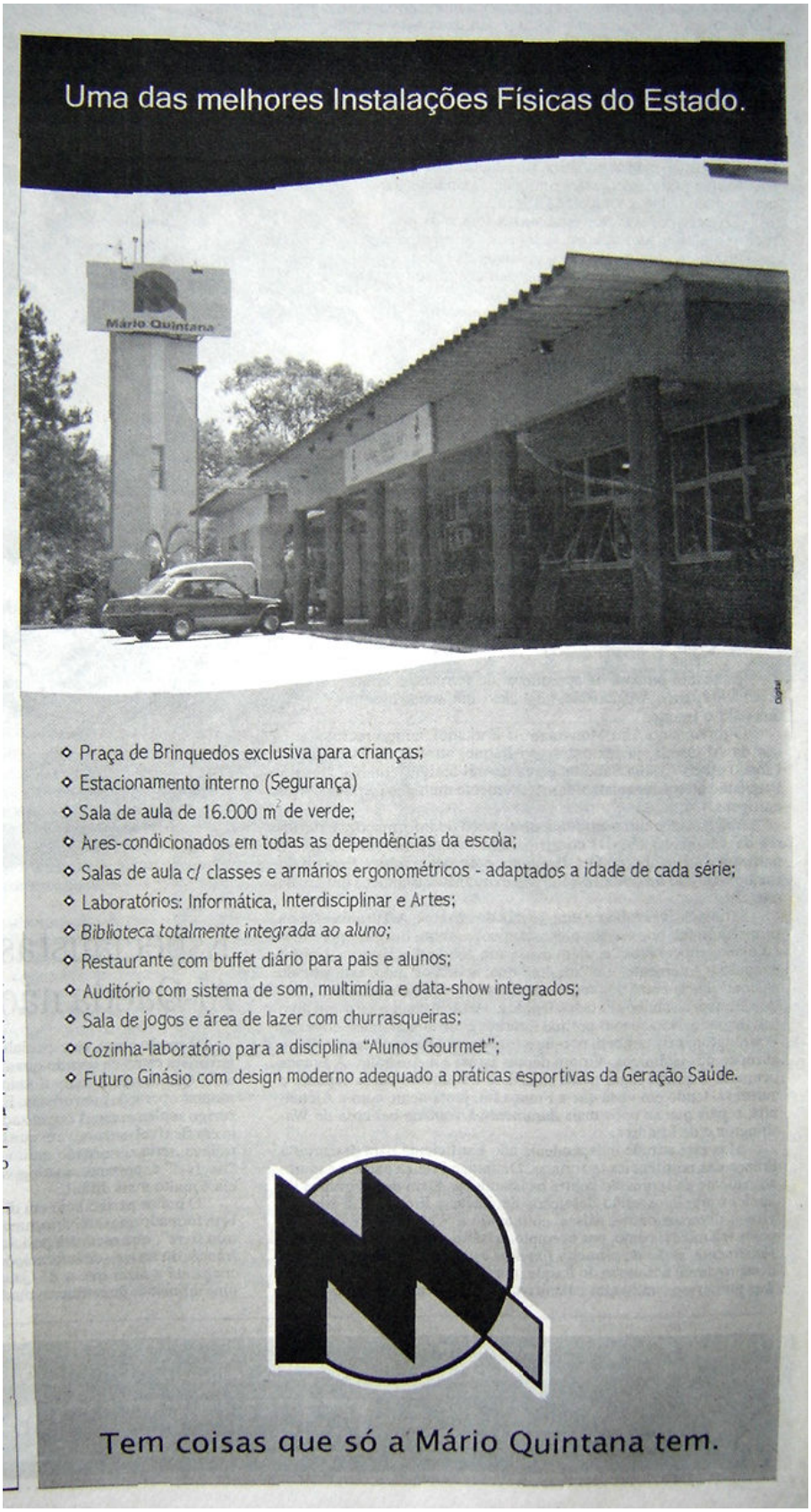


Figura 75 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 07/12/2003.

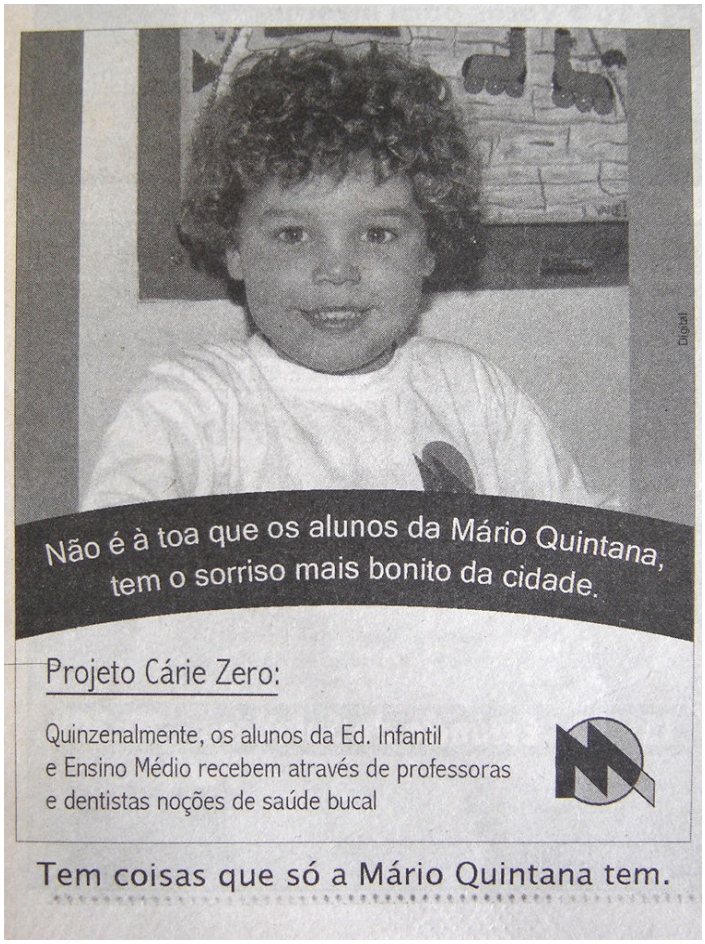


Figura 76 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 07/12/2003.

O cotidiano escolar no terceiro ciclo do ensino privado era, portanto, exposto à comunidade com certa regularidade. As campanhas começavam a ser divulgadas nos jornais sempre no período que antecediam as matrículas, ou seja, nos meses de julho além de dezembro e janeiro. Em alguns anos começavam em novembro e era bastante comum que as escolas, em datas comemorativas, publicassem propagandas transmitindo alguma mensagem relacionada à ocasião utilizando-se, portanto, de propagandas institucionais (ver quadro 1, p.98).

Ao cumprimentar seus alunos pelo dia da criança, por exemplo, a Escola Mario Quintana aproveitava a data para divulgar, mais uma vez, o espaço verde construído pela escola:



Figura 77 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 12/10/2009.

Aos poucos, com o auxílio das propagandas, essa escola vai apresentando à comunidade os seus diferenciais. O público-alvo, ao que tudo indica pelo crescimento da estrutura física dessa instituição, atende aos seus apelos fazendo dela uma das mais atuantes nos dias de hoje. Sobre o seu crescimento físico o seu gestor concedeu uma entrevista relatando os investimentos nesse setor, aproveitando a ocasião para criticar o benefício da filantropia concedido às instituições confessionais. Segundo ele:

> por filosofia, eu sou contra a filantropia nesse caso, pois ela incentiva a paralisia administrativa daqueles que desfrutam dela. Sem a filantropia, nossos concorrentes estariam em apuros. Seriam obrigados no mínimo a repensarem suas administrações, buscando permanecer no mercado, o que seria bom para a qualidade do ensino pelotense. Infelizmente, não é o que ocorre. Já que a Lei da Filantropia permanece em vigor, eu acho que deve ser submetida à fiscalização severa do Ministério Público. Enquanto isso não ocorrer, eu desconfio de filantropia com apoio do governo. Onde foi empregado o dinheiro do dito trabalho assistencial? Sou obrigado a questionar se o dinheiro é aplicado na comunidade ou na congregação? Afinal, a dita filantropia, em Pelotas, com dinheiro público, não é divulgada na imprensa, muito menos sabemos dos balancetes em questão. Enquanto isso, na Mario Quintana, nossos impostos continuam a subir à medida que crescemos, mesmo que o número de matrículas permaneça a mesmo – por opção pedagógica. Recentemente, por exemplo, nós dobramos a nossa área física. Passamos a pagar IPTU mais caro, embora tenhamos calçado duas ruas e outras benfeitorias nas

> Três Vendas. Já as filantrópicas podem aumentar suas instalações que não pagarão por isso (VALÉRIO, 2008).

Expondo à comunidade o seu ponto de vista, o gestor da Escola Mario Quintana além de provocar um debate sobre a ação social das instituições confessionais, faz lembrar o que já tinha sido explanado por esta pesquisa. O reflexo da defesa da Igreja Católica sobre o direito de que outros atores sociais tivessem permissão para explorar a atividade da educação, além do estado, foi uma conquista. Contudo, a legislação educacional fez uma diferenciação entre as escolas privadas de ensino empresarial e as filantrópicas. Em Pelotas, enquanto as escolas empresariais criticavam severamente o fato de não possuírem o mesmo benefício das confessionais, estas, por outro lado, argumentavam que tinham muitos gastos relacionados à manutenção da estrutura física. Em meio a essas discussões os preços da educação privada são estipulados e praticados.

Salienta-se ainda que desde a sua instalação a escola Mario Quintana apresentava anúncios com uma linguagem agressiva, em um primeiro momento do ponto de vista comercial. Em outras ocasiões, usava uma abordagem que afrontava a concorrência. Credita-se a essa escola o momento educacional em que as instituições de ensino passam a disputar declaradamente a atenção da comunidade. Suas diferenças de personalidade institucionais delineiam-se e são divulgadas nas propagandas. A entrevista concedida pelo gestor empresarial exemplifica esse momento de embate de ideias e de posturas diante da educação.

Observou-se também que a escola Mario Quintana, com o passar dos anos, começou a fazer ações de *Marketing* focando os aspectos pedagógicos da instituição, mas sempre deixando claro que ela se tratava de um negócio – um diferencial que não se observou nos anúncios das escolas confessionais.

Outro fator que está vinculado à criação da Escola Mario Quintana e fica evidente na análise dos periódicos é o retorno, na década de 1990, das escolas privadas aos jornais. Como já mencionado, por volta da década de 1940 até a de 1980 a quantidade de propagandas nos periódicos diminuiu. Os anúncios encontrados nesse período em grande parte eram de escolas confessionais, mostrando a força de sua atuação nessas décadas. Época em que o ensino público estava instituído e as escolas, acredita-se que por falta de concorrência,

apenas iam aos jornais avisar que o período letivo estava começando. Além disso, leva-se em consideração que as escolas confessionais tinham outros subterfúgios para atingir o seu público, seja por meio das missas ou mesmo através da imprensa dirigida a eles[83].

Com relação às propagandas divulgadas pelas instituições confessionais no final do século XX e princípio do XXI, identificou-se que seus textos apresentavam, não raro, um descontentamento com relação às abordagens das escolas geridas pelos empresários da educação. Com certa frequência, enquanto duas escolas respondiam a provocações mútuas, as confessionais abordavam dados sobre si, sem desmerecer o trabalho das outras escolas, como fez o colégio São José neste anúncio:



Figura 78 – Anúncio Colégio São José.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/12/2002.

Analisa-se essa postura como algo que fazia parte da Cultura Organizacional de uma instituição confessional, que não tratava a educação como um negócio. Além disso, reforçava a imagem perante a comunidade escolar, ou seja, a de que a escola fazia o melhor trabalho, era ética e não investia em

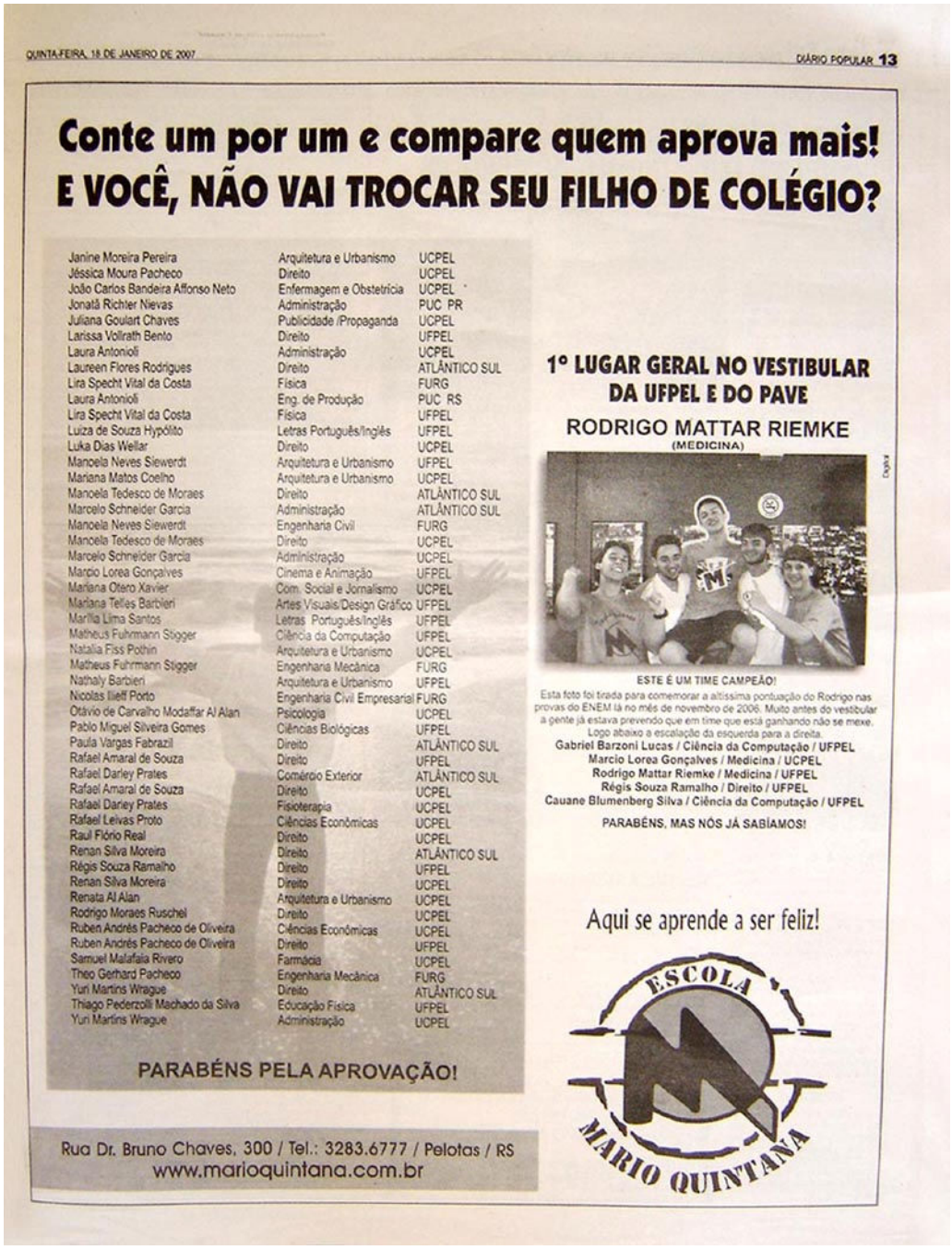
[83] Tais como os jornais Templário (Maçônico) e A Palavra (Católico) ambos editados em Pelotas respectivamente de 1920 a 1935 e de 1912 a 1959. O Templário foi responsável por divulgar os ideais maçônicos e a sua visão sobre a educação exercendo considerável influência sobre a opinião pública. Já o Jornal A Palavra pretendia divulgar os valores religiosos e extirpar da sociedade a influência maçônica positivista e comunista (AMARAL, 2003).

anúncios que desqualificassem as concorrentes. Contudo, cabe chamar a atenção de que esta postura não competitiva não durará por muito tempo. Aos poucos a escola São José começará a usar uma linguagem mais impositiva em suas propagandas. Posteriormente, essa situação será melhor explorada.

Além de provocar a concorrência, a escola Mario Quintana, ao longo de sua atuação, apresentava muitos anúncios dando ênfase à aprovação de seus alunos no vestibular. Por vezes, aproveitando para instigar os pais que não tinham seus filhos matriculados na escola, bem como a concorrência, ao afirmar os atributos da instituição – como foi identificado nas propagandas que seguem.



Figura 79 – Anúncios Escola Mario Quintana.
Fonte: Jornal Diário Popular, 16/01/2007.



QUINTA-FEIRA, 18 DE JANEIRO DE 2007 DIÁRIO POPULAR 13

Conte um por um e compare quem aprova mais!
E VOCÊ, NÃO VAI TROCAR SEU FILHO DE COLÉGIO?

Janine Moreira Pereira	Arquitetura e Urbanismo	UCPEL
Jéssica Moura Pacheco	Direito	UCPEL
João Carlos Bandeira Affonso Neto	Enfermagem e Obstetrícia	UCPEL
Jonatã Richter Nievas	Administração	PUC PR
Juliana Goulart Chaves	Publicidade /Propaganda	UCPEL
Larissa Vollrath Bento	Direito	UFPEL
Laura Antonioli	Administração	UCPEL
Laureen Flores Rodrigues	Direito	ATLÂNTICO SUL
Lira Specht Vital da Costa	Física	FURG
Laura Antonioli	Eng. de Produção	PUC RS
Lira Specht Vital da Costa	Física	UFPEL
Luiza de Souza Hypólito	Letras Português/Inglês	UFPEL
Luka Dias Wellar	Direito	UCPEL
Mancela Neves Siewerdt	Arquitetura e Urbanismo	UFPEL
Mariana Matos Coelho	Arquitetura e Urbanismo	UCPEL
Manoela Tedesco de Moraes	Direito	ATLÂNTICO SUL
Marcelo Schneider Garcia	Administração	ATLÂNTICO SUL
Mancela Neves Siewerdt	Engenharia Civil	FURG
Mancela Tedesco de Moraes	Direito	UCPEL
Marcelo Schneider Garcia	Administração	UCPEL
Marcio Lorea Gonçalves	Cinema e Animação	UFPEL
Mariana Otero Xavier	Com. Social e Jornalismo	UCPEL
Mariana Telles Barbieri	Artes Visuais/Design Gráfico	UFPEL
Marília Lima Santos	Letras Português/Inglês	UFPEL
Matheus Fuhrmann Stigger	Ciência da Computação	UFPEL
Natalia Fiss Pothin	Arquitetura e Urbanismo	UCPEL
Matheus Fuhrmann Stigger	Engenharia Mecânica	FURG
Nathaly Barbieri	Arquitetura e Urbanismo	UFPEL
Nicolas Ilieff Porto	Engenharia Civil Empresarial	FURG
Otávio de Carvalho Modaffar Al Alan	Psicologia	UCPEL
Pablo Miguel Silveira Gomes	Ciências Biológicas	UFPEL
Paula Vargas Fabrazil	Direito	ATLÂNTICO SUL
Rafael Amaral de Souza	Direito	UFPEL
Rafael Darley Prates	Comércio Exterior	ATLÂNTICO SUL
Rafael Amaral de Souza	Direito	UCPEL
Rafael Darley Prates	Fisioterapia	UCPEL
Rafael Leivas Proto	Ciências Econômicas	UCPEL
Raul Fiório Real	Direito	UCPEL
Renan Silva Moreira	Direito	ATLÂNTICO SUL
Régis Souza Ramalho	Direito	UFPEL
Renan Silva Moreira	Direito	UCPEL
Renata Al Alan	Arquitetura e Urbanismo	UCPEL
Rodrigo Moraes Ruschel	Direito	UCPEL
Ruben Andrés Pacheco de Oliveira	Ciências Econômicas	UCPEL
Ruben Andrés Pacheco de Oliveira	Direito	UFPEL
Samuel Malafaia Rivero	Farmácia	UCPEL
Theo Gerhard Pacheco	Engenharia Mecânica	FURG
Yuri Martins Wrague	Direito	ATLÂNTICO SUL
Thiago Pederzolli Machado da Silva	Educação Física	UFPEL
Yuri Martins Wrague	Administração	UCPEL

PARABÉNS PELA APROVAÇÃO!

Rua Dr. Bruno Chaves, 300 / Tel.: 3283.6777 / Pelotas / RS
www.marioquintana.com.br

1º LUGAR GERAL NO VESTIBULAR DA UFPEL E DO PAVE

RODRIGO MATTAR RIEMKE
(MEDICINA)

ESTE É UM TIME CAMPEÃO!

Esta foto foi tirada para comemorar a altíssima pontuação do Rodrigo nas provas do ENEM lá no mês de novembro de 2006. Muito antes do vestibular a gente já estava prevendo que em time que está ganhando não se mexe. Logo abaixo a escalação da esquerda para a direita.

Gabriel Barzoni Lucas / Ciência da Computação / UFPEL
Marcio Lorea Gonçalves / Medicina / UCPEL
Rodrigo Mattar Riemke / Medicina / UFPEL
Régis Souza Ramalho / Direito / UFPEL
Cauane Blumenberg Silva / Ciência da Computação / UFPEL

PARABÉNS, MAS NÓS JÁ SABÍAMOS!

Aqui se aprende a ser feliz!

ESCOLA MARIO QUINTANA

Figura 80 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: Jornal Diário Popular, 18/01/2007.

Chama atenção, também, o *slogan* utilizado nos anúncios "*Aqui se aprende a ser feliz*". Felicidade, até então, não tinha sido ofertada de maneira explícita pelas escolas. O educandário extrapola, ao que parece, a sua função institucional afirmando que também ensinava os alunos a serem felizes. A criança ou o adolescente feliz na instituição era comumente explorado nas fotografias incluídas nas propagandas. É compreensível a afirmação de que seus alunos

eram felizes e que esse fato fosse divulgado no anúncio. No entanto, entende-se como um exagero da oferta institucional a afirmativa de um ensino para a felicidade. De todo modo, como já abordado, é a partir da visão de mundo do consumidor que a propaganda será captada e reelaborada. Sendo assim, é possível que pessoas acreditassem nesse discurso da capacidade de uma escola ensinar um aluno a ser feliz.

No terceiro anúncio seriado apresentado, a escola utiliza uma chamada que desafia os pais com relação à concorrência *"Conte um por um e compare quem aprova mais! E você, não vai trocar seu filho de colégio?"*. A escola chama a atenção dos pais transferindo a eles a responsabilidade do sucesso ou insucesso de seu filho. Isso porque a opção pela escola está intimamente relacionada à tomada de decisão dos pais. Se por um lado alguns responsáveis viessem a ficar tocados com esta mensagem, por outro, poderia também causar antipatia à escola – uma vez que essa estava tentando interferir nas opções dos pais ou responsáveis.

Como o referido anúncio era focado no ensino médio, acredita-se também que o jovem que quisesse estudar na escola Mario Quintana poderia se utilizar do argumento da propaganda para convencer seus pais de lhes matricular em tal instituição, uma vez que nela os alunos são aprovados.

O aluno retratado no terceiro anúncio, anteriormente exposto, é conduzido por seus colegas como um campeão. A escola, por sua vez, reforçava essa imagem afirmando, de maneira textual, que esse era um campeão visto que tinha sido aprovado em primeiro lugar no vestibular de uma instituição pública de ensino. A construção dessa imagem de vencedor começou, então, a ser reproduzida pelas escolas em suas propagandas. Diante dessa prática, recorre-se ao estudo de Salerno e Cunha (2011, p.132) quando lembram que "a indústria cultural, através dos meios de comunicação, modela o imaginário, cria e introjeta personagens, atitudes, ideais".

Além da construção da imagem do aluno como um vencedor, há também outro aspecto identificado com frequência nas propagandas, ou seja, os nomes das instituições de ensino superior em que os alunos eram aprovados. Mesmo que em alguns momentos as instituições privadas fossem listadas, eram sempre as públicas as que recebiam maior destaque. Enquanto se verifica que no

Brasil há um sucateamento[84] do ensino público fundamental e médio, é no ensino superior público o interesse e o foco das ações das instituições privadas de nível fundamental e médio.

Ainda com relação às disputas entre as escolas explicitadas pelas provocações contidas nas propagandas, no ano de 2002 o Colégio La Salle Gonzaga, escola confessional, lançava um novo *slogan*: "*A gente não nasceu ontem*". Utilizou, então, um recurso dentro da propaganda para ressaltar seus aspectos mais competitivos com relação ao que existia no mercado – e que era oferecido pela concorrência, ou seja, a tradição. O enfoque do anúncio dava-se na tradição da escola, apresentando um argumento lógico-emocional, tanto ao utilizar a imagem de uma criança em desenvolvimento, quanto mostrando números de atuação da instituição La Salle.

Torna-se importante destacar que esse era o início de um ano letivo, período em que as escolas mais frequentemente publicavam anúncios, justamente para um chamamento às matriculas.



Figura 81 – Anúncio Colégio La Salle Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 27/01/2002.

Ocorre que no ano de 2002 os vestibulares se arrastaram até o final do mês de janeiro. A escola Mario Quintana, então, apresentou uma resposta ao anúncio do Colégio Gonzaga. Para isso publicou um anúncio de página inteira

[84] Para mais, ler Caregnato (2004), Andrich (2006), Bravin (2009).

chamando a atenção de que o seu calendário escolar estava condicionado aos alunos do “terceirão” – expressão utilizada pela escola para os alunos que frequentavam o último ano do ensino médio. Assim, seis dias depois da publicação do anúncio do Colégio La Salle Gonzaga, a escola Mario Quintana publicava sua resposta fazendo a seguinte afirmação: "*Abandonar os alunos na reta final e deixá-los desamparados quando mais precisam é típico de quem vende uma imagem tendo outra (sabemos quais Colégios tradicionais fazem isso na cidade). Uma escola que faz história e não vive dela mantém-se junto dos seus alunos até o último dia de qualquer prova (esse é o exemplo da Escola Mario Quintana*).



Figura 82 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 01/02/2002.

Como pode ser percebido, a Escola Mario Quintana utilizou o argumento de *"ter história"* apresentado pelo Colégio Gonzaga, focando em seu anúncio outra versão da palavra "tradição", ou seja, usando o sentido de ultrapassado. Dias depois, ao comemorar 107 anos, o Colégio Gonzaga publica uma nova propaganda em resposta à provocação da Escola Mario Quintana. No

anúncio convidava a comunidade para os festejos da passagem de seu aniversário. Em tal propaganda afirmava que fazia parte do “hoje”. A chamada do anúncio destacava a seguinte afirmativa: “*Há 107 anos éramos futuro. Hoje somos presente*”.

É curioso observar que a estratégia do Colégio Gonzaga, ao que tudo indica, ainda sob a gestão confessional, era utilizar um atributo que eles entendiam relevante, qual seja: ter experiência em educação, ter tradição. Não ter nascido ontem como apregoava o seu *slogan*. No entanto, a concorrência foi implacável e tratou de desqualificar essa tradição.



Figura 83 – Anúncio Colégio La Salle Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 25/02/2002.

Dando continuidade às disputas declaradas entre essas duas instituições, a Escola Mario Quintana divulgava um novo anúncio promovendo a

carga horária de estudos que ofertava aos seus alunos. Utilizando-se de um argumento lógico-racional apresentava uma tabela em que destacava a carga horária por disciplina. O texto era provocativo aos pais, desafiando-os a comparar o que estava sendo ofertado pela escola com relação à concorrência.

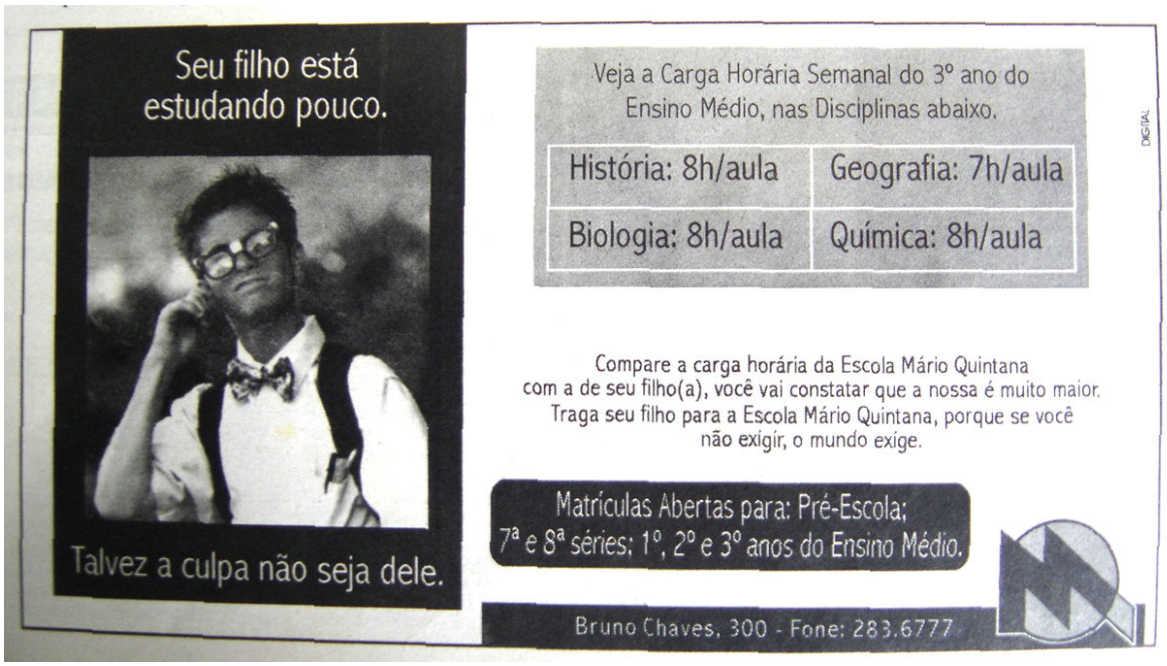


Figura 84 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 02/12/2002.

Em uma entrevista concedida no ano de 2008 o proprietário da escola Mario Quintana explica o porquê dessa campanha:

> Em 1995, percebemos que os principais concorrentes, colégios São José e Gonzaga, haviam parado no tempo, em prejuízo do principal capital, o humano. Por exemplo, nessas escolas a carga horária de matérias era muito reduzida. Isso comprometia a formação dos estudantes, que chegavam fragilizados ao vestibular. História e Geografia eram disciplinas oferecidas de uma forma intercalada ano a ano. Se olharmos os boletins da década de 80 e 90, veremos que os egressos do São José e do Gonzaga tiveram seqüelas imensas nessas áreas [...] De saída, dobramos e até triplicamos o tempo de estudo naquelas e em outras matérias. Foi um diferencial importante. Desde o princípio, procuramos fazer um trabalho sintonizado com as técnicas mais avançadas de administração, tendo por foco a qualidade. Nesse sentido, adotamos outra providência aparentemente menos importante, mas de grande ganho: inauguramos na cidade o sistema de verificação de freqüência dos alunos por cartão de leitura magnética. Por que isto? Porque o tempo gasto com a chamada oral em sala de aula consome uma carga horária enorme de aulas perdidas. Este procedimento sintetiza o nosso compromisso com o modelo educacional que adotamos. Claro que essas mudanças não foram assimiladas do dia para a noite. Os pais, com direito, preocupam-se onde matricular seus filhos. Por isso, tivemos de fazer um trabalho de esclarecimento sobre a importância da nossa proposta pedagógica, pois eles estavam acostumados com a situação

> vigente há décadas nos colégios tradicionais. Pouco a pouco, porém, as matrículas foram aumentando, ao ponto em que nos encontramos, com uma taxa de matrícula acima da concorrência. Ah, sim. Na Mario Quintana, não temos “feriadão” (VALÉRIO, 2008).

É evidente que ao conceder uma entrevista, o empresário destacou o que de melhor a instituição oferecia. Indispensável é analisar que a escola fundada no ano de 1995 tinha um gestor com visão de mercado, que buscava ofertar aos alunos diferenciais competitivos em relação às duas instituições confessionais estabelecidas na cidade. O esclarecimento de que seria difícil a troca de uma instituição conhecida por um projeto novo desarticulou a organização privada nesse momento, uma vez que passou a contar com um novo ator institucional que possuía um modelo educacional próprio.

Diante de uma série de anúncios divulgados pela escola Mario Quintana, em que o foco se dava no aluno e em seus resultados, o colégio confessional La Salle Gonzaga, dias depois, divulgava o seguinte anúncio:

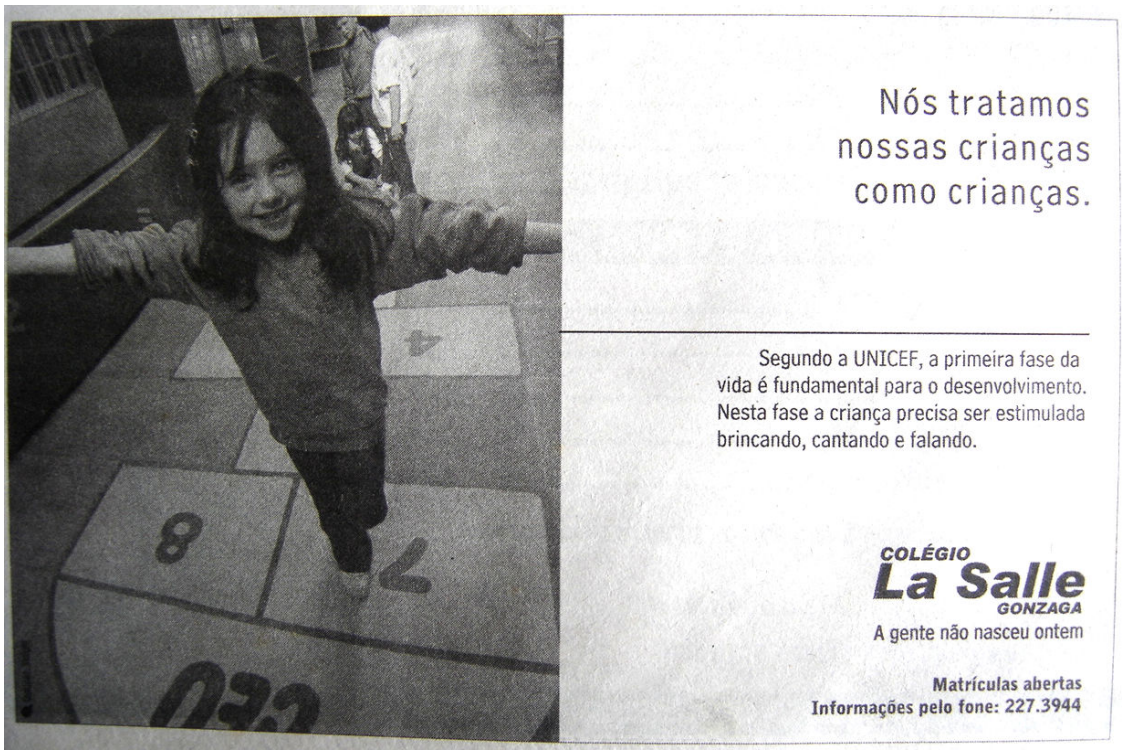


Figura 85 – Anúncio Colégio La Salle Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 05/12/2002.

Apesar de não ser uma disputa explícita, verificou-se que o Colégio Gonzaga mudava a abordagem até então usada e começava a focar seus textos no humano, no desenvolvimento integral de seu aluno – opondo-se aos textos da

Escola Mario Quintana que, nesse momento, estavam todos centrados na aprovação e em transformar o aluno em um “campeão”.

Verifica-se essa postura também nos anúncios do Colégio São José, outra instituição confessional. Nessa época, como já indicado, não apresentavam, em sua maioria, um texto hostil. Chamou a atenção o fato de que a escola não tinha os seus anúncios assinados. Ou seja, no canto superior direito da propaganda não aparece o nome da agência ou profissional que elaborou a peça publicitária. Ao que tudo indica, essa escola não contratava uma Agência de Propaganda para fazer seus anúncios, diferentemente das apresentadas pelas escolas Mario Quintana e Gonzaga. Entende-se que esse fato é relevante levando-se em consideração que algumas escolas tratavam a sua comunicação tão a sério que contratavam um profissional para isso. São estes profissionais que, muitas vezes, pensavam nas ações comunicativas das escolas. O conceito divulgado no anúncio sem dúvida alguma parte normalmente da escola, mas a elaboração de um texto cuidadoso, uma imagem estrategicamente pensada são frutos de uma formação com essas competências – e isso uma empresa de comunicação poderia oferecer às instituições. Essa profissionalização da educação privada ao se utilizar de empresas para gerir a sua comunicação é fruto de uma sociedade que valoriza as estratégias de *Marketing* Educacional, compreendendo, assim, que essas ações são tão importantes quanto a atuação da escola. Por outro lado, como anteriormente discutido, de nada adianta uma propaganda bem elaborada se o serviço que está sendo ofertado não atingir as expectativas do consumidor.

As condições de produção das propagandas, documento fundamental no presente estudo, são, portanto, importantes de serem analisadas uma vez que, segundo Le Goff: (1996, p. 547-548),

> é necessário uma crítica interna, um esforço de consideração das condições de produção histórica e da intencionalidade dos documentos O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço

> das sociedades históricas para impor ao futuro [...] determinada imagem [...]

Os anúncios de escolas assinados por empresas de comunicação começam a surgir em Pelotas na década de 1990, como pode ser verificado no quadro 1 (p.96), período em que as primeiras agências de renome vão se instalar na cidade. Essa gestão da comunicação é fruto, portanto, do terceiro ciclo identificado por esta pesquisa.



Figura 86 – Anúncio Colégio São José.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 19/12/2002.

Percebe-se, então, que muitas vezes as escolas concorrentes atendiam às provocações e divulgavam anúncios em resposta aos argumentos da Escola Mario Quintana. O que se verifica é que tanto o Colégio Gonzaga, que até o ano de 2004 era uma instituição confessional, quanto o Colégio São José, se esforçavam para manter uma postura em suas respostas que preservasse as suas imagens institucionais. Um exemplo disso ocorreu no ano de 2002 quando o colégio La Salle Gonzaga divulgou a seguinte propaganda, que chama atenção não só pelo texto, mas pelo *slogan*: "*Também uma tradição em aprovação no vestibular*".

Com assinatura



Figura 87 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 06/12/2002.

As campanhas do ano de 2002 do Colégio Gonzaga, dois anos antes do quase fechamento da escola, tiveram por foco chamar a ênfase na tradição do colégio em Pelotas. O que se questiona é pensar no mercado consumidor da educação privada nesse momento. Será que era isso o que esse consumidor da educação do século XXI queria? Tradição?

Em 2004, um ano antes do fechamento do Colégio Anglicano Santa Margarida, essa escola também apostou no argumento “tradição”. Chama-se atenção aqui de que o colégio já vinha enfrentando problemas financeiros e tinha acabado de mudar de administração. Ocorre que, como explanado anteriormente, fui contratada como profissional autônoma para realizar uma série de trabalhos na área da comunicação para a instituição. Lembro de participar de uma reunião em que, por ética profissional, chamei a atenção de que a propaganda não era a “salvadora do mundo” e que a escola não poderia, em um único anúncio, colocar muitas informações, tão pouco publicá-lo uma única vez e acreditar que a

mensagem seria captada tal como a instituição desejava. Sem recursos para investir em produção de imagens, optou-se por ilustrar a propaganda com fotografias do acervo da escola. Nesse momento, o conceito do anúncio solicitado pelos gestores da instituição deveria focar a tradição dessa escola, mas, ao mesmo tempo, indicar que ela passava por um processo de renovação a partir daquela nova administração.

Para isso, solicitaram-me a criação de um novo logotipo para a instituição, o que, mais uma vez, foi debatido com os gestores. Criar uma identidade visual e torná-la conhecida leva-se muito tempo, além de pesados investimentos financeiros. Mudar a marca de uma instituição de ensino conhecida na cidade exigiria todo um preparo e apresentação dessa nova identidade para a comunidade interna e externa e isso teria um alto custo. Infelizmente esse foi um trabalho apressado. O *slogan* criado para a instituição foi "*Em uma nova direção*" trabalhando o duplo sentido de direção caminho e direção gestão. Já o logotipo procurou destacar a palavra "Santa" forma carinhosa pela qual o colégio era conhecido. Uma série de quatro anúncios foi publicada e em cada um deles um aspecto da instituição e da visão da nova gestão foram explicitados, como pode ser verificado na propaganda que segue:



Figura 88 – Anúncio Colégio Santa Margarida.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 18/12/2004.

É importante refletir que os gestores queriam dar à escola uma imagem atual que, até então, era característica da concorrência. Ao mudar a marca buscaram forçosamente criar uma nova identidade para a instituição, que apesar de tradicional na cidade, estava adaptada ao contexto atual, oferecendo ao público o que entendiam que esse desejava: uma instituição atualizada e qualificada. Infelizmente os esforços concentrados em comunicação não foram suficientes para impedir o seu fechamento, como será explicitado posteriormente nesta tese.

Verifica-se, portanto, que enquanto as escolas confessionais ofertavam tradição, as geridas pelos empresários apresentavam tecnologia, infraestrutura diferenciada e preocupação constante com o resultado de seus alunos. Sendo assim, o mercado do ensino privado separou-se em dois nichos[85]: escolas com tradição e escolas modernas. Em alguns momentos também foi possível analisar que aquelas consideradas tradicionais buscavam uma imagem de modernidade. Enquanto as ditas modernas investiam em uma imagem de tradição.

Além disso, entende-se que a criação da Escola Mario Quintana na cidade de Pelotas foi um marco para o distanciamento que as escolas geridas pelos empresários obtiveram das confessionais. Ela se instaura na cidade ofertando uma nova possibilidade de educação, que incluía desde a tecnologia à estrutura física e pedagógica diferenciada, além da seguinte visão institucional: transformar os seus alunos em vencedores. Percebe-se que a todo o instante a Escola Mário Quintana deixou bem claro a sua visão e missão. Em um determinado momento, de tanto as concorrentes insistirem na temática “tradição”, a escola apresentou uma série de anúncios mostrando quais eram as suas tradições:

[85] Nichos são segmentos de mercado que vão se caracterizar mediante a demanda e perfil de seus consumidores.



Figura 89 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 14/11/2010.



Figura 90 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 23/11/2010.



Figura 91– Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 30/11/2010.



Figura 92– Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 15/11/2010.



Figura 93– Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/11/2010.



Figura 94– Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/11/2010.

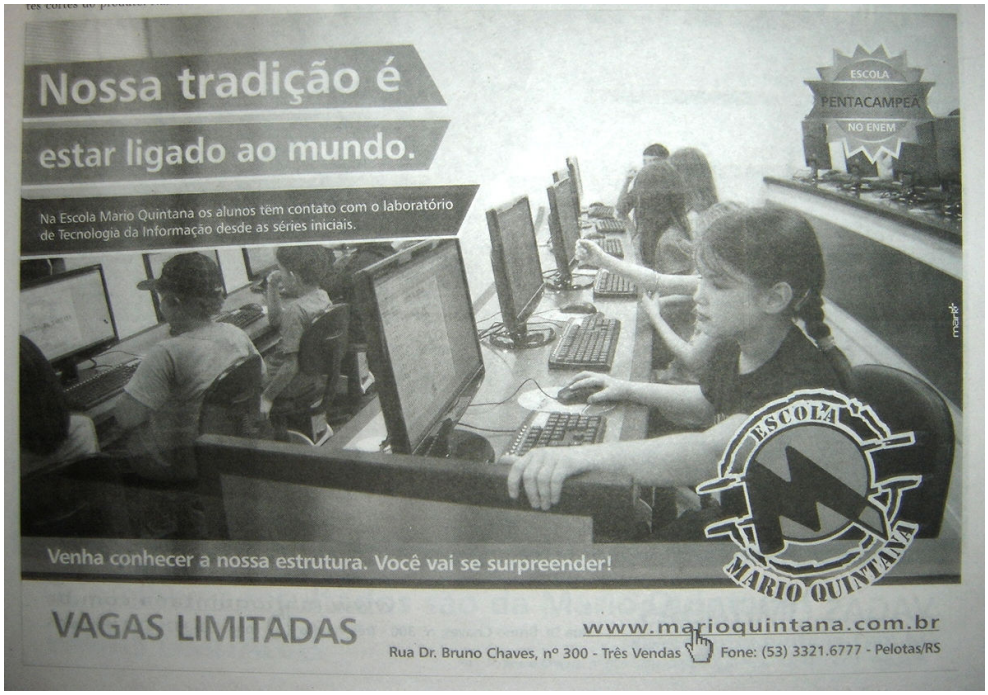


Figura 95– Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/11/2010.

Ao analisar esse conjunto de anúncios chama-se a atenção, mais uma vez, para o fato de que a propaganda expõe o ambiente interno escolar para o externo. Contudo, leva-se em consideração que a exposição só ocorre em função de a instituição querer divulgá-la, uma vez que, a propaganda, explora o que de melhor um produto ou um serviço tem a oferecer. De toda forma, essa exibição do cotidiano escolar com o advento da fotografia tomou uma dimensão até então não identificada. O ambiente escolar, que antes era descrito pelas instituições privadas especialmente do primeiro ciclo, passa a ser registrado, (re)construído[86] e divulgado por meio de fotografias.

Investigações sobre os aspectos do ambiente escolar tornaram-se fruto de muitas pesquisas em História da Educação. Em função desse interesse, o foco de análise muitas vezes se dá na disciplina escolar, uma vez que geralmente é descrita nos documentos e nos relatos de ex-alunos, por exemplo. Nesse conjunto de anúncios o registro das atividades escolares permite visualizar momentos de leitura, uso de laboratórios, oferta de aulas de xadrez, atividades esportivas integradas entre pais e alunos e ações recreativas. Ou seja, um conjunto de atividades exercitadas no ambiente escolar e que, por meio das

[86] Para mais, ler Barthes (1894).

propagandas, são intencionalmente divulgadas ao público externo. Sobre esse aspecto, Julia (2001, p.12) tece as seguintes considerações:

> É de fato a história das disciplinas escolares, hoje em plena expansão, que procura preencher esta lacuna. Ela tenta identificar, tanto através das práticas de ensino utilizadas na sala de aula como através dos grandes objetivos que presidiram a constituição das disciplinas, o núcleo duro que pode constituir uma história renovada da educação. Ela abre, em todo caso, para retomar uma metáfora aeronáutica, a "caixa preta" da escola, ao buscar compreender o que ocorre nesse espaço particular.

É um espaço particular que se exterioriza, na medida em que fragmentos da sua intimidade são revelados nos anúncios. Estes, contudo, auxiliam na constituição da imagem institucional da escola. A intenção é, provavelmente, que a campanha exposta opere na sedimentação das atividades desenvolvidas pela escola frente ao público potencial. Em uma cidade que tanto preza pela tradição, essa instituição se viu instigada a expor que durante seus anos de existência constituiu um trabalho qualificado. E, mesmo não tendo cem anos de atuação e, às vezes por isso mesmo, possui um ensino diferenciado. Sobre as vantagens que uma instituição tradicional poderia ter na cidade de Pelotas o proprietário da Escola Mario Quintana fez a seguinte observação:

> Apesar da evolução do conhecimento e da tecnologia, Pelotas ainda é uma cidade conservadora em muitos aspectos. Há sempre uma desconfiança no "novo". Mas a mudança de visão não é impossível. Eu diria até que, no fundo, a maior parte da população anseia pela modernidade. Nós somos uma prova, ao ponto de termos conquistado alunos até mesmo de fora de Pelotas. Embora nossas mensalidades sejam mais altas do que as praticadas pela concorrência, nós temos, além dos alunos pelotenses, a maioria, estudantes de Bagé, Canguçu, São Lourenço, Arroio Grande, Rio Grande etc. (VALÉRIO, 28/08/2008).

Como anteriormente abordado, essa instituição mostrava os seus diferenciais acreditando que existiria público para o que estava oferecendo. Ao analisar as propagandas das escolas, que não costumavam mostrar sua estrutura de forma tão explícita, constata-se que no campo educacional privado as instituições se auto-regulam ditando o padrão de qualidade do ensino.

Diante dessa série de anúncios, destaca-se, também, que o ensino privado nas últimas décadas do século XX bem como na primeira década do século XXI utilizou-se muito da imagem dos alunos. Expondo-os em propagandas, estes se tornam "garotos propaganda" das escolas. Elas usam as imagens dos

discentes mostrando ao público que os alunos ali preparados atingem bons resultados e estão preparados para a vida.

O Colégio Gonzaga foi uma instituição que usou esse recurso. No ano de 2011 divulgou uma série de propagandas (ver também fig.19) em que os alunos, além de cederem a sua imagem, testemunharam a favor do colégio. É importante observar também que nas próximas propagandas a escolha dos discentes não se deu ao acaso. São dois ex-alunos do ensino médio que, naquele momento, começariam a frequentar, respectivamente, os cursos de Direito e de Medicina. A estratégia foi, além de mostrar que a escola qualificava seus alunos para vagas em cursos disputados, utilizar dois jovens alunos em busca de uma identificação por parte dos futuros discentes do ensino médio, como pode ser verificado nos anúncios que seguem:





Figura 96– Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 20/03/2011.
Figura 97– Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 20/03/2011.

Cabe destacar, nos testemunhais apresentados, que a postura adotada pela instituição se reflete no texto dos discentes, ou seja, os argumentos de conhecimento e valores que também são pregados pelo colégio foram citados pelos alunos.

Verifica-se também que as fotografias dos alunos são produzidas, esse fato é percebido porque o nome do fotógrafo está presente no anúncio localizado no canto superior direito. Na imagem, os ex-alunos apresentam um semblante de felicidade e ao fundo o prédio do Colégio Gonzaga é retratado fazendo um vínculo dessa satisfação com a escola.

É relevante chamar a atenção de que muitas das escolas de ensino fundamental possuem também o ensino médio. Quando o aluno cursa esses dois níveis de ensino em uma mesma instituição, essa, por sua vez, destaca este fato com frequência. Essa exposição, consentida pelos pais ou responsáveis, tornam esse grupo apoiadores da instituição uma vez que auxiliarão na divulgação da mesma. Em uma pesquisa para a realização de um trabalho de conclusão de curso, pais de quatro instituições privadas de ensino foram questionados da seguinte maneira: *"Você aceita que a imagem de seu filho seja divulgada na mídia?"* O resultado indicou que 54,5% dos pais aceitam a exposição enquanto 36,4% disseram que não e 9,1% não respondeu. Dentre as justificativas do aceite, estão, por exemplo*: "dependendo da mensagem sim", incentiva o aluno nos estudos", "prova que o desempenho dele é bom", "depende da vontade dele"* (SCHNEIDER, 2007, p.108).

Assim como existiram diferentes perfis de escolas em Pelotas, que se posicionavam por atributos díspares, seja pela tradição, pelo preço, pelo tamanho, pela qualidade, etc. também tinham perfis de consumidores para os diferentes tipos de escolas (ver quadro 4, p.364). Destaca-se aqui alguns anúncios que retratam essa afirmativa. São propagandas de instituições privadas com um porte menor e com propostas pedagógicas específicas. Esse grupo de escolas, cujo volume de propagandas anunciado era bem menor do que o exposto pelas escolas de maior porte (ver quadro 4, p.364), fazia algumas ações promocionais para o seu público-alvo, mas não costumava criticar a concorrência. Acredita-se que isso ocorria porque essas não tinham estrutura nem perfil para competir, mas buscavam o seu nicho de mercado.



Figura 98 – Anúncio Escola Érico Veríssimo e Castelinho do Saber.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 25/12/2008.



Figura 99 – Anúncio Escola Érico Veríssimo e Castelinho do Saber.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 13/12/2009.

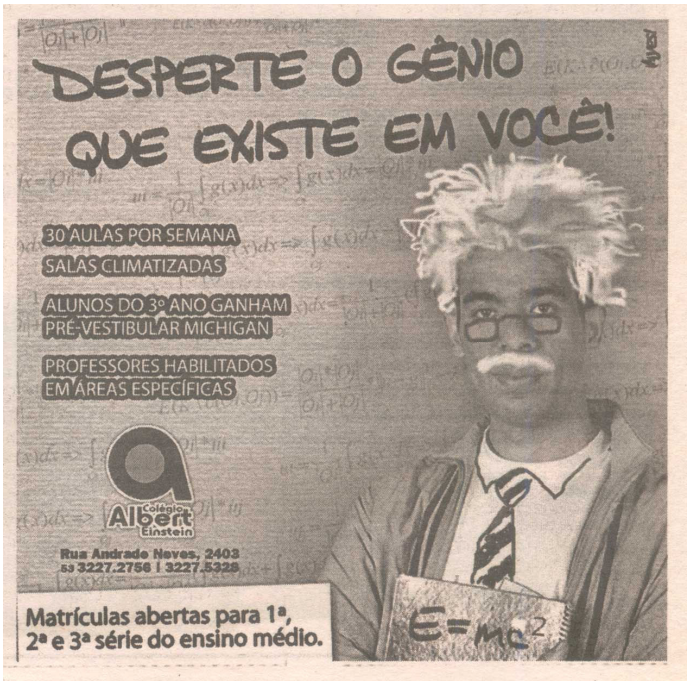


Figura 100 – Anúncio Colégio Albert Einstein.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 17/12/2008.

Outro aspecto importante difundido inicialmente pelas instituições geridas pelos empresários da educação refere-se aos resultados obtidos pelos alunos, seja no vestibular, Enem ou PAVE[87] – Programa de Avaliação da Vida Escolar. Os índices conquistados pelos discentes demarcam esse momento educacional em que as escolas divulgavam, com frequência, as conquistas de seus alunos. Esse ranqueamento instituído pelo poder público acabou sendo utilizado por muitas instituições privadas – haja vista que os alunos de algumas delas começam a obter as melhores classificações. A avaliação da vida escolar dos discentes promovida pelo Ministério da Educação colocou uma lente de aumento no trabalho desempenhado pelo setor privado, ilustrando, com isso, que cada vez mais essa esfera de ensino se distancia da educação pública.

Com isso, os gestores das instituições em que os alunos são bem avaliados não tardaram em divulgar os resultados para a comunidade. Desde a

[87] O PAVE, lançado no ano de 2004, tornou-se, segundo o Governo Federal, uma modalidade alternativa de seleção para os cursos de graduação, constituindo-se em um processo gradual e sistemático que acontece ao longo do Ensino Médio, alicerçado na integração entre a educação básica e a superior, visando à melhoria da qualidade do ensino. O PAVE permite o acompanhamento das aprendizagens construídas pelo aluno durante o Ensino Médio, motivando-o a buscar um melhor desempenho durante o processo. As notas obtidas pelo aluno no PAVE são levadas em consideração no ingresso ao ensino superior.

criação do Enem foi possível encontrar nas páginas do Diário Popular propagandas que exploravam a classificação, como as que seguem:



Figura 101– Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 23/08/2009.



Figura 102 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 01/08/2010.



Figura 103 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 16/01/2007.

Na próxima propaganda, o Colégio Gonzaga chamava a atenção de que o segundo lugar também deveria ser comemorado. Com um discurso incisivo sobre a formação integral de seus alunos apresentava um texto cumprimentando o discente pela conquista do segundo lugar no PAVE. Assim, aproveitou a propaganda para mostrar como a escola se diferenciava no mercado. *"Para nós o ensino não se limita à intelectualização: ensinar é também humanizar; é formar um cidadão ético e responsável, capaz de contribuir para um mundo mais justo [...] Portanto nossos alunos destacam-se pelos seus desempenhos com excelentes notas tanto quanto pela conduta ética, pelos nobres valores e pelo*

caráter exemplar que tanto nos diferencia e nos orgulha". Como pode ser verificado no anúncio que segue:



Figura 104 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 16/01/2007.

Em contrapartida, no ano de 2010, a Escola Mario Quintana divulgou um anúncio de página inteira mostrando que o primeiro lugar do PAVE tinha sido conquistado por um aluno da escola. Na imagem, o discente estava com uma pose de campeão e o texto acompanha essa postura *"Nosso campeão no PAVE"*. É interessante observar ainda que no topo da propaganda a seguinte frase é

destacada *"Neste ano a **história** não podia ser diferente"*. Como é possível verificar na propaganda que segue:



Figura 105 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 17/01/2010.

Mais uma vez a escola Mario Quintana associa a "história" à sua trajetória, afirmando assim que a tradição da escola é a aprovação. Trata-se, portanto, de uma provocação direta às instituições de ensino com mais tempo de atuação na cidade. É possível também identificar o vínculo que a escola buscava ter com os pais, indicando que graças à confiança deles na instituição o aluno atingia bons resultados, transferindo, portanto, a responsabilidade das conquistas

dos discentes às escolhas realizadas pelos pais. Instigavam, também, que outros pais fizessem o mesmo quando destacavam que *"Seu filho merece os melhores resultados"*.

Nas próximas propagandas (ver Figs. 106 e 107) a Escola Mario Quintana chegou a fazer uma retrospectiva para lembrar a comunidade de que não foi apenas naquele ano que seus alunos conquistaram bons resultados.



Figura 106 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 02/12/2010.



Figura 107 – Anúncio Escola Mario Quintana[88].
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 19/02/2009.

No último anúncio (ver Fig. 107), listou uma série de vantagens da instituição, incluindo a formação de seus professores e encerrando com um chamamento aos pais. Apesar de saber que em qualquer instituição as vagas são

[88] Apesar de não ser comum, este anúncio apresenta um equívoco na língua culta. Essa situação também foi verificada em outra propaganda. É um fator que pode acontecer, mas que não deveria principalmente por se tratar de uma instituição de ensino. Mesmo que se saiba que a propaganda foi elaborada por uma empresa, entende-se que o cuidado dessa deveria ter sido redobrado.

limitadas, a Escola Mario Quintana começou a utilizar a expressão *"vagas limitadas"* em todas as propagandas que chamavam para matrículas, provavelmente na tentativa de instigar a prontidão dos pais em garantir uma vaga aos filhos.

No ano de 2009, por sua vez, a Escola Santa Mônica, pela primeira vez, ficou em primeiro lugar na classificação do Enem e não tardou em divulgar várias propagandas destacando tal realização.

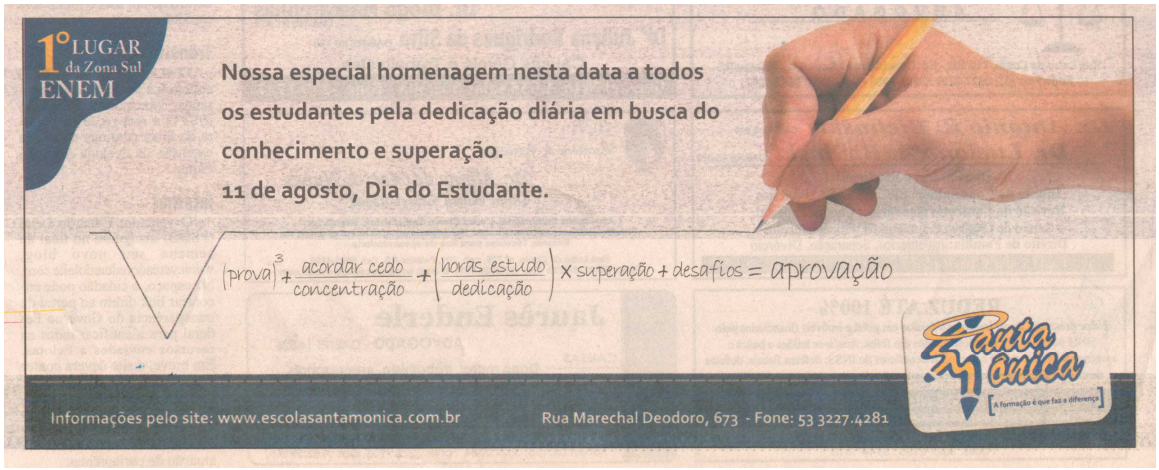


Figura 108 – Anúncio Escola Santa Mônica.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 11/08/2009.

No ano de 2010, ao retomar uma posição importante na classificação das escolas do Rio Grande do Sul, a Escola Mario Quintana apresentava um trecho de uma matéria divulgada pelo Jornal Zero Hora da cidade de Porto Alegre (Fig. 109). No informativo mostrava ao público que durante cinco anos esteve na primeira classificação do Enem e que na classificação do estado ficou em 20º lugar entre as melhores escolas do Rio Grande do Sul, resultado baixo ao se levar em consideração a tradição educacional da cidade. Além disso, nessa classificação, ficou em 1º lugar dentre as instituições de Pelotas. Não contente em divulgar tais conquistas, informou também as classificações do Colégio São José (110º lugar) e do Colégio Gonzaga (12º lugar) afirmando que este *"não aparece no ranking das 250 escolas gaúchas melhor classificadas*".

Do conjunto de anúncios divulgados por esta instituição ao longo de sua atuação foi possível contatar que essa não se restringiu a enaltecer as suas qualidades. Ao fazer isso, com frequência, desqualificava o trabalho das

concorrentes. O descontentamento com relação a esse posicionamento agressivo ficou registrado na entrevista do Irmão Lino do Colégio Gonzaga, anteriormente exposta. Identificou-se, assim, que essa competição presente no discurso textual e imagético das propagandas é intrínseca à constituição da educação privada de Pelotas e se configurou mediante as condições de produção e de recepção de cada momento sócio-histórico.



Informe Especial

Escola local destaca-se no cenário gaúcho entre as 20 melhores do Estado.

De 2004 para cá, a Escola Mario Quintana ocupou o primeiro lugar no ENEM por 5 anos, sendo que é a única escola de Pelotas que aparece no ranking das 20 melhores do estado.

O Colégio Israelita Brasileiro, foi o primeiro lugar em Porto Alegre com uma média total de 678,52 pontos. Também aparece a Escola Mario Quintana que ficou com o primeiro lugar em Pelotas, com uma média total de 658,72 pontos.

Outras colocações de colégios de Pelotas

A Escola Mario Quintana, além de primeiro lugar em Pelotas, ocupa a 20ª colocação no estado. O Colégio São José aparece no lugar 110º no estado. A Escola Monsenhor Queiroz ocupou o 9º lugar em Pelotas, porém, não aparece no ranking das 250 escolas gaúchas melhor colocadas. Por outro lado o Colégio Gonzaga com o 12º lugar em Pelotas, também não aparece no ranking das 250 escolas gaúchas melhor classificadas.

Fonte: Inep e Zero Hora.

Figura 109 – Anúncio Colégio Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 01/08/2010.

Um ano após a publicação deste informe, a Escola Mario Quintana elaborou um encarte que envolveu a edição do jornal Diário Popular do dia 23 de outubro de 2011. Assim, os leitores do periódico, ao invés da capa do jornal, visualizaram o "Diário Quintana". Utilizando um argumento lógico-racional afirmavam que tinham *"resultados comprovados"* apresentando o ranqueamento das outras instituições. A chamada do encarte destacava: *"A melhor escola privada de Pelotas, Zona Sul e Capital"*, como pode ser verificado na imagem que segue:



DIÁRIO POPULAR
DOMINGO, 23 DE OUTUBRO DE 2011 13

DIÁRIO QUINTANA

23 de outubro de 2011 | Domingo — Informe especial

Escola Mario Quintana é a melhor escola privada de Pelotas, Zona Sul e Capital

Pelo 6º ano a escola conquista a 1ª colocação no ENEM em Pelotas.

PARABÉNS TERCEIRÃO 2010!

RESULTADOS COMPROVADOS A união de infraestrutura, qualidade de ensino e dedicação dos alunos do terceirão, foi determinante para, mais uma vez, a Escola Mario Quintana alcançar esses resultados que orgulha a todos.

DESTAQUE NO CENÁRIO NACIONAL

EM PELOTAS

Entre as escolas de Pelotas, a Escola Mario Quintana ocupa mais uma vez o 1ª lugar no ranking com 666,86 de pontuação e 100% de participação. Confira o ranking abaixo.

Ranking de Pelotas:

Escola	Pontuação	Participação
1º - Escola Mario Quintana	666,86	100%
2º - Colégio A	640,57	100%
3º - Colégio B	630,35	97,7%
4º - Colégio C	611,00	94,4%
5º - Colégio D	607,00	95,9%

NO ESTADO E NACIONAL

A Escola Mario Quintana está no 11º lugar no ranking das escolas privadas no Rio Grande do Sul. A única escola de Pelotas e Zona Sul entre as melhores colocadas no estado.

Na classificação nacional, a Escola Mario Quintana ocupa o 333º lugar num total de 4.640 escolas com mais de 75% de participação no ENEM 2010, uma melhora de mais de 150 colocações no ranking, em relação ao ano passado.

SER QUINTANA É TUDO DE BOM!

ESCOLA MARIO QUINTANA

www.marioquintana.com.br

Figura 110 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 23/10/2011.

A fotografia do grupo de alunos, uniformizados, que realizou as provas do Enem, como pode ser percebido, foi acompanhada da seguinte afirmativa: *"Pelo 6º ano a escola conquista a 1ª colocação no ENEM em Pelotas. Parabéns aos terceirão 2010!"*. A escola apresentou ainda os motivos que levaram a essa conquista: *"A união de infraestrutura, qualidade de ensino e dedicação dos alunos do terceirão, foi determinante para, mais uma vez, a Escola Mario Quintana alcançar esses resultados que orgulha a todos".* Assinando o anúncio com o seguinte *slogan*: *"Ser Quintana é tudo de bom".*

Essas disputas pela aprovação dos alunos evidencia que o ensino gerido pelos empresários da educação na última década do século XX e na primeira do século XXI vai se especializar, em um primeiro momento, no ensino médio. Assim, é reforçado, a todo o momento nas propagandas, que em determinado ambiente educacional o aluno estará mais bem preparado para o acesso ao ensino superior. Exatamente como na virada do século XIX para o princípio do século XX – em que as instituições confessionais detinham a oferta de ensino secundário – o que lhes dava vantagem competitiva perante as instituições criadas por professores leigos, uma vez que esse nível de ensino daria o acesso ao ensino superior. Tanto os empresários quanto as escolas confessionais têm nas classes econômicas mais favorecidas o seu público consumidor e, portanto, o foco de suas atividades.

Outro diferencial desse ciclo é a abordagem direta ao aluno. Até o final do século XX as propagandas das escolas eram dirigidas aos pais ou responsáveis pelos discentes. Já na virada do século XX para o XXI, o discurso, além de buscar a atenção dos pais, também se dirige aos alunos. No ensino primário se observa, contudo, um texto focado nos pais, obviamente porque nessa fase são eles que decidem a escola das crianças.

Já os anúncios do ensino médio, dirigem-se constantemente aos jovens, uma vez que, na atualidade, em muitos casos são eles que definem onde e com quem estudar. Muitas são as pesquisas que mostram o poder de decisão das crianças e dos jovens no núcleo familiar na sociedade atual. Acredita-se que essa realidade se estenda especialmente no momento de decisão pela escola. Essa afirmativa foi confirmada por um dos proprietários do Colégio Gonzaga, em uma entrevista concedida[89] no ano de 2007. Ao ser questionado sobre como abordar os pais dos alunos, uma vez que, segundo o entrevistador, eram eles que escolhiam a escola para os filhos, Henrique Fuhro Souto, então diretor administrativo[90] da escola, fez a seguinte observação:

---

[89] Ver em Rhadmann (2007).

[90] Em outubro do ano de 2008, Henrique Fuhro Souto vendeu a metade do controle do Colégio Gonzaga para Carlos Santo, voltando a se dedicar apenas ao mercado imobiliário. Em entrevista ao Diário Popular, o empresário, ex-aluno do Gonzaga, considerou que realizou um sonho em não ter permitido o fechamento da escola no final do ano de 2003. Foram cinco anos de trabalho conjunto, que resultaram no aumento do número de alunos para praticamente o dobro (JORNAL DIÁRIO POPULAR, 07/10/2008).

> Na verdade a coisa funciona assim: na educação infantil os pais determinam, já na 6ª série, 7ª série e no ensino médio, o adolescente tem mais autonomia para decidir onde estudar. Então nós precisamos ser muito abrangentes [...] tem que fazer uma boa comunicação com os pais, fazer com que eles se sintam bem aqui e, principalmente atender bem o aluno [...]

Na próxima propaganda, a escola Mario Quintana fazia um anúncio diretamente focado nos alunos do ensino fundamental. Neste, utilizava os discentes para captarem mais alunos para a instituição. Apresentava a argumentação de que um verdadeiro amigo traria a sua turma para estudar na melhor escola, como pode ser observado:

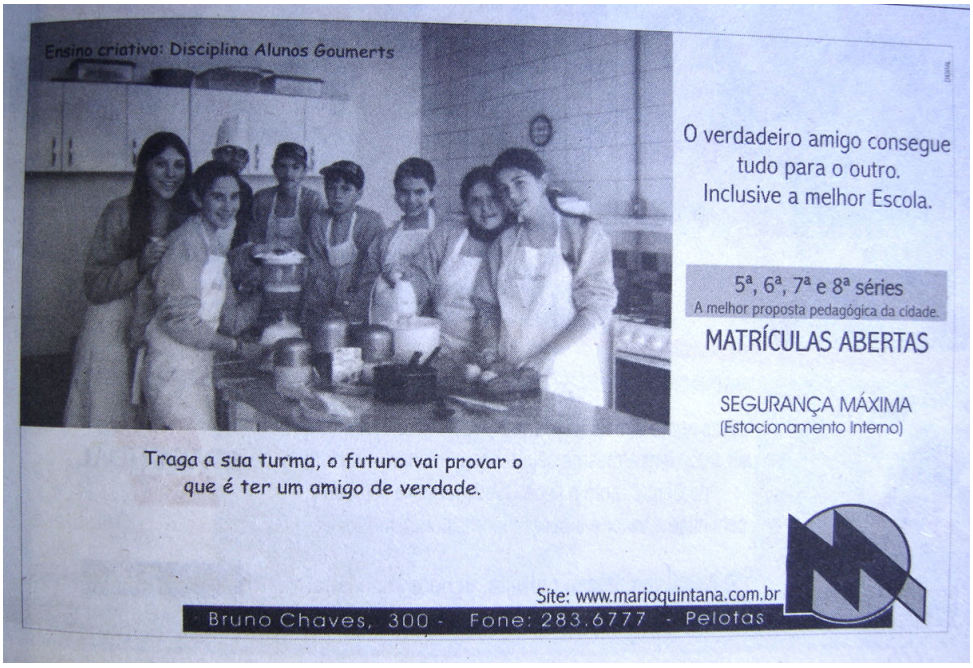


Figura 111 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 05/12/2003.

No ano da divulgação dessa propaganda existiam comentários na cidade de que muitos alunos estavam saindo de seus antigos colégios privados, tais como o Colégio Gonzaga e o Colégio São José, uma vez que queriam garantir sua vaga no ensino médio da escola Mario Quintana. O que se dizia era que ao tentar entrar diretamente no ensino médio da referida instituição, o aluno não conseguiria vaga. Em função disso, alguns alunos começavam a deixar seus colégios para aos poucos transferirem-se para a escola Mario Quintana. Por vezes a escola publicava anúncios informando a comunidade que por motivos de muita procura estava abrindo mais uma turma. Existia, portanto, demanda para as ofertas dessa instituição, dentre elas, a mais reconhecida, referia-se à garantia de

acesso ao ensino superior. No anúncio, além de fazerem um chamamento a novos alunos, apresentavam ainda duas outras informações em destaque: "*A melhor proposta pedagógica da cidade*" além de "*segurança máxima, estacionamento interno*".

Já na próxima propaganda, o foco estava no adolescente. Recentemente a escola Mario Quintana desenvolveu um projeto de intercâmbio em que os seus alunos, no período de férias, deslocam-se para outros países para fazer cursos de língua estrangeira. Na propaganda a escola destacava que era a única em Pelotas a organizar este tipo de projeto, divulgando as fotografias dos dois grupos que participaram dos intercâmbios até agora realizados. Assinava o anúncio com uma linguagem jovem, *"Ser Quintana é tudo de bom. Vem ser Quintana você também"*. Um chamamento direto ao jovem, utilizando uma linguagem com o intuito claro de identificação deste público para com a escola.

Com o intercâmbio, a escola apresenta-se participante na vida do aluno fora do ambiente da sala de aula, oferecendo a ele uma possibilidade de aprimoramento do seu capital cultural. Sabendo-se que hoje muitos são os jovens que fazem as suas escolhas, essa escola usou uma poderosa ferramenta para conquistar os possíveis novos alunos e, também, aqueles pais que desejam esse tipo de oportunidade para seus filhos. Além disso, torna-se importante lembrar que pela perspectiva dos Estudos Culturais, a cultura passa a ser vista como uma pedagogia, "e a pedagogia passa a ser vista como uma forma cultural. Nesse sentido, pode-se inferir que outras instâncias culturais e processos extraescolares, são também pedagógicos" (SALERMO; CUNHA, 2011, p.131).

É curioso perceber que o último intercâmbio realizado pela escola foi pauta de uma coluna social do Jornal Diário Popular. Nela, cada jovem participante do intercâmbio teve o seu nome e sobrenome citado. Ao que parece, essa se torna mais uma estratégia para aguçar a vontade de um grupo de pessoas economicamente privilegiado a fazer parte dessa instituição. Os grupos de pertença no século XXI, portanto, são perceptíveis também com esse tipo de manifestação.



Figura 112 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 21/06/2011.



Figura 113 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 10/04/2011.



Figura 114 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 07/08/2011.

Outro destaque recorrente nas propagandas do terceiro ciclo são os professores. Muitas campanhas os utilizavam como diferenciais da instituição, como pode ser identificado nas figuras 37, 132, 133, 136 e 137. O uso do nome ou imagem de um professor nas propagandas escolares encerra nos anos 40 do século XX e retorna aos anúncios na década de 1990 (ver quadro 1, p.98). É importante salientar também que as propagandas das décadas de 1940 até as de 1980 divulgam apenas o nome do diretor da escola, normalmente assinando o anúncio.

Já algumas propagandas dos finais do século XX e princípio do XXI, como pode ser observado, usavam a fotografia e relatos testemunhais de muitos dos profissionais da educação. Verificou-se, portanto, que as instituições privadas do terceiro ciclo valorizam o papel desempenhado pelo seu corpo docente indicando que este faz parte do seu diferencial. Nas propagandas das escolas confessionais foi muito comum encontrar o nome do professor e o tempo de escola. Já nas empresariais esse aspecto não é tão comum. Isso leva a crer que, mesmo tendo professores vinculados à instituição desde a sua criação essas não operam na perspectiva de tradição. Por outro lado, talvez não citassem os nomes dos professores habitualmente, porque as trocas do corpo docente poderiam ocorrer com mais frequência – uma vez que essa é uma prática comum na gestão das instituições privadas de ensino.

Contrariando o cenário até então encontrado, a Escola Mario Quintana divulga uma propaganda em que o corpo dirigente da instituição é destacado. Nela, as identidades dos sujeitos pertencentes à escola são exploradas.



Figura 115 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 09/11/2010.

Nas próximas duas propagandas (ver Figs. 116 e 117) o que chamou a atenção foi a exposição de uma Dinâmica de Grupo realizada pela escola com o corpo docente. Em duas páginas inteiras do jornal, divididas apenas pelo miolo do periódico, os anúncios seriados despertavam a atenção do leitor. O anúncio, além de divulgar essa ação pedagógica realizada entre o grupo diretivo, administrativo e docente da escola, também listava as atividades desempenhadas em tal dinâmica. Apresenta fotografias em que os professores estão integrados, numa tentativa de expor esse ambiente colaborativo da escola. Chama a atenção também o foco dado no anúncio para um dos palestrantes convidados para falar aos professores em tal atividade: "*Carlos Valério apresentou a proprietária da franquia O Boticário [...] e o supervisor Indu Ferrari, que falaram sobre o trabalho que realizam na cidade, abordando atendimento a clientes, realização pessoal, propiciando aos professores uma analogia à sala de aula [...] Carlos Valério mostrou o grande desafio que se avizinha, pois o professor é o ponto estratégico da instituição. É preciso inovar constantemente e principalmente ser criativo para*

cativar". É importante identificar que a gestora da empresa que palestrou aos professores fez, ao que tudo indica pelo texto do anúncio, uma analogia da administração de conflitos de uma empresa que oferta produtos aos seus clientes com uma escola. Como anteriormente indicado por esta investigação, muitas das pesquisas que hoje se concentram na educação privada indicam essa relação de clientelismo protagonizado por pais, alunos e as escolas privadas.

Ao assumir essa postura de empresa, tal instituição de ensino mostra-se ao mercado como uma gestora da educação que não poupa esforços para qualificar os seus serviços. A própria Dinâmica de Grupo proposta aos professores é considerada, atualmente, uma ação de *Endomarketing*. Essa ação indica também a relação da escola com os professores. Além de motivá-los nesse tipo de atividade, também procurava integrá-los como grupo e conquistá-los, mantendo-os na instituição e preparando os seus alunos para os desafios. Em outro viés, questiona-se se esse tipo de ação era preventiva a conflitos internos ou paliativa. Não cabe a esta pesquisa responder tais observações, mas considerá-las possíveis.

Cabe mencionar que o *Endomarketing é* uma das mais novas áreas da administração e busca adaptar estratégias e elementos do *Marketing* tradicional, o normalmente utilizado pelas empresas para abordagens de mercado, para uso no ambiente interno das corporações. Surgiu como elemento de ligação entre o cliente, a empresa e o colaborador. É uma área diretamente ligada à de comunicação interna, que alia técnicas de *Marketing* a conceitos de recursos humanos, focando a qualidade de vida dos colaboradores (BEKIN, 2004). O *Endomarketing* pode ser entendido também como um processo estruturado, alinhado ao planejamento estratégico empresarial, visando à melhoria da comunicação e buscando a relação com ganhos de produtividade nas organizações (DIAS, 2007). Para Minadeo (2008, p.223), o *Endomarketing* tem por objetivo também,

> fortalecer as relações internas da empresa para integrar a noção de cliente como fornecedor interno, trazendo melhorias na qualidade dos produtos, no atendimento e na produtividade pessoal. Quanto melhor funcionar o *Endomarketing*, mais atraente será a empresa, como local de trabalho para seu pessoal. A instituição prestadora de serviços é basicamente uma organização humana; sua matéria-prima e seu produto final são formados por gente. Se não houver pessoal motivado e

> habilitado, a possibilidade de realizar um serviço de qualidade é seriamente debilitada.

É por isso que, quando uma organização faz um esforço para a melhoria do Clima Organizacional[91], investindo em comunicação interna, valorizando seus colaboradores, dando condições de satisfazer as necessidades, ela está iniciando um processo de *Endomarketing* (DIAS, 2007).

Ao mesmo tempo em que essa escola mostrou estar preocupada com a qualidade do seu público interno, deixou claro para a comunidade que esse trabalho teve por objetivo final *"[...] cativar o aluno utilizando métodos de ensino novos, variados e dinâmicos [...]"*.

[91] O Clima Organizacional é o indicador do nível de satisfação dos membros de uma empresa em relação a diferentes aspectos da cultura ou realidade aparente da organização (BEKIN, 2004).



Figura 116 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/02/2008.



Figura 117 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/02/2008.

O trabalho pedagógico junto aos professores até então não tinha sido exposto nos anúncios. Esses dados permitem tipificar essa escola como, de fato, uma empresa da educação o que a distanciaria das ações do que é ofertado pelas instituições confessionais de Pelotas.

O que foi possível constatar com os dados é que no terceiro ciclo do ensino privado de Pelotas existiam instituições que disputavam os alunos abertamente. De um lado estava a gestão empresarial, deixando pistas de que sua atuação na cidade era uma realidade e de outro a gestão confessional que começava a dar pistas do desgaste da sua ação. Fato analisado em função de um momento de estagnação do crescimento do ensino privado, no que se refere ao número de escolas criadas, como pode ser verificado no quadro 4 (ver p.364). Para demarcar essa situação, em outubro do ano de 2003, a comunidade pelotense é surpreendida com a notícia de que o centenário Colégio Gonzaga iria fechar.

O Jornal Diário Popular fez uma intensa cobertura das negociações relatando os bastidores desse momento histórico vivenciado pela educação privada pelotense. Destaca-se agora algumas matérias realizadas ao longo do processo de "desconfessionalização" do educandário Gonzaga. Em função da legibilidade de algumas notícias, optou-se por, em alguns momentos, destacar os textos e não a página do jornal.

Nas duas primeiras notícias o público recebe informações dos motivos do possível fechamento da instituição. Dentre eles, destaca-se como principal motivador a diminuição do número de alunos, creditada à queda de poder econômico. Chama-se atenção aqui para um aspecto já abordado sobre o ensino confessional privado. No princípio de sua atuação o Gonzaga contava com um quadro de professores da própria ordem e passam, com o tempo, a contratar professores leigos – o que repercutirá em maiores gastos para a instituição.

> Os 108 anos de tradição no ensino em Pelotas não impediram o Colégio Gonzaga – atual Colégio La Salle Gonzaga – de entrar em ***uma crise financeira sem precedentes, assumida pela direção ontem, mas que se arrasta desde 1999***. Hoje, o déficit acumulado chega a R$ 900,00 mil. A escola pode fechar as portas definitivamente a partir do próximo ano se a Sociedade Porvir Científico, ***mantenedora da instituição, não intervir e promover uma reestruturação administrativa***. Para impedir o fim das aulas no histórico educandário, mais de 600 pessoas, entre alunos, ex-alunos, pais, professores, ***tentaram ontem comover e convencer o auditor da Província La Salle***, administrador Ricardo Werte, a registrar um parecer subjetivo – razão de sua visita – favorável à instituição (DIÁRIO POPULAR, 10/10/2003).

> Redução espontânea de quase 20% nos salários, em dois anos. A ***proposta feita por professores é mais um apelo*** para que o Colégio La Salle Gonzaga não feche as portas. A visita do auditor da Província mantenedora, Ricardo Werte, à escola, nos dias 8 e 9, ***pôs fim aos***

boatos e escancarou a crise financeira que assola a instituição há dez anos. Desde então a comunidade educativa tem se mobilizado para ***convencer a cúpula Lassallista a não arrancar da cidade a escola centenária***: ***abraço simbólico, de 600 pessoas***, no prédio gonzagueano e passeata no centro da cidade ***com 1,5 mil pais, educadores, alunos e ex-alunos***. A mobilização vai ainda mais longe, a ponto de os ***professores sugerirem a diminuição dos próprios vencimentos***. Os mestres do Gonzaga dispõem-se a ter diminuídos R$ 2,00 do valor da hora-aula até 2005. ***A proposta foi levada ao presidente da Sociedade Porvir Científico (Rede La Salle), Irmão Edgar Genuíno Nicodem***, na última sexta-feira, pela Associação de Mestres do Colégio Gonzaga. Uma perda mínima diante da probabilidade de demissão para 57 docentes. ***Desde 2001, o Colégio Gonzaga ocupa os primeiros lugares no ranking salarial do Estado***, segundo Sindicato dos Professores (Sinpro-RS). ***Diferenciação do preço de matrícula pré-escolar por dois anos e formação de uma direção colegiada - com representantes de pais, professores e da província*** - também foram sugeridas no encontro. Em tempo, os educadores ainda querem envolver de forma efetiva os outros dois segmentos do grupo escolar: pais e funcionários. Ontem eles estiveram reunidos para decidir e vincular ações. A decisão oficial da direção da Província sai nesta semana, **depois da análise dos balanços administrativos e financeiros e dos depoimentos registrados pelo auditor Werte em sua visita ao Colégio**.
CLIMA - "O que não pode parar é aquilo que o Gonzaga fez durante 108 anos: educar." ***A idéia serviria para a eternidade, contudo é a linha de atuação dos docentes do Gonzaga em meio à crise***, ressaltada pelo professor Vinícius Castro. Todas as atividades, projetos e avaliações estão em ritmo normal, assegura. "Independente da resposta, continuamos até o final do ano, ***com todo o pique e a qualidade de ensino que sempre tivemos***", acrescenta a colega Ângela Schwonke. A ameaça de fechamento, no entanto, é assunto diário nas salas de aula. A cada dia os alunos (***são 758 ao todo***) procuram novidades. Mantê-los informados, sob ***a certeza e reafirmação de que o La Salle Gonzaga não irá fechar tem sido a tarefa dos mestres***. "Tento não deixar a tristeza atrapalhar meu rendimento, mas de vez em quando fico desmotivada", confessa Carolina Fonseca Bomeke, aluna da 6ª série. Ela é gonzagueana desde a pré-escola e não quer acreditar que seu berço educacional pode ter as portas cerradas. "Na maior parte da aula, falamos sobre isso", reconhece Richer Souza Freitas, da 8ª série. Participar de todas as mobilizações é a alternativa para extravasar a certeza de que "a Galinha Gorda não vai morrer". (DIÁRIO POPULAR, 14/10/2003).

Marroni recebe comitiva de pais do Colégio Gonzaga - O prefeito Fernando Marroni recebeu ontem (12) uma comitiva formada por pais e funcionários do Colégio Gonzaga que ***pediam o apoio da Prefeitura para impedir o possível fechamento da escola***. Há 108 anos fazendo parte da comunidade educativa do município, o Gonzaga atende 758 alunos entre pré-escola, ensino fundamental e médio. Desde a semana passada pais, alunos e funcionários têm feito uma série de manifestações no município tendo em vista a real possibilidade da mantenedora do colégio fechar as postas do educandário. ***"Hoje mesmo estarei enviando um ofício à Província Lassallista ratificando a importância do Colégio Gonzaga para o município"***, garantiu Marroni. O presidente da Associação de Pais e Mestres do Colégio Gonzaga (Apamegon), Francisco Vargas disse que várias ações com o objetivo de reduzir custos administrativos da escola vem sendo feitas para evitar o fechamento. "Inclusive os professores fizeram a proposta de redução de

> salário em R$ 2,00 por hora/aula", complementou. A supervisora educativa, Delani Azambuja ***acredita que se for possível comprovar a mantenedora que a escola tem condições de sobrevivência, o pior poderá ser evitado***. Mesmo não sendo da alçada do poder executivo, Marroni garantiu todo o empenho por parte da administração para impedir o fechamento do Colégio Gonzaga. "Estarei tratando pessoalmente deste assunto", finalizou (DIÁRIO POPULAR, 13/10/2003) [Grifos meus].

Em outra matéria mais detalhada, o Jornal Diário Popular destaca que a escola, ao depender única e exclusivamente das mensalidades dos alunos, viu-se em crise. Isso porque a quantidade de alunos baixou de 1876 estudantes para, em 2003, 746 indicando que esse espaço ocioso gerado na escola prejudicaria a sua própria manutenção, especialmente por tratar-se de um prédio centenário. Estes são alguns dos elementos que fizeram o colégio entrar em uma crise financeira sem precedentes em sua história.

O então economista da mantenedora destacou em entrevista concedida ao Diário Popular que no ano de 1999 a escola deixou de ser considerada filantrópica – natureza garantida na Constituição de 1988 às instituições de ensino privadas sem fins lucrativos. Isso fez com que o colégio tivesse que voltar a pagar os encargos fiscais. Dentre eles o de recolher 25,5% sobre a folha dos salários, contribuindo também para a crise, como pode ser verificado na matéria que segue:

> A dívida do Colégio La Salle Gonzaga para com a Sociedade Porvir Científico, sua mantenedora, chega aos R$ 2 milhões. A série histórica que gerou o déficit acumulado, considerada pela Província La Sallista, compreende um período de nove anos. ***Foi a partir de 1994 que a escola passou a gastar mais do que arrecadava***. ***O valor até então divulgado - R$ 900 mil*** - corresponde aos últimos três anos, pouco depois da instituição ensaiar uma reação. ***A partir da estabilidade da economia - a queda da inflação - a receita do Colégio passou a depender exclusivamente das mensalidades e não de indicadores do mercado***. Em 1995 e 1996, o Gonzaga ***trabalhou próximo do equilíbrio e alcançou até mesmo um superávit três anos mais tarde***. ***A partir de 2000, entrou no vermelho e dele não saiu mais***. A performance do número de alunos é a grande vilã, como reafirma o economista Ivandro Coimbra da Silva, chefe do setor de Contabilidade da Sociedade Porvir Científico, agora autorizado a repassar a avaliação da Província. ***A queda de matrículas foi de 60,23%***. Em 1994, 1876 estudantes estavam matriculados, hoje são 746. ***"Isso significa que 60% do espaço está ocioso", comparou Ivandro***. ***E os custos com a manutenção de um prédio de cem anos são muito altos***. ***A folha salarial, enfatizou, consome 104,91% da receita***. A cada R$ 100,00 arrecadados, o La Salle Gonzaga gasta R$ 104,91 com os vencimentos. ***"O que vai sobrar para reinvestimentos em equipamentos ou no prédio?",*** disparou o economista. O tradicional educandário pelotense tem mesmo sério comprometimento com sua mantenedora.

> COTA PATRONAL - ***Desde 1999, o La Salle Gonzaga ficou obrigado a recolher a contribuição de 25,5%, sobre a folha de salários, à Previdência Social, outro fator da crise. Antes disso, como instituição filantrópica, estava isento*** (DIÁRIO POPULAR, 15/10/2003) [Grifos meus].

Nesta matéria o então diretor do Colégio Gonzaga, Irmão Lino, concede uma importante entrevista. Em meio aos questionamentos ele chamava a atenção de que um número significativo de descontos era ofertado a alguns alunos – importante ressaltar que dentro das práticas das instituições de ensino confessionais e, especialmente das filantrópicas, está a obrigatoriedade de gratuidade em 20%, que pode ser ofertada por meio de bolsas de estudo.

Ao ser questionado sobre a saída de alunos do Gonzaga para as instituições concorrentes, ele, apesar de confirmar a evasão, afirmava que isso teria ocorrido porque as mensalidades das concorrentes eram a metade do que o Colégio Gonzaga cobrava, creditando, portanto, a diminuição de alunos, também, a uma queda do poder econômico das famílias de classe alta e média de Pelotas.

Quando questionado se o investimento em *Marketing* teria sido uma saída para a escola, ele, contundentemente, afirmou que (ver Fig.118) "*quando outras escolas surgiram, nós assumimos uma postura de construir uma propaganda ética, de quem sabe que está lidando com ensino, e não com um produto. Entre perder alunos e investir em uma coisa mais pesada, nós ainda preferimos perdê-los. O que as pessoas não perceberam é que a classe média alta, nosso público, diminuiu. Nossa crise está muito atrelada a uma crise geral*" (DIÁRIO POPULAR, 15/10/2003).

Alguns dos condicionantes indicados pelo Irmão Lino com relação à crise enfrentada pelo Colégio Gonzaga foi assim descrita por Cury (1889, p.71) ao analisar as instituições privadas confessionais no final dos anos de 1980:

> A crescente secularização dos professores religiosos e a queda do número de candidatos à vida religiosa implicam exigências que redundam em maiores ônus para a instituição até então quase auto-suficiente com os recursos próprios. Enfim, escolas católicas sem caráter lucrativo enfrentam grandes dificuldades financeiras para compatibilizar os crescentes custos do ensino com a decrescente entrada de recursos e subsídios estatais e também o fenômeno da evasão antes e durante o ano letivo.

Diante de tantas informações veiculadas na mídia sobre a situação da escola o Irmão Lino apresentou a sua versão dos fatos. Sua visão com relação à

concorrência chama a atenção. Acredita-se que isso ocorreu porque ele, por ter um nome reconhecido, precisava explicitar a situação do colégio. Em sua entrevista fica comprovado ainda que a instituição confessional tinha que lidar com a concorrência. Por um lado sua entrevista mostra uma contradição, em especial ao se levar em consideração que a educação sob os preceitos da igreja católica devia dar acesso aos desvalidos. O que se percebe é que o público do Gonzaga era formado por uma classe média alta que tinha acesso à informação e, por isso, percebiam que as concorrentes do Gonzaga estavam se qualificando e ofertando seus serviços ano a ano nos anúncios.

Sendo assim, a queda no número de alunos talvez não tivesse relação direta com os custos da mensalidade, como ele afirma, mas sim com a exigência de qualidade. Por mais que ele tenha afirmado que a escola não via o ensino como um produto talvez o que tenha faltado ao Gonzaga fosse exatamente criar estratégias para manter o seu público. Quem sabe o excesso de confiança no trabalho desenvolvido pela escola os tenha impedido de realizar investimentos, inclusive no que tange à estrutura física, como aparece na entrevista. Esses podem ter sido fatores determinantes para que muitos alunos tenham deixado o colégio, uma vez que o Projeto Político Pedagógico da escola não correspondia mais às expectativas do segmento social que enviava seus filhos para essa instituição. Ao levar em consideração também que no século XXI já não há essa divisão sumária entre católicos e não católicos, acreditar que muitos ficariam na escola pelas convicções religiosas talvez tenha sido um excesso de confiança em um mundo em mutação.

Portanto, mesmo que a gestão do Gonzaga tenha optado por não entrar em um embate mais forte com a concorrência, foi identificado que no momento anterior à divulgação da crise os anúncios continham uma disputa direta entre o Colégio Gonzaga e a Escola Mario Quintana. O esforço para chamar a atenção dos possíveis alunos era constante, o que ficou registrado nas páginas dos jornais, haja vista a quantidade de propagandas publicadas por esse educandário ao longo de sua existência (ver quadro 4, p.364). Talvez o que tenha faltado ao colégio, mais do que um discurso nos anúncios, fosse ofertar o que o seu público, classe média alta, estava exigindo da educação de seus filhos.

Outro aspecto pelo qual a escola foi acometida refere-se à inadimplência – problema enfrentado pelas instituições de ensino privadas após a medida provisória conhecida como a “oficialização do calote”, instituída em 1994, que acabou por impedir ações de cobrança mais rígidas com relação aos inadimplentes das escolas. Os dados não informam sobre o percentual de inadimplentes, contudo, a reflexão do irmão sobre a queda do poder econômico da sua clientela se fazia sentir nessa situação.

Na próxima imagem é possível visualizar o irmão Lino e uma fotografia de uma manifestação organizada pelos alunos, ex-alunos e representantes da associação de ex-alunos do Colégio Gonzaga. Naquele momento o irmão Lino acreditava que essas manifestações públicas estavam surtindo efeito, uma vez que a mantenedora da escola tinha adiado a decisão de fechar ou não o Colégio Gonzaga.



SEGUNDA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 2003 CIDADE DIÁRIO POPULAR 7

COLÉGIO LA SALLE - Endividamento com a Sociedade Porvir Científico iniciado em 1994 pode representar o fechamento das portas

Dívida do Gonzaga chega a R$ 2 milhões

Carlos Queiroz - DP

MOBILIZAÇÃO: comunidade tem demonstrado apoio à direção do colégio, através de manifestações públicas

Andréia Schimuneck

A dívida do Colégio La Salle Gonzaga para com a Sociedade Porvir Científico, sua mantenedora, chega aos R$ 2 milhões. A série histórica que gerou o déficit acumulado, considerada pela Província La Sallista, compreende um período de nove anos. Foi a partir de 1994 que a escola passou a gastar mais do que arrecadava. O valor até então divulgado - R$ 900 mil - corresponde aos últimos três anos, pouco depois da instituição ensaiar uma reação.

A partir da estabilidade da economia - a queda da inflação - a receita do Colégio passou a depender exclusivamente das mensalidades e não de indicadores do mercado. Em 1995 e 1996, o Gonzaga trabalhou próximo do equilíbrio e alcançou até mesmo um superávit três anos mais tarde. A partir de 2000, entrou no vermelho e dele não saiu mais.

A performance do número de alunos é a grande vilã, como reafirma o economista Ivandro Coimbra da Silva, chefe do setor de Contabilidade da Sociedade Porvir Científico, agora autorizado a repassar a avaliação da Província. A queda de matrículas foi de 60,23%. Em 1994, 1876 estudantes estavam matriculados, hoje são 746.

"Isso significa que 60% do espaço está ocioso", comparou Ivandro. E os custos com a manutenção de um prédio de cem anos é muito alto. A folha salarial, enfatizou, consome 104,91% da receita. A cada R$ 100,00 arrecadados, o La Salle Gonzaga gasta R$ 104,91 com os vencimentos. "O que vai sobrar para reinvestimentos em equipamentos ou no prédio?", disparou o economista. O tradicional educandário pelotense tem mesmo sério comprometimento com sua mantenedora.

Arquivo - DP

IRMÃO LINO: à espera de uma resposta da Porvir

Entrevista com irmão Lino Jung

O diretor do Colégio La Salle Gonzaga, irmão João Matias Jung, manifesta-se pela primeira vez, após da visita do auditor Ricardo Werte, nos dias 6 e 8, quando a ameaça de fechamento do Gonzaga veio a público. Na entrevista ao **Diário Popular**, irmão Lino credita o início da crise sobretudo ao despreparo da administração diante da perda de receita à cota patronal, critica o marketing de outras escolas e afirma que pode reverter a situação se a Província lhe der mais tempo.

DP: O Colégio Gonzaga La Salle vai fechar?

Ir. Lino: Não sei, sinceramente. Estamos aguardando a posição da Província. Todas as instituições religiosas não são democráticas, são hierárquicas. Isso é muito duro. Não tenho como intervir em nada. Trabalho por procuração.

DP: Qual era a situação da escola quando o senhor assumiu a direção, em 2000?

Ir. Lino: Eu assumi consciente da realidade econômica, do déficit sério em que estava. Minha antecessora fez um belo esforço, mas não conseguiu resultados positivos. Pelo contrário, teve desajustes bem grandes. Uma das metas que eu me estabeleci foi de tornar a escola viável, economicamente. Gerenciei o Gonzaga de forma a buscar competição, redimensionamento, reestruturando e mudando sobre os recursos humanos. Mas até agora não consegui um equilíbrio financeiro.

DP: Por que a crise no Gonzaga chegou a tal ponto? Houve incompetência administrativa?

Ir. Lino: Tínhamos isenção da cota patronal, o que era uma forma de administrar a escola. Podia-se trabalhar atendendo à realidade dos alunos. Mantínhamos um numeroso grupo de alunos, com descontos nas mensalidades, e conseguíamos nos equilibrar. Quando perdemos a cota patronal, estávamos despreparados para essa nova realidade. Demoramos para se decidir o que fazer. Esse despreparo é que significou, acima de tudo, a entrada no vermelho.

DP: É a isso que o senhor credita a evasão de alunos? Falta de investimento em modernização da escola pode ser um motivo?

Ir. Lino: Esse modernizar é um comparativo com uma escola que surgiu agora. De repente questão: uma escola com um prédio de cem anos tem de atualizou? Nós temos laboratórios completos de altíssimo nível. É até difícil encontrar pessoas preparadas para lidar com tudo que há lá dentro. Todos os professores são "obrigados" ao ensino continuado, cursos de atualização.

DP: Então investimento em marketing teria sido uma saída para atrair os alunos?

Ir. Lino: Quando outras escolas surgiram, nós assumimos uma postura de construir uma propaganda ética, de quem sabe que está lidando com ensino, não com um produto. Entre perder alunos e investir em uma coisa mais pesada, nós ainda preferimos perdê-los. O que as pessoas não perceberam é que a classes média e alta, nosso público, diminuíram. Nossa crise está muito atrelada a uma crise geral.

DP: Os alunos que saíram do Gonzaga foram para outras escolas particulares, não?

Ir. Lino: Sim. Para aquelas que podem cobrar a metade da mensalidade do Gonzaga ou para escolas públicas mesmo.

DP: Existe outra solução que não o fechamento da Escola?

Ir. Lino: Qualquer gerenciador de escola sabe que com esse número de alunos - quase 800 -, se bem gerido e com essa estrutura, o Gonzaga é viável. Agora, a essa viabilidade não se chega em um ano e meio.

DP: Se o senhor tiver mais tempo, consegue reverter esse quadro?

Ir. Lino: Eu creio que sim. Claro que há vários "poréns". Primeiro: "eles" (a Província) me deixam trabalhar nisso? Segundo: eu vou ter 800 alunos, diante de tudo que já tive de ouvir este ano de novo? Terceiro: eu vou saber quantos alunos vou ter diante do tipo de concorrência que temos? Isso nunca foi enfrentado abertamente por nós.

DP: Quanto pesou a inadimplência?

Ir. Lino: Diante da situação que há, das medidas do Governo de proteção aos não-pagadores, a gente sabe que tem pelo menos 10% de inadimplência. Mas a realidade de Pelotas nos levou a muito mais. Das nossas famílias, a justificativa para os 34% de inadimplência é a perda das condições financeiras.

DP: O senhor acredita que a mobilização da comunidade educativa e da sociedade, sobretudo a postura dos professores, pode sensibilizar a Província?

Ir. Lino: É a alternativa que temos para tentar impor a eles nosso desejo de continuarmos como colégio. Acreditamos que essa sensibilização já aconteceu. A resposta que estava planejada para segunda-feira não foi dada porque os estudos continuam. (AS)

COTA PATRONAL

Desde 1999, o La Salle Gonzaga ficou obrigado a recolher a contribuição de 25,5%, sobre a folha de salários, à Previdência Social, outro fator da crise. Antes disso, como instituição filantrópica, estava isento.

Publicações Oficiais

Jornalista Coração no Ato

EDITAL

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul transfere a data de eleições para delegado regional de Pelotas, e prorroga o prazo para inscrições: a eleição que seria realizada hoje (15-10-2003) fica adiada para os dias 21 e 22 de janeiro de 2004. O novo período de inscrições para delegado será de 15 de outubro a 19 de dezembro de 2003. O período de campanha eleitoral fica estipulado de 20 de dezembro de 2003 a 19 de janeiro de 2004. As inscrições devem ser encaminhadas para a Delegacia Regional rua Ismael Soares 14 sala 400.

Pelotas, 15 de outubro de 2003

Luis Salvador Tadeo

Diretor Estadual Sindicato Jornalistas-RS

Figura 118 – Matéria sobre possível fechamento do Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 15/10/2003.

Depois de anunciada a possibilidade de fechamento do colégio, os dias subsequentes foram repletos de protestos, carreatas e caminhadas em favor da escola. O jornal Diário Popular divulgava o andamento das negociações em suas páginas, dando espaço para o caso inclusive em suas capas, como poder ser conferido nas imagens que seguem. Na capa do dia 15/10/2003 aparece a

imagem do brasão da escola em ruínas, bem como a fotografia dos alunos e de seus pais comovidos pela situação em que a escola se encontrava. A chamada de capa tinha o seguinte destaque: *Pressão e revolta adiam o fechamento do Colégio Gonzaga*. No dia anterior o destaque era para *"Docentes propõem reduzir salário para manter o Gonzaga aberto"*.


DIÁRIO POPULAR

Pressão e revolta adiam o fechamento do Colégio Gonzaga

Cidade despreza vocação geográfica para o ciclismo

Comunidade renova diretores de 53 escolas estaduais

Funcionários da Caixa decidem manter greve hoje


DIÁRIO POPULAR

Docentes propõem reduzir salário para manter o Gonzaga aberto

Xavante passa pelo Cachoeira na Baixada

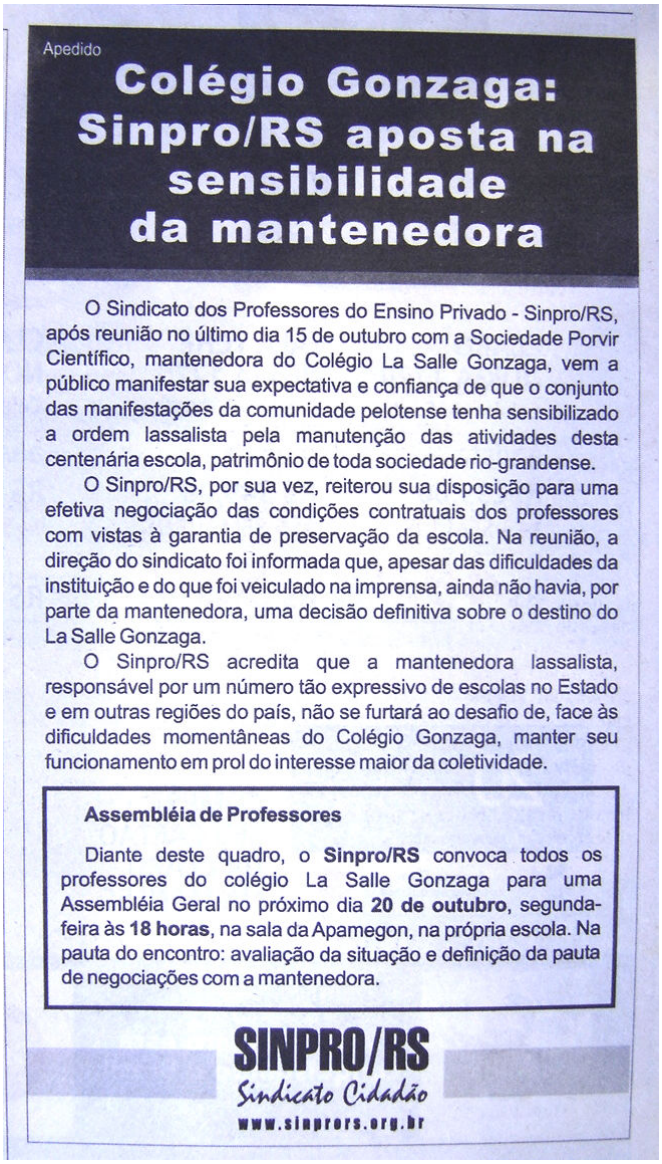
Expofeira fatura em animais 26,4% a mais que em 2002

Começa a tramitar na Câmara projeto que limita comércio

PROTESTO PARA BR-392

Figura 119 – Capa Jornal Diário Popular destacando possível fechamento do Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 15/10/2003.
Figura 120 – Capa Jornal Diário Popular destacando a oferta de redução salarial dos professores do Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 14/10/2003.

Dentre as pressões exercidas em apoio à continuidade do educandário o Sinpro/RS também se manifestou pedindo sensibilidade à mantenedora do então Colégio La Salle Gonzaga, deixando claro que apesar das notícias veiculadas na imprensa o destino do colégio ainda não tinha sido selado e que, por isso, convocava os professores para uma assembléia, como pode ser visto na imagem que segue:



Apedido

Colégio Gonzaga: Sinpro/RS aposta na sensibilidade da mantenedora

O Sindicato dos Professores do Ensino Privado - Sinpro/RS, após reunião no último dia 15 de outubro com a Sociedade Porvir Científico, mantenedora do Colégio La Salle Gonzaga, vem a público manifestar sua expectativa e confiança de que o conjunto das manifestações da comunidade pelotense tenha sensibilizado a ordem lassalista pela manutenção das atividades desta centenária escola, patrimônio de toda sociedade rio-grandense.

O Sinpro/RS, por sua vez, reiterou sua disposição para uma efetiva negociação das condições contratuais dos professores com vistas à garantia de preservação da escola. Na reunião, a direção do sindicato foi informada que, apesar das dificuldades da instituição e do que foi veiculado na imprensa, ainda não havia, por parte da mantenedora, uma decisão definitiva sobre o destino do La Salle Gonzaga.

O Sinpro/RS acredita que a mantenedora lassalista, responsável por um número tão expressivo de escolas no Estado e em outras regiões do país, não se furtará ao desafio de, face às dificuldades momentâneas do Colégio Gonzaga, manter seu funcionamento em prol do interesse maior da coletividade.

Assembléia de Professores

Diante deste quadro, o **Sinpro/RS** convoca todos os professores do colégio La Salle Gonzaga para uma Assembléia Geral no próximo dia **20 de outubro**, segunda-feira às **18 horas**, na sala da Apamegon, na própria escola. Na pauta do encontro: avaliação da situação e definição da pauta de negociações com a mantenedora.

SINPRO/RS
Sindicato Cidadão
www.sinprors.org.br

Figura 121– Anúncio Sinpro/RS
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 19/10/2003.

Em um segundo momento, o representante da mantenedora concedeu uma coletiva indicando que iria, em vinte e quatro horas, estudar as propostas apresentadas a ele com o intuito de que o colégio não fechasse. Nessa cobertura aparece uma coluna do lado direito da página do Diário Popular que será destacada após a cobertura dos fatos exposta em página inteira do jornal. Nela é possível ver a fotografia de Edgar Nicodem, provincial da Ordem Lassalista que veio anunciar o fechamento da escola. Abaixo dessa imagem aparece o conjunto de seis fotografias ilustrando o ambiente tenso da coletiva proferida por Nicodem. Para uma melhor legibilidade, essas fotografias foram destacadas em detalhe ao lado da página do Jornal Diário Popular do dia 21/10/2003.



Tumulto no anúncio do fim do Gonzaga

REVOLTA - Ameaça de prisão faz provincial rever a má notícia e dar mais 24 horas de vida ao colégio

A última lição

REVOLTA E DESESPERO EM SEIS IMAGENS

Figura 122 – Matéria sobre o anúncio do possível fechamento Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 21/10/2003.

OPINIÃO DP
A última lição
Luiz Antônio Caminha Editor-chefe

Para bom entendedor, meio despiste bastava. A protelação, o resultado sombrio do encontro de quinta-feira, o silêncio e o segredo davam as referências. Era mesmo questão de tempo, a decisão estava tomada desde o início. E ***o sentido do tal slogan infeliz*** aquele se mostrou por completo em sua essência. ***Confirma-se agora que a província lassalista, como se imaginava, não nasceu mesmo ontem*** - ***e nem surgiu para ter prejuízo***. Os mantenedores do Colégio Gonzaga não podem ignorar o clamor de toda uma comunidade, desprezar 108 anos de educação, pulverizar um dos grandes símbolos municipais, dar as costas, ir embora e jogar a chave fora. ***A interpretação de mundo e sociedade tal qual a óptica da ordem religiosa lassalista que se evidencia é esta***. ***Ao parar de pôr seus ovos de ouro, a Galinha Gorda selou seu destino***. ***Eis a última e lamentável lição ministrada ontem à noite pelo provincial lassalista***. ***O pragmatismo, a visão monetarista e a insensibilidade, aparentemente, venceram***. Mas não. Mesmo que a ***morte da escola tenha sido urdida na surdina***, ***arquitetada nos porões da congregação*** para ser apresentada como fato consumado, Pelotas, inconformada, reagiu, não se deixou tomar pela resignação, mostrou estar viva - ***e lutou como pôde***. Se a vontade municipal não for respeitada, se a truculência não ceder terreno à sensatez, hoje, haverá apenas um perdedor. Pelotas, ao contrário, mesmo que derrotada depois da trégua de 24 horas, pode se orgulhar do

> ***movimento que desencadeou, pleno de humanismo, de solidariedade, de grandeza***. O bom para resolver o destino de uma entidade tão importante, era que alguém que fosse tomar a decisão caminhasse rotineiramente pela praça José Bonifácio, soubesse onde fica a rua 15 de Novembro, conhecesse os caminhos para o Laranjal, a localização da Baronesa, o significado dos casarões do Centro, a essência e a história deste lugar. Uma vez um ***jovem rabino foi humilhado pelos inimigos, pregado à madeira*** e execrado pelos compatriotas. A causa pela qual havia lutado parecia perdida. Dois mil anos são testemunhas do equívoco, a prova que, de fato, o profeta ganhou. Pelotas tem do que se orgulhar com sua revolta e inconformidade. E se for anunciado o fim, não importa. A cidade já venceu (DIÁRIO POPULAR, 21/10/2003) [Grifos meus].

No texto divulgado pelo editor-chefe do Jornal Diário Popular, após a cobertura da coletiva concedida pelo representante da Ordem Lassalista, aparece uma crítica direta e acusativa sobre a visão mercantilista da ação Lassalista que, sem aviso prévio, anunciou o fechamento do educandário. Contudo, o envolvimento da comunidade para o não fechamento da escola é explicitado tanto nas diversas ações em prol do colégio, quanto na atitude dos professores que ao anteverem[92] o fechamento acabaram propondo redução em seus salários. Destaca-se também o envolvimento do Jornal Diário Popular que, ao realizar esse tipo de denúncia e cobertura dos fatos, em especial declarada pelo ponto de vista do seu editor-chefe, prolongaram a decisão dos encaminhamentos do colégio por mais alguns dias.

Dez dias após o anúncio da crise enfrentada pelo Colégio Gonzaga o Jornal Diário Popular divulgava que empresários locais tinham feito uma proposta de compra do colégio e dois dias depois noticiavam a troca de administradores da instituição. Além da capa, apresentaram a cobertura da noite em que foi anunciada à comunidade que o colégio manteria suas portas abertas.

---

[92] O Sinpro/RS envolveu-se na mobilização dos professores pela manutenção do funcionamento do Colégio Gonzaga. Realizaram, em 15 de outubro, reunião com o presidente da Sociedade Porvir Científico, Irmão Edgar Nicodem, e formalizaram a disposição do Sinpro/RS para efetiva negociação, objetivando a preservação do Colégio. Depois do anúncio de que o Colégio Gonzaga não fecharia suas portas, o Sinpro/RS realizou assembleia geral com os professores do La Salle Gonzaga, de Pelotas, no dia 25 de outubro, quando foi avaliado o processo de mudança de mantenedora da escola e os procedimentos rescisórios dos professores, com vistas à recontratação pela nova administração no ano letivo seguinte, quando a instituição deixaria de pertencer à rede lassalista. Fonte: http://www.sinpro-rs.org.br/extraclasse/nov03/sindicato3.asp Acesso em: 08/10/2011.


DIÁRIO POPULAR

Empresários locais fazem proposta para comprar o Gonzaga

Escolas têm três dias para entregar resultado da eleição

Prefeitura retira o projeto da taxa de luz pública

Três municípios da Zona Sul festejam emancipação hoje

Governo Lula tem a pior avaliação desde a posse

Vaca campeã da Expofeira é vítima de abigeato e morre

FALTA COMBUSTÍVEL PARA A USINA DE PIRATINI

Papa nomeia 30 novos cardeais e prepara sucessão

Figura 123 – Capa Jornal Diário Popular destacando oferta de compra do Colégio Gonzaga
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 22/10/2003.


DIÁRIO POPULAR

Grupo de pelotenses ganha a administração do Colégio Gonzaga

O centenário de morte do patriarca que era mal-amado

Luz vai ficar 11% mais cara a partir de amanhã

Polícia descobre central telefônica clandestina

Sedai lança na cidade programa de apoio a negócios

Figura 124 – Capa Jornal Diário Popular noticiando a nova administração do Colégio Gonzaga
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/10/2003.

A cobertura sobre o anúncio da troca de gestão do colégio Gonzaga será destacada na imagem e textos que seguem. Optou-se por destacar os textos em separado em função da legibilidade dos mesmos.



4 Cidade SEXTA-FEIRA, 24 DE OUTUBRO DE 2003

Editora: Élida Lima Coordenador de Produção: Jarbas Tomaschewski
elida@diariopopular.com.br ☎ 53 284-7016 jarbas@diariopopular.com.br ☎ 53 284-7016

PERSISTÊNCIA - A relutância da comunidade em evitar o fechamento da escola deu certo, superou a truculência e deu a vitória à cidade

Depois do impasse, o Gonzaga vive e é de Pelotas

Andréia Schimuneck

Os empresários Carlos Santo e Henrique Fuhro Souto, em duas horas de tratativas, ontem, em Porto Alegre, mudaram definitivamente o destino do Colégio Gonzaga, cuja sentença de morte fora decretada, efemeramente, na última segunda-feira pela Província Lassalista, mantenedora do educandário.

A "Galinha Gorda" - apelido tradicional nos seus 108 anos de história e que alunos e docentes fazem questão de preservar - continuará sua trajetória histórica. "Teremos a cara do novo milênio", festejou o novo diretor administrativo Henrique Fuhro Souto. A partir do ano letivo de 2004, ambos assumem a administração da escola de forma totalmente autônoma.

NOVIDADES PARA 2004

As novas diretrizes pedagógicas já haviam recebido o aval da Associação de Pais e Mestres da escola (Apamegon) na quarta-feira, o que viabilizou as tratativas diretas com a ordem lassalista, o que garante ser o Gonzaga de 2004 bem diferente do atual, tanto na forma administrativa quanto nos conteúdos ministrados.

A considerar que o nível de ensino na escola hoje é ao menos muito bom, as novidades do ano que vem só poderão ser surpresas positivas.

REMATRÍCULAS ABERTAS

As matrículas serão abertas na quinta-feira, 30, um dia depois da consolidação legal do acordo entre eles e a Sociedade Porvir Científico, a mantenedora atual da escola.

A Província lassalista insiste em manter em sigilo os detalhes da transação. A compra do prédio de 8,8 mil metros quadrados, como almejavam os proponentes, não é assumida mas também não é desmentida pelos empresários, ou pela assessoria da Rede Lassalista.

Em Porto Alegre, na sede da mantenedora, Santo e Fuhro Souto, ligados ao sistema Teorema Pré-Vestibular, negociaram com o diretor administrativo da Ordem, irmão Sérgio Luiz Silveira Dias. "Se vocês estão aprovados pela Apamegon (Associação de Pais e Mestres do Gonzaga), estão aprovados por nós", afirmou Dias.

PARA SEMPRE

O aval de pais, mestres e funcionários - conquistado nessa quarta por Santo, quando obteve o "sim" unânime de 500 deles a sua proposta pedagógica - não era apenas um acordo de cavalheiros entre mantenedora e Apamegon registrado em ata de reunião. Foi decisivo. "Estamos passando a administração do Gonzaga a vocês para todo o sempre", sentenciou o diretor administrativo da ordem.

Por responsabilidade legal, como enfatiza a assessoria da Rede La Salle, até o final do ano letivo de 2003 - 10 de janeiro - a condução pedagógica e administrativa é da Província, através dos professores Omero de Freitas Borges Júnior e Ricardo Welter, diretor e vice-diretor, respectivamente. Na prática, a orientação é apenas formalidade. A transição será conjunta.

"O caminho está livre para o Gonzaga voltar a crescer", antecipam os dois empresários. A garantia de emprego aos professores e funcionários foi reafirmada por Henrique Fuhro Souto.

COMEMORAÇÃO E ALEGRIA: apoiadores do Gonzaga se reuniram em uma festa que se iniciou às 22h30min e superou à meia-noite

TRIBUTO: comunidade escolar saúda a chegada de Carlos Santo

ALÍVIO E FESTA: alunos festejam a continuidade da escola do coração

Recepção e festa aos novos dirigentes

A comunidade escolar do Gonzaga recebeu os novos administradores do educandário ontem com alegria e fogos de artifício. Os empresários Carlos Santo, Henrique Fuhro Souto e o presidente da Apamegon, Francisco Vargas - que também participou das negociações com a Província -, chegaram de Porto Alegre por volta das 22h30min de ontem e seguiram direto para a escola.

Foram recepcionados por mais de 600 pessoas, muitas vestidas e pintadas de vermelho, a cor do Gonzaga. Faixas de tinta no rosto e cabelos eram a marca da vitória que a comunidade escolar do colégio centenário fez questão de estampar.

CORREDOR HUMANO

Até iniciarem os discursos, por vezes interrompidos pelos fogos de artifício, Santo, Fuhro Souto e Vargas passaram por um corredor humano, conduzidos por bonecos vivos da "Galinha Gorda" e do "Gato Pelado" (símbolo do Colégio Pelotense, um adversário tradicional e admiravelmente aliado nos momentos de maior dificuldade da crise dos últimos dias), e colheram os aplausos e abraços de pais, alunos e funcionários, emocionados, que disputavam a oportunidade de saudar os novos heróis da causa gonzaguiana.

Centenas deles os conduziram em uma volta olímpica pelo pátio da escola, enquanto a Banda tocava o Tema da Vitória (a eterna música do piloto Airton Senna).

"Estamos mais felizes ainda porque nós recuperamos o colégio, com muita luta", orgulhava-se Winne Fernandes, aluna do Ensino Fundamental. O pai de outras duas alunas descreveu como inacreditável a reação das pessoas - pulos e prantos pela escola - depois da notícia de que o Gonzaga continuaria aberto, pouco depois das 19 horas. "Tomara que isso represente a premissa de um novo tempo para toda a Zona Sul", desejou.

ESTOICISMO VENCEDOR

O empenho da comunidade pelotense foi definida pelo diretor do Colégio Pelotense, Luís Eduardo Brod Nogueira, como uma revolução cultural. "Vocês escreveram uma página impar na história da cidade e desta instituição centenária", reconheceu.

A festa prosseguiu até depois da meia-noite de quinta-feira numa demonstração de que a vitória obtida, pois de parecer impossível reflete o espírito de luta de quem acredita na causa justa e não esmorece com as dificuldades apresentadas, mesmo que no primeiro momento pareçam intransponíveis. (AS)

Figura 125 – Matéria sobre a compra do Colégio Gonzaga
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/10/2003.

Os empresários Carlos Santo e Henrique Fuhro Souto, em duas horas de tratativas, ontem, em Porto Alegre, ***mudaram definitivamente o destino do Colégio Gonzaga***, cuja sentença de morte fora decretada, efemeramente, na última segunda-feira pela Província Lassalista, mantenedora do educandário. A "Galinha Gorda" - apelido tradicional nos seus 108 anos de história e que alunos e docentes fazem questão de preservar - continuará sua trajetória histórica. ***"Teremos a cara do novo milênio", festejou o novo diretor administrativo Henrique Fuhro Souto***. A partir do ano letivo de 2004, ***ambos assumem a administração da escola de forma totalmente autônoma***.

NOVIDADES PARA 2004 - ***As novas diretrizes pedagógicas já haviam recebido o aval da Associação de Pais e Mestres da escola***

(Apamegon) na quarta-feira, ***o que viabilizou as tratativas diretas com a ordem lassalista***, o que garante ser ***o Gonzaga de 2004 bem diferente do atual, tanto na forma administrativa quanto nos conteúdos ministrados***. A considerar que o nível de ensino na escola hoje é ao menos muito bom, as novidades do ano que vem só poderão ser surpresas positivas.

REMATRÍCULAS ABERTAS - As matrículas serão abertas na quinta-feira, 30, um dia depois da consolidação legal do acordo entre eles e a Sociedade Porvir Científico, a mantenedora atual da escola. A Província lassalista insiste em manter em sigilo os detalhes da transação. A compra[93] do prédio de 8,8 mil metros quadrados, como almejavam os proponentes, não é assumida, mas também não é desmentida pelos empresários, ou pela assessoria da Rede Lassalista. Em Porto Alegre, na sede da mantenedora, Santo e Fuhro Souto, ligados ao sistema Teorema Pré-Vestibular, negociaram com o diretor administrativo da Ordem, irmão Sérgio Luiz Silveira Dias. ***"Se vocês estão aprovados pela Apamegon (Associação de Pais e Mestres do Gonzaga), estão aprovados por nós", afirmou Dias.***

PARA SEMPRE - O aval de pais, mestres e funcionários - conquistado nessa quarta por Santo, quando obteve ***o "sim" unânime de 500 deles a sua proposta pedagógica*** - não era apenas um acordo de cavalheiros entre mantenedora e Apamegon registrado em ata de reunião. Foi decisivo. ***"Estamos passando a administração do Gonzaga a vocês para todo o sempre"***, sentenciou o diretor administrativo da ordem. Por responsabilidade legal, como enfatiza a assessoria da Rede La Salle, até o final do ano letivo de 2003 - 10 de janeiro - a condução pedagógica e administrativa é da Província, através dos professores Omero de Freitas Borges Júnior e Ricardo Welter, diretor e vice-diretor, respectivamente. Na prática, a orientação é apenas formalidade. A transição será conjunta. ***"O caminho está livre para o Gonzaga voltar a crescer"***, antecipam os dois empresários. ***A garantia de emprego aos professores e funcionários foi reafirmada*** por Henrique Fuhro Souto.

A comunidade escolar do Gonzaga recebeu os novos administradores do educandário ontem com alegria e fogos de artifício. Os empresários Carlos Santo, Henrique Fuhro Souto e o presidente da Apamegon, Francisco Vargas - que também participou das negociações com a Província -, chegaram de Porto Alegre por volta das 22h30min de ontem e seguiram direto para a escola. ***Foram recepcionados por mais de 600 pessoas, muitas vestidas e pintadas de vermelho, a cor do Gonzaga***. Faixas de tinta no rosto e cabelos eram a marca da vitória que a comunidade escolar do colégio centenário fez questão de estampar.

CORREDOR HUMANO – Até iniciarem os discursos, por vezes interrompidos pelos fogos de artifício, Santo, Fuhro Souto e Vargas ***passaram por um corredor humano, conduzidos por bonecos vivos da "Galinha Gorda" e do "Gato Pelado"*** (símbolo do Colégio Pelotense, ***um adversário tradicional e admiravelmente aliado nos momentos de maior dificuldade da crise dos últimos dias***), e colheram os aplausos e abraços de pais, alunos e funcionários, emocionados, que disputavam a oportunidade de saudar os novos heróis da causa gonzagueana. Centenas deles os conduziram ***em uma volta olímpica pelo pátio da escola***, enquanto a Banda tocava o Tema da

[93] O prédio só foi vendido para a nova mantenedora Luiz de Camões, que o alugava desde o ano de 2004, em Julho do ano de 2010. O imóvel foi comercializado por R$ 4 milhões. A negociação teve um valor ainda maior por conta da aquisição do ponto comercial, da marca da escola, além de mobiliário e utensílios. O anúncio foi feito à comunidade gonzagueana ao som da banda da escola e em meio a um show de fogos de artifício. O montante, que superou os R$ 4 milhões, será pago em um prazo de dois anos (DIÁRIO POPULAR, 03/8/2010).

Vitória (a eterna música do piloto Airton Senna). "Estamos mais felizes ainda porque nós recuperamos o colégio, com muita luta", orgulhava-se Winne Fernandes, aluna do Ensino Fundamental. O pai de outras duas alunas descreveu como inacreditável a reação das pessoas - pulos e prantos pela escola - depois da notícia de que o Gonzaga continuaria aberto, pouco depois das 19 horas. "Tomara que isso represente a premissa de um novo tempo para toda a Zona Sul", desejou.
ESTOICISMO VENCEDORO - empenho da comunidade pelotense foi definida pelo diretor do Colégio Pelotense, Luís Eduardo Brod Nogueira, como uma revolução cultural. ***"Vocês escreveram uma página ímpar na história da cidade e desta instituição centenária",*** reconheceu. A festa prosseguiu até depois da meia-noite de quinta-feira numa demonstração de que a vitória obtida depois de parecer impossível refletia o ***espírito de luta de quem acredita na causa justa e não esmorece com as dificuldades apresentadas***, mesmo que no primeiro momento pareçam intransponíveis (JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/10/2003).

Em uma exemplar e inquestionável demonstração de que a união faz a força e que ***nada pode resistir quando a coletividade abraça um objetivo comum***, a comunidade escolar, aliada a vários outros segmentos da sociedade local, foi a responsável pela reviravolta no destino do Colégio La Salle Gonzaga. Mobilizada, reafirmou o peso e a importância da tradição da escola centenária à própria Sociedade Porvir Científico - a Província, mantenedora da instituição. Na próxima quarta-feira os empresários Carlos Santo e Henrique Fuhro Souto, ligados ao Teorema Pré-vestibular, assinam o contrato com a Porvir para ***assumir, em 2004, o comando autônomo do Gonzaga***. ***Há três meses, eles tentaram fechar acordo com o provincial Irmão Edgar Nicodem, sem êxito***. ***Diante da pressão popular, a resposta foi outra***. ***Pelotas e Zona Sul, tantas vezes rotuladas como falidas, deram uma nova demão de vermelho no patrimônio secular transformado em "elefante branco"***. A força de pais, professores, funcionários, alunos e egressos, solidários à causa, foi extravasada publicamente desde a primeira visita do ***auditor da Província Lassalista, Ricardo Werte***, no início do mês - prenúncio da decisão precoce de fechamento do Colégio La Salle Gonzaga. Na quinta-feira, quando mais de 600 pessoas receberam com fogos de artifício Santo e Fuhro Souto, que chegavam das negociações na sede lassalista em Porto Alegre, Werte, ao microfone, emocionado, reconheceu: ***"Vocês (a comunidade escolar) estão de parabéns, mesmo"***. Engajada desde o início das manifestações, Maria do Carmo Amaral Braga, mãe de dois estudantes do colégio e juíza titular do Juizado da Criança e da Juventude, comparou a força que moveu tanta gente pelo não-fechamento do Gonzaga a uma paixão avassaladora. ***"Nunca cedemos e é graças à nossa luta que a tradição vai continuar viva"***, sentenciou. O presidente da Associação de Pais e Mestres da escola (Apamegon), Francisco Vargas, destacou que o Gonzaga também credita a vitória à comunidade: "Foi de vital importância a luta de todos, pais, alunos e professores, que até prometeram sacrificar seus salários", revelou. No cenário de reconhecimento, a declaração de Sérgio Santi, pai de dois pequenos gonzagueanos, remete à repercussão mais ampla da batalha emocional travada contra a racionalidade lassalista. ***Ele enfatizou que se o quadro financeiro do Gonzaga, tão deficitário, for revertido, muito mais pode ser feito pela região. "Foi uma pequena semente para a cidade e à Zona sul, talvez o indício de um novo tempo", vaticinou*** (JORNAL DIÁRIO POPULAR, 26/10/2003).

Ao observar a série de informações divulgadas pelo jornal Diário Popular, acredita-se que o trabalho dessa escola durante os seus 108 anos foi o motivo da mobilização de tantas pessoas em torno do não fechamento do Colégio Gonzaga. Essa influência da escola na comunidade fez a diferença nesse momento. O vínculo com a história da instituição, o amor de seus ex-alunos pelo educandário, ficou registrado nas infinitas manifestações ocorridas durante os mais de dez dias até o pronunciamento da continuidade da instituição. Destaca-se também o envolvimento da comunidade estudantil do Colégio Pelotense – parte importante na constituição e memória do Colégio Gonzaga[94].

Causou estranheza o relato de uma das matérias em que o jornalista afirmava que os empresários vinham negociando a compra do Colégio Gonzaga durante três meses. Talvez os rumores tenham vazado na cidade em tempo anterior ao que mantenedora previa – uma vez que se deslocou para Pelotas depois de alguns dias das manifestações. Isso leva a crer que as tratativas entre a mantenedora e os empresários não tinham sido fechadas ainda por divergências financeiras. A mobilização da comunidade e o apoio da Apamegon talvez tenham pressionado a decisão da mantenedora em vender a escola para empresários da cidade.

Cabe relatar ainda que de alguma maneira participei deste momento educacional. Como estagiária em uma empresa de comunicação lembro-me de receber, na agência, o professor Carlo Santo para uma reunião. Ele era o proprietário do curso pré-vestibular Teorema e contratava a referida empresa para criar as ações de comunicação de seu curso. Santo comunicou à equipe da agência que a partir daquela data tinha adquirido o Colégio Gonzaga e que precisava de um anúncio urgente, para ser publicado no outro dia.

Foi acordado que a propaganda deveria esclarecer que a partir do ano de 2004 ele e seu sócio assumiriam a administração do Colégio Gonzaga. Naquele mesmo dia, após muita discussão sobre o texto do anúncio, a sua ilustração, etc. a propaganda foi criada e enviada ao jornal Diário Popular. Foi desenvolvido ainda o *slogan* que acompanhou os anúncios do ano de 2004, qual seja: *"Uma grande escola, um grande futuro"*. O foco foi o de afirmar que se a

[94] Para saber mais sobre as relações entre os colégios Gonzaga e Pelotense ler a importante tese escrita por Amaral (2003).

instituição tinha uma história, agora, com a nova gestão, teria também um promissor futuro. Ao final daquela tarde lembro-me de ver passar uma carreata de pais e alunos mobilizados contra o fechamento da escola. Recordo perfeitamente de ter refletido de que o trabalho desenvolvido naquela tarde atingiria um número significativo de pessoas.

A estratégia usada pela empresa de comunicação foi então a de, em um primeiro momento, utilizar o brasão da escola que estava esquecido – em uma tentativa de aproximar a atual gestão do colégio à identidade institucional histórica já conquistada. Sobre as maneiras de presentificar uma instituição Werle (2002, p.16) tece a seguinte consideração:

> também os ritos, as estórias, os brasões, os emblemas que adornam as flâmulas, os distintivos, as bandeiras, os uniformes, as cores, os hinos são indícios que contribuem para presentificar a instituição.

Michael Kerr, proprietário da agência de comunicação, concedeu uma entrevista em que recorda o momento em que sua empresa foi contratada para fazer as primeiras ações de comunicação do novo Colégio Gonzaga:

> Não lembro das palavras, mas lembro da idéia. Realizar uma ligação do Gonzaga com tradição, com a idéia de novo. A gente não podia perder isso, até porque a concorrência, o São José, é um colégio totalmente tradicional, o outro concorrente e o mais forte (Escola Mario Quintana) não tem tradição, vamos dizer assim, porque é mais novo. Vamos então usar a tradição e em segundo lugar mostrar que eram pessoas novas que estavam no colégio. [...] mostrando que eles iam fazer coisas novas, que iam trazer novidades, modernizar o colégio, trazer pessoas competentes para trabalhar no colégio. [...] mas nunca esquecendo a tradição tanto é que a gente resgatou uma coisa ali naquele momento que era o seguinte, o brasão do Gonzaga. Visualmente ele foi utilizado [...] várias pessoas que passaram pelo Gonzaga conheciam o brasão, então começamos a utilizar o logotipo junto com o brasão (RHADMANN, 2007, p.63).

Chama-se a atenção para um aspecto importante da visão do proprietário da Agência de Comunicação. Este via a Escola Mario Quintana como a mais forte no ano de 2007, possivelmente porque era isso que os gestores do Gonzaga informavam a ele. Analisando-se o conjunto de propagandas e os seus discursos percebe-se que até hoje o Colégio Gonzaga vê a Escola Mario Quintana como uma concorrente direta – possivelmente porque ambas, hoje,

tenham um mesmo perfil: não são confessionais. Já os seus valores[95] são díspares, as mensalidades do Colégio Gonzaga, tanto de nível fundamental quanto do médio, são, em média, cento e oitenta reais menos elevadas do que as da escola Mário Quintana. Sobre os diferentes valores praticados pelas instituições de ensino privadas de Pelotas o gestor da Escola Mario Quintana apresentou a seguinte explicação[96]:

> [...] enfrentamos dificuldades no campo tributário. Elas explicam em parte os preços mais altos que praticamos. Como somos uma empresa privada, somos obrigados a arcar com todos os impostos. A lista é enorme. Pagamos PIS, COFINS, CSLL, IRPJ, INSS Patronal. Enquanto isso, as escolas filantrópicas concorrentes estiveram e estão livres dessa obrigação. O São José, por exemplo, não paga os mesmos tributos que pagamos, pois conta com os benefícios da Lei da Filantropia. Ou seja, tivemos e temos de trabalhar em desigualdade contra uma concorrência que gozava e goza dos benefícios do Estado por causa do suposto trabalho assistencial [...] (VALÉRIO, 28/08/2008).

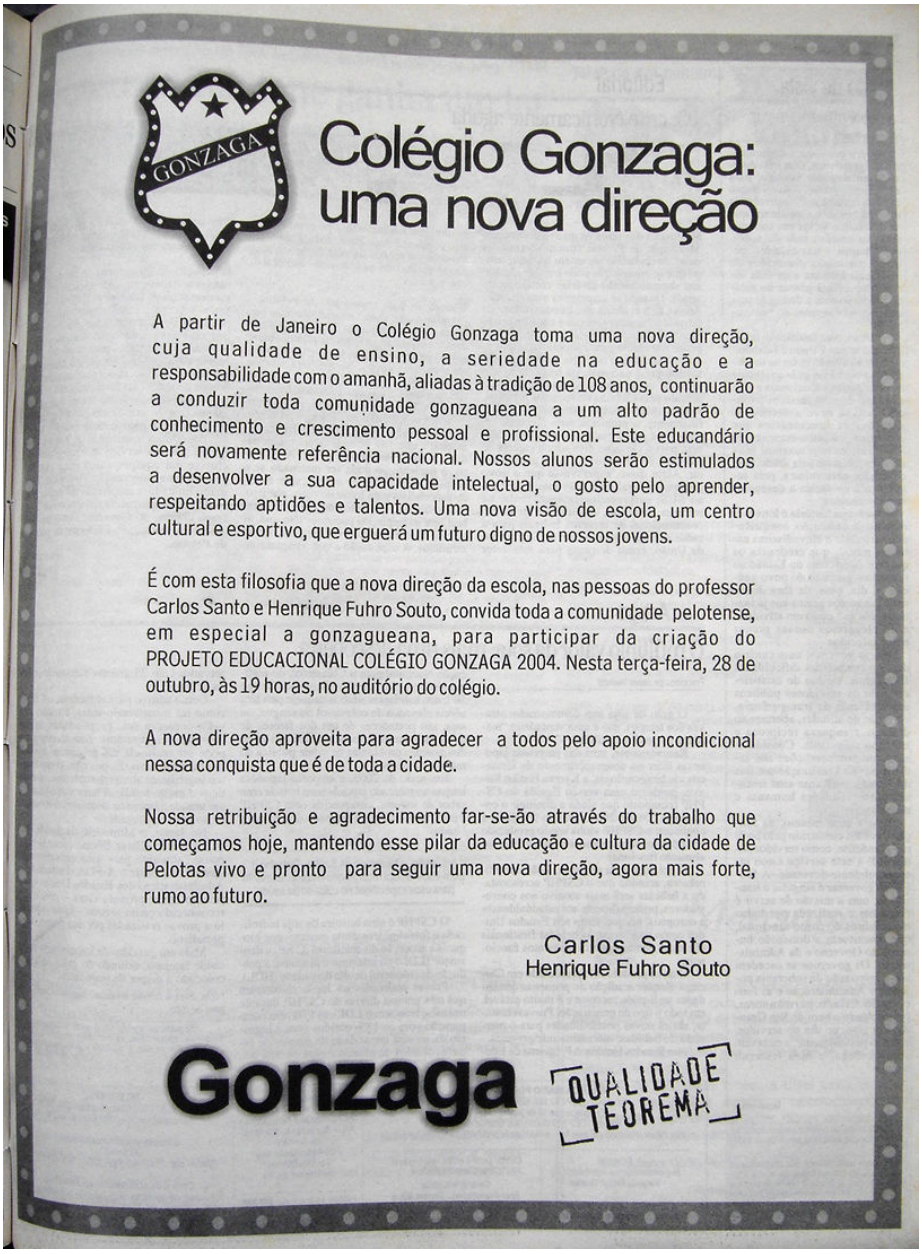
Esse embate entre as duas instituições talvez também ocorresse porque os proprietários de ambas, durante anos, foram concorrentes na área de cursos pré-vestibular, e essa disputa, portanto, acabou ganhando continuidade no segmento educacional formal. Já o Colégio São José, por ser confessional e possuir uma imagem mais tradicional, não se tornava um concorrente direto. Essa problematização será melhor discutida posteriormente.

As ações comunicativas do Gonzaga nesse momento tinham, então, o intuito de tranquilizar a comunidade, deixando claro que a escola não perderia a tradição conquistada ao longo de mais de cem anos. Além disso, na propaganda a comunidade escolar era convidada a participar de uma reunião para criar o "Projeto Educacional Colégio Gonzaga 2004", como é possível visualizar a seguir. Destaca-se que no anúncio a marca Teorema foi colocada como um carimbo ao lado da marca Gonzaga – atrelando o sucesso do curso Teorema e de seu proprietário, Carlo Santo, com os rumos que a escola tomaria a partir daquele momento.

---

[95] No ensino fundamental a classificação das escolas que tem uma mensalidade mais elevada, segundo os preços exercidos no ano 2012, é a seguinte: Escola Mário Quintana, Colégio São José, Colégio Gonzaga, Escola Santa Mônica e Colégio São Francisco de Assis. Já no ensino médio a classificação é a seguinte: Escola Mário Quintana, Escola Santa Mônica, Colégio Gonzaga, Colégio São José e Colégio São Francisco de Assis.

[96] Entrevista de Carlos Valério, diretor da Escola Mário Quintana. Fonte: http://www.amigosdepelotas.com/2008/08/entrevista-carlos-valerio.html. Acesso em: 09/09/2011.



Colégio Gonzaga: uma nova direção

A partir de Janeiro o Colégio Gonzaga toma uma nova direção, cuja qualidade de ensino, a seriedade na educação e a responsabilidade com o amanhã, aliadas à tradição de 108 anos, continuarão a conduzir toda comunidade gonzagueana a um alto padrão de conhecimento e crescimento pessoal e profissional. Este educandário será novamente referência nacional. Nossos alunos serão estimulados a desenvolver a sua capacidade intelectual, o gosto pelo aprender, respeitando aptidões e talentos. Uma nova visão de escola, um centro cultural e esportivo, que erguerá um futuro digno de nossos jovens.

É com esta filosofia que a nova direção da escola, nas pessoas do professor Carlos Santo e Henrique Fuhro Souto, convida toda a comunidade pelotense, em especial a gonzagueana, para participar da criação do PROJETO EDUCACIONAL COLÉGIO GONZAGA 2004. Nesta terça-feira, 28 de outubro, às 19 horas, no auditório do colégio.

A nova direção aproveita para agradecer a todos pelo apoio incondicional nessa conquista que é de toda a cidade.

Nossa retribuição e agradecimento far-se-ão através do trabalho que começamos hoje, mantendo esse pilar da educação e cultura da cidade de Pelotas vivo e pronto para seguir uma nova direção, agora mais forte, rumo ao futuro.

Carlos Santo
Henrique Fuhro Souto

Gonzaga QUALIDADE TEOREMA

Figura 126 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 28/10/2003.

Assim que os empresários divulgaram a notícia, suas próximas declarações já indicavam encaminhamentos para o futuro. Em entrevista concedida ao Jornal Diário Popular, ilustrada na imagem que segue, os empresários falavam em metas de número de alunos "*atingir a marca de mil alunos matriculados em 2004*, *e o dobro disso em três anos*". Indicavam o interesse em investir no Ensino Superior, além de investirem em uma transformação no ambiente pedagógico "*através da instalação de salas*

interativas, de projeção multimídia, revisões didáticas intensas e freqüentes serão recursos para um desempenho positivo dos alunos no Enem".

Os empresários assumem a escola com a pretensão de fazer rapidamente do Colégio Gonzaga a melhor escola do Estado. Além disso, afirmavam que o colégio deveria ser usado também para o lazer, "*como um clube social*" em um discurso para se igualar ao que a Escola Mário Quintana apresentava aos seus alunos. Era assim que o professor Carlos Santo vislumbrava o futuro próximo do espaço escolar, incentivando as escolinhas de futsal, vôlei, basquete, etc. Essa nova visão dos encaminhamentos da instituição faz refletir sobre os estudos de Viñao Frago (1995b) que concebe a cultura escolar como aquele conjunto de práticas, normas, ideias e procedimentos que se expressam em modos de fazer e pensar o cotidiano da escola. Segundo ele, a cultura escolar é ainda:

> la historia cotidiana del hacer escolar – objetos materiales – función, uso, distribución en el espacio, materialidad física, simbologia, introduccíon, transformación, desaparición – y modos de pensar, así como significados e ideas compartidas (VIÑAO FRAGO, 1995b, p.68).

No discurso da primeira entrevista como gestores, procuraram mostrar que possuíam uma visão nova para a escola, propondo qualificar e modernizar o ambiente escolar, tornando-o agradável aos alunos. Nesse discurso de convencimento da nova proposta institucional, mostravam que dariam atenção ao Enem e que não iriam desmerecer o passado da instituição, indicando continuidade ao que tinha dado certo. Neste caso, investindo nas ações esportivas exercidas pela escola no passado. Assim, destacavam um aliado incondicional no período de crise – o Colégio Pelotense. Os empresários apresentaram o desejo de que o aluno Galinha Gorda[97] revivesse a antiga e saudável rivalidade com o Gato Pelado (o Pelotense). O estímulo a isso se daria

[97] Segundo Amaral (2003, p.18), Gato Pelado é o apelido dado aos alunos do Colégio Pelotense, assim como Galinha Gorda aos do Gonzaga. "Tais denominações originam-se das iniciais "GP" de Ginásio Pelotense e "GG" de Ginásio Gonzaga e, ao mesmo tempo, de uma suposta alusão a alunos oriundos de famílias de origem "plebéia" e àqueles de origem mais abastada e aristocrática [...] Não há como negar que muitas das tradições estudantis das duas escolas estão ligadas às competições futebolísticas". Os próprios apelidos "Gato Pelado" e "Galinha Gorda" nasceram no início da década de 1930, nos campos de futebol, quando os times rivais, tentando diminuir seus adversários utilizaram-nos pejorativamente. É provável que os gonzagueanos tenham denominado, inicialmente, os alunos do Pelotense, de Gatos Pelotas. E esse em revide alcunharam os alunos do Gonzaga de Galinhas Gordas (AMARAL, 2003, p. 230).

pela reativação do Pe-Gon[98] (Pelotense contra Gonzaga), disputas esportivas tradicionais em tempos passados.

Amaral (2010, p.423) faz as seguintes análises acerca do que os Pegon´s representavam para as instituições entre as décadas de 1930 a 1960:

> Em relação às disputas futebolísticas, é certo que os Pe-Gon's, além de incentivarem a competição entre os alunos e traduzirem um forte vínculo de identidade com os valores que cada escola representava, foram fundamentais na formação dos jovens que passaram por esses educandários, especialmente daqueles que participavam dos Grêmios estudantis. Pode-se destacar ao menos dois fatores que tiveram as disputas futebolísticas como geratriz. O primeiro, diz respeito a todo um envolvimento e um aprendizado que extrapolava os limites da sala de aula e pouco tinha a ver com a tradicional formação escolar. Trata-se desde o gerenciamento, com todos os desdobramentos desse importantíssimo evento esportivo-cultural em que se transformaram os Pe-Gon's, até o desenvolvimento das habilidades necessárias à defesa e manutenção de seus posicionamentos diante de toda a sociedade pelotense. Para tal, certamente, era preciso mais do que simples arroubos juvenis. Fazia-se necessário construir uma argumentação sólida, demonstrar uma firmeza de princípios e manter um senso de responsabilidade e cooperação que os impelia a ultrapassarem os limites inerentes à sua pouca idade. O segundo, está relacionado aos ritos que estimulam o sentimento individual de pertença e que dão força à ação do grupo, do coletivo. A escolha e o convite oficial à madrinha do time, as negociações para a realização dos jogos, as reuniões para definir estratégias de defesa e/ou ataque, certamente têm papel fundamental na difusão e manutenção desse sentimento que transmite um aprendizado que irá permanecer em boa parte dos indivíduos que o vivenciaram.

Cientes da história do Colégio Gonzaga, e acreditando em uma proposta nova articulada ao que de importante essa instituição já tinha realizado no passado, os empresários, considerados "novos heróis", dão a seguinte entrevista:

[98] Para saber mais, ler o artigo de Amaral (2010) sobre os Pegon´s em Pelotas entre as décadas de 1930 a 1960.

DEPOIS DA VITÓRIA - Nova proposta pedagógica e Ensino Superior agregado

Gonzaga vai buscar faculdades

Andréia Schimuneck

Os empresários Carlos Santo e Henrique Fuhro Souto assumem o Colégio Gonzaga, de forma autônoma, em janeiro de 2004. A nova estratégia administrativa e pedagógica para a continuidade da escola centenária, contudo, será traçada já nos próximos dias: pretendem promover uma mudança radical na estrutura de ensino da escola. Profissionalismo e responsabilidade vão ser a base para essa renovação gonzagueana, garantem. Entre os instrumentos e metas traçados, o aumento do número de professores, tanto quanto das turmas, está incluído.

A meta é atingir a marca de mil alunos matriculados em 2004, e o dobro disso em três anos. Investir em Ensino Superior também é uma intenção manifesta: "A curto prazo, vamos agregar faculdades ao Gonzaga", revelou Santo.

CLUBE SOCIAL

A transformação no ambiente pedagógico será implementada também através da instalação de salas interativas, de projeção e multimídia. Revisões didáticas intensas e freqüentes serão recurso para um desempenho positivo dos alunos no Enem. A ambição maior é fazer rapidamente do Colégio Gonzaga a melhor escola do Estado. O ritmo das alterações deve ser acompanhado de perto pela Banda Musical do Gonzaga. Maior visibilidade é o que desejam Santo e Fuhro Souto e toda a comunidade pelotense.

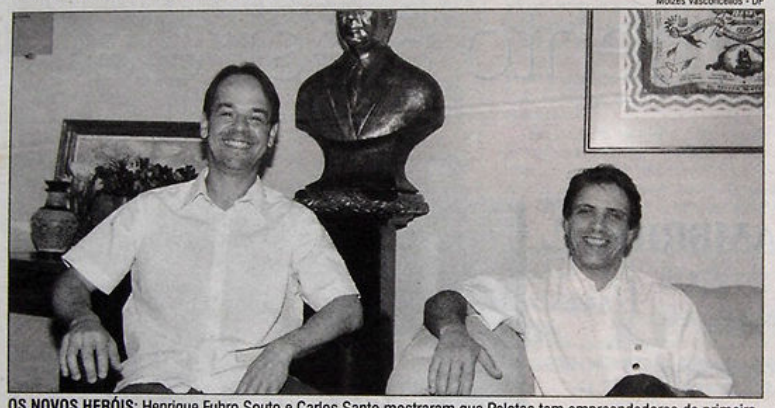
"O colégio tem que ser usado também para o lazer, como um clube social." É assim que o também professor Carlos Santo vislumbra o futuro próximo do espaço escolar. Vai incentivar as "escolinhas" de futsal, vôlei, basquete, handebol, ginástica olímpica; implementar núcleo de tradição nativista, laboratório de informática, cyber café, biblioteca virtual, salas de leituras com jornais e revistas. Tudo para fazer com que o aluno fique por mais tempo na escola e a aproveite como espaço de convivência.

RIVALIDADE ESTIMULADA

O aliado incondicional na crise desses últimos dias - o Colégio Pelotense - não foi esquecido. Os empresários querem que a "Galinha Gorda" reviva a antiga e saudável rivalidade com o "Gato Pelado" (o Pelotense). O estímulo a isso será a reativação do Pe-Gon (Pelotense contra Gonzaga), disputas esportivas tradicionais em tempos passados.

Na noite da quinta-feira, em discurso no pátio da escola, Henrique Fuhro Souto dava o tom de recomeço da secular existência gonzagueana: "Este será o primeiro dia do resto de nossas vidas".

Moizés Vasconcellos - DP



OS NOVOS HERÓIS: Henrique Fuhro Souto e Carlos Santo mostraram que Pelotas tem empreendedores de primeira

A indignação comunitária que trouxe a vitória

Em uma exemplar e inquestionável demonstração de que a união faz a força e que nada pode resistir quando a coletividade abraça um objetivo comum, a comunidade escolar, aliada a vários outros segmentos da sociedade local, foi a responsável pela reviravolta no destino do Colégio La Salle Gonzaga. Mobilizada, reafirmou o peso e a importância da tradição da escola centenária à própria Sociedade Porvir Científico - a Província, mantenedora da instituição.

Na próxima quarta-feira os empresários Carlos Santo e Henrique Fuhro Souto, ligados ao Teorema Pré-vestibular, assinam o contrato com a Porvir para assumir, em 2004, o comando autônomo do Gonzaga. Há três meses, eles tentaram fechar acordo com o provincial Irmão Edgar Nicodem, sem êxito. Diante da pressão popular, a resposta foi outra. Pelotas e Zona Sul, tantas vezes rotuladas como falidas, deram uma nova demão de vermelho no patrimônio secular transformado em "elefante branco".

FORÇA DA CIDADE

A força de pais, professores, funcionários, alunos e egressos, solidários à causa, foi extravasada publicamente desde a primeira visita do auditor da Província Lassalista, Ricardo Werte, no início do mês - prenúncio da decisão precoce de fechamento do Colégio La Salle Gonzaga. Na quinta-feira, quando mais de 600 pessoas receberam com fogos de artifício Santo e Fuhro Souto, que chegavam das negociações na sede lassalista em Porto Alegre, Werte, ao microfone, emocionado, reconheceu: "Vocês (a comunidade escolar) estão de parabéns, mesmo".

ENGAJAMENTO

Engajada desde o início das manifestações, Maria do Carmo Amaral Braga, mãe de dois estudantes do colégio e juíza titular do Juizado da Criança e da Juventude, comparou a força que moveu tanta gente pelo não-fechamento do Gonzaga a uma paixão avassaladora. "Nunca cedemos e é graças à nossa luta que a tradição vai continuar viva", sentenciou.

O presidente da Associação de Pais e Mestres da escola (Apamegon), Francisco Vargas, destacou que o Gonzaga também credita a vitória à comunidade: "Foi de vital importância a luta de todos, pais, alunos e professores, que até prometeram sacrificar seus salários", revelou.

No cenário de reconhecimento, a declaração de Sérgio Santi, pai de dois pequenos gonzagueanos, remete à repercussão mais ampla da batalha emocional travada contra a racionalidade lassalista. Santi enfatizou que se o quadro financeiro do Gonzaga, tão deficitário, for revertido, muito mais pode ser feito pela região. "Foi uma pequena semente para a cidade e à Zona sul, talvez o indício de um novo tempo", vaticinou.

Figura 127– Notícia novos rumos para o Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 26/10/2003.

Ao conceder uma entrevista para a realização de um trabalho de conclusão de curso, que tinha por objetivo analisar as mudanças na marca da escola Gonzaga a partir da gestão dos empresários, Henrique Fuhro Souto explicou como estava o cenário enfrentado quando da aquisição do Colégio Gonzaga:

> [...] nós chegamos aqui no verdadeiro caos e talvez fosse aí que estivesse o motivo do fechamento e em função de o número de alunos estar cada vez mais reduzido e cada vez aumentar mais as reclamações dos pais e quem administrava a escola achou melhor fazer com que as atividades fossem encerradas porque o prejuízo realmente era mensal. Quando chegamos aqui, havia uma distância entre a administração e a parte pedagógica e a gente sabe que se as duas não andarem juntas as coisas não funcionam [...] Existiam várias reclamações dos alunos e dos pais e, financeiramente, a situação era muito delicada, pois os salários dos colaboradores não eram pagos e os fornecedores não dispunham mais de crédito para a escola (RHADMANN, 2007, p.37).

Passados alguns dias da euforia sobre os novos rumos que seriam tomados pelo Colégio Gonzaga, o Colégio São José, manifesta-se se solidarizando pelos momentos enfrentados pelo Colégio Gonzaga e esclarecendo a seguinte situação:

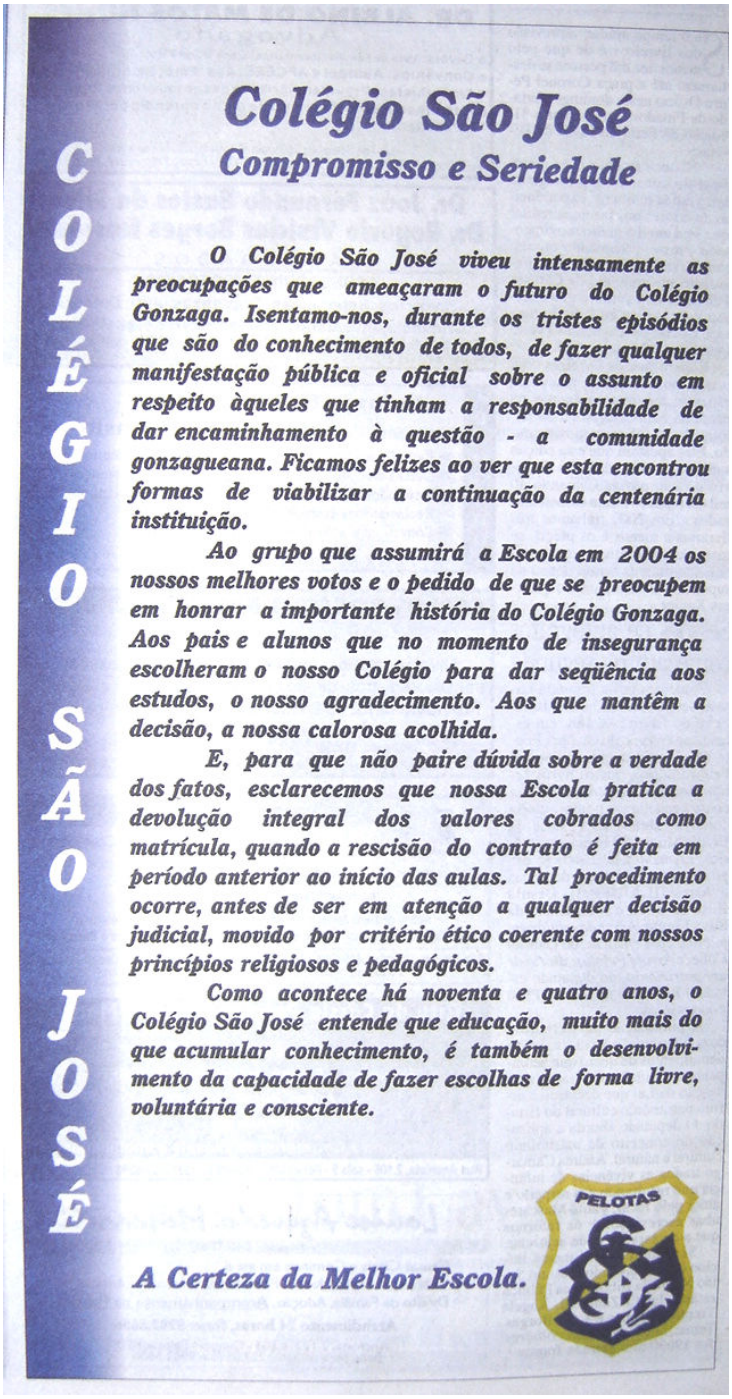


Figura 128 – Anúncio Colégio São José.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 02/11/2003.

Nesse momento existiam boatos na cidade de que muitos pais temerosos com o futuro do Colégio Gonzaga teriam transferido seus filhos para o Colégio São José. Contudo, o que se dizia é que muitas das crianças queriam retornar ao Gonzaga e que a escola São José estaria fazendo os alunos de "reféns" ao não cancelar suas matrículas. Este momento educacional é, portanto, tenso e de enfática disputa entre as instituições. O Colégio São José, identificado

pela pesquisa por não ter como hábito entrar nos embates com a concorrência, acabou indo a público mostrar sua indignação. Expondo assim o que ocorria com os alunos oriundos do Colégio Gonzaga que, ao que tudo indica, estariam sendo assediados a voltar para o Colégio Gonzaga. Alguns pais, que tinham matriculado seus filhos no Colégio São José, por sua vez, mudaram de ideia e queriam levar seus filhos de volta para o Gonzaga. Em meio a isso aparecia a discussão se a escola devolveria o investimento da matrícula ou não. Ao explicar o fato, a escola termina o anúncio assinando com o seguinte *slogan "A certeza da melhor escola"*. Essa afirmativa foi publicada, acredita-se, com a intenção de se colocar em outro lugar, distante da competição que estava sendo proposta pelo Colégio Gonzaga e pela Escola Mario Quintana. Sobre essa nova campanha do Colégio São José, divulgada pela própria escola, o diretor proprietário da Escola Mario Quintana fez a seguinte observação em entrevista[99] concedida no ano de 2008:

> Em 2001, com os bons resultados que alcançamos, lançamos uma campanha de *Marketing* baseada no *slogan*: "A melhor escola". Em seguida o Colégio São José lançou a contra-campanha: "A certeza da melhor escola". Mas não há artifício que anule o trabalho concreto e competente. De qualquer forma, a tentativa do São José de enfrentar a Mario Quintana com a pueril peça publicitária, confirma a importância que dão à nossa estatura, assentada em resultados frutíferos reais, e conquistada sem facilidades proporcionadas pela filantropia (VALÉRIO, 21/08/2008).

Além dos embates identificados com as propagandas, a entrevista concedida pelo proprietário da escola Mario Quintana não deixa dúvidas de que essas disputas existiam e se utilizavam da propaganda para chegar até o público. Esse é outro aspecto do ensino empresarial que chama a atenção: a figura do gestor. A imagem dos gestores constantemente, em especial do Colégio Gonzaga e da Escola Mario Quintana, eram e ainda são expostas nos anúncios. Cria-se uma *persona* para esses profissionais atrelando às suas imagens a qualidade da instituição gerida. Antes disso, só nas escolas confessionais era possível observar a participação ativa do gestor na comunidade, tais como o irmão Lino, do Colégio Gonzaga e a irmã Anita Maria Pastore, ex-diretora do Colégio São José.

Nos dois próximos anúncios, o proprietário e diretor da Escola Mario Quintana apresenta à comunidade um novo projeto desenvolvido por ele, que

[99] Entrevista de Carlos Valério, diretor da Escola Mário Quintana. Fonte: http://www.amigosdepelotas.com/2008/08/entrevista-carlos-valerio.html. Acesso em: 09/09/2011.

além de beneficiar a escola também seria utilizado para ações sociais dando acesso às escolas públicas. Já a segunda propaganda aproveita o final do ano para desejar votos de um novo ano próspero, ao mesmo tempo em que utilizava um discurso em propaganda própria – mostrando para a comunidade como a escola pensa, ou seja, como o seu proprietário conduz a Cultura Organizacional dessa instituição. Ao ler o texto do anúncio fica nítida a estreita relação do gestor da escola com os argumentos apresentados pelos anúncios da mesma.

Como anteriormente argumentado, essas novas figuras da gestão educacional privada do final do século XX e princípio do XXI vão, aos poucos, apresentando-se à comunidade no intuito de demarcar espaços. Chama atenção o fato de que somente duas escolas fazem isso. Nas demais, a figura do gestor não é explorada.



Figura 129 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 10/01/2008.

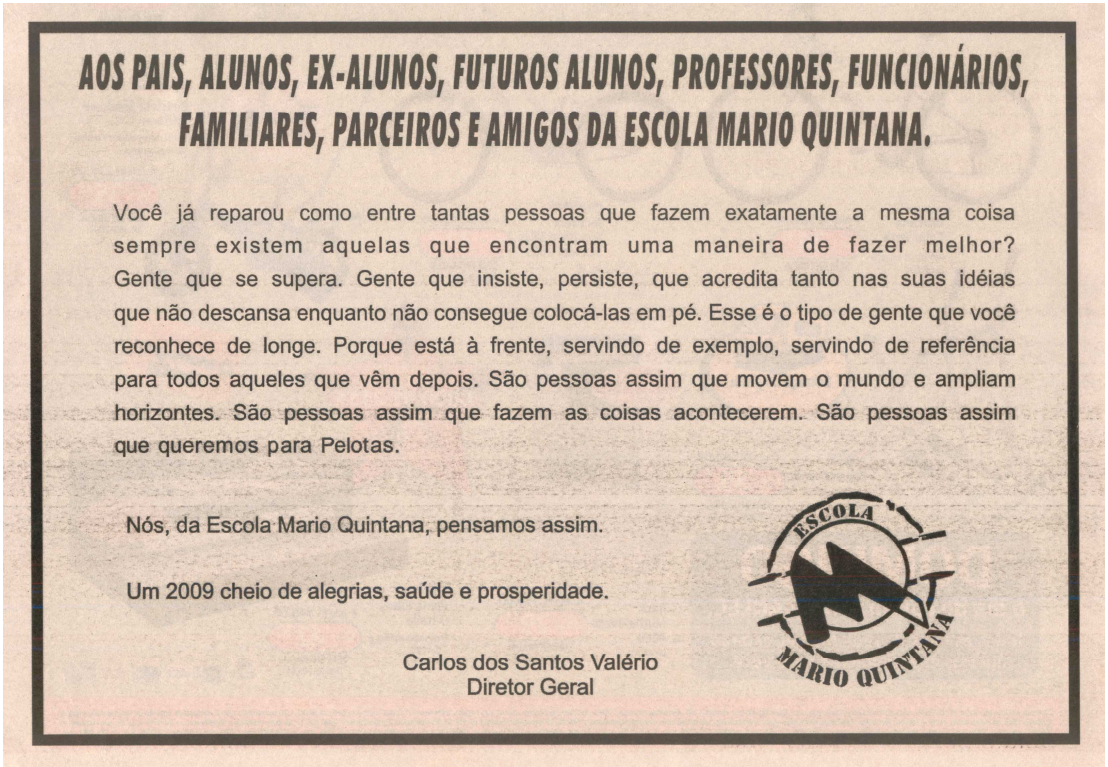


Figura 130 – Anúncio Escola Mario Quintana.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 21/12/2008.

O ano de 2004 tem início e com ele uma série de propagandas do Colégio Gonzaga apresentando à comunidade a nova identidade da instituição. No dia 1/1/2004 é estampada na capa do Jornal Diário Popular a seguinte mensagem/anúncio institucional:



Figura 131– Capa do Jornal Diário Popular e propaganda do Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 01/01/2004.

Logo após, no mês de fevereiro de 2004, a escola publica uma campanha contendo treze anúncios. O conceito criado era o de apresentar o Colégio Gonzaga naquele momento, identificando os atores sociais que comporiam o novo Gonzaga. Para isso, expôs as fotografias e os nomes dos professores, como é possível identificar nas duas próximas propagandas:



Figura 132 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 09/02/2004.

As chamadas dos anúncios começavam sempre da mesma maneira, como pode ser observado no anúncio anterior. A campanha destacava a seguinte frase "*O Gonzaga é*:". Com este conceito desenvolveram uma série de propagandas focando temas distintos. São estas as frases retiradas de algumas destas propagandas: *O Gonzaga é: educação infantil de qualidade, é desenvolvimento de uma realidade lúdica, é anos de experiência, é educação para todas as idades, é a melhor educação infantil da Zona Sul, é infra-estrutura de qualidade*. Além dessas especificidades, destaca-se agora um anúncio que compunha o conjunto dessas propagandas – que operavam com essa proposta de apresentar o novo Gonzaga à comunidade. Nele o diretor do colégio reforça a

ideia de educação integral, já sinalizada nas entrevistas concedidas quando da compra da escola.

Junto a ele apresenta à comunidade o seu vice-diretor, professor Airton dos Santos, que também lecionava no curso pré-vestibular Teorema, de propriedade de Carlo Santo. Na mensagem o professor Airton usa a palavra fé por duas vezes, além de mostrar preocupação na formação dos alunos na área em que atuava, a língua portuguesa. Percebe-se que desde o princípio a nova direção do Gonzaga destacava em seus anúncios que a escola mantinha-se cristã. De alguma forma, os textos, e por vezes as imagens, testemunhavam nesse sentido. Acredita-se que, mais uma vez, havia uma tentativa de não ocorrer rupturas tão profundas com a personalidade até então constitutiva da escola.

Agora, no anúncio, o carimbo do curso Teorema é trocado por outro que destaca *"Ensino forte e de qualidade"*. Essa série de anúncios vêm acompanhados do chamamento para as matrículas

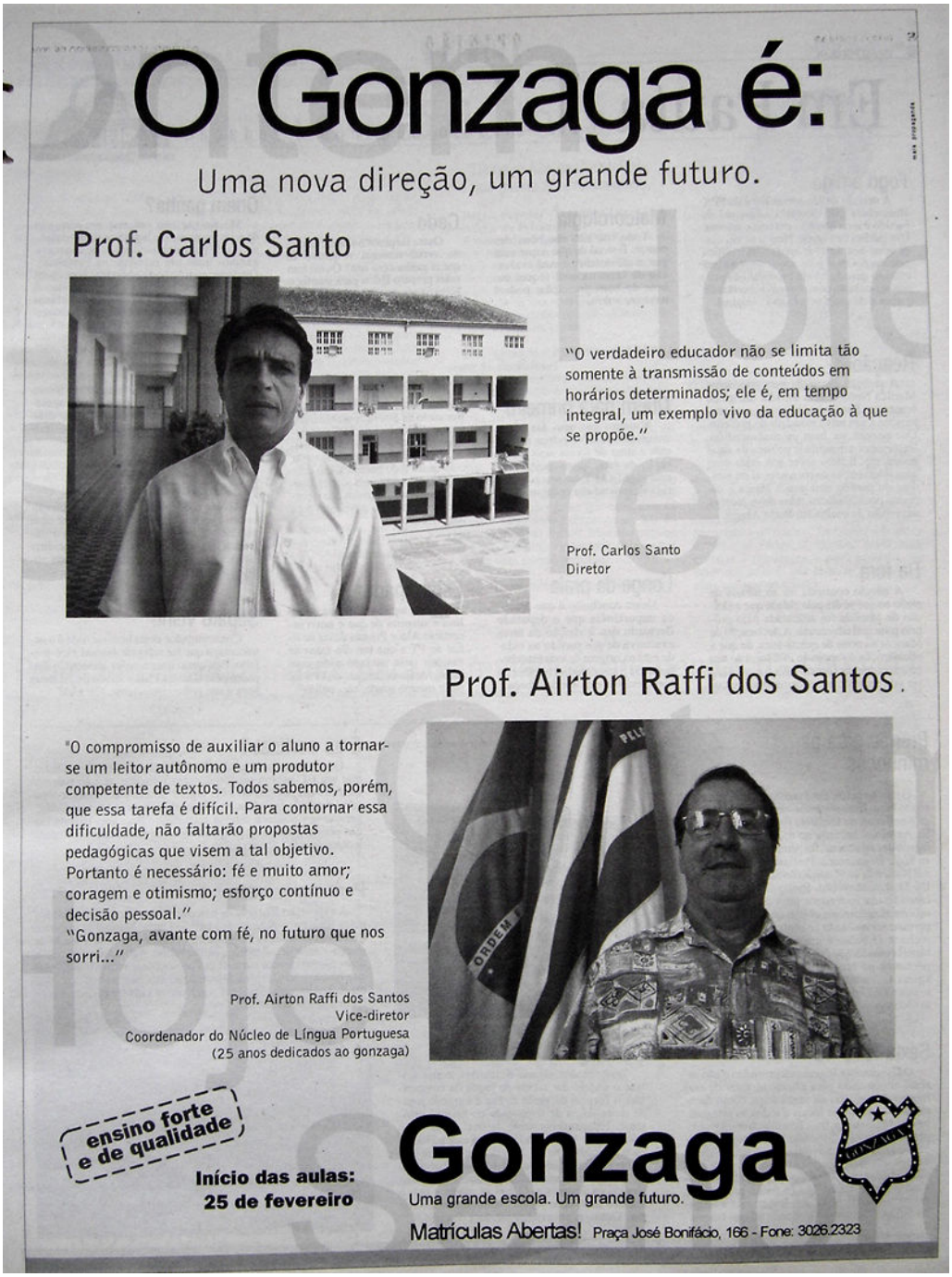


Figura 133 – Anúncio Colégio Gonzaga e capa do Jornal Diário Popular
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 15/02/2004.

O vínculo com a cristandade a partir da gestão dos empresários não se perdeu e sempre que possível os anúncios do Colégio Gonzaga destacavam isso. Seja por meio dos relatos dos professores, ou em datas comemorativas, os anúncios com frequência divulgavam esse vínculo. Na próxima propaganda a escola avisava sobre a data da celebração da primeira eucaristia. O discurso imagético deste anúncio é explícito, exposto em uma fotografia produzida para

este fim. A escolha de uma menina angelical apresentada em primeiro plano, bem como um representante dos meninos no segundo plano, ambos com a postura de reza ocorrida *in loco*, ou seja, na capela do colégio, ambientam o cenário religioso que a escola ainda possui e faz questão de mostrar.



Figura 134 – Anúncio Colégio Gonzaga
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 17/11/2010.

Sobre a utilização de fotografias de forma estratégica, Coutinho (2010, p.340) afirma que:

> é importante observar a composição da fotografia no conjunto do registro visual a ser lido, tanto em uma mensagem jornalística quanto publicitária. A posição da imagem, a presença ou não do texto, a utilização de moldura, cores, devem ser interpretados pelo analista [...] Nas mensagens publicitárias a função da imagem se aproximaria da persuasão do receptor, utilizando como recurso emoções, símbolos, marcas culturais.

No ano de 2007, ao divulgar um anúncio de página inteira, a escola divulgava as olimpíadas das cores. A propaganda foi composta por fotografias dos alunos do colégio entregando donativos para instituições carentes de Pelotas. Analisam-se aqui alguns trechos do texto do anúncio*: "O ser humano carrega em*

si vários sentimentos [...] dependendo da ação motivadora, podem agir de diferentes formas. [...] A Gincana da Solidariedade foi uma das atividades da Olimpíada das cores [...] O gesto possibilitou o exercício da fraternidade e vivenciar a experiência de Deus no dia-a-dia, com relação aos mais necessitados. Segundo o diretor financeiro, Henrique Fuhro Souto, 'essa atitude foi marcante para todos nós, pois mostrou o quanto faz bem ajudar a quem necessita'" (ANÚNCIO COLÉGIO GONZAGA, DIÁRIO POPULAR, 27/07/2007).

A intenção de expor à comunidade as ações benemerentes praticadas pelo colégio, mesmo com a nova gestão, ficou evidente nesta publicação. A escola se coloca como sendo capaz de gerar nas crianças uma ação motivadora fazendo com que essas *"agissem conforme os preceitos de Deus"*.

Os envolvimentos com a comunidade e a exposição dessa ação indicam, então, o esforço continuado dos novos gestores em manter uma imagem cristã para o colégio. No anúncio, a Galinha Gorda também ganhou espaço. O retorno do uso desse símbolo da escola será discutido posteriormente. Na propaganda destacavam ainda que esta seria a primeira olimpíada de um colégio transmitida pela televisão. A necessidade de inovação "ser a primeira, a única" a desempenhar alguma função parece estar no cerne da ação privada educacional.

Assim como o Colégio São José, hoje, ambas instituições têm programas próprios de televisão que são veiculados nos canais de televisão por assinatura de Pelotas. Essa se tornou uma nova alternativa para expor os atributos da escola aproximando a sua ação a diferentes expectadores. Observa-se que com esses programas as escolas abrem as suas portas, expondo seu projeto político pedagógico e agindo de forma sistemática e planejada dentro dos preceitos do *Marketing* Educacional.



Figura 135 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 27/07/2007.

Depois da posse dos novos proprietários outras campanhas continuavam mostrando os novos diferenciais da escola, utilizando, muitas vezes, os professores como testemunhas da qualidade da instituição. Por vezes apresentavam alguns deles destacando o tempo de docência no colégio – outro

elemento constitutivo da tradição e da qualidade vivenciados pela escola no passado e que era pretendida no presente pela nova administração.



Figura 136 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 07/12/2003.

A próxima série de anúncios testemunhais foi publicada no mês de novembro de 2005, antecipando-se em um mês às campanhas de matrícula que costumavam começar no mês de dezembro de cada ano[100]. Acredita-se que não por acaso, no mesmo mês a Escola Mario Quintana apresentava uma série de propagandas em que destacava os motivos pelos quais as pessoas deveriam optar pela escola (ver Figs. 24, 25, 26).

Na campanha de 2005 do Gonzaga o conceito centrava-se em mostrar para o público que o Gonzaga já fazia parte da vida de algumas pessoas da comunidade e poderia também constituir a formação de quem estava olhando aquela propaganda, ou seja, quem ainda não era seu aluno. O Grupo Jovem do Gonzaga estava presente no primeiro anúncio da série de propagandas divulgadas. Neste a escola mostrava para a comunidade que a Cultura Organizacional do colégio se mantinha e que nesse ambiente educacional o aluno

[100] Atualmente é comum que as campanhas sejam divulgadas no mês de novembro.

continuaria a encontrar valores éticos e cristãos, como pode ser analisado no anúncio:



Figura 137– Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 23/11/2005.

Três dias depois do anúncio anteriormente exposto, a próxima propaganda publicada destacava uma aluna da escola que iria começar a frequentar o ensino médio do Gonzaga. Buscando uma identificação para com os pré-adolescentes, o colégio retratou a estudante afirmando que o colégio era *"o seu chão"* e que para ela *"o Gonzaga representa uma vitória, transmitindo a idéia de que nada é impossível e que deste Colégio todos sairão vencedores"* como poderá ser observado a seguir. Ao fundo aparece a fotografia de outros alunos descontraídos, demonstrando felicidade em estar no ambiente da escola. O discurso de que o colégio transforma o aluno em um vencedor é também muito presente no terceiro ciclo do ensino privado de Pelotas e, no Colégio Gonzaga, vai ocorrer quando a instituição passa à gestão empresarial. Antes disso, o discurso confessional focava na ética e no desenvolvimento humano do aluno.



Figura 138 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 27/11/2005.

Na mesma edição do Jornal Diário Popular em que foi apresentado esse anúncio havia outro que retratava o testemunho de uma alfabetizadora escola.



Figura 139 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 27/11/2005.

A professora está em primeiro plano e ao fundo aparece uma turma de crianças e o ambiente interno da escola. O texto destaca que a referida docente atuava na instituição há 19 anos e, dentre outras informações, como pode ser visto, testemunhava que a escola auxiliava o aluno a se tornar solidário e justo e que de maneira lúdica o preparava para a vida futura. O discurso contido nessa série de propagandas foca a competência da escola em formar seres humanos comprometidos, éticos. Já o discurso visual opera no sentido de modernizar a imagem da instituição, ao apresentar um conjunto de anúncios bem elaborados que mostram a qualidade da estrutura física da escola. Ainda sobre as imagens, chamam atenção os uniformes redesenhados em que o brasão da escola aparece revitalizado; o uso de *buttons* da escola pela adolescente e por uma menina da turma de alfabetização. Esses detalhes denunciam o cuidado de produção dessas imagens, que vão auxiliar o discurso de amor à escola e de modernidade da instituição.

No próximo anúncio a escola destacava a educação física. As competições esportivas, como anteriormente expostas, fizeram parte da história desse educandário. Essa é, portanto, uma tradição que a nova administração do colégio busca manter.



Figura 140 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 20/11/2005.

O professor que concede sua imagem e o seu testemunhal destacava que no Projeto Político Pedagógico do colégio o exercício físico era uma prioridade para a instituição *"pois além de desenvolver a parte motora de crianças e adolescentes, a Educação Física auxilia na formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos. Respeitando diferenças e limites, o Gonzaga trabalha a humanização, a interação social e a coletividade dos alunos".*

Já a chamada de todos os anúncios *"Este é o meu Gonzaga e poder ser o seu"* apresentou ao público o sentimento de pertencimento existente na comunidade escolar, exemplificando a maneira como uma instituição privada se mostrava ao mercado. Os destaques centravam-se no aluno, no professor, na estrutura pedagógica e na sustentação cristã que não foi abandonada pela

instituição com a troca da gestão. Discurso que perdura nas campanhas seguintes apresentadas pelo colégio. Em uma análise comparativa com as outras duas maiores instituições de educação privada na cidade, e que anunciavam com mais frequência – Colégio São José e Escola Mario Quintana –, o Colégio Gonzaga parece oferecer uma fusão entre essas duas modalidades, pois divulgava uma imagem cristã aliada à modernidade. Já a escola Mario Quintana, concentrava-se na modernidade e no diferencial em educação enquanto o Colégio São José, na tradição confessional. São, dessa forma, três nichos diferentes de mercado. E, ao que tudo indica, essa postura adotada pelos gestores do Gonzaga só tinha a lhes acrescentar, uma vez que captariam um público que apostava em qualidade e inovação, mas que não abria mão de que seu filho recebesse os preceitos no ambiente escolar.

É digno de registro que, obviamente, cabe aos pais e responsáveis pelos alunos, ao visualizar tais propostas pedagógicas distintas, optar pela oferta que lhes conviessem. A propaganda, como anteriormente problematizado, tem a função de chamar a atenção, de despertar o interesse e o desejo do observador e, por fim, levá-lo a consumir o serviço anunciado. Todavia, por mais que as escolas formassem as suas identidades na mente dos receptores utilizando os anúncios, e a escola Gonzaga é prova de que essa imagem pode ser retrabalhada mediante ações de comunicação, a propaganda não é a única fonte de acesso à informação sobre os serviços ofertados pelos colégios.

A construção da nova identidade do Gonzaga foi desenvolvida, de alguma forma, em todas as campanhas após a mudança da gestão. Em 2008 o ano letivo começou e com ele uma mensagem foi publicada pelo diretor do colégio na capa do Jornal Diário Popular, como pode ser visualizado nas imagens que seguem. A capa é um espaço de muita visibilidade[101] que auxiliaria no discurso de crescimento dessa instituição – uma vez que publicou um anúncio na parte mais privilegiada[102] do jornal. Além disso, opera em função de uma

[101] Acredita-se que o erro de escrita da palavra “nosso” da figura 142 e a falta do uso da crase identificados no anúncio devam ter prejudicado a empresa de comunicação, uma vez que depois dessa campanha não se observou mais o seu vínculo com o colégio. Prejudicada também a escola, que expôs erros na capa do jornal.

[102] Registra-se aqui que o Jornal Diário Popular é dividido por seções. Dependendo do tamanho do anúncio e se ele é colorido, ou não, o preço é calculado. Caso a escola determine em que espaço será publicado, tratar-se-á de uma propaganda determinada, ou seja: com uma localização acordada entre a empresa e o jornal e isso também tornará a publicação mais onerosa para a

aproximação da comunidade: pois se faz presente dirigindo-se a ela quando expõe a seguinte mensagem:



Figura 141 – Capa do Jornal Diário Popular[103] e Anúncio do Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/02/2008.

No texto do anúncio de volta às aulas o diretor do Colégio Gonzaga falava de um sonho em concretizar uma escola nova. Ao apresentar as qualidades no novo Gonzaga, fez um comparativo com o passado da escola *"Um dia alguém sonhou com uma escola diferente. Uma grande escola! Um novo Gonzaga. Nosso Colégio se faz a cada dia [...] novas conquistas devem marcar a história do nosso Colégio Gonzaga. Se ontem ele foi forte, hoje deve ser mais. Se*

escola. A capa, por outro lado, tem ainda um adicional no valor por tratar-se do espaço nobre do jornal.

[103] Fonte: http://srv-net.diariopopular.com.br/24_02_08/index.jpg

foi exemplo de vivência educativa hoje deve ser imitado por todos aqueles que acreditam na educação".

A concepção de "modelo" apresentada no discurso "*deve ser imitado por todos aqueles que acreditam na educação"*, como já apresentado, foi utilizada pelas escolas geridas pelos empresários da educação. Cria-se esse paradigma que é vendido para a comunidade como sendo o modelo a ser copiado por outras instituições de ensino. Uma excessiva e, entende-se, desnecessária exposição de confiança. Isso porque, se analisada por outro prisma, desrespeita outros projetos políticos pedagógicos existentes.

Outro elemento discursivo presente nesse anúncio trata-se da ilustração da Galinha Gorda. Seu significado já foi apresentado, contudo, chama-se a atenção de que o Colégio Gonzaga volta a utilizar esse símbolo da escola em diversas situações, como pode ser visto nas seguintes propagandas:



Figura 142 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 15/01/2008.



Figura 143 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 10/01/2008.

Ao analisar-se esta estratégia se recorre aos estudos de Sighieri (2009), quando afirma que o principal objetivo da vinculação de um personagem a uma marca ou produto é humanizá-los e gerar, junto ao público-alvo, uma identificação direta. O mascote nada mais é do que um interlocutor entre a marca e seu consumidor sendo o porta-voz da instituição. Mais do que isso, acredita-se que, em se tratando do Colégio Gonzaga, a escola tenha voltado a utilizar este símbolo com a intenção de associá-lo a um período importante vivenciado pelo colégio. Assim, imagina-se que o interesse fosse, diante das gerações passadas, remeter à imagem da atual escola aos tempos áureos vivenciados pelo colégio. Já a aproximação com a criança do século XXI poderia ser consolidada a partir dessas novas campanhas, em que a Galinha Gorda aparece simpática interagindo com a criança. Trata-se, portanto, de uma tentativa de ressignificação da imagem da Galinha Gorda. Além disso, o anúncio vende a ideia do prazer da leitura – uma vez que a criança e a Galinha Gorda divertem-se diante do livro e são transportados por ele, explicitando a máxima de que o texto faz o leitor "viajar". Assim, a escola utilizou uma propaganda para relacionar a sua imagem ao prazer do texto; a de uma instituição que preza por essa prática. Trata-se,

assim, de uma propaganda com um discurso educativo, pois mostra para as crianças que o hábito da leitura é prazeroso. Com relação ao uso de diferentes suportes da mídia como um discurso educativo, Salerno e Cunha (2011, p.131) indicam que:

> a ideia de pedagogia cultural permite considerar como educativos a mídia impressa, os programas de televisão, os filmes, os desenhos animados, museus, a publicidade. Educativos, porque ensinam determinadas formas de ser, de se ver, de pensar agir; porque tais artefatos culturais, ao colocarem em circulação determinadas representações constituem-se como materiais a partir dos quais as pessoas vão construindo suas identidades de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia. São nada menos que pedagogias capazes de operar pela sedução e de educar modos de comportamento.

Dois anos depois dessa campanha de matrículas o novo conjunto de anúncios desenvolvia a seguinte chamada: "*Aqui você vive o conhecimento"*. Nessa campanha, o colégio mostrava para a comunidade fotografias em que o ambiente interno era registrado e exposto ao externo. O foco da educação nesse momento era direcionado ao conhecimento por meio da experimentação. A escola, portanto, afirmava que propiciava uma aprendizagem enriquecedora exemplificando que essa poderia ocorrer mediante as ações desenvolvidas por ela, tais como: a hora do conto e os projetos literários. A bela fotografia capturando a espontaneidade das crianças ao manusear os livros corrobora com o discurso descrito na propaganda. A imagem, inclusive, preenche o maior espaço do anúncio já a chamada e o texto de apoio aparecem visualmente em menor escala. No canto superior esquerdo divulgam mais três fotografias que registram momentos da educação infantil.



Figura 144 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 07/11/2010.

Na próxima propaganda, que também compôs a campanha 2011, o que chama a atenção é a exposição do professor na ação educativa. Diferentemente da primeira imagem, essa, deixa transparecer a produção, uma vez que não só evidencia a professora estrategicamente ao centro da sala para registrar o ambiente da sala de aula, como a exposição das mesas em boas condições, a disposição das classes na sala, o livro didático, etc., todos presentes no cenário registrado. Com relação ao uso do livro didático, Cunha (2011, p.82) chama a atenção de que no Brasil, desde os finais do século XIX, notadamente após a República, os livros escolares foram considerados a base para a aprendizagem da leitura sendo transformados em obrigatórios. Assim a escola,

> considerada como a Instituição que recebe, prioritariamente, a incumbência de ensinar a ler e a escrever (ações que constituem aspectos importantes do processo de alfabetização) a escola continua a ser uma conquista importante para a criança nos seus primeiros anos e ensinar a ler e a escrever têm sido uma das tarefas mais efetivas a ser cumprida pelos professores. A prática de adotar os livros escolares para o ensino dessas habilidades, também considerou ensinar que a leitura é uma atividade paciente, uma experiência simbólica e uma maneira de construir sentidos e, como tal, é uma ação que exige um investimento para transformar o *habilitado a ler* em um *leitor efetivo* [Grifos autora].

Além da prática da leitura, as cores institucionais tomam conta da cena, incluindo o uniforme da professora. A imagem da docente que feliz acompanha e interessa-se pela aprendizagem da criança também se apresenta nesse discurso imagético (JOLY, 1999). Apesar de ilustrar uma sala de aula tradicional é destacada ainda no anúncio a existência de *"Salas interativas, material didático diferenciado, educação para crescer"*.



Figura 145 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 14/11/2010.

Na próxima propaganda, o foco se deu na educação de jovens, e o espaço retratado, acredita-se, trata-se da biblioteca da escola. A presença de um computador é registrada na imagem e convive em meio aos livros que são manuseados por dois alunos, mostrando que a escola possui ensino misto. Muitos outros livros também estão presentes de forma organizada na estante atrás dos estudantes, em um discurso que não inclui apenas a tecnologia, mas também a importância dos livros. Dentre as frases destacadas no anúncio identifica-se *"programa de televisão".* Como já mencionado, o colégio possui hoje um programa quinzenal apresentado em um canal local de televisão por assinatura.



Figura 146 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 15/12/2010.

Nas próximas duas propagandas a escola destacava a educação infantil. No primeiro anúncio um grupo heterogêneo de alunos uniformizados, com raças[104] e gêneros diferentes, é registrado. As crianças estão de mãos dadas, circulando pelas dependências da escola. Um ambiente colorido que auxiliou na composição de um espaço lúdico ofertado pela instituição. Em mais uma fotografia produzida, é possível verificar o cuidado que a escola teve ao selecionar os alunos que estão interagindo demonstrando a união das crianças, de modo a levar essa imagem à comunidade. No anúncio, as afirmativas das especificidades da escola complementam a imagem apresentada: *"estímulo ao convívio social, espaços diferenciados, educação para grandes descobertas".* A escolha de crianças bonitas, alegres acontece também no último anúncio da série. Nele uma menina com uma postura angelical ilustra e ajuda a construir o

[104] Tramita na Câmara dos Deputados - já aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática - um projeto de lei (do deputado Paulo Paim, PT-RS) obrigando à participação mínima de 25% de negros em programas de TV, novelas e filmes, e de 40% de negros em todos os anúncios de publicidade.

perfil do aluno Gonzaga. A intenção da propaganda, acredita-se, seja a de fazer uma associação da imagem de satisfação da criança com a escola.



Figura 147– Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/11/2010.



Figura 148 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 22/12/2010.

No ano de 2008, ao ser questionado sobre as mudanças ocorridas no colégio após a alteração da gestão, Henrique Fuhro Souto manifestou-se indicando numericamente o crescimento da escola:

> o resultado de tudo isso pode ser visto no número de alunos que em 2003, quando assumimos, era de 548 alunos e hoje nós temos 1250 alunos. Ou seja, mais que dobrou. Houve um crescimento obviamente ligado à marca do Gonzaga, mas principalmente, por todas as ações que foram tomadas internamente e também o fato da comunidade ter apoiado, ter abraçado aquela nossa proposta político pedagógica. Abraçou a forma de trabalhar administrativamente e acho que a forma como conduzimos tudo isso foi fundamental. As coisas aqui são sempre feitas de forma humana, são cada vez mais voltadas para o bom atendimento, respeitando, ajudando, entendendo, educando e sendo educados. Porque acho que aqui temos um convívio tão agradável, nós vivemos isso aqui intensamente, com o prazer de estar aqui (RHADMANN, 2007, p.60).

Diante desses dados, e das estatísticas das matrículas do ano de 2010, que serão expostas posteriormente, identifica-se que a nova gestão do Colégio Gonzaga conseguiu, até então, reerguer o nome da instituição tornando-a novamente atuante na cidade. E mesmo que reforce o discurso de tradição, observa-se que se trata de um novo Gonzaga, baseado na visão mercantilista da sua nova gestão. Seus investimentos na escola e as suas novas propostas Político Pedagógicas ficaram registrados em muitas das propagandas divulgadas até aqui. A compra do prédio, contudo, culminou com essa separação do controle lassalista – uma vez que o gestor ainda alugava o prédio e a marca da escola. Antes da compra, entretanto, observou-se alguns investimentos realizados na estrutura física do prédio que foram divulgados para a comunidade, como na próxima propaganda:



Figura 149 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 31/01/2010.

Sete meses depois da divulgação deste anúncio a escola publicou uma nova propaganda em que anunciava a compra do prédio do Colégio Gonzaga. Em um anúncio de página inteira, apresentou resumidamente e de forma destacada alguns acontecimentos importantes que fizeram parte da história do prédio e, consequentemente, da escola, como pode ser observado na próxima figura:



Figura 150 – Anúncio Colégio Gonzaga.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 04/08/2010.

Como se pode ver, no texto, a administração da escola, com exaltação, informava a aquisição do prédio. Dividiam com o público a informação de que o espaço naquele momento passava, em definitivo, para as mãos do empresário.

Assim, conforme o anúncio, afirmavam que o prédio passaria a ser de todos os pelotenses. Observou-se, dessa maneira, que com a compra encerrou-se formalmente o vínculo lassalista com o Colégio Gonzaga. Apesar disso, o discurso visual presente na propaganda, em que uma costura sem rupturas liga o princípio de atuação da escola com a gestão atual, reforça o vínculo. Nela uma linha liga as fotografias que retratam as alterações dos prédios da escola até a atualidade. Ao fundo, muitas fotografias de ex-alunos aparecem como marca d´água e as cores usadas levam o espectador ao passado. Somado a essas informações imagéticas é apresentado o seguinte texto: *"Um patrimônio de todos os pelotenses que valoriza a memória dos milhares de alunos que por aqui passaram e preserva a tradição deste importante educandário da nossa cidade"*. Por fim, o *slogan* conclui a composição do anúncio reforçando a ideia de que a história da escola continua. Como anteriormente exposto, essa é a imagem que vem sendo desenvolvida pelo novo gestor do Colégio Gonzaga desde a aquisição da escola. Ou seja, um jeito novo e qualificado de ofertar a educação, sem, contudo, deixar de lado a história anteriormente construída pelo educandário.

Passada a ameaça de fechamento do Colégio Gonzaga, ao término do primeiro ano da nova gestão do colégio, os pelotenses recebem a notícia de que agora era o Colégio Anglicano Santa Margarida que estava enfrentando uma crise. Algumas poucas notas foram encontradas no jornal Diário Popular, espalhadas em colunas e em seções do tipo ponto de vista. Ao procurar mais dados sobre o período de crise do Santa Margarida, encontrou-se algumas notícias no portal da Internet do Sinpro-RS. Este mostrava-se muito descontente com a postura adotada pela mantenedora ABEDEN, bem como pela diretoria da escola.

> **Salários atrasados no Santa Margarida -** A escola Santa Margarida, de Pelotas, chega ao final do ano letivo de 2004 ***com situação semelhante a do ano passado, no mesmo período***. ***Os professores vêm enfrentando atrasos salariais constantes***, e apesar de ter empreendido esforços para viabilizar a instituição, ***o Sinpro/RS não conseguiu até o momento que a escola assumisse as próprias propostas para acordo***. Até o fechamento desta edição, os salários de setembro estavam em atraso e sem indicativo de regularização a curto prazo. O Sinpro/RS está convocando uma Assembléia Geral para o dia

> 11 de novembro, às 18 horas, no terceirão do Colégio São José[105] [Grifos meus].
>
> **Professores conseguem acordo - *Novembro foi mês de muita agitação e incerteza na tradicional escola Santa Margarida***, de Pelotas, ***a partir do anúncio de seu fechamento***. Com os salários atrasados ***desde abril de 2005*** e credores de diferenças de anos anteriores, os professores paralisaram suas atividades no dia 9 e voltaram a parar entre os dias 21 e 25, ***aguardando a formalização de uma proposta para acordo por parte da direção e da Abedem, mantenedora da escola***. Em reunião com o Sinpro/RS, ***a direção admitiu o fechamento da instituição e dificuldades financeiras para saldar as dívidas existentes com os docentes***, bem como as verbas rescisórias. "Há uma grande preocupação também com a falta de recolhimento de INSS e FGTS, o que está causando um clima de bastante apreensão entre os professores. Queremos ***garantir aos docentes a melhor negociação possível*** diante do quadro crítico a que a escola foi levada por má administração", afirma o diretor do Sinpro/RS, Sani Cardon. ***A mantenedora é a mesma que fechou a escola Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre, há dois anos*** e até hoje deve possuir dívidas com seus docentes e ***várias ações trabalhistas pendentes***. A proposta de acordo da escola foi apresentada aos professores e ***inclui a doação de um prédio e futuros aluguéis***. Em assembléia realizada no dia 30, os professores aceitaram proposta de acordo que redimensionava o percentual destinado aos professores do futuro arrendamento do prédio para pagamento de verbas rescisórias. Também ficou acordado que os avisos prévios seriam formalizados até 7 de dezembro, data em que será realizada nova assembléia[106] [Grifos meus].

Aos poucos algumas notícias informavam sobre os problemas enfrentados pela escola. Comparando-se à crise enfrentada pelo Colégio Gonzaga, identificou-se que, diferentemente do Gonzaga, os gestores do Santa Margarida e a sua mantenedora não vieram a público manifestar-se. Tampouco a comunidade mobilizou-se, como no episódio anterior. O próprio jornal Diário Popular não fez uma cobertura ampla do caso, possivelmente porque a instituição tenha se fechado para qualquer esclarecimento. Nesse episódio, o que mais se comentava era a situação dos professores, que estavam sendo prejudicados há alguns anos. Em matéria divulgada pelo jornal Diário Popular, que indicava ter obtido informações por meio do Sinpro/RS, apontava-se que o FGTS e outros encargos trabalhistas não eram pagos desde o ano de 1997, embora os descontos aparecessem nos contracheques dos professores. Essa foi uma irregularidade confirmada pela instituição e que dá pistas da falta de mobilização por parte do público interno do educandário, pois, diferentemente do caso

[105] Fonte: http://www.sinpro-rs.org.br/extraclasse/nov04/sindicato8.asp. Acesso em 09/09/2011.
[106] Fonte: Revista Extra Classe nº 98 Dezembro 2005. Sindicato Sinpro/RS http://www.docente.org.br/extraclasse/dez05/sindicato6_imp.htm Acesso em 09/09/2011.

Gonzaga, o Santa Margarida tinha uma dívida considerável com o corpo docente. Além disso, se antes a instituição chegou a ter uma média de 1.300 alunos, naquele momento possuía 230 estudantes, o que não era suficiente para manter o educandário.

Em entrevista ao Diário Popular, o último gestor da escola afirmava que a instituição esperava por um milagre indicando que a escola estava à venda, caso algum empresário se interessasse. O milagre não ocorreu e no final do ano de 2005 a instituição fechou as portas, que não eram mais suas, mas penhoradas em dívidas. O Sinpro/RS manifestou-se também informando que apesar das diversas iniciativas no sentido de alertar sobre os problemas não foram tomadas quaisquer providências pela ABEDEM.

> **A caminho da última aula -** Uma dívida trabalhista de R$ 2,5 milhões somada a um déficit orçamentário de R$ 58 mil por mês são os principais elementos da crise que pode culminar no fechamento do Colégio Santa Margarida, um dos mais tradicionais de Pelotas e que já chegou a ter 1,3 mil alunos. Com os salários atrasados desde maio, os 28 professores e 23 funcionários paralisaram ontem as atividades e reuniram-se em assembléia com a direção do Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul (Sinpro-RS). Nos dias 21 e 22 de novembro os professores voltarão a cruzar os braços para acompanhar a reunião entre os diretores do Sinpro-RS, da escola e da Associação Beneficente e Educacional da Diocese Meridional (Abedem), mantenedora da escola que pertence à Igreja Anglicana. O objetivo é determinar as responsabilidades no caso. ***"Queremos que os professores possam encerrar sua história no Santa Margarida com dignidade"***, confirmou Sani Cardon, diretor do Sinpro-RS. O diretor do colégio, Sebastião Ribeiro Neto, ***assumiu que os atuais 230 alunos são insuficientes para evitar o fechamento***. O cálculo é de que para manter as contas equilibradas - mas não pagar as dívidas - a escola precisaria ter 650 estudantes matriculados. ***"Hoje não vejo perspectivas capazes de mudar a situação. Acho que sairei daqui com minha foto embaixo do braço"***, disse sem esconder o desânimo.
> PROFESSORES SEM RETAGUARDA – ***Além de terem recebido pela última vez apenas em abril - quando foram pagos 75% dos salários*** - os professores do Santa Margarida ***correm o risco de ficar sem seus direitos trabalhistas como o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS)***. A direção do Sinpro-RS revelou que ***em alguns casos o FGTS e os encargos previdenciários não eram recolhidos desde 1997***, ***embora os descontos aparecessem nos contracheques***. A irregularidade é admitida pelo atual diretor. ***"Isso faz com que a dívida total da escola seja muito maior do que os R$ 2,5 milhões estimados"*** admitiu Sebastião Neto. Para a direção do Sinpro-RS a situação fica mais preocupante à medida que ***a história do Santa Margarida parece repetir a do Colégio Cruzeiro do Sul, de Porto Alegre, também da Igreja Anglicana, fechado em 2002***. "O diretor terminou o ano, fechou a escola e os professores até hoje não receberam um centavo", revelou Sani Cardon.
> SÓ UM MILAGRE SALVA - Para virar o jogo a favor do Santa Margarida e manter em atividade a escola fundada há 72 anos, a atual direção

> aposta em duas jogadas: a venda de um terreno da Abedem, localizado em uma área nobre de Porto Alegre avaliado em R$ 6,5 milhões, e em um milagre. A venda do terreno parece, ao atual diretor, tão improvável quanto a segunda opção, pois desde outubro de 2004 a área está à venda e ainda não foi adquirida. O dinheiro seria usado para liquidar o passivo trabalhista e as outras dívidas do colégio. A segunda - e mais improvável ainda - alternativa seria o surgimento de um investidor interessado em assumir a instituição, mantendo viva sua marca. "O colégio está de portas abertas para qualquer negócio, desde que se mantenha os direitos de nossos funcionários. Este é o milagre que estamos esperando", comentou Sebastião (DIÁRIO POPULAR, 10/11/2005) [Grifos meus].
>
> **Santa Margarida: direitos dos professores** - A Escola Santa Margarida, de Pelotas, encerrou suas atividades pela mantenedora Abeden, devido ao aprofundamento da crise administrativa que chegou a ameaçar a escola de fechamento. ***Apesar de várias iniciativas do Sinpro/RS no sentido de alertar sobre o problema em diversas ocasiões, não foram tomadas quaisquer providências***. A Abeden também foi protagonista do fechamento da tradicional escola Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre, no ano passado. O Sinpro/RS está em negociação com a nova mantenedora, a Fundação Santa Margarida, para que esta assuma os compromissos financeiros da escola com os professores e pelo aproveitamento de mais de 80% do quadro docente com manutenção do valor da hora/aula. Durante o fechamento desta edição, o acordo estava em fase de redação a ser submetido à avaliação dos professores, ainda no início de março[107] [Grifos meus].

Ao encontrar essa única matéria na imprensa e ao observar que o gestor expõe algumas fragilidades enfrentadas pela instituição, evidencia-se ainda mais o silêncio da mantenedora ABEDEM. Por meio da notícia compreende-se que a mantenedora, verificando que não existia mais nada a fazer pela escola, encerrou as atividades do educandário, como já havia realizado em outra escola do estado, antes que a dívida se tornasse ainda maior. O alerta do Sinpro/RS, e a falta de recolhimento dos encargos dos professores do Santa Margarida, denunciam a falta de comprometimento da mantenedora.

O relato de uma única professora sobre o fechamento da escola foi encontrado na imprensa, muito provavelmente porque muitos deles estavam envolvidos em embates jurídicos com a gestão do educandário que os prejudicou sobremaneira. Em seu texto a professora expõe alguns aspectos do cotidiano da instituição, mostrando-se confusa com relação ao que poderia ter acontecido com uma escola histórica de Pelotas.

---

[107] Fonte: Revista Extra Classe, ano 9 nº79, Março de 2004. http://www.sinpro rs.org.br/extraclasse/mar04/sindicato6.asp. Acesso em: 10/09/2011.

> Lágrimas caem teimosas, o barulho de meus passos denunciam que subo sozinha pela última vez os degraus da escadaria que leva à sala de artes! A algazarra das crianças e adolescentes não me acompanha como de costume, não escuto as apostas para ver quem chegará primeiro. Quando finalmente, entro na sala o silêncio é total. Olho atentamente para o painel que mostra ainda trabalhos cheios de vida e significados como se gritassem por socorro. Como pode uma trajetória tão bonita como a da Escola Santa Margarida silenciar assim! Alguns momentos marcaram demais [...] quando falei sobre a Bienal do Mercosul todos queriam visitá-la infelizmente não houve tempo para que a visita acontecesse, estava aí meu objetivo alcançado! Sinto saudades de todos antes mesmo da saída definitiva, daqui a alguns dias as portas serão fechadas e atrás delas histórias de muitas vidas que passaram por aqui permanecerão, não serão esquecidas! Sinto pelos colegas que trabalham aqui há muito tempo e pelos alunos que consideram essa escola como sua casa porque aqui estudam desde a pré-escola, é como uma grande família que a partir de agora se separa! Escuto choro no corredor e me deparo com alguns alunos pedindo para que a escola não feche, nada posso fazer a não ser segurar minhas lágrimas, me despedir e dizer até mais, valeu! Nos encontraremos por aí! Sílvia Colvara (DIÁRIO POPULAR, 15/01/2006).

Ao analisar o fechamento do Colégio Santa Margarida, identificou-se, então, um problema sério de gestão que vinha se arrastando por alguns anos e que só foi declarado abertamente para a comunidade no ano de 2004. O motivo da crise, mais uma vez, foi creditada aos encargos com relação ao professorado. Como já identificado, a contratação de professores leigos para os quadros das instituições confessionais, ao que parece, não foi acompanhado administrativamente pelas mesmas. Esses investimentos, antes não existentes com os quadros confessionais, foram sentidos sobremaneira em outro contexto sócio-histórico vivenciado pelas escolas deste tipo.

Importante refletir também que, como indicado anteriormente, a mudança em vão da marca da escola foi a última tentativa de criar uma nova imagem para a instituição – que já estava desgastada. A propaganda foi entendida pelos últimos gestores como um dos elementos necessários para a captação de novos alunos – estes, contudo, também eram atingidos pelas ofertas da concorrência que, como pode ser identificado, investia cada vez mais em sua estrutura física e pedagógica, captando, provavelmente, muitos dos alunos do colégio Santa Margarida.

Após os dois episódios ocorridos com o modelo confessional privado de ensino fundamental e médio de Pelotas, chega-se à conclusão de que, por mais que esse modelo de gestão tenha tentado afastar a sua imagem da mercantilização, no momento em que as instituições começaram a dar prejuízo,

as mantenedoras se comportaram como qualquer empresa: deram fim às atividades. A dor da comunidade, e por vezes ingenuidade em acreditar que com seus argumentos fariam a mantenedora mudar de postura, registrada pela imprensa, talvez se explique justamente por isso: como pode uma instituição confessional agir como uma empresarial? O seu público, até aquele momento, não a reconhecia como tal. E provavelmente por essa razão, tenha sido tão difícil compreender a tomada de atitude das mantenedoras confessionais. Por outro prisma, em virtude do todo relatado até aqui, é importante lembrar que durante muito tempo, no Brasil, as instituições confessionais foram soberanas na oferta de ensino privado. Talvez esta tenha sido uma das razões da falta de experiência em gerir suas instituições em um ambiente tão competitivo – como passou a ocorrer com a chegada dos empresários da educação. Assim, tem sido exigido delas uma postura administrativa estratégica com relação ao mercado, caso contrário, sua estrutura começará a ser ameaçada, como foi possível identificar em Pelotas.

Nesse cenário de fechamento de instituições confessionais, observou-se que, ao que tudo indica, o Colégio São José começou a dar sinais de que esse olhar voltado ao mercado torna-se necessário. Em seu programa de televisão e na sua página da Internet, há pouco remodelada, apresenta novidades na estrutura física e pedagógica da instituição – começando a evidenciar um discurso de modernidade. E se antes expunha pouco quais eram as suas virtudes, com o tempo, começou a mudar essa postura. Isso se reflete também administrativamente, uma vez que hoje possui um gestor leigo que acompanha as ações da escola. O anúncio exposto anteriormente, veiculado no ano de 2008 (ver Fig. 38), assim como no ano de 2010, quando a escola comemorava o seu centenário, retrata esse movimento interno da instituição. Esta divulgou duas propagandas de página inteira mostrando as conquistas de seus alunos e fez um resumo de suas ações institucionais, como pode ser identificado nesta primeira propaganda:

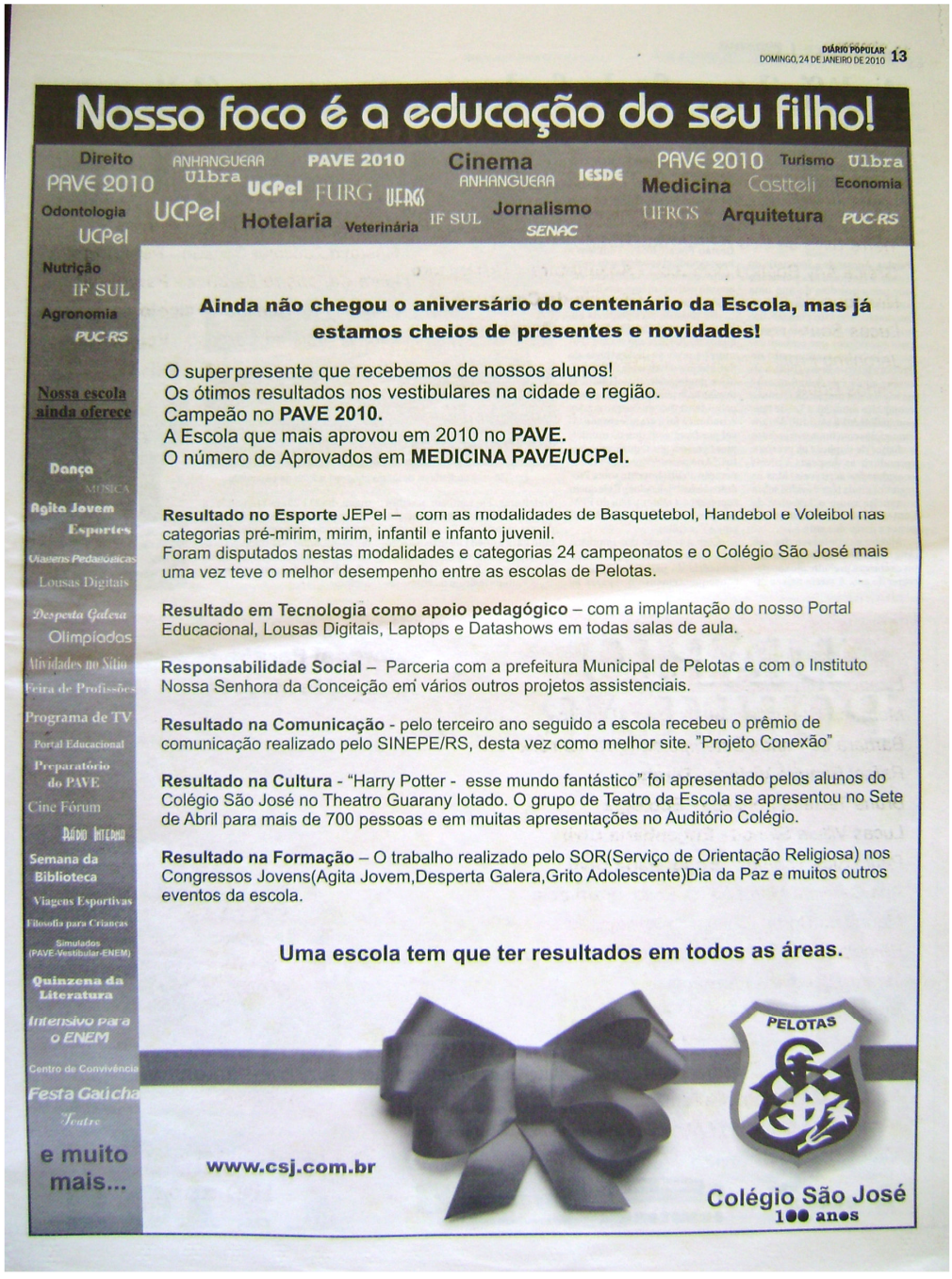


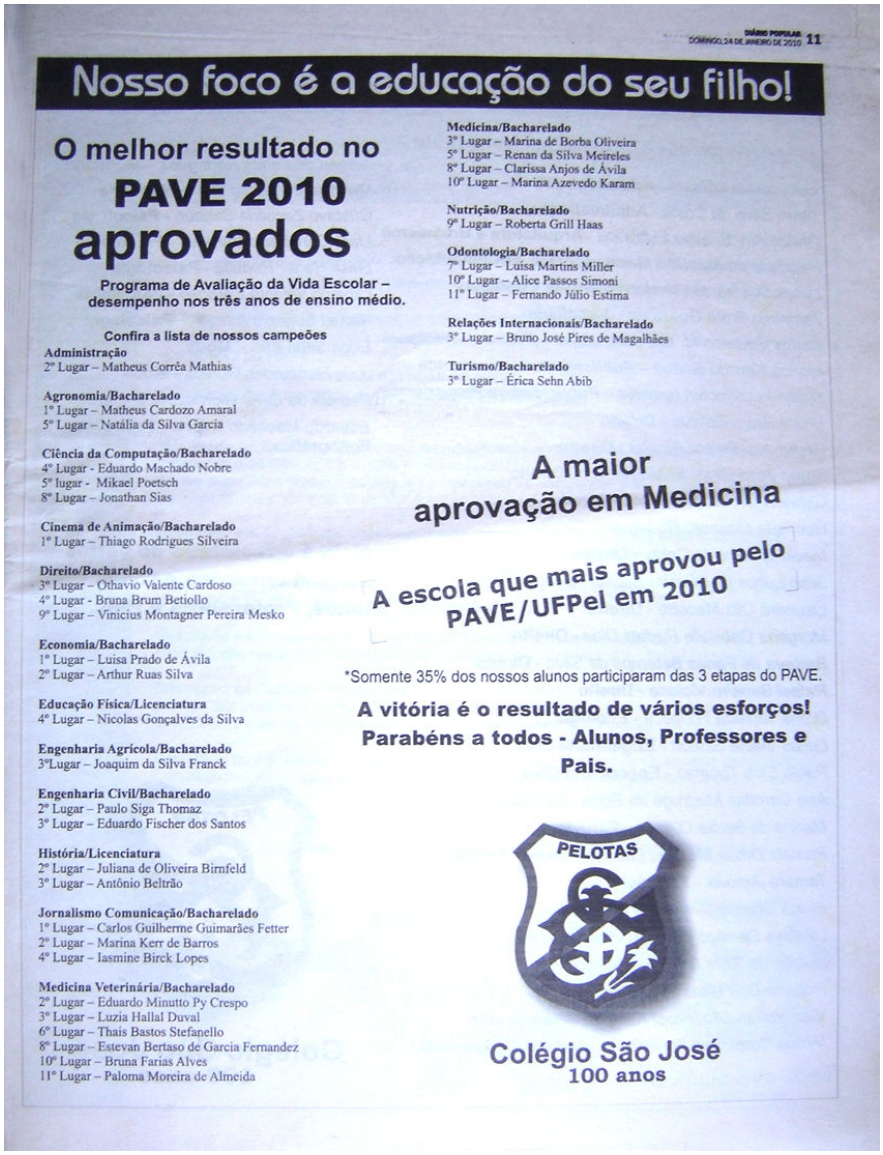
Figura 151 – Anúncio Colégio São José.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/01/2010.

Dentre as atividades realizadas, a escola destacou os resultados dos alunos em eventos esportivos, a aquisição de equipamentos tecnológicos para o apoio pedagógico e as ações de responsabilidade social. A premiação de um projeto de comunicação desenvolvido pelos alunos também foi explorada, assim como a apresentação de uma peça teatral atuada pelos discentes e, por fim, os eventos com o foco na orientação religiosa realizados pela escola. Terminou a

exposição afirmando que *“Uma escola tem que ter resultados em todas as áreas”,* mostrando à comunidade que a escola não está preocupada apenas com a aprovação no vestibular, mas com a formação integral do aluno. Esse é um posicionamento comum a esta instituição. Contudo, destacou que foi a escola campeã de aprovação no PAVE e no segundo anúncio afirmava que tinha sido a escola que mais aprovou no curso de Medicina – tradicionalmente disputado pelos alunos do ensino médio.

Como anteriormente indicado, nos anúncios da escola não é possível identificar quem elabora a comunicação, situação que se reflete no precário tratamento gráfico apresentado pelos anúncios. O excesso de elementos visuais e a má distribuição das informações acabam refletindo uma imagem ultrapassada. No entanto, a escola utiliza o texto para afirmar que está atuando de modo condizente com o seu tempo ao indicar, por exemplo, a aquisição de equipamentos eletrônicos, assim como o endereço da página da escola na Internet.

No segundo anúncio seriado, o colégio lista o nome dos alunos e as instituições e cursos em que estes foram aprovados. Encerra a propaganda afirmando que os resultados obtidos pelos discentes foram fruto do esforço conjunto entre a escola, o aluno e a família. O Colégio São José, pelo que foi analisado nas propagandas, sempre dividiu com a família a responsabilidade da educação de seus alunos. Esses dados podem ser vistos na propaganda que segue:



DIÁRIO POPULAR DOMINGO, 24 DE JANEIRO DE 2010 11

Nosso foco é a educação do seu filho!

O melhor resultado no PAVE 2010 aprovados

Programa de Avaliação da Vida Escolar – desempenho nos três anos de ensino médio.

Confira a lista de nossos campeões

Administração
2º Lugar – Matheus Corrêa Mathias

Agronomia/Bacharelado
1º Lugar – Matheus Cardozo Amaral
5º Lugar – Natália da Silva Garcia

Ciência da Computação/Bacharelado
4º Lugar - Eduardo Machado Nobre
5º lugar - Mikael Poetsch
8º Lugar – Jonathan Sias

Cinema de Animação/Bacharelado
1º Lugar – Thiago Rodrigues Silveira

Direito/Bacharelado
3º Lugar – Othavio Valente Cardoso
4º Lugar - Bruna Brum Betiollo
9º Lugar – Vinicius Montagner Pereira Mesko

Economia/Bacharelado
1º Lugar – Luisa Prado de Ávila
2º Lugar – Arthur Ruas Silva

Educação Física/Licenciatura
4º Lugar – Nicolas Gonçalves da Silva

Engenharia Agrícola/Bacharelado
3ºLugar – Joaquim da Silva Franck

Engenharia Civil/Bacharelado
2º Lugar – Paulo Siga Thomaz
3º Lugar – Eduardo Fischer dos Santos

História/Licenciatura
2º Lugar – Juliana de Oliveira Birnfeld
3º Lugar – Antônio Beltrão

Jornalismo Comunicação/Bacharelado
1º Lugar – Carlos Guilherme Guimarães Fetter
2º Lugar – Marina Kerr de Barros
4º Lugar – Iasmine Birck Lopes

Medicina Veterinária/Bacharelado
2º Lugar – Eduardo Minutto Py Crespo
3º Lugar – Luzia Hallal Duval
6º Lugar – Thais Bastos Stefanello
8º Lugar – Estevan Bertaso de Garcia Fernandez
10º Lugar – Bruna Farias Alves
11º Lugar – Paloma Moreira de Almeida

Medicina/Bacharelado
3º Lugar – Marina de Borba Oliveira
5º Lugar – Renan da Silva Meireles
8º Lugar – Clarissa Anjos de Ávila
10º Lugar – Marina Azevedo Karam

Nutrição/Bacharelado
9º Lugar – Roberta Grill Haas

Odontologia/Bacharelado
7º Lugar – Luisa Martins Miller
10º Lugar – Alice Passos Simoni
11º Lugar – Fernando Júlio Estima

Relações Internacionais/Bacharelado
3º Lugar – Bruno José Pires de Magalhães

Turismo/Bacharelado
3º Lugar – Érica Sehn Abib

A maior aprovação em Medicina

A escola que mais aprovou pelo PAVE/UFPel em 2010

*Somente 35% dos nossos alunos participaram das 3 etapas do PAVE.

A vitória é o resultado de vários esforços! Parabéns a todos - Alunos, Professores e Pais.

PELOTAS

Colégio São José
100 anos

Figura 152 – Anúncio Colégio São José.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 24/01/2010.

Ainda no ano do centenário da escola, a comunidade pelotense recebeu, junto ao jornal Diário Popular, uma série de livretos desenvolvidos pelo Colégio São José em comemoração ao aniversário da instituição. Neles, além de uma breve exposição da história da escola, foram divulgadas as ações institucionais junto à comunidade escolar. Nas próximas duas imagens as capas de dois livretos são destacadas:



Figura 153 – Livreto Colégio São José.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, Março de 2010.



Figura 154 – Livreto Colégio São José.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, Dezembro de 2010.

Compreende-se que a criação desse material, em que as fotografias foram produzidas e os textos foram elaborados para divulgar as especificidades da escola, deixou indícios de uma instituição que começava a atuar na perspectiva do *Marketing* Educacional. Isso porque se aproveitava de um fato, ou

seja, existir no mercado há cem anos, para explorar suas especificidades junto ao público. Esse tipo de ação mais contundente, até então, não tinha sido relacionada ao Colégio São José. Até o momento, contava com ações isoladas, que ocorriam com a exposição de propagandas que destacavam a escola com um discurso mais incisivo. Essa participação mais efetiva da escola na mídia também pode ser percebida mediante um programa de televisão da escola chamado Conexão São José, como anteriormente já indicado, e por meio de um conjunto de três propagandas seriadas de página inteira expostas a seguir. Tais propagandas foram publicadas quando a coleta de dados desta tese já tinha sido concluída. Ainda assim, acredita-se que essa divulgação vai corroborar com o momento educacional visualizado no terceiro ciclo da educação privada, em que as escolas confessionais começam a se portar como confessionais-empresariais.

Na série de três anúncios de página inteira a escola dedicou-se a divulgar os resultados de seus alunos no PAVE, chamando a atenção da comunidade para o fato de que foi a escola que mais aprovou alunos na disputa pelas universidades no ano de 2012. Na primeira propaganda fez o seguinte destaque: *"Aqui o lugar mais importante é a vaga na universidade!"* como pode ser analisado na ilustração a seguir:

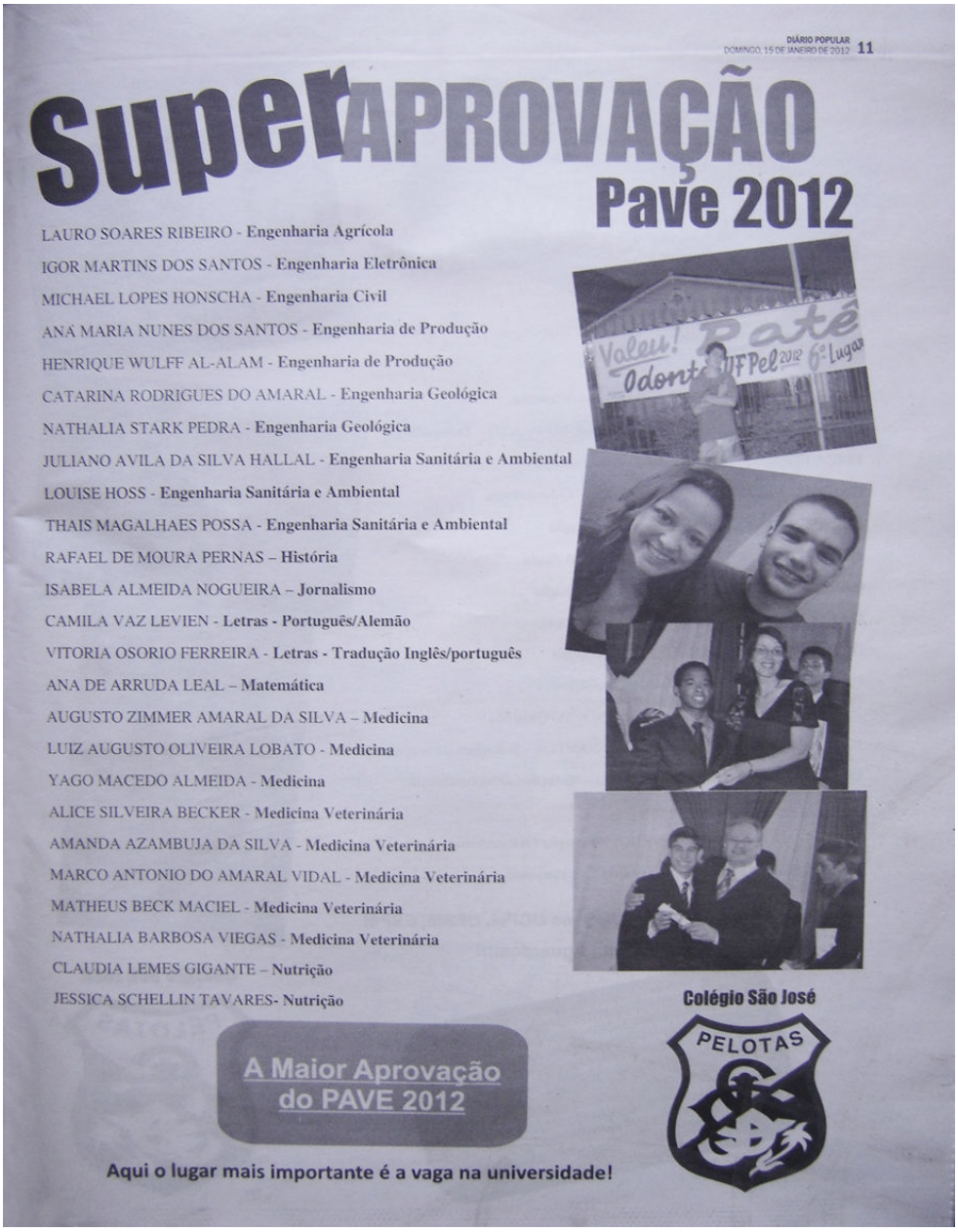


Figura 155 – Anúncio Colégio São José.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 15/01/2012.

Trata-se, portanto, de uma crítica aos colégios que destacam a colocação de seus alunos no vestibular. O Colégio São José se posiciona, então, contrário ao ranqueamento, mas, ao mesmo tempo, não deixa de divulgar as conquistas de seus discentes. Apesar de não serem propagandas que apresentem uma elaboração gráfica de qualidade, são impactantes pela quantidade, três anúncios seguidos de página inteira. Chamam a atenção ainda pelos testemunhos das famílias que atestaram a qualidade da instituição, como pode ser constatado.

No segundo anúncio da série, o argumento apresentado é o de que no colégio os resultados são obtidos mediante o esforço de todos – um discurso de integração entre a escola e a família bastante explorado pelo colégio. Nas fotografias destacadas é possível ver os pais entregando os diplomas para os alunos concluintes do ensino médio, chamando atenção, assim, para esse importante rito de passagem do aluno, mostrando que a escola se faz presente na história da vida escolar do educando.

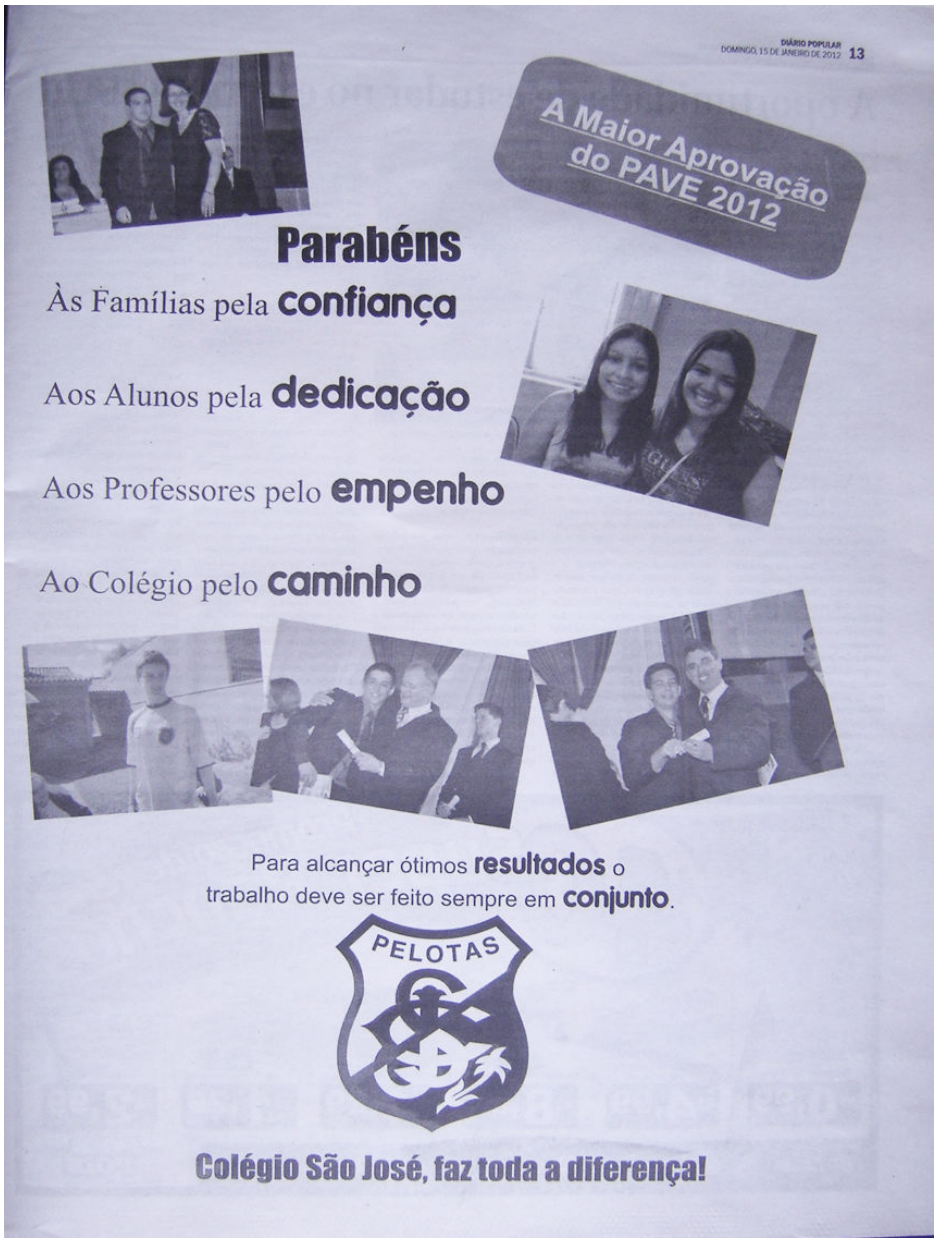


Figura 156 – Anúncio Colégio São José.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 15/01/2012.

Ao final do terceiro anúncio, como pode ser visto, a escola apresentou o seguinte *slogan*: *"Colégio São José faz toda a diferença"*.

No terceiro, e último anúncio da série, a escola apresentou a fotografia de alguns alunos com suas famílias bem como dois testemunhais: da mãe e de uma aluna da escola, respectivamente, conforme se identifica na propaganda que segue:

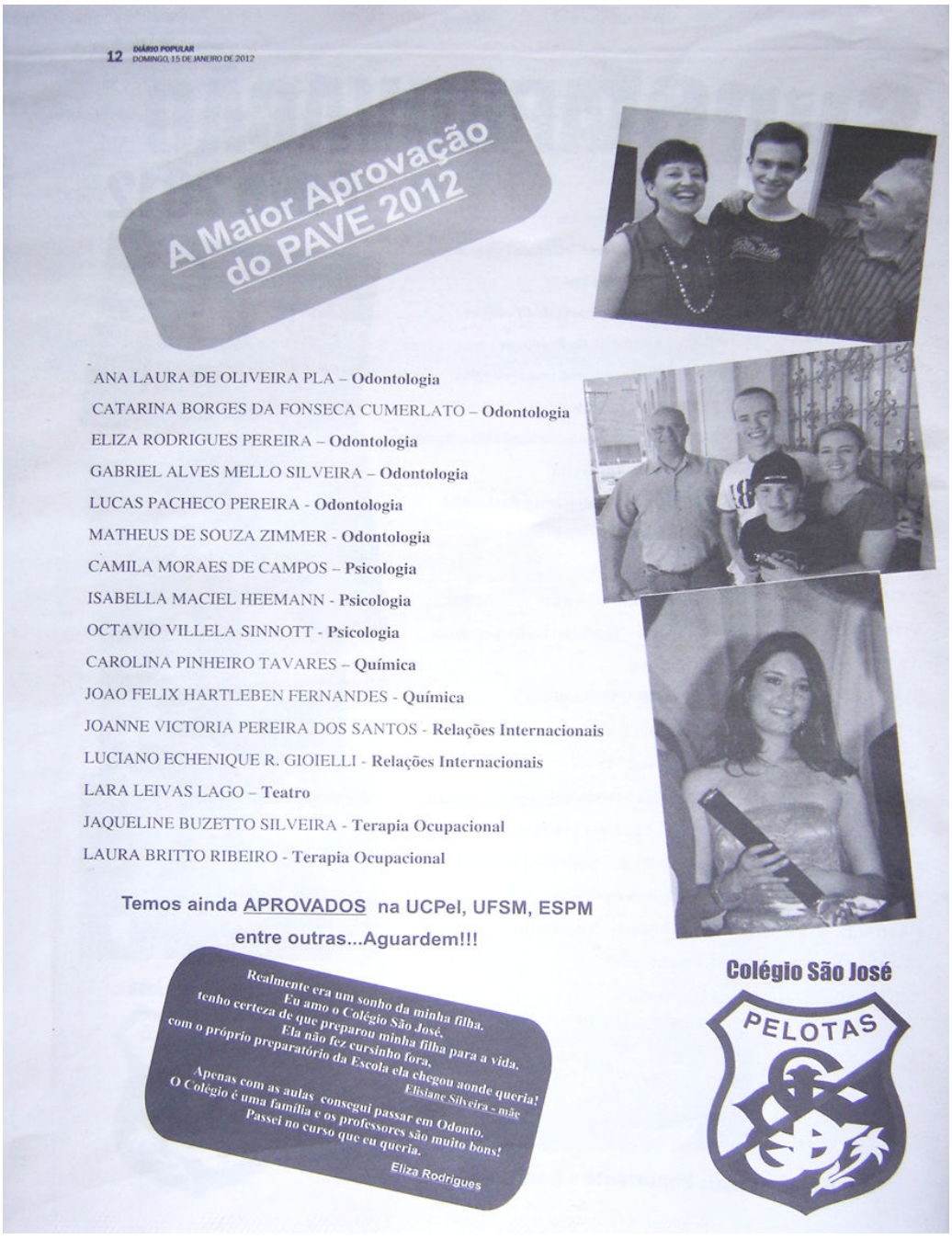


Figura 157 – Anúncio Colégio São José.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 15/01/2012.

No texto, elas assim se posicionaram: *"Realmente era um sonho da minha filha. Eu amo o Colégio São José, tenho certeza de que preparou minha*

filha para a vida. Ela não fez cursinho fora, com o próprio preparatório da Escola ela chegou aonde queria!" "Apenas com as aulas consegui passar em Odonto. O Colégio é uma família e os professores são muito bons! Passei no curso que eu queria".

Percebe-se, então, uma característica que configurará o terceiro ciclo. Acredita-se que os seus primeiros sinais estejam ocorrendo com as escolas confessionais ainda atuantes na cidade, que começam a se comportar como confessionais-empresariais. Questiona-se, então, que reflexos essa alteração na cultura organizacional terá sobre as instituições? Caberá aos pesquisadores futuros investigar se essa postura adotada assegurará a permanência das atividades dos conceituados educandários confessionais ainda em atividade em Petotas. Sendo assim, deixam-se aqui algumas indagações. Será possível uma nova configuração: cristã-empresarial? As instituições confessionais conseguirão lidar com os desafios impostos pelo cenário educacional constituído com a chegada dos empresários da educação?

Com base nessas inquietações, destaca-se, por fim, que no ano de 2006 o Colégio Alfredo Simon anunciou a sua nova configuração administrativa. Segundo Fonseca (2007), o Colégio Sinodal Alfredo Simon foi criado a partir da Escola Teuto-Brasileira de Três Vendas, fundada em Pelotas, no ano de 1914. Criado pelo Pastor Alfredo Simon, na década de 1960 (ver quadro 4, p. 364), o colégio ofertava vagas preferencialmente para os teuto-brasileiros. Era mantido por uma associação escolar, cujos membros pertenciam, em sua maioria, à Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB), vinculada ao Sínodo Rio-Grandense[108].

No referido anúncio feito à comunidade, o Colégio avisava que a partir daquele momento integrava-se ao Centro de Ensino Médio Pastor Dohms[109], de

[108] Para mais informações, ler Weiduschadt (2007).

[109] O Centro de Ensino Pastor Dohms foi fundado em 1931, por iniciativa de moradores do bairro Higienópolis, apoiados pela Comunidade Evangélica de Porto Alegre e pelo Consulado Alemão. Foi inicialmente denominado Deutsche Evangelische Gemeindeschule. Em 1959 inicia o curso ginasial e passa a denominar-se Ginásio Evangélico Pastor Dohms. No ano de 1975 implanta o 2º grau e, por força da lei, passa a denominar-se Escola de 1º e 2º Graus Pastor Dohms. No ano de 1991 introduz, paralelamente ao currículo convencional, o Currículo Bilíngue (Português e Alemão). No ano de 2002 passa a denominar-se Centro de Ensino Médio Pastor Dohms, funcionando em duas unidades de ensino: Higienópolis e Lindóia. No ano de 2003 inicia a parceria com a Escola Sinodal de Ensino Fundamental Alzira Deecken, de Tramandaí, constituindo-se o Centro Sinodal de Ensino Fundamental do Litoral Norte, com duas unidades de ensino. No ano de

Porto Alegre, bem como à sua mantenedora, a CEPA – Comunidade Evangélica de Porto Alegre. A notícia destacava que essa união traria para a escola de Pelotas um suporte administrativo e pedagógico, oriundos da escola que atua há 80 anos na capital. Por outro lado, segundo a matéria divulgada no Jornal Diário Popular, essa articulação entre as instituições ocorrera porque o Centro de Ensino Médio Pastor Dohms tinha por objetivo abrir cursos de nível superior – o que de fato aconteceu no ano de 2006:

> **Começa nova era no Colégio Alfredo Simon** - A assinatura de um convênio na manhã de sábado marcou o início de uma nova era para o Colégio Sinodal Alfredo Simon, de Pelotas. O documento firmou a parceria entre a escola da zona norte da cidade e o Centro de Ensino Médio Pastor Dohms, de Porto Alegre. A partir de agora o Alfredo Simon contará com ***o apoio da instituição porto-alegrense nas áreas administrativa e pedagógica*** e ***passa a integrar os planos da Rede Sinodal de Educação de criar uma instituição de Ensino Superior*** no sul do estado. Para o diretor do Alfredo Simon, Cléber Decker, a aproximação com a instituição porto-alegrense ***dará uma nova dimensão à participação do colégio*** na Rede Sinodal de Educação, que atualmente engloba 60 escolas no Brasil sendo 45 no Rio Grande do Sul e possui 40 mil estudantes em todo o país. "O Dohms é a instituição da rede mais próxima de nós, ***que somos os únicos no sul do estado***. A partir deste convênio iremos diminuir a distância geográfica e ***poderemos usufruir plenamente de todo o conhecimento pedagógico e administrativo desta escola co-irmã.***" O diretor executivo da Rede Sinodal, Sílvio Jung, disse que ***os primeiros passos práticos da parceria serão dar o suporte administrativo necessário para a modernização do Alfredo Simon e contribuir para as discussões de elaboração do novo projeto pedagógico da escola***. "A parceria ***não significa uma descaracterização da escola***, que segue sendo da comunidade local, ***em hipótese alguma isso significa uma encampação***. O Dohms também tem muito a aprender com a experiência desta instituição", declarou. O convênio será materializado através de reuniões mensais entre as direções e representantes das duas escolas. No dia em que deu um passo rumo a um novo tempo, a comunidade do ***Alfredo Simon não esqueceu de voltar seus olhos ao passado e prestar uma justa homenagem*** ao professor Gilberto Einhardt, que participa da vida da escola desde 1965 e, há 27 anos,

---

2005 inicia suas atividades em Capão da Canoa, respondendo a um desejo da Comunidade Evangélica Luterana da cidade e a uma demanda da sociedade local e dos arredores. Em 2006 recebe a visita da Comissão Interdisciplinar de Avaliação in loco da do INEP/MEC para o credenciamento da Faculdade de Tecnologia Pastor Dohms e a autorização dos Cursos Superiores de Tecnologia em Logística, Segurança Privada, Redes de Computadores e Web, todos os processos com indicativo de aprovação. Em 2007 o Centro de Ensino Médio Pastor Dohms funciona com 4 unidades de ensino: Higienópolis, Lindóia, Capão da Canoa e Camaquã. Mantém parceria estreita com o Centro Sinodal de Ensino Médio do Litoral Norte, em Tramandaí, com o Colégio Sinodal Alfredo Simon, de Pelotas, e com o Colégio Sinodal do Salvador, de Porto Alegre. Durante o ano estarão sendo definidas as condições e os detalhes para o funcionamento da unidade de ensino na Zona Sul de Porto Alegre, em parceria com a Paróquia São Mateus, da Comunidade Evangélica de Porto Alegre. O Centro conta hoje com aproximadamente 4.100 alunos, em suas nove unidades de ensino de educação básica**.**

> ocupava o cargo de diretor. Uma placa entregue ao ex-diretor e outra descerrada na entrada da escola serviram para eternizar os aplausos efusivos que ecoaram no auditório durante a cerimônia. "Vivi 41 anos aqui dentro, morei neste prédio, meus filhos foram batizados em salas de aula, por isso digo com orgulho: esta escola é a minha escola e faço questão de divulgá-la e trabalhar por ela", disse Einhardt durante seu pronunciamento (DIÁRIO POPULAR, 20/03/2006) [Grifos meus].

Com base na notícia, entende-se que se por um lado essa subvenção pode ter ocorrido em função de um apoio institucional para o Colégio Simon, em função das justificativas apresentadas, por outro lado a escola passou a ficar refém de uma nova mantenedora. Os reflexos dessa união, contudo, só poderão ser observados no futuro.

Diante do todo exposto é importante, por fim, apresentar alguns índices que demonstram que a esfera de ensino fundamental e médio privada de Pelotas a cada ano perde alunos. Esse contingente vem diminuindo, o que em parte justifica, como já se afirmou, a concorrência demonstrada nas propagandas das escolas. A tabela organizada, adaptada das informações concedidas pela Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, ilustra a quantidade de matrículas por escolas em Pelotas no ano de 2010. Importante destacar que nela só constam as instituições de ensino fundamental e médio que durante o período investigado divulgaram propagandas nos jornais e que os dados de 2011, até o término desta tese, não haviam sido divulgados.

Tabela 1 - Matrícula Rede Particular Pelotas - 2010

Escola	Creche	Pré-Escola	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Total
Colégio São José	0	173	818	443	**1.434**
Escola Mario Quintana	62	153	581	285	**1.081**
Colégio Gonzaga	15	87	617	322	**1.041**
Escola Santa Mônica	0	0	650	136	**786**
Escola São Francisco de Assis	0	94	665	0	**759**
Colégio Sinodal Alfredo Simon	0	25	267	51	**343**
Escola de Ensino Médio Érico Veríssimo	13	56	168	53	**290**
Escola União	0	26	97		**123**
Escola de Ensino Fundamental Salis Goulart	0	8	92	0	**100**

Fonte: http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/estatisticas.jsp

Analisar esses números de forma isolada possibilita incorrer em erro, uma vez que os preços praticados pelas matrículas das instituições são diferentes, como já mencionado. Deve-se considerar, além disso, que a estrutura física e pedagógica de cada instituição também são diretamente proporcionais ao número de vagas ofertado por elas. Este aspecto foi destacado nesta investigação com relação à alteração de estrutura física do Colégio São Francisco de Assis, que ao aumentar o prédio pode abrigar mais alunos. Fato também registrado em entrevista concedida pelo gestor da Escola Mario Quintana, no ano de 2008. Nessa oportunidade ele afirmava que a escola não comportava um número maior de alunos. Segundo ele, no ano de 2008 a escola tinha:

> 956 crianças e jovens matriculados da pré-escola até o último ano do ensino Médio, 300 neste nível de ensino. Mas não vamos ultrapassar mil alunos, porque isso prejudicaria a qualidade. Daqui por diante os investimentos serão feitos para melhorar ainda mais a logística, buscando fortalecer ainda mais a relação ensino-aprendizagem.

Importante destacar ainda que com o aumento da estrutura física da instituição os dados das matrículas de 2010 acompanharam esse crescimento, como é possível visualizar na tabela 1.

Mesmo analisando com cuidado, os dados da tabela instigam uma reflexão sobre a participação ativa de duas instituições confessionais de Pelotas e das empresariais que mais publicaram propagandas. Verificou-se que no ano de 2010 o Colégio São José obteve o maior número de matrículas gerais, assim como no ensino médio. Este, por sua vez, na classificação dos preços das mensalidades encontra-se em 3º lugar. Já no nível fundamental, a Escola São Francisco de Assis, confessional, conquistou o maior índice, com 665 alunos matriculados. Essa, como pôde ser visto anteriormente, é quem cobra o menor valor pelas mensalidades do ensino fundamental, além de ter ampliado a sua estrutura física, captando, assim, mais alunos. Observa-se, portanto, que são muitas as variáveis envolvidas na quantidade de alunos matriculados por instituições.

Sendo assim, tão importante quanto a divisão do contingente de alunos nas diferentes escolas existentes em Pelotas é o fato de que a rede particular de ensino vem perdendo matrículas a cada ano. Segundo os dados do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE[110]), em 2004 ocorreram em Pelotas 43.383 matrículas iniciais em todas as modalidades de ensino privado, incluindo maternais, ensino superior, etc. Em 2005 essa quantidade caiu para 42.208 e, em 2006 e 2007 as matrículas se reduziram aproximadamente em 21 mil matrículas. No ano de 2009 passou para 18.872 e em 2010 identificou-se um total de 14.445. Uma projeção preocupante para o ensino privado. Contudo, os dados do ano de 2010 indicam que a média de matrículas anunciada pelos gestores das escolas de nível fundamental e médio têm se mantido, o que leva a crer que essa queda ainda não atingiu as escolas presentes na tabela.

Diante de tudo que se expôs sobre o terceiro ciclo do ensino privado apresenta-se agora o último quadro organizado. Nele foi possível identificar quais escolas privadas de nível fundamental e médio se mantêm atuantes em Pelotas no último ciclo, ou seja, o da ascensão do ensino empresarial e de retração do ensino confessional. Faz-se importante lembrar que as instituições participantes do quadro são aquelas que publicaram propagandas no período investigado por esta tese e que as linhas em cinza significam que a escola não está mais em atividade.

Figura 158 – Quadro 4 – Instituições privadas atuantes no terceiro ciclo da educação privada de Pelotas

NOME DA INSTITUIÇÃO	ANO/DATA DE INAUGURAÇÃO	TIPO DE ENSINO PRIMARIO(P) SECUNDÁRIO (S), GINASIAL (G) FUNDAMENTAL (F), MÉDIO (M) JARDIM DE INFÂNCIA (J)	VAGAS PARA O SEXO FEMININO (F) MASCULINO (M)	ANOS EM QUE PUBLICOU PROPAGANDAS	TOTAL DE ANOS DE ATUAÇÃO RASTREADOS PELAS PROPAGANDAS	QUANT. DE PROPAGANDAS PUBLICADAS

[110] Fonte: http://www.ibge.gov.br/home/

Collegio S. Francisco de Paula – Carlos André Laquentinie	1864	P/S	M	1875-1876-1877	3	25
Collegio Acácia	1872	P/S	F	1877-1878-1879-1880-1881-1882-1883-1884-1885-1886-1887-1889-1892	15	235
Collegio de Mme. Jeanneret Collegio de Meninas Collegio Jeanneret Instituto Jeanneret	1872	P/S	F	1875-1876-1877-1878-1879-1880-1881-1882-1883-1884-1885-1886-1887-1889-1892-1894-1900	25	171
Collegio Santa Cecília	1872	P/S	F	1878-1879-1880-1881-1882-1885-1887-1890-1891-1895-1899-1900-1901-1902-1903-1905-1906	28	210
Aula de Francez Mme. Audisson		P	F	1875-1876	1	15
Collegio Arnizaut Furtado & Guidony		P	M	1875		3
Collegio Mme Audissou		P	F	1875-1876	1	15
Collegio Reis		P/S	M	1875-1876	1	25
Collegio Santa Rosa		P/S	F	1875-1876-1877-1878-1879-1880-1881-1882	7	46
Collegio Francez – Charles Bachelery	01/1876	S	M	1876		21
Collegio Franco Rio-Grandense	1º/2/1876	P/S	M	1875-1876-1877	2	42
Aula Particular Curso Primário Collegio Fróes – Alberto Fróes	1/1/1875	P	M	1875-1878-1886-1887-1988-1889-1893-1896	21	29
Collegio S. José Francisco Rodrigo de Souza		S	M	1876-1877-1878-1892	16	32

Atheneu São João		P/S	M	1876-1877	1	40
Collegio Arnizaut Furtado (antigo Collégio Reis)		P	F/M	1876-1877-1878-1879-1881-1885-1888-1900	24	85
Collegio Francez – Aristides Guidony		S	F/M	1876-1878-1880	4	77
Curso Noturno – Bibliotheca Pública Pelotense	1/2/1877	P	M	1877-1878-1881-1891-1893-1904-1907-1910	33	37
Escola Nocturna Pelotense	01/1877	P/S	M	1877		4
Collegio Redempção		P/S	M	1877-1878-1879-1884-1887-1900	23	47
Collegio Franco Brazileiro – Mme Lameignare		P	F	1878-1879	1	21
Collegio Curso Racional	7/1/1878			1878-1880-1881-1882-1883-1884-1887-1889	11	379
Collegio de Instrucção Elementar Dir. D. Amália P. Furtado	1878	P	F	1878		1
Collegio Pelotense		P	M	1877-1878-1879-1880	3	49
Curso Nocturno de Preparatórios Curso de Preparatórios em Pelotas		S	M	1878-1883-1892	14	21
Curso Normal de Instrucção		P/S	F	1878-1879-1884-1900	22	14
Lyceu Municipal/Rio-Grandense (antigo Collegio Franco Rio-Grandense) – Carlos Bachelery	1/1/1878	P/S	M	1878-1877-1879-1885	7	117
Collegio Commercial – Eduardo Wilhelmy	1879	P/S	M	1879-1885-1886-1889-1892-1893-1895-1896-1903-1904	25	76
Aula Nocturna	01/1879	P/S	M	1879		5
Collegio de Instrucção Elementar – Fernando Pimentel e Washington Barcellos	1879	P/S	M	1879-1880-1882-1888-1890-1896-1900	21	26

Collegio Francez Mary Milne		P	F	1880		10
Collegio Sul-Americano	3/2/1881	P/S	M	1881-1882-1883-1884-1885-1886-1887-1888	7	78
Collegio Ozório/Collegio Commercial		P/S	M	1881-1882-1883-1884-1885	4	28
Collegio Amarante E. Bibiano		P/S	M	1881		1
Collegio Silveira		P/S	M	1881-1882	1	60
Collegio Victoria		P	F	1881-1883-1884-1885-1886-1889-1890-1894	13	87
Curso Secundário – Arthur Toscano	01/1882	S	M	1892-1893	1	8
Collegio Minerva		P/S	F	1882-1883-1887-1890-1891-1902	20	169
Collegio S. Francisco de Paula Washington da Câmara Barcellos		P/S	M	1882-1884	2	51
Collegio Perseverança	1883	P/S	F	1883-1884-1885-1886-1887-1888-1889-1890-1891-1892-1893-1894-1896-1900-1902-1905	22	97
Curso Particular (Fernando A. Pimentel)	1/2/1883	P/S	M	1883-1885-1886-1888-1889-1890-1891	8	78
Atheneu Pelotense	07/1884	P/S	F/M	1884-1886-1889-1890-1892-1893-1894-1895-1896-1897-1898-1899-1900-1901	17	270
Externato Particular – Emilia de Mendonça		P/S	F	1884-1886	2	31
Collegio N. S. da Conceição	07/1885	P/S	F	1888-1890-1898-1905-1909	21	26
Curso Primário Mixto – Andradina de Oliveira		P	F/M	1885-1886	1	8

Collegio Evolução	01/1886	P/S	M	1885-1886-1887-1888-1889-1890-1891-1893-1895	10	229
Collegio Pedro II Dir. Anna Barcello de Moura		P/S	F	1886-1887-1888	2	90
Collegio São João		P/S	F	1886-1887	1	14
Collegio Honra e Trabalho	01/1887	P/S	F	1887-1888-1889-1891	4	90
Curso de Estudos Preparatórios – Bernardo Taveira Junior e Alfredo Ferreira Rodrigues	01/1887	S	M	1887		9
Collegio Esperança	02/1887	P/S	F/M	1875-1878-1887-1889	14	89
Collegio Mme. Messeder		P/S	F	1887-1888	1	11
Curso Completo de Musica	07/1888	P/S	M	1888-1889	1	24
Collegio Sant´Anna		P	F	1889-1892	3	31
Escóla Allemã/Deutsche Schule	1889	P	F/M	1889-1899-1902-1904-1905-1906	17	28
Collegio São Francisco de Assis Escola São Francisco de Assis	6/2/1889	P/J/F	F M (a partir de 1903)	1889-1891-1895-1896-1897-1898-1902-1909-1910-1912-1913-1916-1915-1917-1918-1919-1922-1926-1929-1931-1932-1937-1938-1956-1964-1966-1968-1972-1973-2004-2008-2010	122	240
Externato Nacional – Antonina Rochefort e Josephina Laquintinie Queiroz	1º/2/1890	P/S	F	1889-1890	1	48
Lyceu Rio-Grandense de Agronomia e Veterinária Escola de Agronomia e Veterinária – Eduardo Wilhelmy	1890	S	M	1889-1890-1892-1891-1893-1898-1900-1901-1905-1907	18	39

Collegio Particular	1/1/1894	P	F	1893-1894	1	9
Gymnasio – José Henrique Lara Ulrich		P/S	M	1894-1895-1896-1897-1901	7	135
Gymnasio Gonzaga Collegio Gonzaga Colégio La Salle Gonzaga	4/2/1895	P/S	M F (a partir de 1971)	1895-1896-1897-1898-1899-1900-1901-1902-1903-1905-1906-1907-1908-1909-1910-1911-1912-1913-1915-1916-1917-1918-1919-1920-1921-1922-1923-1924-1925-1926-1927-1928-1929-1930-1931-1932-1934-1935-1936-1937-1938-1939-1940-1941-1942-1943-1944-1945-1946-1947-1948-1949-1950-1951-1952-1953-1954-1955-1956-1957-1958-1959-1960-1961-1962-1963-1964-1965-1971-1972-1977-1983-1986-1997-2001-2002-2003-2004-2005-2006-2007-2008-2009-2010-2011	117	864
Externato Francez Internato e Externato Francez – Mme. Marguerite Gastal	1895	P/S	F	1895-1897-1898-1901-1902-1904-1905-1906-1909	14	34
Escola Moderna		P/S	M	1896-1897-1898-1899-1900-1901-1902-1906-1910	14	50

Aula da Luz	1897	P	F/M	1897-1898-1899-1900	3	5
Collégio Alemão Collegio Internacional Supra (até 1938 depois muda o nome para Colégio Carlos Ritter)	17/121898	P	F/M	1898-1899-1902-1909-1910-1911-1912-1913-1920-1925-1926-1927-1931-1936-1937-1938-1939-1040-1941-1942	44	209
Collegio Mario de Artagão	1898	P	M	1898-1899-1900-1901	3	51
Instituto Latino	1899	P/S	M	1900-1901-1902-1903-1904	4	45
Collegio S. Francisco de Paula – D. Maria Batista Pereira		P/S	F	1900-1902-1903-1905	5	36
Collegio Eduardo Borges	2/4/1901	P	M	1901-1902-1903	2	140
Collegio União	16/6/1901	P	F	1901		28
Gymnasio Pelotense Colégio Pelotense	24/10/1902	P/S	M F (a partir de 1915)	1902-1903-1904-1905-1906-1907-1908-1909-1910-1911-1912-1913-1915-1916-1917(municipalização)-1918-1919-1920-1922-1923-1924-1925-1926-1929-1931-1932-1939-1950-1951-1952-1957-1961-1973	109	383
Collegio Commercial/Curso Prático – José Marchiaro		P/S	M	1903-1904-1905-1906	3	42
Collegio Dupont	1904	P/S	M	1904-1906-1905-1908-1910	6	18
Gymnasio Brasileiro	31/3/1905	P		1905-1908-1920-1921-1925	20	14

Sociedade União e Instrucção Espírita Collegio União Espírita	2/1/1908	P		1908-1909	1	30
Escola Progresso		P	F	1908-1909	1	31
Collegio Franco Brazileiro – João B. Giudiculli	1/2/1909	P/S	M	1909		21
Curso Particular Complexo/Instituto Brazileiro	1908	P/S	M	1908-1909-1910	2	30
Externato Pelotense Idalina Calero de Carvalho	1/9/1909	S/P	F	1909-1910-1912-1920	11	17
Luso-Brasileiro	4/3/1910	P/S	F	1910		3
Collegio São José – Irmãs da Congregação de S. J. Ginásio São José Colégio São José	19/3/1910	P/S/J/F/M	F M (a partir de 1872)	1910-1912-1913-1916-1917-1918-1919-1920-1921-1926-1923-1924-1925-1926-1928-1929-1930-1931-1932-1937-1942-1950-1953-1971-1972-(educação mista) 1973-2000-2002-2003-2004-2008-2009-2010-2011	101	332
Colégio São Francisco de Assis	3/3/1905	P	F	1905-1907	7	10
Colegio Portuguez		P		1917-1918-1919	2	77
Externato Santa Ignez		P	F	1918-1919-1920-1921-1922-1924	6	30
Collegio Brasileiro		P/S		1918		9
Collegio do Padre Miranda		P	M	1918		1
Escola Brasileira		P		1920-1930-1940	20	14
Escola Nocturna de Commercio		S	M	1921		5
Colegio Baptista Pelotense		P/S	F/M	1923-1926-1928-1929-1926-1927-1928-1930-1931-1932-1933	10	87

Atheneu Mercantil		P	M	1931		3
Colégio Santa Margarida	1/3/1934	G/P/S/J	F/M	1934-1935-1936-1937-1938-1942-1943-1945-1950-1951-1953-1954-1957-1959-1963-1964-1965-1968-1969-1970-1971-1989-1992-2000-2002-2003-2004	71	227
Ginásio Sul-RioGrandense		G	M	1937-1938	1	18
Escola Estevão Farias		P		1939-1940	1	9
Escola de Livre Comércio Dr. Jorge Salis Goulart Cooperativa de Ensino Instituto Ginasio Salis Goulart	25/9/1947	P/S/J/F	F/M	1947-1948-1955-1957-1956-1958-1964-1965-1966-1969-1971-1993-2004-2011	64	49
Ginásio/Colégio Diocesano	1957	G	M	1957-1961-1972	15	10
Escola Particular Recanto Infantil	1955	J/F	F/M	1955-1956-1958-1959-1973-1992	19	9
Colégio Sinodal Alfredo Simon	1963	J/P/S	F/M	1964-1965-1967-1981-2006-2008-2011	46	12
Escola Elementar Castelinho do Saber e Escola de Ensino Médio Érico Veríssimo	03/1970	P/J/M	F/M	1970-1971-1979-1982-1983-1995 (passou a ter ensino médio) 2008-2009-2010-2011	41	18
Centro Educacional Corujinha/ Escola Santa Mônica	1985/1993	P/M		1985-1987-1993-1994-2007-2008-2009-2010-2011	26	22
Escola União Infantil		J	F/M	1992-1995-2004-2005	13	11
Escola Mario Quintana	1995	M/F/J	F/M	1994-1995-1996-1997-1996-1997-1998-1999-2000-2001-2002-2003-2004-2005-2006-2007-	16	233

				2008-2009-2010-2011		
Colégio Albert Einstein		M	F/M	1995-1998-2000-2001-2004-2008	13	16

Os dados do quadro e as problematizações apresentadas sobre o terceiro ciclo indicam uma abrupta diminuição da quantidade de instituições privadas se comparado com os ciclos anteriores. Por outro lado, importantes educandários ofereceram estruturas mais amplas que contemplam uma quantidade maior de alunos matriculados.

O fechamento de uma escola confessional e a venda de outra para a gestão empresarial, nos primeiros anos do século XXI, demarcaram esse ciclo educacional caracterizando-o pela ascensão do ensino empresarial e pela retração do ensino confessional. Embora não tenham sido criadas mais instituições confessionais, é relevante indicar que importantes educandários confessionais continuam a ser prestigiados pelo público pelotense. Assim, identificou-se que hoje existem públicos diferentes para instituições com propostas distintas. Além disso, apesar do esforço do ensino confessional em afastar-se de um discurso mercantilista, a cidade de Pelotas foi surpreendida pela postura adotada pelas mantenedoras das escolas confessionais nos dois episódios históricos vivenciados pela iniciativa privada.

Com a criação de escolas dirigidas por empresários da educação, os educandários confessionais voltaram a publicar propagandas começando a disputar os alunos com esse modelo de ensino. Diante dessas publicações, as diferenças de concepção e de gestão das escolas tradicionais com relação ao que foi ofertado pelos empresários da educação ficaram cada vez mais nítidas. Nesse ciclo existiu, portanto, diferentes concepções: enquanto as escolas administradas pelos empresários ofereciam modernidade e foco nos resultados, a gestão confessional ofertava tradição e zelo pelo aluno. Contudo, essas escolas aos poucos começam a apresentar uma postura estratégica de gestão. Esta se refletiu na criação de novos prédios, na contratação de gestores leigos para a administração da escola e na associação com educandários de outras cidades aproveitando a expertise desses. Essas ações, portanto, refletiram-se no novo discurso apresentado nas propagandas. Nele as escolas enaltecem a sua

comunidade escolar, o resultado de seus alunos e a sua estrutura física e pedagógica. Assim, percebe-se que o terceiro ciclo está em curso e que nele, como anteriormente mencionado, o ensino confessional começa a comportar-se como confessional-empresarial. Caberá às pesquisas futuras identificar se essa nova configuração se manterá e que reflexos trará para a educação privada de Pelotas.

6 CONCLUSÕES

A partir das análises apresentadas, e com base no referencial teórico-metodológico deste estudo, parte-se agora para os apontamentos finais com relação aos resultados obtidos.

O objetivo desta pesquisa foi o de investigar a trajetória do ensino privado de Pelotas, no período compreendido pelo final do século XIX ao princípio do século XXI, visando, ainda, comprovar a tese de que, até o presente momento, o ensino privado de Pelotas de nível primário e secundário, fundamental e médio passou por três ciclos.

Diante dessas propostas investigativas, a primeira consideração a ser feita é a de que, nos primórdios da escolarização de Pelotas, a elite buscou a sua formação nas instituições privadas que aos poucos se formavam na cidade. A educação do primeiro ciclo é, portanto, caracterizada inicialmente por uma ampla e diversificada oferta de ensino privado que permitiu a educação da mocidade pelotense. Suas estruturas físicas e pedagógicas ficaram registradas nas propagandas que frequentemente preenchiam as páginas dos periódicos. A longevidade de muitas delas também foi identificada por meio dos anúncios e mediante a exposição dos resultados dos alunos. Ao buscar encontrar elementos que diferenciavam, ou não, as instituições de ensino, foi possível concluir que elas mantiveram uma espinha dorsal que era comum a todas. Isso ocorreu em virtude da legislação e do que era exigido com relação aos níveis de ensino e das profissões existentes na época. Concluiu-se, ainda, que os discursos sobre o ensino primário e o ensino secundário pautavam-se de forma diferente, já que esses níveis de ensino propunham-se a objetivos distintos. Enquanto o primeiro focava, além das primeiras letras, a preparação para a vida social, o segundo se pautava, principalmente, pela preparação para o acesso ao ensino superior. Tanto para o secundário, como para o primário, os resultados dos alunos eram uma

garantia da qualidade da instituição, já que neles, os alunos e os estabelecimentos de ensino seriam testados.

Ressalta-se, contudo, que também se identificou espaços institucionais que atendiam às exigências de grupos heterogêneos, por isso as instituições com aulas avulsas, os colégios, os espaços domésticos com suas aulas individuais, não puderam ser comparadas. Com base nas informações encontradas sobre o mercado docente na primeira fase do primeiro ciclo, concluiu-se que a imagem de uma instituição de ensino esteve, quase sempre, atrelada à figura de um(a) professor(a) ou de um grupo de professores(as) reconhecidos(as) pela comunidade por sua capacidade intelectual e pela sua influência social. Diferentemente do que ocorreu no segundo ciclo. Após a criação das primeiras instituições confessionais, a imagem dos colégios se vinculou aos pressupostos e princípios de cada confissão e não necessariamente a uma figura.

Concluiu-se, ainda, que a propaganda permitiu apresentar dados concretos do que ocorria em muitos colégios, atividades desenvolvidas e supervisionadas, formal ou informalmente, pelos professores. Tem-se claro que uma das características primeiras da propaganda é enaltecer e divulgar o que se tem de melhor em um serviço. Por isso, concluiu-se que foram apresentados à comunidade os pontos fortes das instituições. Ainda assim, identificou-se nesse ciclo a fragilidade de alguns espaços físicos de algumas instituições e mesmo da própria cidade, que aos poucos se urbanizava.

Ainda com relação ao primeiro ciclo, constatou-se que nesse momento estava sendo constituído, pouco a pouco, um sistema de educação – não só em Pelotas como no Brasil – em que o ensino saía de dentro das casas, como prática do ensino particular, para, aos poucos, serem formadas instituições de ensino, cujas estruturas iam sendo alteradas com o passar dos anos. Compreendeu-se, assim, que os sujeitos de Pelotas acreditavam em uma civilização, em um crescimento através da educação, que se refletiu no grande número de professores e de instituições de ensino que atenderam aos alunos que podiam arcar com a educação privada. Diante desse cenário foi possível identificar como muitos professores iniciavam suas práticas educativas em Pelotas, incluindo os docentes estrangeiros. Esses ofereciam seus serviços como professores particulares por meio dos anúncios divulgados na imprensa e, depois de um

tempo, normalmente, eram absorvidos pelos colégios já existentes, ou abriam suas próprias escolas – possivelmente porque já tinham conquistado o seu público, sendo mais proveitoso concentrar seus alunos em um único espaço de aprendizagem.

Sendo assim, a educação privada do primeiro ciclo caracteriza-se pela educação ofertada por um proprietário, ou por um grupo de docentes, que geria a educação em um processo mais sofisticado do que as aulas avulsas. Nos colégios, os professores dividiam as disciplinas ficando responsáveis por áreas determinadas do conhecimento. Foi uma fase eminentemente privada, caracterizada por um sistema claramente capitalista mercantil.

Essa fase inicial, contudo, apresentou algumas fragilidades com relação a um novo cenário implantado na cidade no final do primeiro ciclo. O sistema educacional até então vivido no século XIX e princípio do XX perde força e, consequentemente, espaço para as novas instituições confessionais criadas na cidade. Além disso, a ação do poder público de ensino, gerada pelas reformas da educação, possibilitaram a criação dos primeiros grupos escolares – o que também alterará o cenário educacional. Assim, as instituições fortes de ensino dos primórdios da educação pelotense acabam não tendo estrutura para competir com as ações públicas e privadas confessionais – que se concentrarão na oferta do ensino primário e secundário no final do primeiro ciclo e ao longo do segundo.

Nesse novo cenário, o ensino secundário foi de importância vital, uma vez que esse nível de ensino propiciou às classes mais abastadas o acesso ao ensino superior. Esse, por sua vez, concentrou-se nas mãos das gestões confessionais instauradas na cidade, com exceção do Colégio Pelotense que se municipalizou na primeira década do século XX. Já o ensino público, nesse momento, dedicou-se à oferta de nível primário. Assim, constatou-se que o primeiro ciclo foi caracterizado por uma bipolarização do ensino primário, uma vez que era ofertado pelas esferas pública e privada. Por outro lado, com a instauração da República, o ensino público ganhou força, justamente no momento em que se percebeu a desaceleração da criação de novas instituições privadas. Nesse contexto, o ensino secundário caracterizou-se por uma polarização, pois era ofertado quase que exclusivamente pelas instituições privadas confessionais

– o que lhes garantiu uma hegemonia de atuação no segundo ciclo vivenciado pela educação privada.

Conclui-se, assim, que a educação privada ofertada pelos professores leigos do primeiro ciclo não teve estrutura física nem pedagógica para competir com as alterações ocorridas no sistema educacional vigente. As escolas confessionais criadas construíram prédios próprios para a educação, ofereceram internatos, tiveram um corpo preparado para atuar no magistério como vocação e conduziram a educação pautada na moral e na religiosidade. Além disso, receberam a equiparação – o que lhes garantiu um selo de qualidade consolidando também as suas atuações. Nesse período também se verificou as participações ativas dessas escolas na sociedade pelotense, registradas pelas propagandas que predominaram nas páginas dos periódicos. Destarte, como já mencionado, verificou-se que as instituições confessionais instauraram-se em Pelotas tendo no ensino secundário o diferencial que corroborou com a sua hegemonia durante quase todo o século XX.

Constatou-se, ainda, que as escolas do segundo ciclo buscaram se adaptar a uma nova realidade econômica e política, diferente da pujança vivenciada no passado. Ainda assim, existiu na cidade uma conceituada estrutura educacional e cultural que atendeu a demanda pelo ensino primário, secundário, técnico e superior, tanto no que se referiu à instrução pública laica, quanto à instrução privada vinculada a credos religiosos. Foi nesse ciclo que a educação confessional conquistou a sua hegemonia, ofertando a qualidade do ensino de nível primário e secundário, convivendo ainda em um cenário de qualificação e posterior desgaste da ação pública educacional.

Identificou-se, assim, que até a década de 1980 as instituições confessionais privadas mantiveram-se atuantes consolidando a sua hegemonia. A partir da década de 1990 percebeu-se um retorno da frequência de propagandas nos jornais – que tinham sido expostas em menor quantidade entre as décadas de 1940 a 1980, momento em que as escolas confessionais têm seus públicos constituídos e, portanto, não se percebe por parte delas uma disputa pelos alunos.

Num esforço de síntese, caracteriza-se o segundo ciclo, portando, pela hegemonia confessional, que desarticulou o processo anteriormente vivido pelos

“empresários” do primeiro ciclo. Foi uma fase em que existiu uma organização mais efetiva contando com quadros dispostos e treinados para atuar no magistério como vocação. Compreende-se, contudo, que o modelo confessional ofertado ao mercado abriu espaço para a inserção de um novo paradigma educacional caracterizado pela gestão empresarial. Delimitou-se assim, diante da análise do cenário educacional privado, que o final do segundo ciclo é demarcado pela criação de uma escola de propriedade de um empresário da educação que alterou sobremaneira o ambiente educacional privado vivido em Pelotas. Sabe-se que a história não é feita por rupturas delimitadas, uma vez que os acontecimentos se constituem mediante um movimento, formado por diferentes fatores e situações. Todavia, credita-se à década de 1990, em especial à criação do educandário Mario Quintana, o começo do terceiro ciclo da educação privada de Pelotas. Esse teve sua origem, portanto, cem anos após a criação da primeira instituição privada confessional de ensino da cidade. E, assim como no período anterior, o ensino médio também foi o foco preponderante das ações das escolas geridas pelos empresários da educação. Deste modo, observou-se que o ensino secundário continua a ser um espaço de passagem e de preparo para uma etapa fundamental na vida do futuro profissional brasileiro: o ensino superior. E reside aí sua importância para os que recorrem ao ensino privado, ou seja, uma boa escola secundária torna-se um investimento no futuro próximo do aluno.

Identificou-se, ainda, que com a criação das escolas dirigidas por empresários da educação, os educandários confessionais voltam a publicar propagandas. Por meio dessas publicações as diferenças de concepção e de gestão das escolas tradicionais em relação ao que foi ofertado pelos empresários da educação ficam cada vez mais nítidas. Isso porque a constituição do ensino privado do terceiro ciclo apresentou diferentes concepções: enquanto as escolas administradas pelos empresários ofereciam modernidade e foco nos resultados de seus alunos, a gestão confessional ofertava tradição.

No terceiro ciclo verificou-se, então, a volta dos empresários da educação, agora baseados em um capitalismo empresarial, que colocou à prova a proposta de uma educação nos moldes ofertados pela confessionalidade – o que vem exigindo uma postura capitalista por parte das instituições confessionais existentes em Pelotas. Percebeu-se, então, que algumas organizações religiosas

não tiveram condições de acompanhar essa concorrência de mercado. O posicionamento adotado pela administração empresarial, aliado à deficiência da gestão confessional, além da mudança em seus quadros de professores, fez com que a história do Colégio Anglicano Santa Margarida, constituída ao longo do segundo ciclo, fosse encerrada no terceiro ciclo. Assim como o Colégio Gonzaga, que sofreu uma alteração profunda ao anunciar o seu fechamento e, posteriormente, a sua desconfessionalização.

Dentre os fatores identificados para a queda da força confessional, também está, portanto, a substituição de representantes religiosos por professores leigos. Essa foi uma alteração profunda no cerne das escolas confessionais que não tiveram uma condução administrativa para tal. O que se conclui é que essas instituições não realizaram uma projeção dos gastos provenientes dos encargos gerados com os professores leigos. As dívidas com o professorado, a diminuição frequente de alunos na rede privada e a falta de investimentos por parte da gestão confessional deflagraram a crise confessional no princípio do século XXI, o que comprova a hipótese desta investigação.

A ascensão do ensino empresarial no terceiro ciclo propiciou, também, uma nova configuração para o cenário privado, a começar pelo espaço escolar. Ao invés de escola como monumento, característica dos dois primeiros ciclos, o espaço estudantil passou a ser tratado como um clube social. Nele o aluno além de obter os saberes necessários para o seu crescimento intelectual, tem acesso a espaços lúdicos com vistas a proporcionar lazer e desenvolvimento cultural. As instituições organizam-se estrategicamente para cativar seus alunos e seus responsáveis, fazendo com que ambos frequentem a escola além do período condicionado para as horas de estudo. Assim, os prédios escolares construídos, ou adaptados, no terceiro ciclo foram concebidos mediante as exigências de seu tempo. Um tempo em que a tecnologia se faz presente e as cores, os livros didáticos, os professores, a tecnologia e a formação integral do aluno são promessas do investimento no espaço escolar e no futuro do discente. As exigências recaem, portanto, sobre a escola, pois essa se tornou o “templo da transformação” – capaz de transformar crianças e jovens em campeões.

Destarte, o cotidiano escolar no terceiro ciclo do ensino privado foi exposto à comunidade com certa regularidade em uma tentativa de cativar o

público-alvo mantendo, assim, a instituição atuante no mercado. Além disso, observou-se que com o advento da fotografia a exposição do cotidiano tomou uma dimensão até então não identificada. O ambiente escolar, que antes era descrito pelas instituições privadas especialmente do primeiro ciclo, passa a ser registrado, (re)construído e divulgado por meio de fotografias presentes nas propagandas.

Foi também com a exploração empresarial da educação no terceiro ciclo que surgiu um novo ator institucional. Trata-se dos gestores empresariais que utilizam a sua imagem para atestar a qualidade de seus empreendimentos. Não raras vezes comunicavam-se com a comunidade atrelando sua imagem à escola. Essa aproximação com o público se reflete nos projetos políticos pedagógicos dessas instituições que, apesar de serem conduzidos pela gestão escolar, mostraram-se abertos à participação da comunidade. Além disso, os empresários, várias vezes, enfatizaram que a gestão confessional não estava mais sozinha na cidade e que teria que concorrer com as novas escolas criadas em Pelotas. É importante lembrar que durante muito tempo elas foram soberanas na oferta de ensino privado pelotense e muito provavelmente não esperavam enfrentar um ambiente tão competitivo – como passou a ocorrer com a ascensão das instituições geridas pelos empresários da educação.

Verificou-se, ainda, que as instituições privadas encontradas ao longo de toda a periodização investigada criavam paradigmas educacionais e os vendiam à comunidade através das propagandas. No terceiro ciclo essa disputa aparece ainda mais acirrada, uma vez que o ensino privado torna-se cada vez mais refém das demandas de mercado e sofre influência direta das alterações econômicas do país. Assim, mesmo que apresente uma constante qualificação, depende da aprovação de seu público consumidor, bem como do poder aquisitivo do mesmo. Entretanto, embora as propagandas das escolas confessionais tenham sido muitas vezes mais brandas, foi possível identificar embates explícitos entre a confessionalidade e a instância empresarial. Suas diferenças de personalidade institucionais foram divulgadas nos anúncios impressos e ajudaram a construir suas imagens. Cabe chamar a atenção ainda de que o *slogan* foi um recurso usado pelas instituições apenas no terceiro ciclo. Os colégios

apresentavam frases fortes, com grande apelo e vínculo institucional, ilustrando as concepções de escola presentes em cada modelo de gestão educacional.

Constatou-se, além disso, que quando o Colégio Gonzaga passou para a gestão empresarial uma guerra foi declarada entre as três escolas mais presentes nos jornais no terceiro ciclo: a Escola Mario Quintana, o Colégio São José e o Colégio Gonzaga. Com base nisso, conclui-se que o ensino privado de Pelotas nos diferentes ciclos constituiu-se sendo inovador, ofertando qualidade aos alunos em uma disputa constante entre as instituições. Tal disputa refletiu-se no aprimoramento da oferta educacional, haja vista as conquistas constantes de seus alunos. Essas, por sua vez, foram instigadas especialmente pelos mecanismos de avaliação da vida escolar do aluno instituídos pelo poder público.

A avaliação da vida escolar dos discentes, promovida pelo Ministério da Educação, colocou uma lente de aumento no trabalho desempenhado pelo setor privado, ilustrando, com isso, que cada vez mais essa esfera de ensino se distancia da educação pública. Apesar disso, essas instituições enfrentam um contingente cada vez mais limitado de alunos justificado pela oscilação do poder econômico. Contudo, identificou-se que no terceiro ciclo algumas escolas ampliaram a sua estrutura para captar mais alunos, o que de fato ocorreu. No terceiro ciclo as agora “novas tradicionais escolas” não têm tido alterações significativas em suas matrículas, no entanto, essa é uma característica intrínseca do setor: participa dele quem pode investir na educação privada.

Constatou-se, ainda, que atualmente as escolas confessionais do terceiro ciclo estão se comportando como confessionais-empresariais. Como já dito, caberá às pesquisas futuras identificar os reflexos dessa postura para o cenário da educação privada pelotense.

Concluiu-se, por fim, que as instituições privadas encontradas ao longo de toda a periodização se auto-regulavam por meio do uso das propagandas, ditando e constituindo, assim, o padrão de qualidade do ensino privado local. E, embora a visão de clientelismo tenha sido identificada já nos textos produzidos pelos professores leigos do século XIX e princípio do XX, foi no final do século XX e princípio do XXI que a propaganda fez parte das estratégias de *Marketing* Educacional dos colégios. A utilização de empresas de comunicação para elaborar as propagandas refletiu-se em um discurso cuidadoso em busca dos

alunos. As ações internas acabaram sendo divididas estrategicamente com o público e as disputas entre as gestões confessionais e empresariais ficam cada vez mais declaradas. Dessa forma, percebeu-se que a propaganda impressa escolar privada se impôs como uma prática cultural do século XIX tornando-se parte das estratégias de *Marketing Educacional* dos séculos XX e XXI. Essa foi, portanto, uma fonte potencial para se obter dados sobre a trajetória do ensino privado em Pelotas, sendo, assim, testemunha da constituição e da legitimação dessa esfera de ensino na cidade.

REFERÊNCIAS

Livros, Teses, Dissertações e Artigos

ALDRIGHI, Vera; RIBEIRO, Julio. **Tudo o que você queria saber sobre propaganda e ninguém teve paciência para explicar**. São Paulo: Atlas, 1995.

ALVES, Fábio Lopes; GUARNIERI, Ivanor Luiz. **A utilização da imprensa para a escrita da história: diálogos contemporâneos**. Revista Brasileira de Jornalismo, Brasília, v.1, nº.2, p.30-53, Ago./Nov., 2007.

ALVES, Francisco das Neves. **Imprensa e Política: algumas reflexões acerca da investigação histórica**. História em Revista da Universidade Federal de Pelotas, v.7, p.93-115, dez. 2001.

ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea**. São Paulo: Autores Associados, HISTEDBR, 2005.

ALVES, Manoel. **A histórica contribuição do ensino privado no Brasil**. Revista Educação, Porto Alegre, v.32, nº.1, p.71-78, jan./abr. 2009.

_____. **Sistema Católico de Educação e ensino no Brasil: uma nova perspectiva organizacional e de gestão educacional**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.5, nº.16, p.1-20, set./dez. 2005.

AMARAL, Giana Lange do. **Gatos Pelados x Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960)**. 2003. 338 f. Tese (Doutorado em História da Educação) – Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre.

_____.**Ginásios Pelotense e Gonzaga: apontamentos sobre o ensino secundário Laico e Católico no Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XX**. Revista História da Educação. ASPHE. Pelotas: Editora da UFPel, n.26, p.119-140, Set./Dez.2008.

_____. **Colégio Gonzaga: pioneiro e difusor do ensino católico na cidade de Pelotas**. Revista HISTEDBR ON-LINE, n.37, março de 2010. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/rev.html> Acesso em: 10 mar. 2010.

_____. **As disputas futebolísticas estudantis: práticas culturais que marcaram o contexto escolar e urbano pelotense entre as décadas de 1930 a 1960.** Cadernos de História da Educação. nº.2, v.9, p.413-425, Jul./Dez. 2010.

ANDRICH, Emir Guimarães. **A educação superior no Brasil: uma análise dos aspectos da legislação relacionados à privatização do sistema e à qualidade do ensino, 1990-2006.** 2006. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná.

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX**. Pelotas: Editora UFPel, 2000.

ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio. (orgs.) **Novos temas em História da Educação Brasileira – Instituições Escolares e Educação na Imprensa**. São Paulo: Autores Associados e Uberlândia; Edufu, 2002.

ARGENTI, Paul A. **Comunicação Empresarial: a construção da identidade, imagem e reputação**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2006.

ARRIADA, Eduardo. **A Educação Secundária na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: A Desoficialização do Ensino Público**. 373f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC, Porto Alegre, 2007.

_____. **Pelotas: Gênese e Desenvolvimento Urbano (1780-1835)**. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

_____. **Do " O Pelotense" ao " Diário Popular" (1851-1890): 39 anos de jornalismo em Pelotas** (s.n.t).

_____; SANTOS, Rita de Cássia Grecco. **"Pura, dura e segura": a vida as pensionistas do Colégio São José de Pelotas**. Revista Tempos e Espaços em Educação. v.5 p.63-77. Dez. 2010.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa. Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: MauadX, 2007.

BARTHES. Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
BEKIN, Saul Faingaus. **Endomarketing: Como praticá-lo com sucesso**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

BETEMPS, Leandro Ramos. **Aspectos da colonização Francesa em Pelotas**. História em Revista da Universidade Federal de Pelotas, v.5, p.117-135, Dez.1999.

BEZERRA. Adriana de Oliveira. **Prédio novo para uma escola centenária**. 2008. 28 f. Artigo (Especialização em Educação) – Núcleo de História da Educação, Faculdade de Educação da UFPel, Pelotas.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (orgs.) **A Bússola do Escrever – Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

BICA, Alessandro Carvalho. **Um estudo sobre a gênese e a consolidação de uma instituição escolar anglicana de ensino na cidade de Pelotas**. 2006. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFPel, Pelotas.

BRANCO, Castelo Renato (Org). **História da Propaganda no Brasil**. São Paulo: T.A.Queiroz, 1990.

BRAVIN, Flavia Helena Dante Alves. **Comunicação do posicionamento de Marketing das Instituições de Ensino Superior**. 2009. 267f. Tese (Doutorado em Administração) – Departamento de Administração, Faculdade de Administração e Economia, USP, São Paulo.

BUFFA, Ester. **Ideologias em conflito: escola pública e escola privada**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. O público e o privado na educação Brasileira do século XX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Petrópoles: Vozes, 2004.

_____. Pesquisas sobre arquitetura e educação: aspectos teórico-metodológicos. In: SANTOS, Ademir Valdir dos; VECHIA, Ariclê (Org.). **Cultura Escolar e História das práticas pedagógica**s. Editora Universidade de Tuiuti do Paraná, 2008, v.1, p.61-69.

_____; NOSELLA, Paolo. **Schola Mater – A Antiga Escola Normal de São Carlos**. São Carlos: EDUFSCar, 1996.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **A Escola dos Annales: 1929-1989**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

CAMPEÃO. Maria Regina de Ávila. **Um estudo de caso sobre a história de instituições educativas: o Colégio São José/Montenegro/RS**. 2006. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas – UNISINOS, São Leopoldo.

_____. **Crise e fechamento de escolas confessionais no Vale do Caí (1970-1996)**. UNIrevista, São Leopoldo, v.1 , nº2, Abr, 2006.

CARDOSO, Aliana Anghnoni; PERES, Eliane. **A expressão da modernidade pedagógica em Pelotas: a criação do Grupo Joaquim Assumpção**. Cadernos da Educação, nº 3, p.97-1008, Jan-Dez., 2004.

CARDOSO, Rafael (org.). **O Design brasileiro antes do Design**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____. **Uma introdução à História do Design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.

_____. Impressos efêmeros como fonte para estudo da história cultural brasileira. In: HEYNEMANN, Cláudia Beatriz (Org.) **Marcas do progresso – consumo e Design no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: MauadiX, Arquivo Nacional, 2009.

CARDOSO, Tereza Fachada Levy. As aulas régias no Brasil. In: BASTOS, Maria

Helena Câmara (org). **História e Memória da Educação no Brasil**. vol.1, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

_____. **A construção da Escola Pública no Rio de Janeiro Imperial.** Revista Brasileira de Educação nº1, Jan/Jun. p.195-212, 2001.

CAREGNATO, Célia Elizabete. **Caráter público e identidade acadêmica na educação superior: uma análise da diversificação institucional por meio do estudo de centros universitários**. 2004. 297 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre.

CARRASCOZA, João Anzanello. **A evolução do texto publicitário – A associação de palavras como elemento de sedução na publicidade**. São Paulo: Futura, 1999.

_____. **Redação Publicitária** – **Estudos sobre a retórica do consumo**. São Paulo: Futura, 2003.

CASTANHO, Sérgio. Institucionalização das instituições escolares: final do império e primeira república no Brasil. In: NASCIMENTO, Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs). **Instituições Escolares no Brasil – conceito e reconstrução histórica.** Campinas, Sorocaba, Ponta Grossa: Autores Associados; HISTEDBR; UNISO; UEPG, 2007.

CASTRO, Giane de Souza. **A cruz e o compasso: as relações entre Igreja Católica e a Maçonaria no contexto do ultramontanismo em Juiz de Fora**. Revista Sacrilegens da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, v.3, nº.1, 2006.

CÊA, Geórgia Sobreira dos Santos; DORNELLAS SOBRINHO, Renato José. Propostas dos empresários leigos do ensino e a política educacional brasileira na primeira metade dos anos 90. In: NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). **Educação e Política do século XXI**. Campinas, São Paulo: Editora Autores Associados, 2000.

CERQUEIRA, Fábio Vergara; CÉZAR, Temístocles Américo. **Os periódicos do final do século XIX e do início do século XX e o quotidiano de Pelotas**. História Em Revista da Universidade Federal de Pelotas, v.2, p.35-38, set.1994.

COBRA, Marcos; BRAGA, Ryon. **Marketing Educacional: ferramentas de gestão para instituições de ensino**. São Paulo: Cobra Editora, 2006.

CORSETTI, Berenice. **A escola pública no Rio Grande do Sul e o projeto político republicano (1889/1930)**. In: 1º Congresso Brasileiro de História da Educação no Brasil: História e Historiografia. Rio de Janeiro, 2000.
_____. **Modernidade e modernização no Rio Grande do Sul: a expansão da escola pública (1989-1930)**. Revista Educação Unisinos, São Leopoldo, v.8, nº15, Jul/Dez, p.39-59, 2004.

_____. **Controle e ufanismo: a escola pública no Rio Grande do Sul (1889/1930)**. Tese de Doutorado. Santa Maria: UFSM; Campinas: UNICAMP, 1998.

COSTA, Valesca Brasil. **A presença feminina na Faculdade de Direito de Pelotas-RS**. 2009. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFPel, Pelotas.

COSTELLA, Antônio Fernando. **Comunicação do Grito ao Satélite**. São Paulo: Mantiqueira, 1993.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010.

COUTINHO, Karyne Dias. **Educação como mercadoria: o público e o privado no caos do *Shopping Centers***. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 24, nº. 84, p.955-982, 2003.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Linguagem dos conflitos.** Coimbra: Minerva, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

_____. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CRATO, Nuno. **Comunicação Social A Imprensa – Iniciação ao Jornalismo**. São Paulo: Presença, 1992.

CUNHA, Aline Nunes da. **Futebol, memória e identidade operária: uma análise sobre a prática futebolística em Pelotas nas décadas de 1930 a 1960**. 2008. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFPel, Pelotas.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino superior no octênio FHC**. Revista Educação e Sociedade. Campinas, nº82, v.24, p.37-61, Abr. 2003.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Das mãos do autor aos olhos do leitor. Um estudo sobre livros escolares: A Série de Leitura Graduada Pedrinho de Lourenço Filho (1950-1970)**. Revista História (Unesp/SP), v. 30, p. 12-32, 2011.

CURY, Carlos Roberto Jamil. O Público e o Privado na História da Educação Brasileira – Concepções e Práticas Educativas. In: LOMBARDI, José; JACOMELI, Mara Regina M.; SILVA Mara T. da. (orgs) **O Público e o Privado na História da Educação Brasileira: concepções e práticas educativas**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. Igreja Católica/Educação: pressupostos e evolução no Brasil. In: PAIVA, Vanilda (Org). **Catolicismo Educação e Ciência**. São Paulo: Loyola, 1991.

_____; NOGUEIRA, Maria Alice L. G. O atual discurso dos protagonistas das redes de ensino. In: CURY, Carlos Roberto Jamil; MELLO, Guiomar Namo de Mello; CUNHA, Luiz Antônio (Coord.); NOGUEIRA, Maria Alice L. G; GÓES, Moacyr; ROMANO, Roberto; TEIXEIRA, Robespierre Martins; BRANDÃO, Zaia. **Escola Pública, Escola Particular – a democratização do ensino**. São Paulo: Autores Associados, 1889.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação das elites: o Ginásio Catarinense na primeira república**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DIAS, José Geraldo Gaurink. **Endomarketing.** São Paulo: Livroponto, 2007.

DORNELLES, Beatriz. Jornalismo no interior atente expectativa de assinantes. In: MARTINS, Francisco Menezes (org.). **A comunicação, o social e o poder: cultura, complexidade e tolerância.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

DREHER, Martin N. **Breve história do ensino privado gaúcho**. São Leopoldo: Oikos, 2008.
DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
ECO, Humberto. **Como se faz uma tese em Ciências Humanas**. 13 ed. Lisboa, Portugal: Editorial Presença, 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Arquivos, fontes e Novas Tecnologias.** Campinas: Autores Associados; Universidade São Francisco, 2000.

_____; VIDAL, Diana Gonçalves. **As lentes da História – estudos de história e histotoriografia da educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **Dos Pardieiros aos Palácios – cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000.

_____; CHAMON, Carla Simone; ROSA, Walquíria Miranda (orgs.). **Educação Elementar – Minas Gerais na primeira metade do século XIX**. Editora UFMG, 2006.

_____. **O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões**. Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, nº1,v.24, Jan/Jun, 1988.

_____; VIDAL, Diana Gonçalves. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil**. Revista Brasileira de Educação nº14, Mai/Jun/Ago, p.19-33, 2000.

_____. Instrução Elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane M. T. ; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greice. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FÁVERO, Osmar (Org.); CHIZZOTTI, Antônio; ROCHA, Marlos Bessa Mendes da; OLIVEIRA, Romualdo Portela de; PINHEIRO, Maria Francisca Sales; SUCUPIRA, Newton; VENÂNCIO FILHO, Alberto; HORTA, José Silvério Baía; BOAVENTURA, Edivaldo M.; PILATTI, Adriano. **A Educação nas Constituintes Brasileiras 1823-1988**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

FIGUEIREDO, Nébia. **Método e Metodologia na pesquisa científica**. 2ª ed. São Paulo: Yendis, 2007.

FONSECA, Maria Angela Peter da. Estratégias para a apresentação do Germanismo (Deutschtum): **Gênese e trajetória de um Collégio Teuto-brasileiro urbano em Pelotas (1898-1942)**. 2007. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFPel, Pelotas.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. São Paulo: Global, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. **Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 24, nº. 82, p.93-130, Abr. 2003.

GARCIA, Sônia Tavares; LONER, Beatriz Ana. **Relação de jornais existentes na Biblioteca Pública Pelotense**. História em Revista, Pelotas, v. 6, p. 133-164, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Editora LTC: Rio de Janeiro, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Marcelo Freitas. **O Movimento Espírita Pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais**. 2008. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação do Instituto de Sociologia e Política da UFPel, Pelotas.

GIOLO. Jaime. **Estado, Igreja e Educação no Rio Grande do Sul da Primeira República**. São Paulo: FEUSP, 1997.

_____. **Estado & Igreja na implantação da República Gaúcha: a educação como base de um acordo de apoio mútuo**. Série-Estudos (UCDB), v. 27, p. 243-256, 2009a.

_____. **A educação superior brasileira: a recente expansão privada**. In: IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, 2009,

Florianópolis. Expansão da Educação Superior: experiências e perspectivas. Florianópolis, 2009b. p. 1-14.

GOMES, Neusa Demartini. **Publicidade: comunicação persuasiva**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

GONÇALVES, Renata Braz. **Livros e Leitura na Cidade de Pelotas-RS no final do século XIX: um estudo através dos Jornais Pelotenses (1875-1900)**. 2010. 237 f. Tese (Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Educação).

_____; PERES, Eliane Teresinha. **Textos destinados ao público leitor feminino, divulgados no jornal Correio Mercantil de Pelotas/RS (1875-1900)**, 2007. Disponível em: < http://docs.google.com/gview?a=v&q=cache:YdKQisZQvi0J:www.alb.com.br/anais16/sem03pdf/sm03ss06_05.pdf+Textos+destinados+ao+p%C3%BAblico+leitor+feminino,+divulgados+no+jornal+Correio+Mercantil+de+Pelotas/RS+(1875-1900)&hl=pt-BR&gl=br> Acesso em: 20 abri. 2009.

GONDRA, José Gonçalves; TAVARES, Pedro Paulo Hausmann. **A Instrução Reformada: ações de Couto Ferraz nas Províncias do Espírito Santo, Rio de Janeiro e na Corte Imperial (1848-1854)**. III Congresso da SBHE. CD-Room. Curitiba, 2004.

GRACIOSO, Francisco. **Propaganda institucional: nova arma estratégica da empresa**. São Paulo: Atlas, 2006.

GRAEBIN, Cleusa Maria G.; LEAL, Elisabete. **Revisando o Positivismo**. Canoas: Editora La Salle, 1998.

_____. **PRR, Igreja Católica e escolas Lassalistas: projetos para a formação de um novo homem e para a regeneração da sociedade Sul-Rio-Grandense**. Cascavel, Paraná, Revista Temas e Matizes, nº. 9, p.25-34, 2006.

GUEDES, Berenice Lagos. **História da Educação no Rio Grande do Sul, Maçonaria e Igreja Anglicana: algumas imbricações, contradições, contradições e paradoxos**. 2003. 493f. Tese (Doutorado em História da Educação) – Faculdade de Educação da UFPEL, Pelotas.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, Charqueadas e Olarias – Um estudo sobre o espaço pelotense**. Pelotas: Editora UFPel, 1993.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2005.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Thompson, 2005.

HUCH, Michele.; TAMBARA, Elomar. **A Educação em Pelotas: O Entusiasmo Republicano (1889-1920)**. In: XI Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. São Leopoldo: 2005, p. 63-69.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

INÁCIO, Marcilaine Soares; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; ROSA, Walquíria Miranda Rosa; SALES, Zeli Efigênia de. **Escola, Política e Cultura**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2006.

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessando Cesar. **Ensino confessional, laico ou inter-religioso? Qual a melhor resposta?**. Revista de Educação CEAP, Salvador, v. 45, p. 39-49, 2004.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. São Paulo: Papirus, 1999.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como objeto histórico**. In: Revista Brasileira de História da Educação. Campinas: SBHE; Editora Autores Associados. Nº. 1, p.09-4, Jan./Jun. 2001.

KELLER, Kevin Lane; MACHADO, Marcos. **Gestão estratégica de marcas**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: ECUSC, 2001.

KOTLER, Philip. **Administração de Marketing:** a edição do novo milênio. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

_____; KELLER, Kevin Lane. **Administração de Marketing**. 12ª ed. São Paulo, Pearson Prentice Hall, 2006.

_____; FOX, Karen F. A. **Marketing Estratégico para Instituições Educacionais**. São Paulo: Editora Atlas S. A.,1994.

_____. ARMSTRONG, Gary. **Princípios de Marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.

KRÜGER, Edelbert. **O resgate histórico da função social da educação profissional brasileira, à luz do decreto 2.208/97: um estudo do perfil socioeconômico do aluno do CEFET-RS**. 2007. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFPel, Pelotas.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

LESCHKO, Nadia Miranda. **Inventário da Indústria Gráfica em Pelotas-RS 1920**. 2011. 137 f. Dissertação (Mestrado Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

LIMEIRA, Aline de Morais. **Práticas Educativas e publicidade: a iniciativa privada no Almanak Laemmert (1844-1859)**. Goiânia: Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação, 2006. p.3-8.

LOMBARDI, José Claudinei; JACOMELI, Maria Regina M.; SILVA, Tânia Mara T. da. (orgs.). **O Público e o Privado na História da Educação Brasileira – concepções e práticas educativas**. Campinas: Autores Associados**;** HISTEDBR; Unisal, 2005.

_____; SAVIANI, Demerval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura Nascimento (orgs.). **A Escola Pública no Brasil – História e Historiografia**. Campinas: Autores Associados**;** HISTEDBR, 2005.

_____; SANFELICE, J. L., SAVIANI, D. (orgs.). **Capitalismo, Trabalho e Educação**. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR. 2002.

_____; SANFELICE, J. L. (orgs.). **Liberalismo e educação em debate**. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR. 2007.

LONER, Ana Beatriz. **Construção de Classe – Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária UFPel, 2001.

_____. **Pelotas se diverte: Clubes Recreativos e Culturais do século XIX**. História em Revista, Pelotas, n.8, 2002.

_____. **Jornais Pelotenses diários na República Velha**. Ecos Revista. Pelotas, v.2, nº1, p. 5-34, abril, 1998.

LONGO, Rose Mary Juliano. **Gestão da Qualidade: evolução histórica, conceitos básicos e aplicação na Educação**. Seminário Gestão da Qualidade na Educação: em busca da excelência"1996.

LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Linguagens – Texto, Imagem, oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

LOPES, Eliane Marta Teixeira.; GALVÃO, Ana Maria. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____.; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greice. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos e lendas do sul**. Porto Alegre: Globo, 1948.

LOURO, Guacira. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero**. Porto Alegre: Teoria e Educação,1992.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky. Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

LUCENA, Maria de Lurdes Almeida e Silva; Lucena, Carlos. **O Classificado de Jornal como Fonte de Pesquisa: Contribuição Teórico-Metodológica da Lingüística à História da Educação**. Revista HISTEDBR ON-LINE, n.15, setembro de 2004. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/rev.html> Acesso em: 19 set. 2005.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Uma Reflexão sobre o surgimento das Instituições Escolares no Brasil no Século XIX**. Revista HISTEDBR ON-LINE, n.15, setembro de 2004.

MACIEL, Patrícia Daniela. **O ensino feminino privado em Pelotas/RS, através dos anúncios dos jornais (1975-1890)**. 2007. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFPel, Pelotas.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Contribuindo para a História das Instituições Educativas – entre a Memória e o Arquivo**. Braga: Universidade do Minho, 1996.

_____. **História das Instituições Escolares e das Práticas Educativas**. Braga: Universidade do Minho, 2000.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Histórias e Tradições de Pelotas**. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1999.

_____. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul – Um estudo sobre a História de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPel, 1993.

_____. **Os Passeios – Cidade Antiga – Guia Histórico das ruas de Pelotas**. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Ática, 2. ed., 1989

MARTINEZ, Alessandra. **Educar e instruir: a instrução popular na Corte imperial**. Dissertação de Mestrado em História, Niterói: UFF, 1997.

MARTINS, Jorge S. **Redação Publicitária – Teoria e Prática**. São Paulo: Atlas S. A.,1997.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. 7ª ed. Livro Primeiro, Vol I. São Paulo: Difel, 1982.

_____. **Capítulo VI inédito de O Capital: resultados do processo de produção imediata**. São Paulo: Editora Moraes, 2004.

MATTELART, Armand. **Comunicação Mundo – História das Idéias e das Estratégias**. Rio de Janeiro: Vozes,1999.

_____; MATTELART Michele. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola,1999.

MEGGS, Philip B. **História do Design Gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MELO, Chico Homem de; RAMOS, Elaine (Orgs.). **Linha do Tempo do Design Gráfico no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MINADEO, Roberto. **Gestão de Marketing – Fundamentos e Aplicações**. São Paulo: Atlas, 2008.

MINTO, Lalo Watanabe. **As reformas do Ensino Superior no Brasil – o público e o privado em questão.** Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. **O público e o privado nas reformas do ensino superior brasileiro: do Golpe de 64 aos anos 90**. 2005. 313 f. Tese (Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação).

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**. Rio de Janeiro: Forence, 1999.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**.Disponível em:http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos.pdf. Acesso em: 5 Jun. 2006.

MYNAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento – Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, 1992.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Heloisa Assumpção. **Nossa cidade era assim**. Pelotas: Livraria Mundial, 1989.

NASCIMENTO, Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs). **Instituições Escolares no Brasil – conceito e reconstrução histórica.** Campinas, Sorocaba, Ponta Grossa: Autores Associados; HISTEDBR; UNISO; UEPG, 2007.

NEVES, Helena de Araujo. **A "Alma do Negócio": Aspectos da educação em Pelotas-RS na Propaganda Institucional (1875-1910)**. 2007. 260 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFPel, Pelotas.

_____; AMARAL, Giana Lange do; TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro Tambara. **Professores a alma do negócio? As Propagandas Impressas dando visibilidade à atuação docente em Pelotas-RS**. Revista História, Imagem e Narrativas, n.13, p.1-22, out., 2011.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley; OLIVEIRA, Marcos Marques de. **O que querem os empresários educacionais do Governo Lula**. Universidade e Sociedade (Brasília), Brasília-DF, v. 32, p. 43-51, 2004.

NEVES, Margarida de S. **O bordado de um tempo**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n.81, p.32-42, abr./jun., 1985.

NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta M. C. **Historiografia da Educação e Fontes**. Cadernos Anped, n.5, setembro de 1993.

OLIVEIRA, Marcos Marques. **Os empresários da educação e o sindicalismo patronal**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de; AMARAL, Giana Lange do. **O culto aos patronos: as fotografias de inaugurações de retratos em um Grupo Escolar**. História, Imagens e Narrativas, nº 9, p.1-12, Out., 2009.

ORLANDI, Eni L. P. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Discurso e Leitura**. Campinas: Pontes,1988.

OSÓRIO, Fernando. **A Cidade de Pelotas.** Pelotas: Armazém Literário LTDA., 1998.

PACHECO, Raquel Menezes. **Annuncios: projeções do cotidiano educacional em Minas Gerais 1825-1842**. Disponível em:<www.anped.org.br/33encontro/> Acesso em: 25 out. 2010.

PAIXÃO, Cassiane de Freitas. **A flexibilidade do sistema de educação superior e a lógica da sociedade globalizada: um estudo sobre as instituições de ensino superior de Pelotas/RS**. 2010. 286 f. Tese (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Educação das Massas: uma "sombra" no século das luzes. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo (orgs.). **Brasil 500 Anos: Tópicas em História da Educação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

PERES, Eliane Teresinha. **História e Educação: as relações de gênero em Pelotas no final do século XIX e início do século XX**. História da Educação. ASPHE. Pelotas: Editora da UFPel, n.3, p.5-33, Abr.1998.

_____. **Relações de gênero, classe social e grupo étnico nos cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915)**. História da Educação. ASPHE. Pelotas: Editora da UFPel, n.1, p.20-66, Abr.1997.

_____. **Templo de Luz: os Cursos Noturnos masculinos de Instrução Primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915)**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação, UFRGS, agosto de 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A economia & o poder nos anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto,1982.

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

_____. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

_____; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. (orgs.). **Narrativas, Imagens e Práticas Sociais – Percursos em História Cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais de Pelotas**. Porto Alegre: Gundiach, 1940.

PINHEIRO, Antonio Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas: Autores Associados, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

PINHEIRO, Duda; GULLO, José. **Comunicação Integrada de Marketing: gestão dos elementos de comunicação: suporte às estratégias de marketing e de negócios da empresa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PINHO, J. B. **Comunicação em marketing: Princípios da comunicação mercadológica.** Campinas, SP: Papirus, 2004.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

PORTO JÚNIOR, Manuel José. **A exclusão escolar nos cursos técnicos do CEFET-RS (1890-2006)**. 2008. 248f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFPel, Pelotas.

PREDEBON, José (coord.). **Curso de propaganda: do anúncio à comunicação integrada.** São Paulo: Atlas, 2004.

PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX.** Tese de doutorado. Porto Alegre: PUC, 2005.

RAGAZZINI, Dario. **Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação**. Curitiba: Editora UFPR, 2001. p. 13-28.

REVERBEL, Carlos. **Um Capitão da Guarda Nacional – vida e obra de J.**

Simões Lopes Neto. Caxias do Sul: Martins Livreiro, 1981.

REZENDE, Maiquel Gonçalves de. **Silêncio e esquecimento: Henrique Carlos de Morais e construção de um agente de preservação e patrimônio em Pelotas (1933-1986)**. 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

RHADMANN, Tiago Buchert. **Marketing de Marcas: um estudo de caso da revitalização da marca Colégio Gonzaga**. 2007. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Marketing) Faculdade de Tecnologia Senac, Pelotas.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação Brasileira – A organização Escolar**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978a.

_____. **Introdução à História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978b.

RIZZINI, Carlos. **O livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil 1500-1822**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S. A. IMESP, 1988.

RODRIGUES, José. **Os empresários da educação superior - Polêmicas do nosso tempo**. São Paulo: Campinas, Autores Associados, 2007.

_____. **Frações burguesas em disputa e a educação superior no governo Lula**. Revista Brasileira de Educação, v.12, nº. 34 jan./abr. 2007.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

SALERNO, Laura Peretto; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Discursos sobre o feminino em páginas da Revista "Querida" (1958-1968): Aproximações**. Educar em Revista (Impresso), v. 40, p. 127-139, 2011.

SAMARA, Timothy. **Grid: construção e desconstrução.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SAMPAIO, Rafael. **Propaganda de A a Z**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SANDMANN, Antônio. **A Linguagem da Propaganda**. São Paulo: Contexto, 2000.

SANFALICE, José Luiz. **História de Instituições Escolares: Apontamentos Preliminares**. Revista HISTEDBR ON-LINE, n.8, outubro de 2002. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/rev.html> Acesso em: 19 set. 2005.

_____; SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei. **Capitalismo, Trabalho e Educação**. São Paulo: Autores Associados, 2002.

SANTOS, Rita de Cássia Grecco; FERRARI, Letícia Schneider. **Educando meninas, moldando mulheres: impactos da cultura escolar produzida nos primeiros anos do Colégio São José de Pelotas, 1910-1920**. XI Enpos – Encontro de Pós-Graduação da UFPel. 2009. Anais do XI Enpos, Pelotas: UFPel, 4p.

SAVIANI, Demerval. Breves considerações sobre fontes para a História da Educação. In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). **Fontes, História e Historiografia da Educação**. São Paulo: HISTEDBR; PUCPR; UNICS; EUPG, 2004.

_____. **Ensino Público e algumas falas sobre Universidade**. 5ª ed, São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

_____. História da Escola Pública no Brasil. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura Nascimento (orgs.). **A Escola Pública no Brasil – História e Historiografia**. Campinas: Autores Associados**;** HISTEDBR, 2005.

_____. Instituições Escolares no Brasil conceito e reconstrução histórica. In: NASCIMENTO, Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs). **Instituições Escolares no Brasil – conceito e reconstrução histórica.** Campinas, Sorocaba, Ponta Grossa: Autores Associados; HISTEDBR; UNISO; UEPG, 2007.

_____. O Legado Educacional do “Breve século XIX” Brasileiro. In: SAVIANI, Demerval; ALMEIDA, Jane Soares de Almeida; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN; Vera Teresa. **O Legado Educacional do Século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

_____; LOMBARDI, José Claudinei.; SANFELICE, José Luís (orgs.). **História e História da Educação – O Debate Teórico-Metodológico atual**. Campinas: HISTEDBR, 1998.

SCHEIN, Edgar. **Aprendizagem e inovação organizacional**. São Paulo: Atlas, 1995.

SCHNEIDER, Regina Portella. **A Instrução Pública no Rio Grande do Sul 1770-1889**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O público e o privado como categoria de análise em Educação. in: LOMBARDI, José Claudinei; JACOMELI, Maria Regina M.; SILVA, Tânia Mara T. da. (orgs.). **O Público e o Privado na História da Educação Brasileira – concepções e práticas educativas.** Campinas: Autores Associados**;** HISTEDBR; Unisal, 2005.

SIGHIERI, Carlos. **A importância dos mascotes de empresas e produtos.** 2009. Disponível em: http://www.carlossighieri.com.br/design-de-personagens/a-importancia-dos-mascotes-de-empresas-e-produtos. Acessado em 28/11/10.

SILVA, Ana Paula Nogueira; CASALINHO, Gilmar D´Agostini Oliveira; CASSANEGO JUNIOR, Paulo Vanderlei. **Gestão Estratégica em instituições de ensino: um estudo do caso do Colégio São José de Pelotas/RS**. Revista Gestão Industrial, Ponta Grossa, Paraná, v.05, nº.02, p.12-43, 2009.

SILVA, Maria Vieira da; SOUZA, Silvana Aparecida de. **Educação e responsabilidade empresarial: "novas" modalidades de atuação da esfera privada na oferta educacional**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, São Paulo, v.30, nº.108, p.779-798, out. 2009.

SILVA, Neuza Regina Janke. **Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário? (o Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970)**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, curso de Pós-Graduação em História do Brasil, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

SIMÕES, Roberto. **A propaganda no Brasil – evolução histórica**. São Paulo: ESPM, 2006.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. **Modernidade Urbana e dominação da Natureza: o Saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX**.

História em Revista, Pelotas, n.7, 2001. Disponível em: <http://ich.ufpel.edu.br/ndh/revista.htm> Acesso em: 9 set. 2005.

SOCHODOLAK, Hélio; CAMPIGOTO, José Adilçon. (orgs.) **Estudos em História Cultural na Região Sul do Paraná**. Guarapuava: UNICENTRO, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Civilização Brasileira,1966.

SOUSA, Mariana Pecoraro de.; GATTI JÚNIOR, Décio. **História da Educação e Instituições Escolares: Aspectos Teórico-Metodológicos**. Revista HISTEDBR ON-LINE, n.15, setembro de 2004. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/rev.html> Acesso em: 19 set. 2005.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Decorar, lembrar e repetir: o significado de práticas escolares na escola brasileira do final do século XIX. In: SOUSA, Cynthia Pereira de (org.). **História da Educação – Processos, Práticas e Saberes**. São Paulo: Escrituras, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.). **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da escola primária. In: SAVIANI, D.; ALMEIDA, J. S.; SOUZA, R. F. de; VALDEMARIN, V. T. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006, p. 109-151.

_____. **Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil**. Cadernos Cedes, Ano XX, nº 51, p.8-28, Nov., 2000.

TACHIZAWA, Takeshy; ANDRADE; Rui Otávio Bernardes de. **Gestão de instituições de ensino**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

TAVARES, Clotilde. **A Botija – Xilogravuras de Fabrício Lopes e Flávio Castellan**. São Paulo: Editora 34, 2006.

TAMBARA, Elomar Calegaro. **A Educação Feminina no Brasil ao final do século XIX**. História da Educação. ASPHE. Pelotas: Editora da UFPel, n.1, p.66-

,89, Abr.1997.

_____. **Introdução à História da Educação no Rio Grande do Sul**. Pelotas: Seiva, 2000.

_____. **Positivismo e Educação: a educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo**. Pelotas: Ed. Universitária da UFPel, 1995.

_____. **Problemas Teórico-Metodológicos da História da Educação**. Campinas: HISTEDBR, 2000. p. 79-87.

_____. **Profissionalização, escola normal, e feminilização: Magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX**. História da Educação. ASPHE. Pelotas: Editora da UFPel, n.3, p.35-57, Abr.1998.

_____ **Estado, Igreja e Educação: Urbi et Orbe**. GT História da Educação, ANPED, 2004 – http://www.anped_2004.htm. Acessado em 10 de Agosto de 2011.

_____; ARRIADA, Eduardo. **Coletânea de Leis sobre o ensino primário e secundário no Período Imperial Brasileiro**. Pelotas: Seiva, 2005.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

UEDA, Vanda. **Inovação tecnológica e espaço urbano: a implantação da CTMR em Pelotas/RS**. 1999. 154f. Dissertação de mestrado, UFSC Florianópolis.

VAGO, Tarcísio Mauro; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson. **Histórias de práticas educativas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

VANTI, Elisa dos Santos. **Cultura e primeiríssima infância em Pelotas (1906-1936): Discursos e Imagens da Educação Infantil Doméstica**. 2003. 341f. Tese (Doutorado em História da Educação) – Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre.

VAZ, Gil Nuno. **Marketing Institucional: o mercado de idéias e imagens**. São Paulo: Thomson, 2003.

VECHIA, Ariclê. O ensino secundário no século XIX: instruindo as elites. In: BASTOS, Maria Helena Câmara (org). **História e Memória da Educação no Brasil**. vol.1, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
VESTERGAARD, Torben. **A Linguagem da Propaganda**. São Paulo: Martins Fontes,2004.

VICENTE, Magda de Abreu. **O Patronato Agrícola Visconde da Graça em Pelotas/RS (1923-1934): gênese e práticas educativas.** 2010. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFPel, Pelotas.

VIEIRA, Sidney Gonçalves; PEREIRA, Óthon Ferreira; TONI, Jackson Silvano de. **A Evolução Urbana de Pelotas: Um Estudo Metodológico**. História em Revista da Universidade Federal de Pelotas, v.2, p.21-33, set.1994.

VILAS BÔAS, Rafael. **The Campus Experience: Marketing para instituições de ensino**. São Paulo: Summus/Hoper Editora, 2008.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1995a.

_____. **Historia de la educación e historia cultural. Posibilidades, problemas, cuestiones**. Revista Brasileira de Educação nº0, Set/Out/Nov/Dez, p.63-82, 1995b.

VOVELLE, Michel. A história e a longa duração. In: GOFF, Jacques Le. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar**. 2007. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFPel, Pelotas.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **A cidade como fator de diferenciação da rede escolar: do período imperial à primeira república**. História da Educação. ASPHE. Pelotas: Editora da UFPel, n.1, p.91-97, Abr.1997.

_____. **História das Instituições Escolares: de que se fala?** In: I Jornada da HISTEDBR- Região Sul: História, Sociedade e Educação no Brasil, 2002, Ponta Grossa. p.1-16.

_____. **Instrução Pública e configuração do Mundo Urbano**. História da Educação. ASPHE. Pelotas: Editora da UFPel, n.18, p.83-95, Set.2005.

_____. **O Sistema Político Administrativo da Educação – Análise das relações de poder entre as instâncias Federal, Estadual e Municipal no Período Republicano**. 1993. 451f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da PUCRS, Porto Alegre.

XAVIER, Libânia Nacif; CARVALHO, Marta Maria Chagas; MENDONÇA, Ana Walesca; CUNHA, Jorge Luiz da (Orgs.). **Escola, Culturas e Saberes**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ZANONE, Valério. **Laicismo**. In: BOBBIO, Norberto (Org.). Dicionário de política. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

ZENONE, Luiz Cláudio e BUAIRIDE, Ana Maria Ramos. **Marketing da promoção e merchandising: conceitos e estratégias para ações bem-sucedidas.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

Relatórios e Estatísticas

Relatório da Intendência apresentado ao Conselho Municipal, em 2 de Setembro de 1904, pelo Intendente Engenheiro José Barbosa Gonçalves.

Relatório apresentado ao Conselho Municipal em 20/9/1906, pelo Intendente Engenheiro Cypriano Corrêa Barcellos.

Relatório apresentado ao Conselho Municipal, em 20 de Setembro de 1909, pelo Intendente Engenheiro José Barbosa Gonçalves.

Relatório apresentado ao Conselho Municipal, em 20 De Setembro de 1912, pelo Intendente Cypriano Corrêa Barcellos.

Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Rio Grande do Sul pelo Secretário de Estado Interino dos Negócios do Interior e Exterior, em 1849.

Relatório com que o Sr. Francisco I. Marcondes Homem de Mello passou a administração d´esta provincia ao excelentíssimo Sr. Dr. Joaquim Vieira da Cunha, 1º Vice-Presidente. Typografia do Jornal do Comércio, 13/4/1868 – Porto Alegre.

Relatório da entrega da Administração da Província de S. Pedro do RS ao Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão – 1881.

Relatório da entrega da Administração da Província do RS de Francisco de Carvalho Soares Brandão ao Dr. Joaquim Soares – 1882.

Relatório apresentado pelo desembargador Henrique Pereira de Lucena ao Sr. Manoel Deodoro da Fonseca – 1887.

Relatório apresentado ao Sr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul Pelo Dr. João Abbott, Secretário de Estado Interino dos Negócios do Interior e Exterior, Em 30/6/1899.

Relatório apresentado ao Presidente do Rio Grande do Sul em 15 de Setembro de 1893, pelo Secretário de Estado Interino dos Negócios do Interior e Exterior, Possidonio M. Da Cunha Junior.

Relatório apresentado ao Presidente do Rio Grande do Sul Dr. Julio Prates de Castilhos, pelo Secretário de Estado Interino dos Negócios do Interior e Exterior, em 31/8/1894, Dr. Possidonio M. da Cunha Junior.

Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, pelo Secretário de Estado Interino dos Negócios do Interior e Exterior, em 20/8/1900.

Relatório apresentado ao Sr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, pelo Dr. João Abbot, Secretário do Estado dos Negócios do Interior e Exterior, 15/8/1901.

Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, pelo Secretário de Estado Interino dos Negócios do Interior e Exterior, em 21/8/1902.

Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, pelo Secretário de Estado Interino dos Negócios do Interior e Exterior, em 20/8/1903.

Relatório apresentado ao Conselho Municipal em 20 de Setembro 1910 pelo Intendente Engenheiro José Barboza Gonçalves. Pelotas, Oficina Diário Popular, 1910.

Entrevistas

KEER, Michael. **Entrevista com Agência Mais Propaganda**. In: RHADMANN, Tiago Buchert. **Marketing de Marcas: um estudo de caso da revitalização da marca Colégio Gonzaga**. 2007. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Marketing) Faculdade de Tecnologia Senac, Pelotas.

SOUTO, Henrique Fuhro. Entrevista diretor Administrativo Colégio Gonzaga. In:

RHADMANN, Tiago Buchert. **Marketing de Marcas: um estudo de caso da revitalização da marca Colégio Gonzaga**. 2007. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Marketing) Faculdade de Tecnologia Senac, Pelotas.

VALÉRIO, Carlos. **Entrevista Carlos Valério por Rubens Filho, 2008**. Disponível em: <http://www.amigosdepelotas.com/2008/08/entrevista-carlos-valerio.html>. Acesso em: 09/09/2011.